

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

RUA DE JULIO DE ANDRADE, 6—LISBOA

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO IX — FASCÍCULO 1



JORGE FERNANDES, Lda — RUA DA CRUZ DOS POAIS, 163

1948

Sumário:

Artigos	Págs.
RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA, <i>Contribuição para o Estudo das Onomatopéias</i>	1-53
HARRI MEIER, <i>Sobre expressões de possessividade e sua história</i>	55-77
JOSÉ INÉS LOURO, <i>Notas Etimológicas (apertar, perto, preto; perceber; acalentar; Lucifer, Lusbel; latim)</i>	79-97

Aos Ex.^{mos} Colaboradores

Por representar grande vantagem para a publicação do *Boletim de Filologia*, pede-se o favor de mandarem os originais escritos de maneira muito legível ou, sendo possível, dactilografados.

A redacção não se obriga a enviar provas tipográficas desde que os autores dos artigos não residam em Portugal — ou quando a organização do fascículo assim o exija.

Agradece-se que os originais venham em redacção definitiva para que as provas não apresentem emendas da exclusiva responsabilidade dos autores, que só servem para complicar, encarecer e demorar a publicação do *Boletim*.

Assinatura (4 fasc.)

Portugal e Espanha	60\$00
Colónias e Estrangeiro	70\$00
Fascículo avulso	15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

RUA DE JÚLIO DE ANDRADE, 6—LISBOA (PORTUGAL)

PEDIDOS À LIVRARIA BERNARDO

RUA DA CRUZ DOS POAIS, 94-A

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13 — LISBOA

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO IX



JORGE FERNANDES, L.^{DA} — RUA DA CRUZ DOS POIAIS, 103

1948

Índice do Tomo IX

Artigos

CINTRA (LUIZ FILIPE LINDLEY), <i>Sobre o «Sumário de Crónicas até ao ano de 1368» da Real Biblioteca de Madrid</i>	299-320
✕ DELMIRA MAÇÃS, <i>As Relações entre o Corpo e o Carácter na linguagem popular portuguesa</i>	229-250
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Notas Etimológicas (apertar, perto; perceção; acalentar; Lucifer, Lusbel; latim)</i>	79-97
— <i>Estudo lexicológico do port. mourgem e do fr. mouron</i>	151-173
MALMBERG (BERTIL), <i>La structure syllabique de l'espagnol — Étude de phonétique</i>	99-120
MEIER (HARRI), <i>Sobre expressões de possessividade e sua história</i>	55-77
— <i>Meu pai — o meu pai</i>	175-190
MÉRIAS DE FREITAS (MARIA CONSTANÇA), <i>Palavras e Expressões sobre Vestuário no Cancioneiro de Garcia de Resende (concl.)</i>	121-149
ROHNER (KURT), <i>Um capítulo de fonética dialectal: a inicial em</i>	
✕ <i>Cachopo (Algarve)</i>	251-277
SÁ NOGUEIRA (RODRIGO DE), <i>Contribuição para o Estudo das Onomatopeias</i>	1-53
— <i>Crítica Etimológica (IV)</i>	197-228 e 321-339

Miscelânea

CHORÃO DE CARVALHO (JOSÉ GONÇALO), <i>Buciro, bueira</i>	340-342
— <i>Aroeira, daroeira, duro</i>	343-348
DELMIRA MAÇÃS, <i>A Gíria dos Estudantes de Coimbra</i>	356-368
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Agrão; cânfora; tala</i>	293-298
— <i>Dāntu ābrūn > dēnteburūn</i>	369-374
✕ MEIER (HARRI), <i>Port. morrer; Dezassete, diecisiete, dix-sept</i>	285-297
RAMALHO (AMÉRICO DA COSTA), <i>Um manuscrito desconhecido de «O Livro da Virtuosa Beneficência»</i>	278-284
WAGNER (MAX L.), <i>A propósito do judeo-espanhol ermoyno</i>	349-351
— <i>Sarpallido, etc.</i>	351-355

Recensões Críticas

AEBISCHER (PAUL), <i>Contribution à la protohistoire des articles ille et ipse dans les langues romanes</i> (H. Meier)	391-392
ALONSO (AMADO), <i>Examen de las noticias de Nebrija sobre anti-gua pronunciación española</i> (Harri Meier)	389

BLOCH (OSCAR) et WARTRURG (W. VON), <i>Dictionnaire Etymologique de la Langue Française</i> (Luís F. L. Cintra)	875-877
CASADO LOBATO (MARIA CONCEPCIÓN), <i>El habla de la Cabrera Alta</i> (J. G. Ghorão de Carvalho)	877-879
CHAVES DE MELO (GLADSTONE), <i>A Língua do Brasil</i> (Harri Meier)	192-194
ERMATINGER (EMIL), <i>Deutsche Dichter 1700-1900</i> (W. Kayser)	385-386
ESPINOSA (AURELIO M.), <i>Cuentos populares españoles</i> (H. Meier)	397-399
FIGANIER (JOAQUIM), <i>Fr. João de Sousa — Mestre e intérprete da Língua Árábica</i> (Hernâni Cidade)	400-401
HØYBYE (POUL), <i>L'accord en français contemporain</i> (H. Meier)	393-395
JOHANSEN (SVEND), <i>Le Symbolisme</i> (W. Kayser)	386-387
LOMBARD (ALF), <i>Les expressions Roumaines employées pour traduire l'idée de faire + infinitif</i> (H. Meier)	392-393
MENDONÇA (RENATO), <i>A Influência Africana no Português do Brasil</i> (H. Meier)	192-194
MORAIS SILVA (ANTÔNIO DE), <i>Grande Dicionário da Língua Portuguesa</i> (H. Meier)	396-397
NILSSON-EHLE (HANS), <i>Les propositions complétives juxtaposées en italien moderne</i> (H. Meier)	195-196
— <i>Observations sur la soudure syntaxique du groupe 'faire + infinitif'</i>	392-393
— <i>Il leva la tête — il appuya sa tête contre le mur</i> (H. Meier)	395-396
NORBERG (DAG), <i>Faire faire quelque chose à quelqu'un</i>	392-393
POP (SEVER), <i>Grammaire Roumaine</i> (G. Manuppella)	380-383
RICE (CARLTON COSMO), <i>Romance Etymologies and other Studies</i> (J. I. Louro)	383-385
SANDFELD, KR. (IN MEMORIAM) (Harri Meier)	387-388
SCHMID (HEINRICH), <i>Zur Formenbildung von dare und stare im Romanischen</i> (H. Meier)	389-391
THOMPSON (STITH), <i>The Folktale</i> (H. Meier)	397-399

Boletim de Filologia

publicado pelo

Centro de Estudos Filológicos

Tomo IX

1948

Fascículo 1

Contribuição para o Estudo das Onomatopeias

CAPÍTULO I

As Onomatopeias e a Fonética

1 — Nota prévia. — Em 1936 publiquei no *Boletim de Filologia* (do Centro de Estudos Filológicos), IV, 221-284, um trabalho intitulado *Subsídios para o estudo das onomatopeias em português*, que depois incluí sem alteração nos meus *Elementos para um tratado de Fonética Portuguesa*, ps. 198-239, em 1938.

Se na ocasião em que redigi aquele trabalho, estava convencido da alta importância que tem para a Filologia o estudo sistemático e profundo do fenómeno onomatopaico, posteriormente essa convicção radicou-se mais, graças a muitos elementos novos, que o tempo e o estudo me trouxeram, o que justifica o retomar agora o assunto.

No referido trabalho tomei por fulcro as onomatopeias em português, embora, sempre que me foi possível, tivesse apontado equivalências em outras línguas europeias. Agora pretendo ir um pouco mais longe, o que explica que o título do presente artigo não seja idêntico ao do primeiro.

Repito aqui uma declaração que fiz no § 1 desse primeiro artigo: «Não é intuito meu fazer um estudo exaustivo das onoma-

topeias... : o que pretendo é apenas dar a minha contribuição para o melhor estudo da matéria.

«Se quisesse cumprir desenvolvidamente o programa, que tenho na mente, longe iria parar. Essa pretensão não a tenho; deixo-a aos outros, aos que tiverem maiores cabedais e melhores condições para a realização da empresa; aqui limito-me a registar o que me foi possível recolher, bem ou mal, e oferecê-lo à meditação dos estudiosos, para que façam aquilo que é necessário que se faça, e eu não pude fazer». (*Elementos*, § 219).

O que se vai ler neste novo estudo sobre as onomatopeias não é tão arrojado como à primeira vista pode parecer, visto que em nada faço afirmações categóricas: limito-me a chamar a atenção dos entendidos para uma série de coincidências, que fazem pensar. O leitor que tire dessas coincidências as ilações que julgar mais convenientes. As minhas aí ficam claramente expressas, ou em forma de suspeita.

2 — Conceito de Onomatopeia. — No § 224 dos *Elementos*, (§ 6 do *Boletim*, IV, p. 225), escrevi: «Que são onomatopeias? Em vez de responder a esta pergunta com uma definição minha, vou ceder a palavra a um dos mais lúcidos filólogos dos últimos tempos, Kr. Nyrop, *Grammaire Historique de la Langue Française*, III, § 13:

«Les onomatopées sont des mots imitatifs, c'est-à-dire des mots qui prétendent imiter par les phonèmes dont ils se composent certains bruits tels que le cri ou le chant des animaux, le son des instruments de musique, le vacarme des machines, le bruit qui accompagne les phénomènes de la nature, etc. L'onomatopée est toujours une *approximation*, jamais une reproduction exacte, et il n'en peut pas être autrement. Les phonèmes de la voix humaine diffèrent dans leur timbre et autres qualités des bruits de la nature qu'ils veulent imiter». (Cf. Grammont, *Traité de l'phonétique*, ps. 377-378).

Este conceito de Nyrop é, que eu saiba, de uma maneira geral, o de quantos se têm ocupado do estudo das *onomatopeias*. Quere dizer: são quase todos unânimes em considerar que as onomatopeias «são palavras imitativas de sons da natureza». Eu próprio segui esse critério no meu supra-citado trabalho.

Será esse critério justo e definitivo? Não poderemos classificar de *onomatopeias* certas palavras designativas de coisas e de acções produtoras de sons, ou de aspectos, digamos assim, comparáveis aos sons?

Visto que os fonemas são *sons*, o que é natural é que eles se utilizem na estrutura fonética das palavras como tradutores de *sons*, isto é, de fenómenos perceptíveis pelo *ouvido*, e não de particularidades perceptíveis pela *vista*, pelo *tacto*, etc. Contudo, não é impossível ao espírito humano, por um processo *metafórico*, digamos assim, estabelecer paralelos, conexões, comparações, etc.

Como veremos no § 13, as onomatopeias, por ex., de *sons bruscos repetidos rapidamente*, traduzem-se geralmente pelas *vibrantes*, como, por ex., o *trrrrrimmm* da campainha, o *trre...te, te, te* da metralhadora, etc.

Ora bem. Não será caso para perguntar: não terá uma razão, e essa razão não será de natureza *onomatopaica*, imitativa, a *coincidência* (?) de terem na sua estrutura fonética uma *vibrante* simples ou múltipla, isolada ou em grupo, vários verbos gregos, latinos e de outras linguas, que designam acções produtoras de *sons bruscos repetidos rapidamente*, e vários substantivos, que designam animais ou coisas também produtores de *sons bruscos repetidos rapidamente*?

Comparemos os seguintes vocábulos, em cujas origens normalmente se não vê uma génese onomatopaica, e, contudo, como procurarei justificar nos respectivos parágrafos, não é impossível que tenham sido na origem puras onomatopeias: — *avar*, *arranhar*, *arrastar*, *arrotar*, *áspero*, *barafustar*, *berrar*, *borbulhar*, *britar*, *brocar*, *brotar*, *carro*, *correr*, *craque*, *crespo*, *crosta*, *escarrar*, *escarrar*, *escorregar*, *esgravatar*, *ferver*, *fremir*, *frangere* (lat.), *frigir*, *fritar*, *fricare* (lat.), *froter* (fr.), *grade*, *greta*, *grou*, *grei*, *grilo*, *gritar*, *grulha*, *grumo*, *grupo*, *grater* (fr.), *jorrar*, *ranger*, *rachar*, *ralar*, *rapar*, *raspar*, *rasgar*, *roçar*, *roer*, *rolar*, *romper*, *ronger* (fr.), *ruido*, *serrar*, *tremar*, *tiritar*, etc., etc.

Os fonemas não se têm utilizado só na tradução de *fenómenos sonoros da natureza*. — Este enunciado significa que devemos estender o conceito das onomatopeias a todas as palavras, cuja génese se baseia no desejo consciente ou inconsciente de interpretar foneticamente, não só os fenómenos que os nossos ouvidos apreendem, mas também os que apreendem a nossa vista, o nosso tacto, e, por ventura, o nosso olfato e o nosso paladar.

Este conceito, a que fui levado, independentemente de qualquer sugestão estranha, pela observação de inúmeras palavras não apontadas como de origem onomatopaica, como ficou dito no princípio deste parágrafo, afinal não me pertence: outros autores o tiveram, antes de mim, como me mostraram as minhas leituras posteriores.

O que provavelmente me pertence (se é que outros antes de mim o não fizeram, e eu o ignoro) é a forma clara, concreta e desenvolvida que dou à exposição da matéria.

Whitney, *La vie du Langage*, p. 243, diz: «Le domaine de l'imitation n'est pas restreint aux sons qui se produisent dans la nature, quoique ceux-ci soient les plus commodes sujets de reproduction. On peut en juger par une revue des mots imitatifs dans toutes les langues connues. Il y a des moyens de combiner les sons qui apportent à l'esprit l'idée du mouvement rapide, lent, brusque, etc., par l'oreille, aussi bien qu'elle pourrait lui être apportée par la vue, et nous nous rendons très-bien compte qu'à l'époque où l'homme cherchait de ce côté des suggestions de mots, il devait se fixer beaucoup plus sur les analogies auxquelles il voulait donner corps que nous ne faisons aujourd'hui où nous avons surabondance d'expression pour rendre toutes les idées».

Nas minhas meditações sobre o fenómeno onomatopaico, havia eu chegado à mesma conclusão antes de fixar a atenção nas linhas transcritas de Whitney. Nos §§ seguintes encontrará o leitor fartos dados para julgar da aceitabilidade ou não aceitabilidade do critério de Whitney e meu.

Note-se que etimologicamente o termo *onomatopeia* não significa só as *palavras imitativas de sons*: do gr. ὀνοματοποιία, criação de palavras, e depois criação de palavras por onomatopeia (Bailly, *Dict.*), < ὀνοματοποιός, que cria palavras, particularmente por onomatopeia, < ὄνομα, ἀπό: nome + ποιέω, fazer, fabricar.

Daqui se vê que etimologicamente o termo *onomatopeia* não se refere só às *palavras imitativas de sons*, e, embora assim fosse, nada nos impediria de lhe estender o significado desde que isso se tornasse necessário.

3 — **Classificação das onomatopeias.** — «As onomatopeias podem ser classificadas de várias maneiras. Aqui vou limitar-me a apontar apenas duas, que mais particularmente podem interessar o meu objectivo». (*Elementos*, § 225).

a) — **CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA.** — «Geneticamente as onomatopeias podem ser classificadas de uma maneira geral em dois grupos: *onomatopeias puramente fonéticas*, e *onomatopeias fonético-ideológicas*.

«Que quer isto dizer?

«Chamo *onomatopeias puramente fonéticas* àquelas cuja forma-

ção se baseia apenas na imitação, tanto quanto possível exacta foneticamente, dos sons, que representam; chamo *onomatopeias fonético-ideológicas* àquelas, que procuram, sim, imitar os sons, que representam, não por fonemas, que mais ou menos perfeitamente se lhes assemelham, mas por vocábulos ou expressões frásicas de pronúncia mais ou menos semelhantes.

*São exemplos de *onomatopeias puramente fonéticas*: *trrrrrrim* (Cf. §§ 321, 349 e 350), e *tic, tac* (Cf. §§ 317 e 347-349); são exemplos de *onomatopeias fonético-ideológicas*: *pouca terra, pouca terra* (Cf. § 287), e *estou fraca, estou fraca* (Cf. § 273). (*Elementos*, § 226).

Ao escrever isto, tinha na mente apenas a existência de *onomatopeias de sons*. Admitindo a existência de *onomatopeias imitativas* de outras qualidades das coisas, além da *sonoridade*, conforme o exposto no § anterior, naturalmente temos de modificar e ampliar o sistema supra de classificação das onomatopeias.

Supondo que no fim fica demonstrado que foi por *imitação dos sons bruscos repetidos rapidamente* produzidos pelo bater das patas dos animais ou pelos pés dos homens em marcha *veloz* que surgiram os verbos *currere* (lat.), *τρέω* (gr.), *rennen* (al.), *to run* (ingl.), por ex. (cf. § 40, a); e que foi por *imitação dos sons bruscos repetidos rapidamente* produzidos pelas *rodas dos carros* (cf. § 43), ao deslocarem-se mais ou menos rapidamente por sobre um caminho mais ou menos pedregoso, ou mais ou menos de superfície irregular, com altos e baixos, com covas, que surgiram os substantivos *roda* e *carro*; supondo isto, temos exemplos de *onomatopeias*, não *imitativas de sons*, mas *designativas de actos e de coisas*, que produzem *sons*.

Supondo, por outro lado, que no fim fica demonstrado que foi, não por *imitação de sons bruscos repetidos rapidamente*, mas pela comparação com esses sons, ou pelo conceito de que, passando um corpo sólido por cima, seria possível produzir esses *sons bruscos repetidos rapidamente*, que surgiram as palavras do tipo de *grade*, *crivo*, etc. (cf. § 51); e que foi por idêntico conceito que surgiram as palavras do tipo *grão*, *grupo*, *areia*, *trigo*, etc. (cf. § 49); supondo isto, temos exemplos de *onomatopeias*, não *imitativas de sons*, mas *designativas de coisas*, que nos sugerem o conceito de que, passando um corpo sólido por cima, seria possível produzir *sons bruscos repetidos rapidamente*.

No caso de *trrrrrrim*, a onomatopeia designa um *som*, que *imita*, no caso de *correr*, a onomatopeia (admitindo que *correr* é de origem

onomatopaica) não designa um *som*, mas um *acto*, que produz um *som*, como no caso de *roda* e de *carro*, as onomatopeias (admitindo que *roda* e *carro* são de origem onomatopaica) não designam um *som*, mas objectos, que produzem um *som*.

Se isto assim é, temos que *correr*, *roda*, *carro*, *grade*, *crivo*, *grão*, *grupo*, *areia*, *trigo*, etc., embora tivessem provindo indirectamente de *sons*, como proveio *trrrrrrim*, são onomatopeias que, pela sua génese, não pertencem rigorosamente à mesma categoria que aquela.

Por outro lado, supondo que no fim fica demonstrado que foi por *imitação*, não de *sons bruscos repetidos rapidamente*, visto que em tal caso nem sequer há *sons*, mas de *saltos bruscos seguidos com pequenos intervalos* (o que para a nossa imaginação é comparável a uma *sucessão de sons bruscos repetidos rapidamente*), existentes numa superfície material, que surgiram os substantivos *crosta*, *ruça*, etc. (cf. § 51), temos exemplos de *onomatopeias*, não *imitativas de sons*, mas *designativas de coisas*, cuja superfície nos dá uma *sensação visual* ou *táctil* de uma *sucessão comparável em certo modo à dos sons bruscos repetidos rapidamente*.

Se isto assim é, temos que *crosta* e *ruça* não são *onomatopeias* de génese *sonora*, *fonética*, *auditiva*, mas de génese *visual* e *táctil*.

Tomando em consideração estas particularidades, teríamos de fazer uma classificação algo complicada, que talvez nos não trouxesse grandes vantagens práticas por agora. Por isso não altero aqui a classificação primitiva.

b) — CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA. — «Morfologicamente as onomatopeias podem ser classificadas de uma maneira geral em dois grupos; *onomatopeias não vocabulizadas*, e *onomatopeias vocabulizadas*». (Cf. *Elementos*, § 227, onde justifico com suficiente desenvolvimento este critério).

4 — Fontes das onomatopeias. — Deste assunto tratei nos meus *Elementos*, §§ 236-328 (*Boletim*, §§ 18-110). A orientação do presente artigo não comporta o que então disse. Num estudo de conjunto, mais extenso e mais profundo que estes dois, teria de relazer e de ampliar esta matéria. Por agora limito-me a remeter o leitor para o que deixei dito no lugar citado.

5 — Onomatopeismo. — Chamo *onomatopeismo* ao sabor onomatopaico, que têm certas palavras pela sua estrutura fonética,

isto é, ao poder que têm de nos sugerir, de nos dar uma imagem mais ou menos aproximada da coisa ou do facto, que exprimem tais palavras.

Há um grande número de vocábulos, que se não apontam como de origem onomatopaica, mas cujo onomatopeísmo faz suspeitar tal origem, mormente se considerarmos a abundância deles, e, mais que a abundância deles, a coincidência de certas estruturas fonéticas com a natureza de certas coisas e de certos factos, que designam esses termos. No decurso deste trabalho vamos encontrar, se não estou em erro, copiosa exemplificação dessa coincidência.

Que é que determina o *onomatopeísmo*, o sabor onomatopaico de certas palavras, o poder que têm de sugerir, de nos dar uma imagem mais ou menos aproximada da coisa ou do facto, que exprimem essas palavras? É, sem contestação possível, creio eu, a estrutura fonética dessas palavras, isto é, a existência nessa estrutura de certos *fonemas*, cuja natureza faz lembrar a coisa ou o facto designado.

É essa propriedade, essa virtude dos fonemas que produz o *onomatopeísmo*, ou seja aquilo a que podemos chamar a *expressividade das palavras*, elemento indispensável para dar realce à *expressividade da frase*.

6 — **Expressividade das palavras.** — Em que nos baseamos para dizer que determinada palavra é *expressiva*?

Salvo erro, dois fundamentos há para tal conceito, um *eventual*, e o outro *real*: o *fundamento eventual* é o sentido que ligamos a essa palavra pela convenção, o que na linguagem gramatical se traduz pelo termo *propriedade*; o *fundamento real* é a capacidade que essa palavra tem de traduzir foneticamente, com maior ou menor aproximação, a coisa ou o facto por ela designado, o que na linguagem gramatical se pode traduzir pelo termo *onomatopeísmo* (Cf. § 5).

Assim, por ex., abstraindo das convenções de significação, tão expressiva é a palavra *casa* como *palácio* e como *tugúrio*: nenhuma delas tem na sua estrutura fonética qualquer elemento, que nos faça lembrar o que é uma *casa*, um *palácio*, um *tugúrio*. Subordinando-nos à convenção de significados, isto é, à *propriedade*, cada uma delas é *expressiva* no seu lugar *próprio*.

Outro tanto já não acontece com as palavras *tremar* e *vibrar* (Cf. § 41), por ex., as quais, além da expressividade, que lhes dá a convenção de significados, têm a que lhes dá a sua estrutura foné-

tica: são palavras de *sabor onomatopaico*, é o seu *onomatopeismo* que as torna expressivas, prove-se ou não que elas são de origem onomatopaica.

Que é que mais contribui, por ex., para dar o *grau de expressividade*, que possui, a este verso de Camões?

Horrendo, fero, ingente e temeroso

(*Lusiadas*, IV, 28)

e a este de Vergílio?

Stetit illa tremens.

(*Enéida*, II, 52)

Não é certamente apenas a *propriedade* com que cada vocábulo está empregado naqueles versos, que faz que eles sejam particularmente expressivos. O onomatopeismo de cada termo ali empregado, e, mais que isso, a disposição desses termos segundo o grau do seu onomatopeismo, são, salvo melhor juízo, a principal causa da expressividade desses dois versos. Especifiquemos as coisas:

Na palavra *horrendo* temos o *rr* múltiplo, que dá a sensação de que se *treme*, se *vibra* de medo diante do perigo; a *nasalidade* da sílaba tónica, pela *ressonância*, que dá à palavra, ajuda a reforçar a sensação de *duração* do tremor, da vibração, da *sucessão* de movimentos bruscos e repetidos rapidamente, que os fonemas vibrantes traduzem (Cf. § 13).

Em *fero* e em *temeroso*, não há um *rr* múltiplo, mas um simples (*r*), que, por isso mesmo não produz a mesma sensação, mas, considerando a *expressividade* da frase, do verso inteiro, e não apenas a de cada palavra, da brandura desses dois *rr* simples, tendo de permeio a *nasalidade* da palavra *ingente*, resulta um novo factor de *expressividade* do verso: depois do efeito *forte, brutal*, digamos assim, produzido pela palavra *horrendo*, a *sucessão fero, ingente e temeroso*, em que se combinam o *r* simples de *fero*, a *nasalidade* de *ingente*, e o *r* simples de *temeroso*, imprime à frase um *abrandar* gradual da *brutalidade* inicial. Esse verso pode dar-nos a impressão de uma *explosão seguida de ressonância, que vai morrendo pouco a pouco*: a *explosão* está na palavra *horrendo*, e a *ressonância* nas palavras *fero, ingente e temeroso*.

Em *stetit*, a sílaba *ste*, graças à força da oclusiva surda *t*, sente-se o *estacar* da seta ao cravar-se no lenho do cavalo de Tróia; o *vibrar* dessa seta, o seu *movimento rápido de vai-vem*, é maravi-

lhosamente traduzido pelo grupo *tr* de *tremens*, pelo menos para a minha sensibilidade.

Se, em vez da palavra ser *tremens*, fosse, suponhamos, *remens*, tenho a impressão de que o grau de expressividade não seria o mesmo: aquela oclusiva surda, forte, por consequência, *t*, faz-me sentir a maneira brusca do cravar-se da seta no lenho.

Exemplos de frases expressivas pela força do onomatopoeismo das suas palavras são abundantes na poesia, e particularmente na oratória. Aqui limito-me aos apresentados. Num estudo de estilo e de estética literária seria acertado fazer uma colheita rica de exemplos em várias línguas.

CAPÍTULO II

A Fonética como meio de expressão de qualidades sonoras

7 — Nota prévia. — Sendo a linguagem (a falada, claro está) um sistema, digamos assim, de sons, em que se distinguem vários graus de sonoridade, intensidade, duração, altura, continuidade, descontinuidade, brusquidão, repetição, ressonância, etc., nada mais natural do que, aproveitando estas qualidades, se tenham criado palavras, em cuja estrutura fonética haja elementos, que traduzem com maior ou menor aproximação os vários graus de sonoridade, intensidade, duração, etc., dos sons da natureza.

O espírito do homem está em permanente atitude de comparar: se tudo no Universo tivesse o mesmo tamanho, o homem não teria tido ocasião de conceber e menos ainda de designar por palavra a ideia da dimensão. Assim, não teria criado palavras como *grande* e *pequeno*, *alto* e *baixo*, *comprido* e *curto*, *largo* e *estrito*, etc., etc. Tais designações nasceram da *comparação* que o homem teve de fazer das *diferentes dimensões* das coisas.

Se não houvesse variedade de cores, não teriam nascido as palavras *branco*, *negro*, *verde*, *amarelo*, etc.; se não houvesse variedade de consistências, não teriam surgido as designações de *duro*, *mole*, *brando*, etc.

As metáforas são um produto dessa atitude de comparar. Dessa mesma atitude são produto as *palavras imitativas*, as *onomatopeias*.

O homem ouve um passarinho soltar um som, uma voz, e pro-

cura imitá-lo, soltando um som, uma voz, que seja *comparável* à do passarinho. Nesse som produzido pelo passarinho sente um elemento inicial brusco, que traduz por uma *oclusiva*; sente a seguir um elemento contínuo, que traduz por uma *vogal*; sente que esse elemento contínuo é agudo, e tradu-lo pela vogal mais aguda, que é *i*; sente que esse som é repetido, e serve-se da repetição. Deste modo surgiu por imitação a onomatopeia *piu, piu, piu*, de certo modo *comparável* à voz do passarinho.

Posto isto, vejamos como utiliza o homem a Fonética como meio de expressão de qualidades sonoras.

8 — A expressão fonética da sonoridade. — Entendo aqui por *sonoridade* aquilo que faz que um som seja som, com o seu *timbre*, a sua *altura* (ou tom), a sua *intensidade* e a sua *duração*. Vulgarmente, quando se emprega a palavra *sonoridade*, entende-se que se trata da qualidade que faz que um som seja mais ou menos perceptível pela nossa sensibilidade auditiva, isto é, a sua *intensidade*.

As designações absurdas, usadas em Fonética, de *fonemas sonoros* e *fonemas surdos*, respectivamente por *fonemas rozeados* e *fonemas cochichados*, força-nos, ao tratar de fonemas, a alterar o conceito de *sonoridade*, dizendo que ela é a *qualidade, que resulta de, na produção dos fonemas, vibrarem ou não as cordas vocais*.

Em Fonética, os fonemas, em cuja produção vibram as cordas vocais, chamam-se *sonoros*, como *b, d, g*; aqueles em cuja produção não vibram as cordas vocais, chamam-se *surdos*, como *p, t, k*.

Comparando os sons da natureza com os fonemas, podemos também considerá-los divididos em dois grupos, em *sonoros* e *surdos*: os sonoros *aparecem* em muitas onomatopeias interpretados pelos *fonemas sonoros*, e os surdos pelos *fonemas surdos*. É por isso que em *berrar* (Cf. § 52) por ex., a raiz só é constituída por fonemas sonoros, *berr-*, ao passo que em *chiar* a raiz é constituída por fonemas surdos, *chi-*. (Note-se que o *i* de *chiar* é surdo: a sonoridade, isto é, a vibração das cordas vocais, na pronúncia normal, só começa no sufixo *-ar*. Não pude comprovar experimentalmente isto, mas creio que uma experiência bem feita, sem affectação de pronúncia, deve confirmar o que deixo dito).

Neste § não merece a pena dar mais exemplos comprovativos de que os *sons sonoros* e os *surdos* da natureza se interpretam normalmente por *fonemas sonoros* e *surdos*. A abundante exemplificação dos §§ seguintes comprovará o facto.

9 — A expressão fonética da intensidade sonora. — A *intensidade* é a qualidade que faz que classifiquemos um som de mais forte ou mais fraco em relação a outro ou outros (Cf. a minha *Tentativa*, § 16). A *intensidade* de um fonema é a qualidade que resulta da maior ou menor força com que se expulsa o ar (Cf. os meus *Elementos*, § 28).

A respeito da expressão fonética da intensidade sonora falei com suficiência, creio eu, nos *Elementos*, ps. 195-196, 224-225. De quanto então escrevi, extraio apenas o seguinte:

«A intensidade com que se produz um som qualquer da natureza é interpretada onomatopaicamente ou simplesmente pela maior ou menor força com que se expulsa o ar, ou pelo emprego adequado das consoantes oclusivas: se a onomatopeia é iniciada ou terminada por vogal ou por fricativa, a intensidade é expressa apenas pela maior ou menor força com que se expulsa o ar; se é iniciada ou terminada por consoante oclusiva, a par da maior ou menor força com que se expulsa o ar, há as seguintes particularidades que obedecer: as oclusivas surdas traduzem maior intensidade que as sonoras; as bi-labiais maior que as linguo-dentais; e estas, maior que as velares». A seguir explico a razão de ser destes factos.

As onomatopeias, que representam explosões, choques, brusqui-dão, têm normalmente como elemento característico uma oclusiva.

Falando dos caracteres gerais das detonações das armas de fogo, digo nos *Elementos*, § 332: — «De uma maneira geral, o que caracteriza as detonações das armas de fogo são as seguintes qualidades: *explosão inicial*, *violência dessa explosão*, *ressonância mais ou menos demorada*, conforme a natureza da detonação.

«A primeira característica, *explosão inicial*, dessas detonações justifica que as onomatopeias, que as traduzem, comecem sempre por uma oclusiva; a segunda característica, *violência dessa explosão*, justifica que a oclusiva empregada seja em regra *sorda*, visto que a explosão das oclusivas surdas é mais violenta que a das oclusivas sonoras; a terceira característica, *ressonância mais ou menos demorada*, justifica o emprego ora da nasalidade, ora da oralidade, ora de vogais graves, ora de vogais agudas, ora de vírgulas, ora de reticências».

Nos seguintes exemplos de onomatopeias de fenómenos sonoros fortes encontramos sempre uma oclusiva, só ou em grupo:— *arrombar*, *bumba*, *esbarrondar*, *estrondo*, *pumba*, *retumbar*, etc. (Cf. § 31).

10 — **A expressão fonética da duração sonora.** — Como os fonemas podem ter vários graus de duração, entre um mínimo, que podemos praticamente considerar momentâneo, e um máximo, que depende da nossa possibilidade pulmonar de prolongar mais ou menos os actos expiratórios, empregamos os fonemas longos ou alongáveis para interpretar onomatopaicamente os sons longos da natureza, e os breves ou abreviáveis para interpretar os breves.

Na interpretação de um som da natureza, a duração das vogais depende da nossa vontade, dentro dos limites acima indicados; a das consoantes fricativas, laterais e vibrantes, também depende da nossa vontade, mas, considerando-as em relação às consoantes oclusivas, que são por sua própria natureza momentâneas, elas figuram como sendo longas por sua própria natureza.

É isto que explica traduzirem-se por oclusivas os sons momentâneos, tais como os produzidos no início das explosões e dos choques, e por fricativas, laterais ou vibrantes os produzidos pela saída contínua e prolongada de um líquido ou de um gás por um orifício, por ex.

Como exemplos de brevidade, temos: — *bumba, pumba, trrrim, pancada, cacarejar, cuco*, etc., em que as oclusivas nos dão a imagem do *repentino* com que se produzem certos momentos dos sons indicados.

Como exemplos de longuidão, temos: — *funçar, assobiar, zumbir, chiar, vento, jorrar*, etc., em que as fricativas nos dão a imagem do *prolongado* com que se produzem certos momentos dos sons indicados.

11 — **A expressão fonética da altura sonora.** — Nos *Elementos*, § 31, defino: «O *tom* ou *altura* de um som é a qualidade que o vulgo exprime dizendo que esse som é *grosso* ou *fino*. Na linguagem técnica, em vez de se dizer *grosso*, diz-se *grave* ou *baixo*; e em vez de se dizer *fino*, diz-se *agudo* ou *alto*».

Na p. 194 acrescento: «Os tons, que podem tomar os sons bucais, são de diferenças mínimas entre dois limites extremos de certa agudeza e de certa gravidade, conforme os indivíduos.

«Este poder de variabilidade permite-nos reproduzir os tons dos sons da natureza com precisão rigorosa, ou pelo menos com proporcionalidade rigorosa».

É sabido que as vogais ou melhor, que a série vocálica possível constitui uma escala de alturas, cujo grau mais alto está no *i*, e o

mais baixo está no *u*. Essa escala, nas suas linhas gerais, é: *i, ê, é, á, ó, ô, u* (Cf. Roudet, *Elements*, § 46).

Convém notar que estes sete símbolos gráficos estão muito longe de ser a tradução completa de toda a escala vocálica de que é capaz um mesmo indivíduo. Convém notar cuidadosamente:

a) — que entre os graus extremos *i* e *u* não há apenas cinco vogais, mas, permita-se-me o absurdo matemático, há um *número infinito*, considerando a possibilidade de se transitar do *i* ao *u* com *portamento*.

Na minha *Tentativa*, § 128, digo: «*Portamento* na música é a transição gradual e sem solução de continuidade, isto é, sem saltos, de uma nota para outra, de modo que se percorra toda a escala de *tons* ou *alturas* teóricamente compreendidas entre essas notas»;

b) — que o *i* e o *u* simbolizam graus extremos da escala normal de alturas das vogais da linguagem falada, o que não quer dizer que cada indivíduo não tenha a possibilidade de *altear* ou *abaixar* (de *afinar* ou *engrossar*) mais a voz: o canto demonstra essa possibilidade, como o demonstra a própria entonação da linguagem falada, mormente da enfática.

Como exemplos de sons graves, temos: *bumba, bomba, estrondo, trovão*, etc., em que as vogais *u* e *o*, e o ditongo *ão* nos dão a imagem do *grave* (do *grosso*) dos sons indicados.

Como exemplos de sons agudos, temos *pim, pimba, tlintar, trrrrím, pingar*, etc., em que a vogal *i* nos dá a imagem do *agudo* (do *fino*) dos sons indicados.

12 — A expressão fonética da continuidade sonora. — Dizer *continuidade sonora* não significa o mesmo que dizer *longuidão sonora*: é certo que, para que um som tenha *continuidade*, ele necessita ter certa *longuidão*, mas aqui o que pretendo é marcar a diferença que há entre *continuidade sonora* e *descontinuidade sonora*, isto é, entre um som longo contínuo, sem *solução de continuidade*, e uma série de sons breves ou longos, com *soluções de continuidade*.

Os sons contínuos, precisamente porque têm de ter certa *longuidão*, interpretam-se normalmente nas onomatopeias por vogais longas e por consoantes fricativas e até por consoantes laterais.

Exemplos: *assobio, assovio, silvo, sibilo, funjar, zumbir, chiar, jorrar*, etc., em que as consoantes fricativas nos dão a imagem da *continuidade* (do prolongado sem solução de continuidade) de certos momentos dos sons indicados.

13 — A expressão fonética da descontinuidade sonora. — A *descontinuidade sonora* pode ser de sons longos e de sons breves: a de sons longos em geral interpreta-se foneticamente nas onomatopeias por *suspensões*, isto é, por *reticências*; a de sons breves ou, talvez melhor, de sons bruscos, por uma série de *consoantes oclusivas* ou de *vogais breves*, com ou sem o concurso de *reticências*. (Cf. *Elementos*, p. 197).

A designação *descontinuidade sonora* não é muito própria: emprego-a aqui para estabelecer o paralelo com a do § anterior, *continuidade sonora*. Pretendo com isto referir-me às cadeias de sons juxtapostos e particularmente às cadeias de sons repetidos.

Falando deste último conceito, devemos considerar dois casos: ou a repetição se faz *lentamente*, ou se faz *rapidamente*: quando se faz lentamente, a sua interpretação fonética consiste normalmente apenas na repetição da onomatopeia respectiva, como sucede, por ex., com o bater do relógio de algibeira, que é *tic, tic, tic*; quando se faz rapidamente, a sua interpretação fonética consiste normalmente no emprego das vibrantes, sós ou em grupos, como sucede, por ex., com o badalar rápido de uma campainha eléctrica, que é *trrrrrrim*. (Cf. *Elementos*, p. 197).

Fixemos esta fórmula: as *sucessões rápidas de sons bruscos* interpretam-se normalmente por consoantes vibrantes, simples ou múltiplas, isoladas ou em grupos, conforme a natureza do som interpretado: *ruido, rumor, sussurro, trovão*, etc.

14 — A expressão fonética da brusquidão sonora. — Dizer *brusquidão sonora* não significa o mesmo que dizer *brevidade sonora*: é certo que, para que um som seja *brusco*, ele necessita ser *breve*, mas aqui o que pretendo é marcar a diferença que há entre um som *possivelmente breve* e um som *forçadamente breve*.

Os *sons possivelmente breves* interpretam-se normalmente nas onomatopeias por *vogais breves*, e os *forçadamente breves* por *consoantes oclusivas*.

No seu momento inicial, as explosões e os choques são sons *bruscos*, ou seja *forçadamente breves*, o que justifica que as onomatopeias respectivas tenham em regra no início uma oclusiva: *bumbo, pum, tau*, etc.

15 — A expressão fonética da ressonância. — A *ressonância* de um som da natureza interpreta-se normalmente por uma

nasalidade mais ou menos forte, conforme as circunstâncias. (Cf. *Elementos*, p. 195).

CAPÍTULO III

A Fonética como meio de expressão de aspectos das coisas materiais

16 — **Nota prévia.** — Não sei se não será temeridade admitir a hipótese de que o homem primitivo teria tido o sentimento, inconsciente embora, de estabelecer paralelos entre certos aspectos das coisas materiais e os vários aspectos, que o seu ouvido apreendia, dos fenómenos sonoros.

Se isso é temeridade, então pergunto se não será de admitir que, dominado pela tal permanente atitude de *comparar*, a que me refiro no § 7, o homem primitivo tivesse sido levado a imitar, a traduzir, a interpretar os citados aspectos das coisas materiais foneticamente.

Será disparatado considerar o homem primitivo capaz de dar às coisas de *superfície contínua* e de *superfície descontínua* nomes, em cuja estrutura fonética figurassem respectivamente *fonemas contínuos* (fricativos, laterais), e *fonemas descontínuos*, permita-se a expressão (vibrantes, oclusivos); e aos *aglomerados de elementos* e aos *elementos de aglomerados* nomes, em cuja estrutura fonética figurassem fonemas descontínuos?

Não ousou responder afirmativamente a estas dúvidas. Contudo, não deixa de me surpreender o facto da existência de tais fonemas em muitas das palavras, que designam tais aspectos das coisas materiais. A minha surpresa aumenta de grau ao ver facto análogo na estrutura fonética de outras palavras, que não designam propriamente fenómenos sonoros, como indicarei nos capítulos seguintes.

Passemos à exemplificação, e depois julgemos.

17 — **A expressão fonética da continuidade de uma superfície.** — Entendo por *superfície contínua* aquela que é lisa, polida, que não tem asperezas. Essa lisura, essa continuidade, esse não ter asperezas, não me repugna aceitar a possibilidade de o homem primitivo a ter comparado espontaneamente a tudo quanto tem continuidade, a tudo quanto não tem solução de continuidade:

ao movimento contínuo, ao tempo contínuo, à forma contínua, à acção contínua, ao som contínuo.

O facto da continuidade, como o da descontinuidade, tanto é perceptível pelo ouvido, como o é pela vista, pelo tacto, etc.

Os sons contínuos interpretam-se mais geralmente por consoantes fricativas e por laterais (Cf. § 12). Creio que outro tanto se dá com as superfícies contínuas. Não poderão justificar esta presunção os termos: *face, liso, suave?* (Cf. § 50).

18 — A expressão fonética da descontinuidade de uma superfície. — Se não é temeridade o pretendido paralelo do § anterior, também não será temeridade admitir que o homem primitivo teria tido o sentimento, inconsciente embora, de estabelecer comparações entre tudo quanto tem descontinuidade.

Como no caso anterior, se isto não é temeridade, se isto é admissível, é de crer que as palavras primitivas, que se relacionassem com a descontinuidade de uma superfície, tivessem como elemento simbólico dessa descontinuidade uma série de consoantes oclusivas ou, mais adequadamente, uma vibrante:

Não será caso para pensar a existência de vibrantes nestes exemplos: *amarfanhar, amarrotar, áspero, crespo, crista, crivo, crosta, encarquilhar, farapo, farripa, franzir, frisar, grade, grelha, greta, raro, rede, ruga, etc.*? (Cf. § 51).

19 — A expressão fonética de aglomerados de elementos. — Não sei também se não será temeridade comparar um *aglomerado de elementos* com uma *superfície descontinua*. Num e no outro há aspecto de aspereza, de solução de continuidade. Em vários exemplos de palavras, que designam aglomerados de elementos, encontro fonemas vibrantes, que lhes dá certa força expressiva, certo onomatopeismo, como: *areia, farelo, farinha, grei, grumo, grupo, etc.* (Cf. § 48).

20 — A expressão fonética de elementos de aglomerados. — O comentário aqui tem de ser análogo ao do § anterior. Observem-se os seguintes exemplos: *fruto, grão, grau, orvalho, trigo, Traube* (al.), etc. (Cf. § 49).

CAPÍTULO IV

**A Fonética como meio de expressão
de fenómenos dinâmicos**

21 — Nota prévia. — Poderia repetir neste § o que disse no § 16. Não procedo assim, porque aqui o meu espírito não vacila tanto; a cópia de exemplos acumulados nos §§ seguintes dá-me uma convicção de tal força (não a certeza, note-se bem), que me repugna usar aqui do termo *temeridade*.

Aqui creio que nos é lícito convencer-nos de que o homem primitivo teria tido o sentimento, inconsciente embora, de estabelecer um paralelo entre, por ex., um *movimento continuo* e um *som continuo*, se não por certa analogia, que poderia ter encontrado entre os dois fenómenos, ao menos pelo facto de um corpo sólido em *movimento continuo* sobre uma *superfície continua* produzir normalmente um *som continuo*.

Vejamos até que ponto nos podem orientar os exemplos para fazer um juízo.

22 — A expressão fonética da continuidade de um movimento. — Se é admissível o que ficou dito no § anterior, é de crer que as palavras primitivas, que se relacionassem com os movimentos continuos tivessem como elemento simbólico da sua continuidade uma consoante fricativa ou, mais adequadamente, uma lateral.

Examinando a estrutura fonética das seguintes palavras, que se relacionam com movimentos continuos, sinto que não deixam de ter certa propriedade imitativa os fonemas, que entram na sua constituição, isto é, que há nessas palavras certo onomatopeismo (Cf. § 5): *afagar, fluir, fumo, fugir, voar, vento, deslizar, rolar, liquido; vehere, colare, stillare, sufflare, sibilare*, (lat.); *glisser* (fr.); *fliessen, fliehen, fliegen* (al.); *to flow, to fly, to flee* (ingl.), etc. (Cf. § 39).

23 — A expressão fonética da descontinuidade de um movimento. — Há vários movimentos descontínuos, cujas designações, quer sob a forma de substantivos, quer sob a de verbos, se não são de origem onomatopaica, pelo menos têm um sabor

onomatopaico tão acentuado, que não é temeridade admitir que primitivamente tiveram tal origem, como: *correr, jorrar, rapidez, regar, tremer, trepar, trepidar, trotar, vibrar*, etc. (Cf. § 40).

24 — A expressão fonética do vai-vem de um movimento. — Para a minha sensibilidade, o *l* dá-me uma imagem aproximada do movimento de vai-vem. Pelo menos é a sensação que me dão as palavras: *bambolear, ondular, oscilar, tremular, vacilar*, etc. (Cf. § 41).

25 — A expressão fonética da cessação brusca de um movimento. — A cessação brusca de um movimento não é mais nem menos do que uma das fases de um movimento descontínuo rápido.

A expressão *cessação brusca* de um movimento significa a *paragem brusca* de um corpo em movimento. Fisicamente creio que a *paragem brusca* de um corpo em movimento, graças à inércia, só é possível quando esse corpo encontra na sua trajectória um obstáculo com que ele *choque*. Sendo assim, a expressão *cessação brusca* de um movimento (ou a *paragem brusca* de um corpo em movimento) significa o mesmo que *choque*.

A *cessação brusca* de um movimento, a *paragem brusca* de um corpo em movimento, ou o *choque* interpreta-se normalmente por consoantes oclusivas, como indicam os seguintes exemplos: *bater, parar, baque; frapper* (fr.); *stop* (ingl.); *klopfen* (al.), etc. (Cf. §§ 13 e 42).

26 — A expressão fonética do atrito de escorregamento. — O atrito de escorregamento de um corpo sólido numa superfície sólida é fenómeno que normalmente produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. Como as sucessões rápidas de sons bruscos (Cf. §§ 13 40) se interpretam foneticamente por meio das vibrantes, não é de estranhar que as palavras que se relacionam com o atrito de escorregamento, tenham como elemento simbólico da sucessão rápida de sons bruscos, que produz, uma vibrante (Cf. § 44).

27 — A expressão fonética do atrito de rolamento. — O atrito de rolamento de um corpo sólido numa superfície sólida, rigorosamente só se pode considerar atrito de rolamento quando são lisas, polidas, as duas superfícies: a do corpo que rola, e a do corpo em que o primeiro rola; quando essas duas superfícies

não são polidas, quando têm asperezas, o que há é um misto de rolamento e de escorregamento. Posto isto, temos que o rigoroso atrito de rolamento não pode deixar de ser *silencioso*.

Sendo *silencioso*, à primeira vista pode parecer absurdo haver qualquer paralelo entre o fenómeno do atrito de rolamento e qualquer fenómeno sonoro. Contudo, não é impossível que a continuidade do movimento rotatório sugerisse a imagem da continuidade sonora, como igual imagem, se não estou em erro, sugeriu a continuidade de uma superfície (Cf. § 17.).

Se isto assim é, não é de estranhar que as palavras, que se relacionam com o atrito de rolamento, tenham como elemento simbólico dessa continuidade de movimento uma consoante fricativa ou, mais adequadamente, uma lateral (Cf. § 45).

28 — A expressão fonética do fragmentar de um corpo sólido. — O fragmentar de um corpo sólido é fenómeno, que normalmente produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. Por isso (Cf. § 13), não é de estranhar que muitas das palavras, que se relacionam com esse fenómeno, tenham como elemento simbólico do som, que produz, uma vibrante (Cf. § 46).

29 — A expressão fonética de fenómenos, que produzem sucessões rápidas de estalidos. — Uma sucessão rápida de estalidos é uma sucessão rápida de sons bruscos. Por isso (Cf. § 13) muitas das palavras, que se relacionam com tais sucessões, têm naturalmente na sua estrutura fonética uma vibrante (Cf. § 47).

CAPÍTULO V

Exemplos de palavras de sabor onomatopaico

30 — Nota prévia. — No presente capítulo vou procurar catalogar várias palavras de sabor onomatopaico, agrupadas mais ou menos de harmonia com as divisões dos capítulos anteriores. Seria interessante incluir exemplos de outras linguas em cada parágrafo dos casos particulares seguintes, mas, no que se refere aos §§ 31 ss., isso seria tarefa demasiado complicada para mim, mormente neste momento em que me encontro no estrangeiro, longe dos meus livros.

Como, porém, a exemplificação de outras línguas é da mais alta conveniência, farei todo o possível por registar os exemplos que estiverem ao meu alcance.

31 — Palavras que designam fenómenos sonoros. — Os sons da natureza, como ficou dito no § 8, podem ser *sonoros* e *surdos*. Podem ainda ser *longos* e *breves*, *fortes* e *fracos*, *contínuos* e *descontínuos*, *secos* e *ressoantes*. Pois bem: examinando a estrutura fonética das seguintes palavras designativas de certos sons da natureza, e comparando-as com esses sons que representam, verificaremos que não deixam de ter certa propriedade imitativa os fonemas que entram na sua constituição, isto é, que há nessas palavras certo *onomatopeísmo* (Cf. § 5): — *barulho*, *clamor*, *clangor*, *clique*, *crepitar*, *estalo*, *estalido*, *estampido*, *estrépito*, *estridente*, *estrondo*, *estruído*, *fragor*, *frêmito*, *grito*, *matraquear*, *murmúrio*, *ruido*, *rumor*, *som*, *sussurro*, *tilintar*, *tom*, etc.

Estes exemplos são na maioria de origem latina e têm em geral correspondentes em todas as línguas românicas.

Em alemão e em inglês limito-me a apontar: — *Klang*, *Kreisch*, *Knall*, *brausen*, *rauschen*, *knicken*, *knattern*, *klatschen*, *klappern*, *plappern*, *platschen*, etc.; — *crack*, *rattle*, *rumble*, *rustle*, *to grumble*, *to trill*, etc.

Em grego temos por exemplo: — *λάζω*, *τρίζω*, *θρήνω*, *θρέμω*, *θρούω*, etc.

32 — Palavras que designam fenómenos pelo som que produzem. — Há vários fenómenos sonoros da natureza, cujos nomes, se não são de origem onomatopaica, pelo menos têm um sabor onomatopaico tão acentuado, que não é temeridade admitir que primitivamente tiveram tal origem.

Vejamos alguns exemplos: — *trovão*, *trueno* (cast.), *tonnerre* (fr.), *Donner* (al.), *thunder* (ingl.), *tonitrus* (lat.), *βροντή* (gr.); *peído*, *pedo* (cast.), *Pup* (al.), *bufa*, *Furz* (al.), *traque*, *vento*, *trambolhão*, etc.

Note-se que em todas as formas, que traduzem um som brusco, há uma *oclusiva* inicial, que traduz a *brusquidão* com que se inicia o som; em muitas delas há um *r*, isolado ou em grupo, na sílaba inicial ou na final, que traduz a *sucessão de sons bruscos e rápidos*; em muitas delas há nasalidade, em vogal ou em consoante, que traduz a *ressonância* do som; em algumas delas (casos de *bufa* e *vento*) há uma fricativa, que traduz a *continuidade* do som que traduzem.

33 — Palavras que designam corpos pelo som que produzem. — Há vários corpos sonoros, como instrumentos musicais, por exemplo, cujos nomes fazem suspeitar origem onomatopaica: — *bomba, bombo, fanfarra, foguete, fungagá, marimba, matraca, tambor, tam-tam, trompa*, etc. (Cf. al. *Trommel*).

34 — Palavras que designam animais pela voz que produzem. — Rebuscando bem, não seria provável chegar-se à conclusão de que todos os seguintes nomes de animais não passam de criações onomatopaicas, baseadas na imitação mais ou menos aproximada das vozes desses animais? Exemplifiquemos: — *bode, boi, bufo, cagarra, calhandra, chasco, cigarra, codorniz, corvo, cotovia, cuco, galo, gralho, grilo, grou, pisco, poupa, rã, rola, sapo, tetrax, tordo*, etc.

Notem-se as formas: — *Frosch* (al.) e *frog* (ingl.), *rã*; *Rabe* (al.) e *crew* (ingl.), *corvo*; *Krahe* (al.) e *rook* (ingl.), *gralho*; *cricket* (ingl.), *grilo*, etc.

Comentemos alguns destes exemplos:

a) — BODE. — Começemos por observar que começam todos por *b* as seguintes formas: *bode* (port. e cast.), *boc* (catal.), *bouc* (fr.), *Bock* (al.). — É possível que esta coincidência signifique um étimo comum. Comum ou não comum, não é este o problema que agora me interessa. O que neste momento me interessa é observar essa coincidência, e perguntar se ela não terá nenhuma relação com outra coincidência notável: a voz do bode (como a do carneiro) é interpretada onomatopaicamente em várias linguas por várias formas começadas por *b* ou por *m* (que não é mais nem menos do que um *b* nasal), como: *béééé, méééé, brrrr, berrar, balar, balir*; *βινγξμαί < βινγξή* (gr.) *balare, belare, barrire, boare* (lat.); *bêler, beugler, meugler, brailler* (fr.); *brüllen, bloken* (al.); *to bleat, to bawl, to bellow* (ingl.) (Cf. os meus *Elementos*, § 255).

b) — BOI. — O que ficou dito a respeito de *bode* é até certo ponto aplicável aqui: *βοῦς < βόη, βούς* (gr.); *bos, bufalu* (lat.); *Bulle* (al.); *bull, bullock* (ingl.). Quanto às onomatopeias das vozes do boi, cf. os meus *Elementos*, § 244.

c) — BUFO. — Nunca ouvi a voz deste animal. Por isso nada posso dizer de ciência directa sobre este assunto. Não obstante isso, comparem-se as seguintes formas: *βούξ* (gr.); *bubo* (lat.); *bufo* (port.); *baho* (cast.); *hibou* (fr.); *gufo* (it.); *bufnita* (rum.).

d) — CAGARRA. — Certa espécie de gaivota, cuja voz desconheço, mas creio que condiz mais ou menos com o nome da ave. Cândido de Figueiredo limita-se a dizer no *Dic.*: «*Mad.* O mesmo que *pardoca*. Espécie de gaivota, que em Ílhavo se chama *argau*».

e) — CALHANDRA. — Diz Antenor Nascentes: «Do esp. *calandria*, do lat. *calandra*, de origem gr. (M Lübke, REW, 1486). A palatalização do *l* é uma antecipação do *i* consoante (Cornu, *Port. Spr.*, § 112)». — Começo por não ver bem claro o fundamento da afirmação de Meyer-Lübke, quanto a prover a forma portuguesa *calhandra* da cast. *calandria*.

As palavras de Cornu são: «Die Palatalisierung des *l* in *calhandra* sp. *calandria* (vgl. Diez, EW. I, s. v. *calandra*) ist auf Vorklang des *j* zurückzuführen, welcher Vorgang in *joio lolium* und *girálva lília alba* alt sein muss, vgl. it. *giglio* und *gioglio*. In apg. *lhezár lazare* und im agal. *Uëna* ist derselbe allerdings verborgene Vorgang zu erkennen».

Também não vejo bem claro a palatalização do *l* segundo a explicação de Cornu. Abstenho-me de discutir aqui estas duas afirmações.

O étimo remoto, que se costuma apresentar da palavra, é o gr. *καλάνδρις*, a respeito do qual diz Boisacq: «... *calandre*, sorte d'alouette (Opp.); etym. inconnue. — Le rapport supposé avec *καλῆν*, appeler (p. ex. Prellwitz 2 s. v.) est fortuit. — Pour lat. *caliandr(i)um*, *coiffette*, voy. Walde 2 s. v.».

Walde diz: «*Caliandr(i)um*, hohe Frauenfrisur mittels künstlicher Haareinlagen oder eher Häubchen: gegen Entlehnung aus gr. *καλλάντρον*, Gerät zum Schönmachen (Weise, Saalfeld) s. Sittl AflL, II, 478 ff. Nach letzterem wohl identisch mit roman. mlat. **caliandra*, *calandr(i)us*, **caliandrus*, Haubenlerche; die Sippe stammt aus gr. *χαράδρις*, Regenpfeifer, vielleicht örtlich auch Haubenlerche, das bereits griech. dissimilatorisch und volksetymologisch zu *χαλάδρις*, *χαράνδρις*, *χαλάνδρις* umgestaltet war».

f) — CHASCO. — Antenor Nascentes diz: «2 — Pássaro: talvez onomatopéico: Figueiredo manda confrontar com *cháschás*, provincialismo que se aplica ao cartaxo». — Inclino-me a crer que, na realidade, se trata de uma criação onomatopaica.

g) — CIGARRA. — Antenor Nascentes informa-nos: «A. Coelho e M. Lübke, REW, 1897, dão o étimo, lat. *cicada*, com difícil justificação fonética. Cornu, *Port. Spr.*, § 202, acha a mudança do *d*

em *rr* impossível; lembra a imitação do fretenir e alude a *cegarrega*. José Oiticica, *Manual de Análise*, 125, dá uma forma *cigardarra*. Esp. *cigarra*, it. *cicala*, prov. *cigala*, fr. *cigale*. Diez, *Gram.*, II, 341, sente influência ibérica no final *arra*. Pacheco e Lameira, *Gram. Port.*, 97, tiram de uma forma intermediária *cicala*. Brachet acha que o prov., donde se deriva o fr., vem de um diminutivo *cicadula*.

As palavras de Cornu são: «In *cigarra* liegt jedenfalls nicht die unmögliche Verwandlung von *d* zu *rr* vor. Vielmehr ist das Wort *cicada* des Gezirpes wegen umgestaltet worden, eine Absicht, welche in *cègarrega* noch deutlicher hervortritt».

Inclino-me a aceitar a interpretação de Cornu. Há ao menos um facto impressionante: a voz da cigarra é uma *sucessão rápida de sons bruscos*, que o *rr* da forma port. e cast. traduz com certa propriedade. Cf. o ingl. *grasshopper*.

h) — CODORNIZ. — Em lat. há duas formas: *cocturnix* e *coturnix*, a respeito das quais diz Ernout: «... — *appellatur a sono uocis*, P. F. 33,8. Pour le suffixe, cf. *cornix*, *spinturnix*, sorte de hibou. On n'est pas au clair sur le rapport de *cocturnix* et de *coturnix*; l'abrégement, non attesté avant Ovide, de l'o dans *coturnix* est sans doute dû à l'influence de *cothurnus*. — Attesté depuis Plaute. M. L. 2289. — Les mots germaniques qu'on rapproche ne concordent pas». Cf. Walde, *Dict.*

i) — CORVO. — Cf. lat. *corvus*, gr. *κόραξ*, rum. *corb*, al. *Rabe*, ingl. *crow* e *raven* com as seguintes onomatopeias da voz dessa ave: *crocitar*; *cras*: *crá*, *crá*; *quá*, *quá*; cast. e it. *gra*, *gra*; ingl. *cau* (e *maud*); *kra*, *kra*, din.; *krax*, *krax*, sueco; *kark*, russo; *croa*, *croa*, fr.; *car*, rum. — Pelo que diz respeito aos verbos, que designam a voz do corvo, há: — *crocitare*, lat.; *crocitar*, *croscitar*, *crascitar*, *graznar*, *graznear* e *croajar*, cast.; *crocicare*, it.; *croasser*, *croailler*, fr.; etc. (Cf. os meus *Elementos*, § 264). Note-se que nestas formas há um predomínio da oclusiva *c* (= *k*) e a vibrante *r*, sons que se encontram aproximadamente na voz do corvo.

Boisacq, *Dict.*, s. v. *κόραξ*, diz: «... Dérivés, comme les autres noms ci-dessous du corbeau, d'un élément onomatopéique **kor-*, *croasser*, qui montre tantôt *k-*, tantôt *q-*; ...».

j) — COTOVIA. — Diz Antenor Nascentes: «M. Lübke, REW, 4750, tira do gr. *kótyphos*, melro; esp. *cotovia*. V. *Zeitschrift rom.*

Phil., V. 561. Rejeita o bretão *codioch* (Diez, *Dic.* 442, Thurneysen, *Keltoromanisches*, 887. Rejeita, REW, 1898, o gr. medieval *kykka-baia* (pron. *kikkavoa*), clássico *kikkábē*, coruja. Apresenta a possibilidade de ser palavra imitativa e manda comparar com o it. *tettovilla* e com o fr. *cocheris*.

k) — Cucu. — Sobre esta palavra creio que são todos unânimes em a considerar de origem onomatopaica. Cf. gr. *κόκκυς*, *κόκκυς*; lat. *cuculus*; al. *Kuckuck*; ingl. *cuckoo* e *cukkow*; it. *cucco*; etc. (Cf. os meus *Elementos*, § 266).

Para dar uma ideia, isto basta. A análise etimológica dos nomes de vários animais talvez nos revelasse que muitos desses nomes são directa ou indirectamente de origem onomatopaica. Aqui não posso occupar-me do assunto.

35 — Palavras que designam vozes de animais. — Há várias palavras designativas das vozes dos animais, em várias linguas, que todos mais ou menos julgam serem de origem onomatopaica. Limito-me a dar delas uma lista: — *arensar*, *arrulhar*, *balar*, *balir*, *berrar*, *blaterar*, *cacarejar*, *chiar*, *chilrar*, *coaxar*, *crocitar*, *fretternir*, *ganir*, *gloterar*, *grasnar*, *gruir*, *grunhir*, *guinchar*, *ladrar*, *latir*, *miar*, *muir*, *nitrir*, *piar*, *pissitar*, *regougar*, *relinchar*, *rinchar*, *rosnar*, *rugir*, *ruminar*, *trilar*, *trinar*, *trinfar*, *trissar*, *trucilar*, *uivar*, *ulular*, *urrar*, *vagir*, *zumbir*, *zum-zum*, *zurrar*.

Muitas destas formas provêm de outras latinas, que também têm representantes nas demais linguas românicas.

Medite o leitor na correspondência entre o significado e a estrutura fonética dos seguintes exemplos:

a) — Alemão: — *rucksen*, *gürren*, *blöken*, *brüllen*, *grölen*, *plärren*, *röhren*, *glucken*, *gackern*, *gackeln*, *gacken*, *gacksen*, *schnattern*, *piepen*, *zwitschern*, *quaken*, *krächz-n*, *kläffen*, *schreien*, *kreischen*, *klappern*, *plappern*, *grunzen*, *brummen*, *knurren*, *miauen*, *mauen*, *trüllern*, etc.

b) — Inglês: — *to coo*, *to bleat*, *to bawl*, *to bellow*, *to low*, *to roar*, *to rut*, *to fret*, *to howl*, *to yell*, *to bluster*, *to cluck*, *to cackle*, *to crow*, *to creak*, *to squeak*, *to chirp*, *to croak*, *to caw*, *to shrill*, *to quack*, *to grunt*, *to mew*, *to meow*, *to mule*, *to miaow*, *to miaul*, *to moo*, *to mutter*, *to grumble*, *to snarl*, *to growl*, *to purr*, etc.

c) — Grego: — βῆν (cão); λέων (leão); οἱ (hoi); βοῦς (boi); πτεῖν, πτεῖν (passarinho); τρῖν (aves); etc.

36 — Palavras que designam órgãos do aparelho fonador e articulador. — É notável o facto de vários órgãos do aparelho fonador e articulador serem designados por palavras, em cuja estrutura fonética aparecem fonemas, que têm por ponto de articulação esses mesmos órgãos, o que faz que elas nos deem uma imagem mais justa de cada um desses órgãos: — *beijo, boca, dente, garganta, gasganete, gasnete, gorgomilo, guela, guelra, língua, nariz; gargamelle, gorge, gosier, goulet, gueule* (fr.); *Gurgel, Mund, Nase, Zahn, Zunge, Kehle* (al.); *gullet, gills, mouth, tooth* (ingl.).

37 — Palavras que designam funções do aparelho fonador e articulador. — Observe-se que várias funções dos órgãos do aparelho fonador e articulador são designadas por palavras, em cuja estrutura fonética aparecem fonemas, que têm por ponto de articulação esses mesmos órgãos, o que faz que elas nos deem uma imagem mais justa de cada uma dessas funções: — *babar, balbuciar, beber, beijar, bocejar, engasgar, gargarejar, gaguejar, gemer, gargalhar, guinechar, gritar, gogo, gosma, engolir, lambear, lecher* (fr.); *lecken* (al.); *to lick* (ingl.); *beissen* (al.) etc.

38 — Palavras que designam actos sonoros do aparelho fonador e articulador. — Aqui é mais notável ainda do que nos §§ 36 e 37, pela abundância da exemplificação, o facto de vários actos sonoros do aparelho fonador e articulador serem designados por palavras, em cuja estrutura fonética aparecem fonemas, que têm por ponto de articulação os próprios órgãos, que mais contribuem para a produção desses actos sonoros. Um simples exame basta para nos mostrar que na estrutura fonética das palavras abaixo mencionadas há um acentuado onomatopeismo, que lhes dá a justeza da escolha, digamos assim, dos fonemas, que constituem os radicais, com a natureza sonora desses actos: — *arrostar, assober, chupar, ciclar, cochichar, cuspir, escarrar, espirrar, farfalheira, fungar, resmungar, rezingar, rilhar, roncar, rouco, soluçar, soprar, sorver, sugar, titubiar, tossir*, etc.

Estas formas representam na sua maioria outras tantas latinas, as quais têm também representantes nas demais línguas românicas. Exemplos de igual força onomatopaica abundam nas outras línguas, nomeadamente no alemão e no inglês.

39 — Palavras que designam movimento continuo. —

Nos seguintes exemplos, que designam movimentos continuos, encontramos uma fricativa ou uma lateral, ou um grupo de fricativa com lateral, de harmonia com o exposto no § 22: — *fluir, fugir, voar, vento*, etc.

Comentemos, a titulo de exemplo, a forma *fluir*.

Graças ao grupo *fl*, composto da fricativa *f* e da lateral *l*, dois fonemas que a cada passo encontramos como tradutores da *suavidade*, da *continuidade* (Cf. §§ 17 e 22), sinto no v. *fluir* a ideia do correr deslisando, com suavidade, tal como acontece com a corrente de um liquido de fraca velocidade e em leito sem asperezas nem saltos. Tal suavidade, entrevejo-a no significado primitivo do lat. *fluo, flumen* e *fluvius*; *fugere* e *volare*; *ventus*; do fr. *glisser*; do al. *fließen, fliehen, fliegen*; do ingl. *to flow, to fly, to flee*; e ainda do lat. *colare*, (fr.) *couler*, (al.) *laufen*.

40 — Palavras que designam movimentos descontinuos. — Antes de estudar alguns exemplos de palavras designativas de movimentos descontinuos, convém definir aqui em conjunto os conceitos de *continuo* e *descontinuo* applicados aos sons (§§ 12 e 13), às *superficies* (§§ 17 e 18; 49 e 50), aos *movimentos* (§§ 22 e 23; 39 e 40).

Há *continuidade* sempre que há *portamento* (Cf. § 11); há *descontinuidade* sempre que não há *portamento*, isto é, sempre que há *solução de continuidade*.

O deslizar de um corpo polido sobre uma superficie polida é um *movimento continuo*; o deslocar de um corpo sobre uma superficie áspera, por atrito de escorregamento, é um *movimento descontinuo*. — O rodar de uma roda sobre uma superficie polida é um *movimento continuo*; o andar de um animal, de um quadrúpede, por exemplo, à superficie da terra é um *movimento descontinuo*; o voar de uma ave e o nadar de um peixe são *movimentos continuos*.

É fácil de ver que nestes casos não pretendo dizer propriamente que é o movimento que é continuo ou descontinuo, mas que é continuo ou descontinuo o contacto do corpo que se move com o corpo em que o primeiro se move. Utilizo aqui a expressão absurda de movimento continuo e descontinuo por ser mais breve e ser paralela às de som continuo e descontinuo, superficie continua e descontinua. Querendo ser rigoroso, teria de dizer: *contacto continuo e descontinuo de um corpo em movimento com outro no qual o pri-*

meiro se move. Tal excesso de rigor de propriedade seria didacticamente inconveniente. Posto isto, passemos à análise de alguns exemplos.

a) — CORRER. — Não atribuem os etimologistas a esta palavra origem onomatopaica, pelo menos que eu saiba. Contudo, não é impossível que ela tenha nascido da imitação dos sons produzidos pelas patas dos animais e pelos pés dos homens em movimento acelerado.

Hoje fala-se de *corridas* de automóveis e até de barcos, e não sei se de aviões, mas isso deve ser por extensão de sentido: é de crer que o v. *currere* só tivesse designado primitivamente a deslocação veloz dos animais à superfície da terra, em consequência da *sucessão rápida dos sons bruscos* produzidos pelas patas desses animais em deslocação veloz, e também a deslocação dos rios, quando estes, pela sua velocidade, produzem a *sucessão de sons*, a que damos o nome de *marulho*.

O que me leva a esta suposição é a existência do *rr* na raiz desse verbo, *rr* que, como ficou dito no § 13, traduz a *sucessão rápida de sons bruscos*.

Fortalece esta presunção o facto de terem um *rr* nas suas raízes o gr. *ῥῖω*, o al. *rennen*, e o ingl. *to run*, por exemplo.

Quanto à forma grega, diz Boisacq. Dict.: «... *couler* = skr. *śrávati*, *couler*...», e a seguir faz referência a acepções relacionadas com a corrente de um rio, que citarei no § abaixo, ao tratar da palavra *rio*.

Como se vê, o significado originário (?), que Boisacq atribui ao gr. *ῥῖω* é o de *movimento suave* de um liquido, isto é, o do fr. *couler*, o do lat. *fluo*. Haverá fundamento científico para afirmar que na origem foi assim?

Por outro lado não relaciona o gr. *ῥῖω* com o lat. *currere*, e, quanto à origem deste, não vai mais longe.

Não obstante isto, admitindo que as palavras primitivas, assim como as modernas, em geral se não criaram por simples arbitrio; admitindo, de harmonia com os argumentos apresentados no corpo do presente trabalho, que a imitação dominou sempre na criação das palavras; admitindo que as vibrantes traduzem as *sucessões rápidas de sons bruscos*; e comparando o gr. *ῥῖω* com o lat. *currere*, com o al. *rennen* e com o ingl. *to run*, não é para estranhar que se peça aos etimologistas que examinem a hipótese de que todos esses verbos provêm de uma mesma raiz, criada por um povo e depois adoptada pelos outros, ou criada independentemente por vários;

a de que essa raiz primitiva teria surgido por onomatopeia; e a de que essa raiz não significaria primitivamente *movimento suave*, mas sim movimento agitado, digamos assim, produtor de uma *sucessão rápida de sons bruscos*.

A raiz de *currere*, bem como a de *πίω*, se é que não são da mesma, poderia ter nascido para traduzir foneticamente, onomatopaicamente, a *sucessão rápida de sons bruscos* produzida pelo bater das patas dos animais ou dos pés dos homens em marcha veloz, ou mesmo para traduzir o *som descontinuo* produzido pela deslocção das águas, quando ela se faz com certa velocidade em um leito pedregoso.

Depois, por extensão, perdendo-se o conceito de que *correr* designava a ideia da *deslocção que produz uma sucessão rápida de sons bruscos*, fixou-se o pensamento no conceito de que esse verbo significava a ideia de *deslocção veloz*, visto que em regra é a *deslocção veloz* que produz as *sucessões rápidas de sons bruscos*. Deste modo ter-se-ia tomado a causa pelo efeito, teria dominado a causa em detrimento do efeito.

Sendo assim, *rio* teria designado primitivamente a corrente de água caudalosa e veloz, ou o simples riacho, que corre entre pedras, de modo que se sinta aquilo a que chamamos o *marulhar*. Para designar a corrente de água suave, havia *flumen* e *fluvius*, em cuja estrutura há fonemas *continuos* e *suaves* como a corrente desses rios. Do mesmo modo se teria dado com o al. *Strom* e com o ingl. *stream*.

b) — JORRAR. — A origem da palavra *jorrar* não está ainda esclarecida. As hipóteses coligidas por Antenor Nascentes, *Dic.*, não convencem. Se ela não é uma criação puramente onomatopaica, ao menos o seu sabor onomatopaico é flagrante: o *jorrar* de um liquido é um fenómeno, que produz um misto de um *som continuo* (Cf. § 39) e de uma *sucessão rápida de sons bruscos* (Cf. § 13): o primeiro elemento está ali simbolizado pela fricativa *j*, e o segundo pela vibrante *rr*. — Comparem-se o port. *enxurrada* e o cast. *churrar*.

c) — RAPIDEZ. — Bréal, *Dict.*, dando o adj. *rapidus* como derivado do v. *rapio*, diz: «1.º ravisser, dévorant; 2.º pl. *souv. rapide*; *prae-rapidus*, a, um, très rapide, impétueux;». Falando de toda a família, termina com este comentário: «C'est la même famille de mots qui se retrouve en grec, avec une légère modification, sous la forme *ῥᾶπ* dans *ῥᾶπίζω*, je ravis, *ῥᾶπᾶζ*, crampon, ravisser».

O sentido primitivo de *rapio*, segundo nos diz Ernout, *Dict.*, é: «... emporter violemment ou vivement (sens physique et moral), prendre de force». O mesmo sentido encontramos em *roubar* e *rapina*; o al. *rauben* e *raffen*; o fr. *rafler*, etc. — Sendo assim, vê-se que o significado primitivo se obliterou completamente no adj. *rápido*, que hoje é sinónimo de *veloz*.

O que não é impossível é que o significado de «emporter violemment», em vez de ter nascido da ideia, por ex., de «tirar pela força», *lutando*, uma coisa a alguém (= roubar), tivesse provindo da ideia de «tirar pela força, *raspando*, uma coisa de uma superfície sólida (operação que produz uma *sucessão rápida de sons bruscos* (Cf. § 44)).

Se assim fosse, seria lícito admitir que o adj. *rápido* teria significado primitivamente a *velocidade* do animal, que *corre*, o qual, com o bater das patas no chão, produz uma *sucessão rápida de sons bruscos* (Cf. a).

d) — REGAR. — Ernout, *Dict.*, declara categoricamente: «Sans étymologie». Isto não quer dizer, claro está, que o lat. *rigare*, não tivesse tido uma origem. A afirmação de Ernout deve interpretar-se assim, salvo melhor juízo: «Não se lhe conhece a etimologia».

O acto de *regar*, quer suponhamos a água correndo por uma levada, quer suponhamos a água saindo por uma agulheta, quer a suponhamos caindo do céu sob a forma de chuva, não é coisa que se faça normalmente em silêncio: o cair sucessivo e rápido das gotas de água, ou o marulhar destas nas pedras e asperezas da levada, produz normalmente uma *sucessão rápida de sons bruscos*, o que está regular e expressivamente traduzido pela vibrante *rr*.

Se *rigare* não é de origem onomatopaica, baseada nessa *sucessão rápida de sons bruscos*, que o *regar* normalmente produz, ao menos não podemos negar que esse verbo tem certo onomatopéismo. Os verbos al. *regnen* e ingl. *to rain*, chover, convidam a uma comparação. Compare-se também o fr. *arroser*. Quanto a *ros*, *roris*, que se diz ser a base do *arroser*, cf. § 49.

e) — ROLAR. — Ao que parece, estão todos de acordo em admitir que *rolar*, directa ou indirectamente, é um derivado de *roda* (*rota*). Sendo assim, para não cair em repetições desnecessárias, remeto o leitor para o § 43, onde falo da palavra *roda*.

Não obstante isso, há um facto notável, a que não posso deixar de me referir aqui: do comentário feito no § 43 se verá que admito ter significado primitivamente o v. *rolar* «o movimento de uma roda sobre a superfície descontínua, áspera, irregular pelas pedras, por ex., o que produz uma *sucessão mais ou menos rápida de sons bruscos*». Hoje, contudo, o significado, que se atribui ao verbo *rolar*, implica a ideia de *suavidade*, de movimento *continuo*. É assim que temos a expressão *atrito de rolamento* (Cf. §§ 27 e 45).

A razão desta alteração semântica, pode ser que esteja em três factos: 1.º o da necessidade de distinguir vocabularmente as duas espécies de atritos; 2.º o da nítida diferença, quanto à natureza dos sons que produzem, que há entre o *rolar* e o *escorregar*; 3.º o da existência da consoante *l* na forma *rolar*, um dos fonemas mais adequados para traduzir o *movimento suave continuo* (Cf. §§ 22 e 29),

f) — TREPAP. — Qualquer que seja a origem directa desta palavra, não me repugna aceitar que a sua sílaba inicial *tre-* teria surgido para traduzir o *movimento descontínuo*, como deixei dito para *correr*, do animal que se desloca a passos rápidos.

Se admitimos a relação com o radical germ. *trep-*, donde o al. *Trepe*, escada, poderíamos considerar que a força imitativa, que teria levado a criar a palavra, não havia incidido na *descontinuidade do movimento* do animal, que se desloca, mas na *descontinuidade da superfície*, em que o homem ou o animal se desloca (Cf. §§ 18 e 51).

g) — TROTAR. — Não vale a pena discutir aqui a origem directa deste verbo. O que ficou dito a respeito da possibilidade da origem onomatopaica remota de *correr* é aqui aplicável *mutatis mutandis*. A existência nesse verbo do grupo *tr* e da oclusiva *t* dá um notável sabor onomatopaico à palavra.

41 — Palavras que designam movimentos de vai-vem (Cf. § 24). — A designação *movimento de vai-vem* pode comportar dois conceitos praticamente bem distintos: o do *movimento lento e repetido de ida e volta de um corpo no espaço*, e o do *movimento rápido e repetido de ida e volta de parte ou de partículas de um corpo*.

Ao primeiro tipo é que normalmente se chama *movimento de vai-vem*, como o do pêndulo de um relógio, o do êmbolo de uma bomba ou do cilindro de uma máquina de vapor, o de um baloiço,

etc.; ao segundo tipo chama-se normalmente *movimento vibratório*, como o de uma lâmina de aço presa por uma das extremidades, o de uma corda de viola, o das partículas de um corpo sonoro, como um sino, etc.

Os *movimentos de vai-vem* propriamente ditos, isto é, os *lentos* são traduzidos por grande número de palavras, em cuja estrutura fonética há um *l* isolado ou em grupo, que nos dá a sensação da *lentidão* desse movimento, como: *balançar, bambolear, cintilar, ondular, oscilar, tremular, vacilar*, etc.

Os *movimentos vibratórios*, isto é, os *rápidos*, são traduzidos por grande número de palavras, em cuja estrutura fonética há um *r* isolado ou em grupo, que nos dá a sensação da *rapidez* desse movimento, como: *tremar, tiritar, trepidar, estrebuchar, vibrar*, etc.

Sobre a morfologia do *v. tremar* em grego e em latim, vejamos por exemplo, Boisacq, Bailly, Bréal, Ernout, Walde. Não merece a pena examinar aqui a questão. O que é fora de dúvida é que o *v. tremar* designa um *movimento descontínuo*, uma *sucessão rápida de movimentos de vai-vem*, e que há nele um sabor onomatopaico tão acentuado, que, sempre que o empregamos, temos a sensação de ver alguma coisa a *mover-se rapidamente*. Sendo assim, não é temeridade admitir que a sua origem remota seja onomatopaica.

Outro tanto se pode dizer nas suas linhas gerais a respeito dos verbos *vibrar* e *trepidar*.

42 — Palavras que designam cessação brusca de um movimento. — Conforme indiquei no § 25, a *cessação brusca de um movimento* interpreta-se normalmente pelo emprego de oclusivas, como indicam os exemplos seguintes: — *bater, tocar, parar, baque, pum, pumba, bumba, tic-tac, traque, trás, truca, tombar, cair, choque, tabefe, tapona, estalo*, etc.

43 — Palavras que designam coisas pelo som que produz o seu movimento. — Há várias palavras, que designam coisas, cujo movimento normal produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*, e que têm na sua estrutura fonética uma vibrante, quer isoladamente, quer em grupo com uma consoante, o que, se não podemos dizer categoricamente que lhes indica origem onomatopaica, pelo menos lhes dá um nítido sabor onomatopaico: — *broca, carro, claxon, draga, grossa, roca, roda, rodo, serra, trado, verruma*, etc.

Comentemos algumas destas formas:

a) — BROCA. — A origem desta palavra não está esclarecida. Ela designa um instrumento de perfuração, cujo movimento no exercício das suas funções, produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. Notem-se o gr. *τρυπανον*, o al. *Bohrer*, e o ingl. *drill*. Comparem-se *rosca* e *tarracha*, e ainda *verrumba*, a que abaixo me refiro.

b) — DRAGA. — Atribui-se a esta palavra o étimo *drag*, ingl. que se relaciona com *to draw*, arrastar. A *draga*, com efeito, é um instrumento de arrasto, e o *arrastar* (Cf. § 44) é um acto que produz *atrito de escorregamento*, e o *atrito de escorregamento* produz normalmente uma *sucessão rápida de sons bruscos*.

c) — GROSSA. — Não está determinada a origem desta palavra. Trata-se de um utensílio de carpintaria, uma espécie de lima grossa, que, no exercício das suas funções, produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*.

d) — ROCA. — O movimento deste utensílio de fiar produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*, o que, se lhe não indica uma provável origem onomatopaica remota, ao menos dá-lhe um notável sabor onomatopaico.

e) — RODA. — Ernout, *Diet.*, faz uma longa dissertação sobre o significado primitivo da palavra *roda*: «La notion de *roue* s'exprime par des substantifs appartenant à des racines signifiant *circular, courir*; ...».

A que se teria aplicado primitivamente a palavra *roda*? Se foi à roda dos carros, não seria impossível que essa palavra tivesse surgido por *imitação da sucessão rápida de sons bruscos*, que a roda produz quando roda, sobretudo em terreno pedregoso, o que seria normal nos tempos antigos, em que não havia estradas asfaltadas ou de outro pavimento liso.

É de crer que com a palavra *carro* se tivesse dado o mesmo, visto que as rodas se aplicam aos carros.

f) — RODO. — Designa esta palavra um utensílio de arrasto, um utensílio, portanto, que no exercício das suas funções produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. Atribui-se-lhe o étimo *rutrum*, de *ruo*, que deu em port. *ruir*. — Se a palavra não nasceu para imitar a *sucessão rápida de sons bruscos*, que esse utensílio produz no exercício das suas funções, este facto dá-lhe um particular sabor

onomatopaico, que convém notar; se ela provém, como é natural, de *ruo*, não deixa ela por isso de ter um provável fundamento onomatopaico, visto que o *ruir* de um muro, por ex., é um facto que produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. O *rr*, que caracteriza o onomatopeismo do *ruir*, é o mesmo que caracteriza o onomatopeismo de *arrombar*, de *derrocar*, de *esbarrondar*, de *ranger*, de *rebrantar*, de *ruido*, de *rumor*, etc.

g) — SERRA. — Ernout diz: «Terme technique sans etymologie claires». — A serra é um instrumento cortante, formado por uma lâmina de ferro ou de aço provida de dentes em um dos seus fios. Quando funciona, esses dentes produzem na madeira, na pedra ou no metal, que se propõe cortar, uma *sucessão rápida de sons bruscos*, acompanhada de um *som continuo*, provavelmente produzido pelo roçar das faces da lâmina nas paredes da fenda já feita pelo corte.

O *s*- inicial traduz bem esse *som continuo*, e o *rr* medial essa *sucessão rápida de sons bruscos*. Em presença disto será temeridade admitir a hipótese de que *serra* é de origem onomatopaica?

O al. tem *Säge*, onde não há a vibrante *rr*, mas há a fricativa *s* sonora, que muito bem pode traduzir o som produzido por uma serra de dentes miúdos. Cf. o lat. *secare*.

h) — TRADO. — Ao que parece esta palavra representa o lat. *taratru*, mediante a seguinte provável evolução: *taratru* > *taladro* (por dissimilação do *r* em *l*) > *taadro* (por queda do *-l-* intervocálico) > *tadro* (por contracção de *aa* em *a*) > *trado* (por metátese). É uma espécie de *broca*. O que ficou dito nesta palavra é sensivelmente aplicável aqui.

i) — VERRUMA. — Sobre a origem desta palavra tem-se dito muita coisa (Cf. Antenor Nascentes, *Dic.*). No *Boletim de Filologia*, VIII, num artigo intitulado «Crítica etimológica» trato dela em particular, onde me inclino a crer que a sua origem está no lat. *verre*, porco, por um fenómeno de etimologia popular. Sendo assim, não se trata, portanto, de um exemplo de criação onomatopaica, mas de um exemplo de sabor onomatopaico muito acentuado. Da mesma origem creio que é a forma cast. *barrena*.

44 — Palavras que designam atrito de escorregamento. — É impressionante o facto de vários actos, que implicam atrito de

escorregamento, serem designados por palavras, em cuja estrutura fonética entra um *r*, simples ou múltiplo, isolado ou em grupo. Produzindo o atrito de escorregamento de um corpo sólido numa superfície áspera uma *sucessão rápida de sons bruscos*, e sendo as vibrantes os fonemas, que normalmente simbolizam onomatopaicamente tais sucessões, se não temos fundamento sólido para afirmar categoricamente que as palavras abaixo mencionadas são de origem onomatopaica, pelo menos não é temeridade admitir que primitivamente teriam tido tal origem. O seu onomatopeismo é flagrante: — *arranhar* (Cf.: cat. *garranyar*; fr. *égratigner*; al. *kratzenritzen*, *krauem*; ingl. *to scratch*, *to scrape*); — *arar*; — *arrastar* (Cf.: cast. *rojar*; lat. *raptare*, *reptare*; al. *reissen*; ingl. *to draw*, *to drag*, *to trail*, *to crawl*, *to creep*, *to trawl*; fr. *trainer*); — *brocar* (Cf.: furar; fr. *creuser*, *trouer*; al. *graben*, *bohren*; ingl. *to bore*); — *escarafunchar*, *escarapelar*, *escarificar* (Cf. al. *schropfen*); *escorregar* (Cf. al. *rutschen*); *escrever* (Cf. lat. *scribere*; gr. *γραφω*; al. *Schreiben*; ingl. *to write*); — *esfregar* (Cf. gr. *τριβω*; lat. *fricare*; fr. *frotter*; al. *reiben*, *schrubben*; ingl. *to rub*, *to scrub*, *to grate*); *esgravatar*; *raer* (Cf.: lat. *radere*; al. *kratzen*, *scheren*, *schräpen*; ingl. *to scrape*, *to graze*, *to rake*); — *ralar*; *raspar*, *rapar* (Cf. al. *raspeln*; ingl. *to rasp*); — *riscar* (Cf.: al. *streifen*; it. *raschiare*); — *roçar*; *roer* (Cf. fr. *ronger*); — *varrer* (Cf.: al. *kehren*, *bursten*; ingl. *to brush*).

45 — **Palavras que designam atrito de rolamento.** — No § 27 deixei consignado o que entendo por atrito de rolamento. O atrito de rolamento é um fenómeno que de certo modo se confunde com o do movimento contínuo. Sendo assim, são aplicáveis aqui os exemplos apontados no § 39.

46 — **Palavras que designam o fragmentar de um corpo sólido.** — Há vários actos do fragmentar de um corpo sólido, cujas designações, se não são de origem onomatopaica, pelo menos têm um sabor onomatopaico tão acentuado, que não é temeridade admitir que primitivamente teriam tido tal origem. Examinando a estrutura fonética das seguintes palavras designativas desses actos, verificaremos que não deixam de ter certa propriedade imitativa os fonemas, que entram na sua constituição, isto é, que há nessas palavras certo onomatopeismo.

O fragmentar de um corpo sólido produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*, e tais sucessões costumam traduzir-se onomatopaicamente pelas vibrantes (Cf § 13), e nos exemplos abaixo mencio-

nados são as vibrantes a base dos radicais: *britar, esbrugar, quebrar, rachar, romper, rasgar, triturar* (Cf: al. *brechen, zerreißen, zerreiben*; ingl. *to break, to grind*; fr. *briser*); *krümeln* (al.).

47 — Palavras que designam fenómenos que produzem sucessões rápidas de estalidos. — Há vários grupos de sons secos, que tomam o aspecto de sucessões rápidas de estalidos, cujas designações, se não são de origem onomatopaica, pelo menos têm um sabor onomatopaico tão acentuado, que não é temeridade admitir que primitivamente teriam tido tal origem.

As *sucessões rápidas de sons bruscos* (Cf. § 13) e, portanto, de estalidos, costumam traduzir-se onomatopaicamente pelas vibrantes, como se vê nos seguintes exemplos: — *arder, crepitar, crestar, frigir, fritar, esturrar, ferver, torrar, torresmo*, etc. (Cf. fr. *brûler, rôtir*; al. *prasseln, rasseln, rascheln, brühen, brennen, braten, rösten, bräunen*; ingl. *to crackle, to burn, to scorch, to broil, to roast*); *kröschen* (al.).

48 — Palavras que designam aglomerados de elementos. — Será temeridade estranhar a coincidência de existir uma vibrante em muitas palavras, que designam aglomerados de elementos? Será temeridade considerar que a pequenez desses elementos e a sua aproximação uns dos outros produz um conjunto, que nos dá a sensação de uma superfície descontínua, de uma *sucessão rápida* comparável às *sucessões rápidas de sons bruscos*? Não sei. Aqui ficam alguns exemplos: *areia, farelo, farinha, grei, grumo, grupo*.

49 — Palavras que designam elementos de aglomerados. — O que disse no § anterior, repito aqui. Creio digna de atenção a coincidência de existir uma vibrante em grande número de palavras, que designam elementos de aglomerados: — *grão, grau, fruto, ros* (*roris*, lat.), *trigo*, etc.

50 — Palavras que designam superfícies continuas. — Não será para considerar a existência de uma lateral em muitas palavras designativas de superfícies continuas, como: — *face, liso, suave, flácido, fofo, seda*, etc.? (Cf. § 17).

51 — Palavras que designam superfícies descontínuas. — É impressionante a quantidade de palavras existentes

designativas de superfícies descontinuas, que têm na sua estrutura fonética uma vibrante, símbolo da repetição, das sucessões rápidas: — *amarfanhar, amarrotar, áspero, crespo, crista, crivo, crosta, encarquilhar, farrapo, farripa, franzir, frisar, grade, grelha, greta, raro, rede, ruga, etc.*

CAPÍTULO VI

Tentativa de explicação da génese de certas palavras

52 — **Berrar.** — Começemos por ver o que dizem desta forma alguns tratadistas:

1.^a — Antenor Nascentes: — «M. Lübke, REW, 9239, considera, como o esp. *berrear*, um derivado do lat. *verre*, varrão. Cornu, *Port. Spr.*, § 129, vê talvez derivação do lat. *belare* através de uma forma **berlare*. Figueiredo deriva do lat. *barrire*».

2.^a — Körting (1192): — «*bālo* n. *bēlo*, -*äre*, blöken; ital. *belare*; rum. *sbier*, *ai*, *at*, *a*; frz. *bêler* (gehört nur scheinbar hierher, in Wirklichkeit ist es = **badillare*, woraus zunächst *baeler* entstand; mit *bêler* identifiziert Doutrepont, Z XXI 231, pic. *bèrlè* 'criailler, pleunicher'); prov. cat. *belor*; span. *belar* (*berrear*); ptg. *belar* (*berrar*). Vgl. Dz 48 *belare*; Gröber, ALL I 249. Aus *ba(lare)* **lotrare* entstand nach Caix, Z I 422, span. *baladrar*; (ptg. *braadar*, *bradar*). S. *latro*».

Em 10081, diz: — «*vërrës*, -em m., Eber; ital. *verre*, -o; sard. *berre*; rum. *vier*; (prov. frz. *verrat*, altfrz. auch *ver*); cat. *verro*; span. (*verraco*, *varraco*, *barraco*; ptg. *varrão*, *barrão*, *barracco*). Vgl. Dz. 697 *verrat*; Gröber, ALL VI 140. Meyer-L., Roman. Gr. I 340, leitet von *verres* ab span. *berrear*, ptg. *berrar* 'brüllen', *berra* 'Brunst', vgl. auch. Parodi, R XXVII 219».

3.^a — Meyer-Lübke (9239): — «*vërrës* 'Eber'. — Rum. *vier*, it. *verre* (> friaul. *viru*), log. *berre*, uengad. *verl*, afrz. *ver*, wallon. *vier*, prov., kat. *verre*. — Ablt.: frz., prov. *verrat*, kat. *verrae*, span. *verraco*, *carraco*, pg. *barraco*; nordkat. *berrá*, pg. *varrão*, *merrão*; bologn. *vera*, kat. *verra*, *berra*, 'Sau'; wallon. *beret* 'brünstige Sau', kalabr. *verrina* 'gepokeltes Schweinefleisch', *verrinie* 'gepokelte

Saubrust', 'Dirne'; siz. *verra*, abruzz. *viere*, *verrapiye* 'Jähzorn', 'Grimm', neap. *viere*, *verrittse* 'Eigensinn', 'Laune', siz. *virrusu*, *virutu*, abruzz. *verrute* 'jähzornig'; kalabr. *verriare* 'brünstig sein', rum. *zbiară* 'brüllen' (vom Rindvieh), span. *berrear*, pg. *berrar* 'brüllen', 'Blöken', pg. *berra* 'Brunst'; kat. *berrit*, sp. *berrido*, pg. *berro* 'Geheul', sp. *berrin* 'heulendes Kind'. — . . . 2.

Nenhuma das hipóteses apresentadas me parece convincente. Há um preconceito, que cria dificuldades aos etimologistas na determinação da verdade, que é o pretenderem à viva força encontrar uma forma-étimo, seja ela como for, e venha ela donde vier, sem procurar justificar a sua aceitabilidade, esquecendo-se muitas vezes da possibilidade de criações onomatopaicas autóctones.

Creio que estamos diante de um desses casos. Com efeito: a hipótese de *verre*, porco, como as de *belare* e de *barrire*, não se pode dizer que sejam disparatadas, mas, sem falar de certas dificuldades fonéticas, há qualquer coisa nelas que nos faz hesitar em as admitir como étimos prováveis do port. *berrar* e do cast. *berrear*. É dos tais casos, em que nem encontramos argumentos sólidos para contestar, nem argumentos sólidos para aceitar. Como meras hipóteses, aceitamos a sugestão, enquanto não aparece outra mais satisfatória.

Tenho a impressão de que *berrar* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica nossa, como *berrear* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica castelhana, como *beugler* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica francesa, etc.

O que é natural é que qualquer indivíduo, de qualquer país, interprete a voz da cabra, por ex., por qualquer onomatopeia, que tenha por base um *r* múltiplo, porque sente nessa voz qualquer coisa que mais ou menos se assemelha a esse *r*.

Por outro lado, como abaixo procurarei explicar, é natural que interprete por *b* ou por *m* o início dessa sucessão de sons brusclos, que interpretou por *r*, porque sente que essa sucessão é precedida por um som qualquer de natureza oclusiva.

A imitação não vocabulizada da voz da cabra, na sua expressão mais simples de *onomatopeia não vocabulizada* (Cf. os meus *Elementos*, § 9), seria *brrrr*. Vocabulizando-a, isto é, dando-lhe uma vogal para ponto de apoio do *b*, e uma terminação verbal, facilmente surgiriam *berrar*, *berrear*, *barrire*.

Para bem se compreender tudo isto, torna-se necessário determinar o modo como as cabras, por ex., produzem a voz, que

as caracteriza, isto é, determinar a mecânica articulatória do *berrar*.

Escutando com atenção o *berrar* das cabras, facilmente notaremos que ele é, na sua parte mais longa e mais característica, uma *sucessão de sons bruscos*, uma sucessão de oclusivas.

Examinando bem a natureza dessas oclusivas, notaremos logo que elas são diferentes das da nossa língua, isto é, que nem são bi-labiais (*b, p, m*), nem perifero-alveolares (*d, t, n*), nem dorso-velares (*g, k, ŋ*), mas, salvo erro, guturais ou laringeas, porque são produzidas pela oclusão das cordas vocais.

Como à fenda, que formam as cordas vocais, se chama *glote*, para precisarmos melhor o ponto de articulação dessas oclusivas, seria melhor chamá-lhes *glotais*.

Não tenho neste momento possibilidades de proceder a experiências, que me permitissem determinar a mecânica articulatória dessa oclusiva no homem, e menos ainda em animais.

Não obstante isso, creio seguro que é o cerramento da glote, pela forte pressão das cordas vocais umas contra as outras, que produz essa oclusão. É pelo menos o que me dá a sensação muscular e a observação ao espelho do aparelho fonador e articulador, quando, contorcendo-me com uma dor, emito os gemidos bruscos e fortes, resultantes de um impedimento da saída do ar e da voz, operado na região laringea.

O *berrar* da cabra, como o do carneiro, é uma sucessão dessas oclusivas glotais. Imitando, somos capazes de reproduzir com maior ou menor exactidão o *berrar* de um desses animais, o que prova que somos capazes de articular essas oclusivas, o que, por sua vez, nos permite, pelo exame de nós próprios, fazer uma ideia do modo como funciona o aparelho articulatório desses animais na produção do *berrar*.

Somos capazes de reproduzir o *berrar* desses animais, mas, como na nossa língua não possuímos tais oclusivas, na representação onomatopaica traduzimos essa série de oclusivas por um *rr*, pelo *princípio do recurso* (Cf. a minha *Tentativa*, § 236).

Note-se que entre o *berrar* da cabra e o do carneiro há uma diferença notável, que consiste não na natureza da oclusiva, que produzem, mas no espaçamento dessas oclusivas na sucessão. Essa diferença, que somos capazes de marcar com suficiente nitidez na simples imitação do *berrar* desses animais, na tradução onomatopaica confundimo-los: é *berrar* para a cabra e para o carneiro, como é para outros animais de voz mais ou menos semelhante.

53 — **Escarrar.** — 1.^a — Antenor Nascentes : — «Do lat. *screare* com suarabácti de *a*; Cornu. *Port. Spr.*, §§ 90 e 145, tira de **excerare, excreare*».

2.^a — Littré : — «Berry, *crâier*, cracher salement; picard, *raker*; bourguig. *craiché*; wallon, *rèchi, rachi*; provenç. *es-cracar*; sicil. *s-craccare*; pays de Coire, *s-cracciar*; du germanique: anc. scandinave, *hrâki*, salive, *hraekia*, cracher; anglo-sax. *hraekan*. La forme germanique, avec l'*h* devant l'*r*, explique à la fois *cracher* et *racher* qui sont le même mot, comme *Chlodovig* contient à la fois *Clovis* et *Louis*. Il est probable que le latin *screare* renferme un radical commun à celui des langues germaniques (*scr* égal à *hr*); mais il ne peut rendre raison des formes romanes; il aurait donné *escreïer*, et non *cracher* ni surtout *rachier*».

3.^a — Darmesteter : — «*Cracher*. Mot d'origine german. (Cf. nordique *krâki*, salive; *kraekian*, cracher, etc.)».

4.^a — Bloch : — «*Cracher*, XII^e siècle. — Onomatopée qui remonte à un latin **craccare*, cf. l'italien *sc(a)racchiare* et l'ancien provençal *escracar*. Le même radical se retrouve dans les parlers germaniques, cf. ancien scandinave *krâki*, ancien anglais *kraca* 'crachat', mais ce sont des formes vraisemblablement indépendantes. — *Cracher* domine aujourd'hui dans les parlers galloromans; *raquer*, picard, *rachier*, wallon sont des variantes de *cracher*, comme le montrent des formes analogues de dialectes italiens, par exemple le napolitain *rakare*; on trouve, en outre *esco(u)pir*, parlers méridionaux, traces dans l'est, cf. ancien français *escopir*, espagnol *escupir*, de formation onomatopéique; le latin populaire **exco(n)-spuere*, parfois proposé, est peu vraisemblable. — Tout *craché*, fin XVIII^e siècle.

5.^a — Diez : — «*Racher* altfr. wallon. *rechî*, pic. *raquer*, pr. *racar*, comask. *racà, recà* ausspeien; vom altn. *hrâki* speichel, *hraekia* speien, ags. *hraekan*. Das neufr. *cracher* scheint verstärkung desselben wortes; zsgs. pr. *escracar* (sbst. *crai*), sic. *scraccari*, chw. *scracchiar*».

6.^a — Körting : (2449) : «*cōnspūo, spūi, spūtum, spūērō*, spucken; ptg. *cospir, cuspir*, vgl. Dz 444 s. v. (ital. ist 'spucken' = *sputare*; prov. *escracar*; frz. *cracher* vermutlich vom westgerm. **rākōn*,

Stamm *hrak*, vgl. Mackel 47; span. *escupir* = **exspuīre* für *exspuēre*).

(3378): **ĕxcrāco*, -āre (*ex* + westgerm. *rākōn*, Stamm *hrak*), ausspeien, ist, wie es scheint, die lateinisch ausgedrückte Grundform für rtr. *seracchiar*; prov. *escracar*, dazu das Vbsbst. *crai* (neben *escracar* auch *racar*; altfrz. *rachier*; neufrz. *cracher*). Das anlautende germ. *h* ist also teils zu *c* verstärkt worden, teils abgefallen. Vgl. Dz 663 *racher*; Mackel p. 47.

(4642): *germ. Stamm **hrak*, davon westgerm. *rākōn*, speien; davon ital. (mundartlich, bezw. comask) *racá*, ausspeien; rtr. *seracchiar*; prov. *racar* (daneben *escracar*); altfrz. *rachier*, neufrz. *cracher* (das anlautende *c* kann nicht = germ. *h* sein, sondern ist wohl als schallnachahmender Zusatz aufzufassen). Vgl. Dz 663 *racher*; Mackel, p. 47.

(7731): *westgerman. *rākōn* (Stamm *hrak*), speien; prov. *racar*; altfrz. *rachier* (pik. *raquer*). Das gleichbedeutende prov. *es-cracar*, rtr. *seracchiar*, neufrz. *cracher* scheint zu demselben Stamme zu gehören, doch macht die Erklärung des anlautenden *c* grosse Schwierigkeit, falls man dasselbe nicht als bloss onomatopoeietisch halten will. Vgl. Dz 663 *racher*; Mackel p. 47 u. 136 f.).

7.^a — Meyer-Lübke (4752): **krak* (Schallwort) 'spucken'. It. *sc(a)racchiare*, ait. *sgargagliare*, siz. *zgrakkari*, gen. *skraká*, mail. *skarká*, abergam. *scaracayar*, venez. *skarkagar*, moden., regg. *skar-kayār*, parm. *sgargayar*, log. *iskarakare*, obw. *ēgraká*, frz. *cracher*, prov. *escracar*; kors. *kayyarone*, amail. *scarcalio*, log. *karasu*, apav. *scarculo* 'Speichel', it. *scargaglioso* 'verschnupft', 'erkältet' Flechia, AG1. 3,121; Nigra, AG1. 14,391; Zanardelli, AST. 1,25. Vgl. 7017. (Anord. *hraki* Diez 663; Vising, NTF, 4, 7, 27 ist historisch wenig wahrscheinlich).

8.^a — Gamillscheg: «*Cracher* 'spucken'. 12. Jhdt., aus vlat. **craccare*, **excraccare*, das nach REW 4752 Schallwort ist, dem aber in den germanischen Sprachen ein gleichbedeutender Stamm **hrak*-entspricht, vgl. anord. *hraki*, agls. *hrāca* 'Speichel', anord. *hraekja* 'spucken', sodass in gallorom. **craccare* wohl fränkisch **hrākjan* und der vlat. Schallstamm **krak*-zusammengefallen sind, vgl. auch Meyer-Lübke, GRM 1,638; Flechia, AGI 3,124; Diez 663; Braune, ZRP 19,366. Einfluss des germanischen Wortes ist namentlich wegen afrz. *rachier* dass. nötig anzunehmen, das die spätfrän-

kische Entwicklung des anlautenden *hr-* zeigt; vgl. aber REW 7017, wo ein weiterer Schallstamm **rak-* angesetzt wird».

* * *

Como se vê do que fica transcrito, exceptuando Antenor Nascentes, nenhum dos autores citados se refere à forma portuguesa *escarrar*.

A hipótese de que essa forma portuguesa provém da latina *screare* parece-me em absoluto improvável à luz da nossa fonética histórica.

Salvo melhor juízo, é aplicável aqui o que digo no artigo *Berrar* (Cf. 652) a respeito do preconceito que leva os etimologistas a quererem à viva força encontrar uma forma-étimo, seja ela qual for, e venha ela de onde vier, sem procurar justificar a sua aceitabilidade, esquecendo-se muitas vezes da possibilidade de criações onomatopaicas autóctones.

Creio que estamos em presença de um desses casos. O facto de haver no latim a forma *screare*, de significação idêntica e de forma *aproximada*, não é razão bastante para que possamos admitir incondicionalmente que a nossa forma *escarrar*, dela se tirou.

Antes de aceitar tal étimo, devemos procurar ver se é possível passar-se foneticamente dele para a forma actual, e não esquecer que se trata da designação de um acto sonoro, de um acto, portanto, susceptível de ter uma denominação de origem onomatopaica.

Tenho a impressão de que *escarrar* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica nossa, como *cracher* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica francesa, como *screare* não é nem mais nem menos do que uma criação onomatopaica latina, etc.

O que é natural é que qualquer pessoa, de qualquer país, interprete o som produzido pelo *escarrar* por qualquer onomatopeia, que tenha por base um *r* múltiplo, porque esse som não é outra coisa que um *r* múltiplo prolongado e surdo.

Por outro lado, é natural que interprete por *k* o início desse som de *escarrar*, porque esse som no seu início não é outra coisa que um *k* surdo.

Especifiquemos os factos:

O v. *escarrar* designa, de uma maneira geral, o acto de deitar fora os mucos (não a saliva, cf. *cuspir* § 54), que, das fossas nasais ou dos brônquios, se puxam para a cavidade bucal.

Esse acto consta de duas operações fundamentais: a de puxar o muco para a cavidade bucal, e a de expelir esse muco para fora da boca.

A primeira operação exige um esforço inspiratório executado através das fossas nasais, se o muco é puxado das fossas nasais, ou expiratório executado através da região dorso-velar, se o muco é puxado dos brônquios, de tal modo que obriga o véu palatino a entrar em vibração e a produzir um som vibrante ou seja um prolongado *r* múltiplo velar surdo.

É provavelmente porque se faz vibrar o véu palatino na execução dessa primeira operação, de modo que se produz um prolongado *r* múltiplo velar; e porque, para imprimir maior força a essa vibração do véu palatino, indispensável para ajudar a puxar o muco, se começa por fazer uma forte oclusão da passagem das fossas nasais para a faringe pela adaptação do véu palatino às paredes da faringe, se o muco vem das fossas nasais, ou da passagem da faringe para a cavidade bucal pela adaptação do véu palatino ao pos-dorso da língua, se o muco vem dos brônquios, de modo que se produz uma forte oclusiva velar *k*; é provavelmente por isso, repito, que vários vocábulos que designam a ideia de escarrar em várias línguas possuem na sua estrutura fonética uma oclusiva velar *k* seguida de uma vibrante múltipla *r*, e não outra oclusiva.

54 — **Cuspir.** — Designa este verbo, de uma maneira geral, o acto de deitar fora a saliva (não o escarro, Cf. *escarrar*, § 53), que se acumula na cavidade bucal.

Há vários modos de cuspir, que talvez não mereça a pena descrever aqui, visto que fundamentalmente para o mecanismo de todos eles os factores são comuns: há uma oclusão mais ou menos pronunciada feita pelos lábios (oclusão bi-labial), ou pela periferia da língua de encontro à região alveolar (oclusão perifero-alveolar), e uma forte expiração brusca (uma explosão), que, forçando a oclusão, obriga a saliva a ser expelida com maior ou menor violência.

É provavelmente porque se faz uma das citadas oclusões na execução do acto de cuspir, de modo que se produz uma oclusiva *p* ou uma *t*, que vários vocábulos, que designam esse acto, possuem na sua estrutura fonética uma das ou ambas as oclusivas *p* e *t*: — *spuere* (lat.); *πρω* (gr), *speien* (al.), *to spit* (ingl.), *sputare* (lat.), *sputare* (ital.), *cuspir* (port.), *escupir* (cast.), *conspuere* (lat.), *spucken* (al.).

55 — **Espirrar.** — 1.^a — Antenor Nascentes: — «A. Coelho filia ao lat. *spirare*. Cortesão a um lat. **expirulare* ou **spirulare* (cfr. *cantarolar* de *cantar*) e a forma popular *espirrar*. V. RL, I, 48, n.º.

2.^a — Leite de Vasconcelos (RL, I, 48, n.): — «*Spilrar*, *ispilrar* (*espirrar*) são decerto as formas primitivas; assentam num diminutivo **expirulare* ou **spirulare* (cfr. o port. *cantarolar*, de *cantar*)».

3.^a — Körting: — «*sternūto*, -*äre* (Frequ. v. *sternöre*), niesen; ital. *sternutare*, *starnutare*; rum. *stärnut ai at a*; prov. *estornudar*, *stornudar*, *estrunidar*; frz. *éternuer*; cat. *esternudar*; span. *estornudar*; (ptg. *espirrar*, Wort unbekannter Herkunft; an *spirare* oder *expirare* zu denken, liegt nahe, das richtige Grundwort dürfte indessen damit nicht gefunden sein)».

A forma *espilrar* dá força à hipótese de Leite de Vasconcelos, seguida por Cortesão, pois que me não parece fácil a explicação daquele *l*, salvo por uma analogia, que não descortino.

A hipótese de *spirare* tem a dificuldade fonética da passagem do *r* simples ao *rr* múltiplo. Contudo, não seria impossível essa passagem por força onomatopaica, pois que o espirro produz um som prolongado, que em certos casos é a fricativa *x*, e em outros a vibrante múltipla *rr*. Seria um caso análogo ao de *arranhar*, se é que é acertada a explicação, que proponho para esta forma portuguesa.

Semânticamente a hipótese de *spirare* é aceitável, pois que, com efeito, o *espirrar* é um acto de *espírar* ou de *expírar* com violência e bruscamente; a de **spirulare* ou **expirulare* levar-nos-ia a admitir que a criação da palavra se tivesse baseado numa pitoresca metáfora, que consiste em se compararem com *pérolas* (*pirulas*) as gotas de saliva (os *perdigotos* da gíria), que com violência se expellem pela boca, quando se espirra.

Não obstante o que fica dito, não é impossível que a forma portuguesa *espirrar* seja criação nossa por via onomatopaica. Vejamos porquê e como:

O v. *espirrar* designa, de uma maneira geral, o acto de expelir brusca e violentamente o ar pela boca e pelo nariz por uma causa fisiológica, que não importa aqui averiguar.

A brusquidão e a violência com que se expelle o ar nesses momentos obrigam os órgãos a uma oclusão em qualquer parte do canal bucal, geralmente linguo-palatal ou bilabial, de tal modo que

se produz a oclusiva *t* ou *p*. Por outro lado, como, durante essa expulsão de ar, os órgãos continuam a reagir para manter a oclusão, sucede que esta é forçada a interromper-se intermitentemente, a ter soluções de continuidade, de que resulta a produção de uma sucessão de oclusivas bruscas, fortes e rápidas, isto é, de uma vibrante *r*.

56 — **Rasgar.** — Diz A. Nascentes: — «Do lat. *resecare*, cortar fora, aparar (Diez, *Dic.*, 264, Cornu, *Port. Spr.*, § 90, A. Coelho, *Supl.*, G. Viana, *Apost.*, II, 343, Cortesão, Leite de Vasconcelos); gal. e asturiano *resgar*. esp. *rasgar*. Diez, *Gram.*, I, 344, M. Lübke, REW, 7074, tiram de lat. **rasicare*, raspar. A forma *resgar* é popular no sul de Portugal (G. Viana, *loc. cit.*, Leite de Vasconcelos, *Esquise*. 210). O *e* deu *a* por influência do *r* (Cornu, Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, § 18, Nunes, *Gram. Hist.*, 57, Sousa da Silveira, *Lições de português*, 71). O abrandamento do *c* foi anterior à síncope do *i* (Pidal, *op. cit.*, § 54). V. RL, II, 23, VII, 144».

Foneticamente, quer *resecare*, quer *rasicare* poderia ter dado a forma *rasgar*. Examinemos agora as coisas no seu aspecto semântico:

Resecare é um composto de *re* + *secare*. cortar; **rasicare* seria um frequentativo de *radere*. raspar, formado como *rasitare* do tema do sup. *rosus*.

Se têm algum fundamento os princípios expostos no presente trabalho sobre a extensão dos domínios das criações onomatopaicas, a forma *secare*, graças à fricativa inicial, devia ter surgido para significar o cortar suave, que não produz *sucessões rápidas de sons bruscos*, tal como ainda hoje significa fundamentalmente o *segar* port.

A forma *resecare*, porém, graças ao *r* inicial, já poderia passar a significar um acto que produzisse uma *sucessão rápida de sons bruscos*, de valor aproximado ao do primitivo *secare*. Cortar e *rasgar*, com efeito, são de valores aproximados: ambos gravitam em torno da ideia fundamental do dividir, do fragmentar um corpo sólido. A diferença está apenas no modo de executar o acto.

A forma *rasicare*, pelo seu significado, não se relaciona com essa ideia fundamental: a ideia de *raspar* não se confunde com as de *cortar* e *rasgar*. Por isso parece-me de rejeitar a hipótese de que o étimo de *rasgar* é *rasicare*.

Supondo que o étimo era **rasicare*, e sendo *radere* (Cf. *Raer*), provavelmente de origem onomatopaica, teríamos que *rasgar* era também de origem onomatopaica.

Supondo que o étimo é *resecare*, e não sendo *secare* uma forma interpretativa de uma sucessão rápida de sons bruscos, teremos de concluir que o onomatopeísmo de *rasgar* não é de origem primitiva, mas posterior: esse onomatopeísmo, esse sabor onomatopaico, provém do *re-* que posteriormente se apôs à forma *secare*, e do som de *j* que tomou o *s* em português: *rasgar* = *rajgar*. Quer dizer: Não foi o significado que originou a forma vocabular, mas este que originou aquele. Por outras palavras: não se criou a palavra *resecare*, com a forma que tem, com o *r-* inicial, porque a operação, que esse verbo designa, produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*. Criada essa forma por um processo morfológico, e não fonético (isto é, onomatopaico), por ela ter um *r-* ter-se-lhe-ia criado uma nova acepção, a de *rasgar*, que é operação, que produz uma *sucessão rápida de sons bruscos*.

57 — **Romper.** — Nenhum dos etimologistas, que tenho à mão, aventa a hipótese de que o lat. *rumpere* tivesse tido origem onomatopaica. Não obstante isso, o sabor onomatopaico, que lhe dá o *r* inicial, faz que não sinta repugnância em aceitar a possibilidade de tal origem.

Com efeito, o *romper*, por ex., de uma folha de papel, de um pedaço de pano, etc., produz um *som descontínuo*, uma *sucessão rápida de sons bruscos*, que, para a minha sensibilidade pelo menos, é maravilhosamente traduzida por aquele *r*.

A existência de um *r* na estrutura fonética de outros verbos, que significam a mesma ideia fundamental do fragmentar de um corpo sólido, radica mais no meu espírito a possibilidade da referida origem onomatopaica do v. *rumpere*.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS EXEMPLOS

A

afagar, 22
 amarfanhá, 18, 51
 amarrotar, 18, 51
 arar, 2, 44
 arder, 47
 areia, 3, 19, 48
 arensar, 35
 argau, 34 d)
 arranhar, 2, 44
 arrastar, 2, 43 b), 44
 arrombar, 9, 43 f)
 arroser (fr.), 40 d): regar, banhar
 arrotar, 2, 38
 arrulhar, 35
 áspero, 2, 18, 51
 assobiar, 10, 38
 assobio, 12
 assouio, 12

B

babar, 37
 baladrear (cast.), 52: balar, berrar
 balançar, 41
 balar, 34, 35
 balare (lat.), 34 a)
 balir, 34, 35
 balbuciar, 37
 bambolear, 34, 41
 baque, 25, 42
 barafustar, 2
 barraco, 52
 barrena (cast.), 43 i): trado, broca
 barrire, (lat.), 34 a), 52: urrar
 barulho, 31
 bater, 25, 42
 βάζω, 35 c): ladrar
 to bawl (ingl.), 34 a), 35 b): gritar
 beber, 37
 βέβη, 34 a)

beijo, 36
 beijar, 37
 beissen (al.), 37: morder
 belar (prov., catal.), 52: berrar
 belare (lat.), 34 a): balar
 bēler (fr.), 34 a): berrar
 to bellow (ingl.), 34 a), 35 b): bramir
 berrar, 2, 8, 34, 35, 52
 berrear (cast.), 52: berrar
 beugler (fr.), 34 a), 52: berrar, mugir
 blaterar, 35
 to bleat (ingl.), 34 a), 35 b): balar
 βλήν, 34 a): berrar
 blēken (al.), 34 a), 35 a): berrar, mugir
 to bluster (ingl.), 35 b): roucar
 boare (lat.), 34 a):
 βόω, 34 b): gritar
 boc (catal.), 34: bode
 boca, 36
 bocejar, 37
 Bock (al.), 34: bode
 bode, 34
 bohren (al.), 44: furar
 Bohrer (al.), 43 a): broca, verruma
 boi, 34
 bomba, 11, 33
 bombo, 33
 borbulhar, 2
 to bore (ingl.), 44: furar, brocar
 bos (lat.), 34 b): boi
 bouc (fr.), 34: bode
 bradar, 52
 brailler (fr.), 34 a): clamar, berrar
 braten (al.), 47: assar
 bräunen (al.), 47: tostar
 brausen (al.), 31: rugir, bramir
 to break (ingl.), 46: quebrar
 brechen (al.), 46: quebrar
 brennen (al.), 47: queimar
 briser (fr.), 46: quebrar
 britar, 2, 46
 broca, 43 a)

brocar, 2, 44
 to broil (ingl.), 47: assar na grelha
 бровъ, 32: trovão
 brotar, 2
 brrrr, 34 a)
 brühen (al.), 47: escaldar
 brûler (fr.), 47: queimar
 брызгу, 35 c): rugir
 brüllen (al.), 34 a), 35 a): bramir, rugir
 brummen (al.), 35 a): grunhir
 to brush (ingl.), 44: escovar
 буз, 34 c): bufo
 bubo (lat.), 34 c): mocho, bufo
 hufa, 32
 bufalus (lat.), 34 b): búfalo
 bufnita (rum.), 34 c): mocho, bufo
 bufo, 34
 buho (cast.), 34 c)
 bull (ingl.), 34 b): touro
 Bulle (al.), 34 b): touro
 bullock (ingl.), 34 b): boi castrado
 bumha, 9, 10, 11, 14, 42
 to burn (ingl.), 47: queimar
 bursten (al.), 44: escovar

C

cacarejar, 10, 35
 to cackle (ingl.), 35 b): cacarejar
 cagarra, 34
 cair, 42
 calandra (lat.), 34 e): calhandra
 calandria (cast.), 34 e): calhandra
 xъxъдръ, 34 e): calhandra
 calhandra, 34
 ear (rum.), 34 i):
 carro, 2, 3, 43 e)
 caw (ingl.), 34 i), 35 b)
 to caw (ingl.), 35 b): grasnar
 cegarrega, 34 g)
 cháschás, 34 f)
 chasco, 34
 chlar, 8, 10, 12, 35
 chllrar, 35
 to chirp (ingl.), 35 b): chllrar, gorgear
 choque, 42
 chuchar, 38
 chupar, 38
 churrear (cast.), 40 b):

cicada (lat.), 34 g): cigarra
 cieiar, 38
 cigadarra (cast.), 34 g): cigarra
 cigala (prov.), 34 g): cigarra
 cigale (fr.), 34 g): cigarra
 cigarra, 34
 clamor, 31
 clangor, 31
 clique, 31
 to cluck (ingl.), 35 b): cacarejar
 coaxar, 35
 cochevis (fr.), 34 j): cotovia
 cochichar, 38
 cocturnix (lat.), 34 h): codorniz
 codorniz, 34
 colare (lat.), 22: verter, coar
 conspuere (lat.), 53, 54
 to coo (ingl.), 35 b): arrulhar
 corb (rum.), 34 i): corvo
 cornix (lat.), 34 h): gralha
 correr, 2, 3, 23, 40 a)
 corvo, 34
 cotovia, 34
 coturnix (lat.), 34 h): codorniz
 couler (fr.), 39, 40 a): correr
 cracher (fr.), 53: escarrar
 crack (ingl.), 31: estalido, estrondo
 to crackle (ingl.), 47: crepitar, estalar
 craque, 2
 crá, crá, 34 i)
 crás, 34 i)
 crascitar (cast.), 34 i)
 to crawl (ingl.), 44: arrastar-se
 to creak (ingl.), 35 b): ranger
 to creep (ingl.), 44: arrastar-se
 crepitar, 31, 47
 crespo, 2, 18, 51
 crestar, 47
 creuser (fr.), 44: furar, escavar
 crew (ingl.), 34: multidão, turba
 cricket (ingl.), 34: grilo
 crista, 18, 51
 crivo, 3, 18, 51
 croa, croa (fr.), 34 i): crocitar
 croailler (fr.), 34 i): crocitar
 croajar (cast.), 34 i): crocitar
 to croak (ingl.), 35 b): grasnar
 croasser (fr.), 34 i): grasnar, crocitar
 crocidare (it.), 34 i): crocitar, grasnar

crocitar, 34 i), 35
 crocitare (lat.), 34 i): crocitar, grasnar
 croseitar (cast.), 34 i): crocitar, grasnar
 crosta, 2, 3, 18, 51
 to crow (ingl.), 35 b): cantar do galo
 cucco (it.), 34 j): cuco
 cuckoo (ingl.), 34 j): cuco
 cuco, 10, 34
 cuculus (lat.), 34 k): cuco
 kukkow (ingl.), 34 j): cuco
 currere (lat.), 3, 40 a): correr
 cuspir, 38, 53, 54

D

dente, 36
 derrocar, 43 f)
 deslisar, 22
 Donner (al.), 32: trovão
 drag (ingl.), 43 b): instrumento de arrasto
 to drag (ingl.), 44: dragar, arrastar
 draga, 43 b)
 to draw (ingl.), 43 b), 44: arrastar
 drill (ingl.), 43 a): trado, broca

E

égratigner (fr.), 44: arranhar, esgravatar
 encarquilhar, 18, 51
 engasgar, 37
 engolir, 37
 enxurrada, 40 b)
 esbarroadar, 9, 43 f)
 esbrugar, 46
 escarafunchar, 44
 escarificar, 44
 escarapelar, 44
 escarrar, 2, 38, 53
 escarvar, 2
 escorregar, 2, 44
 escrever, 44
 escupir (cast.), 53, 54: cuspir
 esfregar, 44
 esgravatar, 2, 44
 espilrar, 55;
 espirrar, 38, 55
 estalo, 31, 42
 estalido, 31
 estampido, 31

estarracer, 41
 estornudar (cast.), 55: espirrar
 estrebuchar, 41
 estrépito, 31
 estridente, 31
 estrondo, 9, 11, 31
 estrugido, 31
 esturrar, 47
 éternuer, (fr.), 55: espirrar

F

face, 17, 50
 faufarra, 33
 farelo, 19, 48
 farfalheira, 38
 farinha, 19, 48
 farrapo, 18, 51
 farripa, 18, 51
 ferver, 2, 47
 flácido, 50
 to flee (ingl.), 29, 39: fugir
 fliegen (al.), 22, 39: voar
 fliehen (al.), 22, 39: fugir
 fließen (al.), 22, 39: correr
 to flow (ingl.), 22, 39: correr
 fluir, 22, 39
 flumen (lat.), 39, 40 a): rio
 fluo (lat.), 39, 40 a): correr
 fluvius (lat.), 39, 40 a): rio
 to fly (ingl.), 29, 39: voar
 fofo, 50
 foguete, 33
 frager, 31
 frangere (lat.), 2: quebrar, romper
 franzir, 18, 51
 frapper (fr.), 25: bater
 fremir, 2
 frémito, 31
 to fret (ingl.), 35 b): esfregar
 fretenir, 35
 fricare (lat.), 2, 44: esfregar
 frigidir, 2, 47
 frisar, 18, 51
 fritar, 2, 47
 frog (ingl.), 34: rã
 Frosch (al.), 34: rã
 frotter (fr.), 2, 44: esfregar
 fruto, 20, 49
 fugere (lat.), 39: fugir

fugir, 29, 39
 fumo, 22
 fungagá, 33
 fungar, 10, 12, 33
 furar, 14
 Furz (al.), 32: bufa

G

gackeln (al.), 35 a): cacarejar
 gacken (al.), 35 a): cacarejar
 gackern (al.), 35 a): cacarejar
 gacksen (al.), 35 a): cacarejar
 gaguejar, 37
 galo, 34
 ganir, 35
 gargalhada, 37
 gargamelle (fr.), 36: gorgomilo
 garganta, 35
 gargarejar, 37
 garranyar (catal.), 44: arranhar
 gasganete, 36
 gasnete, 36
 gemer, 37
 girren (al.), 35 a): arrulhar
 glisser (fr.), 22, 39: deslizar
 gloterar, 35
 glucken (al.), 35 a): cacarejar
 gogo, 27
 gorge (fr.), 36: garganta
 gorgomilo, 36
 gosier (fr.), 36: guela
 gosma, 37
 goulet (fr.), 36: gargalo
 graben (al.), 44: cavar
 grade, 2, 8, 18, 51
 gra, gra, 34 i)
 gralho, 34
 grão, 3, 20, 49
 grasnar, 35
 grasshopper (ingl.), 34 g): cigarra,
 gaianhoto
 to grate (ingl.), 44
 gratter (fr.), 2: raspar, esgravatar
 grau, 20, 49
 γραττω, 44: riscar, escrever
 graznar (cast.), 34 i): grasnar
 graznear (cast.), 34 i): grasnar
 grei, 2, 19, 48

grelha, 18, 51
 greta, 2, 18, 51
 grilo, 2, 34
 to grind (ingl.), 46: triturar, moer
 gritar, 2, 37
 grito, 31
 grülen (al.), 35 a): gritar, berrar
 grosa, 43 c)
 grou, 2, 34
 to growl (ingl.), 35 b): grunbir, resnar
 gruir, 35
 grulha, 2
 to grumble (ingl.), 31, 35 b): resmun-
 gar
 grumo, 2, 19, 48
 grunhir, 35
 to grunt (ingl.), 35 b): grunbir, gemer
 grunzen (al.), 35 a): grunhir
 grupo, 2, 8, 19, 48
 guela, 36
 guelra, 36
 gueule (fr.), 36: guela
 gufo (it.), 34 c)
 guinchar, 35, 37
 gullet (ingl.), 36: garganta
 Gargel (al.), 36: guela, garganta

H

hibou (fr.), 34 c): bufo, mocho
 horrendo, 6
 to howl (ingl.), 35 b): uivar, gemer

I

ingente, 6

J

jorrar, 2, 10, 28, 40 b)

K

kark (russo), 31 i): voz do corvo
 Kehle (al.), 36: garganta, laringe
 kehren (al.), 44: varrer
 klaffen (al.), 35 a): latir, ganir
 κλάω, 31: gritar, ressoar
 Klang (al.), 31: som
 klappern (al.), 31, 35 a): dar estalidos

klatschen (al.), 31: estalar
 klopfen (al.), 25: bater
 Knall (al.), 31: estalo, detonação
 knattern (al.), 31: estalar
 knicken (al.), 31: dobrar-se, quebrar-se
 knurren (al.), 35 a): resmungar, rosnar
 κόραϊ, 34 i): corvo
 κόραγος, 34 j): melro
 κόκκος, 34 j): cuco
 κοκκυϊ, 34 j): cuco
 krächzen (al.), 35 a): crocitar, grasnar
 Krähe (al.), 34: gralha
 kra, kra (din.), 34 i): voz do corvo
 kratzenritzen (al.), 44
 krauen (al.), coçar
 krax, krax (sueco), 34 i): voz do corvo
 Kreisch (al.), 31: grito
 kreischen (al.), 35 a): gritar
 Kuckuck (al.), 34 j): cuco

L

ladrar, 35
 lamber, 37
 latir, 35
 laufen (al.), 39: correr
 lecher (fr.), 37: lamber
 lecken (al.), 37: lamber
 to lick (ingl.), 37: lamber
 língua, 36
 líquido, 22
 liso, 17, 50
 to low (ingl.), 35 b): mugir, balir

M

marimba, 33
 marulhar, 40 a)
 matraca, 33
 matraquear, 31
 maud (ingl.), 34 i):
 mauen (al.), 35 a): miar
 méeée, 34 a)
 merrão, 52
 meugler (fr.), 34 a): mugir, berrar
 to mew (ingl.), 35 b): miar
 to mewl (ingl.), 35 b): choramingar
 to miaow (ingl.), 35 b): miar
 miauen (al.), 35 a): miar
 miar, 35
 to miaul (ingl.), 35, b): miar

to moo (ingl.), 35 b): mugir
 mouth (ingl.), 35: boca
 mugir, 35
 μυζήματα, 35 c): mugir
 μύζο, 35 c): grunhir, rosnar
 to mull (ingl.), 35 b): triturar, moer
 murmúrio, 31
 Mund (al.), 36: boca
 to mutter (ingl.), 35 b): murmurar

N

nariz, 36
 Nase (al.), 36: nariz
 nitrir, 35

O

ondular, 24, 41
 orvalhar, 20
 oscilar, 24, 41

P

pancada, 10
 parar, 25, 42
 pedo (cast.), 32: peido
 peido, 32
 piar, 35
 piepen (al.), 35 a): piar, chilar
 pim, 11
 pingar, 11
 πικέ, 35 c): piar
 πικέ, 35 c): piar
 pisco, 34
 pissitar, 35
 piu, piu, piu, 7
 plappern (al.), 31, 35 a): tagarelar
 plärren (al.), 35 a): choramingar
 platschen (al.), 31: estalar
 poupa, 24
 prasseln (al.), 47: crepitar
 πρζε, 51: cuspir
 pum, 14, 42
 pumba, 9, 10, 42
 Pup (al.), 32: peido
 to purr (ingl.), 35 b): roncar (do gato)

Q

to quack (ingl.), 35 b): grasnar
 quaken (al.), 35 a): grasnar
 quá, quá, 34 i)
 quebrar, 46

R

- rã, 34
 Rabe (al.), 34: corvo
 rachar, 46
 radere (lat.), 56: raer, raspar
 raer, 44, 56
 raffen (al.), 40 c): apanhar, arrebatat
 raffer (fr.), 40 c):
 to rain (ingl.), 40 d): chover
 rachar, 2
 ralar, 2
 ranger, 43 f)
 rapar, 2, 44
 rapidez, 23, 40 c)
 rapidus (lat.), 40 c): rápido
 rapina, 40 c)
 rapio (lat.), 40 c): roubar, arrebatat
 raptare (lat.), 44: arrastar, arrebatat
 raro, 18, 51
 rascheln (al.), 47: estalar
 raschiare (it.), 44
 rasgar, 2, 46, 56
 to rasp (ingl.), 44: raspar, limar
 raspar, 2, 44
 raspeln (al.), 44: raspar
 rasseln (al.), 47: crepitar
 rattle (ingl.), 31: ressoar, matraquear
 rauben (al.), 40 c): roubar
 rauschen (al.), 31: sussurrar
 raven (ingl.), 34 i): corvo
 rebentar, 43 f)
 rede, 18, 51
 regar, 23, 40 d)
 regnen (al.), 40 d): chover
 regougar, 35
 reiben (al.), 44: esfregar
 reißen (al.), 44: rasgar
 relinchar, 35
 rennen (al.), 3, 23, 40 a): correr
 reptare (lat.), 44: arrastar-se
 resmungar, 33
 retumbar, 9
 rēo, 40 a): correr (de um líquido)
 rezingar, 38
 rigare (lat.), 40 d): regar
 rilhar, 38
 rinchar, 35
 rio, 40 a)
 riscar, 44
 to roar (ingl.), 35 b): rugir, bramar
 roca, 43 d)
 roçar, 2, 44
 roda, 3, 40 e), 43 e)
 rodo, 43 f)
 roer, 2, 44
 röhren (al.), 35 a): bramar
 rôla, 34
 rolar, 2, 22, 40 e)
 romper, 2, 46, 57
 roncar, 38
 ronger (fr.), 2, 41: roer
 rook (ingl.), 31: gralha
 ros, roris (lat.), 40 d), 49: orvalho
 rosca, 43 a)
 rosnar, 35
 to rost (ingl.), 47
 rösten (al.), 47: torrar, assar
 rota (lat.), 40 e), 43 e): roda
 rôtir (fr.), 47: assar
 roubar, 40 c)
 rouco, 38
 roufenho, 38
 to rub (ingl.), 44: esfregar
 rucksen (al.), 35 a): reguar
 ruga, 3, 18, 51
 rugir, 35
 ruído, 2, 13, 31, 43 f)
 ruir, 43 f)
 rumble (ingl.), 31: retumbar, sussurrar
 ruminar, 35
 rumor, 13, 31, 43 f)
 to run (ingl.), 3, 40 a): correr
 ruo (lat.), 43 f): impelir, empurrar
 rustle (ingl.), 31: sussurrar
 to rut (ingl.), 35 b): bramar (veado)
 rutschen (al.), 44: resvalar
 rutrum (lat.), 43, f): sacho, redo

S

- Säge (al.), 43 g): serra
 sangloter (fr.), 38: soluçar
 sapo, 34
 schnattern (al.), 35 a): grasnar
 schreiben (al.), 44: escrever
 schreien (al.), 35 a): gritar

schröpfen (al.), 44: escarificar
 schrubben (al.), 44: esfregar
 to scorch (ingl.), 47: chamuscar, tostar
 to scrap (ingl.), 44: raspar, arranhar
 to scratch (ingl.), 44: arranhar
 screare (lat.), 58: escarrar
 scribere (lat.), 44: escrever
 to scrub (ingl.), 44: esfregar
 secare (lat.), 43 g), 56: cortar
 seda, 50
 segar, 56
 surra, 43 g)
 serrar, 2
 to shrill (ingl.), 35 b): chiar
 sibilare (lat.), 22: assobiar
 sibilo, 12
 silvo, 12
 to snarl (ingl.), 35 b): rosnar, resmungar
 soluçar, 38
 som, 31
 soprar, 38
 sorver, 38
 speien (al.), 54: cuspir
 spinturnix (lat.), 54 h)
 to spit (ingl.), 54: cuspir
 spucken (al.), 54: cuspir
 spuere (lat.), 54: cuspir
 sputare (lat.), 54: cuspir
 to squeak (ingl.), 35 b): guinchar
 stillare (lat.), 22: gotejar
 stop (ingl.), 25: paragem
 stream (ingl.), 40 a): corrente
 streifen (al.), 44: riscar, roçar
 Strom (al.), 40 a): rio
 suave, 17, 40
 suflare (lat.), 22: soprar
 sugar, 38
 sussuro, 13, 31

T

tabefe, 42
 taladro, 43 h)
 tambor, 33
 tam-tam, 33
 taponar, 42
 taratrum (lat.), 43 h): trado, broca
 tarracha, 43 a)

tau, 14
 tollovilla (it.), 31 j):
 tetraz, 34
 thunder (ingl.), 32: trovão
 tic, tic, tic, 13
 tic-tac, 42
 tiritar, 2, 41
 titubiar, 38
 tlintar, 11, 31
 tocar, 42
 tom, 31
 tombar, 42
 tonitrus (lat.), 32: trovão
 tonnerre (fr.), 32: trovão
 tooth (ingl.), 36: dente
 tordo, 34
 torrar, 47
 torresmo, 47
 tossir, 38
 trado, 43 h)
 to trail (ingl.), 44: rastear
 trainer (fr.), 44: arrastar
 trambolhão, 32
 traque, 32, 42
 Traube (al.), 20: uva
 to trawl (ingl.), 44: arrastar
 traz, 42
 tremar, 2, 6, 23, 41
 tremular, 24, 41
 trepar, 23, 40 f)
 Treppe (al.), 40 e): escada
 trepidar, 23, 41
 trigo, 3, 20, 49
 trilar, 35
 to trill (ingl.), 31: trinar
 trillern (al.), 35 a): trinar, gorgear
 trinar, 35
 trinfar, 35
 trissar, 35
 triturar, 46
 trizo, 31, 35 c): gritar, chiar
 Trommel (al.), 33: tambor
 trompa, 33
 trotar, 23, 40 g)
 trouer (fr.), 44: furar
 trovão, 11, 13, 32
 trrrrrrim, 2, 8, 10, 11, 13
 truca, 42
 trucidar, 36

trueno (cast.), 32: trovão
 τρῦπανον, 43 a): trado, broca

U

uivar, 35
 ulular, 35
 urrar, 35

V

vacilar, 24, 41
 vagir, 35
 varraco (cast.), 52: varrasco
 varrão, 52
 varrer, 44
 vehere (lat.), 22: arrastar
 vento, 10, 22, 32, 39
 ventus (lat.), 39: vento
 verraco (cast.), 52: varrasco
 verrat (fr., prov.), 52: varrasco
 verres (lat.), 43 i), 52: porco
 verruma, 43 a), i)
 vibrar, 6, 23, 41

voar, 22, 39
 volare (lat.), 39: voar

W

to write (ingl.), 44: escrever

Y

to yell (ingl.), 35 b): gritar

Z

Zahn (al.), 36: dente
 zerreiben (al.), 46: triturar
 zerreißen (al.), 46: rasgar
 zumbir, 10, 12, 35
 zum-zum, 36
 Zunge, (al.), 36: língua
 zurrar, 35
 zwitschern (al.), 35 a): chilrar, tri-
 nar

R. DE SÁ NOGUEIRA



sef feito

Sobre expressões de possessividade e sua história

As formas mais correntes da expressão possessiva nas línguas românicas encontram-se, de modo geral, na família indo-europeia (cp. al. «Ich habe *meine* Hände gewaschen», 'lavei *as minhas* mãos'; «ich habe *mir die* Hände gewaschen», 'lavei-*me as* mãos'; «ich habe *mir meine* Hände gewaschen», 'lavei-*me as minhas* mãos'; «ich habe *die* Hände gewaschen», 'lavei *as* mãos'). Mas o seu raio de acção é diferente segundo a língua, e esta diferença oferece um vasto campo ao estudo comparativo e estilístico.

O artigo definido

Entre os tipos citados, o latim faz um amplo emprego do último (*manus lavavi, filium laudavi*) até em condições em que o francês, espanhol, italiano, (alemão...) não o admitem ou só o admitem com dificuldade: «Quand les adjectifs possessifs ne sont pas emphatiques, on les supprime toutes les fois que la clarté le permet» (E. Berger, *Stylistique latine*, 1933⁴, 137-139). Entre as línguas românicas, algumas continuam este largo emprego de substantivos, agora acompanhados pelo artigo definido. Para o português, sublinhámos a importância desta construção numa pequena análise estilística publicada nesta revista (8, 1947, 138, ss.). Um título de artigo de jornal como «Um marinheiro tresloucado matou a mulher e pôs termo à vida» exigiria na maior parte das outras línguas novilatinas uma ou duas designações possessivas explícitas. A comparação das páginas finais de *La Gitanilla* de Cervantes com uma tradução portuguesa que costuma seguir o original bas-

tante à letra apresenta-nos uma série de divergências que nos deixa ver claramente a tendência do português sob este aspecto :

«Nunca dejó Preciosa las lágrimas, ni los ruegos de que se entretuviese la causa de su esposo, con intención de avisar a su padre, que viniese entender en ella» (*Novelas Ejemplares* I, Clásicos Castellanos, 1941, 114); «... que se demorasse a causa de seu esposo, com intenção de avisar o pai, que viesse a tomar parte nela» (Cervantes, *A Ciganita*, trad. p. João Pedro de Andrade, Lisboa, Biblioteca de Algibeira, s. a., 110).

«El Corregidor... al momento se retiró con ella y con su mujer en su recámara...» (114); «O Corregedor... no mesmo instante se retirou com ela e com a esposa para a sua recâmara...» (111). «Llegó, en fin, con la preciosa carga doña Guiomar a la presencia de su marido, y trasladándola de sus brazos a los del Corregidor, le dijo...» (117): «Chegou, enfim, com a preciosa carga D. Guiomar à presença do marido, e passando-a dos seus braços para os do Corregedor, lhe disse...» (118).

«... puso en su punto la honestidad de entrambos» (120); «pós no decido lugar a honestidade de ambos» (115).

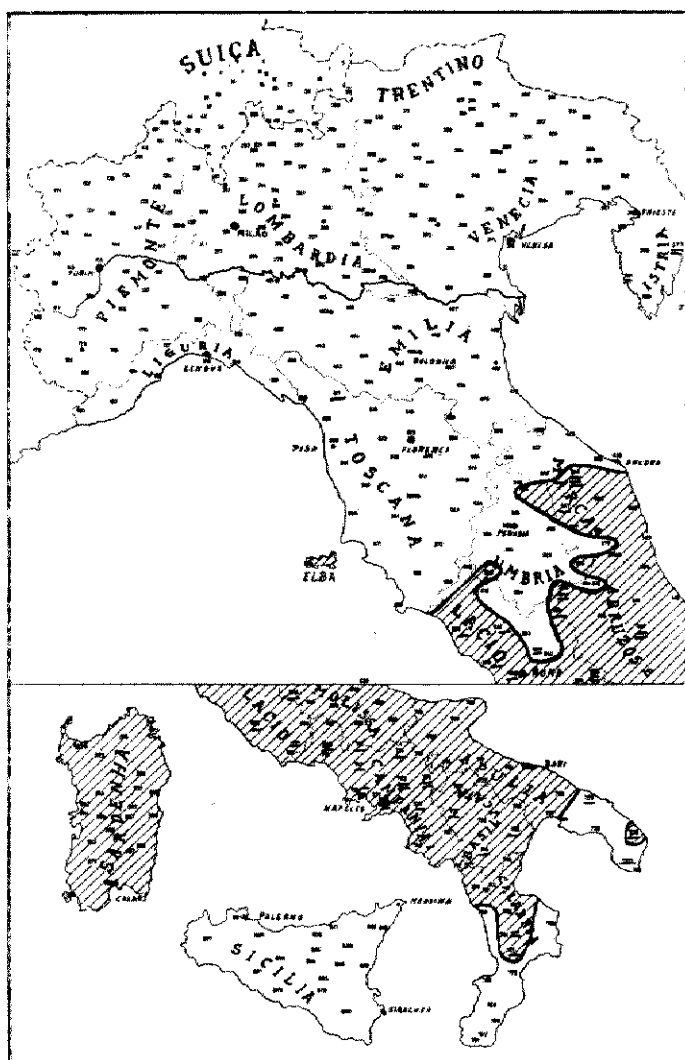
«Ella, con vergüenza y con los ojos en el suelo, le dijo que por haberse considerado gitana, y que mejoraba su suerte con casarse con un caballero de hábito y tan principal...» (123); «... que por ter suposto que era cigana, e que melhorava a sorte casando-se com um cavaleiro...» (119).

Entre as línguas nacionais da România, apenas reencontramos uma tão lata aplicação do artigo definido com função possessiva no romeno. A regra geral dada por Candréa quase que coincide literalmente com aquela que acabamos de citar para o latim: «L'adjectif possessif est toujours omis en roumain lorsque l'idée de possession est déjà clairement exprimée et qu'il n'y a pas lieu d'y insister... La suppression de l'adjectif possessif est beaucoup plus fréquent en roumain qu'en français» (*Cours complet de grammaire roumaine*, Bucarest, 3.^a ed., 100). Para os termos de parentesco, Puscariu comenta: «Quand je parle d'une personne avec qui je suis apparenté, il me semble qu'il me suffit d'exprimer le mot qui marque le degré de parenté» (*mă bate mama*, mas: *mă bate mamă-ta*, *Pa batut mamă-mea*); «m'a batut mamă-mea, est d'une précision excessive» (*Études de linguistique roumaine*, 1937, 461-462) (1).

(1) Cp. também K. SANDFELD — H. OLSEN, *Syntaxe roumaine* I, Paris 1936, 23-24, 152-153. Sobre o fenómeno oposto, a equivalência de *suus* ao simples

Esta reserva perante o adjectivo possessivo, herdada do Latim, não se limita ao extremo Oriente e Ocidente do território românico. Precisamente para os termos de parentesco, alguns mapas do Atlas Linguístico Italiano dão-nos uma ideia das condições diferentes que os dialectos italianos apresentam a este respeito: de igual modo que o português e o romeno, o Centro e Sul da Itália emprega o substantivo acompanhado do artigo definido em certos casos em que a Toscana e a Itália setentrional (assim como o Galo-România, o Catalão e o Espanhol) preferem a «*précision excessive*» (cp. Mapa 1). Apesar do alcance limitado dos atlas linguísticos nestas questões sintácticas, delineia-se claramente a atitude diferente de dois blocos: em *olha como se parece com a mãe*, a ilha de Elba, a metade Sul das Marcas, assim como os Abruzos e Molissa, o Lácio, a Campânia e Basilicata, a Apúlia e Calábria setentrionais e a Sardenha correspondem à construção mais corrente em português; todo o resto da Ítalo-România, pelo contrário, tem tendência a empregar o adjectivo possessivo (*sua madre*). Para quatro outros exemplos (*il nostro nonno, i nostri nipoti, il loro zio, i suoi cognati*), quase todos os casos de simples artigo definido em vez do possessivo do questionário se encontram dentro da zona indicada para *a mãe* ou em pontos limítrofes (616, 643, 729, 749); há raras excepções, por exemplo na Toscana (*o tio*, ponto 511), ou já fora da Itália, na Ístria (*o avô, os cunhados*, ponto 379). E não são menos eloquentes os mapas em que o questionário traz o nome de parentesco com o simples artigo definido (mapa 31 *il suocero*, e seguintes): em todas as regiões ao Norte da zona acima mencionada, desde o Piemonte e a Venécia até à Toscana e às Marcas setentrionais, pululam respostas com adjectivos possessivos acrescentados que escasseiam nas províncias onde observámos a predilecção pelo artigo definido com função possessiva.

Não ignoramos os limites duma tal comparação esquemática. Ela precisa de ser completada por análises estilísticas mais pormenorizadas. Contudo, traz-nos um quadro geográfico-linguístico geral que se repete para outras expressões possessivas e cujo significado histórico-linguístico nos é sugerido e confirmado por outros



Mapa 1: O artigo definido com função possessiva

a mãe (AIS, mapa 8: *guarda come somiglia su madre*): áreas tracejadas.
o avô (AIS, m. 16: *il nostro nonno*), *os sobrinhos* (m. 18: *i nostri nipoti*), *o tio* (m. 19: *il loro zio*), *os cunhados* (m. 28: *i suoi cognati*): os traços por baixo ou junto dos números indicam a frequência com que nestes quatro casos aparece o artigo definido com função possessiva.

traços comuns entre a Itália do Sul, a Roménia e o Ocidente da Península Ibérica (1).

Dativo simpatético + artigo definido

O dativo simpatético («Lavo-me as mãos») «designa o ser vivo, cujo corpo, alma ou bens são atingidos pela acção» (Stolz-Schmalz, *Lateinische Grammatik* ³, 1928, 415). O latim deu uma grande extensão a esta construção, à custa do adjectivo possessivo («Lavo as minhas mãos»). Na comparação das duas formas, a gramática latina salienta sobretudo o carácter familiar da construção com o dativo pronominal, e a sua difusão na linguagem falada: «Bei gewissen Spätlateinern wie Gregor von Tours verschwindet er unter dem Einfluss einer künstlichen Literatursprache fast ganz. Die lebende Volkssprache jedoch kannte den Dativ zu allen Zeiten, wie zahlreiche Belege in Verfluchungsschriften, bei Vulgärlateinern wie Palladius, Vegetius, Chiron u. a. zeigen, die die Brücke zu seiner Neublüte im Romanischen schlagen» (o. c., 416).

Mas também este *ressurgimento nas línguas românicas* inclui, além dum problema histórico e estilístico, uma nítida diferenciação geográfico-linguística: a larga aplicação desta expressão possessiva no Romeno e no Português opõe-se um emprego essencialmente mais raro no Francês e no Espanhol (2). Para o Romeno literário, Sandfeld-Olsen resumem: «La plus grande concurrence, toutefois, est faite aux possessifs par l'emploi de l'article défini à sens possessif et par l'emploi d'un pronom personnel datif atone» (152); «cet emploi du pronom personnel datif a pris une très grande extension en roumain, qui se sert du pronom datif au lieu du pronom possessif dans tous les cas où il ne s'agit pas de mettre celui-ci en relief» (115). E para a distribuição das expressões principais de possessividade nos dialectos romenos, Elise Richter tira esta conclusão: «Predominam em todo o território romeno *lui* (resp. *a lui*) e o dativo átono, apresentando o daco-romeno um equilíbrio entre as duas formas, os dialectos macedo-romeno, megleno-romeno e istro-romeno uma preferência para *a lui*, outros dialectos (olimpovoalaco, maros) uma preferência para o dativo átono» (art. cit., 445).

(1) Cp. H. MEIER, *Ensaio de Filologia Românica*, Lisboa 1948, 11-16.

(2) MEYER-LÜBKE, *Rom. Gramm.* III, § 371; E. RICHTER, art. cit., 432-435, 438-441.

Na gramática portuguesa, a construção é bem conhecida (cp. Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Hist. Port.*, § 77; Dunn, *Grammar*, § 278). Acrescentamos aqui alguns exemplos de dramas contemporâneos para mostrar a sua plena vitalidade na linguagem falada:

«Quem *lhe* tem divinizado o orgulho és tu... Quem *lhe* aplaude a inconveniente paixão que ela tem por Júlio és tu» (Camilo, *Poesia ou Dinheiro?*, em *Teatro II*, 1929, 13); «Tu!... que tanto *me* animavas *esta* paixão por Júlio» (18); «Henriqueta, eu não perdi as esperanças... de te restituirmos a saúde» (36); «uma Sociedade que *lhe* há-de cuspir na face, se *lhe* lá vir a tristeza do pobre que não pode nivelar-se com o rico» (41); com possessivo: «Não quero de modo algum estorvar-*lhe* os seus prazeres» (46). «Os meus criados já *lhe* não querem pôr o pé na botica só para não ouvirem as suas heresias» (Teixeira Gomes, *Sabina Freire*, 2.^a ed., 1936, 46); «Agora adoece-*lhe* o filho mais velho» (55); «Sabina, imitando-*lhe* a entoação teatral» (82); «E logo necessitará que a presença da esposa *lhe* realce o brilho» (117); «É preciso aproveitar-*lhe* a ausência» (180 = a ausência dele); «eu sempre *lhe* respeitei o marido» (207); «Quando te cai nos braços» (222). «Colhida por sua mão havia de levar-me no braço a sentir-*lhe* (eu) o calor do seio» (Samuel Maia, *Braz Cardinha*, Lisboa, s. a., 10); «Já *lhe* conhecem as manhas» (25); «Se as ervas falassem, chamariam por nós. O sangue que trazemos nas veias anda-*lhes* nas folhas» (32); «Se me azoinas faço com que ele nunca mais *te* pise a soleira» (41); «A Maria é uma fogueira de rosmaninho a arder. Em toda a parte *lhe* encontro o cheiro» (51); «Tratam-*me* mal a filha» (86); «You-*me* pôr o caldo na mesa que daqui a nada está choco» (89); «Deixe-*me* a rapariga tratar do caldo que fico sem jantar» = 'do meu caldo, senão...' (92); «A Luzia berra que *me* há-de botar a rapariga ao descrédito» = 'a minha filha'; «Põem-*me* a filha na boca do mundo» (93); «Cobiçaste-*me* o lugar» = 'o meu lugar' (110).

Nesta lista, prescindimos de exemplos que também aparecem ou podem aparecer com o dativo simpatético nas linguas que nos exemplos citados prefeririam o adjectivo possessivo: «O meu gosto seria quebrar-*lhe* os dentes» (20); «Cortam-*me* o coração. E não me matam. Ao menos tirem-*me* a vida duma vez» (140). Em alemão posso «*ihm die Ehre nehmen*», mas só «*seine Ehre zerstören*» («Destruiste-*me* a honra» 104), «*ihm die (seine) Ehre abkaufen*», mas apenas «*seine Ehre kaufen*» («Compraram-*te* a honra» 123), «*ihm seinen Willen tun*» («Faça-*lhe* a vontade» 59). Vê-se como o português conserva, entre a forma pleonástica («Ich tue dir deinen Willen») e o adjectivo possessivo simples («Ich zerstöre deine

Ehres»), um espaço muito mais largo para o dativo simpatético + artigo definido.

Comparado com *seu, sua, seus, suas*, o dativo simpatético tem a vantagem de distinguir os possuidores no singular e no plural (sg. *lhe*, pl. *lhes*; em romeno apenas o fem. pl. se distingue das outras formas). Assim, talvez não seja simples acaso o facto de a substituição de *SUTS* com possuidores no plural por *ILLORUM* (it. *loro*, fr. *leur*) não se ter dado ou se ter realizado mais lentamente na área do uso mais frequente do dativo simpatético.

A maior flutuação que o romeno apresenta entre os pronomes pessoais e os possessivos (cp. este Boletim 8,131, nota 1) fez aqui penetrar o dativo átono do pronome pessoal num âmbito que nas outras línguas românicas ficou reservado aos possessivos propriamente ditos (Meyer-Lübke, *Rom. Gramm.* III, 89, 395: *calu-mi* = *calul meu*; E. Richter, 431-432, 437-438). Em português, a expansão do dativo nunca rompe os moldes tradicionais. Embora um exemplo como este:

«As golas altas, bordadas de palmas de oiro, brilhavam-lhe em volta», *A Severa*, 107

se pudesse explicar a partir dum *em volta dela* mais corrente («Tudo, de repente, *em volta dela*... lhe pareceu lúgubre», Eça de Queirós, *Contos*, 1946, 74), ficam bem separadas tanto a forma como a função semântica e estilística das duas construções.

Para completar o quadro geográfico-linguístico, era importante um estudo sobre o emprego da nossa construção nos dialectos da Itália.

Suus — Eius, Illius — * De ille

No decurso da literatura latina, aumenta o emprego de expressões possessivas explicitas: «A linguagem falada usa de preferência os possessivos, especialmente *SUTS*, para sublinhar as relações pessoais, também em casos onde a língua literária, mais fria, os dispensa... Na prosa literária, os possessivos 'supérfluos' abundam desde o *Bellum Africanum*, Cornélio Nepos, Vitruvius, particularmente para partes do corpo, como em Petrónio; emprego frequente no latim tardio, p. ex. na linguagem dos Epimatores, nas Inscrições. Na poesia, esta preferência para o possessivo mostra-se desde a época augustana, sobretudo em Propércio, que aproveita do uso

popular no estilo elevado para dar a este um carácter mais plástico, concreto» (1).

Na 3.ª pessoa, o latim divide a expressão explícita da possessividade entre o adjectivo possessivo *SUUS* e o genitivo dos pronomes *IS*, *ILLE*. Esta convivência mantém-se de forma diversa nas várias regiões da România. Com o seu quadro completo de formas sintéticas (*ILLUI* > *lui*, *ILLAEI* > *ei*, *ILLORUM* > *lor*), o romeno fica mais próximo das formas latinas, embora as funções de *său* — *lui* apresentem uma distribuição diferente da do latim (2). O espanhol e o português, além da substituição de *IS* por *ILLE*, realizam ainda a do genitivo sintético pela forma analítica com *DE*.

A vitalidade das formas continuadoras de *ILLUI*, *ILLAEI* no romeno só tem parêlhas, entre as línguas literárias novilatinas, na dos derivados de **DE ILLE* em espanhol e especialmente em português. A maior parte das outras línguas românicas seguiu outro caminho: limitando e generalizando *SUUS* para o possuidor (masc. e fem.) no singular, *ILLORUM* para vários possuidores (fr. *leur livre*, it. *il loro libro*), puderam reduzir muito a duplicidade moldada sobre o par latino *SUUS* — *EIUS* (3).

Estas diferenças nas línguas românicas são um reflexo das oscilações que o latim mostra no emprego do 'possessivo reflexivo' *SUUS* e do não-reflexivo *EIUS*: «Como no grego, também no latim *SUUS* podia referir-se, desde o princípio, não só ao sujeito mas também ao complemento, cf. Plauto, *Persa* 579 *se quidem hanc vendidero pretio suo*. Este emprego favoreceu a penetração de *SUUS*, na linguagem corrente, nas proposições secundárias, cf. Cato *vitis si macra erit, sarmenta sua concidito* ... , facto que chega a ser mais frequente em Cornelius Nepos e em Lívio e sobretudo em séculos posteriores (Firmicus, Gregório de Tours, Inscrípções). Por outro lado, encontra-se em certas condições *EIUS* ou *EORUM* onde era de esperar *SUUS* ou o reflexivo. Deve-se admitir

(1) STOLZ-SCHMALZ, ob. cit., 470.

(2) MEYER-LÜBKE, *Rom. Gramm.* III, § 73; E. RICHTER 424-428, 445-446; SANDFELD-OLSEN, 147; S. POP, *Grammaire roumaine*, Berne 1948, 372.

(3) MEYER-LÜBKE, *Rom. Gramm.* II, p. 117; G. BERTONI, *Suo et loro en ancien italien*, ZrP 31, 1907, 495-496; E. RICHTER, 443; SANDFELD-OLSEN, 148; *Bol. de Filologia* 8, p. 129 nota 1.

que a linguagem popular realizou inovações mais cedo que a linguagem literária» (1).

Para observar a convivência, no português medieval, de *seu* e *dele* e examinar as relações do último com *EIUS*, analisámos uma centena de páginas de textos em prosa relativos aos séculos XII-XIV (J. J. Nunes, *Crestomatia Arcaica*, 3.^a ed., 1943, págs. 3-104). Depois do que nos disse a gramática latina, não nos há-de estranhar a predominância de *seu(s)*, *sua(s)* nestes textos. Exceptuando a *Batalha do Salado* e alguns casos de interpretação incerta, encontramos, além de 155 casos de *seu*, etc. reflexivo (= referido ao sujeito da frase):

- I. *seu* etc. não-reflexivo (não referido ao sujeito da frase): 85 casos;
- II. *dele* etc.: 3 casos;
- III. *seu-dele* etc.: 3 casos.

I. Uma grande parte dos exemplos de *seu* não-reflexivo corresponde ao 'emprego reflexivo indirecto' do latim. Damos a seguir alguns exemplos de três tipos diferentes (2):

seu referindo-se ao complemento da frase (mais próximo):

- p. 17 «E depois seu padre della, em sa velhice, filharom-lhe **seus** gemros a terra...»
- p. 18 «(Ella) chamou hũu cauallo... que avia nome l'ardallo, e chamou-o per **seu** nome...»
- p. 67 «E desy foram adiante e uirom gram conpanha de rreliгиозos, e as **suas** uozes eram atam doces...» (= cujas vozes).
- p. 70 «A palavra d'Abraam veo de Nostro Senhor Deus e a tua oraçom e nós non podemos dezer nem hũa cousa contra **sua** voontade.»
- p. 71 «Eliezer... tirou vasos d'ouro e de prata e vestiduras e deu-as a Rebeca, e deu doas a **sua** madre e a **seu** irmão.»
- p. 78 «...os auaros, os quaaes nom querem ajudar o sseu próximo nas **ssuas** neçessidades.»

(1) STOLZ-SCHMALZ, 473. Para este capítulo, cp. ainda E. CASSIRER, *Philosophie der symbolischen Formen I: Die Sprache*, 1923 ('Personaler und possessiver Ausdruck', 220 ss.); F. DIEZ, *Gramm. der roman. Sprachen* III, 1860², 64-70.

(2) Nas citações, vão em normando os casos de *seu* não reflexivo que interessam.

seu na proposição dependente referindo-se ao sujeito da frase principal:

p. 12 «Empero que faça algũa cousa destas, nã perça seu direyto de herdamẽto que lhy uĩja da outra parte, quer de **seus** yrmãos, quer d'outros parentes...»

p. 75 «... hũu rato que moraua em hũa cidade, amdando a hũa aldeia omde moraua outro rato, **sseu** amigo, quando este rrato da cidade chegou aa aldeia onde moraua este rrato, **sseu** amigo...»

p. 76/77 «O doutor ameestra os homẽes que deuem temperar ssuas linguoas e nom as deuem ter ssem freo, polas quaaes pode proçeder dapno e escamdaio a **sseu** próximo.»

p. 88 «O velho romãao era... contemplador... e entendeo que o mõe hospede era escandalizado em el por o **sseu** modo de viuer e disse ao seu seruidor...»

seu no segundo elemento duma proposição paratáctica e correspondendo ao sujeito do primeiro elemento:

p. 4 «Se a molher leyxar seu marido ... peyte 300 soldos e a meya-dade seya de **seu** marido.»

p. 18 «E Dom Diego Lopez ... disse ... E **ssa** molher ... lançou mãao na filha ...»

p. 67 «E quando cantauõ, nã mouiã os beijes, nã trabalhauã em cantar ...; os **seus** sãos sobrepojaũ sobre todollos estormẽtos em sabor. E o firmamẽto era como ceco sobre as **suas** cabeças muy fre-moso ...»

p. 73 «... o lobo estaua em ponto de morte e ... achou a grua e rrogou-lhe ... E a grua, ouvindo **seu** prometimento, prometeo ...»

p. 92 «o santo bispo Nono ... predicaua .. e confortaua os simples e flacos, e, per **seus** amoestamẽtos, os coraçõs daquelles que o ouyram eram hedificados ...»

p. 93 «E, ante que ella chegasse, emuiu dizer ao sancto bispo como lya. E o sancto bispo Nono, quando ouuyo **sua** mensagem ..., rogou ...»

Podem conviver, numa mesma frase, o *seu* reflexivo e o 'reflexivo indirecto', quando o contexto ou a ordem das palavras não deixam dúvidas acerca das relações gramaticais e semânticas:

p. 28 «E filhou rrey Ramiro **sa** molher com **sas** donas e domzellas» (= a mulher dele, as donas e donzelas dela).

Compreende-se que algumas vezes surjam conflitos neste largo emprego de *seu*. Em casos tais, o narrador sente a necessidade

de acrescentar uma palavra explicativa para evitar mal-entendidos:

p. 17 «(Rey Leyr) toy mallandante e ouue a tornar aa merção delrey de França e de **sa** filha, a meor, a que nõ quis dar parte do rreyno» (**sa filha** = filha do Rey Leyr, não a do rei de França, facto que é esclarecido pela indicação 'a meor' etc. que se refere ao que já foi contado).

p. 85 «E elle começou a fazer sua cura e suas meezinhas aa senhora do castello e fez hũu banho de sangue do seu proprio braço deestro...» (**seu próprio** é empregado aqui mais para que não se refira ao complemento 'senhora do castelo' do que para intensificar o possessivo, como se costuma fazer, p. ex., em frases como «Paguei-o do meu próprio dinheiro»).

II. A raridade de *dele* deve-se tanto à expansão de *suus* — *seu*, já notada no latim, como a razões estilísticas, e talvez, nalguns textos, à influência de originais estrangeiros. É característico que os nossos exemplos de *dele* se encontrem em textos jurídicos e históricos, ao passo que parecem ser raríssimos no género novelístico. Sublinhamos que os casos de *dele* se limitam ao emprego não-reflexivo, facto de importância para o problema das suas relações históricas com *EUUS*:

p. 12 «E, se ella casar cõ algũ que nõ seya conuenauil a ella, nõ per seu liñagẽ, ou se se for cũ alguẽ en maneyra que seya onta **della** ou de seu linagẽ, seya ... desherdada...»

p. 13 «Se o padre ou a madre ou os yrmãos ou outros parentes teuerẽ en seu poder manceba escosa en cabellos e nõ na casarẽ ata 25 annos (e) ella depòys se casar sen mandado **delles**, nõ perça porẽ...»

p. 21 «Dom Foyam foy filhar aquel filho, seu e **della**, e fez que o queria emuiar ao fogo» (com valor de pron. pessoal, p. 21: «Tu tẽes molher e filhos **della** e es cristão ...?» ; ct. p. 27).

III. Dá-se com *seu-dele* o mesmo que se disse para *dele*:

p. 17 «... ca se pagou della elrey de França e filhou-a por molher. E depois **seu** padre **della**, em sa velhice, filharom-lhe seus gemros...»

p. 35 «E elles louuaram-no, dizendo que ... elle demãdasse, ca bem certos eram que nom demandaria senom todo aguizado e **sua** hõrra **delles**.»

No primeiro dos dois últimos exemplos ressalta a vantagem que tem *dele* etc. — comparado com *EUUS* e *seu* — pela distinção do

género, e no segundo — comparado com *seu* — pela distinção do número de pessoas possuidoras a que se refere.

Repetimos a nossa filiação histórica: 1.º convivência de *seu* e de *dele*, reflexo da de *SUUS* e de *EIUS* no latim; 2.º penetração de *SUUS* na área de *EIUS* que se exprime na substituição deste por aquele em várias funções semânticas e estilísticas, processo já observado no latim e com certeza muito avançado — com diferenças regionais — no latim vulgar; 3.º penetração de *SUUS* na área de *EIUS*, acrescentando-se o primeiro ao segundo e formando ambos uma expressão possessiva 'pleonástica' que hoje aparece especialmente no espanhol.

É a filiação que, estabelecida e enèrgicamente sublinhada por Friedrich Diez (*ob. cit.*, 69-70), não tem sido suficientemente lembrada e posta em relevo por quase todos os seus sucessores.

Esta última expansão de *seu* observa-se também no sintagma 'seu filho do conde', de típico sabor medieval:

- p. 22 «... elle era ... *seu parente da rainha dona Aldora* ...»
 «E Alboazar Alboçadam jurou-lhe por *sa ley de Mafomede* ...»
 p. 42 «esta rainha ... entregou a elrey a villa de Sintra, que ella tinha de *sá mão delrey* ...»
 p. 11 «... nõ seya teuda a ygreya de pagar nõhũn preço, mays pague-sse muy lã de *ssa boa daquel que llo alleou* ...»

Não é fácil determinar o valor do possessivo nestes casos: reforça exclusivamente o valor possessivo implícito no genitivo seguinte, ou acrescenta nalguns a noção de possessividade recíproca (*sa ley de Mafomede* = 'a lei de Maomé que era a de Alboazar') (1)?

Terminamos com algumas palavras sobre a *Batalha do Salado* (p. 45-60) que apresenta um estado de coisas especial. Além de 37 casos de *seu* reflexivo (referido ao sujeito da frase), encontram-se:

- I. *seu* não reflexivo: 16 casos;
- II. *dele*, etc.: 4 casos;
- III. *seu* — *dele*: 2 casos.

Vê-se que a frequência de *dele* e *seu* — *dele* em comparação com a de *seu* não reflexivo é bastante maior (6:16) do que nos outros textos analisados (6:86). Os 16 exemplos de *seu* não reflexivo

(1) MEYER-LÜBKE, *Rom. Gramm.* III, 89-90.

explicam-se outra vez pelo 'emprego reflexivo indirecto' das três categorias acima mencionadas. Citamos à parte as frases em que *seu* se refere a Jesus Cristo (*sua fé*, = 'a fé em Cristo'), porque algumas apresentam um emprego mais livre devido a uma preferência semântico-estilística particular para *seu* neste caso (1):

p. 47 «trouxe a nera cruz ant'elrei, e dixe-lhi o priol...: «Senhor, ... pedile-lhi que aquel que prendeu morte e payxô é ela, por uus saluar, qu'el uus faça uêcedor destes que som cõtra a *sua* fe. E nõ dultedes que, pela *sua* uertude e por os boos fidalgos uosos... aueles de uêcer...».

Os exemplos para *dele* (49, 52, 54, 57) e *seu* — *dele* (47, 49) outra vez se limitam ao emprego não reflexivo e mantêm-se assim dentro do âmbito do Eius latino.

Seu e dele na moderna linguagem falada

É em certas camadas da linguagem falada que a distribuição entre *seu* e *dele* toma aspectos bem diferentes. O emprego de formas verbais e pronomes da 3.ª pessoa para o tratamento (*ocê*, *V. Ex.ª*, *o Sr.* ...) e o tratamento substantival tão característico do português («a menina não faça isso») produziram uma deslocação importante na função das duas formas possessivas: para não se confundir a pessoa B à qual falamos, com outra C sobre a qual se fala, *seu* tende a ser cada vez mais o possessivo de tratamento (referindo-se a B), *dele* o possessivo relativo a C. É a evolução contrária que o espanhol apresenta, preferindo geralmente reservar *su* para a pessoa C e precisar com (*su*) — *de Usted* para o interlocutor B (2). Uma série de obras dramáticas modernas pode servir-nos para descrever várias fases do mencionado processo de deslocação (3).

A comparação da frequência de *seu* referido a B ou a C em duas peças de Alfredo Cortês dá uma ideia geral da duplicidade de funções deste possessivo: em *Domus*, *seu* refere-se 20 vezes ao interlocutor, 6 vezes a uma pessoa ausente; em *Lourdes*, a pro-

(1) Outros exemplos para *Deus*, *Igreja*, cp. *Crestomatia Arcaica*, 7, 10.

(2) Em «*Puebla de las mujeres*», dos irmãos Alvarez Quintero (Col. Austral 124, Madrid 1943), aparecem para as pessoas B: 5 *su*, 4 *su* — *de usted*, 6 *el, un* — *de usted*; para as pessoas C: 16 *su* (nenhum caso de *su* — *de él, el* — *de él*).

(3) Alfredo Cortês, *Domus* (Lisboa 1931), *Lourdes* (1927), *Tá Mar* (1936), *O Lodo* (1923); Miguel Torga, *Sinfonia* (Coimbra 1947), *Terra Firme* (1947).

porção é de 17:6. Quer isto dizer que na linguagem falada, *seu* é em primeiro lugar possessivo referido à pessoa com quem se fala. Já não causa, portanto, mal-entendido, nem admira o seu emprego nesta função em casos como os seguintes, em que o contexto gramatical, tão decisivo na prosa descritiva para a escolha entre *seu* e *dele*, em nada lhe é favorável:

Zecas [fala à tia Isabel]: «A tia Isabel vai-se servir do carro de Sua Excelência? Cuidado com a *sua* reputação ... olhe que ele é um grande conquistador» (*Raça*, 171).

Marcolina: «Falou-lhe do caso e (a Júlia) foi a primeira a fazer chacota. No meio das gargalhadas de todos, a arremedar a *sua* voz, agarrada ao Manuel Falcão ... e a imitar lá umas coisas que o malandro lhe contou ... Lá coisas *suas* com ele» (*O Lodo*, 10).

Ao lado de outras expressões de possessividade («*O livro de V. Ex.^a, do Sr., de você, do meu amigo, da menina, o vosso livro*», etc.), *seu* ocupa um grande espaço quando aplicado a pessoas B às quais se dá um tratamento de 3.^a pessoa. No que segue, limitar-nos-emos aos possessivos referidos à pessoa C.

O ambiente regional de *Tá Mar* revela um estado de coisas conservador, provavelmente devido ao largo emprego que aqui ainda tem o tratamento de *tu*: referidos à pessoa C, aparecem 8 casos de *dele*, nenhum reflexivo (p. 17, 20, 32, 121, 131, 133, 134, 135), 5 de *seu* dos quais três reflexivos e um quarto explicável pela vontade de não repetir *dele*:

Maria Bem (trata a Ti Augusta de *vocemecê*): «Eu não privo ninguém de seguir a *sua* idêa, ti Augusta!» (121; outros ex.: 33, 129).

Maria Bem: «... Mas então p'ra qu'acirras os ôtros? P'ra qu'os mandas?» Lavagante: «À conta *deles*. P'los *seus* precetos» (131).

Em *Domus*, fora dos casos de simples artigo e de dativo simpático, os dez de possessivo explícito referido a C repartem-se entre *seu* e *dele* na proporção de 6:4. Não é difícil averiguar as razões sintáctico-semânticas que levam ao emprego de um ou de outro: *dele* impõe-se quando não se tem falado ainda com certa detença de C (26, 70, 127), e *seu* aparece (embora o interlocutor receba um tratamento na 3.^a pessoa), quando C domina já de tal maneira o contexto que exclui a possibilidade de relacionar o possessivo com o interlocutor (p. 24, 30, 34, 109). Quando se con-

fronta a possessividade do interlocutor e da pessoa ausente, é *seu* que corresponde àquele, e *dele* a esta :

Maria Antónia: «A vontade que o Luís quis impor-se nem sequer era a *dele*, era a *sua*» (39).

Já notámos, nos textos medievais, a preferência para *seu* quando referido a Deus; *dele*, pela sua função distintiva, neste caso antropomorfizaria demais o Ser Supremo, e na escrita a maiúscula pode evitar, além disso, qualquer mal-entendido (*a Sua bondade*). Salientamos, por isso, um exemplo de *Lourdes* :

Anjos: «Jesus premeia sempre os que não duvidam de *sua* Santa Mãe» (46).

peça que, de resto, oferece uma maior proporção de *dele* (3 *seu* : 6 *dele*) devido ao papel enfático que este pode assumir (v. p. 54-55, 115-116).

Em *O Lodo*, o contraste entre os dois planos morais ou sociais em que a acção se desenvolve não deixa de transparecer claramente no emprego das duas formas possessivas que aqui nos ocupam. Encontramos, para a função em questão, 6 exemplos de *dele*, 5 de *seu*, que se repartem com muita desigualdade entre os dois planos mencionados : ao passo que *dele* pertence a várias personagens (12, 33, 31, 37, 40, 67), dos 5 ex. para *seu* quatro relacionam-se com a esfera elevada da Luz, um único com o mundo baixo da Júlia (36, 42, 45, 71; 67). É evidente : na linguagem vulgar, *seu* é raro como possessivo de C (até quando o tratamento de *tu* exclui o mal-entendido com o possessivo de B); na linguagem mais elevada, porém, *seu* e *dele* disputam-se ainda o terreno. As duas peças de Miguel Torga reflectem a fase mais avançada : ao lado de uma dezena de exemplos para *dele* (*Sinfonia*, 92; *Terra Firme*, 20, 21, 32, 49, 50, 58, 78...), um único para *seu* manifesta o intuito de não repetir a forma mais corrente :

Tio António: «Um ladrão! Então onde era o lugar *dele*? Aqui, na *sua* terra, agarrado à rabiça, e a cantar os Reis, a saltar as fogueiras...» (*Terra Firme*, 24).

Esta predominância de *dele(s)*, *delu(s)* será um fenómeno moderno e exclusivamente devida à expansão dos tratamentos na 3.^a pessoa? Também neste caso nos parece importante um con-

fronto do português com os falares italianos (Mapa 2). São outra vez os dialectos centro-meridionais da Itália e a Sardenha que, ao lado de *suus* (e algumas vezes de *ILLORUM*) apresentam maior tendência para as formas derivadas de *DE ILLU* (sardo: *DE IPSU*) ou de *DE ECCU ILLU* (*DE ECCU IPSU*, *DE ECCU ISTU*) que correspondem ao *EIUS*, *ILLIUS* latino: Abruzos e Molissa, a metade Sul do Lácio, parte da Campânia, Basilicata, Apúlia, além da Sardenha. O aparecimento esporádico destas formas em lugares mais ou menos próximos destas zonas compactas (pontos 590, 762, 771, 739, 859) explica-se tanto pela insuficiência do nosso material como pela influência do italiano oficial, fazendo supor uma extensão maior deste fenómeno sobretudo em épocas antigas. Devemos pensar, por isso, numa longa tradição também para a vitalidade que mostra em português o emprego de *dele(s)*, *dela(s)* possessivo (1).

Incertezas e mal-entendidos

Na linguagem corrente, em que *seu* se relaciona já com a pessoa B, já com a pessoa C, não faltam naturalmente casos de conflito entre as duas funções, em que o leitor ou o ouvinte fica na dúvida:

«Dona Joana [a falar com Luís sobre o matrimónio]: Como se o Luís não soubesse muito bem que a *sua* culpa ... é a consequência inevitável duma culpa maior ... Como se esse conhecimento não se sentia nas *suas* queixas, não andasse em todas as *suas* palavras...

Luís: Nas *minhas*?» (*Domus*, 28-29),

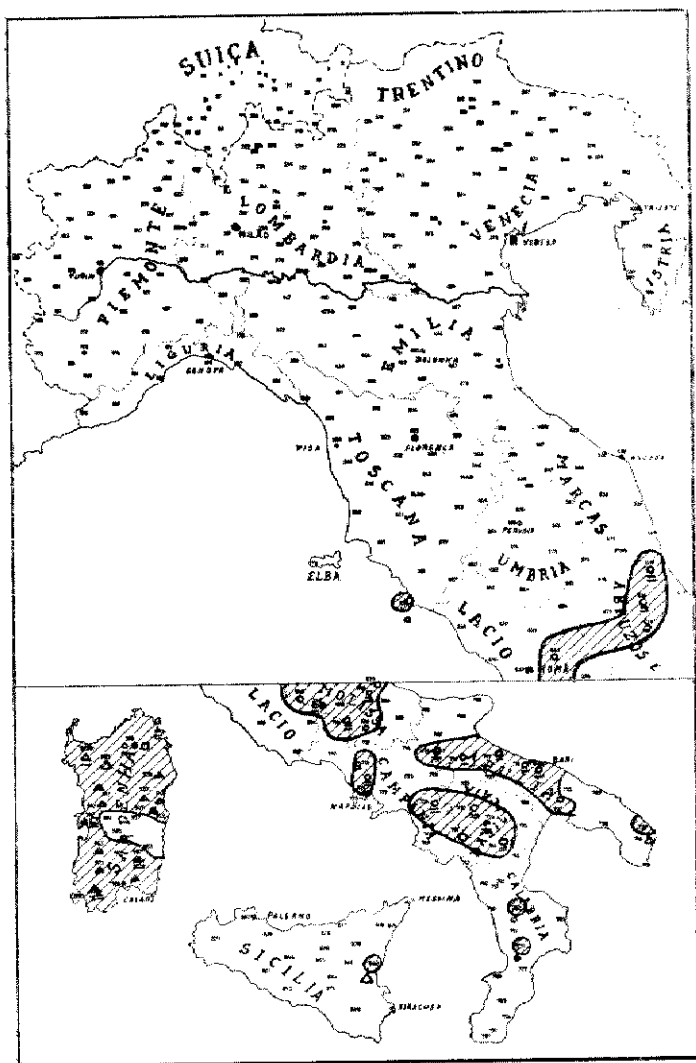
ou até mal-entende as palavras do seu interlocutor:

«[Ele] pediu um banho, tomou chá, e recolheu ao *seu* quarto.

— Ao meu?

— Não senhor, ao *dele*» (Camilo, *Memórias do Cárcere*).

(1) Sobre a continuação de *ILLUI* etc. em italiano (*di lui, di colui, desso*) e em francês (*de lui*), cp. Diez, Meyer Lübke, l. c.; BRUNOT-BRUNEAU, *Précis de gramm. hist. de la langue franç.*, 1937, 343. F. Brunot quis atribuir a origem céltica a construção francesa com *à*, em lugar de *de* (*c'est à lui, son livre à lui*), sem mencionar as construções dativas do latim ou do romeno (*La pensée et la langue*, 1936³, 149).



Mapa 2: O possessivo da 3.ª pessoa formado por *de* + pronome

Nas áreas tracejadas, aparecem os seguintes tipos:

- △ DE ILLO, etc., *de iddi, d'eddi, d'eldu*; cp. pontos 739, 859, 922, 923).
- DE IPPO, etc., *de issos*; cp. pontos 916, 941).
- DE ECCU ILLO, etc., *de kiliu, de licell allá, de guelle, de kwire, de kwige, e riy, de kize, de kure, de kudde*, etc; tipo predominante nas zonas continentais; cp. ponto 916).
- DE ECCU IPPO *de kwiss, de kisse, de kissu*; cp. pontos 733, 771, 916).
- ▲ DE ECCU ISTO *de kistu, de gustu*; tipo predominante na Sardenha).

O mapa baseia-se em quatro exemplos do *ais* (19 *il loro zio*, 27 *il suo cognato*, 28 *i suoi cognati*, 29 *la sua cognata*); dois ou três casos do mesmo tipo num lugar são indicados por um ou dois traços por baixo do respectivo sinal.

Quando a própria pessoa que fala sente a incerteza, costuma eliminá-la por um gesto ou por uma explicação esclarecedores :

«Tomei a meu cargo paternal livrar a vossas mercês destes cana-lhas, mediante a quantia de quatro mil cruzados, com que eles se acomodaram e desistiram das *suas* pessoas de *vossas* mercês» (Camilo, *A Filha do Doutor Negro*); «Praticou, para contigo, a Luísa alguma acção, disse-te alguma coisa que permita ou peça a minha interferência no *seu* viver de *vocês os dois*?» (Marcelino Mesquita, *Envelhecer*, 6.ª ed., 1992, 110).

Outras línguas empregam semelhantes recursos para o mesmo fim (cp. al. *in Ihrem — grossgeschrieben — Interesse*).

Dão-se semelhantes conflitos com *dele(s)*, *dela(s)*, apesar da distinção dos dois géneros e números relativos ao possuidor, quando este possessivo se pode referir a dois indivíduos ou dois grupos de indivíduos do mesmo sexo. Também, neste caso, só um pronome precisador («João matou o gigante em casa *deste*», Dunn 285), uma explicação (*seu próprio*...) ou a evocação do substantivo são capazes de esclarecer a situação :

«O Diabo, como se viu, é descrito a vermelho e negro. E quando ele quer apoucar o coração de Jusel, elogiando o *seu próprio*, diz que o de Jusel é pardo e o *dele*, Diabo, é vermelho» (Eça, *Prosas Bárbaras*, 1945, 118).

«Estou convencido de que é o *seu* comportamento precedente (*deles*, *comunistas*) que exprimia a sua convicção íntima» (*Diário de Notícias*).

«Teu afastamento da sociedade e *seu* juízo (*dela sociedade*) a teu respeito são incompatíveis com o seu grau de cultura» (C. Goes, cp. nota da pág. 74).

É o que se verifica também noutras línguas (p. ex. al. *in ihrem — Luises — Interesse*).

A forma pleonástica

A forma pleonástica (*o seu dinheiro dele*), fora do emprego claramente explicativo e esclarecedor (vejam-se os exemplos do § anterior: *as suas* pessoas de *vossas* mercês, *o seu* viver de *vocês os dois*, *seu* comportamento *deles*, *seu* juízo *dela*), tem essencialmente, em português, carácter arcaico ou regional ⁽¹⁾. Na linguagem geral,

(1) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Rev. Lus.* 4, 49-50; CLÁUDIO BASTO, *A Língua de Camilo*, Porto 1927, 196-202.

não apresenta, nem de longe, a frequência, por ex., de *su — de usted* em espanhol (cp. p. 67 n. 2) ou da construção explicativa ou enfática *mon libre à moi, son libre à elle* em francês ⁽¹⁾. Mas isto não impede que ela desempenhe algumas vezes funções estilísticas de importância. Em *O Senhor Diabo*, Eça de Queirós enaltece duma maneira impressionante o pronome pessoal: ele não só substitui aqui o substantivo ('pro nomen'), função que a gramática lhe costuma atribuir, mas representa também como que a substância pura das personagens e apenas se concede aos dois protagonistas e ainda a eles só quando entretidos no diálogo íntimo das suas almas (*Prosas Bárbaras*, 1945, 115-116, 121-124), ao passo que as outras personagens 'telúricas' ⁽²⁾ ficam do princípio até ao fim presas aos seus nomes substantivais (por ex. págs. 117-120). É neste quadro dos dois planos morais do conto que se integra o emprego de *dele, dela*, com transições finamente construídas (*seu... seu-dela... dele, dela*):

«Ele, o branco moço, era o peregrino daquela santa. E o *seu* olhar procurava sempre o coração da doce rapariga, e o *seu* olhar *dela*, séria e branca, ia procurar a alma do caro bem-amado... A alma *dela* é imaculada... O coração *dela* é sereno, forte e vermelho... E eles olhavam-se, as folhagens aninhavam os sonhos, e o Cristo aninhava as almas» (115-116; cp. 122-123).

Vosso

Vosso, além de possessivo da 2.ª pessoa do plural (possessivo de *vós*, pluralidade de pessoas *tu*), guarda um certo terreno como possessivo de tratamentos na 3.ª pessoa, tanto no singular como no plural. Esta incongruência sobrevive do mais vasto emprego, em épocas anteriores, de *vós* como tratamento do plural, e do antigo tratamento *vós* no singular. Ela explica-se, já pelo desejo de evitar a vaguidade ou a maior familiaridade de *seu*, já pela tendência a fugir dos possessivos formados de artigo + *de* + tratamento («o livro de V. Ex.ª, de você, do Sr. Doutor», etc.) ⁽³⁾. Eis a carta duma estudante, escrita em Lisboa em 1948:

(1) Cp. prov. *sas faissos de liciis* (Diez, 70); nos mapas 19, 20, 27, 28, 29 do AIS aparece *sa tsyana re kwidde ddá* ('sua tia de aquele lá', mapas 19 e 20, ponto 732). Este tipo também parece ter fundas raízes históricas.

(2) MEIER, *Ensaio*, 64 ss.

(3) *Bol. de Filologia* 8, 133, nota.

«Ex.^{ma} Senhor Professor

Peço-lhe imensamente desculpa por ter retido o *vosso* livro tanto tempo em meu poder. Mas no dia em que o levei para *vossa* casa, uma de nós tornou a trazê-lo ... Queira desculpar ...

Com o maior respeito se subscreve a *vossa* aluna ...»

Para a pluralidade de possuidores aos quais se dá um tratamento de 3.^a pessoa, *Os Gladiadores*, de Alfredo Cortês, trazem *seu* para 1.^{as} Ex.^{as} e para *os senhores*, vacilam entre *seu* e *vosso* (este mais frequente) para *vocês* e o simples tratamento verbal (*venham, sabem...*). No português do Brasil, o emprego de *vosso* é ainda mais reduzido nestes últimos casos (1).

Quadro funcional dos possessivos

Ao quadro gramatical dos possessivos (*meu, teu, seu* e *dele, nosso, vosso, seu* e *dele*) pode opor-se outro ordenado pelas funções que eles desempenham referindo-se à pessoa que fala (A), à pessoa com que se fala (B) e à pessoa sobre a qual se fala (C). Embora incompleta, a pequena lista que segue talvez não seja sem interesse entre outros motivos pelo contraste que apresenta com os esquemas conhecidos:

Pessoa A: *meu*; *nosso* (plural de majestade ou de modéstia); *seu* (sujeito: *a gente*); *o* — *da gente*; (*teu*: sujeito *tu* referido a A).

Pessoa B: *teu*; *vosso* (forma de respeito para tratamentos de 3.^a pessoa); *seu* (para tratamentos de 3.^a pessoa); *o* — *de você*, *o* — *do senhor*, *o* — *de V. Ex.^a* ...; *o* — *da avó*, *o* — *do Sr. Doutor*, *o* — *do meu amigo* ... (*seu* — *de você*).

Pessoa C: *seu*; *o* — *dele*; (*seu-dele*).

Pessoas A: *nosso*; *seu* (sujeito: *a gente*); *o* — *da gente*. (*teu, vosso*: sujeito *tu* ou *vós* referido a pessoas A).

Pessoas B: *vosso*; *seu*; *o* — *de vocês*, *o* — *dos senhores*, *o* — *de V. Ex.^{as}* ... *o* — *dos avós*, *o* — *dos meus amigos* ... (*seu* — *de vocês*).

Pessoas C: *seu*; *o* — *deles*; (*seu-deles*).

(1) CLÁUDIO BASRO, Rev. Lus. 29, 1931, 191; G. GOES, Plural adicional dos adjectivos possessivos, in Rev. de Língua Portuguesa, 3.^a sér., n.º 1, Rio de Janeiro, 1935, 65-67.

Seu não possessivo

Depois de observarmos o amplo espaço que ocupa o pronome pessoal para exprimir a possessividade, não nos há-de admirar uma invasão do pronome possessivo no campo dos pronomes pessoais. Queríamos explicar a forma exprobratória tão tipicamente portuguesa *seu mentiroso!* (Epifânio da Silva Dias, 76; Cláudio Basto, *Rev. Lus.* 29, 1931, 191; Dunn, 283), que Meyer-Lübke tira da construção *o bom do padre* e compara com o francês «Sa conversation ne sentait point son curé de village» (Rom. Gramm, III, § 79), como um curioso produto da oscilação entre *seu* e *dele* possessivo acima descrita. O possessivo, neste caso, derivaria dum genitivo do pronome pessoal (*coitado de mim* = 'coitado que eu sou'), estabelecendo-se a analogia *ele: coitado dele!*, *você: seu coitado!*, com a predominância sabida de *seu* como possessivo atribuído ao interlocutor. Pode ter influído, nesta passagem do pronome pessoal para adjetivo possessivo (sem função ou sentido possessivo!), a construção *meu mentiroso!*, em que o adjetivo possessivo tem verdadeira função possessiva e dá à exclamação um tom mais brando, afectivo.

O carácter fossilizado da construção *seu mentiroso!* e a falta de possessividade ressalta bem do seu emprego em casos em que é aplicada a pessoas que recebem o tratamento de *tu*:

«Põe-te lá fora, mulher! Já! Vamos! Toca a andar! *Sua* atrevida!» (*Sinfonia*, 121; ib., 68: «ó minha estúpida!»).

«Ah! *Seu* garoto! Isso são modos de tratar a mãe? ... *Tu* não julgues ...» (*Gladiadores*, 84).

Há casos em que a penetração do pronome ou adjetivo possessivo na área do pronome pessoal vem de mais longe, como nas construções sobretudo arcaicas *o rosso amor* (= 'o amor de vós'), *sua fé* (= 'a fé nele') cp. p. 67 n. 1 e J. Huber, *Altport. Elementarluch*, 1933, 170; F. Diez, III, 64-65; F. Hanssen, *Gram. hist.*, § 519; Meyer-Lübke III, §§ 77-78).

Problemas morfológicos

Está ainda pouco definida em muitos pontos a evolução das formas dos possessivos nas línguas românicas. Vamos limitar-nos a formular aqui algumas perguntas a este respeito.

Não há dúvida que *teu(s)*, *seu(s)* são formas analógicas com a 1.^a pessoa *meu(s)*. Mas porque é que esta analogia se impôs no masculino, e não também no feminino (*minha, tua, sua*) (1)? A divergência dos géneros faz supor que a analogia fosse impulsionada por outra força motriz. Esta seria de ordem fonética? Há, em certas regiões, a passagem de *meu* para *mou*, «talvez sob a influência da labial inicial» (Leite de Vasconcelos, *Esquise*, 105, 131), que poderia ter intervindo na transformação de *tou* > *teu*, *sou* > *seu*. Mas isto não é provável, e até *mou* podia ser analógico com *tou*, *sou*. Já parece mais digna de estudo a possibilidade de a analogia ter sido um recurso para eliminar homonímias incômodas: *sou* 'seu' (Huber, 169; Williams 153: *tou, sou*; Menéndez Pidal, *El dialecto leonés*, Rev. Bibl. Arch. Mus. 10, 1906, 298) chegou a ser homónimo da 1.^a pess. sg. pres. do verbo *ser*, *eu sou* (sucessora de *som*), que deve ter uma longa pré-história (cp. esp. *soy*), *sun* 'seu' (Leite, *Esquise*, 131) homónimo da 3.^a pess. pl. do mesmo paradigma (Huber, 198). Por outro lado, uma forma analógica **tia* colidiria com o substantivo de parentesco, circunstância que pode ter evitado a analogia no feminino realizada noutras regiões que não conhecem este substantivo (cp., p. ex., as formas em Meyer-Lübke, Rom. Gramm., II, 109 ss.; Th. Gartner, *Raetoroman. Gramm.*, 1883, 99). O tipo português *meu, teu, seu*; *mia* (*minha*), *tua, sua* corresponde a uma corrente já do latim vulgar, visto que se reencontra noutras regiões românicas (cp. J. Ronjat, *Gramm. istorique des parlars provençaux modernes* 3, 1937, 78). Outro tipo provençal masc. *men, ten, sen*, fem. *mia, tia, sua*, seria facilitado pela inexistência de *thia* e pelo intuito de separar o possessivo *sua* da forma verbal *sia* 'seja' (Ronjat, p. 78, 282). Seria meritório um estudo mais pormenorizado para esclarecer a validade deste argumento e fazer-nos compreender melhor a intervenção das diferentes forças evolutivas da linguagem neste sector da morfologia pronominal.

A analogia do possessivo da 2.^a pessoa do plural (*vosso...*) com o da 1.^a tinha uma base muito mais larga pela semelhança dos pronomes pessoais (*nos-vos, nobis-robis*); lá não era preciso um impulso exterior, nem ficavam as formas analógicas limitadas ao masculino, nem a certas línguas românicas.

(1) Com raras excepções no Ocidente da Península; cp. R. MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes del Español*, 361: «uoluit uendere nobis partem *sciam*» (1153, Eslonza).

No latim vulgar formaram-se duas séries de possessivos, uma tónica e outra átona (Grandgent, *Inrod.*, § 388), que sobrevivem em grande parte da România (fr. *mon livre, le mien*; esp. *mí libro, libro mío, el mío*). Esta separação parece que partiu do feminino da 2.^a e 3.^a pessoas, e por uma evolução fonética normal: ao passo que o *u* de TUA, SUA acentuados se conservou (*toa, tua*), o *u* átono no hiato de TUA, SUA proclíticos ou enclíticos caiu como em FEBRUARIUS, etc. (Grandgent, §§ 226-227). Chegamos, portanto, a uma série *mea, ta, sa* conservada ainda no romeno e, parece, no português arcaico que apresenta as formas tónicas *mia* (*minha*), *tua, sua*, e as formas átonas *miá* (Rev. Lus. 23, p. 50), *ta, sa* (Huber, 169), sendo *ma* «raríssima forma» nos Cancioneiros (Rev. Lus. 23, 50), explicável por analogia com *ta, sa*.

Para o estabelecimento ou a conservação das duas séries, átona e tónica, um facto sintáctico tem exercido uma influência decisiva: no sintagma artigo definido + possessivo + substantivo (port. *a tua casa*, it. *la tua casa*), costuma aparecer a forma tónica e desaparecer, por isso, a série átona nas línguas que preferem o emprego do artigo junto do possessivo. Nas línguas que dispensam o artigo definido neste caso, prevalece a diferenciação exemplificada já pelo francês e pelo espanhol (cp. F. Diez, III, 66). Também estas relações sintáctico-morfológicas mereciam um estudo geográfico-histórico mais pormenorizado.

HARRI MEIER

Notas Etimológicas

Apertar; perto; preto

As palavras *apertar* (ant. e esp. *apretar*), *perto* (ant. *preto*) e *preto* (esp. *prieto*) andam geralmente associadas em estudos filológicos por alguns autores as considerarem da mesma família vocabular.

Delas se têm occupado os mais insignes filólogos, designadamente Meyer-Lübke (REW, 540), mas parece-nos que a competente origem está ainda por estabelecer devidamente.

Adolfo Coelho (*Dic. Etim.*), Cândido de Figueiredo (*Novo Dic.*), J. T. da Silva Bastos (*Dicionário*), Caldas Aulete, Jaime de Seguíer, Laudelino Freire e outros lexicógrafos (ou léxicos) de língua portuguesa derivam o verbo *apertar* de *perto*⁽¹⁾, e uns (A. Coelho — *Dic. Etim.*, *Suplem.* —, Cândido de Figueiredo, Jaime de Seguíer, etc.) explicam este advérbio pelo étimo de J. Cornu (*Gram. Port. Spr.*, §§ 5 e 324), isto é, por **pēctus* em vez de *perrectus* (< *pērgēre*)⁽²⁾, e outros (Caldas Aulete, F. Constâncio, E. Faria, etc.), menos filologicamente, tiram-no de *apertus* (que, afinal, dava e deu *aberto*). Da origem da palavra *preto* em regra nada dizem (ou tiram-na simplesmente do esp. *prieto*).

José J. Nunes (*Gram. Hist.*) propõe, com dúvida, novo étimo para *perto* — um lat. **pretto* por *praesto*.

Para *preto*, identificado com *perto*, João Ribeiro (*Selecta Clássica*) propôs um lat. **plētus* (< *plēre*), que foi justamente condenado por A. Gonçalves Viana (*Ap.*, II, 303 e 304) e por Said Ali (RFH, I, 152), sendo de admirar a afirmação de A. Nascentes (*Dic. Etim.*, s. v. *preto*) de que o étimo «satisfaz perfeitamente quanto à forma», quando daria normalmente **chedo*.

(1) No Dicionário de Domingos Vieira vem esta explicação de *apertar* (ant. *apretar*): «no latim *pressure*, com o prefixo «a» mudando-se o «s» em «t» por intermédio do som de «z» e pela influência gótica.»

(2) Cândido de Figueiredo e outros dizem: «Talvez contr. do lat. *perrectus*», sem qualquer rigor filológico.

A etimologia que tem os favores dos actuais filólogos foi dada por F. Diez (EWRSP, pág. 478). É uma forma de Isidoro de Sevilha, *adpectorare*, isto é, **appectorare* (< *ad* + *pectus*, *cris*, peito + *are*), base, segundo eles, não só de *apertar*, esp. *apretar*, mas também de *perto* e *preto*, esp. *prieto*, etc.

A. Gonçalves Viana, que atribui o étimo a R. Menéndez Pidal (assim como A. Nasc., s. v. *apertar*), acha-o tentador, mas pouco provável. Depois de apresentar as várias origens propostas, o filólogo português acaba por concluir que «*prêto*, e *preto*, *perto* são palavras distintas, cujos étimos estão por descobrir».

A. Nascentes parece dar a sua adesão ao étimo *appecorare*, embora quase se limite a citar opiniões alheias.

A aceitação deste étimo por R. Menéndez Pidal (*Gram. Hist. e Cantar de Mio Cid*) é completa, o mesmo se dando com V. Garcia de Diego (*Gram. Hist.* § 52, etc.), etc.

Meyer-Lübke, depois de condenar o étimo de Cornu (para *perto*) na sua *Gramática*, dá a síntese do estado actual deste problema etimológico em *IEW*, 540, com a inclusão das supostas emigrações de formas e formação de derivados. Merece a pena transcrever aqui o artigo completo:

«540. *appecorare* «an die Brust drücken», 2. «drägen», «drücken».

«2. Sp. *apretar* (> siz. *aprittari*, kalabr. *aprettare*, neap. *velletr. apprettà*, abruzz. *apprettà*, *aplettà* «drücken», «belästigen»), + *piatto*: log. *appyattare* «gerinnen», pg. *apertar*, ap. *pretu*. — Ablt.: log. *pretu* «geronnenes Blut», «Zieger», sp. *prieto*, pg. *perto* «nahe», *preto* «schwarz», vgl. §280 — Wagner 133; Diez 478.»

Apesar destas opiniões, parece-nos fácil mostrar que tal étimo, não satisfaz verdadeiramente. Um latim *appectorare* daria em português, por exemplo, **apeitrar* ou, com metátese do *r*, **apreitar* (**apreito*, *apreitas*, *apreita*, *apreitamos*, *apreitaís*, etc.), mas não *apertar* ou *apretar*, e em espanhol, o grupo *et*, mesmo que por circunstâncias especiais se não chegasse a palatalizar em *ch*, sempre teria impedido a ditongação do *e* ⁽¹⁾, que afinal se verifica com inteira regularidade nas formas rizotónicas (*aprieto*, *aprietas*, *aprieta*... *aprietan*; *apriete*, *aprietes*, etc.) — cp. *pecho* (forma vernácula espanhola), *peto* (forma talvez importada, mas que seria

(1) É que este *e* implicaria a contração dum prévio ditongo *ei*, como se vê em *petral* < *peitral* ou *peytral* < *pēctōrāle* (R. M. Pidal, *Cantar de Mio Cid*, vol. II, *Vocab.*).

comparável às rizotónicas do verbo, se este tivesse a origem indicada), ant. *efeto* (hoje *efecto*), *respeto*, *sujeto*, etc.

Pelo lado semântico aquele étimo também não está necessariamente certo. O port. *apertar* e o esp. *apretar* são ricos de acepções e de empregos, mas em nenhum caso significam propriamente «estrecar contra el pecho», como define o *Dic.* da Academia Espanhola depois de aceitar aquela origem (da ed. 14.^a em diante). Consultem-se todos os dicionários portugueses e espanhóis (mesmo os dicionários da Academia Esp. anteriores àquela edição) e estenda-se a consulta às outras palavras da família (*apertado*, *apertador*, *apertão*, *aperto*; *apretado*, *apretador*, *apretón*, *aprieto*, etc.) que nada se encontrará que implique tal significado.

Como se vê, as acepções de *apertar*, esp. *apretar*, andam propriamente à volta de *estreitar*, *comprimir*, *cingir*, *atar com mais força*, *apressar*, etc., sempre sem nelas entrar implicitamente a ideia de *peito* (esp. *pecho*).

A expressão *apertar ao peito* (*apretar al pecho*), ao contrário do que julgou F. Diez e o *Dicionário* da Ac. Esp. aceitou, é uma expressão normal, sem qualquer coisa de pleonástico.

Dada a regência do complemento «ao peito» («al pecho»), nem sequer se podia comparar a um «acusativo do mesmo radical do verbo», como se usava no latim e no grego...

Histórica e geograficamente também não nos parece provável que as palavras espanholas tenham passado para o sul da Itália (Sicília, Nápoles, etc.), como se indica no artigo de REW acima transcrito, para mais com -pp- e -tt- geminados (cp. esp. *apertar*) e sem ditongo na forma *prettu*.

Finalmente a derivação das formas *perto*, *preto*, *prettu* e *prieto* do verbo *apertar* ou *apretar*... parece-nos bastante forçada. Note-se que se tratava de várias formas «fortes» derivadas de verbos «românicos» e ainda por cima com aférese do *a-*. Mais natural seria a derivação inversa...

O étimo *appectorare* oferece, pois, enormes dificuldades em todos os sentidos (fonético, semântico, histórico-geográfico e de derivações).

Quanto a **për(c)tus* por *perrectus* (< *pergere*) e a **preto* por *praesto* também nos não parecem aceitáveis.

Além de terem morfologia mais ou menos forçada, os significados implícitos não chegam para explicar *perto*, *apertar*, etc.

Covarrubias, o antigo dicionarista espanhol (*Tesoro de la Lengua Cast.*), deriva *apretar*, certamente por força do significado, do «verbo *premo*, *premis*», sem quaisquer preocupações fonéticas (ou filológicas), e para *prieto* diz não achar etimologia que lhe quadre, salvo na acepção de *apretado*, que, nesse caso, também o relaciona com o mesmo verbo latino.

P. F. Monlau (*Dic. Etim.*), a respeito de *apretar*, escreve — «Del l. *pressure*, frecuentativo de *premere*; *apretar*, com la prolongación de una *a* : o bien, como dice Cabrera, del s. *appressum* de *appremere*, estrechar, *apretar*. — Díez opina por una d. del l. *adpectorare*, de *pectus*, *pectoris*, pecho, estrechar contra el pecho». Quanto a *prieto*, parece distinguir entre *prieto* (casi... negro) e *prieto* (*apretado*). No primeiro caso, depois de citar as palavras de Covarrubias, apresenta dois étimos de Rosal — o lat. «*presso p. p.* de *premere*, *apretar*», e «*pyretos, pyr*, fuego» — ; e no segundo diz que vem do próprio *apretado*...

Apesar da falta de rigor filológico dos étimos de Covarrubias e de Monlau (a que podemos acrescentar Domingos Vieira), cremos que é realmente para os lados de *prēmēre* que se encontra a verdadeira origem das palavras que nos ocupam. O que se torna necessário é admitir um part. pass. **prēttus* por *pressus* ou, melhor, ao lado de *pressus*.

As palavras *apertar*, *apretar*, *perto*, *preto* e *prieto* devem ser todas realmente da mesma família e o étimo comum estará precisamente nesse participio.

Na verdade, a forma **prēttus* satisfaz inteiramente, tanto pelo lado fonético como pelo semântico, e a sua justificação não parece difícil. Como se sabe, em latim os *supinos* (com as formas dele derivadas) podem ser em *-tum* ou em *-sum* (com *t* ou *s*), e nada mais natural do que, no falar corrente, se tomarem às vezes umas formas pelas outras ou surgirem formas duplas, quere dizer, ao lado da forma normal (literária, principal) aparecer por vezes outra acessória (vulgar, accidental)...

Foi o que se passou com *torsum* ao lado de *tortum* (<*torquere*), com *pultare*, que pressupõe **pultus*, ao lado de *pulsare* (<*pulsus* <*pellere*), com *rapsare* (<**rapsus*), ao lado de *raptare* (<*raptus* <*rapere*), com o it. *mosso* (<**mossus*, por *motus* <*movēre*), com

**faltus* (> *falto*, *faltar*) ⁽¹⁾, ao lado de *falsus* (< *fallere*), com **fictus* (> *fito*, *fitar*), por *fixus* (< *figere*), etc. O substantivo *resposta* (esp. *respuesta*, it. *risposta*) e o verbo latino *responsitare* (além doutros) parecem pressupor mesmo um supino em que se somam as duas terminações, -*sum* e -*tum* (-*itum*), isto é, **responsitum* < *responsum* (supino normal de *respondere* e base de *respondere*) + *itum*.

Compreende-se, pois, facilmente que, ao lado de *prēssus*, part. pass. normal de *prēmere*, tenha surgido uma forma accidental, acesória, *prēttus*. Foi esta forma que serviu de origem não só às palavras portuguesas e espanholas acima, mas também às dialectais da língua italiana (com dispensa dos saltos transmediterrâneos de torna-viagem indicados em REW).

O que se verifica é que numa parte da România (Itália e França...) ficaram as palavras provenientes do part. pas. normal, *prēssus*, e noutra (Portugal, Espanha e Sul da Itália...) prevaleceram as formas baseadas em **prēttus*, conforme indicamos a seguir.

- A) 1 — *prēssus* (e *appressus*): it. *presso* (perto, perto de); fr. *près*: prov. *près*; it. *appresso*; port. ant. *apresso*; fr. *après*: prov. *après*.

- 2 — *pressare* (< *pressus*...): it. *pressare* e *appressare* (apertar); port. ant. *apressar*; fr. *presser*.

- B) 1 — **prēttus* (por *pressus*): port. ant. *preto*, hoje *perto* (adv.); port. *preto* (adj. e subst. = negro); esp. *prieto* (adj. e subst.); logud. *prettu* (sangue coagulado, soro); ap. (?) *prettu* (v. REW, 540).

- 2 — **apprettare* (< **prettus* ou **apprettus*): port. ant. *apretar*, hoje *apertar*; esp. *apretar*; calab. *apprettare*; sicil. *apprittari*; napol. velet. *apprettà*; abruz. *apprettà*, *applettà*.

Quanto ao sentido de cor (*preto* = negro), note-se que o lat. *pressus* já se empregava com o significado de sombrio, escuro, etc.,

(1) É melhor **faltus* que **fallitus* (como indicam geralmente os léxicos), pois que esta daria antes **faldo*, **foldar*, e não era equivalente acústica de *falso*. Compare-se, além disso, com **soltus* (> *solto*, *soltar*) e **voltus* (*volta*, *voltar*) por *solutus* e *volutus*.

como se pode ver, por exemplo, em Forcellini, F. Gaffiot e em E. Benoist et H. Goelzer. O *e* fechado de *preto* será simples questão de metáfora (cf. *avesso*, *reverso*, *travesso*, *ledo*, *lêvedo*, *grego*, etc.) ⁽¹⁾.

Percevejo

Vários são já os étimos propostos para a palavra portuguesa *percevejo*, mas cremos que nenhum apresenta ainda um grau de probabilidade tal que se possa já considerar aceitável. Abalançamo-nos, por isso, a propor mais um, que nos parece muito razoável — e talvez esteja mesmo certo...

Rafael Bluteau (*Vocabulário*, 1712-1727) alude a um étimo de velho estilo — a expressão «por sobejo» — ao definir: «Insecto vermelho, chato e fétido, nem por isso criado por sobejo, donde alguns, sem, reflexão às sapientíssimas disposições da Providência Divina derivaram o nome deste bicho»...

A definição do *Vocabulário* é dada na forma «*Persovejo*, ou *Porsovejo*», mas, além de *porsovejo* (no lugar próprio), menciona-se também *percevelho*, onde se remete para um *persobejo* que depois se não regista (esta forma deve estar, portanto, por *persovejo*).

Muito recentemente Leo Spitzer ⁽²⁾ cita e critica dois outros étimos, que acha «pouco convenientes», e propõe outro pessoal, novo.

O primeiro, atribuído a R. Riegler (*Das Tier im Leben der Sprache*, pág. 271, e *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, s. v. *Wanze*), mas que era também o de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Miscelânea de Caix e Canello*, 1885), pretende basear-se no verbo *perseguir*: *percevejo* ou «*persevejo*» = «o que persegue», «perseguidor». Como diz muito acertadamente Leo Spitzer, esta etimologia não serve nem semântica nem foneticamente: 1.º o *percevejo* não se caracteriza pela «insistência na perseguição da vítima» (é mesmo covarde, traiçoeiro, só atacando de noite, às

(1) Em princípio podemos distinguir entre **prêto* (forma adverbial), que deu *preto*, *perto*, e **prêtu*, que deu *preto*.

(2) Em *Revista de Portugal* (vol. XI, n.º 54 — Abril de 1947) — *O Folclore da Semana Santa e a Origem da Palavra «Percevejo»*, tradução do espanhol de *Anales del Instituto de Lingüística*, I, 1941, Cuyo — Argentina.

escuras): 2.º o lat. *qu* ou o port. *gu* dele resultante (*perseguir*) não se transforma nunca em *r*; 3.º «o sufixo *-ejo* não está nada claro».

O segundo étimo citado por Spitzer é o registado por Antenor Nascentes no seu *Dic. Etim.*, onde escreve, com pouca segurança: «PERCEVEJO — por *persevelho*, dim. de *perceve*. Talvez tivesse sido comparado ao *percebe*, marisco aferrado às rochas do mar. O final faz pensar num castelhanismo, mas em espanhol parece não existir forma análoga».

Além da dificuldade do sufixo *-ejo*, que não é português (salvo em derivados verbais, como *festejo* de *festejar* e *varejo* de *varejar*), há razão para se fazerem, com Spitzer, as seguintes observações: «o crustáceo, *percebe* [ou *perceve*...] parece-me muito distante do nome de *percevejo*, animal não só continental mas até, pode dizer-se, doméstico, particularmente nos países meridionais: ter-se-ia chamado pelo nome de um animal marinho outro que vive «em casa»? o mais conhecido pelo menos conhecido? Por outro lado, continua Spitzer, a palavra *percebe* tem para mim o aspecto de ser bastante recente: em francês *pouce-pied* «*anatiçe*, género de crustáceos univalves», só aparece em 1558»...

Mas o étimo proposto por Leo Spitzer, infelizmente, não apresenta mais probabilidades de acerto.

Baseado na palavra grega *παράσκευα* (preparação, preparativos), que foi adoptada pelos judeus com o significado de «véspera do sábado» (preparação para o sábado), «sexta-feira», e pelos cristãos (*parasceve*) no sentido de «sexta-feira, especialmente de «sexta-feira santa», imaginou um latim eclesiástico *PARASCEV-IZARE «realizar os preparativos para a sexta-feira santa», do qual derivaria um **parascevejar* português e deste um substantivo **parascevejo* «com o sentido de «preparativos, purificação, varredura» > «as coisas varridas (bichos, percevejos, etc.)». «A passagem da forma **parascevejo* a *percevejo* não oferecia dificuldades, se toda a construção anterior não fosse mais do que hipotética. Na verdade, apesar de as formas básicas se relacionarem com a linguagem religiosa (eclesiástica), não se encontram os mais leves vestígios quer dum verbo **parascevizare*, port. **parascevejar*, quer do seu derivado **paráscevejo*, que teria de ser muito corrente, muito usual, para passar de abstracto (acto de **parascevejar*) a concreto («as coisas varridas») e finalmente a um sentido restrito bastante forçado (*percevejo*). O próprio Spitzer confessa que não encontrou nada completamente demonstrativo para a sua hipótese de relacionar «Sexta-feira Santa» com *percevejo*.

Tudo parece indicar, pois, que se trata de simples hipóteses sem verdadeiro fundamento.

E, no entanto, a palavra *percevejo* teve uma origem... tem que ter um étimo...

Vejamos, portanto, se somos capazes de lhe encontrar uma explicação mais razoável, se não mesmo certa.

Como se vê, o lat. *cimex*, por falta de expressividade ou por outro motivo qualquer, não conseguiu vingar nesta parte da Península Ibérica (como não vingou nas Gálias). Em seu lugar aparecem-nos esta palavra especial, *percevejo* (com o variante *percevelho*).

Quanto à forma da palavra, Jerônimo Cardoso (*Dict. Latino-Lusit.*)⁽¹⁾ traz *percevejo* como tradução de *cimex*, Agostinho Barbosa (1611) regista *percevelho* e Bento Pereira indica as duas — *percevejo*, em *Prosódia*, e *percevelho*, no *Tesouro da Língua* —, mas acaba por trazer só *percevejo* (pelo menos desde a 7.ª edição)⁽²⁾. Como se disse acima, R. Bluteau, embora registe *percevelho*, só dá importância às formas em *-ejo* (*persovejo* e *porsovejo*), e Morais Silva, seu continuador, só regista as duas últimas⁽³⁾, salvo nas edições póstumas.

Percevejo, além de ser a escrita mais antiga e normal, registada pelos vocabulários ortográficos (de Gonçalves Viana, da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras...), é também a forma geral.

À primeira vista a palavra tem toda a aparência de um derivado — e mais ainda se a aproximarmos (mesmo subconscientemente) da sua variante *percevelho*.

No entanto, derivado verbal não deve ser: o seu significado concreto e restrito não é compatível com uma origem desta natureza, tanto mais que não se conhecem significados de transição; e, como vimos, os étimos propostos neste sentido (do hipotético **parascevejar* e de *perseguir*) estão, na verdade, muito longe de satisfazer. Derivado nominal, em última análise, também não é provável que seja: como se sabe, o sufixo *-ejo* não pertence à língua portuguesa, mas ao espanhol (em port. corresponde-lhe *-elho*); em espanhol não existe

(1) Vimos a edição de 1601 e a de 1694.

(2) Desde as primeiras edições (3.ª, 1656?) que *Prosódia* e *Tesouro da Língua* se encontram num só volume.

(3) Por acaso não chega a dar definição porque em *persovejo* remete para *porsovejo* e nesta limita-se a remeter para aquela.

«forma análoga» de onde a nossa pudesse provir; e a variante *percevelho*, como também opina Leo Spitzer, deve ser secundária. Na verdade, seria muito mais difícil passar da forma *percevelho* (com sufixo português) para *percevejo* do que inversamente.

Além disso, *perceve* ou *percebe* (< *pollicipède*.)⁽¹⁾ parece ser a única base possível de derivação e essa, como se viu já acima, não satisfaz semântica e geograficamente (portanto, mesmo à parte a questão do sufixo).

Com efeito, entre o *perceve* (ou a *perceba*) e o *percevejo* não há nenhuma espécie de analogia. O primeiro é um crustáceo marinho, parado, fixo por um pedúnculo e comestível, ao passo que o *percevejo* (o *percevejo* típico) é um insecto terrestre, doméstico, livre, bastante ágil, prejudicial e fedorento...

Não sendo um derivado, a palavra, com aquela extensão (quatro sílabas), deverá ser um *composto* — e um composto certamente muito antigo, talvez dos primeiros tempos da romanização do ocidente da Península⁽²⁾.

Composto, porventura, adrede formado, é natural que os seus elementos estejam semânticamente de acordo com as características do nojento animal...

Ora, os elementos que mais nos parecem satisfazer, semântica e foneticamente, são as palavras *pūlex* (*pulex*, *icis*. s. m., pulga, pulgão — e daqui, por extensão, bicho, parasito) e *foetidus* ou *fētīdus* (que cheira mal, fétido, asqueroso).

De *pulex* + *foetidus* ter-se-ia formado o composto analítico **pollicifetīdu*-, que passaria naturalmente a **pol'cevédio*, por evolução fonética normal e rítmica (queda do 1.º *i* átono e ensurdecimento do 2.º; passagem do *f*, tornado medial, a *v*, abrandamento do *t* e queda do *d* intervocálico), e depois a **purcevejo*, por rotacização do *l* e passagem do *-di*- secundário, intervocálico, a *j* (acompanhando ainda o *-di*- primário de *hodie* > *hoje*, *invidia* > *inveja*,

(1) Como étimo de *percebe* (ou *perceve*), A. Nascentes traz «lat. *pollicipes*», que não está bem certo. A palavra é *pollicipes*, *ēdis*, ac. *pollicipēdum*, e só assim explica as formas portuguesa e espanhola.

(2) A formação românica de «por sobrejo» não parece de considerar. Deve tratar-se principalmente duma questão de assonância.

F. Constâncio, E. Faria e J. M. Correia de Lacerda, por outro lado, pretenderam formar «*persevejo*» «do fr. ant. *pers*, de cor escura livida ou magro, seco, chato, do gr. *perkos*, negro, e *viez*, feio, asqueroso», mas também não mereceram, nem merecem qualquer atenção.

in-tædiu- > entejo, *diaria > jeira*, *sedeat > seja*, *insidiare > ensejar*, etc.).

A transformação de **purcevejo* ou **porcevejo* em *percevejo* é perfeitamente compreensível, dada a frequente alternância de *por-* e *per-* iniciais, protónicos, mesmo sem precisarmos de tomar em consideração as formas *porsovejo* e *persovejo* ou *persobejo* de Bluteau (séc. XVIII), que devem estar influenciadas pelo mencionado étimo «por sobejo».

Aqui o único ponto para que não encontramos casos semelhantes é o da passagem do *-di-* secundário a *j*, mas talvez apenas por escassez de exemplos em idênticas condições. São, na verdade, raras as palavras vulgares provenientes de formas latinas em *-etidu*, *-itidu*, etc. Presentemente apenas nos ocorre *nédio* (< *nītīdus*), que, no entanto, parece não se ter popularizado muito. Por outro lado, há palavras como *mesmo* (< **medesmo* < *metipsimu*), *pêla* = sertã, frigideira (< **padela* < *patella*) ⁽¹⁾, *mealha* (< medalha < **metallia*) ⁽²⁾, *impigem* (< **impedigem* < *impetigine-*), *dais* (< *dades* < *datis*), *estais* (< *estades* < *statis*), *fazeis* (< *fazedes* < *facitis*), *sais* (*saides* < *salitis*), etc., *Braga* (< **Bragala* < *Bracara*), etc., *diante* (< *delante* ou **dinante* < *de + in + ante*), etc. em que fonemas secundários evoluíram como se de primitivos se tratasse.

(1) O étimo de *pêla* nesta acepção (termo que nós conhecemos desde a infância) pode-se dizer que não estava ainda estabelecido — a palavra falta em *R E W* e as origens indicadas por alguns dos nossos léxicos não satisfazem. No entanto, a etimologia acima apresentada não deve oferecer dúvidas. Basta comparar com o esp. *padilla*, o fr. *poêle* (fr. ant. *paelle*), o prov. *padela*, o cat. *paella*, o it. *padella*, etc. (v. *R E W*, 6286).

(2) A evolução de *mealha* deve estar realmente no caso de *mesmo* e de *pêla* (v. it. *medaglia*, logud. *metaglia*, fr. *maille*, cat. *malla* [< *maalla* < **mealla*], esp. *meaja*). O étimo **medialia* ou **medalia* (pl. neut. de **medialis*) é forçado e arbitrário (cf. formas românicas de *medius*, *medianus*, etc.).

Vem ainda a propósito citar a palavra port. *grelha*, sobre cuja evolução ainda há dúvidas. Esta, afinal, ou provém directamente dum lat. **gratic(ula)*, por **graticula* ou *craticula*, através de **gradella*, com queda do *d* secundário intervocálico (cf. it. ant. e nap. *gratiglia*, fr. ant. *graille*, hoje *gril*, *grille*, logud. *kadriya*, campid. *kardiga*, prov. *grazilha*, etc.) ou nos veio pelo cat. *graelia* (pl. *graelles*), este dum lat. **gratella* por *craticula* (cf. valenc. *graelles*, esp. ant. *gradilla*, it. *gratella* ou *gradella*), que também pressupõe uma forma **gradella* com queda do *d* secundário. Do francês é que ela não deve provir, como se indica em *R E W*, 2309, pois que esse tem sempre *i* longo. O recente verbo *grelhar* é que deve ser adaptação do fr. *griller* (molidado em *grelha*).

Quanto à conveniência semântica dos elementos *pulex* e *foetidus*, é curioso verificar que, pelo que respeita ao primeiro, no centro e norte do Friul (Itália) se encontram nomes do *percevejo* que parecem ser derivados de *pulex* (além doutros que resultaram, sem dúvida, de cruzamentos)... — *pulëziç*, *puližiä*, *puliëgžies*, etc. (1) — e no sul da Itália, bem como na Sardenha, também aparecem vários que devem provir do cruzamento de *cimex* com *pulex* (2) — nap. *peramëçç*, campid. *pinnige* (v. REW, 1915), *pinnica*, *pinnicu*, *pimeça*; pannëç, *pinnica*, *pinnici*, *pinaça*; *pnniçe*, *pinnige*, *šinnije*, *šinnizi*, etc. (v. AIS) (3), as últimas com dissimilação: *p-m* ou *b-m* > *p-n* ou *b-n*. E pelo que a *foetidus* toca, além de o fedor ou a fetidez ser característica saliente do bicho (característica que entra geralmente na definição e sempre na descrição), basta notar-se que o nome francês, *punaïse*, também parece relacionado precisamente com essa qualidade (4).

A variante *percevelho* (dalguns pontos do Minho e da Beira) (5) essa deve ser realmente secundária e pode talvez explicar-se, quer por um vago reconhecimento de que *-elho* é o correspondente vernáculo de *-ejo* (portanto, por uma espécie de ultracorreção popular), quer, melhor ainda, por uma questão de eufemismo, dado que se trata de um parasito nojento (cp. *pioelho* e *bicho*, *diabo* e *diacho*, *dialho*, *dianho*, etc.).

Na linguagem vulgar, pelo menos do centro da Beira, a forma principal, *percevejo*, passou já a *pecevejo*, pela normal assimilação regressiva do *r* a *c'* = *s*.

(1) *Atlas Ling. Ital.* ou AIS, carta 473 (pontos 318, 319, 327, 337, etc.).

(2) Estes derivados e cruzamentos representam talvez o sinal duma tendência antiga (a da ampliação de sentido de *pulex*).

(3) Carta 473 (cp. 474), pontos 618, 720, 721, 722, 742, 744, 745, 750, 751, 752; 912, 947, 949, 954, 957, 963, etc.

(4) O composto latino inicial, formado no ocidente da Península Ibérica, também podia representar a tradução dum termo indígena pré-românico.

(5) V. José Leite de Vasc., *Opúsc.* II.

Acalentar

A explicação etimológica de *acalentar* pelo latim *calens, entis* (quente) parece de tal modo intuitiva que se encontra em todos os dicionários portugueses de certa importância ou autoridade (*Dic. Etim.* de A. Nascentes, *Dic. Man. Etim.* de Adolfo Coelho, *Dic. Etim.* de J. T. da Silva Bastos, *Novo Dic.* de Cândido de Figueiredo, *Grande e Novo. Dic.* de Laudelino Freire, *Enc. Port. e Bras.. Dic. Cont.* de Caldas Aulete, *Dic. Compl.* de Augusto Moreno, etc.) (1).

Como que em abono deste étimo, Cândido de Figueiredo começa por atribuir à palavra o significado de «Aquecer nos braços»...; e Adolfo Coelho, A. Nascentes, etc., invocam o mesmo significado para justificação da etimologia — *acalentar*, escrevem eles, «é propriamente aquecer nos braços»...

Neste caso *acalentar* seria uma forma alotrópica de *aquentar*.

Cremos, porém, que nada disso tem real fundamento: o étimo de *acalentar* (ant. *acalantar*) não deve estar no lat. *calens, entis* (quente); e o verdadeiro significado da palavra nada deve ter com *aquecer* ou *aquentar*...

A. R. Gonçalves Viana, aludindo acidentalmente à palavra (*Apost.* I, 200, s. v. *caida*) e aceitando implicitamente a origem acima indicada, não deixa de se ver forçado a considerá-la um castelhanismo, em virtude da manutenção do *l*. Mas em espanhol, conforme já Nascentes observou, não há *acalentar* e sim «*calentar*, que aliás não tem a significação do português».

Foneticamente, portanto, o caso já não se apresenta tão claro como parecia à primeira vista.

Vejamos, porém, antes de mais o rigoroso significado da palavra.

Em seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, o consagrado Moraes Silva, na 1.^a ed. (1789), regista apenas: «**Acalentar**, v. at. fazer calar a criança, que chora», com abonação de Frei Luís de Sousa (*Vida de Frei Bart. dos Mártires*, I, 1). Nas duas edições seguintes (1813 e 1823) a «fazer calar a criança que chora», acrescenta: «apla-

(1) F. Constâncio, E. Faria e J. M. Lacerda dão outro étimo (Gr. *α priv.* + *κλαίο*, *choro* + *-tar* ou *-entar*), mas claramente insustentável, como muitas vezes acontece nesses autores.

car, consolar a pessoa que chora, que está aflita»...; e (como verbo reflexo) «calar-se» (este emprego documentado com a *Menina e Moça*, I, cap. 25). Por exemplo, Domingos Vieira (1871) e Caldas Aulete (1881), apesar de já apresentarem o étimo *calens, entis* (quente), também dão definições mais ou menos semelhantes, em que nunca entra a ideia de aquecer.

Finalmente citemos o *Dicionário Galego-Castelhano*, da Academia Galega, que cremos alheio a influências etimologizantes: «**Acalentar**, v. a. Acallar los niños cuando lloran acariciándolos y tomándolos en el regazo»; «procurar aplacar el llanto de alguno»; «Arrullar. Hacer dormir los niños cuando lloran, acunándolos ó por medio del canto».

Como se vê das citações dos *Dicionários* de Moraes Silva e da Academia Galega (e que concordam com o emprego espontâneo, vulgar, vivo) a palavra *acalantar* significa fundamentalmente *calar* (*acalantar* a criança é *calar* a criança...), e não «aquecer». A esse significado próprio e restrito se juntaram depois outros mais extensos ou figurados: *calar* (a criança que chora), *calar* ou *adormecer* (a criança), *arrolando-a e embalando-a nos braços ou no berço*; *embalar* (em sent. próp. e fig.); *acarinhar* (a criança, esperanças); *aplicar*, *sossegar*, etc.

Com este significado está também de acordo a forma antiga *acalantar*, registada por diversos léxicos (*Dic. Etim.* de Adolfo Coelho, *Dic.* de Domingos Vieira, *Enc. Port. e Bras.*, *Vocab. acadêmicos*, *Grande Dic.* de Laudelino Freire, etc.), baseada em Amador Arrais (*Dial.* X, 55), etc.

É, portanto, de admitir que entre *acalantar* ou *acalantar* e *calar* haja relações, não só de significado próprio, mas também de natureza etimológica... Na verdade, a palavra que nos ocupa deve provir, não do lat. *calens, entis*, como se tem julgado (este deu em português *quente* e *aquestar*), mas do verbo *calar* (< **callare*, REW, 1487), mais precisamente dum seu particípio presente **calante* (cp. esp. ant. *callante*), com o sufixo verbal *ar* e a anteposição dum *a* (*a* + **calante* + suf. *ar*) (1). Assim se teria formado o antigo *aca-*

(1) É curioso que em Domingos Vieira, depois de se justificar o étimo latino *calens*, contra o grego *klaio*, vem uma nota etimológica (no fim do artigo de *acalantar*) em que já se pressente certa relação com *calar*, escrevendo-se: «Como a ideia de *acalantar* é produzir silêncio, e não agasalhar, é natural que seja uma forma frequentativa do verbo *calar*, isto é, *calar* a medo, de instante a instante»...

lantar e *deste*, por dissimilação do *a* nasal, a forma **acalentar**, hoje considerada normal. Esta dissimilação é em tudo semelhante à que sofreu *aguantar* para dar *aguentar* ou à que deve ter sofrido um antigo **amamantar* (cp. esp. *amamantar*) para se converter em *amamentar* (4). Este exemplo dá-nos até o ensejo de dizermos, para melhor compreensão etimológica, que *acalentar* (<*acalantar*) deve estar para *calar* (<**callare*) como *amamentar* (<**amamantar*) está para *mamar* (<lat. *mammare*).

Finalmente é de interesse acentuar que o português *acalentar* ou *acalantar* (<**calante* <*calar*) está em perfeita correspondência com o espanhol *acallantar* (<*callante* <*callar*), salvo na dissimilação vocálica (mas que também falta em *aguantar* e em *amamantar*) e no grau de emprego (visto ser geralmente substituído por *acallar*) (2).

Portanto, *acalentar*, *acalantar* não vem do lat. *calens*, *entis* (quente), mas de *calar*. Também não foi *acalantar* que se originou de *acalentar* por «corrupção» (Laudelino Freire) ou por simples «confusão» entre *an* e *en* (J. H. D. Allen, Jr., *Port. Word Form.*, § 148), mas inversamente.

Em última análise, verifica-se que tanto o sentido próprio (*calar* [a criança que chora], como as condições fonéticas (*-l* < *-ll* e [a] — *a* — *ē* < [a] — *a* — *ā*), como ainda as analogias com o espanhol (*acallantar* <*callante* <*callar*) são inteiramente a favor do novo étimo: *a* + **calante* [<*calar*] + suf. *ar* <*acalantar* [>*acalanto*] > *acalentar* [>*acalento*] — além de *calentar*.

Em REW, 1487, faltam não só estas formas portuguesas *acalantar* e *acalentar* ou *calentar*, mas também as espanholas correspondentes (*acallantar*, *callantar* e *acallar*).

(4) José Leite de Vasc. (*Esquise*, § 49, c), entre outros exemplos em condições diferentes, cita também a forma dialectal *aventajar* como dissimilação de *avantajar*.

(2) Em esp. há ainda a forma *callantar* (= *acallantar* = *acallar*); mas em port. também se encontra *calentar* (v. recente edição da *Menina e Moça* por D. E. Grokenberger, pág. 83, l. 8 — em nota a forma *acalentar*).

Lucifer; Lusbel

Na linguagem geral portuguesa existe a palavra *lucifer* principalmente com o significado de «príncipe dos demónios», «satanás», «anjo mau», «belzebu», «príncipe das trevas», «diabo»... É sua forma vulgar *lusbel*, que teve como intermediária uma antiga *lucifel* (v. *Leal Conselheiro*). A palavra *lucifer* é normalmente aguda, no singular (*grave* no plural), como bem o indicam também as outras formas citadas e o espanhol *lucifer*, etc., mas alguns eruditos, desconhecendo a origem imediata da palavra (ou a sua história) e vendo na sua grafia um nominativo latino, pretenderam dar-lhe prosódia esdrúxula — e com ela se tem mantido na maior parte dos nossos léxicos. Trata-se, como já se vê, de simples ultracorreção latinizante, sem qualquer fundamento nem propósito. Não falta quem a considere *pop.* e lhe dê essa prenúncia, por sinal bem «esdrúxula», e, mais ainda, quem lhe ponha o acento tónico a passear por todas as sílabas (*lucifer*, «*lúcifer*» e «*lucíferes*»).

Vejamos mais concretamente o que se passa.

Bento Pereira (*Prosodia*) parece ser o primeiro a registar *Lucifer*, *Lusbel*, como tradução do subst. lat. *Lucifer*, *i.* Depois de dar o significado de *estrela da alva*, acrescenta «item *Lucifer*, *Lusbel*, *Príncipe dos Demónios*».

O facto de trazer *lucifer* e *lusbel* lado a lado, sem qualquer sinal de acentuação, parece indicar que considerava ambas as formas agudas.

F. S. Constâncio, E. Faria e J. M. A. Correia de Lacerda também não indicam a prosódia, mas relacionam sempre a forma *Lucifer* com a forma *Lusbel* (ou *Luzbel*), pelo que é de presumir que as considerassem também ambas igualmente oxítonas. Coisa semelhante se pode admitir para Domingos Vieira, que regista *Lucifer* e *Lusbel*, sem indicação prosódica.

Foi Rafael Bluteau, que, como se sabe, era estrangeiro, quem primeiro indicou, cremos, a prosódia esdrúxula no seu importante *Vocabulário*, escrevendo *Lúcifer*.

Morais Silva, na 1.^a ed. (condensação do *Vocabulário* de R. Bluteau), regista *Lucifer* e *Lusbel* sem indicação de pronúncia, mas na 2.^a e 3.^a já acentua *Lúcifer* e *Lusbel* sem se dar conta da

contradição prosódica. As edições 4.^a, 6.^a e 7.^a (que já são póstummas) essas então trazem *Lúcifer* (com duplo acento, no *u* e no *e*), ao lado de *Lusbel*; na 8.^a e na 9.^a resolvem-se esta perplexidade registando-se *Lucifer* e acrescentando-se, no fim do artigo, a nota: «Alguns pronunciam *lucifer*». Observe-se que da 5.^a ed. em diante também se menciona o pl. *luciferes* sem indicação de prosódia.

A. Gonçalves Viana (*Vocab. Ort. e Rem.*) regista «*lucifer, m., ou lúcifer, m.; pl. luciferes*».

Os *Vocabulários* académicos (o português e o brasileiro) averbavam «*lúcifer, s. m. Pl. luciferes*», e Rebelo Gonçalves, no *Trat. de Ort.*, indica mais, em nota, a «variante» *lucifer*⁽¹⁾, o que completa a triplíce prosódia de Gonçalves Viana.

Estes *Vocabulários* (o de Gonçalves Viana e os académicos) desconhecem a forma vulgar *lusbel*. Pelo que respeita a outros léxicos, o *Novo Dic.* de Cândido de Figueiredo, o *Grande e Novis. Dic.* de Laudelino Freire e o *Dic.* de J. T. da Silva Bastos só registam *Lucifer*, o último com a indicação de *pop.*, e os Dicionários de A. Moreno e de F. Torrinha registam *Lucifer* e *Lúcifer*.

Finalmente a *Gr. Enc. Port. e Bras.* regista *Lúcifer* e cita *luciferes*, sempre esdrúxulos, apesar de atribuídos à linguagem vulgar, mas não esqueceu o registo de *Lusbel*.

Mestre José Leite de Vasconcelos, em *Estudos de Filologia Mirandesa* (I, 48-49), cita o mirandês *alcifer* (*lo alcifer*), que iguala a *Lucifer* (agudo), mas em nota acrescenta: «O povo em muitas partes pronuncia *Lucifer* em vez de *Lúcifer*: por isso se lê em cima *lo alcifer*»...

Apesar desta vaga concessão à pronúncia latinizante «*lúcifer*» do próprio Dr. J. Leite de Vasconcelos, não pode haver dúvidas de que a verdadeira pronúncia portuguesa é *lucifer*. É esta a acentuação não só da linguagem falada corrente mas também, certamente, de Bernardes, de Garrett (este citado até por Rebelo Gonçalves), de Aquilino Ribeiro, etc. As formas *lucifel* e *lusbel*, já citadas, o mirandês *alcifer* (= *Lucifer*) e o esp. *lucifer* (não falando no cat. *llucifer*, etc.) indicam realmente essa prosódia sem sombras de dúvida.

Quanto à etimologia, os léxicos acima que trazem indicações nesse sentido tiram *lucifer* directamente do lat. *lucifer, i* ou dão os

(1) Na parte onomástica do *Vocabulário* da Academia das Ciências de Lisboa também se regista *Lucifer* (ant. e pop.) ao lado de «*Lúcifer*».

seus elementos *lux* + *fero*. O *Dic. Etim.* de A. Nascentes não regista a palavra e REW, 5141, não inclui formas portuguesas.

José J. Nunes, em *Gram. Hist.*, cita *lucifer* como origem de *lusbel*, mas nada diz sobre o étimo da primeira, certamente por aceitar a opinião geral.

No entanto, dada a sua pronúncia real e até a sua morfologia, a origem directa do latim não é de admitir. O lat. *luciferu-* (*lucifer*, *i*, de tema em *o*) daria em port., a princípio, *lucifero* (idêntica à actual forma erudita) e depois, por evolução vulgar, **luzevro*, **luzebro* ⁽¹⁾.

A forma *lucifer* veio-nos, sem dúvida, do francês, trazida e divulgada pelos numerosos padres e monges principalmente do tempo da reconquista cristã (v. R. Menéndez Pidal, *Orígenes*, pág. 508, etc.). A forma espanhola, também com mudança de tema (*o* para *r*) e com deslocação do acento tónico para *fe* (*-fer*), sem ditongação do *e* originário, confirma essa importação. E não são poucas as palavras que, por esses tempos e até em data anterior, nos vieram da França. Lembremos apenas alguns exemplos entre muitos: *arcipreste*, *arceiro*, *assembleia*, *baixela*, *bedel*, *broquel*, *cadete*, *chaminé*, *chanceler*, *chantre*, *chapéu*, *chefe*, *colete*, *crepe*, *deão*, *dintel* ou *lintel*, *entremez*, *envelope*, *folia*, *forja*, *franja*, *hotel*, *jardim*, *jaula*, *jarre*, *jóia*, *latim*, *leste*, *libré*, *lis*, *loja*, *manjar*, *mastim*, *mecha*, *menestrel*, *nordeste*, *norte*, *oboé*, *obreia*, *pais*, *peagem*, *personagem*, *pichel*, *pré*, *preste* ou *prestes*, *proeza*, *quitar*, *recrutar*, *rocha*, *rolar*, *rotina*, *sarja*, *sege*, *sinete*, *talante*, *timbre*, *toesa*, *trem*, *ultraje*, *valete*, *vantagem*, *vergel*, etc.

Como *lucifer*, várias destas palavras têm relação com a linguagem religiosa.

Temos, portanto, que o lat. *lūciferu-* (*lūcifer*, *i*), além do it. *lucifero*, velet. *čifero*, etc. (v. REW, 5141), deu o prov. e fr. *lucifer* (citado por F. Godefroy, *Suplem.*, por E. Littré, Raynouard, etc.), de feição culta ou semiculta, e deste proveio o port. e o esp. *lucifer*, mirand. *alcifer* (*lo alcifer*). Compare-se com o cat. *llucifer* e o maiorquino *llocifer*. Em português, não há, pois, razão para

(1) Cf. *ábrego* ou *ávrego* (< *africus*) e *breve* (< **beura*), *bibera* (< *bifera*).

Note-se que nada autoriza a tirar *luzeiro*, esp. *lucero*, de *luciferu-*, como se vê em REW. Essas palavras ou vêm de *luz* (com o suf. anal. *-eiro*, esp. *-ero*) ou temos que admitir um protótipo comum **luciariu* (cf. *cruzeiro*, *carteiro*, *marmeleiro*, *saleiro*, *sombreiro*, *viveiro*, etc.).

as bárbaras acentuações «*lúcifer*», pl. «*lúciferes*» — afinal falsos eruditismos por **lucifer** (ou **Lucifer**), pl. **luciferes**.

Por seu turno, o português *lucifer* deu a antiga forma *lucifel* e a vulgar *lusbel*. Para esta última podemos admitir as seguintes fases evolutivas: *lúcifer* > *lucifel* (> **lucivel* > **luzvel*) > *luzbel* > *lusbel*.

A passagem do *f* medial a *v* é normal, como se sabe; a passagem a *b* tem também alguns exemplos (v. *ábrego* e *bêbera*), mas aqui pode explicar-se ainda como evolução regular dum *v* em posição forte — **lucivel* > **luzvel* (pronunciado como **luz-rel*) > *luzbel* > *lusbel*.

Além do significado religioso (diabo, príncipe dos demónios, belzebu...), a palavra *lucifer* pode, na verdade, designar também a «estrela da alva» ou «estrela da manhã» (aliás, o planeta Vénus, quando precede o nascer do Sol), mas nesta acepção deverá alternar com a forma erudita *lucifero* (adj. e sub.), que significará: (como adj.) que emite luz; luminoso; (como s. m.) estrela da manhã (o planeta Vénus quando precede o nascer do Sol); género de crustáceos macrúros.

Latim

Citámos há pouco a palavra *latim* por entre aquelas que nos vieram da França. Na verdade, deve ter sido essa a origem próxima, tanto do port. *latim*, como do esp. *latin*, a despeito da diferente opinião dos filólogos.

O Dr. José Leite de Vasconcelos, sempre que se lhe oferecia ocasião, explicava a origem de *latim* pela forma adverbial *latine*, integrada na expressão *latine loqui* (v. *Lic. Filol.*, pág. 15, etc.), e foi também esse o étimo apresentado por A. Nascentes (*Dic. Etim.*), por Vic. Garcia de Diego (*Gram. Hist.*, 179), etc. No entanto, só por inadvertência ou por absorvente preocupação de dar uma explicação vernácula ao *-im* (esp. *-in*) da palavra se pode justificar tal opinião... É que um *latine* (< *latinus*), vindo dos tempos do *latine loqui*, em evolução local, em português e castelhano vernáculos, não poderia dar senão *ladim* (port.) e **ladin* (esp.), visto que *-t-* dá regularmente *-d-* nestas línguas⁽¹⁾.

(1) Cândido de Figueiredo (*Nov. Dic.*) cita realmente, em primeira mão, a forma *ladim*, mas não a documenta. É evidente que só integrada em textos poderíamos ajuizar da sua autenticidade e natureza. Dispensamo-nos de a tomar aqui em linha de conta.

Nem precisamos, portanto, de criticar a condição de advérbio do suposto protótipo latino. Torna-se também evidente que a palavra *latim* (esp. *latín*) não pode vir directamente de *latinus*, como indicam diversos dicionários (*Dic. Etim.*, de F. A. Coelho, *Novo Dic.*, de Cândido de Figueiredo, *Dic. Cont.*, de Caldas Aulete, *Dic. Etim.*, de J. Silva Bastos, *Gr. Novis. Dic.*, de Laudelino Freire, *Enc. Port. Bras.*, *Dic. da Acad. Esp.*, *Dic. Etim.* de P. Monlau, etc.) (1), embora deva ser essa a origem remota.

Estamos, portanto, em presença dum caso etimológico semelhante ao de *invés*, *revés* e *través*, de que tratámos no *Bol. Filol.*, VIII, 2 (págs. 148 e segs.).

O adjectivo original, *latinus*, deu directamente as formas romances (adj. e s.) it. *latino*, *ladino*, longud. *ladinu*, fr. *latin*, prov. *latin*, *lati*, cat. *llati*, port. ant. *ladinho* e esp. *ladino* — e foi do fr. ou do prov. *latin* que proveio o port. *latim* e o esp. *latín*, seguindo os mesmos caminhos de *arcipreste*, *chanceler*, *chantre*, *jardim*, *lucifer*, *preste(s)*, *revés*, *timbre*, etc., etc.

O adjectivo português *ladino*, se não é forma semiculta ou conservada pelos moçárabes, foi também importada (do esp. ou do leonês).

Como se vê, a palavra port. vernácula era *ladinho* (adj. e subst.), a qual compreendia não só o significado de *latim* (*língua latina ou dos romanos antigos*), mas também o da actual forma erudita *latino* (*do Lácio, romano [antigo], relativo ao latim*, etc.) e até o de *língua românica* (v. José Leite de Vasconcelos, *Rev. Lusit.*, IV, pág. 125, e *Opusc.* IV, págs. 1302-1303) (2).

Foneticamente, por conseguinte, entre o antigo (vernáculo) *ladinho* e o erudito *latino* situam-se as formas *latim* (importada do fr. ou do prov.) e *ladino* (semiculta ou importada do esp.).

JOSÉ INÊS LOURO

(1) A forma adverbial *latine* encontra-se, por ex., no *Dic. Etim.*, de Ant. Nascentes, no *Dic. Compl.*, de Augusto Moreno, e no *Mod. Dic.*, de Francisco Torriuha.

(2) Com Leite de Vasconcelos, devemos acentuar que são inteiramente destituídos de fundamento os significados de «legítimo», «lídimo», «puro», «genuíno», «sem mescla» e «sem mistura» dados pelos nossos léxicos (dicionários e enciclopédias), antigos e modernos, para *ladinho* e, em parte, para *ladino*.



TOMO IX-FASCICULO 2

1948

La structure syllabique de l'espagnol

Étude de phonétique

Dans un article intitulé *Una ley fonológica del español* (*Hispanic Review* XIII, 1945, pp. 91 — 101), M. Amado Alonso a attiré l'attention sur une série d'oppositions phonologiques en espagnol qui perdent leur valeur différenciatrice en fin de syllabe (qui «se neutralisent», dirait-on dans les termes de l'École de Prague) ⁽¹⁾.

Il y a d'abord les nasales. Les trois phonèmes distingués par la langue en position initiale de syllabe (à savoir *m*, *n* et *ɲ*) se confondent en position implosive en un seul «archiphonème», se réalisant comme bilabial (*un paso*), comme labio-vélaire (*un farol*), comme interdental (*un cesto*), apico-alvéolaire (*un lado*), palatal (*un llanto*) ou vélaire (*un campo*), selon le phonème suivant. A la finale absolue, où le [ɲ] est inconnu phonétiquement, il existe une tendance répandue, tant en Espagne qu'en Amérique à réaliser la nasale (le *n* de l'orthographe) comme vélaire (*bien* [bjen], *nación* [ón]) ⁽²⁾ ⁽³⁾. On pourrait ajouter aux exemples allégués par M. Alonso

(1) Voir à ce sujet N. S. Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie* (Prague 1939), pp. 206 ss, Martinet, *Le français moderne* VI, 1938, pp. 138 ss, id., *Neutralisation et archiphonème* (*Travaux du Cercle linguistique de Prague* VI, 1931, pp. 46-57), Hjelmslev, *Notes sur les oppositions supprimables* (*ibid.*, VIII, 1939, pp. 51-57).

(2) J'applique en principe l'alphabet de l'Association phonétique internationale, différent sur quelques points de celui utilisé par M. Navarro Tomás et dans la *Revista de filología hispánica* (de même dans la *Biblioteca de dialectología hispanoamericana*). Pour des raisons typographiques j'utilise ici [ɲ] pour la nasale palatale, [ɱ] pour la vélaire, et [β], [ð] pour les *b*, *d* fricatifs, [tʃ] pour l'affriquée palatale (*ch*). Le *a* espagnol est symbolisé par [a].

(3) Voir Navarro Tomás, *Manual de pronunciación española* (4.^e ed. 1932), p. 112, Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica española* (7.^e ed. 1944), p. 111, P. Henríquez Ureña, *Rev. de filología española* VIII, p. 371, et les nombreux exemples du phénomène réunis dans les différents tomes de la *Biblioteca*

également les mots savants du type *interin*, *Belén*, *Jerusalén*, où un *m* final a été rendu par *n* ⁽⁴⁾, preuve parmi tant d'autres que la langue n'arrive pas à distinguer à la finale les différentes espèces d'articulations nasales. Ce qui est pertinent («lo que vale»), dit M. Alonso, en fin de syllabe, c'est exclusivement la résonance nasale du souffle sonore ⁽⁵⁾. Les différences qu'il y a au point de vue de l'occlusion buccale sont dénuées de valeur fonctionnelle.

Cet affaiblissement de la valeur fonctionnelle des nasales finales, constaté par l'éminent hispaniste, a sa contrepartie dans le domaine purement articulatoire. Le *n* final — s'il ne se transforme pas en vélaire — est une consonne relâchée dont la partie finale tend à l'assourdissement (Navarro Tomás, *Manual*, p. 112). Et on sait que dans les groupes savants *ins-*, *cons-*, *trans-*, la nasale subit un affaiblissement qui dans une prononciation rapide et négligée peut aller jusqu'à la disparition complète ou qui, souvent, ne se réalise que sous forme d'une nasalisation de la voyelle précédente (ex. *instrucción* = [instruγθjón], [iⁿstruγθjón] ou [ĩstruγθjón]. Certains parlent préfèrent le [ɲ] en position implosive même devant une consonne non vélaire (*cambiar* = [kaɲbjár], et même *himno* = [inno] ⁽⁶⁾). Quelques dialectes laissent tomber complètement une nasale implosive préconsonantique, tout en nasalisant la voyelle précédente (des exemples comme *cuanto* [kuã:to], *han dado* [ã:daða], cités par Espinosa, *Bibl. dial. hisp.* I, § 23).

Dans le système des vibrantes, les faits sont les mêmes. L'opposition qu'il y a à l'intervocalique entre *rr* et *r* disparaît en fin de syllabe, où le phonème unique se réalise avec un seul ou avec plu-

de dialectología hispanoamericana (Buenos Aires 1930 ss; par ex. I, p. 374, V, p. 139, VI, pp. 159—160). En Amérique, cette prononciation se retrouve même dans la bouche des gens cultivés. Je l'ai notée moi-même à Buenos Aires et à Asunción (voir mon article dans *Studia linguistica* I, 1947, p. 95).

(4) On sait que la prononciation avec [ɲ] est indépendante de l'orthographe qui garde souvent *n* (*dibun* [-un], *haren* ou *harén*; les deux = [arén]).

(5) «Lo que vale fonológicamente en la nasal final de sílaba es tan sólo la resonancia nasal del soplo sonoro: eso es lo necesario y a la vez lo suficiente; nuestro sistema lingüístico ya no aprovecha aquí un tercer componente material como componente intencional» (*op. cit.*, p. 95).

(6) Voir Henríquez Ureña, *Bibl. dial. hisp.* V, p. 139.

sieurs battements de la pointe de la langue (⁷), sans que cette différence articulatoire, comme ailleurs, entraîne de changement du contenu de l'énoncé (on n'a plus la possibilité de faire des distinctions du type *corro : coro, carro : caro*) (⁸). Les latérales se comportent de façon identique. En fin de syllabe, la possibilité de distinguer entre [l] et [λ] (comme dans *calar* et *callar*) n'existe plus (⁹). Les nombreuses possibilités articulatoires ne correspondent qu'à une seule valeur phonématique.

En réalité, il ne s'agit pas seulement des oppositions *l : ll* et *r : rr*. M. Alonso rappelle que même l'opposition entre latérales et vibrantes tend, dans plusieurs parlers espagnols et hispano-américains, à disparaître ou à s'affaiblir. Nous avons affaire là en réalité à plusieurs phénomènes différents. Certaines régions affaiblissent les deux liquides en fin de syllabe de sorte qu'elles se fondent dans un seul phonème relâché, intermédiaire entre l'un et l'autre. Le phénomène a une extension considérable tant en Espagne qu'en Amérique (¹⁰). D'autres régions transforment *l* à *r* ou manifestent une prédilection pour *l* (¹¹). Il y a enfin les parlers qui laissent tomber complètement le *r* final, parmi ceux-ci plusieurs dialectes espagnols, septentrionaux (¹²) aussi bien que méridionaux (¹³), de même par exemple les dialectes du Vénézuëla et de l'Équateur en Amérique. On pourrait citer dans ce contexte aussi la tendance propre à certains parlers espagnols et américains de

(⁷) Pour les détails de la prononciation du *r* espagnol, voir N. Tomás, *Manual*, §§ 112 ss, et *Rev. fil. esp.* III, 1916, pp. 166 — 168, et S. Gili, *La «r» simple en la pronunciación española*, *Rev. fil. esp.* VIII, 1921, pp. 271 — 280.

(⁸) Voir N. Tomás, *Manual*, § 116.

(⁹) On sait que le système espagnol manifeste une répugnance très nette pour les consonnes palatales en position finale où [z] est inconnu aussi bien que [ʃ] et [ç] (sc. *ch*). Voir Alonso, *Hispan. Review* XIII, p. 97, note 7.

(¹⁰) Voir Wulff, *Un chapitre de phonétique; avec transcription d'un texte andalou* (Stockholm 1889), p. 45, F. Krüger, *Studien zur Lautgeschichte westspanischer Mundarten* (Hamburg 1914), pp. 210 ss, Alonso — Lida, *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 295 — 297.

(¹¹) Fink, *Die Mundarten der Sierra de Gata* (Hamburg 1929), p. 55, Tiscornia, *Bibl. dial. hisp.* III, § 51.

(¹²) L'aranaïs et l'aragonais (García de Diego, *Manual de dialectología española*, Madrid 1946, pp. 242, 253).

(¹³) Ex. l'andalou (Wulff, *op. cit.*, le texte transcrit, pp. 22 ss).

transformer le *r* final de syllabe en un phonème vocalique (*porqué* > *poiqué*, *comer* > *comei* à Santo Domingo; Henríquez Ureña, *Bibl. dial. hisp.* V, pp. 148 — 149), d'où des ultracorrections comme *narde* (< *naide*, pour *nadie*), *sor* (= *soy*; *loc. cit.*), en une aspiration (*carne* > *cahne*, cité par Henríquez Ureña, p. 148) ou une nasale (*virgen* > *vinge*, *loc. cit.* ⁽¹⁴⁾), qui, le cas échéant, s'assimilent à une consonne suivante (*verde* > *redde*, *carga* > *cagga*, *alma* > *amma*, *irse* > *isse*; *loc. cit.*) ⁽¹⁵⁾. On pourrait continuer encore l'énumération de faits analogues (par ex. la substitution de *l* à *d*,

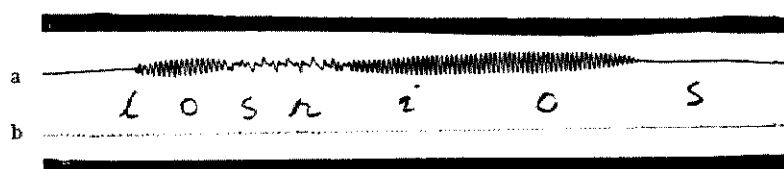


Fig. 1. Tracé (reproduction négative) du groupe *los rios*, prononcé par un sujet argentin (de Buenos Aires). L'enregistrement montre la fusion complète du *s* avec le *r* double suivant, d'où une vibrante de réalisation sourde. a = ligne buccale, b = ligne nasale.

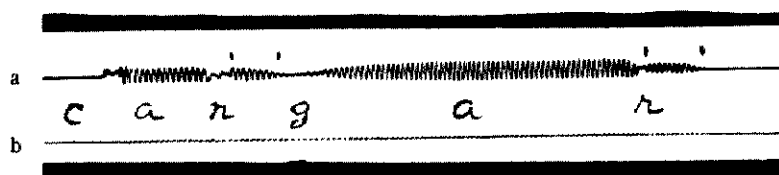


Fig. 2. Tracé du mot *cargar*, prononcé par un sujet argentin. L'élément vocalique à la fin du *r* compte 11 vibr. doublées, bien plus que la moitié de la voyelle inaccentuée *a* (16 vibr.). Observer aussi l'élément vocalique entre *r* et *g*.

(14) Cf. aussi des exemples comme *mejoh̃*, *comeh̃*, *bañah̃*, *venih̃*, cités par Henríquez Ureña (*Bibl. dial. hisp.* V, p. 148), où l'aspiration est accompagnée d'une résonance nasale. Un autre exemple de nasalisation est la forme *Requetesinvergüenza* (= *-sinvergüenza*) chez Rodríguez, *Antología del cuento moderno venezolano* I, p. 12, où l'action dilatrice des nasales environnantes a dû contribuer à l'altération.

(15) Pour ce problème et son importance pour un jugement exact des faits analogues en français (où l'amuïssement du *s* implosif a dû passer par les mêmes étapes qu'en espagnol), voir l'ouvrage cité de Wulff (pp. 45 ss).

courant partout en Amérique : *alvertido* < *advertido*, etc.) qui illustrent tous la même tendance phonétique, à savoir l'affaiblissement et la confusion des articulations en fin de syllabe ⁽¹⁶⁾.

Il sera nécessaire de souligner ici que ce ne sont naturellement pas tous les cas de passage $r > l$ ou $l > r$ qui s'expliquent en vertu de la tendance syllabique supposée par moi. Souvent il s'agit de phénomènes d'une nature bien différente, ainsi par exemple quand les liquides sont substituées l'une à l'autre dans des cas sporadiques et sans que l'altération, en principe, amène de perte de l'opposition phonologique $l : r$. M. Alonso, qui insiste sur cette différence, appelle ces cas «trueques» (*Bibl. dial. hisp.* VI, p. 296), les opposant au véritable «cambio fonético». Les «trueques» apparaissent aussi en position explosive (*clin* < *crin*, *poble* < *pobre*). On connaît le rôle du passage $l > r$ des groupes explosifs dans l'histoire phonétique du portugais et des dialectes voisins (cf. port. *branco*, *prazo*, esp. *blanco*, *plazo*).

Dans certains cas, il est question de phénomènes de dissimilation (esp. *mármor* > *mármol*) qui ne prouvent rien pour notre théorie, même si, bien entendu, la consonne dissimilée est souvent une implosive, plus faible au point de vue de la tension articulaire (esp. *Beltrán* = *Bertrand*; Grammont, *Traité de phonétique*, p. 293). C'est là une loi de phonétique générale. Je renvoie pour ces questions à Grammont, *La dissimilation*, passim, *Traité de phonétique*, pp. 292 — 296, et à Sommerfelt, *Loi phonétique* (*Norsk tidsskrift for sprogvidenskap* I, 1929, pp. 10 — 21).

Dans les cas où le *r* final espagnol se réalise pleinement à la finale, il est toujours accompagné d'un élément vocalique (voir pour l'espagnol S. Gili, *Rev. fil. esp.* VIII, 1921, pp. 274, pour l'argentin les tracés reproduits ici même). Il semble que cette voyelle puisse prendre dialectalement la valeur d'un véritable phonème vocalique, s'il faut en croire E. C. Hills, qui a constaté l'existence d'une telle voyelle dans le sud-est du Colorado (Nouveau Mexique) dans des exemples comme [kōsiyīrə], [ēseēōrə] pour *conseguir*, *reñecedor*. Un [ə] s'ajoute aussi aux *l* et *n* finals ([mālə],

⁽¹⁶⁾ De même, la distinction entre *s* et *r* se neutralise régulièrement, déjà dans l'espagnol «correct», devant *r* (*los reyes* = [los r̄jes] ou [lo r̄jes]). Voir N. Tomás, *Manual*, § 107. En espagnol vulgaire, un phénomène analogue se produit aussi devant les dentales fricatives (*s* passe à *r* dans des mots comme *escena*, *los dedos*, etc.). Voir Alonso, *op. cit.*, p. 98, Navarro Tomás, *Manual*, § 109.

[*alemána*] pour *mal*, *alemán*). Voir *Bibl. dial. hisp.* IV, p. 16. Hills suppose que cette voyelle finale pourrait s'expliquer par une influence italienne (il y a de nombreux Italiens dans la région). C'est possible mais nullement certain, puisque l'espagnol fournit lui-même avec son [ə] parasite le point de départ d'une telle évolution, cf. dans ce contexte le [ə] parasite qui s'intercale dans les groupes de consonnes avec *r* (note 28). Le phénomène dont nous parlons est juste le contraire de l'affaiblissement ou de l'amuïssement du *r* final. Avec les deux procédés, la langue réalise son idéal syllabique (*color* > [ko|lo] ou [ko|lo|ra]). Certains parlers font du -*r* final une véritable vibrante, prononcée avec deux ou plusieurs battements de la pointe de la langue. Cette prononciation est attestée pour le Mexique et le Nouveau Mexique (Espinosa, *Bibl. dial. hisp.* I, p. 142). Mon tracé reproduit ici (fig. 3) en fournit un exemple argentin (l'élément vocalique à la fin est très net).

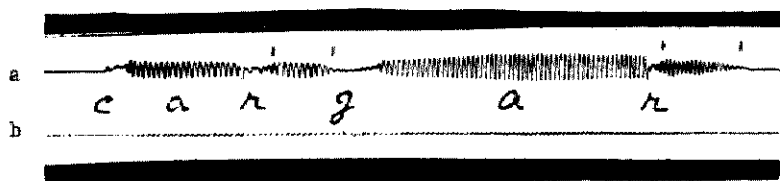


Fig. 3. Autre tracé du mot *cargar*. L'élément vocalique final compte 19 vibr. doublées (le *a* inaccentué 20). La durée de la voyelle parasite finale se rapproche de celle d'une véritable voyelle inaccentuée. Observer également les vibrations vocaliques qui séparent *r* et *g*.

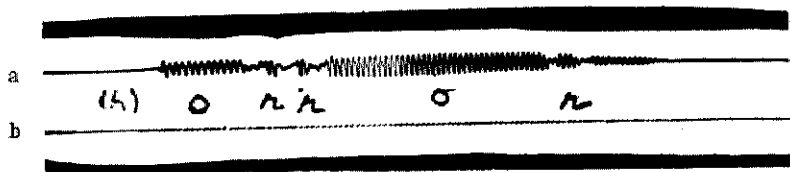


Fig. 4. Tracé du mot *horror*, montrant un *r* final avec deux battements, séparés par un élément vocalique net. Observer le *rr* intervocalique (trois battements).

La distinction entre sonore et sourde peut également perdre sa valeur fonctionnelle en position implosive. On a la liberté de choisir la variante sonore ou la variante sourde des *p*, *b*, *t*, *c* etc. dans des exemples comme *cápsula*, *obtener*, *atmósfero*, *actor*, où la sono-

rité (ou l'absence de sonorité) est une conséquence automatique de la force articulatoire, des habitudes individuelles de celui qui parle, ou d'un souci conscient de correction ⁽⁴⁷⁾. Une opposition du type *foot*: *food*, *dock*: *dog* de l'anglais est impossible en espagnol. On sait aussi que le *-d* final tend, dans la prononciation de la capitale espagnole, à se prononcer comme une sourde, toutefois sans devenir identique au [θ] interdental de *cruz*, *vez* ⁽⁴⁸⁾. Pour la tendance du *d* à s'amuir complètement dans cette position, voir plus loin ⁽⁴⁹⁾.

En rappelant ces faits de prononciation espagnole, M. Alonso a mis le doigt sur un trait saillant du système phonique de la langue. Et il va sans dire que l'éminent hispaniste a vu tout l'intérêt théorique des phénomènes étudiés. La place après le support syllabique est plus «faible» qu'ailleurs. Il est donc normal que la distinction régulière et consciente des différences phoniques soit réalisée plus difficilement qu'à l'initiale de la syllabe où la force articulatoire est concentrée. Les ressources distinctives du système consonantique se montrent par conséquent bien réduites en fin de syllabe déjà dans l'espagnol de la bonne société de Madrid. Et l'évolution des dialectes et des parlers vulgaires vient accentuer encore cette tendance de la langue, comme l'ont déjà fait voir les quelques exemples cités ci-dessus.

Si j'ai repris le problème soulevé par l'étude de M. Alonso, c'est dans l'intention d'illustrer encore par quelques exemples cette tendance espagnole qui, me semble-t-il, domine d'une façon décisive toute la structure syllabique de la langue et par là même son évolution consonantique, comme nous le verrons tout à l'heure.

On sait que la phonétique de bon nombre de parlers hispaniques est caractérisée entre autre par le traitement qu'ils font subir à un *s* préconsonantique ou final (un *s* implusif) qui se transforme en une «aspiration» dont les caractéristiques phonétiques sont

(47) Voir N. Tomás, *Manual*, § 82.

(48) Voir N. Tomás, *Manual*, § 100, et *Rev. filol. esp.* XXI, 1934, pp. 274, qui rappelle l'existence d'une confusion (dans les dialectes et en madrilène vulgaire) des spirantes dans *salud* et dans *cruz*, dans *adquirir* et dans *mezcla* (p. 274), Alonso, *op. cit.*, p. 98.

(49) A Buenos Aires, le *d* final ne s'amuit normalement pas et ne perd pas non plus sa sonorité.

déterminées par l'entourage⁽²⁰⁾. On trouve des indications précises sur l'extension de ce phénomène en Espagne — où il n'est nullement réservé au domaine andalou, comme on le prétend souvent — chez P. Henríquez Ureña (*Sobre el problema del andalucismo dialectal de América*, pp. 113 — 118⁽²¹⁾; cf. Malmberg, *Studia linguistica* I, 1947, pp. 93 — 94). En Amérique, cette aspiration caractérise la prononciation de la grande majorité des républiques de langue espagnole⁽²²⁾. L'aspiration frappe le *s* «primaire» aussi bien que le *s* «secondaire» (donc *los campos* [lohkâmpoh] aussi bien que *conozco* [konohko], *diez pesos* [djuhépésoh]). Ce phénomène est normalement dénué de valeur fonctionnelle, le *s* «aspiré» étant une réalisation du phonème *s* dans une position donnée, mais peut impliquer un appauvrissement phonologique dans certains cas (à la finale absolue, où *-j* et *-s* peuvent devenir identiques)⁽²³⁾. Il est évident que le passage *-s* > *-h* est un phénomène d'affaiblissement articulatoire⁽²⁴⁾. Cette aspiration se combine, on le sait, avec les consonnes spirantes sonores (*b*, *d*, *g* de l'orthographe) pour former des sons sourds ([F], [ɣ], [χ]), dans des exemples comme *los baules* [lofâyleh], *los dientes* [lohjénteh], *disgusto* [dixphto] (des exemples chez Malmberg, *Studia linguistica* I, 1947, p. 93).

(20) Voir N. Tomás, *Manual*, § 109, id., *Compendio de ortología española* (Madrid 1927), pp. 74 ss. et Lenz, *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 125 ss. Je pense revenir sur la question de l'*s* aspiré en argentin dans une étude que je prépare sur la phonétique argentine.

(21) Buenos Aires 1932 (*Bibl. dial. hisp.*, Anejo I).

(22) Elle fait défaut dans certaines régions de l'intérieur (Pérou, Mexique).

(23) On sait que dans des exemples comme *reloj*, *baj*, *carcaj*, on peut entendre parfois un [x] final, même si c'est là une prononciation qui, au moins en ce qui concerne le premier mot, n'est pas la plus courante en Espagne. Les grammaires recommandent *reló*. En Amérique, on entend souvent [relóx]. C'est la prononciation que j'ai entendue le plus souvent à Buenos Aires. Les graphies des textes en langue populaire indiquent parfois cette confusion entre *-s* et *-j*, par exemple : *¿Te acuerdas?* (= *acuerdas*) *é* (= *en*) *la sirvientica de loj Herrera*, *maj allá é* (= *en*) *la ranchería*? (Rodríguez, *Antología del cuento moderno venezolano* I, p. 24).

(24) Pour le problème captivant des deux *s* en espagnol (apico-alvéolaire en Castille, pré-dorso-alvéolaire en Andalousie et dans presque toute l'Amérique latine) et leur rapport avec l'affaiblissement du phonème, voir l'ouvrage récent de Robert L. Politzer, *Final s in the Romania* (*Romanic Review* XXXVIII, 1947, pp. 159 — 166).

C'est par une assimilation de tension qu'un groupe comme $[-s|B-]$ passe à $[-|F-]$. La consonne explosive assimile donc l'implosive au point de vue de la tension mais subit elle-même l'assimilation de cette dernière pour ce qui est de la sourdité. Le résultat en est une sourde, preuve parmi tant d'autres que le *s* implosif — dans les régions qui connaissent l'aspiration — reste sourd même devant une consonne sonore, contrairement à ce qui est le cas en castillan. Cette sourdité du *s* apparaît très nettement sur les tracés reproduits ci-après (exemples argentins).

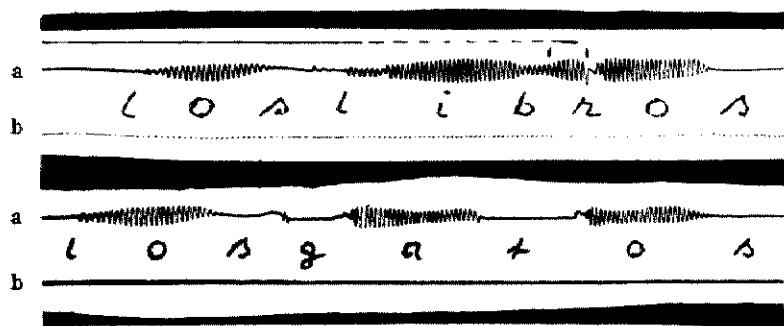


Fig. 5. Tracés des groupes *los libros* et *los gatos*, attestant une prononciation complètement sourde du *s* devant consonne sonore chez mon sujet argentin. Observer les vibrations qui se sont produites à la limite entre *s* et *g* du dernier exemple. Dans *los libros*, nous avons un bel exemple de l'élément vocalique qui se produit entre une consonne (ici le [ʎ] fricatif) et un *r* suivant.

La plupart des régions qui connaissent l'aspiration du *-s* connaissent aussi le phénomène dit «seseo», c'est-à-dire le manque d'opposition [ʃ] : [s] (esp. litt. *caza* : *casa*, tous deux = [kása]). Pour les détails, voir P. Henríquez Ureña, *loc. cit.* On retrouve le phénomène en Andalousie et dans presque toute l'Amérique espagnole (à l'exception d'une partie de l'intérieur du Pérou). M. Amado Alonso a démontré (*Universidad de la Habana* 1939, n.º 23, pp. 62 — 83, et *Rev. de fil. hisp.* III, 1941, p. 78) que la généralisation du «seseo» américain date du XVIII^e siècle seulement et que la confusion se fait sentir d'abord (des exemples depuis la fin du XVI^e siècle) à la finale (*vez, diez*) et seulement plus tard en position initiale de syllabe ⁽²⁵⁾. Nous avons donc

(25) Il est curieux de voir que l'examen des rimes de Rubén Darío, fait par M. T. Navarro (*Fonología española*, New York 1946, pp. 180 ss), montre un état de choses essentiellement analogue aux habitudes des poètes hispano-américains

encore un exemple du fait qu'une distinction fonctionnelle se maintient plus difficilement en fin de syllabe qu'ailleurs. C'est en parfaite harmonie avec les tendances syllabiques de la langue si la confusion en question se fait sentir d'abord dans la prononciation des implosives. Les différentes étapes de cette évolution se retrouvent dialectalement en Espagne (Cáceres, Salamanca), comme l'a démontré A. M. Espinosa, fils, (*Arcaísmos dialectales*, *Rev. fil. esp.*, Anejo XIX, Madrid 1935, pp. 157 — 160).

On sait que la fin d'une syllabe est caractérisée par une diminution de force articulatoire, par une «tension décroissante», selon le terme de Grammont. Quelle que soit l'attitude que l'on veuille adopter vis-à-vis de la notion de syllabe — unité fonctionnelle incontestable dans la plupart des langues ⁽²⁶⁾ — il me semble que cette diminution constante de l'intensité articulatoire vers la fin de la syllabe est une caractéristique constitutive de celle-ci, à l'aide de laquelle bon nombre de faits d'évolution phonique trouvent une explication facile. Je renvoie à Grammont, *Traité de phonétique* (Paris 1933), pp. 97 ss, à Fouché, *Études de phonétique générale* (Paris 1927), pp. 3 — 14, à Staaff, *Réflexions sur la diphtongaison en espagnol* (*Studier i modern språkvetenskap* X, 1928, p. 120), et à Sommerfelt, *Norsk tidsskrift for sprogvidenskap* VIII, 1937, p. 482. Voir aussi, pour tous les problèmes relatifs à la syllabe, le travail important de Rodrigo de Sá Nogueira, *O problema da sílaba*, Lisbonne 1942, surtout pp. 71 ss. C'est là évidemment un phénomène de phonétique générale. Cet affaiblissement de la partie finale est propre à chaque syllabe indépendamment de la langue. Mais la tendance peut être plus ou moins prononcée et avoir des conséquences très différentes selon le système de la langue en cause. Certaines langues arrivent à maîtriser un système d'oppositions compliquées

du XVII^e siècle, examinés par M. Alonso (cf. aussi *Rec. de fil. hisp.* II, 1940, pp. 266 — 268), à savoir distinction [ð] : [s] à l'initiale mais confusion à la finale. J'ai fait moi-même un examen de quelques poètes argentins et uruguayens modernes pour lesquels j'ai constaté à peu près la même chose. Ceci ne veut pas dire que ni Rubén Darío, ni les poètes argentins modernes, aient jamais prononcé, même au prix d'un effort conscient, un [ð] à l'initiale de la syllabe. Ceci prouve tout au plus qu'en écrivant des vers, ils font attention à la distinction purement artificielle [ð] : [s], exclusivement graphique, moins difficilement à l'initiale qu'à la finale.

(26) «Il est possible --- que l'on ne puisse pas démontrer, par les instruments, de façon absolument concluante, l'existence de la syllabe. Peu importe. La syllabe a néanmoins son existence linguistique» (Sommerfelt, *loc.cit.*).

et nombreuses même en position implosive et à utiliser la place de la coupe syllabique comme un moyen phonique fonctionnel, malgré la faiblesse articulaire; d'autres, et parmi celles-là l'espagnol, n'y arrivent pas, ou difficilement.

Nous avons déjà parlé ci-dessus de l'amuïssement complet de la consonne *r* dans certains parlers hispaniques (européens aussi bien qu'américains). La même tendance à disparaître complètement se fait sentir pour certaines autres consonnes à la finale, par exemple pour le *-d*. Même le *-s* tombe quelquefois sans laisser de trace. On retrouve le phénomène en Argentine (surtout dans la capitale), où je l'ai noté moi-même, au Chili (Lenz, *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 125 ss), et même en Espagne (Alonso, *Rev. fil. hisp.* I, 1939, p. 326), même si, normalement, une aspiration nettement perceptible est la prononciation normale du *s* final dans la plupart de ces régions.

On sait que la plus grande partie des groupes de consonnes latines s'étaient déjà transformés d'une façon ou d'une autre avant l'époque littéraire et avaient cédé la place à des consonnes simples (voir Menéndez Pidal, *Manual*, §§ 47 ss, *Cantar de Mio Cid* I, § 36). En principe, il n'y a que les groupes dont la première consonne est une continue qui se conservent jusqu'à nos jours (avec les exceptions énumérées par Menéndez Pidal, *loc. cit.*). On sait que les groupes tels que *-pt-*, *-ct-*, *-bs-*, *-ps-*, *-tm-*, *-tn-*, *-cn-*, *-gn-*, etc. sont tous des restitutions savantes dans la langue moderne. La langue vulgaire et les dialectes ne les acceptent pas, et des formes populaires tels que *acetar* (*acceptar*), *dotor* (*doctor*), *oservar* (*observar*), *ojeto* (*objeto*), *dino* (*digno*), *protección* (*protección*) sont courantes partout en Espagne et en Amérique. On trouvera une abondante documentation, pour l'Espagne et pour l'Amérique, chez Espinosa, *Bibl. dial. hisp.* I, pp. 218 ss, et chez Tiscornia, *ibid.* III, pp. 70 ss, J. de Lamano y Beneite, *El dialecto vulgar salmantino* (Salamanca 1915) cite *dino*, *presinar*, *sinificar* (p. 42). Voir aussi Menéndez Pidal, *Cid* I, § 59.

Au lieu de tomber, il peut se faire que l'implosive se transforme en une semi-voyelle (*i* ou *y* selon l'entourage). Ainsi chez les poètes populaires argentins on trouve *afeuto*, *indireuta*, *caráuter* pour *afecto*, *indirecta*, *carácter* (Tiscornia, *loc. cit.*), ou *satisfacción*, *protección*, *refleisionar* pour *satisfacción*, *protección*, *reflecionar*, et *aceuto*, *conceuto* pour *acepto*, *concepto*. Les autres pays américains prennent la même voie. Tiscornia cite *cáusula*, *conceución*, *oujeto*, *ousequito*, *preceuto* pour *cápsula*, *concepción*, *objeto*, *precepto*, Espi-

nosa *aitivo*, *autivo* pour *activo*, *perfeto*, *perfeito*, *perfeuto* pour *perfecto*, etc. Le phénomène est courant aussi dans les dialectes péninsulaires. Dans son *Manual de dialectologia* (p. 315), García de Diego cite des formes andalouses telles que *coluna* (*columna*), *inorancia* (*ignorancia*), *aspeto* (*aspecto*), *asurdo* (*absurdo*), et avec vocalisation *preceuto* (*precepto*).

La répugnance de la langue pour ces groupes savants se manifeste aussi dans la façon dont ils se réalisent phonétiquement dans les cas où il sont effectivement prononcés. Je reproduis ci-après à titre d'exemple un tracé du mot *digno*, prononcé par mon sujet argentin. Les vibrations vocaliques entre l'occlusion du *g* et celles du *n* constituent une preuve de cette répugnance. Dans une langue où un tel groupe est normal, les deux phonèmes s'assimilent de façon à faciliter la prononciation. Le plus fréquent, c'est que le *g* devient, totalement ou partiellement, nasal (*ɲ*). La pointe de la langue a déjà pris sa place sur les dents ou les alvéoles quand cesse le contact dorso-vélaire. Ici, au contraire, le sujet a tenu à séparer les phonèmes avec ce résultat qu'il s'est intercalé une voyelle parasite. C'est donc une espèce de prononciation emphatique, due à un effort conscient de réaliser le groupe. L'intercalation de la voyelle parasite est pour ainsi dire un procédé dont se sert la langue pour résoudre le problème syllabique que pose le groupe *-gn-*. La solution populaire (avec chute du *-g-*) ne satisfait pas aux exigences de la correction. Aussi bien [di|no] que [di|ye|no] sont conformes au type idéal *PA|PA* ⁽²⁷⁾ ⁽²⁸⁾.

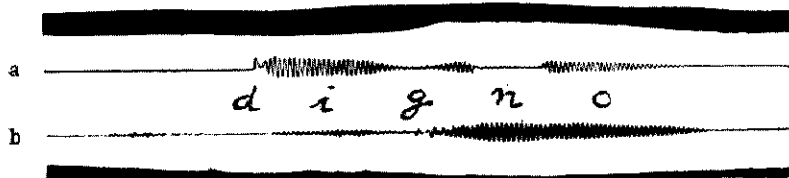


Fig. 6. Tracé du mot *digno*, montrant la voyelle parasite qui s'est intercalée entre le *g* et le *n* et qui ne compte pas moins de huit vibrations doublées purement vocaliques.

(27) On sait que des formes du type *dino* pour *digno* se trouvent dans la langue littéraire jusqu'au XVII^e siècle (Menéndez Pidal, *Manual*, p. 11).

(28) Qu'on ne m'objecte pas que dans un tel exemple le [ɐ] soit un phénomène purement combinatoire sans aucune valeur différenciatrice et que le groupe en question ne forme que deux syllabes phonologiques. Il est évident qu'il en

*
* * *

Derrière tous ces phénomènes phoniques, je crois reconnaître les différentes manifestations d'un seul et même principe phonétique, à savoir l'automatisation de la place de la coupe syllabique dans la chaîne phonique et, de là, la généralisation d'un seul type de syllabe. La syllabe est caractérisée, en espagnol, par une faiblesse articulatoire qui menace de rendre impossible toute distinction fonctionnelle en position implosive et dont la chute complète de la consonne est le point final. On pourrait le formuler ainsi que même l'opposition $-P: O$ (où P indique une consonne quelconque) est neutralisée. Le but final de l'évolution syllabique de l'espagnol serait une chaîne du type $PA|PA$ (où A signifie une voyelle quelconque). Ce qui s'est passé, c'est donc que la place de la coupe syllabique est devenue dénuée de valeur fonctionnelle, se plaçant toujours immédiatement après le noyau vocalique d'un groupe de phonèmes.

Cette prédilection de l'espagnol pour les syllabes ouvertes a été soulignée par M. Tomás Navarro (*Fonología española*, pp. 46 ss), qui indique le pourcentage des différents types syllabiques en espagnol comme suit: type *ba* 58,45; type *bat* 27,35; type *a* 5,07; type *baa* 4,70; type *ab* 3,31; type *baab* 1,12. On sait aussi qu'une seule consonne intervocalique fait toujours partie de la syllabe suivante, même si la consonne en question fait partie du mot précédent: *un hombre* = $[u | n\acute{o}mbre]$ (N. Tomás, *Manual*, § 154). Cette habitude articulatoire devient particulièrement frappante acoustiquement dans les parlers qui affaiblissent un *s* final (par ex. en argentin *dos pesos* $[do^h | p\acute{e}so^h]$, mais *dos hombres* $[do | s\acute{o}mbre^h]$, avec *s* explosif). Les graphies dans la littérature sudaméricaine en langue populaire indiquent quelquefois cette prononciation, par exemple *Gléno Saïres* pour *Buenos Aires* dans le *Vocabulario criollo* (29).

Cette tendance phonétique de l'espagnol se manifeste de différentes façons. Je crois la reconnaître dans le traitement

est ainsi. Mais on sait qu'il est arrivé plusieurs fois en ibéro-roman et en espagnol qu'une telle voyelle parasite (en combinaison avec *r* surtout) a pris la valeur d'une véritable voyelle. Nous dirions que le type $[d\acute{i} | \gamma\acute{o} | no]$ est une possibilité syllabique à côté du type populaire $[d\acute{i} | no]$.

(29) Ed. Tito Saubidet, Buenos Aires 1946.

qu'a fait subir la langue aux géménées latines, qui s'étaient réduites toutes à des consonnes simples dès l'époque préhistorique, sauf *ll*, *nn* et *rr* ⁽³⁰⁾. De ces trois géménées, *rr* seul s'est conservé dans la prononciation castillane, tandis que *ll* et *nn* avaient été remplacés par des phonèmes mouillés ([*ʎ*] et [*ɲ*]). La vieille opposition quantitative fut donc remplacée par une opposition purement qualitative. L'altération est due, me semble-t-il, à une tendance à placer la coupe syllabique devant la géminée, d'où l'impossibilité de maintenir la distinction sous sa forme primitive. Ou autrement dit, la perte de l'opposition de longueur est une conséquence de l'automatisation de la coupe syllabique. L'existence de géménées suppose nécessairement une opposition entre une structure syllabique du type *AP|PA* et un type simple (*A|PA*). Pour ce qui est du *rr*, nous savons que, grâce à sa place isolée dans le système actuel, cette «géminée» est sentie par les sujets parlants comme un phonème qualitativement différent du *r* ⁽³¹⁾. On en voit un indice déjà dans l'habitude des Espagnols de partager les mots selon la formule *pe-rrro*, *ca-rrro*. Mais nous savons aussi que ce dernier reste de gémination en espagnol a subi, dans de vastes territoires hispaniques, une altération qui a transformé l'opposition *r* : *rr* en une véritable différence qualitative. Le *rr* dit assibilé existe en réalité en Espagne à côté de la vibrante comme une variante dialectale (N. Tomás, *Manual*, § 117, Alonso, *Homenaje a Menéndez Pidal* II, 1925, pp. 167 — 191). Et dans le Nouveau Monde, cette prononciation de *rr* est très répandue, ce dont témoignent les nombreux exemples réunis par Lenz dans *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 103 ss, et par Tiscornia, *ibid.* III, p. 45. J'ai constaté son existence au Paraguay ⁽³²⁾ et dans l'intérieur de l'Argentine ⁽³³⁾. Dans la capitale argentine, cette prononciation est pourtant à peu près inconnue ⁽³⁴⁾. L'assibilation du *rr* se com-

(30) Pour *ss*, voir Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid* I, § 54:3.

(31) Voir mon ouvrage *Die Quantität als phonetisch-phonologischer Begriff* (Lund 1944), p. 90, et cf. *Bibl. dial. hisp.* VI, p. 128.

(32) Voir mes *Notas sobre la fonética del español en el Paraguay* (Lund 1947), pp. 13 — 14.

(33) Dans les provinces d'Entre Ríos, de Corrientes et de Tucumán, ainsi que dans la ville et la région de Córdoba.

(34) J'ai fait toute une série d'enregistrements cymographiques de mots contenant *rr*, qui montrent tous une véritable vibrante avec au moins trois

prend très bien étant donné la difficulté de maintenir une opposition quantitative isolée dans le système.

Nous avons un autre reflet de cette même répugnance pour les géménées dans la façon dont la langue traite les consonnes doubles occasionnelles, amenées par la phonétique syntactique ou

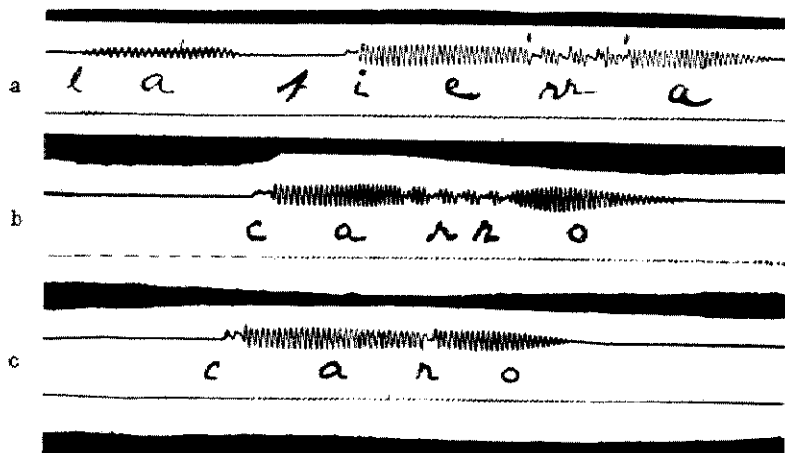


Fig. 7. Deux tracés (a et b) montrant un *rr* chez mon sujet argentin (de Buenos Aires), nettement vibrant contrairement à ce qui est le cas dans l'intérieur du pays. A titre de comparaison un tracé (c) montrant un *r* intervocalique simple (*caro*). Les autres mots sont *la tierra* et *carro*, avec quatre et cinq vibrations respectivement.

par la composition. Il y a d'abord des composés tels que *innoble*, *innegable*, *ennegrecer*, et ensuite toutes les combinaisons du type *los santos*, *es sano*, *del lado*, *con nosotros*. Il est vrai que dans tous ces cas, la prononciation «correcte» exige une consonne double (N. Tomás, *Manual*, § 153 : c, transcrit [*in-nóʒlo*]). Mais ce n'est que par suite d'un effort conscient que les sujets parlants arrivent à réaliser ces géménées, étrangères au système. Dans la prononciation courante, c'est une consonne simple qu'on entend. En Argentine, je n'ai jamais noté autre chose que *los sombreros* [*lo|som-*

battements de la pointe de la langue. Les tracés ont été faits à l'Institut de Phonétique de Paris avec l'aide d'un étudiant argentin, originaire de Buenos Aires et parlant un argentin type. Je rendrai compte du résultat de ces expériences ailleurs, mais reproduis quelques tracés ici.

bréroh], *con nosotros* [*ko|nosótroh*]. Dans les composés, la simplification peut même se refléter dans l'orthographe. Américo Castro écrit *inegable* (*Peculiaridad lingüística rioplatense*, p. 25). C'est dire que le groupe *AT|TA* se comporte exactement comme *AP|TA* (les deux $> A|TA$).

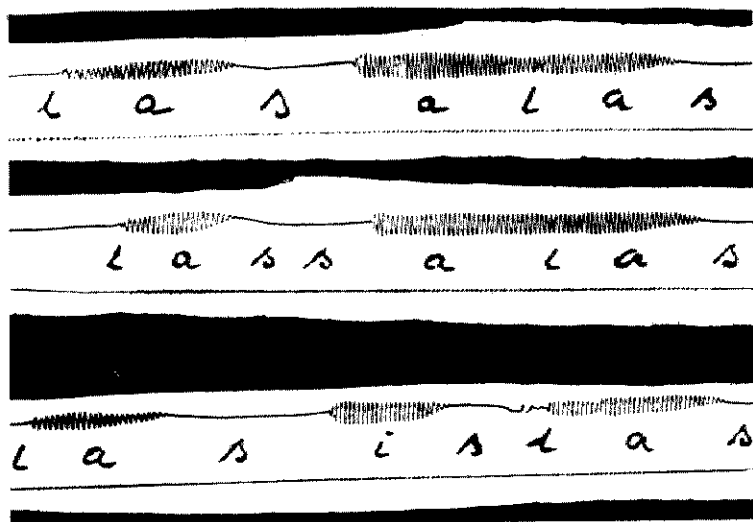


Fig. 8. Tracés des groupes *las alas*, *las salas* et *las islas*, prononcés isolément. Malgré cela, il n'y a pas, parmi mes exemples, de différence constante entre *s* et *ss*. Si, sur le tracé ci-dessus, le *s* dans *las salas* est un peu plus long que celui de *las alas*, le groupe *las islas* montre au contraire un *s* qui dépasse en durée le *s* «double» de *las salas*. Observer aussi le *s* entièrement sourd devant *l*.

Le traitement qu'a fait subir l'espagnol aux groupes *-mb-*, *-nd-* (et en partie *-ng-*) intervocaliques nous donne un autre exemple de cette même assimilation de tension qui est responsable des altérations des géminées. On sait que *-mb-* est passé à *-m-* dans des exemples comme *lumbu* $>$ *lomo*, *palumbu* $>$ *palomo*. L'ancienne langue était plus fidèle à cette «loi phonétique» que la langue actuelle, qui a souvent *-mb-* par suite d'une influence savante ou dialectale (Menéndez Pidal, *Manual*, § 147, p. 137, *Cantar de Mio Cid* I, § 36:c, p. 183). Le *Cantar de Mio Cid* a *amos*, *camear*, *camas*, *lomas*, *entramos* etc. (*loc. cit.*); les *Fueros de Aragón* connaissent *amos*, *entramos*, *camiar* à côté de formes avec *-b-* (voir l'édition de Tilander, p. XLIII). Francisco Indurain (*Contribución*

al estudio del dialecto navarro aragonés antiguo [Zaragoza 1945], p. 43) cite *quano*, *quoano* (= *quando*) et *camio* (= *cambio*). García de Diego donne (*Manual de dialectología*, p. 255) pour l'aragonais *Galino* (= *Galindo*), *demanar* (= *demandar*) etc., pour l'aranaïs *seteme* (= *septiembre*), *nueme* (= *novembre*) etc. Cette tendance est encore pleinement vivante dans la langue populaire et dans les dialectes. Des prononciations comme *tamién*, *camiar*, *comenencia* pour *también*, *cambiar*, *conveniencia* sont des plus courantes partout dans le monde hispanique. Pour des exemples, voir *Bibl. dial. hisp.* I, p. 376, III, p. 76, note 1, A. Mangels, *Sondererscheinungen des Spanischen in Amerika* (Hamburg 1926) § 33:1, Fink, *Die Mundart der Sierra de Gata*, p. 61, Krüger, *Westspanische Mundarten*, § 299, etc. *-ng-* au contraire reste pour la raison évidente qu'un phonème indépendant [ŋ] (explosif) est inconnu du système de la langue.

Même dans le cas d'une prononciation «correcte» des groupes *-mb-*, *-nd-* et *-ng-*, on sait, par les recherches instrumentales faites par M. Navarro Tomás (*Rev. fil. esp.* X, p. 43), que la durée de l'occlusive de ces groupes est de beaucoup inférieure à celle de la nasale (10 contre 5 c/s, 9 contre 5,5 et 9 contre 6 respectivement pour les groupes *nd*, *mb* et *ng*), ce qui prouve une assimilation considérable de la part de la nasale, inexplicable autrement que par une altération de la place de la coupe syllabique (*ambos* = [am|bos] < [am^m|m^bos], *venda* = [ben|da] > [be^m|n^da], étapes intermédiaires qui expliquent le résultat populaire et dialectal [a|mos] [be na]). M. Navarro Tomás parle d'«un marcado alargamiento de la articulación nasal a costa de la consonante siguiente» et dit que «Las consonantes *b, d, g* van cediendo el campo a la nasal anterior» (*loc. cit.*). La disparition complète de la nasale devant une spirante — par une étape intermédiaire de vocalisation (*mensa* > *mesa*, *infante* > *ifante*, *confunder e* > *cohonder*) —, qui fournit un autre exemple à l'appui de notre hypothèse, a été discutée par M. Alonso (*Bibl. dial. hisp.* I, pp. 376 s). Cf. dans ce contexte les groupes *ins-*, *cons-*, *trans-*, traités ci-dessus.

Je sais très bien que les passages *-mb-* > *-m-* et *-nd-* > *-n-* ont été expliqués par plusieurs savants comme l'effet d'une tendance d'origine osque dont on trouverait les traces aussi dans l'Italie centrale. Voir par exemple Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, p. 309, García de Diego, *Manual de dialectología*, p. 13, et Dauzat, *L'Europe linguistique* (Paris 1940), p. 34. Un fait de phonétique pleinement vivant encore aujourd'hui dans la plupart des parlers

populaires en Espagne et en Amérique, doit-il vraiment s'expliquer par l'influence d'un ancien dialecte italique mal connu? Il me semble évident que l'altération ancienne *lumbu* > *lomo* et le passage moderne *tambièn* > *tamièn* sont les reflets de la même tendance phonique, agissant à travers l'histoire des dialectes espagnols depuis l'origine jusqu'à nos jours. Et la façon de prononcer les groupes en question, propre à l'espagnol «correct» et dont Navarro Tomás a examiné les détails, peut-elle vraiment être imputée à cette prétendue influence lointaine? Ne vaut-il pas mieux voir dans cette tendance hispanique l'effet du même principe syllabique dont l'action ailleurs dans l'histoire phonique de la langue est incontestable?

Le lecteur aura déjà fait l'objection que certaines des altérations citées ci-dessus comme exemples de la prétendue tendance syllabique de la langue ne sont pas réservées exclusivement à la place en fin de syllabe. On sait que l'aspiration du *s* peut se produire aussi à l'intervocalique (cf. les exemples cités ci-dessus) et à l'initiale du mot (aussi bien dans des dialectes espagnols qu'en Amérique; voir Fink, *Die Mundarten der Sierra de Gata*, p. 51, et Lenz, *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 125 ss). Et la substitution du *r* au *l* et vice versa n'est pas réservée à la position implosive, l'affaiblissement de certaines consonnes groupées non plus. L'opposition [9] : [s] s'est perdue partout. Mais ces phénomènes n'excluent pas le fait que les consonnes implosives espagnoles souffrent d'une faiblesse articulaire évidente et que la langue tend à s'en débarrasser d'une façon ou d'une autre. En supposant pour le système espagnol cette tendance à réaliser, si possible, le type syllabique *PA|PA* ⁽³⁵⁾, nous rendons compte non seulement d'une série de faits de phonétique populaire et dialectale de la langue d'aujourd'hui mais aussi de plusieurs phénomènes dans l'évolution phonique, tels que la réduction des géminées et le traitement des groupes de consonnes.

(35) Il n'y a pas en espagnol un seul groupe *P|TA* (consonne implosive + consonne explosive) qui soit parfaitement stable, si l'on tient compte des tendances populaires et vulgaires de la langue. Les groupes avec liquides (*-rt-*, *-ld-*, etc.) résistent le mieux. Les groupes avec *p*, *t*, *k* ou *b* (β), *d* (ð), *g* (ɣ) + liquides sont tous explosifs (*o-tro*, *pa-dre*, *ne-gro*, *ha-bla*; N. Tomás, *Manual*, § 153:b). Le type *fuerte*, *verde*, phonétiquement [fwr^{te}], [br^{de}] (comme *otro* [o^{tro}], *padre* [pað^{re}]) avec une voyelle parasite qui, sous certaines conditions, peut donner lieu à un véritable phonème vocalique, sera traité dans un autre ordre d'idées. Cf. pourtant les tracés, reproduits fig. 2, 3 et 5.

La prédilection de l'espagnol pour le type syllabique $PA|PA$ se manifeste aussi dans sa tendance à favoriser les semi-voyelles en fin de syllabe et à les transformer en de véritables consonnes à l'initiale. Je pense à la distinction qui existe déjà en espagnol littéraire entre le y initial de *yeso* [*jéso*] ou [*djéso*] et le y final de *ley* [*lei*], amenant une alternance dans les paradigmes du type *ley* [*lei*] ~ *leyes* [*le|jes*] ⁽³⁶⁾. Dans les dialectes, et surtout dans certains parlers hispano-américains (et notamment en argentin) ⁽³⁷⁾, cette tendance a amené l'introduction d'un phonème plus nettement fricatif ([*z*] ou [*d̪z*]), et bien plus différencié du $-y$ final qu'en espagnol péninsulaire ordinaire. En argentin, nous avons à faire à une alternance du type *ley* [*lei*] ~ *leyes* [*le : |žeh*] ⁽³⁸⁾. Le phénomène est évidemment à interpréter comme un renforcement du caractère consonantique du phonème, amené par la place devant le noyau vocalique ⁽³⁹⁾. Le passage du *ue-* initial à *güe-* (*uevo* > *güero*), attesté dans les dialectes péninsulaires et en Amérique ⁽⁴⁰⁾, est une autre conséquence de la même tendance. Que la prononciation de ces groupes soit [*ywe-*] ou [*gwe-*] ⁽⁴¹⁾, il s'agit évidemment d'un renforcement articulatoire de la labio-vélaire, dû à la place à l'initiale.

Par conséquent, si un groupe voyelle + consonne tend à se transformer en groupe voyelle + semi-voyelle (ou

⁽³⁶⁾ Navarro Tomás se sert des signes y ($\hat{y}$) et j pour rendre la différence articulatoire, et réserve j pour la palatale de *bien* [*bjen*], *pie**dra* [*pieðra*] etc. (*Manual*, §§ 48 et 118 — 119).

⁽³⁷⁾ Ou plutôt dans la région de la Plata. L'intérieur de l'Argentine é connaît normalement pas le phénomène.

⁽³⁸⁾ L'espagnol paraguayen — sous l'influence du substrat guarani — a généralisé la prononciation affriquée de la palatale et connaît par conséquent une alternance constante *ley* [*lei*] ~ *leyes* [*le|djes*]. Voir mes *Notas sobre la fonética del español en el Paraguay*, pp. 8 — 10.

⁽³⁹⁾ Pour ce renforcement des spirantes, appelé «*rebilamiento*», voir Navarro Tomás, *Rev. fil. esp.* XXIV, 1934, pp. 274 — 279, et cf. Alonso, *Bibl. dial. hisp.* VI, pp. 274 s.

⁽⁴⁰⁾ Pour des exemples, anciens et modernes, dans les auteurs espagnols et américains, voir Tiscornia, *Bibl. dial hisp.* III, pp. 54 — 56.

⁽⁴¹⁾ En réalité, la prononciation normale de l'élément initial doit être [*g^w*] ou [*ɣ^w*] avec un [*g*] ou un [*ɣ*] labialisé, la spirance labiale et la spirance vélaire étant simultanées.

voyelle seule)⁽⁴²⁾, un groupe semi-voyelle + voyelle tend, au contraire, à se transformer en groupe consonne + voyelle (*actor* [aktór] > [aytór] > [aýtór] mais *ueso* [uésó] > [ɣ^uésó] ou [g^wésó]). Une syllabe espagnole tend donc à tout prix à se réaliser comme une suite consonne + voyelle⁽⁴³⁾. Si nous indiquons par le signe / une semi-voyelle quelconque, nous pourrions poser les deux formules suivantes : *IA* > *PA*; *AP* > *AI* ou *A*, illustrant par là le principe qui, sans être toujours réalisé, a déterminé, et détermine encore, l'évolution du consonantisme espagnol⁽⁴⁴⁾.

On sait que les cas d'hiatus que connaît encore à l'époque moderne l'espagnol littéraire se sont réduits, dans la plupart des dialectes et dans le langage populaire, à des diptongues, continuant ainsi la vieille tendance hispanique qui avait transformé dès le XV^e siècle *reína* en *reina*, etc.⁽⁴⁵⁾. Le phénomène est propre au Nord et au Centre du domaine espagnol (mais pas à l'andalou) et à tout le territoire hispano-américain à l'exception du Paraguay⁽⁴⁶⁾ ⁽⁴⁷⁾. Les mots du type *bául*, *páis*, *caer*, *ahora*, *reír* sont devenus *bául*, *páis*, *cáir*, *áura*, *réir* (ou *ráir*). Pour des exemples,

(42) Cette altération dans les dialectes et le langage populaire est phonétiquement très proche du passage des groupes *-b' l*, *-p' t* et *-v' t* à [uδ] en ancien espagnol (*civitatē* > *ciudad* > *ciudad*; Menéndez Pidal, *Cid* I, § 375).

(43) Ce n'est qu'à l'initiale absolue que cette spirantisation des semi-voyelles se produit. Le [j], et le [w] restent après consonnes (*bién*, *fuego* [fweɣo]). La suite consonne + semi-voyelle + voyelle est donc stable en espagnol. Le type est en parfaite harmonie avec la formule indiquée.

(44) La transformation du [ɥ] devant *l* et *r* en une consonne [β], connue de certaines régions espagnoles et américaines, pourrait parler contre la vraisemblance de notre hypothèse. On sait que *jaula* peut passer à *jabla*, *báules* à *bables*, *Aurelio* à *Abrelío* (*Bibl. dial. hisp.* I, pp. 121 — 122, 401 ss). Le phénomène est ancien en espagnol, et a amené par exemple *Pablo* < *Paulo* (Alonso, *op. cit.*, p. 403). Cependant, cette altération est parfaitement compatible avec la tendance syllabique supposée par moi. Dans *Pablo*, *jabla*, *bables*, la labiale est passée dans la syllabe suivante. *bl* et *br* forment en espagnol des groupes explosifs (N. Tomás, *Manual*, § 153:b). «La *ɥ* refuerza su elemento labial y tiende a hacer un solo grupo con la *l* o *r* siguiente, haciéndose ella una fricativa bilabial β» (Espinosa, *Bibl. dial. hisp.* I, pp. 121 — 122). Des formes *jabla* [xá|βla], *bables* [bá|βles] sont donc conformes à l'idéal syllabique de la langue.

(45) Voir Menéndez Pidal, *Manual* § 6:2, Navarro Tomás, *Manual*, § 146.

(46) Voir mes *Notas*, pp. 16 — 18.

(47) Pour tout ce problème, voir Alonso, *Cambios acentuales*, *Bibl. dial. hisp.* I, pp. 317 ss.

voir Tiscornia, *Bibl. dial. hisp.* III, pp. 7 — 9 ⁽⁴⁸⁾. C'est l'élément le plus ouvert — et par conséquent le plus sonore — qui attire l'accent dynamique, réalisant ainsi une syllabe du type *AI*, conforme à la formule, et poussé à l'extrême dans les cas d'une disparition de l'élément semi-vocalique (*aura* > *ara*, *aonde*, > *ande*) ⁽⁴⁹⁾. Parfois la langue a hésité entre les deux types. C'est le cas de la terminaison à la deuxième personne du pluriel (anc. esp. *-ades*, *-edes*, devenus *-ais*, *-eis* dans la langue littéraire, mais *-às*, *-ès* dialectalement) ⁽⁵⁰⁾.

Cette tendance phonétique dont nous venons de constater l'action dans les parlers espagnols, anciens et modernes, est-elle réservée au domaine de langue espagnole proprement dit? Certainement pas. D'abord on sait que les limites entre l'espagnol et les dialectes voisins ne sont nullement absolues. L'aragonais partage plusieurs traits importants avec le catalan. L'asturien et le léonais se rapprochent beaucoup du galicien et du portugais, certains dialectes le long de la frontière hispano-portugaise également ⁽⁵¹⁾. En réalité, plusieurs des phénomènes cités ci-dessus en faveur de l'hypothèse d'une structure syllabique idéale *PA | PA* en espagnol, se retrouvent dans les autres langues ibéro-romanes (et ailleurs aussi du reste). L'affaiblissement ou la chute du *s* final était déjà latin et s'est répété en français. La chute ou la vocalisation (par une étape d'affaiblissement articulatoire) de certaines consonnes finales ou préconsonantiques se retrouve aussi en catalan, les passages *-mb* > *-m-* et *-nd-* > *-n-* également ⁽⁵²⁾. La simplification de

⁽⁴⁸⁾ Cf. Navarro Tomás, *Manual*, p. 67, note 1, Menéndez Pidal, *Manual*, § 16:2, et la note 1 de la page 39, García de Diego, *Manual de dialectología*, p. 313, Alonso — Henríquez Ureña, *Gramática castellana* 1 (5^e éd., Buenos Aires 1945), pp. 150-151 et 168-169.

⁽⁴⁹⁾ Voir surtout Tiscornia, *Bibl. dial. hisp.* III, p. 7, et Menéndez Pidal, *Manual*, *loc. cit.*, qui cite andalou et amér. *ande* (< *aónde*), et de même *an* (pour *aán*) chez Sainte Thérèse. Alonso (Bibl. dial. hisp. I, pp. 74 — 75, note) donne une série d'exemples analogues (*anque* < *aunque*, *atro* < *a otro*, etc.).

⁽⁵⁰⁾ Cette dernière évolution est représentée dans le paradigme du verbe en argentin et dans les autres dialectes hispano-américains qui connaissent le phénomène dit «voseo» (*vos cantás, tenés, sos*, etc.). Voir par exemple Tiscornia, *Bibl. dial. hisp.* III, § 97, Henríquez Ureña, *Bibl. dial. hisp.* II, pp. 216 s, Malmberg, *Studia linguistica* I, 1947, pp. 97 — 99.

⁽⁵¹⁾ Voir par exemple Fink, *Die Mundarten der Sierra de Gata*, passim.

⁽⁵²⁾ Voir García de Diego, *Manual de dialectología*, pp. 279 ss.

certains groupes de consonnes et la vocalisation de certaines implosives sont aussi portugaises ⁽⁵³⁾. Un examen de tous ces faits complexes dépasserait le cadre de cet article. Il me semble pourtant évident que la tendance syllabique supposée est particulièrement forte dans l'espagnol et dans ses dialectes.

BERTIL MALMBERG

⁽⁵³⁾ Cf. par ex. le passage *ct* (*pt*) > *ut* (*actum* > *auto*, *doctum* > *douto*, *raptum* > *rauto*; cf. aussi *nocte* > *noite* ou *noute* [voir à ce propos mes *Notes de grammaire historique française*, Lund 1945, pp. 49 — 50]). Voir Williams, *From Latin to Portuguese*, § 92:7 c, p. 85.

Palavras e Expressões sobre Vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende

(Continuação do tomo VIII, p. 120)

III

Tecidos

Bezerro — m.

Pele que, usada como forro de vestuário, serviu ao poeta para ironizar um cortesão :

co forro he de bezerros,
. . . e em lugar de forrado
andaís, senhor, encoirado.

IV — 404, 19

Borcado — m.

Brocado, tecido de seda, muito apreciado :

damas querem mil arreos,
antretalhos e borcados

III — 339,21 (cf. IV — 187 ;

IV — 233,26 ; IV — 160)

§ *Borcado raso* — parece tratar-se de brocado de muito boa qualidade :

barguilha . . .
. . . he de bom borcado raso

IV — 163,4

Goardalate — m.

Guárdele — tecido de lã ? :

amei mais o chamalote
que lila nem goardalate.

IV — 227,5

Bragal — m.

Pano grosso, parece que tecido na Beira :

sete varas de bragal,
senhora, vos dou por touca
. . . mantilha color de telha,
como costumão na Beira.

IV — 178,4

Bugalhos — m. pl.

Ramal de bugalhos — por ironia :

de grandes bugalhos traga
ho pescoço huú boô ramal

I — 174,30

Cendal — m.

Tecido fino, de que se faziam véus para o rosto :

. . . vós ireis embuçada
dalfareme de cendal

IV — 176,24

Cetim (çati, çatim) — m.

Cetim, com que se faziam gibões :

gibam de çatim raso

I — 833,30 (Cf. IV — 405)

§ *Çatim raso* — cetim de boa qualidade

Chamalote — m.

Tecido de lã, grosso e quente :

. . . calças de chamalote
. . . soes, senhor, tâ enganado
com ceroilas deste pano,
que huú mes desencalmado
vos causou ser adoptado
todo ano.

IV — 221,5 (Cf. IV — 218;

IV — 223,22; IV — 225,7)

Cordeira — f.

Lã de cordeira:

. . . vi cidadãos
vestidos das das cordeiras
IV — 210,14 (CF. IV — 263)

Feltro — m.

Tecido de que se faziam os chapéus:

de grã feltro huũ sombreiro
I — 187,27

Frisa — f.

Tecido de lã quente:

. . . mato
. . . passara ta fim dabrill,
por que he de mea frisa
IV — 363,17

Gram (graam) — m.Pano tinto de *gram*, de cor escarlate:

gibões. . . cõ meas mangas, e
colar de graam
IV — 187

Holanda — f.

Tecido fino, vindo da Holanda:

. . . meas mangas Holanda
I — 300,5

Ipre — m.

Morais apresenta este vocábulo com «significação incerta». Parece tratar-se dum tecido, neste caso, com que se faziam lobas

trazei. . .
. . . loba dipre pespontada
V — 325,26

Irlanda — f.

Tecido, vindo primitivamente da Irlanda, que devia ser quente:

- . . . pragas lançar
- . . . traga mais gibã Dirlanda
- na moor força do veraão.

I — 300,3 ; IV, 176, 8

Lam (laã, laãs) — f.

1) Tecido de lâ:

- . . . panos de lam e linho
- V — 326,28 (cf. III — 232,12;
- V — 326,11)

2) Fio de lâ:

- . . . barguilha . . .
- cheia de laã ou de pena
- IV — 163,2 (cf. I — 318,9;
- V — 178,16)

Lão

Lã?

- carapuçinhas do lão,
- e barretinhos singelos

IV — 210,18

Lila — f.

Tecido de lâ fina, pelo exemplo, apreciada na época:

- amei mais o chamalote
- que lila nem gardalate

IV — 227,5

Linho — m.

Tecido de linho:

- . . . panos de lam e linho

V — 326,28

Lontra — f.

A pele de lontra servia para fazer luvas:

- luvas . . .
- feitas de pele de lontra

I — 174,17

Malha — f.

Calças de malha — peça de armadura (v. *Calças*).

Marroquis — m. pl.

Pele de cabra tinta de várias cores :

. . . pragas lançar . . .

boizeguis marroquis roxos

I — 299,19

Marta — f.

Pele de que se faziam peças de vestuário, como saios, e com que se forravam outras :

coo vosso saio de martas

II — 177,8 (Cf. II — 176,21)

húas mangas . . . forradas de martas

IV — 402 (Cf. II — 174)

Motam —

Morais anota este vocábulo como tendo significação incerta. Pela aproximação com *tauxia*, parece tratar-se de matéria valiosa :

gangorra . . .

que fosseis vos de tauxia

nem motam,

nam vos traria na main.

IV — 217,1

Pano — m.

Tecido, em sentido geral :

sombreiro nã des de pano

mas huũ mui fino palhete.

IV — 362,11 (Cf. IV — 198,1; IV — 206,9)

§ *Pano seda* :

se pano seda nã tendes

IV — 363,23

Pardo — m.

Este vocábulo aparece designando cor e tecido dessa mesma cor. Parece tratar-se de tecido nos seguintes versos :

meu capúz pardo, frisado,

alvação.

III — 334,23 (Cf. — IV — 189,5)

Pregue — ?

Pregueado? Trabalho no couro?

botas de mui fino pregue.

I — 184,6

Raposo — m.

Pele menos valiosa do que as martas, para forros:

. . . a hûas mangas forradas de martas

elas de martas se negam,

. . . de raposos se contentam.

IV — 404,9

Recrame — m.

Morais dá, como significado deste termo, «pregas nos vestidos». No Canc. G. parece significar antes qualquer couro, talvez trabalhado, com feitiço de pregas (v. *Adornos*):

meus brozeguis de recrame

III — 335,4 (Cf. pregue)

Saial — m.

Tecido grosseiro e quente:

. . . ceroulas

. . . andareis mais afrontado

que se fossem de saial

IV — 226,24

Seda — f.

Era tecido muito apreciado:

as donzelas . . .

. . . sedas, chapas e bocado,

. . . e cuiñam, senhor cunhado,

que nam custa isto nada.

III — 339,8 (Cf. IV — 406,2)

§ *Seda rasa* — de boa qualidade:

meu gibam de seda rasa

de mui fino cremsim

III — 335,13

Solia — f.

Fazenda de lã :

trazei . . .
. . . loba
. . . mangas dusteda ou solia
V — 325,27

Tafetaa — m.

Tecido de que se faziam capuzes :

. . . dilbargas capuz
Ihe mandai de Tafetaa
IV — 362,18 (CF. IV — 362,15)

Tauxia — f.

Embutido de ouro ou prata :

gangorra . . .
. . . que fosseis vos de tauxia
. . . nam vos traria na mam.
IV — 216,28

Terço pelo — m.

Veludo, como ainda hoje se usa na Espanha? :

. . . a húa carapuça de veludo
. . . se trouxerdes no verão
três varas de terço pelo
IV — 211,23

Toupeira — f.

Pele, por ironia, comparada com a das martas :

. . . martas velhas
. . . Ihe tiraram das costas
estas peles de toupeira
IV — 404,2

Usteda — f.

Fazenda de lã :

trazei . . .
. . . loba
. . . mangas dusteda ou solia
V — 325,27

Veludo — m.

Talvez o tecido que mais vezes aparece citado no Cancioneiro :

grande carapuço de veludo

IV — 202 (Cf. III — 335,4 ;

IV — 263 ; IV — 364,20 ;

V — 11)

IV

Cores

Alaranjado — adj. :

Aparece uma loba alaranjada, como «envençam» :

envençam . . .

. . . loba aberta alaranjada

IV — 362,5

Alvação — adj.

Esbranquiçado :

meu capuz pardo, frisado,

alvação . . .

III — 334,24

Alvo — adj.

Muito branco :

. . . cidadãos

. . . vestidos dasvas cordeiras

IV — 210,14

Amarelo — adj.

O amarelo, quer em borzeguis quer em pelotes, era motivo de motes e risos :

amarelo hú pelote

. . . com que levou farto mote

IV — 319,4 (cf. IV — 317,7 ;

V — 326,1)

Azeitoni — adj.

Cor de azeitona :

caa nam trazem na cabeça

tres varas dazeitoni

IV — 204,11

Azul — adj.

Parece que o azul era cor detestada para fatos de homem. Assim se entende que «vestir de azul» seja uma das pragas lançadas pelo poeta ao futuro marido da sua apaixonada:

ande vestido dazul,
bahe-se por mais arreo

I — 299,3

V. *Escuro*.**Branco** — adj.

Também o branco, pelo menos nas peúgas, constituía moda ironizada na época:

. . . pragas lançar
. . . peugas brancas mais traça

I — 300,10 (Cf. I — 174,3)

Cor — f.

Vestido de cor — Vestido de toda a cor que não fosse preta:

. . . e mais vestida de cor

IV — 372,8 (Cf. IV — 237,4)

Cramesim (crèmesim, cremsim) — adj.

Era cor muito apreciada, usada em gibões e vestidos de mulheres:

meu gibam de seda rasa
de mui fino cremsim.

III — 335,14 (Cf. II — 178,24;

II — 179,3; III — 232,12)

Encarnado — adj.

Os pelotes encarnados, como os amarelos, davam azo a poesias satíricas:

o vimos vir em fortora
com amarelo e encarnado
. . . soo em ver se
metido nestes pelotes,
lhe naceram . . . motes

IV — 371,7

Escuro — adj.

De cor escura :

o vosso veludo escuro

V — 11,12 (Cf. V — 11,20)

§ *Azul escuro*,

hã abito de veludo azul escuro

V — 11

V. *Verdescurro***Negro** — adj.

Preto :

e-ta negra cobertura

menos mal que dizem faz

IV — 210,4 (Cf. IV — 208,23)

§ De preto vestia uma das damas que, em visão, apareceu a Duarte de Brito, personificando a firmeza :

a hã delas vestia

hum brial negro chapado

I — 349,24

Pardilho — adj.

No exemplo transcrito, não pode distinguir-se, com certeza, se «pardilho» designa cor ou tecido :

pardilho deve mantam

. . . trazer cuberto

I — 174,5

Pardo — adj.

Aparece como tecido e como cor. Como cor simboliza, simultâneamente, a tristeza :

pardo abito, cordam

. . . escolhi aquesta cor,

pola meu coraçam ter

IV — 324,21 (Cf. I — 299,13;

V — 322,21)

Preto — adj.

O preto parece não ter sido cor também muito apreciada :

. . . pragas lanças
 . . . sapato preto calçado
 lhe vejeu. . .

I — 299,30 (Cf. IV — 287,4)

Roxo — adj.

Os pelotes roxos parece que eram estimados. Mas os borzeguis não deviam ser roxos :

pelotes roxos, bandados,
 muito finos

III — 385,17

. . . pragas lanças
 . . . borzeguis, marroquis roxos

I — 298,19

Telha — f.

Cor de telha :

mantilha color de telha,
 como costumão na Beira

IV — 178,9

Verde — adj.

De verde vestia uma das damas que, em visão, apareceu a Duarte de Brito, personificando a esperança :

de verde toda vestida,
 de pelras toda borlada

I — 350,10

§ *Verdescuro* — o verde escuro condizia com o tempo de tristeza :

porque tempo de tristura
 . . . quajais húa vistidura
 quaquí anda verdescura

IV — 366,12

Verdegai — adj.

Verde gaio, verde claro e vivo :

. . . hũ roupão verdegai
do mercador de Cambai

IV — 366,1

Vermelho — adj.

O vermelho não devia usar-se quando fazia calor :

. . . nam lho mandeis vermelho,
porque faz ja grã calma

IV — 361,11 (Cf. I — 174,3)

§ As polainas vermelhas parece terem sido insignia de alcoviteiras :

e por vos dar a continua
mas inteira,
levai poloina vermelha

IV — 178,13

V

Qualidades e características do vestuário

Aberto — adj.

Que não fecha :

loba aberta alaranjada

IV — 362,5 (Cl. I — 174,8 ;

IV — 371,19)

Acairelado — adj.

Debruado :

mãgas que trazias de veludo . . . acaireladas

IV — 405

Aito — adj.

Elevado ; levantado :

altas mangas

IV — 405,5 (Cl. IV — 205,9)

Apestanado — adj.

Com pestana, debruim com casas de abotoar :

capuzes apestanados

pola ponta do pee trazem

V — 317 24

Averso — m.

Davesso ; co avesso para fora :

mangas . . . co avesso para fora.

IV — 405

a hûas mangas que vi

davesso

IV — 405,3

Bandado — adj.

Com bandas, aplicações de cores diferentes :

pelotes roxos, bandados,
 . . . por mil partes golpeados
 III — 335,17

Betado — adj.

Listrado de várias cores :

pelotes roxos, bandados,
 . . . com cores também betados
 III — 335,20 (Cf. IV — 362,7)

Bordado — adj.

Aparecem bordados de veludo e de tarramaques :

meu capuz pardo, frisado
 . . . de veludo bem bordado
 III — 335,1 (Cf. IV — 177,2)

Borlado — adj.

Com borlas ? :

de verde toda vestida
 de perlas toda borlada
 I — 350,10

Çafado — adj.

gasto, usado :

barretinho singelo
 pela borda já çafado
 V — 326,4

Calmoso — adj.

Que faz calor :

gorra . . .
 . . . mui calmosa
 IV — 205,11

Çarrado — (cerrado) — adj.

Fechado :

. . . mongi
 com mangas, todo çarrado
 IV — 189,8 (Cf. II — 184,9)

Chapado — adj.

Bordado com chapas de metal ou pedras preciosas :

hum brial negro, chapado
de mui rica argentaria

I — 349,24 (Cf. IV — 321,5)

Augoadeira — adj.

V. *Capa augoadeira*

Comprido — adj.

Longo :

pelotes . . .
mui largos e mui compridos

IV — 176,30 (Cf. I — 350,13 ;

III — 373,24)

Cortesaão — adj.

Fino, próprio da corte :

eu vi ja çẽ mil maneiras
de trajos bem cortesaãos

IV — 210,12 (Cf. IV — 189,6)

Cogumelo — m.

Imagem pitoresca para caracterizar um barretinho :

. . . barretinho
. . . de feiçam de cogumelo

V — 326,5

Coruchéu — m

O coruchéu da Sé serve de imagem, para satirizar uma gorra :

. . . gorra
. . . eu nam sei a quem pareça
. . . que possa ter na cabeça
o corucheo desta see

IV — 214,4

Curto — adj.

Pequeno de comprimento :

traz capa . . .

aberta, curta, mal lançada

IV — 371,19 (Cf. 325,28)

Debrũado — adj.

Com debruns :

traz capa nõ debrũada

IV — 371,18

Descomunal — adj.

Enorme :

como tam descomunal

gangorra trazer podestes

IV — 217,21

Desfiado — adj.

O vestuário era frequentemente desfiado, isto é, com uma espécie de bordado, que consistia especialmente, em tirar fios ao tecido:

. . . hũa roupa mais comprida,

per mil partes desfiada

I — 350,14

Encabeçado — adj.

Com biqueiras, referindo-se a botas :

botas . . .

sejam quer encabeçadas

I — 184,8

Engraxado — adj.

1) Referindo-se a calçado parece ter o significado actual de lustroso, brilhante, embora se estranhe que «sapatos engraxados» sejam motivo de riso :

. . . sapato preto calçado

lhe vejen e engraxado

por mais rir.

I — 300,1

2) Referindo-se a vestuário — *beca engraxada* — terá o sentido de lustrado, usado?

beca curta e engraxada

V — 325,28

Entretalhado — adj.

Com recortes, aplicações:

querem novas bordaduras,
devenções entretalhadas

III — 339,25

Estreito — adj.

Apertado:

. . . mangas . . . de veludo estreitas

IV — 405 (Cf. IV — 402)

Fino — adj.

1) Pouco espesso:

deve trazer caraminhola

. . . fina . . .

I — 174,11 (Cf. IV — 231,15;

IV — 236,12)

2) Delicado, bonito:

com ricos trajos finos

I — 232,4 (Cf. I — 184,6;

III — 335,5,14 e 18)

Folgado — adj.

Largo:

o gibam de qualquer pano
na barriga bem folgado

I — 173,28

Fornido — adj.

Quente, grosso:

. . . a búa grande carapuça

. . . envenção

tam fornida no verão

IV — 210,17

Forrado — adj.

Aparecem frequentemente as peças de vestuário forradas de pele :

mengi . . .

forrado de martas

II — 174 (Cf. IV — 402)

Franjado — adj.

Com franja :

capuz . . .

. . . de prata todo franjado

IV — 319,16

Frisado — adj.

De frisa :

em lóbas frisadas jazem

V — 317,23 (Cf. I — 299,11 ;

IV — 235,13 ...)

Galante — adj.

Gracioso, bonito (com referência a guarnições) :

. . . labores mui sotis,

preciosos e galantes

I — 350,8

Gentil — adj.

Gracioso, bonito (referindo-se a guarnições) :

hũ goarnimento

bem gentil e bem polido

II — 256,24

Gironado — adj.

Com girões, barras de cor diferente do tecido em que se applicavam :

os moços iram vestidos

de pelotes gironados

IV — 176,29

Golpeado — adj.

Com golpes ou cortes, para, por baixo, aparecerem aplicações de outras cores :

pelotes roxos, bandados
 . . . per mil partes golpeados
 III — 335,19

Grande — (grão, gram) — adj.

Volumoso :

mui grandes caperutadas
 IV — 203,3 (Cl. IV — 230,3;
 IV — 211,9)

Largo — adj.

Amplio :

pelotes . . .
 mui largos e mui compridos
 IV — 176,50 (Cl. IV — 405,17;
 V — 326,1)

Lavrado — adj.

Com arabescos, tecidos ou bordados :

. . . . leuços lavrados
 V — 317,26

Leve — adj.

Que não pesa :

. . . carapuça
 . . . se a fizestes por leve
 he pesada
 IV — 197,14

Louçaãs — adj. pl.

Bonitas :

mangas . . .
 . . . vimos outras mui louçaãs
 IV — 402,17

Mal lançado — adj.

Deselegante :

traz capa . . .
 aberta, curta, mal lançada
 IV — 371,19

Maneiro — adj.

Pequeno, leve :

mais que francella
andam os gibões maneiros

IV — 188,9

Meloso — adj.

Melado, feio, gasto ?

. . . trajos mai mais melosos
do questas ceroilas sam

IV — 234,8

Mole — adj.

As pontilhas dos sapatos deviam ser moles :

sapatos de Basileia
pontilhas sobelo mole

IV — 173,16

Novo — adj.

Ainda não usado :

novos vestidos trarei

III — 232,17

Pesado — adj.

Que pesa :

carapuça . . .
se a fizestes por leve,
he pesada

IV — 197,15

Pespontado — adj.

Com pespontos :

trazeis . . .
. . . loba dipre pespontada

V — 325,28

Poderoso — adj.

Grande, majestoso :

gorra
 . . . he mui alta e poderosa
 por detras . . .

IV — 205,9

Polido — adj.

Brilhante, referindo-se a uma guarnição de ouropel :

. . . hũ goarnimento,
 todo douropel tecido,
 bem gentil e bem polido

II — 356,24

Precioso — adj.

Bonito (referindo-se a guarnições):

. . . labores mui sotis,
 preciosos e galantes.

I — 350,8

Raso — adj.

Dizia-se *boreado raso* (v. Boreado); *Cetim raso* (v. Cetim);
Seda rasa (v. Seda)

Reves — m.*Oo reves* — do avesso :

mangas . . .
 . . . que por nam terem direito
 sam trazidas oo reves

IV — 405,9

Rico — adj.

Valioso :

hum brial negro chapado
 de mui rica argentaria

I — 350,1 (Cf. I — 232,18;

IV — 190,13)

Sal — m.

Sem sal = sem graça :

. . . trajo tam sem sal

IV — 233,11

Sam — adj. fem.

Sã, sadia :

hũ par de luvas de lam

. . . por quee cousa muito sam

V — 326,13

Singelo — adj.

Simples ou pobre ? :

trazei . . .

. . . barretinho singelo

pela borda ja çafado

V — 326,3

Sotil — adj.

Subtil, fino (referindo-se a guarnições) :

dhũs labores mui sotis,

preciosos e galantes

I — 350,7

Velho — adj.

Antigo, gasto :

mangas . . . forradas de martas

muito velhas

IV — 402

VI

Accões ligadas com o vestuário

Andar — v. i.

Andar com ; *andar em* = usar :

I — 327,27
 IV — 405,17

Arraiar — v. t.

Guarnecer, enfeitar :

e pois is bem arraiada IV — 177,13

Atar — v. t.

Apertar :

... trazia atados
bús leucinhos no pescoço

III — 370,15

Bordar — v. t.

Guarnecer com bordados:

IV — 369,23 (Cl. III — 335,1;
IV — 177,2)

Borlar — v. t.

Guarnecer com borlas? :

de verde toda vestida
de perlas toda borlada

Calçar — v. t.

Refere-se a calçado e ainda a calças ou ceroulas :

sapato preto calçado

I — 299,30 (CL IV — 231,26 ;

IV — 234,3)

§ *Calçar-se* :

. . . a estas cereilas

. . . Manuel calçar-se mal

IV — 230,19

Cobrir — v. t.

Vestir :

pardilho deve mantam

. . . trazer cuberto?

I — 174,6

§ *Cobrir a cabeça* = tapar :

V — 317,17

Coser — v. t.

Fazer uma peça de vestuário, depois de talhada; confeccionar :

loba . . .

. . . que vem cosida e talhada

IV — 362,4

Dependurar — v. t.

Pôr ao pescoço :

cadeia dependurada

. . . no meu pescoço

III — 54,12

Enventar — v. t.

Descobrir uma moda nova, uma « invenção » :

quem tais calças enventou

IV — 236,3

Eschamejar — v. i.

Brilhar, o brocado :

. . . borcado raso

queschamejou como brasa

IV — 163,5

Fazer — v. t.

Fazer uma peça de vestuário — talhá-la e cosê-la:

... dessa gangorra faria

... huú gibaão

IV — 202,1 (Cf. IV — 203,9)

Frisar — v. t.

Trabalho semelhante ao de plissar?

Aqui não parece tratar-se de «forrar de frisa»:

... já outro dia sacheu

que frisou

duas peças de veludo

IV — 236,15

Guarnecer — v. t.

Adornar:

pelotes . . .

... guarnecidos

... de tarramaques bordados

IV — 177,1 (Cf. IV — 162,16)

§ *Guarnecer-se* = vestir-se, adornando-se:

de pelote se guarneça

pouco menos do artelho

I — 174,1 (Cf. V — 253,13)

Ir — v. i.

Estar posto:

huú mui fino palhete

que va sobelo barrete

IV — 362,13

Jazer — v. i.

Jazer em = estar vestido de (talvez com leve sentido pejorativo):

boôs e maos todos já trazem

os rabos alevantados,

em lobs frisadas jazem

V — 317,23

Lançar — v. t.

Pôr, usar :

ramal de contas lançado

oo pescoço . . .

V — 326,8 (Cl. IV — 366,5)

Levar — v. t.

Trazer, pôr :

levares . . .

. . . por reliquias oo pescoço

IV — 182,13

Meter — v. t.

Pôr, usar :

. . . meteu na cabeça

carapuça de folia

IV — 197,4 e 12 (Cl. I — 327,29)

Pôr — v. t.

Colocar, usar :

. . . touca . . .

. . . toda posta no toutiço

II — 354,19 (Cl. I — 183,28)

Portar — v. t.

Trazer, usar :

gorra . . .

. . . quem naqui portou primeiro

IV — 207,10

Revestir — v. t.

Aparamentar, com referência ao Papa :

que faça mais aparato

que hũ papa revestido

V — 324,18

Sacar — v. t.

Vestir, usar ? :

. . . o condestable sacou

hũa roupa que sabemos

a qual foi de gram frisada

IV — 235,11 (Cl. IV — 237¹ 2,9 e 19)

Talhar — v. t.

Cortar uma peça de vestuário, para depois coser :

loba . . .

que vem cosida e talhada

IV — 362,4

Tecer — v. t.

Fabricar :

. . . hũ goarnimento

todo douropel tecido

II — 356,23

Ter — v. t.

Usar, suportar :

que possa ter na cabeça

o corucho desta see

IV — 214,3

Tirar — v. t.

Despir, desprender :

hũ pelote . . . e depois o tirou

IV — 263 (CE IV — 369,25)

. . . nam tirar a cadeia

do pescoço

III — 73,15

Trazer — v. t.

Usar, de modo geral ; pôr, vestir ou calçar :

traga cinta de verdugo

I — 174,25 (CE I — 174,29)

Usar — v. t.

Pôr, trazer :

usam . . .

. . . sedas, chapas e bocado

III — 339,6

§ Trazer, por estar na moda :

em tempo del rei Duarte
dizem que foram usadas
mui grandes caperutadas

IV — 203,2

Vestir — v. t.

Pôr vestuário, de modo geral; estabelece-se a diferença entre vestir e calçar :

. . . ricamente calçamos
e vestimos

I — 232,14 (Cf. I — 349,24 ;

I — 350,10 ; II — 175,1 . . .)

§ *Saber vestir*

Bem vestir devia ser norma de quem frequentava a corte :

pois bem vestir vos alegra,
rege vos por esta regra

I — 172,8

§ *Vestir-se*

Aparece o verbo reflexo, em sentido próprio e figurado :

vesti vos de gabardina

II — 317,9 (Cf. I — 172)

vesti vos de gentileza

V — 258,8

MARIA CONSTANÇA MÚRIAS DE FREITAS



Estudo Lexicológico do port. *morugem* e do fr. *mouron*

I — Considerações semânticas

A palavra portuguesa *morugem* ou *merugem* (*maruge* ou *marugem*, *meruge*, *merugem* ou *meruja*, *morugem* ou *murugem*), conquanto apresente certo interesse lexicológico, não foi ainda especialmente estudada, tanto pelo lado semântico, como pelo etimológico. Quer-nos parecer que a palavra fr. *mouron* tem com a nossa íntimas relações, não só de significado, mas também de origem, e, por isso, dela trataremos igualmente a seguir.

A palavra *morugem* ou *merugem*, como *mouron*, é fundamentalmente um termo botânico, mas podemos já afirmar que o seu verdadeiro ou principal significado português está ainda por registar nos léxicos e que também falta nas obras botânicas especializadas.

Por exemplo, o *Novo Dicionário da Língua Port.*, de Cândido de Figueiredo, o dicionário moderno mais conhecido e, de modo geral, o mais rico e actualizado, apenas traz (e cremos que sem fundamento sério): «**Murugem**, f. Planta borraginea, (*myosotis intermedia*). (Do lat. *mus*, *muris*)». Nas formas *marrugem*, *maruge* ou *marugem*, *meruge* ou *merugem*, *meruja* e *morugem* (as duas últimas só na 1.^a ed.) limita-se a remeter, directa ou indirectamente, para *murugem*, sem nada mais acrescentar.

Por seu lado, os botânicos portugueses (F. de Avelar Brotero, Pereira Coutinho e seus colaboradores, Gonçalo Sampaio, etc.) consideram como *morugem*, exclusiva ou principalmente, a *Alsine media* Lin. ou, mais recentemente, *Stellaria media* (Lin.) Cyr., da família das cariofiláceas (ou das alsináceas).

Pelo que respeita aos demais léxicos portugueses: uns trazem (ou parecem trazer) simplesmente o significado equivalente ao de Cândido de Figueiredo (*Dic. Compl.*, de A. Moreno; *Mod. Dic.*, de F. Torrinha; *Dic. Cont.*; *Peq. Dic. Brasil.*; *Tesouro da Ling.*,

de Dom. Vieira; etc.) (1); um ou outro apenas regista o significado dos botânicos (*Lello Universal; Encycl. Port.*, de Maximiniano de Lemos); alguns parecem estar, por um lado, de acordo com o significado de Cândido de Figueiredo (aludem às «orelhas de rato», que, propriamente, designam a planta boraginácea do *Noro Dic.*) e, por outro, com os botânicos (por fazerem corresponder a palavra a *alsine*) — Bento Pereira; R. Bluteau; e Morais Silva —; e finalmente outros registam explicitamente os dois significados acima, embora em formas vocabulares diferentes (*Noro Dic.*, 5.^a ed. e seg.; *Encicl. Port. e Brasil.*) (2).

Em nenhum lugar, porém, se faz referência sequer ao verdadeiro ou principal significado da palavra, ao sentido próprio, vernáculo, sentido que até serve de base semântica a algumas formas e acepções derivadas. Com efeito, as verdadeiras *morugens* ou *merugens* dos camponeses (*meruges, merugens, merujas*, etc.), conhecidas, pelo menos, no Centro e Norte do País (nas Beiras e em Trás-os-Montes), nem são plantas «borragíneas» nem cariofiláceas ou alsináceas... Pertencem, afinal, à família das *portulacáceas*, isto é, à família que tem por tipo a *beldroega*.

São, pois, plantazinhas botânicamente muito diferentes de tudo quanto até agora se tem registado ou indicado. Podemos descrevê-las, grosso modo, como: *pequenas ervas tenras, um tanto carnosas, glabras, cespitosas, próprias dos terrenos graníticos ou siliciosos e dos lugares húmidos (fontes regatos e respectivas margens)* (3), onde formam característicos tapetes ou maciços de verdura; apresentam folhinhas carnósulas, oblongo-espátuladas e produzem pequeníssimas flores brancas em cimeira. São muito procuradas pelos animais herbívoros e usam-se como salada, etc.

Botânicamente correspondem à designação de *Montia rivularis* Gmel., de diversos autores modernos, incluindo Pereira Coutinho, ou de *Montia lusitânica* Samp., de Gonçalo Sampaio, ou ainda de

(1) Só na forma «*marrugem*» se encontra às vezes uma definição especial, diferente, mas imprecisa, vaga, que, afinal, nada chega a «definir».

(2) O significado dos botânicos na forma *morugem* e o de Cândido de Figueiredo em *muragem*.

(3) Como dizemos, é própria das fontes e regatos dos terrenos graníticos ou siliciosos, mas duma certa altitude e latitude (alguns montes de Portugal, da Espanha, da França, da Bélgica, Pirenéus, Alpes, etc.), sendo rara na bacia do Mediterrâneo.

Montia fontana Lin. (esta, designação antiga, mas ainda adoptada por vários botânicos).

Para algumas acepções da palavra *merugem* ou dos seus derivados, interessa também saber que as águas das fontes ou dos regatos correm habitualmente por entre os pés destas ervinhas e que, de manbã, as plantas ou as suas folhas se encontram em regra cobertas de orvalho cristalino...

Quando começámos a primeira redacção deste estudo estávamos inteiramente convencidos de que a *morugem* dos botânicos correspondia rigorosamente a esta *merugem* dos camponeses, mas depressa reconhecemos que entre elas havia diferenças mais ou menos importantes. Por outro lado, chegámos à conclusão de que as *merugens* da Beira, que nós conhecíamos muito bem, deviam coincidir com as *merugens* (*meruges* ou *merujas*...) da linguagem vulgar de Trás-os-Montes, arquivada na *Rev. Lusit.* (II, V, XIII, XXXV), onde se definem como *erva dos regatos* (ou *das fontes*) *que serve para salada*, embora sem qualquer indicação botânica.

Em ida à Beira (Gouveia) tivemos ocasião de recolher e classificar as plantazinhas, verificando assim, de facto, as diferenças previamente reconhecidas. Foi mesmo com grande surpresa que concluímos ser a *merugem* da Beira uma *portulacácea* — a *Montia lusitanica*, Samp. (segundo o *Manual de Flora Portuguesa*, de Gonçalo Sampaio) ⁽¹⁾, ou *Montia rivalaris* Gmel. (segundo a *Flora de Portugal*, de Pereira Coutinho) —, classificação esta confirmada depois na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Quanto às *merugens* de Trás-os-Montes, também procurámos obter alguns exemplares, mas, talvez devido às secas dos últimos anos, não foi possível encontrá-los, apesar dos esforços empregados nesse sentido. Tivemos de recorrer aos botânicos do Norte, da Faculdade de Ciências do Porto (conjuntamente ao Dr. Alfredo Andrade da Silva e ao Prof. Dr. Arnaldo Rozeira), os quais prontamente nos enviaram os esclarecimentos pedidos, principalmente com as seguintes palavras: «A planta que se usa em Trás-os-Montes para salada é de facto uma *portulacácea* — *Montia lusita-*

⁽¹⁾ Servimo-nos inicialmente do *Manual da Flora Portuguesa* (incompleto), de Gonçalo Sampaio, que possuímos desde os tempos de estudante, o qual não indica qualquer nome vulgar. A recente edição (1947), completa, publicada com o nome de *Flora Portuguesa*, já cita *meruginha*, o que ainda não está inteiramente certo.

nica Samp. = *Montia rivularis* Mariz non Gmel. »... E a seguir : « o nome vulgar é *merugem* e não *morugem* » (1).

Não podem, pois, restar dúvidas de que o principal significado da palavra *morugem* (2) ou *merugem* é o acima exposto e não o que registam os dicionários ou mesmo os trabalhos botânicos.

Podem, no entanto, justificar-se outras acepções (menos talvez a registada por Cândido de Figueiredo), pelo que vamos dar o resumo semântico da palavra, por agora referido principalmente às formas vocabulares que podemos considerar normais — *morugem* (normal literária ou semiculta) e *merugem* (forma normal vernácula ou vulgar).

1) O primeiro significado, o significado próprio, vernáculo e filologicamente mais importante, é o que acabámos de mostrar. Nesta acepção, como vimos, a palavra **morugem** ou **merugem** designa uma erva portulacácea, um tanto carnosa, glabra, cespitosa, das fontes e dos regatos (ou das repectivas margens) dos terrenos graníticos ou siliciosos, com folhas opostas oblongo-espatuladas e florinhas brancas, muito pequenas, em cimeira. Em nomenclatura botânica foi designada por *Montia fontana* Lin., mas hoje tem geralmente o nome de *Montia rivularis* Gmel., e Gonçalo Sampaio classifica-a de *M. lusitânica*. Usa-se às vezes como salada e serve para alimentação de animais domésticos...

Sendo a verdadeira *morugem* ou *merugem* dos camponeses, com as designações populares de *maruge* ou *marugem*, *marrugem*, *meruge* e *meruja*, também usadas no plural (*marugens*, *meruges*, *merugens*, etc.), pode ainda ser chamada *morugem-verdadeira*, *merugem* ou *morugem-vulgar* e *merujinha* (*R. L. XXXV*, pág. 259, e *Flora Port.*, de Gonçalo Sampaio), bem como *morugem-das-fontes*, *morugem-aquática*, etc. (cp. nomes franceses) (3).

Corresponde-lhe: em francês *mouron* (mais especialmente *mouron*

(1) Note-se que o Prof. Arnaldo Rozeira, além de se dedicar especialmente à Botânica Sistemática, é natural de Trás-os-Montes.

(2) Os lexicógrafos, certamente por motivos etimológicos (que nós consideramos inteiramente errados), preferem a grafia *murugem* e os botânicos escrevem sempre *morugem*. Para não indicarmos sempre as duas grafias lado a lado, damos já preferência à segunda, antes mesmo de expormos a razão disso.

(3) A palavra *Nerasqueira* (*R. L.*, XII, 112) deve designar também esta *morugem* ou *merugem* e não a '*murugem*' de Cândido de Figueiredo.

des fontaine, m. aquatique, m. des ruisseaux) ⁽¹⁾ e *petit cresson*; em inglês *blinks, blinking, water-blinks* ou *water-chickweed*; e em alemão *Bach-Montie* ou *Flachssalat*... ⁽²⁾

Como dissemos, é este o significado principal, vernáculo, da palavra, base de diversas acepções secundárias, como veremos principalmente ao tratarmos das suas variantes vulgares e das formas derivadas.

2) A segunda aceção será a que os botânicos atribuem à forma *morugem*, algumas vezes também considerada «*morugem vulgar*», etc. Este significado talvez tenha resultado já do anterior por certa semelhança e confusão entre as duas espécies de plantas.

A palavra designa agora uma planta carioflácea (ou alsinácea), que é uma pequena erva tenra, muito vulgar, de caules ramificados, por vezes difusos, com folhas opostas, ovado-lanceoladas (as inferiores pecioladas e as superiores geralmente sésseis), de limbo glabro ⁽³⁾, e com florinhas brancas que imitam estrelas de dez pontas (e que correspondem a cinco pétalas bifidas). Cresce por toda a parte, em terrenos mais ou menos remexidos e frescos, chegando a formar densos tufos de verdura. Botânicamente é a *Stellaria media* (Lin.) Cyr., anteriormente *Alsine media* Lin.

Além de *morugem* ou *merugem*, também se pode chamar *morugem-branca* ou *morrião-branco*, mas cremos ser errado atribuir-lhe as designações de «*morugem vulgar*», «*orelha de rato dos herbolarios*», etc., como faz Avelar Brotero ⁽⁴⁾. Os nomes estrangeiros parece-nos que andam em parte também confundidos com os da planta anterior. Em francês diz-se, não só *mouron, mouron-blanc, menuchon*, etc., mas também *mouron des oiseaux, mouron des petits*

(1) É talvez *mouron des oiseaux, morgeline*, etc.

(2) Em espanhol talvez *pauquina* e em italiano *pavčina*, etc., mas não podemos averiguar isso com certeza, por falta de obras apropriadas.

(3) A planta é quase glabra. Tem apenas uma série de pêlos nos caules (em linha quebrada, pois mudam de nó para nó) e alguns pêlos nas beiras dos pecíolos.

(4) Na sua *Flora Lusitânica*, Brotero mostra desconhecer inteiramente a planta portulacácea do primeiro significado, que é, sem dúvida, a verdadeira *morugem-vulgar*, a *morugem-verdadeira*...

oiseaux ⁽¹⁾ e *morgeline*, além de *alsine* e *stellaire* (nomes eruditos); em espanhol atribuem-se-lhe os nomes de *pamplina* (*pamplina de canario*, *pamp. pajarera*), *hierba de canarios*, *bocado de gallina*, *picagallina* e *alsine*; em italiano considera-se *centonchio* (ou *centocchio*), *centone*, *mordigallina*, *paperina* ou *paverina*, *pizzagallina*, etc.; em prov. mod. diz-se *mouroun* ou *mourroun*, *mourel*, etc. e em catalão *morrons* ou *murróns*; em inglês é *chickweed* ou *stitchwort* (em parte), e em alemão *Vogelkraut*, *Vogelmiere*, etc.

3) A terceira acepção deve ser por analogia com a anterior. Representa principalmente uma planta primulácea, mais conhecida por *morrião* (*Anagallis arvensis* Lin.). No aspecto geral apresenta-se muito semelhante à planta da acepção anterior (de onde a sobreposição das palavras *morugem* e *morrião*), mas é inteiramente glabra, possui caule quadrangular, um pouco mais forte e mais duro, tem folhas todas sésseis e apresenta flores azuis ou vermelhas (cor de tijolo). É a *morugem-bastarda* ⁽²⁾ ou *morrião* (*murrião*), espécie de *anagálide*, com duas variedades principais (segundo as flores, etc.): *morrião-azul* ou *morugem-azul* (= *morugem-bastarda-azul*), antigamente também chamada *morrião-fêmea*; e *morrião-vermelho* ou *morugem-vermelha* e *morugem-escarlata*, além de *morrião-macho* ⁽³⁾.

Em francês diz-se também *mouron*, *mouron des champs*, *mouron bleu* ou *mouron rouge*, *morgeline* (ou *fausse morgeline*) e *menuchon* ou *menuet*, além de *anagallis*; em espanhol chama-se *murajes* e *hierba de la rabia*, além de *anagálide*; em italiano recebe, pelo

(1) Conforme já notámos, estes nomes talvez pertençam ou pertencessem (pelo menos inicialmente) à *morugem* anterior. Dizemos isto principalmente porque o *mouron des oiseaux* se vendia para alimento dos passarinhos. Ora, esta *morugem* não se prestava a isso, em virtude de murchar e secar facilmente depois de cortada, ao passo que a anterior, além de se considerar já expressamente comestível para homens e animais, como é um tanto carnosa, pode-se conservar fresca, turgida, durante muito tempo.

(2) F. A. Brotero, *Flora Lusit.*

(3) O *morrião-azul* e o *morrião-vermelho* são, por uns, considerados variedades da mesma espécie e, por outros, duas espécies distintas. São variedades destes o *morrião-grande* e o *morrião-pequeno*.

menos em parte, os nomes de *centonchio* ⁽¹⁾ (*centonchio rosso*, etc.), *centone*, *mordigallina*, *bellichina*, *erba grisellina*, *anagallide*, etc.; em prov. mod. e em catalão diz-se, como no caso anterior, respectivamente *mouroun* ou *mourroun*, etc. e *morróns* ou *murróns*; em inglês é o célebre *pimpernel* (*blue pimpernel* e *red-pimpernel* ou *scarlet-pimpernel*), bem como *burnet* (em parte) e *anagallis*; e em alemão diz-se *Glauchheil*, *Hühnbiss* ou *Hühndarm*, *Heilkraut*, *Miere*, etc.

4) Por extensão ou analogia pode-se dar ainda o nome de *morugem* (*morugem-bastarda*) a outras plantas mais ou menos semelhantes às anteriores, principalmente em concorrência com o nome de *morrião*: *morrião-de-cotovia* ou *morugem-de-cotovia* (planta cariofilácea ou alsinácea — *Cerastium glomeratum* Thuill.) ⁽²⁾; fr. *mouron d'alouette*; ingl. *mouse-ear chickweed*; *morrião* (ou *morugem*)-*de-água* = *morrião aquático* (planta primulácea — *Samolus Valerandi* — e planta escrofulariácea, também chamada *verónica-morrião*); etc.

Cremos serem estes todos os significados botânicos, próprios e extensivos, da palavra *morugem* ou *merugem*.

À «planta borragínea (*myosotis intermedia*)», de Cândido de Figueiredo, é que, verdadeiramente, ainda não vimos aplicar tal designação, quer em sentido próprio, quer em sentido translato ou extensivo.

As plantas borragináceas, mais conhecidas, do género *miosótide* (*Myosotis Welwitschii* Bois. et Reut., *M. intermedia* Link, etc.), que são pequenas ervas pilosas, ásperas, de folhas alternas e florinhas, em cimeira escorpióide, geralmente de corola azul (mas também amarela, pelo menos no centro, etc.), têm os nomes de *orelhas-de-rato*, *miosotas* ou «*miosótis*» e *não-me-esqueças* (ou *não-te-esqueças*) — o primeiro correspondente à designação grega ou ao nome científico e o último tradução do inglês *forget-me-not* (que também se usa) ou do alemão *Vergissmichnicht* —, mas nunca de *morugens* (*muru-*

(1) É curioso que *centonchio* designa hoje principalmente a *Stellaria media* (a planta *cariofilácea* ou *alsinácea* da segunda acepção), conquanto provenha do lat. *centunculum* que, na actual linguagem botânica, representa um género de *primuláceas*.

(2) As plantas do género *cerástio*, pela forma das folhas e pela pilosidade, também são chamadas, por vezes, *orelhas-de-rato*.

gens) ou *merugens*... O próprio Cândido de Figueiredo, registrando *orelha-de-rato*, *miosota* ou «*miosótis*» e *não-te-esqueças*, em nenhum destes casos faz a mais ligeira referência à sua *murugem*, apesar de ter sido termo de remissão de *maruge* ou *marugem*, *meruge* ou *merugem*, etc.

Nas principais línguas estrangeiras as plantas boragináceas acima apresentam as seguintes designações: fr. *oreille de souris* ou *oreille de rat*, *ne m'oubliez pas* ou *souvenez vous de moi* e *myosotis*; esp. *raspilla*, *nomeolvides*, *oreja de ratón* ⁽¹⁾ e *miosota* ou *miosótide*; it. *non ti scordar di me*, *miosotide*, *orecchio di topo* ⁽¹⁾ e *centonchio* ou *centone* (algumas vezes); ingl. *forget-me-not* e *mouse-ear*, além de *myosotis*; e al. *Vergissmeinicht* e *Mauseohrchen*...

Como se vê, os nomes estrangeiros da *miosota* ou *orelha-de-rato* também não se confundem com os da verdadeira *morugem* (em regra, nem mesmo com os das outras *morugens*). Comparem-se principalmente as designações francesas e inglesas respectivamente com *mouron* e *chickweed*, de emprego sensivelmente paralelo ao da nossa *morugem*.

Verifica-se, pois, que a palavra portuguesa *morugem* (*murugem*), *merugem* ou *marugem* verdadeiramente nunca apresenta o significado de planta boraginácea (único registrado por Cândido de Figueiredo), quer na linguagem dos camponeses, quer na dos nossos botânicos. Trata-se, portanto, dum falso significado, dum significado sem fundamentos reais, resultante talvez de equívocos que já vêm de longa data.

Eis a provável explicação. Plínio, o antigo, em sua *Nat. Hist.*, dá da planta *alsine* uma notícia incompleta. Própriamente parece dizer apenas que nasce nos bosques no meio do Inverno e seca no meio do Verão, apresentando folhas que imitam as orelhas dos ratos. Admite que lhe chamem *myosoton* (*orelha-de-rato*), mas ele entende ser distinta da verdadeira *orelha-de-rato* (*myosótis*) ⁽²⁾...

(1) Este nome designa mais especialmente a *piloseta*, planta composta ou asterácea.

(2) *Alsine, quam quidam myosoton appellant, nascitur in lucis, unde alsine dicta est. Incipit a media hieme, arescit aestate media: cum prorepit, musculorum aures imitatur foliis. Sed aliam docebamus esse, quae iustius myosotis vocetur. Haec eadem erat quae helxine [?] nisi minor minusque hirsuta esset*...

Plínio, *Nat. Hist.*, liv. XVII, cap. IV.

Mais tarde os botânicos, baseados certamente nos tradutores e comentadores medievais, fizeram da palavra *alsine* um género de cariofiláceas que incluiu, durante muito tempo, a *morugem* da 2.^a acepção supra (1) — hoje classificada no género *Stellaria*, da mesma família.

Nestas condições a palavra *alsine*, por um lado (segundo os antigos), correspondia a *myosoton* (à letra, orelha-de-rato) (2) e, por outro (segundo os botânicos), tornou-se equivalente a *morugem*. Aplicando um princípio matemático muito corrente (se *myosoton* e *morugem* são «iguais» a *alsine* também são «iguais» entre si), chegou-se à conclusão de que *morugem* (ou *murugem*) era o mesmo que *myosoton*, que *orelha-de-rato*, que «planta borragínea (*myosotis intermedia*)»...

Simplesmente as relações entre estes termos não são bem exactas (quanto às origens) nem verdadeiras (quanto aos factos). Como vimos, Plínio aceita a identificação de *alsine* com *myosoton* («quam quidam myosoton appellant»), mas não com *myosotis*, a verdadeira orelha-de-rato, de que trata especialmente no cap. XII do mesmo livro («*Myosota sive myosotis*»...). Por outro lado, as palavras latinas da moderna nomenclatura botânica, por motivos diversos, nem sempre correspondem exactamente ao emprego no latim antigo ou clássico, se é que elas o tinham claro e unívoco...

Ora, as relações entre *morugem* (mesmo a *morugem* dos botânicos) e *alsine* devem estar neste caso: além de temporárias, devem ter sido meramente acidentais ou arbitrárias. *Alsine*, segundo o próprio nome, seria uma planta dos bosques (3), que nasce no meio do Inverno e seca no pino do Verão, ao passo que a *morugem* (e agora tanto a *morugem* dos botânicos como a dos camponeses) é erva tenra, delicada, própria do solo remexido e dos lugares húmidos ou frescos, vegetando durante quase todo o ano (4). Acresce ainda

(1) Daí o tomar-se às vezes *alsine* como sinónima de *morugem-branca* (a *morugem* dos botânicos) — v. fr. e esp. acima.

(2) Como se sabe, *myosota*, *myosotis* e *myosoton* (< μῦς, μῶς, rato, músculo + ὠτίς, ὠτίς, orelha, ouvido) significam à letra *orelha(s) de rato*, *musuris aureis*.

(3) *Alsine*, lat. *alsine*, gr. *ἀλίνη* (< gr. *ἀλσος*, bosque, bosque sagrado).

(4) Segundo a *Flora* de Gonçalo Sampaio, a *Montia lusitanica* Samp. = *M. rivularis* (1.^a acepção) floresce de Março a Setembro e a *Stellaria media* (2.^a acepção) de Fevereiro a Outubro. Atendendo a que o período de vegetação

que a *alsine*, relacionada com *myosoton*, *myosotis* (orelha-de-rato) e talvez com *helxine* (parietária), devia ser visivelmente pilosa, designadamente nas folhas (1), e as *morugens* podem-se considerar glabras (a verdadeira *morugem* ou *merugem* dos camponeses é inteiramente glabra, a *morugem* dos botânicos é quase glabra, sendo-o também inteiramente nas folhas, e a *morugem bastarda*, da 3.ª acepção glabra é completamente). E, se não há qualquer relação de identidade ou de semelhança entre a verdadeira *morugem* do povo ou dos botânicos e a *alsine* de Plínio, Dioscórides, etc., muito menos a haverá com a *miosótide* (*miosota*) ou *orelha-de-rato*, que é planta notoriamente pilosa e áspera...

Alem disso, a *morugem* dos camponeses (portulacácea — *Montia rivularis* Gmel...) e a *morugem* dos botânicos (cariofilácea — *Stellaria media* [Lin.] Cyr.) dão florinhas brancas (todas de pétalas inteiramente brancas) e a *miosótide*, a verdadeira *orelha-de-rato* (boraginácea — *Myosotis Welwitschii* Bois. et Reut., *M. intermedia* Link, etc.) produz flores azuis ou amareladas (pelo menos no centro), algumas por vezes esbranquiçadas, mas nunca típica e inteiramente brancas...

A confusão, que, como dissemos, já vem de longe, parece ser principalmente obra de eruditos e, portanto, extrínseca, artificial. Começou na imprecisão dos autores greco-latinos, tomou corpo nos tradutores e comentadores medievais, fixou-se na nomenclatura dos botânicos e tem-se conservado até aos nossos dias especialmente nos léxicos (2). Sem nos alongarmos demasiado neste sentido, dire-

precede e segue ainda o da floração e nas plantas carnosas é um pouco mais demorado, podemos dizer que estas plantas vão de Janeiro a Novembro, o que está em completo desacordo com a *alsine* de Plínio.

(1) O nome *orelha-de-rato* é dado a algumas plantas, não só pela forma, mas também pela pilosidade das folhas. Estão nesse caso as plantas boragináceas do género *miosótide*, as cariofiláceas (ou alsináceas) do género *cerástio*, a *pilosela* (planta composta ou asterácea), etc. É curioso que hoje já se identifica a *alsine* dos autores greco-latinos com uma planta do género *cerástio*.

(2) É de lamentar que alguns dicionários latinos modernos definam as palavras botânicas do lat. clássico segundo o emprego na actual nomenclatura em vez de se cingirem, tanto quanto possível, ao sentido dado pelos próprios autores latinos. O caso de *alsine* pode considerar-se típico a tal respeito. Por exemplo, vários dicionários latino-franceses, apesar de citarem Plínio, traduzem a palavra por «*margeline*» (aliás *moryeline*) ou *mouron* (por esta planta ter sido classificada, durante muito tempo, como *Alsine media* Lin.) quando, segundo esse autor,

mos que Bento Pereira (em *Prosodia* e em *Tesouro da Língua*) se faz eco desta confusão ⁽¹⁾ e que R. Bluteau (em *Vocabulário Português e Latino* — Suplemento, s. v. *orelha*, *orelha de rato*), apontando-a baseado principalmente em J. P. Tournefort, não chegou a esclarecê-la devidamente. No corpo do *Vocabulário* já tinha definido «**murugem**» como — «erva cujas folhas se parecem com orelhas de ratos. A flor é amarela, o sabor, quando se mastiga, é de pepino. Nasce em lugares sombrios. Seu sumo alivia as dores dos ouvidos. Há de duas castas, uma mais alta que outra. *Alsine*, es. *Fem.* Pl n. *Auricula muris*» ⁽²⁾ —, o que não tem verdadeiro fundamento. Basta notar-se que as verdadeiras *morugens* produzem florinhas brancas e a erva, de que acima se fala, é dada com flor amarela...

Em conclusão, a palavra **morugem** tem ou pode ter legitimamente várias acepções em português (1.^a, planta portulacácea das fontes e dos regatos; 2.^a, planta cariofilácea ou alsinácea tenra, de folhas glabras e florinhas brancas; 3.^a, planta primulácea glabra, de flores azuis ou vermelhas, mais conhecida por *morrião*; e 4.^a, por extensão muito repuxada, outras plantas especialmente conhecidas por *morriões* — *morrião-de-cotovia*, *morrião-de-água*, etc.), mas nunca a que geralmente lhe dão os dicionários, designadamente o *Novo Dicionário*, de Cândido de Figueiredo. Por isso lhe corresponde o fr. *mouron*, o ingl. *chickweed*, o cat. *morrons* ou *murrons*, o prov. mod. *mouroun*, etc., mas não propriamente o grego-latim *alsine* e muito menos *myosotis*, *zdis* ou *myosota*...

É ocasião de dizermos que a palavra *morugem*, especialmente nas formas vulgares *merugem*, *meruge* e *meruja*, apresenta ainda outros significados (digamos, uma 5.^a acepção), derivados certamente das qualidades ou circunstâncias das plantas da primeira

deveriam dizer — «plante des bois, sorte d'oreille de souris (myosoten)». Alguns dicionários gregos, porém, mais rigorosamente, já consideram *zdis* uma planta do género *cerástio*, conforme notámos acima.

Na verdade, segundo Gonçalo Sampaio, as plantas do género *cerástio* florescem de Fevereiro a Junho, vegetando, portanto, de Janeiro a Julho, o que concorda com o texto de Plínio.

(1) Em *Prosodia*, considera *alsine* «erva chamada orelha de rato ou *murgens*», e, em *Tesouro da Língua*, «*murugens*, erva», corresponde ao lat. *alsine*, es. V. também *myosota* ou *myosotis* nos dic. latino-port.

(2) A definição parece basear-se em abusos de tradução e em excessos dos comentadores medievos.

acepção, a tal genuinamente vernácula que ainda não estava registada em nenhum trabalho. São eles principalmente: *chuva miúda* ou *chuveisco* (relacionado talvez com as gotinhas de orvalho cristalino que essas merugens geralmente apresentam de manhã); e *rega permanente* (esta sem dúvida por intermédio do verbo *merujar*, limar, e relacionado com a circunstância de a água correr habitualmente por entre os pés das plantazinhas).

Quanto aos verdadeiros significados de *alsine* e de *myosotis*, a primeira, planta dos bosques, também chamada *myosoton*, pode identificar-se com uma cariofilácea pilosa do género *cerástio*, uma espécie de *orelha-de-rato* (sem ser a verdadeira *orelha-de-rato*), talvez o *morrião-de-cotoria* e, teóricamente, por uma extensão muito repuxada, uma espécie de *morugem-bastarda* (*morugem-d -cotoria*), e a segunda (*myosotis* ou *myosota*) será a verdadeira *orelha-de-rato*, o bem conhecido *forget-me-not* ou *não-me-esqueças*, planta boraginácea pilosa, de florinhas azuis ou amarelas, etc. Verdadeiramente nada têm com a nossa *morugem* ou *merugem*, muito principalmente com a *merugem* vernácula, quer em sentido próprio, quer em sentido translato ou derivado.

As considerações que acabámos de fazer, se, por um lado, interessam directamente à semântica e à lexicografia, por outro, serão condição necessária do estudo etimológico de *morugem* ou *merugem* (e até da rigorosa ortografia da primeira forma).

2 — Etimologia de «morugem»

Dada a insistência com que os nossos dicionários relacionam *morugem* ou, mais frequentemente, *murugem* com *orelha de rato* ⁽¹⁾, parecia fácil e intuitivo filiar a palavra no latim *mus*, *mūris*, rato. Foi o que fez Cândido de Figueiredo (em *Novo Dicionário* e em *Pequeno Dicionário*), seguido por Antenor Nascentes (*Dic. Etim.*) e por outros lexicógrafos portugueses modernos. A escrita *murugem* (com *u* na primeira sílaba) facilitava, de certo modo, essa filiação. No entanto, o étimo apresentado e seguido, oferece, cremos, sérias dificuldades.

Antes de mais nada, o significado de *orelha-de-rato* (ou de «planta borragínea»), que geralmente se lhe tem atribuído, conforme

(1) Veja-se, por exemplo, R. Bluteau, Domingos Vieira e Adolfo Coelho.

acabámos de mostrar, é intrinsecamente falso. A palavra, verdadeiramente, nem no emprego vulgar (próprio, vernáculo, bem português) nem no uso dos botânicos, apresenta tal significado (1). A própria natureza das plantas designadas, principalmente por se tratar de ervas glabras (inteiramente ou, pelo menos, nas folhas), o repele completamente (vejam-se as acepções 1.ª, 2.ª e 3.ª). Acresce ainda o facto de os sentidos derivados (5.ª acepção) estarem, cremos, em relação com o primeiro significado (o significado próprio, vernáculo), precisamente o que menos poderia ter com as impertinentes orelhas de rato.

Esta implícita razão semântica é, portanto, inteiramente falha de fundamento.

Por outro lado, o referido étimo pressupunha um protótipo latino **mūrūgēne-* (**mūrūgo*, *īnis*), que nunca foi encontrado em parte nenhuma, nem nos clássicos, nem nos autores tardios ou medievais (além de que se podia referir a outras plantas, que não a estas, evidentemente).

A formação românica também não parece muito provável, dado mesmo que houvesse razões semânticas para a invocar. Como se sabe, o lat. *mus*, *muris* cedo foi substituído, em todas as línguas românicas, por outras palavras diferentes (*rato*, *ratón*, *rat* ou *souris*, *rata*, *topo*, *soarece*...). O port. antigo *mur* (sing. de *mures*) deve ter sido também de emprego raro ou pouco duradouro e, por isso, sem condições para dar um derivado interno, vernáculo, desta feição — *mur-ugem* (2). Isto além de não haver motivos semânticos para dar às respectivas plantas (e devemos ter presentes principalmente as da 1.ª acepção, as *morugens* dos camponeses) um nome com tal formação (como quem lhes chamasse **ratugens*).

Cremos haver ainda outra razão — esta de filologia comparativa — para não se aceitar o étimo indicado. É a fornecida pelo francês *mouron*. Como temos dito, esta palavra deve estar em perfeita

(1) Note-se que os significados da 4.ª acepção supra os referimos a *morugem* (a *morugem-bastarda*) mais por extensão teórica (por intermédio de *morrião*) do que por emprego efectivo. Além disso, por exemplo o *morrião-de-cotovia* (*mouron d'alouette*, *mouse-ear chickweed*), embora planta próxima da *morugem* dos botânicos, nada apresenta aos olhos dos camponeses (ao contrário da verdadeira *morugem*) que a possa tornar alvo duma designação própria, original...

(2) O composto *morrego*, por exemplo, está em condições diferentes (até por ser um composto) e apresenta outros fundamentos semânticos.

correspondência — tanto semântica como lexical — com o port. *morugem*. Sendo assim, o *ou* francês da sílaba *mou-* também não podia provir do *u* longo da palavra latina *mūre*.

Tudo indica, portanto, que o étimo apresentado por Cândido de Figueiredo e registado por Antenor Nascentes, etc. carece de verdadeiros fundamentos.

Há, todavia, em latim uma palavra que pode muito bem corresponder à verdadeira origem. Queremo-nos referir a *mollugo*, *inis* (< *mollis*, mole, tenro, brando, macio). Os dicionários latinos, citando Plínio, já a definem como «espécie de morrião», equivalente ao francês «sorte de mouron» (1), e que mais portuguêsmente se pode traduzir por *morugem* ou *espécie de morugem*. O texto de Plínio talvez não seja suficientemente explícito (2), mas até o significado original da palavra (o seu significado próprio, literal, etimológico) se casa admiravelmente com a natureza das plantazinhas, sejam as portulacáceas aquáticas da linguagem dos camponeses, sejam mesmo as cariofiláceas (alsináceas) indicadas pelos nossos botânicos. Quaisquer delas são pequenas plantas herbáceas de consistência tipicamente tenra, as primeiras até comestíveis em salada, como sabemos.

Semânticamente, portanto, mesmo sem entrarmos em linha de conta com o emprego de Plínio, a palavra corresponde perfeitamente à «coisa» (ou às «coisas», em sentido próprio).

Pelo lado histórico-fonético, a justificação de *morugem* ou *merugem*, baseada em *nollūgine-*, também não parece impossível. A passagem do *l* (ou dos *li*) a *r*, único ponto que merece atenção

(1) V. Bento Pereira (*Prosodia*), P. J. da Fonseca (*Dic. Lat.-Port.*), Santos Saraiva, F. Gaffiot, L. Quicherat et A. Daveluy, E. Benoist & Goelzer, E. Forcellini, Calepinus, etc.

(2) Em breve referência, Plínio parece considerar *mollugo* variedade duma *lappago* «*sinuatis anagallidis*» (semelhante a *morrião* ou a *morugem-bastarda*), em oposição a *asperugo*. Portanto, além de já relacionada com *morrião* ou *morugem*, a palavra implica bem a ideia original de *tenro*, de *macio*...

Na nomenclatura botânica moderna, que, como dissemos, nem sempre respeita o emprego antigo, greco-latino, a palavra *mollugo* designa um género de plantas herbáceas incluído por uns botânicos nas cariofiláceas (alsináceas) e por outros nas aizóáceas. Também se usa como designação específica de algumas plantas, por exemplo, da rubiácea medicinal *Galium Mollugo* Liu., que tem o nome vulgar de *solda-branca*, mas que também já se chama *molugem*.

especial, é fenómeno bastante frequente, tanto em português como noutras línguas. E esta mudança observa-se quer o *l* seja precedido ou seguido de consoante, quer seja intervocálico, etc. (*brando* < *blandus*, *branco* < *blank*, *obrigar* < *obligare*, *dobro* < *duplus*, *regra* < *regula*, *arraqço* < *algaço*, *armazém* < *almazém* < ár., *pirdo* < *pallidus*, *urze* < *ulice*, *armoles* < gr. *halimon*, *cômoro* ou *cômore* < *cumulus*, *manjerição* < gr. *basilikôn*, *merencório* < *melancholicus*, *maracotão* < ant. *elacotão*, *nêspera* < **nespila* ou **nespila* por *mēspilus*, *maracelo* < *melinēdun*, *corone* < *colonel*, *acéter* < ár. *aççetel*, *lugar* < *locālis*, etc.) (1).

A palavra portuguesa *caruja* / *caruje*, de significado, em parte, semelhante ('orvalho', 'névoa espessa' em grande velocidade) — cp. 5.ª acepção de *morugem* ou *merugem* —, talvez esteja em idênticas condições evolutivas, pois deve provir de **calūgine*- ou **callūgine*- por *calūgine*- ou *callūgine*- (2).

A evolução fonética de *morugem* / *merugem* pode ter-se dado já dentro do português — o lat. *nollūgine*- passaria a **molūgene* e depois a *morugem*, *merugem*, etc. —, mas também pode ter começado já no próprio latim, especialmente num latim dialectal do Norte da Itália, onde a tendência à rotacização do *l* (ou dos *ll*) é maior (3) e onde devem abundar as plantazinhas da primeira acepção (4). Neste caso, a forma normal, clássica, *nollūgo*, *luis* teria passado a **mollūgine*- e seguidamente a **morūgine*- na linguagem vulgar destas regiões, de onde os soldados e os colonos locais a teriam trazido para esta parte da Península Ibérica (como também

(1) A palavra *cigarra* vem também, certamente, do lat. vulgar regional *cicāla* (pelo clássico, normal, *cicāda*) — v. *REW*, 1897 —, com rotacização do *-l-* reforçada. O reforço do *r*, além de encontrar exemplos noutras palavras (*parróquia* por *paróquia*, *carrocha*, por *carocha*, *pirrula* por *pirula*, *carriço*, *relógio*, *rouxinol*, etc.), pode ter um fundamento onomatopéico, devido à *cigarrega* do insecto, como dizem Cornu e Sá Nogueira.

(2) Este último exemplo foi-nos indicado pelo Prof. Harri Meier.

(3) Cfr. *It. Dial.* (G. Bertoni), *Atlas Ling. It.-Suíço*, *Atlas Ling. Fr.*, *R. E. W.*, etc. e evolução de *calāmus*, *chelidonia*, *caligo* ou *calligo*, *collocare*, *gallina*, *medulla*, *molinus*, *mustela* ou *mustella*, *scala*, *solus*, *tela*, *ululare*, *vellus*, *villanus*, *umbilicus*, *Palitia*, etc.

(4) A verdadeira *morugem* dos nossos camponeses, planta das fontes e regatos dos montes graníticos, é rara na região do Mediterrâneo, e, portanto, no Centro e Sul da Itália.

a teriam levado para as Gálias). De qualquer modo (seja directamente de *mollūgine*-, seja por intermédio duma forma vulgar dialectal, **morūgine*-), esta origem parece-nos muito provável. O significado íntimo da palavra original, o seu possível emprego antigo, a evolução fonética (4) e até a analogia com o fr. *mouron* (de que vamos tratar a seguir) favorecem-na inteiramente.

Neste caso a grafia normal erudita (dentro dos actuais princípios ortográficos) deverá ser *morugem* (como escrevem os botânicos e nós temos adoptado) e não *murugem* (como preferem os lexicógrafos) (2).

3 — Etimologia de «mouron»

A origem da palavra francesa *mouron* cremos que ainda não foi satisfatoriamente estabelecida (c. E. Littré, Hatzfeld-Damesteter, O. Bloch et W. Wartburg, Larousse, A. Dauzat, etc.). E. Gamillscheg (s. v. *menuchon*) pretende apresentar um hipotético **mürrione*, que, no entanto, de simples hipótese também não deve passar.

No estudo que acabámos de fazer sobre o português *morugem* várias vezes tivemos ocasião de dizer e de mostrar que entre as duas palavras havia estreita correspondência e que esta, sendo indiscutível no campo semasiológico, parece estender-se também aos domínios lexicais ou etimológicos. Quer dizer, a origem de uma deve ser também a origem da outra.

As acepções de *mouron* são sensivelmente as mesmas de *morugem* e deverão suceder-se pela mesma ordem.

A primeira acepção, que deve ser realmente a primordial, conforme já notámos (3), embora se encontre em algumas botânicas

(1) *Morugem* (< *möllūgine*- ou **morūgine*-), quanto à forma geral, está no caso de *ferrugem* (< *ferrūgine*), *salsugem* (< *salsūgine*), *fuligem* (< *fulīgine*), *soagem* (< *solāgine*), *tanchugem* (< *plantagine*), etc.

(2) É evidente que as formas *maruge* ou *marugem*, *meruge* ou *merugem* e *meruja* são tipicamente vulgares, e *morugem* será forma culta ou semiculta. Quanto a *murugem*, tanto pode representar uma escrita mais fonética da forma anterior, sabendo-se que o o protónico português se pronuncia geralmente *ü* desde antigos tempos, como a labialização vulgar da primeira vogal. Em mãos de eruditos, pode ainda resultar da falsa aproximação com *mûre*-, *rato*.

(3) Esta portalacácea (*Montia ricularis* Gmel., etc.) abunda em França e, como se disse, forma matozinhos de verdura muito característicos nas fontes e regatos dos montes ou terrenos graníticos.

sistemáticas desenvolvidas, falta ainda também nos dicionários franceses. Para o facto chamamos a atenção dos actuais lexicógrafos.

O étimo da palavra deve estar, portanto, directa ou indirectamente, no lat. *möllūgo*, *inis* (planta tenra, 'sorte de mouron'). Na verdade, tanto a forma moderna oficial, *mouron*, registada pelos léxicos em geral, como as formas antigas *moruns*, *mouron*, *muron* e *mourron*, registadas por F. Godefroy (*Dict. Anc.*, tomo X, Supl.) se podem relacionar com essa origem. Chamamos especialmente a atenção para a forma mais antiga conhecida, *moruns* (séc. XII), que deve representar um plural (¹).

Também aqui a passagem de *-l-* ou *-ll-* a *r* se pode ter efectuado dentro do próprio francês, onde não faltam exemplos do fenómeno (cp. *morue* e ant. ou dial. *molue*, *farot* e *falot*, *mérancolie* ao lado de *mélancolie*, *modère* e *modèle*, ant. *garíngal* e *galíngal*, *coronel* e *colonel*, ant. *merfeuil* por *millefeuille*, ant. *reauce*, *riaue* ou *velre* < *vellus*, *gouvaincourt* < *Gaulini* cortem, *rossignol* e dial ou ant. *lossignol* < **lusciniolu* por *lusciniola*, *hurler* < *ululare*, *pourpier* *pulli pede*, *virgouleuse* < *villegouleix*, etc.) (²), ou ter-se iniciado já no latim do Norte (do Noroeste) da Itália (num étimo comum ao francês e ao português).

Podemos resumir as principais fases evolutivas no seguinte esquema:

möllūgine > **noriūgine* > **moruin* > *morun* (sing. de *moruns*, séc. XII) > **mourun* > **mouron**...

Justificada a evolução do *l* ou *-ll-*, a passagem do *ö* protónico a *ou* é perfeitamente normal, como se sabe (cp. *noulín*, *mourir*, *fourni*, *nouveau*, *pourceau*, etc.); e quanto à queda do *g* intervocalico, à persistência do *n* final do tema ou à mudança do género gramatical (fem. > masc.) a palavra está precisamente no caso de *plantain* (< *plantāgo*, *inis*, ou *plantāgine*), de *fusain* (< **fusagine*), de *provin* (< *provin* < lat. *prōpāgine*), de *avertin* (filhada em

(¹) Talvez por as plantazinhas formarem densas sociedades vegetais (1.ª e 2.ª acepções), há certa tendência para se usar o plural (cp. cat., formas vulgares portuguesas, etc.).

(²) Isto sem falar em casos de *l* precedido ou seguido de consoante (*cristère* por *clystère*, *apôtre*, *chapître*, *orne*, *Arger* por *Alger*, *turband*, etc.).

vertigine-) e do ant. *chalin* ou *calin* (< *caligine*). Não se conhecem outras palavras vulgares francesas provenientes de formas latinas em *-ūgine-*, mas as particularidades de evolução da parte final, principalmente a passagem de **orun* (ou **mourun*) a *mouron*, devem ser essencialmente analógicas, dada a natureza vulgar, profundamente evolvida, da palavra e a grande quantidade de formas francesas em *-on* (*cresson*, *gazon*, *laceron*, *laiteron*, *champion*, *bouton*, *croqueton*, *fleuron*, *frelon*, *vignon*, *papillon*, *pleyon*, *rejeton*, *mon*, *ton*, *vigneron*, etc., etc.).

Note-se que as palavras que no séc. XII terminavam em *-un* (como *moruns*, sing. *morun*) passaram geralmente para *-on* ou *-in* ⁽¹⁾:

betun (< *bitūmen*) > *béton*; *tendrun* (< **tenerūmen*) > *tendron*; *Yverdun* (< *Eborodūnum*) > *Yverdon*; *Lugdūnum* > *Lyon* ⁽²⁾; *netun* (< *Neptūnus*) > *nuiton*, *luiton* e *lutin*; *aubun* (< *albūmen*) > *aubin*; etc.

Portanto, ant. *morun(s)* (< *mollūgine-*, **morūgine-*) > **mourun* > *mouron*.

A forma normal, oficial, *mouron* é bastante usada, salvo em certas áreas, onde talvez falte ou rareie a planta (v. A. L. F., carta 884) ⁽³⁾, mas encontram-se algumas variações locais ou formas derivadas, etc. Em quase todas elas, porém, a sílaba inicial corresponde a *mou-* ou *mò-* (*mouron*, *mòron*, *mourion*, etc.), compatível com o étimo *mollūgine-*, e não a um *mu-* que pudesse justificar qualquer relação com *mūre* (rato) ou mesmo com *mūrus* (muro, parede), aliás

⁽¹⁾ Kr. Nyrop (*Gram. Hist.*), A. Damesteter, O. Bloch, E. Gamillscheg, F. Godefroy, Tobler-Lommatzsch (*Altfr. Wört.*), etc.

Exceptuam-se as que têm fem. em *-une* ou derivados directos (*chacun*, *commun*, *important*, *un*, etc.) e poucas mais (*alun*, *embrun*, *jeun*, *Verdun* [cp. *Lyon*, *Laon*, *Noyon*...], etc.).

⁽²⁾ Cp. ainda *Neyon* (< *Noviodūnum*), talvez *fouchon* (pelo menos em parte, dum ant. *fouchunen*), fr. ant. *amertonde* (< **amaritūdine-*), etc.

⁽³⁾ O maior emprego da palavra parece corresponder principalmente à área de distribuição do verdadeiro *mouron*, da planta portulacácea (1.ª acepção), isto é, aos terrenos siliciosos e graníticos mais ou menos elevados.

Quer dizer, o *mouron* do A L F (884) deve ser mais a *Montia rivularis* do que a *Stellaria media*, dos botânicos, o que está de acordo com as nossas anotações anteriores.

nunca invocados para o francês. Entre as variações locais, em Yonne, no ponto 107 do *Atlas Ling. da França*, ao lado de *mouron*, aparece a forma *môlô*, equivalente a *mollon*, com a indicação de anti-quada (r = *vieilli*[e]), que talvez seja um representante directo da forma latina normal, *möllūgine*.

Como se vê, o francês *mouron* corresponde tão bem, semântica e foneticamente, ao étimo proposto como o português *morugem*, *merugem*... Esta perfeita concordância das duas palavras românicas, por seu turno, dá à origem *möllūgo*, **acōrūgine*- foros de maior probabilidade.

Como dissemos, a primeira acepção de *morugem* ou de *mouron* falta nos dicionários. Além disso, os dicionários franceses dão predominância ao significado de planta primulácea, espécie de *anagálide* (3.^a acepção). Ora, esta planta parece não ser comestível e o *mouron* primordial, segundo os textos mais antigos, era usado, pelo menos, na alimentação dos passarinhos (daí a designação de *mouron des oiseaux*...). Por sua vez este *mouron*, o *mouron* dos camponeses, deve corresponder à planta da primeira acepção (planta portulacácea das fontes e regatos dos terrenos graníticos — *Montia rivularis* Gmel., etc.), o que confirma a ordem indicada para o português *morugem*, *merugem*.

4 — Família de 'morugem'

De tudo que acabámos de dizer se conclui que a principal *moruge* ou *merugem* é uma planta portulacácea comestível, das fontes e dos regatos, que nada tem com a «planta borragínea», de Cândido de Figueiredo e doutros lexicógrafos, nem mesmo com a *alsine* de Plínio. A *morugem* dos botânicos também não é a verdadeira ou principal *morugem* (ou *merugem*) vulgar, como se tem julgado, embora semânticamente se possa considerar logo a seguir (2.^a acepção). As outras *morugens* (*morugens-bastardas*) se-lo-ão por analogia ou extensão, conforme ficou indicado.

Quanto ao étimo, tudo se conjuga para dar ao lat. *möllūgo* (< *möllis*, mole, tenro) um máximo de probabilidades que se aproxima muito da certeza. O emprego antigo, latino, da palavra era já igual ou semelhante; o seu significado íntimo, literal, satisfaz perfeitíssimamente ao sentido próprio de *morugem*; e a evolução fonética está inteiramente dentro das possibilidades, servindo igualmente para o correspondente francês, *mouron*. O *mūre*- (rato) de

Cândido de Figueiredo, além de foneticamente insuficiente e historicamente improvável, baseava-se, como vimos, num significado completamente falso de *morugem* ou «*murugem*».

Portanto, lat. *nöllūgine* > **norūgine* > port. *morugem* > *merugem*, *neruja*, etc.

Morugem será, pois, a forma normal literária e a mais próxima da origem. Desta, por evolução ou por derivação vernácula, se formaram diversas outras palavras, originando-se uma família lexical, geralmente mal delimitada e de termos mal definidos ou mal correlacionados, que vamos citar em resumo.

Morugem, a forma normal literária, tirada de *möllūgine*, *norūgine*, compreende todas as acepções botânicas: 1) Planta portulacácea das fontes e regatos dos montes graníticos, que serve para salada e para alimento dos animais (*Montia rivularis* Gmel., etc.); 2) erva cariofilácea (ou alsinácea) tenra, frequente (*Stellaria media* [Lin.] Cyr.); 3) planta primulácea, espécie de anagálide, mais conhecida por *morrião*; 4) nome doutras plantas mais ou menos semelhantes ⁽¹⁾.

Murugem pode representar uma escrita mais fonética da anterior (visto que *mo* = *mu*), com labialização mesmo gráfica da primeira vogal, ou ser forma falsamente influenciada pelo lat. *mure*.

Podem-se-lhe atribuir todas as acepções da forma anterior.

⁽¹⁾ Com maior desenvolvimento e para fins lexicográficos podemos apresentar as seguintes expressões principais:

morugem-aquática — o mesmo que *morugem-vulgar*; o mesmo que *morrião-aquático*;

morugem-azul — *morugem-bastarda*, o mesmo que *morrião-azul*;

morugem-bastarda — qualquer espécie de *morrião* (3.ª e 4.ª acepções);

morugem-branca — planta alsinácea, o mesmo *morugem-vulgar* dos botânicos (2.ª acepção do texto);

morugem-das-fontes — planta portulacácea; o mesmo que *morugem-aquática* ou *morugem-vulgar*;

morugem-escarlate — *morugem-vermelha* ou *morrião-vermelho*;

morugem-vermelha — *morugem-bastarda*, o mesmo que *morrião-vermelho*;

morugem-vulgar — planta portulacácea (1.ª acepção); planta cariofilácea (alsinácea) — 2.ª acepção do texto.

Merugem é forma vulgar dissimilada ($o - \hat{a} > e - \hat{u}$), vernácula, normal, com as variantes populares *meruge* e *meruja* (v. *R. Lusit.*) ⁽¹⁾, geralmente usadas no plural. Significa: planta portulacácea das fontes e dos regatos que serve para salada, etc.; planta cariofilácea, etc., o mesmo que *morugem*; chuva miudinha ou chuvisco ⁽⁴⁾.

Maruge ou **marugem** representa nova fase evolutiva de *merugem* ou *meruge*, em que o *e* ($< o$) da sílaba inicial passou a *a*, talvez por influência do *r*. Mesmo para fins de emprego, deve considerar-se forma antiga e popular de *morugem* ou *merugem*.

Marrugem, se tem ou teve emprego, representa uma variante da forma anterior, com *r* reforçado (cf. *parróquia* ou *párroco*, *carrocha* por *caroça*, *pirrula* por *pirula* ou *pilula*, etc.). Referida por José Monteiro de Carvalho ⁽²⁾, de maneira imprecisa, a uma planta com folhas semelhantes às da salsa, mas que não dá flores, talvez designasse a própria *morugem* vulgar ou *merugem* verdadeira, visto que esta, como produz flores pequeninas, que mal se notam, é geralmente tida na conta de não dar flores.

Dos substantivos acima formam-se outras palavras derivadas (ou parassintéticas).

De *morugem*, como de *murugem*, formam-se os verbos **morujar** e **amorujar**, assim como **murujar** e **amurujar**, que significam o mesmo que *merujar* ou *amerujar* (ver a seguir).

Merujar e **amerujar** formam-se directamente de *merujem* e podem reunir os significados seguintes: verdejar como as merugens ou por estar coberto de merugens; cobrir de orvalho ou estar coberto de orvalho (como acontece com as morugens ao amanhecer), isto é, rociar ou orvalhar; chuviscar; limar ou regar deixando correr a água livremente; ter ou tomar o sabor das merugens. Como dissemos, estas acepções derivadas devem estar em relação

(1) Há ainda os homónimos da mesma família *meruge* (ou *meruje*), *merugem* (ou *merujem*) e *meruja*, além de *merujo*, derivados do verbo *merujar* (por seu turno baseado na *merugem* supra) e que significam: acção de merujar; rega permanente; chuvisco (?).

(2) *Dic. das Plantas*, etc. (Lisboa, 1765).

com qualidades e circunstâncias da *morugem* ou *merugem* do primeiro significado (planta portulacácea das fontes e dos regatos...).

A última acepção do verbo (especialmente na forma *amerujar*) é do nosso conhecimento directo e as outras documentam-se, por exemplo, na *Rev. Lusit.* (lug. cit.), em Aquilino Ribeiro (*Volfrâmio*, etc.) e em Samuel Maia (*Sexo Forte*).

De *merugem* (*meruge* ou *meruja*), com o sufixo *inha*, formou-se ainda **Merujinha**, que se usa algumas vezes com significado de *merugem* (1.^a acepção), certamente por as plantas serem pequeninas, bem como de *chuva miudinha*, *chuvisco* (cp. 5.^a acepção).

Finalmente de *marugem* ou *maruge* (ou por evolução de *merujar*...) formou-se **marujar** e **amarujar**, que se devem considerar formas populares por *merujar* e *amerujar*, com idêntico significado. *Amarujar*, porém, aparece nos dicionários explicitamente relacionada com *amaro*, *amargo*, e com a definição: «Ser ligeiramente amargo; tornar-se amargo». Cremos tratar-se de relações apenas lexicográficas ou literárias baseadas em simples aproximações de forma e de significado. A *morugem* ou *merugem* deve ter sabor especial, talvez um tanto amargo, e daí «sabor de *merugem*» > *sabor a merugem* > *sabor (ligeiramente) amargo*. Pelo menos na Beira (Gouveia) ouve-se dizer muitas vezes o «caldo (de couves) *amerujou*», parecendo que querem significar: o caldo tomou o aspecto e sabor de *merugem*.

A palavra não deve provir, pois, de *amarugem* (*amaro*), como indica Cândido de Figueiredo, ou dum hipotético **amarejar* (< *amaro* + *ejar*), como pretende Adolfo Coelho, seguido por Antenor Nascentes, etc., mas de *merugem* ou *marugem*, planta. Bastava até notar-se que *amaro* é palavra *poét.*, tipicamente erudita, e que *amarujar* se considera palavra de emprego popular, bem como os seus derivados directos (**amaruje** ou **amarujem**, **amarujo** e **amarujento**) — cf. Morais Silva e Domingos Vieira, etc. — para se chegar a esta conclusão.

Principalmente do verbo *merujar* também se derivam formas nominais, como *meruge* ou *merugem* (*meruje* ou *merujem*), *meruja* e *merujo*, com o significado de: acção de *merujar*; rega permanente...

A palavra portuguesa **morrião**, na acepção botânica, deve pertencer também à família de *morugem*, por intermédio do fr. *mouron*.

Na verdade, a sua origem deve estar em *mourion* ou *morion*..., formas populares de *mouron* bastante espalhadas nas regiões centro-meridionais da França.

Ao contrário do que indicam os nossos dicionários, nada pode ter, além da homonímia, com o *morrião*, «antigo capacete sem viseira», considerado de origem espanhola. São termos completamente distintos.

O *morrião*, planta primulácea, etc., provirá, pois, do fr. *mourion* ou *morion*, formas populares de *mouron*, acima filiado no latim *möllūgine*-, que será também a origem da nossa *morugem* (1)...

O prov. mod. *mouroun*, *mourroun*, *mouriou*, *mouriou*, etc. considera-se também de origem francesa, o mesmo se podendo dizer do cat. *morrons* ou *murrons* (pl.).

Möllūgo, *inis* (< *möllis*, tenro, mole, macio) será, portanto, mais uma palavra latina que deixou representantes nas línguas românicas: *möllūgine*-, **morūgine*- > port. *morugem*, *merugem*, *marugem*; fr. ant. (séc. XII) *morun(s)*, fr. *mouron*, fr. pop. *mourion*, *moron*, etc. (> prov. mod. *mouroun*, *mourroun*, etc., cat. *morrons* ou *murrons*, port. *morrião*). Das formas portuguesas derivam-se *meruginha*, *morujar*, *merujar* (> *meruge* ou *merugem*, *meruja* e *merujo*), etc., além de *amorujar* ou *amurujar*, *amerujar* e *amarujar* (> *amarjem*, *amaruja* e *amarujo*).

JOSÉ INÉS LOURO

(1) Quanto a grafias, é curioso verificar que os lexicógrafos preferem *murugem* (com *u* na primeira sílaba) e *morrião* (com *o*), ao contrário dos botânicos, que escrevem sempre *morugem* (com *o*) e geralmente *murrião* (com *u*). Cândido de Figueiredo (em *Novo Dic.* e em *Peq. Dic.*) na altura própria só regista *morrião* (etimologicamente confundido com *morrião*, capacete, como sempre), mas na definição de *anagálide* emprega a forma *murrião*.

Revisado

Meu pai — o meu pai

O artigo antes de adj. possessivo + nome de parentesco na linguagem falada

As línguas românicas modernas que em geral apresentam o sintagma possessivo + substantivo com o artigo (romeno, italiano, catalão, português), ao contrário de outras que o dispensam (francês, castelhano) ⁽¹⁾, costumam vacilar ou não empregar o artigo — além de outros casos — quando se trata de designações de parentesco ⁽²⁾. A causa deste fenómeno parece óbvia: «A diferença entre it. *mio fratello* e *la mia casa* pode explicar-se por influência do vocativo, visto que se diz também *Sua Eccellenza!*, *Vostra Maestà!*, etc.; o plural *i miei fratelli* conserva a forma não vocativa porque o vocativo é muito mais raro no plural do que no singular» ⁽³⁾.

Já é mais problemática a explicação histórica: Meyer-Lübke, falando na «conservação da forma não vocativa» e comentando que nas formas *lo tuo padre*, *lo tuo figliuolo* do italiano antigo «a forma vocativa ainda não eliminou a não vocativa», Rodrigues Lapa interpretando *minha mãe*, etc. como «caso de analogia: transferiu-se para os outros dizeres a prática usada no vocativo», parecem considerar a forma sem artigo como a posterior, as formas com artigo (*o meu filho*, etc.) como historicamente anteriores. Neste caso, as etapas evolutivas seriam: lat. *pater meus*, *meus pater* > fase arcaica

⁽¹⁾ Sobre a vacilação entre as duas formas nos dialectos reto-românicos e no provençal, cf. Th. GARTNER, *Rötoromanische Grammatik*, 1883, 97-98, e 118; J. ROMJAT, *Grammaire historique des parlers provençaux modernes*, tome III, 1937, 75-85.

⁽²⁾ W. MEYER-LÜBKE, *Grammatik der romanischen Sprachen* 3, 1899, 198-202, §§ 166-169. Cp. E. GAMILLSCHEG, *Zum roman. Artikel und Possessivpronomen*, 1900; E. LERCH, *Z. r. P.* 60, 1940, 167-168; 178.

⁽³⁾ Meyer-Lübke, 199; assim também M. RODRIGUES LAPA, *Estilística da Língua Portuguesa*, 1945, 168.

**ille meus pater*, **pater ille meus* > fase moderna *mio padre*, *n eu pai*. A questão, intimamente ligada à existência ou não existência de duas séries de possessivos, plena e reduzida (*mon fils*, *le mien*), fica por esclarecer. A evolução indicada condiz muito pouco com a estatística para o português de Said Ali, que verifica um crescente emprego dos adjectivos possessivos com o artigo definido desde Fernão Lopes (5%) e *Os Lusíadas* (30%) até Vieira (70%) e Herculano (90%) (4). A falta do artigo com nomes de parentesco não seria antes um traço conservador, e a semelhança entre as diferentes línguas onde ela discorda com o emprego geral do sintagma adj. poss. + substantivo, uma herança comum de longa pré-história (5)?

Para o português moderno, os autores estrangeiros muitas vezes exageram a frequência do não-emprego de artigo neste caso: «Bei Verwandtschaftsbezeichnungen und Eigennamen hat (im Portugiesischen) im ganzen wie im Italienischen die Anredeform den Siegdavongetragen» (Meyer-Lübke, 201); «The definite article is ordinarily omitted (especially in direct address and in familiar conversation) before an unmodified possessive adjective in the singular which modifies a noun of family relationship: *meu pai*, *minha mãe*, *Nosso-Pai*, *Nosso-Senhor*; *o seu filho Jorge*, (a) *Nossa Senhora das Dores*» (6).

Os gramáticos portugueses e brasileiros, mais conscientes da liberdade que a Língua admite, definem menos categoricamente:

(4) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 1931, 98; cf. Rodrigues Lapa, l. c.

(5) Para o romeno, diz S. PUSCARIU, *Études de Linguistique roumaine*, 1927, 462: «*mamă-mea* continue lat. *mamma mea*; une individualisation du substantif par le démonstratif *illa* était superflue, car le possessif *mea* le précisait bien suffisamment en le mettant en relief en face de n'importe quelle autre *mamma*. Ce n'est qu'avec le temps que la règle formelle — tout substantif suivi d'une détermination prend l'article défini — a modelé sur des exemples comme *mama copilului*, *mama vecinului*, la construction *mama mea*. À l'époque de nos premiers textes, *mama mea* est en concurrence avec *mamă-mea*, mais au lieu du *mama lui* d'aujourd'hui on employait souvent encore *mamă-i*».

Assim como se pode, na nossa construção, dispensar o artigo, também se pode dispensar o adjectivo possessivo, assumindo então o artigo uma marcada função possessiva; cf. *Bol. de Filologia* 8, 129, 138 ss. Para o tipo *o meu pai* era também possível, por isso, pensar na influência, além do vocativo, de *o pai* = 'o meu (teu, seu) pai', e da construção *o pai dele*. Cp. nota 11*, e *Bol. Fil.* 9, 55 ss.

(6) J. DUNN, *A Grammar of the Portuguese Language*, 1930, 115; cf. Ey-Krüger, *Portugiesische Konversationsgrammatik*, 1939, 194: «meist ohne Artikel».

«Dispensa-se o artigo nos nomes de parentes: *Falei a teu sobrinho ou ao teu sobrinho*» (Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Hist. Port.*, 1933, 100); «Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Ocorrem todavia casos em que se reforça o pronome para torná-lo enfático: *Tua irmã será salva* (Eurico), *Perdoai a meu velho pai* (Herculano, *Lendas*); *A tua filha nunca te acusará* (Eurico), *É o cemitério em que jazem os ossos dos nossos pais*. Mais liberdade há, todavia, quando os nomes de parentesco não são tomados no sentido próprio; v. g. *filho* significando 'indivíduo natural de um lugar', *irmão* aplicado a uma pessoa pertencente a uma determinada classe, comunidade, nação ou raça: *Considerava-o como o mais venerável entre os seus irmãos no sacerdócio* (Eurico), *Espanha pedia aos seus filhos que morressem sem recuar...*» (M. Said Ali, ob. cit., 100); «Nos nomes de parentesco, sobretudo no mais íntimo, há tendência para omitir o artigo: *Meu pai censurou-me; Minha mãe resignou-se*. Este emprego ainda constitui hoje um dos problemas intrincados da Estilística... Segundo Moraes, emitia-se o artigo... quando o substantivo significava uma individualidade única, que excluía outra de modo absoluto... A opinião de Moraes é fundada sobre o que já dissemos: o artigo anteposto ao pronome tende a particularizar o objecto, a diferenciá-lo dos outros. Quando dizemos *meu pai*, não precisamos de particularizar uma pessoa que vale por si só, que é única; mas já teremos de o fazer, quando aludimos a uma entre outras. Por isso: *o meu irmão José*. Queremos distinguir José de entre os outros irmãos» (M. Rodrigues Lapa, ob. cit., 168-169).

As páginas que seguem apenas tencionam dar umas indicações sobre o emprego dos dois tipos na linguagem corrente em Portugal e contribuir assim para o esclarecimento ou para a crítica das diferentes explicações que acabamos de ler. Servimo-nos, para tal fim, dalgumas peças teatrais do nosso século, que reflectem esta linguagem em variados ambientes sociais e regionais⁽⁷⁾.

No vocativo, é quase sem excepção a falta do artigo: *meu pai!*, *minha filha!*, *minha querida filha!* Em casos contrários como este:

Luz (comovidíssima e acarinhando-a) *A minha querida mãe!*...
(Lourdes, 43)

(7) ALFREDO CORTÊS, *O Lodo* (1923); *Lourdes* (1927); *Domus* (1931); JÚLIO DANTAS, *Paço de Veiros* (3.ª ed., 1922); M. TEIXEIRA GOMES, *Sabina Freire* (2.ª ed., 1936); RUY CORRÊA LEMTE, *Raça* (1944); MIGUEL TORGA, *Terra Firme* (1947); JOSÉ RÉGIO, *Benilde ou a Virgem-Mãe* (1947).

será melhor pensar em construção elíptica do que em autênticos vocativos articulados como outras línguas românicas os conhecem⁽⁸⁾. A forma vocativa ficará excluída, por isso, das observações que seguem.

Quanto ao nome modificado de parentesco (acompanhado de atributo; faltam exemplos com o antroponímico), há casos com e sem artigo:

«A minha santa mãe cinco anos antes de morrer perdera por completo o juízo» (Sabina Freire, 34); «Que ela me não poupe a mim ... mas ao seu único filho, privá-lo do necessário» (ib., 148); sintagma especial: «Só a santa da tua mãe parecia ter ilusões» (Domus, 121).

«Jesus premieia sempre os que não duvidam de sua Santa Mãe» (Lourdes, 46); «Sempre considereí o Zecas meu futuro gen.» (Raça 202); «Eu tenho a certeza que sua Ex.^{ma} nora tomará a seu cargo as honras da casa» (Sabina Freire, 18); «Se V. Ex.^a me permite irei cumprimentar sua Ex.^{ma} sogra» (ib., 114); «Sempre a considereí minha futura mulher» (Benilde, 147).

Para o emprego não modificado damos primeiro dois quadros estatísticos respectivamente para as formas no singular (*meu pai, a nossa mãe*) e no plural (*meus irmãos, os nossos pais*), dando sempre em primeiro lugar o número das formas sem artigo e em segundo o das formas com artigo:

Singular	Domus	Lourdes	Lodo	T. Firme	Raça	S. Freire	P. de Veiros
Pai, mãe	1 : 3	1 : 2	0 : 7	2 : 3	4 : 3	8 : 24	23 : 0
Filho, filha	0 : 3	0 : 12	1 : 2	1 : 2	8 : 6	2 : 5	18 : 11
Irmão, irmã	0 : 5		0 : 5				
Marido	0 : 17					4 : 4	1 : 0
Noiva, mulher	0 : 4				0 : 2	1 : 2	2 : 0
Primo						1 : 0	
Neto	2 : 2	0 : 14					
Sogra, nora, genro		0 : 1			1 : 1	2 : 8	
Afilhado, -a	0 : 1		1 : 4		2 : 1	0 : 2	
Padrinho, madrinha, compadre							
Família				1 : 0	0 : 1	0 : 2	
Total 87 : 169	3 : 35	1 : 29	2 : 18	4 : 5	15 : 24	18 : 47	44 : 11

(8) Cf. G. GUILLAUME, *Le problème de l'article*, 1919, 300, § 194; J. HAAS, *Französische Syntax*, 1916, 170-171, § 178; CHARLES E. KARY, *American-Spanish Syntax*, 1945, 22; PISCARIU, ob. cit.; MEYER-LÜBKE, ob. cit., § 176.

Plural	Domus	Lourdes	Lodo	T. Firme	Raça	S. Freire	P. de Veiros
Pais	0 : 8	1 : 2	0 : 2		0 : 2	0 : 1	
Filhos	1 : 12				1 : 1		
Irmãos						0 : 2	
Primos						1 : 0	
Netos					0 : 1		
Tios					1 : 1		
Total 1 : 32	1 : 20	1 : 2	0 : 2		1 : 5	1 : 3	

Eles permitem-nos algumas conclusões acerca das interpretações mencionadas :

1.º) É grande a diferença entre as sete peças que nos forneceram o material. A proporção entre os tipos *meu pai* e *o meu pai*, no singular, que em *Domus* é de 3:35, passa em *Paço de Veiros* para 14:11, o que equivale a uma percentagem de formas com artigo já de 92%, já de 20%. Há, portanto, grandes divergências de gosto pessoal dos autores, possivelmente também divergências regionais e sociais que dizem respeito à proveniência dos autores e ao ambiente em que a acção das suas obras se passa. Além disso, é importante o factor cronológico: *Paço de Veiros*, alguns decénios mais velho do que as outras peças (primeira representação: 1903), reflecte uma linguagem mais antiga e arcaizante, como confirma a comparação com duas peças do século passado. Em *Poesia e Dinheiro*, de Camilo (Teatro II, 1929), encontramos 36 formas sem artigo, tanto no singular (*pai* 1; *irmão*, *irmã*, *mano* 19; *marido*, *esposa*, *mulher* 14) como no plural (*pais* 1, *filhinhos* 1), sem excepção nenhuma ⁽⁹⁾, ao passo que em *Envelhecer*, de Marcelino Mesquita (6.ª ed., 1932), já se juntam às 42 formas sem artigo outras 7 que o levam.

2.º) Confirma-se a observação duma diferença entre o emprego no singular e no plural. Enquanto a proporção é de 87:169 para o singular, a do plural é de 4:32; ainda deixando de lado *Terra Firme* e *Paço de Veiros*, que não apresentam formas no plural, fica bastante maior a proporção de formas sem artigo no singular (22%) do que no plural (11%). Por outra parte, esta diferença não justi-

⁽⁹⁾ Por outro lado, *amigo*, *hóspede*, etc., sempre com artigo. Em *Justiça* encontramos *minha família* (mesmo vol., pág. 76) e *a minha família* (75, mas duma citação, fora do diálogo).

fica uma oposição tão marcada entre o singular e o plural como a postula a regra de Dunn.

3.º) A linguagem falada, enquanto se nos apresenta nas peças dos últimos decénios, mostra uma nítida preferência para as formas com o artigo definido, tanto no singular como no plural. Nela, a «vitória» não pertence às formas sem artigo (Meyer-Lübke), mas às formas articuladas. Não se pode falar numa tendência particular da conversa familiar para dispensar o artigo (Dunn).

4.º) A regra de Morais citada por Rodrigues Lapa necessita duma definição mais precisa. O facto de *pai*, *mãe*, *marido* ou *mulher* significar uma individualidade única não impede o emprego das formas com o artigo em numerosos exemplos. E encontramos estas mesmas formas exclusivamente para *filha* (*Lourd s*) e para *irmão*, *irmã* (*Domus*, *Lodo*), apesar de se referirem à única filha e ao único irmão.

5.º) O nosso material não chega para confirmar que a intimidade do parentesco favoreça o tipo *meu pai*. Mas é certo que a parte que este tipo tem referido a *pai*, *mãe*, *filho*, *filha* (total 69:93) é bastante maior que nos outros nomes de parentesco que aparecem na estatística dada (total 18:76). Quando várias designações de parentesco mais ou menos estreito se combinam na mesma frase, não costuma haver distinção quanto ao emprego do artigo :

«Pois a quem pode aproveitar a vinda do ministro senão a *meu filho* e portanto a *minha nora*!» (Sabina Freire, 18) ; «É que o *meu netinho* é órfão de pai e mãe. A *minha filha* morreu, logo que ele viu a luz do dia. O *meu genro*, pouco depois, de desastre numa *pebreira*» (Lourdes, 77).

A frase seguinte dever-se-ia a uma matização espontânea ou consciente, ou a um simples acaso ou até erro tipográfico ? :

«Já que o respeito que devo a *minha filha*, ao *meu genro*, aos *meus netos*, não me deixam seguir o impulso do meu coração, rouba-me a alegria ...» (Raga, 327-328).

6.º) Na linguagem falada portuguesa, as formas com artigo estão longe de se limitarem ou de servirem principalmente para o uso enfático ou o uso em sentido impróprio (figurado) dos nomes de parentesco (Said Ali). Os casos registados nos nossos quadros estatísticos representam-nos exclusivamente no seu sentido próprio. A atribuição dum carácter enfático às formas com artigo mal se

harmoniza com a preferência para as formas sem artigo relativas ao parentesco íntimo, nem com a quase exclusividade das formas articuladas em certos autores (A. Cortês).

Pode haver ênfase nas duas formas. No exemplo a seguir, quer-nos parecer que ela não é nada maior nas formas articuladas, antes pelo contrário:

«Foi ali que o teu pai caiu, pouco depois de saíres aquela porta... Nunca mais contámos com ele, que a doença não perdoava. Só a *santa da tua mãe* parecia ter ilusões... até que um dia fomos chamados todos, precipitadamente. *Teu pai* pediu-nos perdão, reconciliando-se com Deus... e traçou no ar uma grande Cruz silenciosa... Morreu nesse mesmo dia. E ninguém tornou a ver a *rossa mãe*, — a *minha pobre filha* —, senão a rezar, a chorar...» (Domus 121-122).

Ficam assim abertas muitas dúvidas e por precisar ou rever as regras estabelecidas sobre o emprego gramatical e a expressividade psicológica das duas formas. O «problema intrincado» merecia um estudo detalhado por um filólogo de língua-mãe portuguesa. Para um tal estudo futuro, talvez possam ser úteis algumas observações que nos sugerem os exemplos das peças citadas.

Influência do vocativo

Esta influência não só contribuiu para a origem ou conservação da forma sem artigo, mas ainda hoje continua a exercer-se no sentido dum mais frequente emprego deste tipo. Ana, em *Lourdes*, usa amiúde o vocativo *meu pai!*; parece plausível, por isso, que o único exemplo não vocativo apareça também nesta forma:

«Ana (a conversar com a Irmã Anjos): É a religiosa portuguesa de quem *meu pai* falou?» (32).

Mas também se dá uma influência em sentido oposto: *minha filha!*, frequente no vocativo (por ex. 39, 51, 53, 102, 103), aparece sempre com o artigo no emprego não vocativo. Porquê? Há-de explicar-se com certeza pelo facto de *minha filha!* ser um vocativo aplicável a raparigas que não são filhas da pessoa que fala. Assim, as formas sem artigo podiam ser ambíguas, tanto mais que os

exemplos se dão em conversas do pai da doente com a enfermeira Irmã Nazaré :

«E conhece a *minha filha?*» (22): «Vem desfigurá-la, vem, a *minha filha?*» (25); «Nunca a *minha filha* se levantou antes da uma!» (63); «Em camas pegadas, a *minha filha* e uma cancerosa!» (62).

É, portanto, muito problemático atribuir, para a explicação do tipo *meu pai*, um papel demasiado importante à influência do vocativo. Em *Paço de Veiros*, quando o Arcebispo e Dom Miguel falam em Dores, filha de Dom Diogo, empregam exclusivamente *sua filha* (12 casos), ao passo que o pai alterna entre *minha filha* (6 casos; como vocativo: empregado já pelo pai 70, já pelo Arcebispo 90-91) e *a minha filha* (11 casos).

Mas é certo que outras vezes a situação ou a entoação se encarregam de evitar a ambiguidade sem precisar duma diferenciação sintáctica :

Jerónimo: Vilela, [apresento-lhe] o meu filho Manuel.

Vilela: Seu?... .

Viscondessa: Seu filho?

Dr. Magalhães: Calma, Viscondessa.

Jerónimo: Sim, *meu filho!*» (Raça, 139).

Parece-nos outra vez sensível, porém, o propósito de separar vocativo e não vocativo em exemplos como estes :

«De tudo o que deixei no mundo, ao entrar no silêncio do meu claustro, foi o que mais me custou, — perder voluntariamente, conscientemente a *minha mãe!*» (Lourdes 111): «Foi preciso sofrer o desgosto de perder a *minha mulher* para reaver meu filho!» (Raça, 192),

nos quais pode ter influído o facto de se referirem a pessoas falecidas, sem vocativo ⁽¹⁰⁾, ou simplesmente o verbo *perder*, empregado geralmente com complementos de coisa (cp. três casos análogos para *dar*, em *Paço de Veiros*: «não lhe dou a *minha filha*», 64, 67, 85).

⁽¹⁰⁾ Cp. a evocação do filho ainda não nascido: «Deixas-me ser o pai do *teu filho?*» (Benilde 111, 117, 157), mas, por outra parte, a do futuro marido: «quando *seu marido*... o julgar conveniente» (ib., 130).

Em *Sabina Freire*, parece haver uma leve tendência maior do filho a empregar *minha mãe* (4 casos contra 10 de *a minha mãe*; excluindo os exemplos de 'sujeito lógico' e de substantivo acompanhado de atributo, a proporção é de 3:7) comparado com a nora, mulher dele (respectivamente 3:11 ou 2:10); tratar-se-ia dum acaso; da influência do vocativo; da maior afectividade dele para com a mãe (cf. acima, sob 5.^o) (11)?

Ao pensar na eventual influência do vocativo, é bom lembrar-se também de que se pode considerar mínima nos nomes de parentesco não acompanhados do possessivo (*paizinho!*, mas *o paizinho disse...*; cp. Meyer-Lübke, ob. cit., § 144) (11a).

O verbo *ser*

Metade dos casos de *pai* o *filho* sem artigo em *Raça* são estes:

«E não te excedas, Manuel, vê lá! É *tu* *Pai!*» (146); «Sou *tu* *pai!*» (254). «É *aquilo* *meu* *filho*, o legítimo representante do meu nome, o continuador da minha raça!» (126); «O facto de eu *ser* *seu* *filho* deve ser mais um laço que nos prenda»; «Hoje mesmo ficarão todos a saber que és *meu* *filho*, o herdeiro do meu nome!» (134).

Por outra parte, dos 13 exemplos com o artigo, apenas dois se encontram na mesma situação de 'sujeito lógico':

«Manuel! É... é *o* *teu* *pai*. Não lho podes recusar...» (113); «O meu interesse clínico foi dominado pela minha emoção de filho. O Senhor, ali, era mais do que um doente, era *a* *meu* *Pai!*» (275).

O caso é claro: quando se trata de indicar a qualidade do parentesco, como nesta peça, onde o suposto Padrinho se revela Pai («Eu não sou *teu* *Padrinho*», 127), deve aparecer a forma sem artigo. Os nomes de parentesco não têm aqui um tratamento dife-

(11) Cp. *Benilde*, 114, 124: «Temos de pensar *no* *teu* *pai*, em *minha* *mãe*»; «Tenho a comunicar-lhe uma coisa importante, meu tio, diante de *sua* *filha* e de *minha* *mãe*».

(11a) É um pouco de todas as línguas, na linguagem infantil e familiar, a penetração das formas vocativas (*pai!*, *paizinho!*, *papá!*...) nas funções de sujeito ou complemento. Mas este emprego parece mais raro em português, ao lado das três outras formas mencionadas (*o* *pai*, *meu* *pai*, *o* *meu* *pai*; cp. nota 5), do que em outras línguas, provavelmente por causa do uso da forma articulada *o* *pai*, *a* *mãe*, *o* *tio* como tratamento. Cp. as formas sem artigo e possessivo para *il* *nostro* *nonno*, *la* *nostra* *nonna* como sujeito, no *A. I. S.*, mapas 16, 17.

rente de outro substantivo qualquer («Isto é ouro»; «Não é ouro tudo o que brilha»): a falta de artigo salienta em primeiro lugar a qualidade inerente ao substantivo ⁽¹²⁾, facto que muitas vezes leva até à sua adjectivação:

«Mas eu não posso ser mais seu amigo do que sou» (Raça, 130);
«Tudo isto é meu inimigo» (Domus, 76); «Ele é muito meu amigo»
(mas: «o meu melhor amigo», «a tua grande amiga», Raça, 279,
280, 281),

ou a um emprego entre-substantivo-e-adjectivo («ele é português»: «é um português»: «é muito português»).

É, portanto, mais ou menos sensível e mais ou menos funda a diferença de sentido entre *É meu pai* e *É o meu pai*, e nos dois exemplos com o artigo acima citados («é o teu pai», «era o meu pai») a perspectiva do locutor e o significado da enunciação é bem distinta dos casos sem o artigo anteriormente reproduzidos: no segundo, o médico e filho Manuel não quer em primeiro lugar comparar duas qualidades (= 'o Senhor, mais que a qualidade de doente tinha para mim a de pai'), mas comparar outros doentes que ele tinha tratado com este (= 'o Senhor era para mim mais que um doente qualquer, sendo o meu próprio pai'); vê-se pelas transformações da frase como nas formas articuladas facilmente recai um acento mais forte sobre o possessivo, muitas vezes para excluir outros possíveis proprietários ⁽¹³⁾.

Os exemplos para o tipo *meu pai* como 'sujeito lógico' são numerosos:

«Que me importa... Não é meu neto! Ele não é meu neto» (Domus, 106, quando a velha D. Joana não quer reconhecer ao seu verdadeiro neto a qualidade de tal); «Domingas: O teu padrinho... Luz (cortando rápido): não é meu padrinho» (Lodo, 32); «Faz-me falta... Era como se fosse meu pai...» (Terra Firme, 75); «Ambos são meus filhos» (Raça, 256); «Eu bem sei que é tua mãe» (Sabina Freire, 150; ib. 127, 128); «Quando o abraço, Dom Miguel, sinto que é seu pai que eu estou abraçando» (Paço de Veiros, 41); «Eu quero a essa criança... como se fosse minha filha, mais ainda do que minha filha» (ib. 57); «motivo suficiente para que a não julguem digna de ser tua mulher» (80).

(12) AMADO ALONSO, *Estilística y gramática del artículo en español*, in V. K. R. 6, 1933, 189-209; id., *El artículo y el diminutivo*, Santiago de Chile, 1937.

(13) Cp. O Lodo, 71: «Deixar a mãe aqui! Essa desgraçada mãe, que é a nossa mãe, Júlia!». RODRIGUES LAPA, ob. cit. 167, propõe outra explicação para *Este livro é meu — este livro é o meu*.

Não faltam exemplos em que as duas formas se encontram uma ao lado da outra:

«Pois a maneira como ela te trata tem-me despedido completamente da afeição que lhe tinha, a ela, que sempre é a minha mãe .. Agora, por ela nada faria! É minha mãe, mas não me dá-me pensar ainda na obrigação em que estou de a estimar só porque é minha mãe» (Sabina Freire, 74).

O que vale para o verbo *ser*, vale igualmente para outros que levam um nome predicativo como *fazer-se* (= 'chegar a *ser*'), *considerar* (= 'julgar *ser*'):

«Sempre considereei o Zecas meu futuro genro» (Raça, 202, apesar do atributo!); «Estas senhoras, que se fizeram ultimamente *tuas amigas inseparáveis*» (Domus, 40),

e vale também para *como* qualificador (= 'na qualidade de': *como homem, como mãe*):

«O que diriam os seus amigos? A mim, como seu afilhado, superam-me... como seu filho, não sei» (Raça, 131) ⁽¹⁾.

Se excluíssemos dos nossos quadros estatísticos todos estes exemplos de emprego de *meu pai*, etc. como 'sujeito lógico' ou com função qualificativa, eles teriam um aspecto bem diferente e ressaltaria muito mais a tendência da linguagem falada para empregar, noutras funções, o tipo *o meu pai*.

Com o verbo *ser*, etc., este último tipo tende mais para a função identificadora, para indicar o indivíduo, a categoria exterior da pessoa, e não a qualidade íntima:

«Maria Antónia: Porquê? Julgo que não há nenhum motivo pelo qual ele deixasse de ser o meu irmão».

Luís Monteiro: Pois não, Maria Antónia! É o teu irmão, precisamente como eu sou... o teu marido» (Domus, 36);

«Rui: É a minha opinião de propaganda ou a minha opinião de teoria pura, o que tu pedes?»

Maria Antónia: Peço o teu conselho leal. Chamei-te por seres o meu irmão» (ib., 85).

⁽¹⁾ O caso é muito diferente para o *como* comparativo: «Querias ser como o teu irmão, não é?» (Domus, 102).

Estes exemplos são significativos, porque precisamente se deixa na dúvida se Ruy é no sentido mais íntimo *seu irmão* (os dois irmãos vivem separados há muitos anos), e se Luís Monteiro é verdadeiramente *seu marido* (a jovem mulher está decidida a divorciar-se), ou se o primeiro é só o *seu irmão* porque nasceram dos mesmos pais, e o outro o *seu marido* porque foram casados uma vez. Salienta-se o abismo entre a qualidade de *marido* e um indivíduo que é apenas o *marido* neste desabafo:

«Como se pode ser assim ainda hoje... Que eloquência! Que sonoridade! (Que pesadelo!... E é isto (!) o *meu marido*! Esta figura de bronze, que arranca, como os sinos, atissonância da sua própria vacuidade, que mistura, num rasgo oratório, o amor dos filhos com as pedras das paredes e as tábuas do soalho, — isto! é o *meu marido*! Foi com isto que me casaram!» (Domus, 47-48).

Acrescentamos alguns exemplos simplesmente identificadores. A velha D. Joana, que tinha exclamado que o seu neto Ruy não era *seu neto*, pouco depois pode apresentá-lo a Luís Monteiro, que ainda não o conhece, com «É o *meu neto*» (ib., 124), porque só se trata de dizer quem é; uma senhora mostra-se «agarrada ao braço dum homem que não é o *seu marido*» (Sabina Freire, 174). A mesma função identificadora é evidente no emprego reforçador de *ser* (francês: *C'est mon mari qui m'a dit*): «Não foi o *teu marido* quem te proibiu de lá ir?» (Domus, 65), ou em frases com o interrogativo *quem?*:

«E ela disse-te quem era a ... tua Mãe?» (Raça, 129); «Atual, quem é a tua família, quem eram os teus pais?» (ib., 89) ⁽¹⁵⁾.

Não será preciso dizer que uma linguagem que conhece exclusivamente o tipo *a minha mãe* (Lodo), *a minha filha* (Lourdes, Domus), *o meu marido* (Domus), *o meu neto* (Lourdes), ou, pelo contrário, exclusivamente o tipo *meu pai* (Paço de Veiros), deve renunciar à distinção entre o valor qualificativo e o valor identificativo, ou exprimi-la por outros meios linguísticos («Foi a *minha verdadeira Mãe!*», Raça 129). Assim, não admira encontrarmos exemplos que não se integram na interpretação dada para outros textos, como este *meu pai* com função identificadora:

(15) São poucos os exemplos do tipo *ser + o meu pai* nas outras peças: «não sou bem a *sua filha?*» (O Lodo, 74); «És tu a *minha mãe*» (ib., 37); «...roubame a alegria de lhe poder dizer: ..., eu sou a tua Mãe» (Raça, 22).

«Se alguém de nós é criminoso, não sou eu, que nasci por culpa dos outros, — é *meu pai*, que me fez nascer! — E ao senhor que eu peço contas» (Paço de Veiros, 69).

Locuções-clichés e diferenciação semântica

Rodrigues Lapa (169) cita uma série de grupos fraseológicos tradicionais que, usados com o possessivo, não admitem, «em boa linguagem», o emprego do artigo: *em poder de* — 'o livro está *em meu poder*'; *em nome de* — '*em seu nome*'; '*a nosso cargo*', '*em minha opinião*', etc. A causa deste emprego especial parece-nos ser outra vez uma polarização semântica: o uso do artigo daria um sentido diferente, que corresponde mais à aceção plena, concreta do substantivo (ou da preposição), que o locutor não visa nos exemplos citados. Ela fica reservada para outras situações, para quando queremos dizer que uma coisa, que não desejamos largar, '*está no nosso poder*', que uma pessoa se fixa muito *na minha opinião*, *no meu nome*, etc. Quando nos lançamos aos pés de alguém para exprimir o respeito, lançamo-nos *a seus pés*, mas quando queremos representar este acto no seu aspecto concreto, tirar-lhe quase o seu sentido espiritual, ou quando nos lançamos para apanhar qualquer objecto que caiu ao chão, já não é assim, lançamo-nos *aos seus pés*. É o sentido figurado, simbólico ou a função abstracta das locuções citadas que lhes dá o seu direito à forma sem artigo.

Estas distinções estendem-se naturalmente aos nomes de parentesco. Em *Paço de Veiros*, filha com possessivo aparece várias vezes no genitivo, já com, já sem artigo («a felicidade *de sua filha*» 57, «a vida *da minha filha*» 58), mas exclusivamente nesta segunda forma quando se trata de '*pedir a mão de sua (minha) filha*' (32, 45, 46, 61); julgamos que tanto o carácter solene desta locução — tão aproveitado na anedota fácil — como o seu sentido simbólico, figurado, constituem aqui um obstáculo mais ou menos firme, segundo o ambiente linguístico, contra o emprego do artigo.

Devido à força individualizadora e demonstrativa do artigo, há uma clara diferença entre *o carácter da mãe* e *o carácter de mãe*. O mesmo acontece, naturalmente, no nosso sintagma:

«Aí estão, finalmente, *as tuas filhas*! São elas... quem te pede contas rigorosas e justas *do nome* que lhes dás *de tuas filhas*!» (Domus, 91) (16).

(16) O mesmo vale, em determinadas circunstâncias, para *ser de* (= 'pertencer a': «esta carta é *de meu pai*») e *ser de* + artigo (= 'vir de': «a carta é *do meu pai*»)? Cp. francês *la lettre à lui* e «la lettre de lui que je recevais» (A. Gide).

Já falámos na diferença entre o singular e o plural. Mas é de supor que haja uma tendência para a forma articulada quando se trata dum singular colectivo. É bem diferente, se vários irmãos, ou se filhos de pais diferentes falam em (a) *noss: mãe*:

«E tu... tens mãe. Não sentes, como eu sinto, desde pequena, a falta que nos faz a *nossa mãe*!» (Lourdes, 111).

Outras vezes, o emprego do artigo contribui para marcar bem as funções gramaticais e vincar o significado. O verbo *querer* pode construir-se já com o dativo (*quero-lhe* = 'amar'), já com o acusativo (*quero-o* = 'procurar, ambicionar'). Pela homofonia da preposição e do artigo feminino *a* não se pode saber, por isso, se *quero a minha filha* é um ou outro num texto que vacila entre *minha filha* e *a minha filha* com artigo, como *Páço de Veiros*. Não será um acaso que nesta peça os dois exemplos correspondentes apareçam com o artigo para eliminar qualquer dúvida («quero muito *à minha filha*», 49, cf. 83).

Influência da vizinhança fonética

Não é geral o propósito de distinção que observámos no último exemplo. O português vacila no emprego ou não emprego do artigo ou pronome feminino *a* quando precede um *-a* átono, particularmente de proposições (*a, para, contra...*). Este facto influi também no uso do artigo definido nos casos aqui em questão? Damos algumas indicações que fazem supor que sim. Em *Sabina Freire*, por exemplo, há três casos de possessivo + *mulher*, dois com artigo («na tua mulher» 70, «A minha mulher» 187), um sem artigo, e este depois da preposição *a*:

«Pois *a* tua alma encerra mistérios vedados *a* tua mulher!» (73).

Dos 21 casos de possessivo + *mãe* com artigo, um único aparece na posição que aqui apontamos («é o leite para *a* minha mãe» 226), dos 7 casos sem artigo, aparecem dois («É o leite para *tua* mãe» 225; «eu mesmo o dou *a* minha mãe» 227), o que não parece ser um acaso (¹⁷).

(¹⁷) É menor a tendência de dispensar o artigo no masculino (ib., 18, 126; com artigo: 148). Sobre o mesmo fenómeno em espanhol: MEYER-LÜCKE, ob. cit., 372; E. F. TISCORNIA, *La Lengua de 'Martín Fierro'* (BDH. 3), 1930, 227; em catalão: «volaria Montserrat» (J. Verdaguer, ob. cit., 98). Cp. também E. B. WILLIAMS in *Language* 14, 205, e os nossos *Ensaio de Filologia Românica*, 1948, 118 n. 5.

Repetição, exclamação

Quando o interlocutor, para exprimir a sua dúvida ou admiração, repete parte da frase pronunciada, renuncia muitas vezes à repetição do artigo no sintagma que aqui nos interessa:

«Sabina: Essa criatura tão bem assente na vida, essa criatura nefasta, *a tua mãe*...

Júlio: Sim, *minha mãe*, mas é...» (Sabina Freire, 159-160; cf. o citado acima dado de Raça, 139).

«Sarah: Que tenho eu com o que a senhora empresta à *sua filha*?
Domingas: *Minha filha!*... *Minha filha!*... Outra como tu» (Lodo, 8).

O último exemplo já mostra que aqui não se trata do contraste entre os dois tipos *meu pai* — *o meu pai*, mas da redução do sintagma, quando repetido, aos elementos que ao interlocutor são essenciais. Da mesma maneira, à *minha filha* pode reduzir-se só a *filha!*, etc.

São menos frequentes os casos em que o interlocutor reproduz o nome de parentesco com todos os seus elementos sintácticos:

«Maria Antónia: Não deixava esse nome às *minhas filhas!*

Ruy: *As tuas filhas!* Ai estão, finalmente, as tuas filhas!» (Domus, 91).

«Júlio: Matar a *minha mãe!*... Sabina!...

Sabina: A *tua mãe!*... O nosso carrasco, queres tu dizer» (Sabina Freire, 164),

ou ainda outros, em que a perspectiva individualizadora surge apenas no interlocutor, seja com carácter de resposta, seja independentemente:

«Dom Diogo: Não conhece alguém, muito parecido?

Dom Miguel: *Sua filha*...

Dom Diogo: A *minha filha*...» (Paço de Veiros, 63);

«Luz: Mãe! A mãe não aceita cinco reis desse homem.

Domingas: Desse homem! *O teu padrinho*, — nunca te ouvi chamar-lhe *doutra forma*» (Lodo, 33; cf. Raça, 65-66).

Para terminar: a convivência dos dois tipos *meu pai* e *o meu pai* não se presta a explicações fáceis. Se há, na evolução do português, uma tendência geral em favor do emprego dos possessivos

com o artigo, que também se estende aos nomes de parentesco, sobretudo em determinadas camadas da língua moderna, o não emprego do artigo conserva uma certa vitalidade por causas várias. E isto nem só com nomes de parentesco. Não convém separar demasiado estes dos outros substantivos. O sintagma ao qual dedicámos a nossa atenção tem que ser integrado no estudo geral do artigo junto do possessivo.

HARRI MEIER

Recensões Críticas

A. BENVENUTO TERRACINI, **Perfiles de Lingüistas**. Contribución a la historia de la lingüística comparada. (Cuadernos de Letras. 4). Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Tucumán, 1946. 141 págs.

Fruto do historicismo romântico, a linguística comparativa tem percorrido, em pouco mais duma centúria e com uma produtividade científica assombrosa, um longo caminho que ora a afastava, ora a reaproximava dos impulsos espirituais das suas origens. Esta história, várias vezes descrita, apresenta-se-nos numa forma original na série de retratos comemorativos, em parte já publicados separadamente entre 1924 e 1940, que o Autor reuniu neste volume. Dedicados a alguns dos maiores mestres da disciplina no século passado e princípios do nosso, já não incluem os aspectos característicos dos últimos decénios.

Inicia o volume um estudo inédito sobre *Franz Bopp*. O conceito e método da gramática histórico-filosófica que ele opõe à tradicional gramática geral e filosófica denota bem a influência dos Herder, Frederico Schlegel e Guilherme de Humboldt: as línguas, estudadas pela primeira vez como organismos, como sistemas mórficos vivos, reflectem no seu parentesco as relações genealógicas dos povos, e na sua evolução a do espírito destes povos. Mas já na própria obra do fundador se anuncia a transformação típica da disciplina na época positivista: o desenvolvimento da língua é visto cada vez mais como um processo autónomo, de leis próprias, e o seu estudo comparativo distancia-se tanto da vasta visão filosófica da linguagem como do interesse histórico e etnográfico, quer dizer dos dois impulsos principais que orientaram a obra humboldtiana. O ensaio sobre *Graziadio Ascoli* mostra o esforço de salvar o intuito histórico-etnográfico pela sua teoria de substrato, princípio quase anacrónico e reaccionário no seu tempo, mas que se imprimiu firmemente na filologia italiana e revive hoje, renovado pela combinação da dialectologia com a gramática histórica formada no século XIX. Esta gramática histórico-comparativa, o campo de investigação mais fértil daquela época, é-nos descrita numa nova fase nas obras sintetizadoras de *Wilhelm Meyer-Lübke* e de *Antoine Meillet*: a duas gerações de Diez e de Bopp, eles sabem pôr outra vez o problema comparativo na sua totalidade e «encorporar aos seus tratados a soma de experiências alheias sem descerem à posição de compiladores». A história propriamente dita, a individualidade das variedades linguísticas ou das épocas é largamente sacrificada a uma comparação sistemática sob a perspectiva cronológico-evolucionista que Meillet tenta transcender procurando por detrás das transformações das línguas, mais que os seus fundamentos históricos, as leis gerais da evolução.

Se já não é possível ser-se linguista sem ser baptizado com a água deste comparativismo, não podiam faltar reacções contra a sua perspectiva unilateral. Entre os numerosos críticos, Terracini evoca dois que aportam obras de larga repercussão. *Jules Gilliéron* prefere à visão vertical da gramática histórica a observação dos dialectos vivos, ao vasto horizonte que abrange toda uma família de línguas, o íntimo ambiente de falares provincianos, ao predomínio da fonética e morfologia, o estudo das palavras como portadoras de conteúdos semânticos, e faz assim sair à luz condições da evolução linguística que a investigação precedente deixara na sombra. Os seus continuadores tratam de reganhar o horizonte pan-românico que o mestre perdeu de vista, e de chegar além da concepção biológica, funcional da linguagem, que não lhe permitiu ver a sua índole expressiva. Mais flexível, *Hugo Schuchardt* é um pouco de todas estas épocas e escolas. Monografista nato, «por encima del detalle y de la cuestión especialísima hay siempre, en su obra, el diseño de una gran construcción teórica» (107). Encontra-se com Gilliéron na dedicação à palavra e ao ambiente linguístico individuais, mas supera o determinismo teológico por uma rica intuição psicológica; é nele que se renova o conceito humboldtiano de *energeia*, a comparação além do círculo fechado da família de línguas, a ligação de filologia e linguística tão natural ainda nos tempos de Díez. Desde os limites da sua vasta obra, ele já dá as boas-vindas à transformação da gramática histórica em história linguística, e à compreensão estilística, estética da linguagem.

Os ensaios deste volume vão acompanhados de sumárias notas biográficas e bibliográficas sobre os linguistas tratados. No estudo culminante sobre Schuchardt, eles rematam numa conclusão que sublinha a actualidade e necessidade duma tal retrospectiva: «Desde los tiempos de Humboldt hasta Schuchardt, el problema confiado por la lingüística a la comparación cumplió todo su ciclo, y no fué en vano, porque se transformó en nuevos problemas».

HARRI MEIER

RENATO MENDONÇA, *A Influência Africana no Português do Brasil*. 3.^a ed. Porto, Livr. Figueirinhas, 1948, 285 págs.

GLADSTONE CHAVES DE MELO, *A Língua do Brasil*. (Rio de Janeiro), Livr. Agir Ed., 1946. 183 págs.

Uma nuvem de publicações semi-filológicas encobre, há anos, o chamado problema da língua do Brasil. Numa primeira fase, os seus autores, levados por uma teoria de substrato, uma sistematização linguística ou uma ideologia independentista antiquadas e demasiado fáceis, costumavam separar exageradamente o português europeu e americano, falando em *língua brasileira* ou *dialecto brasileiro*. A esta primeira fase seguiu-se uma segunda, essencialmente de crítica, baseada nos progressos da filologia portuguesa de 1880 para cá, e mais atenta, por isso, às ligações entre a língua lusa dos dois lados do Oceano. Uma vez percorridas estas duas fases preliminares, já era tempo de passar-se à terceira, a científica, que circunscrevesse com sólido material e ferramenta filoló-

gicos o âmbito das diferentes correntes de português e as influências estranhas e evoluções próprias que caracterizam o português das diferentes regiões e camadas sociais de além-mar. Mas a esta tarefa opõem-se grandes obstáculos. Faltam descrições fonéticas de confiança e suficientemente pormenorizadas para quase qualquer dos falares de Portugal e do Brasil (com excepção da «pronúncia normal portuguesa» estudada por Gonçalves Viana), monografias dialectais que se possam comparar com a já longa série existente para Espanha e Hispano-América e que, sem falar na descrição exacta dos fenómenos, delimitem bem a sua extensão geográfica e o seu ambiente social; faltam descrições precisas da recepção do português pelos indígenas e pelos elementos estrangeiros da época colonial e da imigração posterior, e outros estudos indispensáveis para trabalhos sérios de classificação. Assim se explica certa monotonia da discussão e o carácter retórico, hipotético ou polémico que distingue toda a literatura prematura de síntese. Um exemplo: sabemos pouco sobre as condições e os ambientes em que *-lh-* passa no Brasil para a fricativa e sobre o carácter desta (*mulhê*, 'mulher'), e pouco também sobre a existência deste fenómeno no português africano e das Ilhas (cf. F. M. Rogers, in *Hisp. Rev.* 14, 1946, 246; 16, 1948, 3); mas a escassez de dados seguros é ricamente recompensada por uma meia dúzia de teorias sobre a proveniência da fricativa brasileira: origem tupi, origem africana (negra), origem açoriana (portuguesa), tendência românica, evolução autóctone do português brasileiro (e influência deste nos Açores) ... Não é um caso excepcional, isolado, mas antes um caso típico neste campo de discussão.

O livro de R. Mendonça, conhecido pelas duas primeiras edições publicadas no Brasil (2.ª, S. Paulo 1935), apesar de se esforçar por «trazer a parte científica ... completamente em dia», pouco sai ainda do que acabamos de chamar a primeira fase dos estudos sobre o português do Brasil: o *dialecto brasileiro* com os seus *subdialectos* (o Autor segue ainda a esquematização de Leite de Vasconcelos) ter-se-ia formado, além de por outras razões histórico-geográficas (separação do português de Portugal, extensão sobre uma grande superfície), pela contribuição dos elementos indígena e africano. Na avaliação destes dois elementos, opõe-se à «proeminência indevida que se conferiu ao índio» — pela influência do indianismo literário —, o papel do preto na formação da nacionalidade brasileira e do seu *dialecto*. Mas os fenómenos fonéticos enumerados (p. 117-130) como prova mais ou menos certa pertencem a camadas históricas completamente heterogéneas: a monotongação *ei > ê*, ou *> e*, a aférese *tá 'está'* têm larga difusão em dialectos portugueses; a passagem de *-lh-* > *-i-* e a queda de *-r*, *-l* pertencem às evoluções disputadas por meia dúzia de teorias; outros desenvolvimentos se limitam à linguagem dos próprios negros (*sicova*, 'escova'; *calo* 'carro'), segundo a indicação do Autor. O vocabulário (187-272; cf. J. Raimundo, *O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa*, 1933, 95 ss.), que só devia «conter termos africanos usados no Brasil», padece de semelhante heterogeneidade (orientalismos e africanismos também portugueses; portuguesismos nas línguas africanas; etimologias obscuras. ...) e espera um joeiramento mais rigoroso.

As considerações reunidas em *A Língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo, representam a outra fase deste género de estudos. Depois duma vista de olhos sobre a bibliografia do assunto (págs. 11-32), dois capítulos acerca das influências tupi e africana (33-72) repetem e ampliam as refutações de tupismos

e africanismos falsos. Nestas críticas, geralmente acertadas, aparece um argumento falaz: o facto de certas evoluções do português brasileiro se encontrarem em dialectos italianos ou de França, não diz nada sobre a sua explicação histórica, e não exclui, portanto, a origem índia ou negra; não há, neste sentido, «tendências românicas» ou «evolução românica» (que o Autor atribui à assimilação *nd > n*, à queda de *-r*, etc.). Haverá poucas evoluções registadas no Brasil que não se encontrem em qualquer parte da România, sem conexo histórico nenhum e com fundamento histórico diferente. Na avaliação positiva das duas influências em questão, o Autor opta por uma influência larga, mas superficial, «horizontal» do tupi no léxico, por outra mais profunda, «vertical» do elemento negro (59, 63, 124), que teria provocado consideráveis transformações na fonética e na morfologia. Contariam entre as fonéticas a passagem de *-lh- > -y-* (apesar de ser também «evolução românica»), que «ocorre de regra nas zonas mais africanizadas», entre as morfológicas a redução que sofre o sistema de declinação e de conjugação em determinadas linguagens (*as casa* 'as casas'; *as criação* 'as criações'; *eu compro, tu ele nós eis compra*). Já sabemos que para o traço fonético lembrado as informações são ainda vagas demais; e falta igualmente um estudo suficiente sobre a génese das reduções morfológicas. O exemplo do inglês e do francês mostra que ela pode ser largamente efeito da evolução fonética: *te, les mur(s)*; *je tu il donn(e, -es), nous donnons* (= *on donn(e)*), *vous donnez, ils donnent*). O paradigma registado no Brasil *eu amo, tu ama, ele ama, nós amamo, eles (eis) ama* seria absolutamente normal num falar que deixa cair o *-s* e desnasaliza as nasais finais átonas: a partir deste paradigma de três formas diferentes, uma simplificação mais adiantada na 1.ª pl. *nós ama* pode ser devida à analogia com as outras, mas também a circunstâncias especiais desta pessoa (*nós = a gente ama*; ou deglutinação da desinência *ama-mos*, cf. as grafias quinhentistas e a teoria de Leite de Vasconcelos e de D. Carolina sobre a origem do infinito pessoal: *amarmos < amar + mos*). O plural *as criação* pode ser uma analogia do plural com o singular, mas pode ser também uma simples redução fonética dum plural analógico *as criações*. Só depois de esclarecida a genealogia linguística destas simplificações morfológicas e depois de integrada nos ambientes linguísticos concretos em que aparecem, será possível passar além duma atribuição étnico-histórica demasiado hipotética, e que até no livro presente vacila entre *negra* (63) e *tupi-negra* (83).

Seguem dois capítulos («A língua popular», «A nossa pronúncia», 73-105) que resumem traços dialectais das regiões brasileiras, confrontando-os com análogos do Norte de Portugal (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* II), e outros dois que insistem na unidade da língua literária de Portugal e do Brasil («Língua e estilo», 106-118; «A língua literária», 135-156), com as diferenças lexicológicas que o ambiente impõe («O nosso vocabulário», 119-134). Parece escusada e pouco feliz a fórmula pela qual o Autor deseja substituir o termo de *língua* ou *dialecto* brasileiros («língua portuguesa e estilo brasileiro»), dadas as funções diferentes que tem *estilo* na terminologia filológica.

A estrutura pouco sistemática do livro reflecte o estado problemático da questão tratada.

H. M.

HANS NILSSON-EHLE, *Les propositions complétives juxtaposées en italien moderne*. (Lunds Universitets Årsskrift, Etudes Romanes de Lund. IX). Lund 1947. 121 págs.

A maior parte das línguas românicas conserva, ao lado da simples coordenação assindética e da subordinação conjuncional, uma forma de justaposição subordinada (*Prego-lhe venha. Espero tenha recebido a carta*). Não havia ainda estudo especial que descrevesse mais pormenorizadamente as condições em que esta construção aparece na sua concorrência com as duas outras, que chegaram a eliminá-la no francês e no provençal modernos. O presente trabalho sobre o italiano moderno — língua que conhece um largo emprego da justaposição subordinativa — representa, por isso, um valioso ponto de partida para semelhantes estudos sobre as línguas irmãs.

Limitando-se às proposições integrantes tratadas por Meyer-Lübke §§ 536-537 (excluindo, portanto, fenómenos afins a que aludem os §§ 538-544), uma vasta análise de textos confirma as indicações sumárias das gramáticas: a importância do conjuntivo na proposição dependente (págs. 23, 49, 69, 96); o aparecimento da construção quando a proposição subordinante já é introduzida por outro *che* relativo ou conjuncional (28, 39) (1); a sua evitação quando qualquer termo acentuado se encontra intercalado entre o verbo subordinador e o subordinado (*Rogo que tu venhas*; 49, 80-81). Além disso, amplia e precisa estas observações gerais: o uso do conjuntivo com *parere*, *sembrare*, *credere* deve ser a causa da frequência da construção com estes verbos (*credo che è...*, mas *credo (che) sia*); o facto de *credere*, *sperare* admitirem o verbo dependente, com sentido semelhante, no conjuntivo ou no indic. fut., determina certos casos do nosso sintagma com o verbo dependente no indic. fut. (*«spero non avrai moglie»* 67; *«credo sarà lo stesso»* 104), que pairam entre a justaposição subordinativa e a coordenativa. É feliz a interpretação semântica da construção: nas orações sem *che* o verbo subordinador perde algum tanto do seu acento e valor, que o emprego da conjunção ajuda a reforçar; assim, *parere* aparece mais frequentemente sem *che* nos tempos menos definidos (*pare, pareia*), mais raro nos de maior precisão temporal (*parve*), ou quando acompanhado dum pronome concretizador (*mi pare*).

Para averiguar a extensão do sintagma nas várias camadas da língua, o Autor teve a boa ideia de repartir a análise por quatro ambientes estilísticos diferentes: ao estudo pormenorizado da prosa literária (26-88) seguem observações demasiado breves (88-90) sobre a poesia, que se limitam a afirmar a importância dos factores rítmico-métricos e da afectividade poética; outros dois capítulos confrontam os resultados deduzidos da linguagem literária com os que oferece a língua falada (90-99) e a popular (99-113). Não admira que estas, com os seus períodos menos desenvolvidos e o seu léxico mais reduzido, apre-

(1) O único exemplo da construção que apresenta *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, é deste género: «Um momento veio em que, arremessando o livro, enterrando mais o chapéu mole, se ergueu com tanta decisão, que receei detivesse o comboio para saltar a estrada» (ed. de 1943, p. 172).

sentem uma frequência menor do sintagma e uma série de verbos subordinadores limitada e diferente, ou construções especiais (*sorte la vendan!*; *fortuna l'ho le gambe bone!* 'que sorte que'). Há outros fenómenos sintácticos que mal se entrevêem e que ainda merecem ser melhor focados: a dificuldade de fixar, nesta camada linguística, a fronteira entre a justaposição subordinativa e a coordenação assindética (cp. págs. 18, 108, 113), e a influência da sintaxe dos modos sobre a construção estudada (104-105, 112). Nesta linguagem *sui generis*, pouco se explica, em nossa opinião, por «négligence de la syntaxe normale», «omission de la conjonction dans le langage rapide, familier, relâché», etc. (115-117), e ainda menos, tratando-se duma construção mais usada na expressão literária do que na linguagem popular.

A contradição parece-me ter a sua origem no método exclusivamente sincrónico, ou melhor, numa falsa separação dos métodos sincrónico e diacrónico nestas conclusões do trabalho: «Historiquement, il n'y a pas d'ellipse, du moins pas en ce qui concerne les langues romanes ... Au point de vue synchronique, par contre, il est possible sous certaines conditions de parler d'une ellipse, à savoir dans les cas où l'emploi de la conjonction est l'usage normal et régulier: dans ces cas, la construction par juxtaposition s'interprète facilement comme le résultat d'une omission de la conjonction» (20-21). Não. Não há omissão nem histórica nem sincronicamente, a não ser na mente dos gramáticos sincronistas. «Pourquoi, par exemple», pergunta o Autor, «est-il d'usage — ou, au moins, permis — d'omettre le *che* après *volere*, mais non pas (ou guère) après *godere* ou *rallegrarsi*? Il y a sans doute une explication à tout; mais, comme souvent ailleurs en matière de langue, il se peut qu'il faille chercher l'explication dernière dans des facteurs si je peux dire extra-linguistiques» (76). Mas porque ir tão longe, se a sintaxe do lat. *velle*, por um lado, e de *gaudere*, por outro, explicam perfeitamente esta diferença?

A interpretação histórica do sintagma fica por fazer. Nela terão um lugar importante as construções de conjuntivo subordinado latinas sem *ut* e com *ne*, as flutuações da sintaxe dos modos verbais (diferenças entre as linguas românicas e, dentro de cada uma, nas diferentes regiões e camadas sociais), as interações entre a justaposição coordenativa e a subordinativa. Mas, para que tal interpretação histórica possa chegar além das indicações já dadas por Diez, são precisas outras análises tão ricas de material e circunspectas na sua elaboração como a de Nilsson-Ehle para o italiano moderno.

H. M.

TOM o IX-FASCÍCULO 3

1948

Crítica etimológica

IV

(Palavras castelhanas de origem portuguesa)

1 — **Nota prévia.** — O presente artigo é uma nova contribuição para o estudo das palavras castelhanas de provável origem portuguesa, iniciada no tomo VIII do *Boletim de Filologia*.

Chamo a atenção do leitor para a *Nota prévia* do 2.º artigo de *Crítica Etimológica*, publicada no referido Boletim.

Para elucidação do leitor, devo dizer que nos artigos anteriores tratei das seguintes palavras castelhanas de provável origem portuguesa: — *abada, achantarse, achubascarse, afeitar, albino, aldorta, almadia, ananás, arisco, bambú, barroco, bengala, betel, biombo, bonzo, cacatua, cachimba, cacimba, cafre, canela, caramelo, carcunda, carimbo, cariño, catinga, chá, chamada, chamarasca, chamariz, chamizo, chamuscar, chamusquina, chanela, chapa, chapin, chato, chaveta, chinela, chocallo, chocho, chopá, chopo, choza, chubasco, chumacera, chus, chusma, cobra, coco, conchabar, copra, cornaca, cortiña, desvaído, desvergonhadamente, embrullo, fado, fetiche, follaje, jangada, jeito, juera, junco, macaco, macho, malaqueta, malla, mandarín, mandinga, mandioca, manga, marimba, mermelada, monzón, morriña, naire, negro, nonio, pagoda, palanquin, pintada, raivén, vergoña.*

2 — **Abrollo.** — «ant. Abrojo». Em *abrojo* diz: «Planta de la familia... | 6. pl. Mar. Peñas agudas que suelen encontrarse en el mar a flor de agua».

a) — Covarrubias não regista a forma *abrollo*, e em *abrojo* não cita a acepção marítima de cachopos, que afloram à superfície do mar. A propósito da origem da forma castelhana diz: «La etymologia de abrojo es vulgar: abre el ojo; porque el que fuere por el campo no labrado y espinoso, ha de llevar los ojos despavilados,

mirando al suelo, especialmente si no lleva buenos çapatos y suelas dobladas».

b) — Nebrissa também só regista a forma *abrojo*.

c) — A Ac. Esp. só começa a registar a forma *abrollo* na 12.^a ed. (1884). A respeito da forma *abrojo* diz: «(Del gr. *ἀέρεος*, seco, árido; de *ἀ* priv. y *ἐρέω*, mojar)». Na 13.^a muda de opinião: «(Del b. lat. *brolium*, del bret. *brog*, brotar)». Na 14.^a muda novamente de parecer: «(Del lat. *aperi oculum*, abre el ojo!)», critério que mantém nas seguintes. — Em todas as edições indica a acepção marítima de escolho.

Antenor Nascentes diz: «De abre ôlho (toma cuidado que perto lá um escolho)». — O catalão tem a forma *abriulls*.

Bluteau disserta assim: «*Abrolhos*. Deram os portuguezes este nome a uma pequena ilha, e a uns penedos da América, no mar do Brasil. Achem-se quando se navega da Europa para a Capitania do Rio Grande, entre a costa occidental e a ilha, a que os portuguezes chamam Ilha de Fernando de Noronha. São estes abrolhos, ou penhascos muito perigosos, porque pelo espaço de mais de cinquenta léguas se estendem. No mesmo mar do Brasil há outros entre a Ilha da Ascensão e a Capitania do Porto Seguro. Chamam os castelhanos *Abre ojos* a outros cachopos nos baixos da Babueça na América Setentrional, pouco distantes da Espanhola, que é uma grande ilha daquela região. Todos estes cachopos se chamam *Abrolhos*, para que entendam os pilotos que hão-de abrir bem os olhos para se livrarem deles. . . ».

No *Diário* da primeira viagem de Colombo não encontrei nem *abrojo* nem *abrollo*. Em dois passos, porém, há uma expressão que convém notar: «... , salvo que a todos hay algunas peñas acerca de tierra debajo del agua, por donde es menester *abrir el ojo* quando se quiere surgir... » (15 de Outubro); «... ; pero hay muchas bajas en aquella comarca, y conviene *abrir el ojo* hasta entrar en el puerto: ... » (20 de Diciembre).

A propósito do primeiro passo, o Capitão de Fragata Júlio F. Guillén, na sua edição «*El primer viaje de Cristóbal Colón*», Madrid, 1943, p. 59, diz: «Colón nos dá aqui la etimología de los infinitos bajos llamados posteriormente *abrojos*».

O que seria interessante era saber desde quando começaram os espanhóis a utilizar o termo com o valor de *escolhos*. A Ac. Esp. já regista essa acepção na 2.^a ed.. É de crer que o próprio sentido de *escolho* dado a *abrojo* seja um portuguesismo, isto é, que a forma

abrojo tenha sido utilizada nesse sentido para traduzir a forma portuguesa *abrolho*. Não devemos esquecer-nos de que os portugueses precederam com muita antecedência os espanhóis nas grandes empresas marítimas, e isto justifica que vária nomenclatura de coisas relativas ao mar e à navegação seja criação portuguesa, ou achado seu em primeira mão. Sendo assim com a forma *abrojo*, tratar-se-ia de um portuguesismo de semântica, como são portuguesismos de forma *abrollo* e *escollo*.

Creio evidente que não merece a pena submeter a uma análise crítica as hipóteses sugeridas pela Ac. Espanhola, acima transcritas.

3 — Achar. — «v.a. ant. Lo mismo que *hallar*. Hoy tiene uso en Asturias y Galicia».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o na 2.^a e na 3.^a eds. Não tenho presentes a 1.^a nem a 4.^a. Da 5.^a em diante deixa de o registar.

Antenor Nascentes dá-nos: «*Achar* — Do lat. *afflare*, cheirar; esp. *hallar*, romeno *află*. Cortesão, *Subs.*, cita as formas *achamus* e *aflamus* num documento de 952. M. Lübke, RFW, 261, Cornu, *Port. Spr.*, § 135, aceitam o étimo latino. D. Carolina Michaëlis, *Gloss. C. A.*, igualmente. O novo sentido teria vindo da linguagem da caça (Bourciez, *Ling. rom.*, 2.^a ed., pg. 199). A. Coelho tira da forma *aflar*, apontada por Viterbo, mas erê o vocábulo de origem desconhecida. G. Viana, *Apost.*, I, 13, pelas dificuldades apresentadas pelo espanhol, julga foneticamente inadmissível o étimo latino e nota que o correspondente italiano e o francês, *trovare*, *trouver*, estão longe de se acharem averiguados».

A despeito de todas as dúvidas que possamos ter sobre a origem do *achar* português e do *hallar* castelhano, há qualquer coisa, que não sei explicar, mas que me incute a convicção de que a forma cast. *achar* outra coisa não é que a própria forma portuguesa.

Veja-se o que diz Menéndez Pidal na *Rev. de Filol. Esp.*, VII, ps. 11-12, sobre as formas *ahajar*, *ajar*, *hallar*, *axar*, e *achar*.

4 — Achatar. — «Poner chata alguna cosa. Ú. t. c. r.».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 7.^a ed.. Não tenho

presente a 8.^a. Da 9.^a em diante já o regista. Em nenhuma delas lhe atribui qualquer étimo.

Creio que não merece a pena dissertar sobre este termo: em português há *achatar* tirado normalmente de *chato*, que também passou para o castelhano, como mostrei no § 38 do primeiro artigo de *Crítica Etimológica*, publicado neste *Boletim*.

5 — **Aguiero.** — «And. y Extrem. Rollo de madera de castaño, de cuatro metros y 60 centímetros de largo, destinado a la construcción».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Academia Esp. só começa a registá-lo na 12.^a ed. Na 15.^a diz: «(Del port. *aguieiro*)», opinião que mantém nas seguintes.

Em português há a forma *aguieiro*, sobre que diz Cândido de Figueiredo: «Pau, que vai do frechal ao pau de fileira. (Corr. de *Guieiro*?)».

Em *guieiro* diz: «Que serve de guia ou que vai na frente. M. Aquele que vai na frente, guiando, (falando-se especialmente de um animal que vai adiante de um rebanho). O mesmo que *aguieiro*. Prov. minh. Rego, por onde se guia a água. Constr. O mesmo que *guieira*. (De *guiar*)».

6 — **Aindamais.** — «adv. c. fam. y fest. A más, además».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 12.^a ed., dizendo: «(Voz portuguesa), opinião que mantém nas seguintes.

A expressão *ainda mais* é tão viva em português, que não merece a pena desenvolver o assunto. A ela correspondem em castelhano *aún más e todavía más*.

7 — **Amargazón.** — «ant. Amargor».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed., dizendo: «(De amargar)».

Terminadas em *-azón* encontro em castelhano as seguintes palavras: — *amargazón, amarrazón, armazón, arribazón, arrumazón, cargazón, cavazón, cerrazón, criazón, echazón, grabazón, granazón, hinchazón, ligazón, nevazón, picazón, plumazón, quemazón, reventazón, tablaón, trabazón, trillazón, virazón*, a respeito das quais Menéndez Pidal não faz a mais pequena referência, nem deixa entrever uma possível explicação, se bem pesquisei nos seus trabalhos.

A Ac. Esp. distribui essas palavras em três grupos:

1) — não indica étimo algum para as seguintes: — *amarrazón, arrumazón, cavazón, grabazón, granazón, hinchazón, nevazón, picazón, reventazón, tablaón, trillazón*;

2) — indica como formadas dentro do castelhano: — *amargazón*, (de *amargar*), *arribazón* (de *arribar*), *cargazón* (de *cargar*), *cerrazón* (de *cerrar*), *echazón* (de *echar*), *plumazón* (de *pluma*), *trabazón* (de *trabar*), *virazón* (de *virar*);

3) — dá como provenientes directamente do latim: — *armazón* (de *armatio*, *-onis*), *criazón* (de *creatio*, *-onis*), *ligazón* (de *ligatio*, *-onis*), *quemazón* (de *crematio*, *-onis*).

Tenho a impressão de que tais formas se não coadunam perfeitamente nem com os processos de formação dentro do castelhano, nem com os de derivação do latim para o castelhano.

Não serão tais palavras ou pelo menos a maior parte delas simples castelhanização das formas portuguesas: *amargação, amarração, armação, arribação, arrumação, carregação*, etc.? — Note-se que muitas destas palavras são da linguagem náutico-marítima, e, como tenho mostrado nestes artigos, e isso era natural, visto que Portugal precedeu muito tempo a Espanha nas gigantescas empresas marítimas, várias palavras dessa linguagem passaram do português para o castelhano.

A terminação própria do castelhano é, salvo melhor juízo, *-ación*, que se encontra em, por ex.: — *arrumbación, asignación, asimilación, aspiración, averiguación*, etc.

Aqui fica a sugestão. Diga quem puder a última palavra sobre o assunto.

8 — **Amarrazón.** — «ant. *Mar.* Conjunto de amarras».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma lhe atribui qualquer étimo.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

9 — Angelín. — «Pangelín».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a. Na 5.^a já o regista. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del port. *angelim*)».

Antenor Nascentes dá-nos: «Do tamul *añjili*, malaiala *aññili* ou *āyñi*».

Bluteau diz: «*Angelim*, *Angelim*. Árvore do Brasil, a que o gentio chama *Andira Ibaíriba*. A cortiça é cinzenta, as folhas de feição das do loureiro, mas mais pequenas, flores azuis, e vermelhas, e a madeira muito dura, e de muito uso, para portas, e janelas, etc.». A seguir cita um passo da *Malaca Conquistada* de D. Francisco de Sá de Meneses.

Webster tem: «*Angelin*... (L. *angelus* angel). The cabbage tree *Andira inermis* or a related species. W. Ind.».

10 — Angra. — «Ensenada».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 14.^a e nas seguintes diz: «Del b. lat. *ancra*, y éste del gr. ἄγκρα, recodo)».

d) — Meyer-Lübke, REW, 443 a, diz: «*āncon* (griech.) «Bucht», «Winkel», «Ecke». 2. *ancona* (spätgriech.).

«1. Sp. *ancon*. — Rückbild.: pg. *anco* «kleine Bucht». Dazu mit nicht erklärten r: sp. *rancon* und mit dissimilatorischem Schwund des n: kat. *racó*, mit unerklärtem i: sp. *rincón* Schuchardt, Zs. 41, 257.

«2. Nprov. *ancouno* «Winkel», «Ecke». Dass auch pg. (>sp.) *angra* «Bucht» eine Umbildung dieses *ancona* nach *angulus* sei, ist wenig wahrscheinlich. — Diez 422».

Antenor Nascentes informa-nos: «Do lat. *angra* (Diez, Dic., 423); em esp. *angra*. M. Lübke, REW, 460, acha foneticamente inaceitável, pendendo para o lat. *ancra*. A Academia Espanhola filia o b. lat. *ancra* ao gr. ἄγκλος, cotovelo. V. Mégacles, RLP, XXVI. 51».

A. Nascentes serviu-se da 2.^a ed. do REW. Na 3.^a, de que me sirvo, o n.º 460 desapareceu e a sua doutrina foi refundida e incluída no n.º 443 a, que acima transcrevo.

O texto do referido n.º 460 da 2.^a ed. é: «*angra* «Schlucht». — Kalabr. *angra* «der noch feuchte aber bepflanzte Streifen längs eines Flusses», span., portg. *angra* «Bucht» Diez, Wb. 423. (Beides passt begrifflich nicht recht, span., portg. auch lautlich nicht, da die besser beglaubigte lat. Form *ancra* ist. Kalabr. zu griech. *acra* AGItal. XII, 88 stimmt auch nicht)».

O étimo *ancra*, proposto pela Ac. Esp., não se pode aceitar sem reparo. Com efeito, quer na fonética castelhana, quer na portuguesa, o grupo *cr* entre consoante nasal e vogal não se sonoriza (O caso de *cangrejo* não deve fugir à regra. Procurarei tratar dele noutro sitio).

Em lat., a par de *ancrae*, havia *angrae* (Cf. Gaffiot, *Dict.*), forma que poderia sanar a dificuldade fonética apontada, mas subsiste a semântica: «*ancrae* ou *angrae*, *arum*, f., vallon ou intervalle entre des arbres: P. Fest. 11; Gloss.».

A hipótese do gr. *ancon* também me não convence: seria necessário explicar a maneira como se teria passado dessa forma grega para a portuguesa *angra*.

Não será *angra* um derivado de *ângulo*? — Fonética e morfológicamente é aceitável a seguinte evolução: *angulo* > *anglo* > *angro* (Cf. *inglês* > *ingrés*, e provavelmente *singlar* > *singrar*) > *angra* (por analogia com *bata* e *enseada*, que são femininos); semânticamente a hipótese não deixa de ser aceitável, visto que uma bala, uma enseada, uma angra são ângulos de terra em que penetra o mar.

A Ac. Esp., desde a 2.^a ed., pelo menos, regista uma forma *angla*, que nas últimas deriva de *angulo*, e a que atribui o significado de *cabo* (promontório). Nem Covarrubias, nem Nebrissa registam essa forma *angla*, mas ela aparece a cada passo no *Diário* da primeira viagem de Colombo.

Cândido de Figueiredo regista no *Dic.* uma forma *engra* sobre a qual diz: «Des. Canto, formado por duas paredes. Curvatura. (Corr. de *ângulo*)». — Piel, *Biblos*, VIII, p. 388, aceita a opinião de C. de F.

11 — **Armazón.** — «Armadura, 2.^a acep. (isto é, Pieza o conjunto de piezas unidas umas com otras, en que o sobre que se arma alguna cosa). | 2. Acción y efecto de armar, 5.^a acep. (isto é, Concertar y juntar entre si las varias piezas de que se compone

un mueble, artefacto, etc.) — 3. Armadura, 3.^a acep. (isto é, Esqueleto, 1.^a acep., isto é, Armazón ósea del cuerpo del animal vertebrado)».

a) — Covarrubias diz: ... Armazón, el fuste de qualquiera cosa que se ha de cubrir después, y también se dice armadura, como la de la cama, que se arma y se desarma con sus goznes y tornillos».

b) — Nebrissa também regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del lat. *armatio*, -onis)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

12 — **Arrebatina**. — «Acción de recoger arrebatada y presurosamente alguna cosa entre muchos que pretenden apoderarse de ella, como sucede cuando se arroja dinero entre mucha gente».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa regista-o.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma sugere qualquer étimo, mas, dizendo em *rebatina*: «(De *rebatar*) f. Arrebatina. | ...», vê-se que considera a palavra formada dentro do castelhano.

Esta palavra, contudo, não tem aspecto de forma castelhana. Em português há *arrebatinha*, de aspecto bem português, assim como *rebatinha*, que, se não estou em erro, deve ter sido a fonte da forma castelhana.

De uma maneira geral podemos dizer que todas as palavras castelhanas, que terminam nos sufixos *-inho*, *-inha*, são de origem portuguesa ou galego-portuguesa. Devem estar neste caso: *arrebatiña*, *basquiña*, *brinquino*, *campiña*, *cariño*, *cinquino*, *corpiño*, *cortiña*, *morrina*, *niño* (?), *rapina* (?), *ratino*, *rebatina*.

Antenor Nascentes não regista *arrebatinha*, mas em *rebatinha*, diz: «Cortesão deriva do esp. *rebatina*, que a Academia Espanhola prende ao ant. *rebatar*, hoje *arrebatat*».

13 — **Arribazón**. — «Gran afluencia de peces a las costas y puertos en determinadas épocas».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 14.^a ed., dizendo: «(De *arribar*)», opinião que mantém nas seguintes.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

14 — **Arrumazón.** — «Mar. Acción y efecto de arrumar. | 2. Mar. Conjunto de nubes en el horizonte».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma lhe atribui qualquer étimo.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

15 — **Avergoñar.** — «tr. ant. *avergonzar*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma, porém, lhe atribui qualquer étimo.

Creio que posso repetir aqui, *mutatis mutandis*, o comentário que fiz a propósito de *desvergonadamente*, § 57 do 2.^o artigo sobre *Crítica Etimológica*: «É claro que avergoñar é um derivado de *vergoña*, que, por sua vez, é o português *vergonha*. Cf. adiante *Vergoña*», ou seja § 84 do mesmo 2.^o artigo.

16 — **Bagacera.** — «Lugar de los ingenios de azúcar, em que se tiende el bagazo de la caña, para que, secándose al sol, sirva de combustible».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 12.^a ed., mas em nenhuma lhe indica qualquer origem.

Creio que estamos em presença de uma adaptação da *bagaceira* portuguesa, cujo registo mais antigo, que pude alcançar é de 1813, na 2.^a ed. do *Dic.* de Moraes.

17 — **Baranda.** — «Barandilla. | 2. Borde o cerco que tienen las mesas de billar. | Echar uno de baranda. fr. fig. y fam. Exagerar o ponderar mucho una cosa».

a) — Covarrubias regista *varanda*, dizendo: »Lo enrejado de los corredores, por ser como varas; por otro nombre vareustes, quasi *varafustes*».

b) — Nebrissa também regista *varanda*: «Lorica, cae. Peribolus, li».

c) — A Ac. Esp. regista-a desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a ed. ainda lhe não atribui étimo algum. Na 13.^a diz: «(Del lat. *veru*, balaustrada)». Da 14.^a em diante diz: «Del sánscrito ... *varanda*».

Tenho dúvidas sobre este ponto. Em port. há *varanda*, sobre que falaram largamente Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, ps. 222 e 426, e *Apostilas*, II, 524-526; e Sebastião Rodolfo Dalgado, *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas*, e *Glossário Luso-Asiático*.

Não transcrevo o que estes dois autores disseram, de um lado porque isso é muito extenso, e de outro porque me faltam elementos para formular qualquer opinião pessoal. Limito-me, pois, a deixar aqui consignado que tenho dúvidas sobre este ponto.

A palavra existe em francês sob a forma *vérande*.

Littre diz: «*Vérandah*, mot rapporté de l'Ind par les Anglais, est la simple dégénérescence, dans les langues modernes de l'Inde, du sanscr. *veranda*, colonnade, de *ver*, couvrir».

Darmesteter tem opinião análoga: «Mot de l'Inde venu en franç. par l'intermédiaire le l'anglais, ...».

Bloch vai mais longe: «1778. — Emprunté du mot anglo-indien *veranda*, qui vient lui-même du portugais *varanda*, d'origine obscure».

Webster, depois de citar várias formas de várias línguas orientais, diz: «... but some forms doubtless fr. Pg. *varanda*, an earlier Ind. borrowing».

Skeat diz: «... a kind of covered balcony. (Port.-L. ?) Modern; added by Todd to Johnson; it should be spelt *varanda*. «The other gate leads to what in this country (India) is called a *veranda* or *feranda*, which is a kind of piazza or landing-place before you the hall or inner apartments»; Archaeologia (1787), viii. 254. — Port. *varanda*, a balcony. Marsden, in his Malay Dict., 1812, p. 30, has: «*barandah* (Portuguese), a *varánda*, balcony, or open gallery to a house;» but the Malay word is, as Marsden says, adapted from the Portuguese. Cf. OSpan. *varanda*, in the sense of balaustrade or stair-railing; as early as A. D. 1505; see the quotation in Yule. Perhaps from Port. and Span. *vara*, a rod; from L. *uāra*, a forked

pole. Cf. Port. *rara*, the shaft of a post-chaise. Dryden has *rare*, a rod; Absalom, i. 595. Hence also mod. Skt. *varanda*, a portico; the Skt. (or Hind.) word being quite modern. Minsheu's Span. Dict. (1623) has «*Vara*, a rod;» and «*Varanda*, railles to leane the brest on».

Para fazer uma ideia do problema em geral, veja-se o que diz Antenor Nascentes, *Dic.*, s. v. *Varanda*.

18 — **Brinquinho** — «2. Alhaja pequena o juguete mujeril. | 3. dulce menudo y muy delicado que se hace generalmente en Portugal. | Estar, o ir, hecho un brinquinho, fr. fig. y fam. Estar, o ir, muy compuesto y adornado».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa regista-o.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Da 12.^a em diante limita-se a dizer que é um diminutivo de *brinco*.

Esta palavra não tem aspecto de forma castellana. Em português há *brinquinho*, de aspecto bem português, pois que o *-inho* é sufixo bem português, ou, se quiser, galego-português. — Cf. supra *arreatiñas*, § 12.

19 — **Cabo** — «*Mar*. Cuerda, 1.^a acep. (isto é, conjunto de hilos de lino, cáñamo, cuerda u otra materia semejante que torcidos forman un solo cuerpo más o menos grueso, largo y flexible».

a) — Covarrubias regista o termo, mas em nenhuma das suas aceções lhe atribui claramente a de corda. Contudo dá-nos: «... Dar cabo es término de marineros, quando cae alguno en la mar y le echan alguna maroma a que se asga: y entonces cabo trae origen del nombre francés *chable*, *idem quod chamelus*, que vale maroma o cuerda gruesa. Dar cabo al baxel que no puede caminar con los demás y viene corriendo, en echarle una maroma y traerle con ella a jorro, graece *παράσπον*, *funis tractorius*, quo navis adducitur remulco...».

b) — Nebrissa não regista a aceção de corda.

c) — A Ac. Esp. regista-a desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a em diante diz: «(Del lat. *caput*, cabeza)».

Antenor Nascentes dá-nos: «*Cabo* — ... — 2. Parte por onde se segura alguma coisa: Do lat. *capulu*, corda; it. *capio*, fr. *chable*.

(Cornu, *Port. Spr.*, §§ 130, 236, M. Lübke, REW, 1666, Nunes, *Gram. Hist.*, 41). Arc. *caboo* (Cornu). Lokotsch dá *capulum* como um lat. medieval, do ar. *habl*, mas Stappers o cita em Isidoro e diz que as palavras árabes são posteriores a este autor».

Meyer-Lübke, REW, 1666, diz: «*capulum* «Fangseil». — It. *cappio* «Schleife», kalabr. *kyappu* «Schlinge» Rohlfs, AR. 7,461; prov. (> frz.), kat. (> sp.) *cable* (> pg. *cabre*) «Kabel»; pg. *cabo* aus **caboo* (> sp. *cabo*, it. *cavo*) «Tau», «Kabel»...».

Perante o que fica exposto, qualquer comentário mais seria supérfluo.

20 — **Cachupin**. — «Mote que se aplica al español que pasa a la América Septentrional y se establece en ella».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a e nas seguintes diz: «(d. del port. *cachopo*, niño)».

Cachupin ou é uma derivação de *cachopo* feita dentro do castelhano, visto que tal forma, que eu saiba, não existe em português, ou é uma adaptação do diminutivo *cachopinho*.

Em português usa-se a forma *cachopo* para designar, entre outras coisas, um rapaz, e mais correntemente *cachopa* para designar uma rapariga.

A origem da forma *cachopo* ainda não está determinada.

21 — **Campiña**. — «Espacio grande de tierra llana labrantía».

a) — Covarrubias já regista o termo, dizendo: «*Campiña*. La tierra llana. El campo de Montiel, *Laminitanus ager citerioris Hispaniae, ubi Anas amnis oritur*. Campo de Montiel. Vide Abraham Hortelio Los Campos de Tarifa, *Tartesidem*. Campo de Barahona, donde dicen juntarse las bruxas a reverenciar el cabrón, y tratar de tantas abominaciones como se cuentan desta maldita gente. ...».

b) — Nebrissa não regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Da 12.^a em diante diz: «(De campaña)».

Tenho dúvidas a respeito desta palavra. Não encontro registada em nenhum dicionário português uma forma *campinha*. *Campinho*, sim.

Bluteau tem : «*Campina, Campina*. Grande espaço de terra, todo descoberto, sem arvoredos, nem matos ...».

Seja como for, o que me parece fora de dúvida são estes dois pontos : 1.º *campiña* não tem aspecto de forma castelhana ; 2.º *campiña* não pode provir de *campana*.

Não tenho presente nenhum Dicionário Galego para verificar se na Galiza existirá essa forma.

Aqui fica formulada a dúvida, que me sugere a forma *campiña*. Resolva-a quem puder.

22 — **Canga**. — «*And*. Yunta de cualesquiera animales, excepto bueyes. | 2. *Sal*. Arado dispuesto para una sola caballeria. | 3. En China, instrumento de suplicio, que consiste en un circulo, un cuadrado o triángulo de madera y a veces una tabla pesada con tres agujeros, en que se aprisionan el cuello y las muñecas del reo. | 4. En China, suplicio que se aplica con este instrumento».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.ª ed., mas em nenhuma lhe indica a origem.

Antenor Nascentes dá-nos sobre o assunto uma informação extensa, mas de tal modo interessante, que convém não omiti-la aqui.

«*Canga* — Em Portugal significa jugo de bois. Neste sentido, segundo Leite de Vasconcelos, RL, II, 34, vem do verbo *cangar*. O sentido oriental desta palavra, diz Dalgado, é «tábua de suplício», usada especialmente na China e na Cochinchina. Baseando-se em Yule, afirma o mesmo autor que neste sentido é genuinamente chinês o vocábulo, registado num dicionário do século IX com a forma de *kanggiat*, no mandarino moderno *Kyang-hai* (forma inexacta, segundo Pelliot). De *kanggiat* provém o cantonês *k'ang-ka*, trazer a canga, e provavelmente o anamita *ganga*. Julga Yule que os portugueses tomaram a palavra de uma destas últimas formas e a associaram com a sua designativa de jugo de bois ou jugo de carregador para transportar cargas. G. Viana, porém, afirma que o termo português designou, por analogia de forma ou aplicação, a tábua que serve de suplício na China. Os antigos orientalistas portugueses dão ao instrumento diversos nomes : *colar* (Fernão Mendes Pinto), *tábua* (Belchior Nunes, Fr. Gaspar da Cruz).

O P. Semedo dá como nome chinês *kiao hao*. De uma citação de António Bocarro, infere Dalgado que o étimo é o anamita *gang*, por atracção convertido em *canga*. O mesmo Dalgado aliás, no *Suplemento ao Glossário*, se corrige e, dizendo que o nome chinês é *kia*, dá como étimo *kang-kia*, trazer a carga. M. Lübke, REW, 1541, filia ao lat. **cambica*, *ambita*, *camba*, de origem gaulesa. Macedo Soares lembra possível origem africana, de um verbo que significa amarrar, atar, prender (*Revista Brasileira*, 15-5-1880) — Há um tecido com este nome, v. *Ganga*.

Meyer-Lübke fez desaparecer na 3.^a edição do REW o n.º 1541, citado por A. Nascentes. A matéria desse número passou substancialmente refundida para o n.º 1535, cujo teor é:

«*canga* (gall.) «Ochsenjoch». — Salm., galiz., nordpg. *canga* auch «Dachbalken», «enger Weg zwischen zwei Felsen», daher in ON., salm. *cango* «Art primitiver Pflug» Krüger 188. — Ablt.: pg. *canzil* «hölzerner Pflöck im Ochsenjoch», extrem. «Joch», coimb. *cangau* «Deichsel am Schöpfbrunnen». Das Verhältnis zu dem nach Massgabe des *u* latinisierenden *jugo* ist nicht überall dasselbe, z. T. ist *jugo de bois* «Joch Ochsen», *canga* «Ochsenjoch», z. T. bedeutet *canga* nur «einen Teil des Jochs» Krüger 172; WS. 10, 49. Gall. *canga* wäre die Entsprechung von mhd. *hanka* M.-L.-WS. 10, 138. (Gall. *cambica* «Krummholz» wird durch kymr. *cameg* «Radfelge» nicht gesichert, da *cameg* aus *cambita* 1542 entstanden sein kann; *cannica* zu *canna* Pidal, RFE. 7, 26 ist morphologisch und begrifflich nicht annehmbar)».

Menéndez Pidal, RFE, VII, 26 — 27, disserta largamente sobre as formas *canga* e *cangalhas*. — Pelo que respeita ao significado de instrumento de suplicio, diz: «Fuera de esta región occidental, hallamos *canga* en Filipinas, significando «cepo para sujetar la garganta del preso», voz sin duda tomada del portugués, y que se extiende hasta China;...».

Bloch diz: «*Cangue*, 2700 (sic), corrigido na errata para 1700. — Emprunté du portugais *canga*, emprunté lui-même de l'annamite *gong* (relevé dans un dictionnaire annamite-portugais-latin de 1651 sous la forme *goû*)».

23 — **Cangalla**. — «*Sal*. Andrajo, 1.^a acep. (isto é, Pedazo o jirón de ropa muy usada). | 2. com. *Colomb*. Persona o animal enflaquecidos. | 3. *Argent.* y *Perú*. Persona cobarde, pusilánime. | 4. *Argent.* y *Chile*. Desperdicios de los minerales. | 5. *Bol*.

Aparejo con albarda para llevar cargas las bestias. | 6. *Germ. Carreta*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed., mas em nenhuma lhe indica a origem.

Antenor Nascentes diz: «De *canga* e suf. *alha* (A. Coelho, G. Viana, I, 222)».

As palavras de Gonçalves Viana são: «... Desta palavra (isto é, *canga*) se derivaram, segundo parece, *cangallo*, e *cangalhas*, armação geminada que se põe no dorso das cavalgaduras, para transporte de cestos, canastras, barris, etc., e que pode ser de ferro, ou de madeira: — ...».

Mais abaixo diz: «*Cangallo*, como é sabido, significa também um objecto velho, inútil, e desta acepção proveio o verbo *escangallar*, desmanchar, destruir.

«A origem do vocábulo *canga* é o verbo *cangar* < *conjugare* (J. Leite de Vasconcelos, in *Revista Lusitana*, II, p. 34)».

Numa nota manuscrita, aposta por Gonçalves Viana a um exemplar, que lhe pertenceu, e me veio parar à mão e eu ofereci ao Centro de Estudos Filológicos, lê-se: «Os vocábulos portugueses *cangallo* e *cangalhas* passaram, com a forma única *cangalla* para a Argentina, que acumula as duas significações (V. *Revue Hispanique*, XIV, p. 301)».

Gonçalves Viana faleceu em 1914 e a 15.^a ed. do *Dicionário da Academia Espanhola* é de 1925. Isto explica a omissão no trabalho de G. Viana do que transcrevo no início deste artigo e do de *cangallo*.

24 — **Cangallo**. — «fam. *And.* Apodo. que se dá a la persona muy alta o flaca. | 2. *Sal.* Zancajo. 1.^a acap. (isto é. Hueso del pie, que forma el talón). | 3. *Sal.* Objecto estropeado. | 4. *Germ.* Carro».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed., mas em nenhuma lhe indica a origem.

Antenor Nascentes não regista o termo. Só regista *cangalha*. O que ficou dito no número anterior sobre *cangalla* dispensa mais comentários no presente sobre *cangallo*.

25 — **Cargazón.** — «Cargamento. | 2. Pesadez sentida en alguna parte del cuerpo. como la cabeza. el estómago. etc. | 3. Aglomeración de nubes espesas. | 4. *Argent.* Obra mecánica tosca o mal rematada. | 5. *Chile.* Abundancia de frutos en los árboles y otras plantas».

a) — Covarrubias diz: «... Cargazón, la que se haze en los navios. Cargazón, la pesadumbre de la cabeça».

b) — Nebrissa não regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, onde diz: «La carga de géneros, ó mercaderias que se pone en alguna embarcación. ...». — Na 14.^a e nas seguintes diz: «(*De cargar*)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

26 — **Carvalho.** — «Especie de roble, aunque más pequeño, que tiene las hojas ásperas. Llámase así en las provincias septentrionales de España, especialmente em Galicia».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. As últimas edições registam também as formas *carrago* e *carvajo*. Só a respeito da forma *carrago* sugere um étimo, dizendo: «(Tal vez del lat. *quercus*, encina, y *robur*, roble)».

d) — Mayer-Lübke, REW, 1725 a, diz: «**carvalya* «Eiche». Sp. *carvajo*. pg. *carvalho* (> sp. *carvallo*). Das wort fehlt in der sp. Toponomastik, gehört mehr dem Pg.-Galiz. und den Grenzgebieten an Krüger 13, 1. Ursprung unbekannt, Zusammenhang mit 1718 a ist wenig wahrscheinlich. Auch der Anklang an frz. *gravelin* «Sommereiche», langued. *graubio* «Kermeseiche» Schuchardt, Zs. 23, 198 ist wohl nur ein zufälliger».

Antenor Nascentes resume: «M. Lübke, REW, 1716, tira do esp. *carvallo*, que filia a uma raiz *carr*, céltica ou ibérica. Figueiredo pensa que é alteração de **curvalho*, de curvo, visto o tronco e os ramos serem geralmente turtuosos, ou vem de um latim hipotético *quercaliu*, de *quercus*, carvalho. Otoniel Mota, *O Meu Idioma*, 230, não acha possível. A hipótese seria aceitável se de uma forma **querquaculu*, com queda do segundo *q* por dissimilação, ficasse uma forma **queruaculo*, que daria *quervalho*, donde *carvalho*, com mudança de *e* em *a* pelo contacto com o *r* ou por assimilação. Poder-se-ia objectar que *quercus* é feminino e o sufixo *aculu* é masculino; mas a objecção não colhe. Leite de Vasconcelos explica a palavra

beco por *via* mais o sufixo *eco*. A hipótese, pois, não é absurda. A Academia Espanhola explica o esp. talvez do lat. *quercu* e *robur*.

A. Nascentes baseou-se na 2.^a ed. do REW, cuja doutrina neste particular foi alterada na 3.^a ed., de que me sirvo acima. Na 3.^a ed. desapareceu o n.º 1716, cujo texto era na 2.^a ed.: «*carr-, garr-* «Eiche». (Gall., iber. ?)».

«1. Span., portg. katal. *carrasca* «Stein eiche», «Stecheiche», «Kermeseiche».

«2. Afrz. *jarris* «Stechpalme», prov. *garrija* «Wald von Kermeseichen». «Heide», «Steppe» prov., katal. *garrik* «Art Eiche».

«3. Span. *carvallo* (> portg. *carralho*) «gemeine Eiche»: vgl. noch frz. *gravelin* «Sommereiche», langued. *garbaso* «junge Eiche», *graubio* «Kermeseiche». — ZRPh. XXIII, 198; KJBRPh. VI, 1, 386».

A propósito desta parte final. Américo Castro, RFE. V, p. 35, diz: «1716. Ptg. *carralho*, no del esp. *carvallo*; *carbajo*, que falta, es, por el contrario, forma de los dialectos occidentales con las variantes *carvago* y *carvallo*; *carbajo* es una castellanización. En la toponimia, *Carballeda* y *Robledo* limitan, sobre poco mas o menos, como el castellano con los dialectos occidentales, con penetraciones mútuas; pero la palabra es de procedencia occidental, no castellana».

Na toponímia portuguesa o radical de *carralho* está amplamente representado.

27 — Catre. — «Cama ligera para una sola persona. | ...».

a) — Covarrubias no vocábulo *cama*, depois de muita coisa, diz: «... En las aldeas, en tierra de Salamanca, ay unas camas encaxadas, tan altas que es menester una escalera para subir a ellas. Y de aqui sospecho se devieron dezir cathres, un cierto género de camastros cinchados, no embargante que se traem de las Indias; ...».

b) — Nebrissa não regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a diz: «(De *cuatro*, por alusión a los cuatro pies que tiene)», opinião que mantém nas seguintes.

Antenor Nascentes dá-nos: «Do malaiala *kattil*, que deu *cátele*, depois *cátère*, finalmente *catre* e antigamente significava o trono dos reis de Malabar e pequeno leito de pés ... e fácil de armar e desarmar (Dalgado).

«Sousa tirou do persa *catel*, cadeira ou assento de madeira; Dalgado declara que não conhece tal palavra no persa, que tem *kursi* e *sandali* para cadeira ou mocho e cadeira não é o mesmo que catre. Houve quem derivasse do esp. idêntico, mas o mero facto da existência em espanhol, mas o (sic) um termo português não é critério seguro de procedência, pois muitas palavras asiáticas iguais em ambas as linguas foram transmitidas ao espanhol por via do português».

Subordinando-o ao lat. *quadrus*, Mayer-Lübke, REW. 6921, diz: «...; sp. *catre* (> sard. *katre* Bertoni, AR. 2, 356) «indisches Bettgestell» ist wohl indisch, ...».

Na 2.^a ed. dizia: «...; span. *catre* «Bettgestell» R. V. 174 gehört nicht hierher; ...».

Não logro compreender como quereria Mayer-Lübke fazer passar foneticamente o lat. *quadrus* para o cast. *catre*. Por outro lado, tratando-se de um termo de origem índia, seria de suspeitar que de permeio estivessem os portugueses, e, contudo, Meyer-Lübke nem sequer cita que também no português existe a palavra.

Sendo de facto o étimo o malaiala *kattil*, seria, com efeito, fácil esta evolução dentro do português: *kattil* > *cátele* > *catle* > *catre*.

Não me parece bem a forma intermédia *cátere* proposta por Antenor Nascentes: em tal circunstância não se justifica a passagem do *l* para *r*, mas justifica-se a queda do *e* postónico.

Se de facto o étimo é *kattil*, bastaria a circunstância de essa forma ter terminado em *catre* para se ver que esta última é portuguesa e não castelhana: em castelhano ela teria terminado em *catle*, pois que em castelhano os grupos *cl*, *pl*, *tl*, *fl* não dão *cr*, *pr*, *tr*, *fr*: isso é fenómeno português.

28 — **Cavazón.** — «Acción de cavar las tierras».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

29 — **Cerrazón.** — «Obscuridad grande que suele preceder a las tempestades, cubriendose el cielo de nubes muy negras. | 2. *Colomb.* Contrafuerte de una cordillera».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
- b) — Nebrissa também o não regista.
- c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a e nas seguintes diz: «(De *cerrar*)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

30 — **Chantar**. — «Vestir o poner. | 2. Clavar, hincar. | 3. fam. Decir a uno una cosa cara a cara sin reparo ni miramiento. Se la *chantó*. | 4. *Gal*. Poner chantos en una heredad».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
- b) — Nebrissa também o não regista.
- c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a considera duas formas: uma no sentido de «Vestir o poner»; a que atribuí por étimo o v. *plantar*; a outra no sentido de «Cercar con chantos una heredad», a que não atribuí étimo algum, mas que diz provir de *plantar*. Na 14.^a e nas seguintes também só considera uma forma, mas altera o critério etimológico: «(Voz gallega, y del m. or. que *plantar*)».

Não sei se cientificamente podemos dar-nos por satisfeitos com a expressão «Voz gallega». A discussão deste ponto podia levar-nos demasiado longe. É melhor não tocar no assunto, pelo menos por ora.

31 — **Chanto**. — «En el noroeste de España, tronco, rama o piedra larga que se linea de punta en el suelo. | 2. *Gal*. Piedra plana que se extrae de las canteras en grandes hojas y sirve para formar vallados y para pavimento de eras, casas y calles».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
- b) — Nebrissa também o não regista.
- c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 12.^a ed. Da 13.^a em diante diz: «(De *chantar*)».

Com o significado supra não conheço em português a forma *chanto*. É possível que ela exista no norte do país, mas não pude averiguá-lo. Na Galiza existe.

Chanto com tal significado é um deverbais de *chantar*, descendente directo em galego-português do lat. *plantare*.

No port. arc. havia outra forma *chanto*, que significava *pranto*, lágrima, choro, e provinha do lat. *planctus*. A forma correspondente em castelhano é *llanto*.

32 — **Cinquino**. — «Moneda portuguesa que corria en España en el siglo XVI y valia cinco maravedís».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed.

A Ac. Espanhola escreve *cinquino*, mas o que era de esperar era *cinquão*, visto que a forma portuguesa era *cinquinho*.

Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário*, diz: «*Cinquinhos*». Eram cinco réis de prata. Esta moedinha fez lavrar El-Rei D. João II, e seu Sucessor El-Rei D. Manuel».

33 — **Concello**. — «ant. Concejo».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma lhe atribui qualquer étimo.

O lat. *conciliu-* deu normalmente *concejo* em castelhano. A forma *concello* é muito provavelmente a adaptação do port. *concelho*, ou, o que me parece menos provável, do catal. *concell*.

34 — **Corpiño**. — «m. d. de cuerpo. | 2. Almillá o jubón sin mangas».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma das eds. lhe atribui claramente qualquer étimo, mas dá a entender que o considera um derivado de *cuerpo*.

Antenor Nascentes não regista o termo. Cândido de Figueiredo diz ser o mesmo que *corpete*, que define assim: «Peça do vestuário feminino, que se ajusta ao peito. Justilho. (*De corpo*)».

Esta palavra não tem aspecto de forma castelhana, por entrar na sua formação o sufixo *-inho* (Cf. supra *arrebatiñas*, § 12).

35 — **Cotobelo**. — «Abertura en la vuelta de la cama del freno».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho pre-

sente a 4.^a. Na 5.^a já o regista. Na 13.^a já diz: «Del port. *cotovello*, recodo)», opinião que mantém nas seguintes.

Sobre a forma portuguesa diz-nos A. Nascentes: «Do lat. *cubitelu*, dim. de *cubitu*, cotovelo, através de uma forma **covelelo*, com metátese *cotovelo*, talvez sob a influência de *coto* (q. v.). V. A. Coelho e Cortesão. Garcia de Diego, *Contr.*, 612, acha que, como o gal. *cotobelo* e o leonês *cutubillo*, é forma cruzada de *coto*, e *tobelo*, *tubillo*, tornozelo. *Tobelo* ter-se-á perdido em português».

Não é este o lugar adequado para apreciar este assunto. Aqui limito-me a dizer que nenhuma das explicações compendiadas por A. Nascentes me parece convincente.

36 — Criazón. — «ant. Familia, 1.^a & 2.^a aceps. (Isto é, Gente que vive en una casa bajo la autoridad del señor de ella. | 2. Número de criados de uno, aunque no vivan dentro de sua casa».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del lat. *creatio*, -onis)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

37 — Echazón. — «Echada, 1.^a acep. (isto é, Acción y efecto de echar o echarse). | 2. *Mar.* Acción y efecto de arrojar al agua la carga, parte de ella u otros objetos pesados de un buque, cuando es necesario aligerarlo, principalmente por causa de un temporal».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. começa a registá-lo na 3.^a ed. Na 13.^a e nas seguintes diz: «(De *echar*)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

38 — Embicar. — «intr. *Argent.* e *Chile.* Embestir derecho a tierra con la nave. | 2. tr. *Cuba.* Embocar, acertar a introducir una cosa en un hoyo o cavidad».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. tem neste particular um critério muito variável conforme as edições: — na 2.^a regista um *embicar* com esta definição: «*Náut.* Amantillar las vergas, de suerte que un penol quede levantado, y el otro inferior que venga al costado. *Antennas inclinare, vel destorquere*». — Da 3.^a à 10.^a não regista o termo. (Não tenho presentes a 4.^a e a 8.^a, mas é de presumir que também o não registem). A 13.^a tem um *embicar*, que define assim: «*Mar.* Poner una verga en dirección oblicua respecto á la horizontal. Usase á bordo como señal de luto». Na 14.^a mantém esta opinião, mas acrescenta-lhe o seguinte étimo: «(De *en y pico*; en fr. *apiquer*)». Na 15.^a distingue dois artigos: um na acepção de «Embestir derecho...», que diz ser «(Del port. *embicar*)»; e o outro na acepção de «Poner una verga...», que diz provir «(De *en y pico*; etc.)», doutrina que mantém nas eds. seguintes.

Não sei como aceitar este critério da Ac. Espanhola. Com efeito: 1.^o como explicar a sonorização do *p* de *pico*, sendo precedido de consoante nasal? 2.^o como justificar o desdobramento do artigo *embicar* em dois de origens diversas?

O caso parece-me tão evidente, que não merece a pena fazer mais comentários.

30 — Escollo. — «Peñasco que está a flor de agua o que no se descubre bien. | 2. fig. Peligro, riesgo. | 3. Dificultad, obstáculo».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa regista-o, dizendo: «Escollo. Scopulus, i. *Lugar lleno de escollos, Scopulosus locus. Scopulis frequens locus*».

A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Nas últimas eds. diz: «(Del lat. *scopulus*)».

Antenor Nascentes informa-nos: «Do lat. *scopulu* através do genovês *skögu* (M. Lübke, REW, 7738). V. M. Lübke, *Gram.*, I, 442, Cornu, *Port. Spr.*, § 137, não acha razão em Madureira que considera o vocábulo um castelhanismo. Tira-o de uma forma com *bl* e manda ver *Archiv für lateinische Lexicographie und Grammatik*, V, 461, e *Archivio Glottologico Italiano*, XIII, 374, 454, 458. Diz mais que Gröber e D'Ovidio dão como forma básica **scoclu*, aceita por Nunes, *Gram. Hist.*, 49».

A. Nascentes deu a opinião de Meyer-Lübke expressa na 2.^a ed. do REW. Na 3.^a ed. a doutrina é outra: «7738, *scopulus*

«Klippe». ... 2. Gen. *skōjgu* (> it. *scoglio*), frz. *écueil*, prov. *escollh*, kat. *escull*, pg. *escolho* (> sp. *escollo*, kat. *escoll*). — ...».

Bloch a propósito da forma francesa, diz: «*Écueil*. — Latim *scopulus* (empruntado do grego *skopelos*) — Italiano *scoglio*, espanhol *escollo*, ancien provençal *escollh*. — Toutefois le développement phonétique de ces formes n'est pas régulier; une forme du latin populaire > *scoclus*, qui serait facilement issue de *scopulus*, n'explique que le français et le provençal; on est ainsi amené à supposer que les formes de l'italien et de l'espagnol viennent du provençal, ce qui convient assez bien au sens; le français lui-même, qui est de date assez récente, pourrait être également emprunté. — On a proposé aussi, comme point de départ, pour des raisons semblables, le gènois *scōddju*, qui représente régulièrement la forme latine, cf. *ōddju*, oeil».

Como se vê, Bloch não cita a forma portuguesa *escolho*, e opina por que as formas castelhana e italiana tivessem provindo da provençal *escollh*. Como demonstrar isto?

Quanto à opinião de Meyer-Lübke de que o it. *scoglio* provém do genovês *skōjgu*, não me pronuncio, porque ignoro como pronunciariam os genoveses a sua forma. Se é aproximadamente como eu, como português, interpreto a grafia *skōjgu*, não compreendo que possa ter razão Meyer-Lübke. Bloch, como se viu, não subscreve essa opinião, talvez pela mesma razão que me leva a não compreendê-la.

Bluteau diz: «*Escolho*. Deriva-se do Castelhana *Escollo*, e tem analogia com a palavra Latina, *Scopulus*, com a Italiana *Scoglio*, e com a Francesa *Esceuil*, que significam *penhasco no mar*. Na língua Portuguesa, Rocha, Rochedo, Penha, e Penhasco significam qualquer penhasco, e não particularmente penhasco no mar, como *Escollo* em Castelhana, e *Scopulus*, em Latim. Em um só Autor Português achei *Escolho* por penedo no mar, e fizera escrúpulo de o imitar, porque assim na prosa, como nos versos, bom é usar de menos palavras, e sempre se devem preferir termos próprios a circunlocutórias expressões. Escolho. *Scopulus*, i. *Mase. Caesar*. Cheio de escolhos. *Scopulosus*, a, um, Cic.

«Sou frágil lenho, que em tormenta fero,

A vista tenho Sirtes, temo *escolhos*.

«Francisco de Sá, Malaca conquistada, Livro 12, na última oitava».

Note-se que a *Malaca conquistada* é de 1634.

Não considero este assunto arrumado: importaria verificar desde quando aparece na literatura portuguesa a forma *escolho*;

na literatura castelhana a forma *escollo*; na catalã a forma *escoll*; na italiana a forma *scoglio*; na provençal a forma *escolh*.

Por ora nada mais digo sobre o assunto. É possível que mais tarde volte a examiná-lo com novos dados. Neste entretanto seria de desejar que alguém me precedesse.

40 — **Esmola.** — «*Sal Trozo de pan que es costumbre dar de merienda a los obreros del campo*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed., dizendo: «(Del port. *esmola*, limosna)», doutrina que mantém nas seguintes.

Este caso é tão claro e a própria Academia Espanhola o reconhece, que não merece a pena fazer grandes comentários. Neste momento só faço este: — com o significado supra, não conheço em português a palavra *esmola*. É possível que se trate de uma acepção dialectal fronteiriça, tanto mais que a Academia o dá como termo usado na região de *Salamanca*, e, como se pode ver em todo o decurso deste inventário, muitas das palavras apontadas são dadas pela Academia como usadas nessa região.

41 — **Frasco.** — «*Vaso de cuello recogido, que se hace de vidrio, plata, cobre, estaño u otra materia, y sirve comunmente para tener y conservar líquidos. | . . .*».

a) — Covarrubias já regista o termo. É interessante o que ele diz sobre o assunto: «*Barrilete, vaso ventrudo y de cuello angosto, hecho de metal, oro, plata, cobre o estaño. Dizen que el principal uso dellos es para enriar la bebida; y así está el vocablo, según el vulgo, corrompido de friasco, si no es que se haya dicho de frasca hoja, porque se haze de hoja delgada, como los frascos de hoja de lata. Esto es según el vulgo, pero realmente es nombre griego, quasi *πικρὸν ἀρκος*; San Isidoro, lib. 20, cap. 6: *Philascae a graeco vocabulo dictae, haec provehendis ac reconlendis phialis primum factae sunt, unde et nuncupatae sunt, postea in usum vini transierunt manente graeco vocabulo, unde et sumpserant initium*. Frasqueta, caza de frascos. Frasco, la cajuela en que el arcabuzero lleva la pólvora; y frasquillo, otro pequeño en que lleva el polvorín».*

b) — Nebrissa também regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a diz: «(Del al. *Flasche*)». Na 13.^a modifica o critério: «(Del lat.

flasca é *phlasca*, vasija para vino)». Na 14.^a faz uma pequena alteração: «(Del lat. *flasca*, vasija para vino)», fórmula que conserva nas seguintes.

Antenor Nascentes diz: «Do germ. *flaska*, garrafa (Diez. *Diez.*, 128, Carnu. *Port. Spr.*, § 137. Pacheco e Lameira. *Gram. Port.*, 4). al. *Fiasche*, através do it. *flasco*, segundo M. Lübke, e REW. 3355. Cortesão tira do esp. *frasco* ou. repetindo Diez, *Gram.* I. 34.226. do lat. *vasculu*, pequeno vaso. através da série **vasclu* > **vascu* > **vasco*. Maximino Maciel. *Gram. Descritiva*, 215, julgou forma divergente de *flácido*».

As palavras de Meyer-Lübke na 3.^a ed. do REW, 3355, são: «*flaska*, -un (germ.) «Flasche». It. *flaska*, afrz. *flasche*; it. *fiascone* (> frz. *flacon*), prov. *flascó*. — Rückbild.: it. (> sp., pg. *frasco*; *fiasco*; pg. *frasca* «Kuchengeschirr». — Diez 138; Schröder, ADA. 23, 157, Bruch 6; Meringer. WS. 7. 11».

Quanto fica exposto me sugere os seguintes comentários:

1.^o — quer o germ. *flaska*, quer o al. *Flasche*, pelo *fl*- inicial, não podiam passar regularmente a *frasco* em castelhano: o que regularmente podiam dar seria *flasco*;

2.^o — o germ. *flaska* ou *flaskun*, explica a terminação -sco de *frasco* (port. e cast.), de *flascó* (prov.), e de *fiasco* (it.); o al. *Flasche* não explica essa terminação;

3.^o — o it. *fiasco* não explica o *fr*- inicial de *frasco* (port. e cast.);

4.^o — o lat. *vasculu*, regularmente só poderia dar em português e em castelhano *vacho* (Cf. *masculu* > *macho*): a série **vasclu* > **vascu* > **vasco* > *frasco*, é tão absurda que não merece comentário;

5.^o — o lat. *flacidu* regularmente nunca poderia ter dado nem em português, nem em castelhano *frasco*;

6.^o — Antes de dizer que o port. *frasco* vinha do cast. *frasco*, impunha-se verificar primeiro donde tinha vindo a forma castelhana. Como temos visto em vários pontos, em muitos dos casos de dificuldades, Cortesão resolvia estas apelando para o castelhano sem se informar primeiro de como surgiram as formas castelhanas, que aponta como étimo de outras portuguesas;

7.^o — inclino-me a aceitar o seguinte: — o germ. *flaska*, -un deu: *Fiasche* (al.), *flascó* (prov.), *fiasco* (it.), *frasco* (port.); a forma cast. *frasco* é um portuguêsismo; a forma fr. *flacon* provém de um lat. vulg. **fiascone*, derivado da forma germânica.

Antes de terminar, convém ouvir a opinião autorizada de Bloch :

«*Flacon*, 1314. — Altération de **flascon*, latin de basse époque *flasconem*, accusatif de *flascō* (Grégoire de Tours, VI^e siècle), derivé de *flasca* (Isidore de Seville, VII^e siècle, qui indique que c'était d'abord un récipient servant à porter et à enfermer des *phialae*, voir *firole*) ; *flasca* est emprunté du germanique occidental **flaska*, proprement *bouteille clissée* (sens conservé en italien), cf. allemand *Flasche*, d'où ancien français *flasche*, sorte de bouteille, italien *flasca* et *fiasco*, cf. aussi ancien provençal *flascon* ».

42 — **Grabazón.** — «Adorno sobrepuesto formado de piezas grabadas».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Em nenhuma delas lhe atribui qualquer étimo.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

43 — **Granazón.** — «Acción y efecto de granar».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

44 — **Hinchazón.** — «Efecto de hincharse. | 2. fig. Vanidad, presunción, soberbia o engreimiento. | 3. fig. Vicio o defecto del estilo hinchado».

a) — Covarrubias diz: «...Hinchazón, o la parte que se hincha, como la postema o otro accidente, o la vanidad y presunción ventosa del necio desvanecido...».

b) — Nebrissa também regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

45 — **Iguaria.** — «Manjar delicado y apetitoso».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 16.^a ed., onde diz: «(Del port. *iguaria*)», opinião que mantém na 17.^a e última.

Antenor Nascentes informa-nos: «*Iguaria* — Cortesão deriva de **equalaria* (de *epularis*). Sobre a substituição do *q* por *p* manda ver o que diz Bréal no *Dic. etim. lat.* a respeito do lat. *equus* e do gr. *hippos* (talvez a par de uma antiga forma *hikkos*), de *columba* e *palumbes*. Parece-lhe impossível a filiação do vocábulo ao lat. *escaria*, pois do grupo se não podia nascer *g* e ficava ainda inexplicável o aparecimento do *u*. Tão boa etimologia é a segunda como a primeira. O que diz Bréal não se applicou em época românica e por isso não justificaria a transformação de *epularis*. O vocábulo é só português e já se encontra no século XVI».

A origem da forma port. *iguaria* não está aclarada. Por isso não sei se poderemos considerá-la com justeza o étimo da forma castelhana. Não obstante isto, visto que a Ac. Esp. tem tal opinião, deixo aqui a sugestão para ulterior estudo.

46 — Laja. — «Lancha, 1.^a acep. (isto é, Piedra naturalmente lisa, plana y de poco grueso). | 2. *Mer.* Bajo de piedra, a manera de meseta llana».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a. Da 5.^a em diante já o regista. Na 13.^a diz: «(Del cimrico *teach*)». Da 14.^a em diante diz: «(Del lat. epigráfico *lausia*; en b. lat. *lausā*, *losa*)».

Antenor Nascentes dá-nos: «*Laje*. — Há uma forma *lagea* (cfr. *haste*, *hâstea*, *veste*, *véstia*). Cortesão apresenta com dúvida um lat. vulgar *lağēna* e cita: *Deinde per castellum de carupito deinde per lagenam* (Leges, pg. 347). *Dessi aa chuz augua uertente e dessi aas llagias de cima do uall* (Leges, pg. 543 — Séc. XIV). A Academia Espanhola deriva o esp. *laja* do latim epigráfico *lausia* b. lat. *lausā*, *lousa*».

É curioso que Meyer-Lübke cita uma forma murciana *lígena*, «*Schieferplatte*», isto é, placa de ardósia, que ele considera um derivado de *lamina* (REW, 4869). A Ac. Esp. não regista essa forma.

Quanto a ser *lígena* um derivado de *lamina*, não discuto: parece-me isso muito confuso.

Uma forma *lagena* explicaria bem a forma port. *lágea* pela queda normal do *n* intervocálico, o que se não dá em castelhano.

Note-se que em português há as seguintes formas: *lágea*, *lage*, *lagem* e *laja*, formas que Cândido de Figueiredo e a Academia das Ciências de Lisboa no seu Vocabulário de 1940 mandam escrever tudo com *j*, sem dar disso uma justificação. Gonçalves Viana no seu Vocabulário procede do mesmo modo.

47 — **Ligallo.** — «Junta que ganaderos y pastores tenían anualmente para tratar de los asuntos concernientes a su industria».

a) — Covarrubias não regista o termo, mas refere-se a ele no artigo *Mestu*, dizendo: «... Confirma esto el vocablo aragonés, que a la mesta llaman ligallo, que en castellano vale liga, y liga es junta, confederación y amistad».

b) — Nebrissa não o regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Da 12.^a em diante diz: «(De *liga*, unión)».

Antenor Nascentes, s. v. *negalho*, resume: «De *legalho* por dissimilação (M. Lübke, *Gram.*, I, 512. Cortesão, G. Viana, *Apost.*, II, 76, Cornu, *Port. Spr.*, § 91, Nunes, *Crest. Arc.*, LXII, *Gram. Hist.*, 149). Figueiredo tira de *ligalho*, de *ligar*, com dúvida, o Cornu compara com o esp. *legajo*».

Cornu e Gonçalves Viana dão por étimo o lat. *ligaculu*, o que para o port. é aceitável no que se refere à passagem da terminação *-aculu* a *-alho*, mas já o não é para o cast. *ligallo*.

A Ac. Esp. deriva *legajo* de *legar*, forma arcaica de *ligar*, quer dizer, considera que essa palavra se formou dentro do castelhano.

A informação de Covarrubias relativa ao aragonês faz-me hesitar quanto à probabilidade de ser *ligallo* castelhano de origem portuguesa. Contudo, aqui ficam estes dados para um estudo mais minucioso.

48 — **Ligazón.** — «Unión, trabazón, enlace de una cosa con otra. | 2. *Mar.* Cualquiera de los maderos que se enlazan para componer las cuadernas de un buque».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a

e na 13.^a diz: «(De *ligación*)». Na 14.^a e seguintes diz: «(Del lat. *ligatio*, -onis)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

49 — **Marabù.** — «Ave zancuda, semejante a la eigüena, de metro y medio de alto y tres metros y medio de envergadura; ... ».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 11.^a ed. (1869). Na 12.^a diz: «(Del fr. *marabout*)»; na 13.^a muda de opinião: «(Del ar. ... *marabut*, asceta, santo)», opinião que mantém nas edições seguintes.

Antenor Nascentes dá-nos: «1 (asceta): v. *Marabuto*. 2. (ave): do antecedente, pelo aspecto sério do animal (Lokotsch, que aliás cita somente o esp.). Stapers dá como etimologia duvidosa.

«*Marabuto* — Figueiredo considera s. v. *marabuto* uma forma afrancesada e Cortesão deriva *marabu* do fr. *marabout*. Lokotsch deriva do ár. *marabūt*, propriamente *ligado*, part. pass. do verbo *rahata*, ligar, ser piedoso, depois *asceta*, *santo*, *ermitão*. A. Coelho tirou do ár. *marabath*. V. Dozy, Devic. Eguilaz. Cortesão tirou do it ou esp. ant. *marabuto*».

Tudo isto me parece pouco claro. Antes de qualquer comentário, convém observar o seguinte:

- em 1716 Bluteau só regista a forma *marabuto*, a que não atribui o significado de ave;
- de 1789 a 1858 as seis primeiras edições de Morais também só registam a forma *marabuto*, a que também ainda não atribuem o significado de ave;
- em 1873 Fr. Domingos Vieira só regista a forma *marabuto*, mas já com o significado de ave;
- em 1881 o Contemporâneo só regista *marabú*, com o significado de ave e o de religioso;
- em 1899 Cândido de Figueiredo regista ambas as formas.

Da Academia Francesa só tenho presentes ns eds. de 1777 (nouvelle edition), 1813 (5.^a ed.), 1814 (também 5.^a ed.), 1835 (6.^a ed.). Em todas elas aparece a forma *marabout*.

Bloch diz: «musulman qui se consacre à la pratique et à l'enseignement de la religion», 1651 (dans un récit de voyage à Madagascar qui donne un autre sens: «marabou, qui veut dire barbier ou médecin»). — Emprunté du portugais *marabuto*, emprunté lui-même de l'arabe *morâbit* «attaché à la garde d'un poste-frontière», d'où «ermite», d'où aussi espagnol *morabito* — Le même mot arabe se retrouve dans le nom de la dynastie des Almoravides *al-morâbitîn*, d'où vient le nom de la monnaie espagnole *maravedi*, arabe *morâbiti*, d'abord «monnaie d'or (graffée sous cette dynastie)», et, beaucoup plus tard, «monnaie de cuivre», emprunté en ce sens au XVIII^e siècle sous la forme *maravédis*, encore dans les dictionnaires. — *Marabout*, nom d'oiseau, 1834, est un emploi figuré, par plaisanterie, en raison du port majestueux de cet oiseau; on l'appelle aussi pour cette raison *philosophe*.

Darmesteter e Littré também atribuem origem portuguesa à forma francesa *marabout*. — Webster considera a forma ingl. *marabout* proveniente da francesa, e esta proveniente da portuguesa.

Do que fica exposto parece-me que podemos concluir que a forma cast. *marabú* é um portuguesismo indirecto tal como vimos que acontece com a forma *fetiche* (§ 59 do 2.^o artigo): as duas passaram do português ao francês, e daqui ao castelhano.

50 — **Mester**. — «ant. Menester. Ú. en *Sal.* | 2. ant. Arte, oficio. | de *clerecia*. Género de literatura cultivado por los clérigos o personas doctas de la Edad Media, por oposición al de juglaria. | 3. Especialmente, género de poesia de Gonzalo de Berceo y sus discipulos. | de *juglaria*. Poesia de los juglares o cantores populares en la Edad Media».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a. Na 5.^a já o regista. Em nenhuma lhe indica claramente a origem.

d) — Menéndez Pidal, *Gram. Hist.*, § 24,1 n., sem explicar a queda insólita do -n- intervocálico, diz: «... *menester* (pop. anticuado *mester*)».

Antenor Nascentes dá-nos: «*Mester* — Do lat. *ministerium*, serviço; esp. *menester*, it. *mestiere*, fr. *métier*. Arc. *mesteiro* (Nunes, *Gram. Hist.* 59)».

Meyer-Lübke, REW, 5589, diz: *ministrerium* «Dienst». — Afrz. *mestier* (> it. *mestiere*) «Amt», «Handwerk», «Bedürfnis», nfrz. *métier* «Handwerk», «Webstuhl», *faire le grand métier* mit dem Sachnetz fischen», *faire le petit métier* «mit gewöhnlichem Netze fischen», prov. *menestier* (> kat., sp. *menester*, pg. *mister*) «Handwerk. — Ablt., prov. *menest(ai)ral*, sp. *menestral*, apg. *mesteiral* «Handwerker». — Diez 212; Jaberg, Zs. 27, 53.

J. J. Nunes, *Rev. Lus.*, XIV, p. 64, diz: «A palavra *aluguer* na qual o -er corresponde ao latim -arius, me traz à memória *mister* ou *mester* e *moster*, no nome próprio *Almoster*, em que se dá igual correspondência. Como os respectivos étimos só poderiam dar *mesteiro* (cf. *mesteiral*) e *mosteiro*, resolve o Dr. Leite de Vasconcelos a dificuldade, opinando que procedem ambas as formas do caso genetivo, divergindo, quanto à primeira delas, o Dr. Cornu (Vide a sua *Port. Gram.*, § 100, nota. Igual explicação dá o Sr. M. Pidal na sua *Gram. Hist. Esp.*, 26.2) «que explica por próclise a queda do -o final, deixando sem explicação o nosso -e- por -ei-. Ora, sendo de regra em espanhol a condensação do ditongo em vogal (cf. *otro*, *cosa*, *amó*, *madera*, *beso*, *caballero*, *queso*, etc.), afigura-se-me que, como o estudado *aluguer*, também *mester* ou *moster* de *Almoster* evoluíram em território castelhano donde passaram depois para cá (Nesse número entram também, além de muitos outros, os ordinais *primer* e *tercer* que ocorrem na nossa antiga língua); a confirmar esta minha hipótese, a respeito do primeiro destes vocábulos, está a existência em espanhol antigo de *mester*, a par do actual *menester*.

«Ignoro se o castelhano arcaico possui algum representante do lat. *monasterium* (O português, como o provençal e o francês, supõe uma forma pop. **monisterium* em vez da clássica *monasterium*), pois o actual vocábulo *monasterio* é literário; a existir, a sua forma não podia ser outra senão *monastero* e por próclise *monaster*, próclise que nada teria de anormal, pois o termo devia em muitos casos ser seguido da respectiva designação com ou sem a proposição *de* (cf. o port. arc. *cas F.* ou *cas de F.*; *monaster* em território português daria *moaster* e depois *moster* (cf. o arc. *moyo* de *moigo monachus*); como, porém, a par dela, a língua possui já *moesteiro* ou *mosteiro*, ficaria aquela forma restringida a denominação local. Ora ao nosso *Almoster* corresponde o castelhano *Almonaster*. Não ignoro que a toponímia portuguesa oferece muitos nomes que só pelo caso genetivo ou melhor locativo se podem explicar, mas nos nomes *mester* e *moster*, se a minha hipótese for exacta, será então

escusado recorrer a uma explicação que oferece algo de excepcional, porquanto está boje admitido que os nomes comuns nos provieram do acusativo».

Comentemos, começando pela forma portuguesa *mistér* ou *mes-tér*:— para ser o lat. *ministerium*- o étimo directo do port. *mistér*, encontraram os autores citados duas dificuldades: a queda do *u*-final e a dissolução do ditongo *-ei-*, que devia ter resultado de uma metátese. Quer dizer: em vez da forma *misteiro*, que era a única que regularmente se podia esperar de *ministerium*-, o que temos é *mistér*. Porquê?

Meyer-Lübke procura resolver o problema dizendo que a forma portuguesa *mister* provém directamente da provençal *menestier*; Leite de Vasconcelos tira-a directamente do lat. *ministerium*, mas na sua forma genetiva, isto é, *ministerium* (*Revue hispanique*, II, ps. 117-118); Cornu rejeita o critério de Leite de Vasconcelos, e opina por um efeito de fonética sintáctica por próclise; J. J. Nunes aceita que a forma port. *mister* provém de Castela, provavelmente da forma *mester* arcaica.

O critério de Meyer-Lübke não me parece aceitável, porque não logro compreender como seria possível a passagem da terminação de *menestier* para a de *mistér* ou *mes-tér*; o critério de Cornu também me não parece aceitável, porque não vejo explicação para a passagem do ditongo *ei* de *mesteiro* a *e*; o critério de J. J. Nunes, se é que ele considerava a nossa forma *mester* proveniente da arc. cast. *mester*, também me não parece aceitável, porque primeiro seria necessário explicar a razão por que desapareceu o *-n-* intervocálico na forma castelhana; o critério de Leite de Vasconcelos parece-me foneticamente aceitável, mas uma dúvida se levanta: por que razão com esta palavra entrou em jogo a forma do genetivo e não a do acusativo?

No presente trabalho o que propriamente me interessa não é averiguar a origem da forma portuguesa *mistér* ou *mester*, mas sim averiguar a da forma castelhana *mester*, visto que estou tratando de *Palavras castelhanas de provável origem portuguesa*.

A ausência do *-n-* da forma cast. *mester* parece-me indício seguro de origem estranha, provavelmente portuguesa, pois que é de regra em tais casos cair o *-n-* intervocálico em português, e em castelhano em nenhum caso cair.

Note-se que Meyer-Lübke nem sequer chega a considerar a existência no castelhano da forma *mester*. Por outro lado é sintomático o abster-se a Academia Espanhola de indicar qualquer étimo.

(*Continua*)

Leitura 2ª h.

As Relações entre o Corpo e o Carácter na linguagem popular portuguesa

«O homem e a guerra para vê-los
meia léguas»

Apesar deste aviso, vamos observar o homem de perto, através das cantigas, adágios e modismos do português. Por estas expressões linguísticas procuraremos mostrar que a sabedoria do povo não é alheia aos princípios da fisiognomonia e da fisiopsicologia, apresentando uma série de concepções, mais ou menos assentes, mesmo quando contraditórias, sobre as relações entre o aspecto exterior do corpo ou a sua constituição fisiológica e o carácter.

Os adágios são, neste ponto, bastante sugestivos, embora não estejam reunidos em capítulo à parte nas colecções em que se fazem tentativas de sistematização (1). Tivemos, pois, de percorrer várias colecções de adágios e frases feitas, sem pretender com isso esgotar o assunto (2).

(1) Por exemplo: Rebelo Hespanha *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios* (Lisboa, 1943) e J. A. Pires de Lima *O Corpo Humano no Adágio Popular Português* (Porto, 1946).

(2) Pedro Chaves *Rifoneiro Português*. Porto, s. d. (1945).

Cláudio Basto *Comparações Tradicionais Portuguesas*. Esposende, 1924.

J. da Fonseca Lebre *Locuções e Modos de Dizer Usados na Província da Beira Alta, Apresentados sob a Forma de Diálogo*. Lisboa, 1924.

J. Joaquim Nunes *A Metáfora na Linguagem*, em *Rev. Lusit.*, XXV, p. 286-294.

M. de Paiva Boléo *A Metáfora na Língua Portuguesa Corrente*, em *Biblos*, XI, p. 187-223. Coimbra, 1935.

João Ribeiro *Frases Feitas*, 2 vs., Rio de Janeiro, Lisboa, 1908-1909.

Oscar de Pratt *Locuções Petrificadas. Conjecturas e apontamentos para o estudo da fraseologia portuguesa*. Esposende, 1914.

Alguna coisa aproveitámos dos dicionários de gíria: Alberto Bessa *A Gíria Portuguesa. Esboço de um Dicionário de «Calão»* (Lisboa, 1911); Alfredo Augusto

Limitámo-nos ao português, sem desconhecermos a existência de um substrato comum para a Europa e, em certos casos, para todo o mundo, o que nos leva a «acreditar num fundo étnico geral, numa similitude de concepções humanas primitivas», segundo palavras de Ladislau Batalha (1).

Quanto às cantigas populares, encontramos também, espalhadas pelas várias colecções, algumas de interesse para o tema que nos propusemos tratar. O material é abundante mas acha-se disperso pelos vários cancioneiros, monografias e revistas, com muitas repetições (2). Por isso «do que mais precisamos é de estudos comparativos e interpretativos, e de comentários, para se compreender melhor a alma nacional em uma das suas manifestações mais curiosas e originais, o lirismo...», segundo palavras de José Leite de Vasconcelos (3).

O Aspecto Físico e o Carácter

Começemos por considerar o corpo em geral, estatura e corpulência, bem como os defeitos físicos, sinais, cor da tez, pilosidade, etc. Vários psicólogos têm procurado basear as suas divisões tipológicas na estatura dos indivíduos, tentando estabelecer relações entre as medidas das várias partes do corpo e o carácter. Assim,

Lopes *Termos de Calão e Gíria Popular* (em *Polícia Portuguesa*, Lisboa, 1938...); Afonso do Paço *Gírias Militares Portuguesas* (Porto, 1926); Amílcar Ferreira de Castro *A Gíria dos Estudantes de Coimbra* (Coimbra, 1947).

(1) *História Geral dos Adágios Portugueses*, Lisboa, 1924, p. 31.

(2) Teófilo Braga *Cancioneiro Popular Português* (2 vs., Lisboa, 1911, 1913), de que utilizámos principalmente o 1.º volume, constituído pela poesia amorosa. A este mesmo tema dedica José Leite de Vasconcelos *Poesia Amorosa do Povo Português* (Lisboa, 1890) com um prefácio-estudo sobre as cantigas populares. Tomás Pires *Cantos Populares Portugueses* (2 vs., Elvas, 1902, 1905) faz uma tentativa de sistematização. A Rodney Gallop *Cantares do Povo Português* (Lisboa, 1937), interessa o aspecto musical.

Dos trabalhos referentes a determinadas regiões, citamos os consultados por nós, a começar pelos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, de Teófilo Braga (Porto, 1869); *Cancões Populares da Beira*, de Pedro Fernandes Tomás (Coimbra, 1923); *Cantares do Minho*, de Fernando Pires de Lima (Porto, 1942); *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, de Francisco Xavier d'Ataíde de Oliveira (Porto, 1905), p. 185 a 253.

(3) Carta-prefácio do livro de J. A. Pombinho Júnior *Cantigas Populares Alentejanas* (Porto, 1936).

Viola chega a dividir a humanidade em dois grandes grupos: os *brevilíneos*, atarracados, de génio expansivo, bondoso e amável e os *longilíneos*, altos e magros, de membros compridos e de carácter introvertido. Os adágios confirmam, quanto aos primeiros, essas características:

«em pequeno corpo coração grande»;
«homem pequeno, coração ao pé da boca»;
«homem pequenino, embusteiro ou bailarino» (1).

Talvez por ser dotado de vitalidade fraca e por não dirigir a sua actividade às realidades práticas da vida, não é tida em grande conta a altura do longilíneo:

«os homens não se medem aos palmos»;
«homem grande, besta de pau» (2).

Nos brevilíneos predomina a vida vegetativa, nos longilíneos a de relação; estes serão, portanto, mais inteligentes. O povo alia a ideia de «gordo» e «estúpido» (3):

«barriga grande não dá entendimento e pode dar sofrimento».

Talvez, por ser mais inteligente, o homem magro é para temer:

«homem magro e não de fome, guarda-te dele como de outro homem».

Relativamente à mulher, as opiniões divergem e, ora se preferem as baixas, ora as altas:

«mulher como a franga, que caiba na manga»;
«da mulher e da sardinha, a mais pequenina»;
«a mulher e a sardinha, quanto maior, mais daninha»;
«a mulher e a sardinha, nem da maior, nem da mais pequenina»;
«da mulher e da pescada, a mais alentada»;
«da sardinha e da mulher, da maior que houver»;

(1) Alude-se talvez à vivacidade deste tipo que se torna notado pelo excesso de movimentos e a facilidade de expressão linguística, aproveitada nalguns casos para enganar o próximo.

(2) *Besta*, no sentido de arma, não de animal.

(3) Cp. latim *gurdus*, grosseiro, estúpido.

«Eu hei-de ir ao Alentejo
Buscar uma Alentejana,
Pequenina e bem feita
Rapariga duma cana.»

O bom senso comum desconfia de todo o desvio à normalidade; a pessoa que se evidencia por qualquer particularidade física não é vista com bons olhos:

«Deus que te assinalou, algum defeito te achou»;
«guarda-te daquele a quem Deus assinalou»;
«de homem assinalado sê desconfiado»;
«homem assinalado ou muito bom ou muito bravo».

A antipatia dos normais pelos assinalados vem dos tempos antigos e já no *Levitico* (XXI, 17 a 21) se pode ler que o homem que fosse cego, coxo, corcovado ou remeloso, o que tivesse o nariz pequeno, grande ou torcido, o que tivesse belide no olho, sarna, impingem ou quebradura, e o que houvesse quebrado pé ou mão, não podia oferecer hóstias ao Senhor nem pães ao seu Deus ⁽¹⁾. Ainda hoje se considera de mau agouro ver, em jejum, coxos, corcundas, cegos, vessos ou manetas ⁽²⁾. No Cadaval dizem do coxo:

«Coxo, coxelas,
Enforca panelas;
No tempo das uvas
Enforca viúvas;
No tempo dos nabos
Enforca diabos.» ⁽³⁾

E em Oliveira de Azeméis:

«Se vires o coxo bom,
Contai-a por novidade;
Do calvo que Deus nos livre,
Do gago que Deus nos guarde.» ⁽⁴⁾

Com respeito ao canhoto o adágio avisa:

«quanto mais canhoto, mais maroto»;

(1) Cf. José Maria Adrião, *Rev. Lusit.*, XXIII.

(2), (3), (4) Idem.

e, na gíria, *acanhotado* significa «torto, mau companheiro, amigo infiel». O olhar vesgo revela génio difícil :

«horta e torto, moço e potro e mulher que mira mal,
querem-se saber tratar».

Os sinais do corpo, as sardas e outras marcas causadas por doença também são reveladoras do carácter :

«conhecer pela pinta», «ter má ou boa pinta» (1).

Os sinais do corpo, conforme o sítio em que se encontram, são significativos :

«sinal na cara, mulher descarada» ;
«sinal no peito, mulher de respeito» ;
«sinal no pescoço, mulher de desgosto» ;
«sinal na perna, mulher de taberna» ;
«sinal no braço, mulher de desembaraço» ;
«quem sinal tem sobre os dentes, é honra de seus parentes».

Os sinais do rosto não são mal vistos :

«Eu quero bem a dois nomes, Não sei a qual quero mais: A Joaquim pelo rosto, A José pelos sinais.»	«Mariquinhas, corpo lindo, Rosto cheio de sinais, O dia que te não vejo, Men alimento são ais.»
---	--

Com as sardas, o caso é diferente :

«sardas no rosto trazem desgosto» ;
«mulher sarda ou p... ou ladra» ;
«mulher sardenta, mulher rabujenta».

Mas, outras vezes, a sardenta é preferida :

«da galinha a preta ; da pata, a parda ; da mulher a sarda».

(1. Segundo João Ribeiro (*Frases Feitas*, v. II, p. 27), estas pintas vinham muitas vezes da doença das pintas, o tabardilho, e de outras febres.

No que diz respeito à cor da tez, duma maneira geral, a morena é mais estimada do que a loira ⁽¹⁾:

«Ó meu amor, se tu fores
Ao tribunal das formosas
Agarra-te às trigueirinhas
Que as brancas são enganosas.»

No entanto, nas cantigas populares, algumas vezes as louras são as preferidas. Assim nas *Canções Populares da Beira* (p. 219) «A Trigueirinha» desculpa-se de não ser branca por causa do pó da eira e do crestado do sol e argumenta: «Trigueirinha é a pimenta/ e vai à mesa do rei». E no *Cancioneiro Popular Português*, de Teófilo Braga, encontramos os curiosos retratos de louras *Perfil de uma rapariga* e *Retrato de uma Beleza* (p. 466 e 470).

Como o sistema piloso é o símbolo da virilidade, compreende-se que tenha muita importância para a apreciação das qualidades temperamentais:

«homem peludo ou forte ou amorudo»;
«homem veloso ou valente ou luxurioso»;
«mulher peluda ao homem ajuda; mulher pelada não ajuda nada».

Se o homem careca não é tido em grande conta ⁽²⁾, também a mulher com tal defeito não é apreciada:

«mulher sem cabelo e panela sem asa, com ela fora de casa».

(1) Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala* salienta que o longo contacto com os Sarracenos deixara idealizada, entre os Portugueses, a figura da «moura encantada», tipo de mulher morena e de olhos pretos. A moda da mulher loura, limitada às classes altas, terá sido antes a repercussão de outras influências. No século XVI os embaixadores mandados pela República de Veneza às Espanhas, a fim de cumprimentarem o rei Filipe II, notaram que, em Portugal, algumas mulheres das classes altas tingiam os cabelos de louro e pintavam a cara de branco, convencidas de que todas as trigueiras são feias.

(2) Cp. José Leite de Vasconcelos *A Barba em Portugal, Estudo de Etnografia Comparativa* (Lisboa, 1925), e *Rev. Lusit.*, v. 24, p. 146. Na Idade Média o cabelo curto foi o sinal das raças degradadas. Na Catalunha, os Moiros foram obrigados a cortar o cabelo e, em Portugal, também os Moiros e Judeus. Igualmente se cortava o cabelo às adúlteras. Ainda hoje se chama «careca» ao Diabo.

As cores do cabelo correspondem a várias formas de carácter :

«falso por natura, cabelo negro e barba ruiva» ;
«ruço de mau pêlo ; má casta, má cara e mau cabelo» ;
«ruivo, de mau pêlo, mete o demo no capelo» ;
«ruivo, ruivel, nunca fiel» ;
«homem ruivo e mulher barbuda, de longe os saúda» ;
«se o grande fosse valente, o pequeno paciente e o ruivo leal,
todo o mundo seria igual».

Mas é na barba, principalmente, que se fixa a atenção. Diz Leite de Vasconcelos : «Muitas vezes a barba exterioriza o ânimo de quem a ostenta : que mais fútil de que um bigodinho aparado, e reduzido quase a zero ? que mais grave do que em certos rostos uma ampla barba, grisalha ou alva, que chega ao peito ? Nem sempre, porém, as coisas se passam assim. A moda impera tiranamente, não só nas mulheres, senão também, e com muita força, nos homens» (1).

A barba vem com a idade, pelo que os rapazes procuram apressar o seu aparecimento (2). As cantigas ironizam :

«Estes rapazes de agora
São franguinhos de vintém
Prometem dé réis às almas
A ver se lh'a barba vem.»

Símbolo da virilidade, o homem que a não possui será efeminado, sem valor :

«queixadas sem barbas não merecem ser honradas» ;
«homem que não tem bigode não é homem» ;

«O homem que não tem barba	«Espelho que não tem aço
Não é homem nem mulher :	Virado para a parede :
É uma sardinha assada	O homem que não tem barba
Embrulhada num papel.»	Ninguém faça caso dele.»

«À carvalha cai-lhe a folha,
Ao castanheiro o ouriço :
O homem que não tem barba
Pode-se chamar enguiço.»

(1) Leite de Vasconcelos, *A Barba*, p. 149.

(2) Idem, p. 95 a 98.

Sinal de virilidade, é-o também da honra e da vergonha, pois, um homem para ser perfeito tem de ser honrado, como afirmam Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾ e os adágios :

«homem barbado, homem honrado» ;
 «barba com dinheiro honra o cavaleiro» ;
 «pouca barba, pouca vergonha» ;
 «homem que não tem barba não tem vergonha» ;
 «de homem sem barba, cão com baba e de boi de rabo alvo,
 põe-te a salvo».

Mas nem sempre barba e vergonha andam juntas :

«Deus dá a barba a uns e a vergonha a outros» ;
 «se a barba fosse tudo, podia o bode pregar» ;
 «mais honra a alma que a barba» ;
 «mais honra há que a barbas».

O homem pouco sério, em quem ninguém acredita, é um «barbas de alho».

A cor e a forma são significativas :

«barba de três cores, barba de traidores» ;
 «homem de barba ruiva, uma faz outra cuida ,
 «homem velhaco, três barbas ou quatro» ;
 «antes barba branca para tua filha, que moço de barba partida».

As mulheres, cujo rosto aparece adornado com os caracteres próprios do homem, a barba e o buço, revelam carácter viril, o que não é tido por bom sintoma ⁽²⁾ :

«mulher barbada, de longe a saúda» ;
 «nem a homem calado nem a mulher barbada dês pousada» ;
 «mulher barbada uma faz, outra cuida» ;
 «mulher barbada, navalha na mão» ;
 «mulher de bigode pode mais que o homem» ;
 «mulher de buço nem qualquer lhe apalpa o pulso».

Os pêlos nas narinas revelam mau génio : *ter pêlo, cabelo ou cabelinho na venta*.

(1) Idem, p. 98.

(2) Leite de Vasconcelos *A Barba*, p. 13, diz-nos ser vulgar, em Portugal, a barba feminina e dá duas curiosas fotografias comprovativas.

Das sobranceiras diz o adágio:

«Sobranceiras unidas, sinal de larápio».

Passemos agora às várias partes do corpo, que se julga traduzirem diferenças caracterológicas, conforme a sua configuração.

A cabeça grande pode indicar inteligência (*ser uma grande cabeça*) ou teimosia (*ser cabeçudo*); a cabeça pequena e pouco pesada corresponde a falta de juízo: *cabeça leve*, *cabeça de alvéola*, *cabeça de abrótea*, *cabeça de arelã*, *cabeça de alho chocho*, *cabeça de vento*. À pessoa de pouco siso chama-se também *cabecinha*.

A testa grande relaciona-se com a teimosia: *testudo*.

A arte de conhecer as pessoas pela fisionomia e expressões do rosto existe desde que dois seres humanos se olharam; dos tempos antigos vêm-nos testemunhos do interesse que o rosto desperta como espelho da alma, e nos modernos, não faltam, desde Lavater, os adeptos da *Arte de Conhecer os Homens pela Fisionomia* (1). Os adágios dizem que, abrangendo o rosto num relance, podemos avaliar o carácter de qualquer pessoa:

«na face e nos olhos se vê a letra do coração»;
«o mal e o bem à face vem»;
«a cara não mente»;
«Deus que lhe quis mal, na cara lho pintou»;
«de ruim rosto nunca bom feito»;
«cara de aço nunca é boa».

Conforme o exame é favorável ou desfavorável, assim a conclusão se tira: *ter boa ou má cara*; *mostrar boa ou má cara*; *ser bem ou mal encarado*; *ter cara de poucos amigos*; *carinha de sum, es, fui*; *cara de páscoas*; *cara de quem não quebra um prato*; *cara de parvo*; *cara de esperto*; *cara dura*; *cara deslavada*; *cara estanhada*, etc. O intrujão não esconde na face que o é, pelo que a pessoa advertida pode exclamar «com essa cara não me venhas ver». O hipócrita, que sabe adaptar a expressão do rosto às diferentes situações que mais lhe convêm, é «homem de duas caras» ou tem «duas caras como o feijão frade». Quem não tem vergonha é como se não tivesse cara, *descarado*, pois a vergonha se traduz nas faces pelo rubor, movimento dos olhos e, até, porque na barba se vê o sím-

(1) Cp. o *Dictionnaire des Visages* de E. Fougerard (Paris, 1918).

bolo da honra e da vergonha. Às vezes o descaramento não é mau de todo e pode significar atrevimento desejável :

«O meu amor não é este,
O meu chama-se João :
Descaradinho da cara,
Alegre do coração.»

Que a vergonha se reflecte na cara, dizem-no-lo frases como estas :
ser a vergonha da minha cara ; ter cara para . . . ; não ter cara.

Os diagnósticos, porém, nem sempre são fáceis :

«quem vê caras não vê corações» ;
«a gente vê caras, não vê corações» ;
«cara de beato, unhas de gato» ;
«cara de mel, coração de fel».

Finalmente, há a *cara fechada* e a *cara de pau* que não dizem nada ao observador.

A formosura feminina anda aliada, nos adágios, à leviandade :

«mulher formosa, doida ou presunçosa» ;
«dize-lhe que é formosa e tornar-se-á doida» ;
«moça louçã, cabeça vã».

Mas, na face, são os olhos que revelam o carácter e o íntimo da alma com maior nitidez :

«os olhos são o espelho da alma» ;
«os olhos não enganam, nem mesmo quando pretendem enganar» ;
«o amor e a fé nos olhos se vê».

«O coração e os olhos	«Teus olhos, teus lindos olhos,
São dois amantes leais :	Não guardam silêncio mudo ;
Quando o coração tem penas,	Quanto a tua alma sente
Logo os olhos dão sinais.»	Os teus olhos dizem tudo.»

A espezteza revela-se no brilho : *ter lume no olho.*

A cor dos olhos é estimada de diversas maneiras ; geralmente são os olhos castanhos os mais comuns à raça portuguesa ; as outras cores são raras :

«(Olhos brancos, olhos pretos,
Olhos azuis, olhos verdes :
Estas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vedes.»

«Olho branco em português, ou filho de potra ou erro da natureza» ;
«olho azul em português é erro da natureza».

Sendo as morenas preferidas, gozam os olhos pretos e castanhos de especial favor ; estes últimos são cantados como expressão de lealdade :

«Olhos pretos são falsários,	«Os Olhos azuis são falsos,
Os azuis são lisonjeiros :	Os verdes são lisonjeiros,
Os olhos acastanhados	Os pretos e acastanhados
São os leais verdadeiros.»	São os leais, verdadeiros.»

Os olhos pretos aparecem em grande número de cantigas amorosas, ora como símbolo de firmeza, ora como causadores de penas de amor ; em todo o caso, são eles que mais corações roubam :

«Sapatinho duma sola	«Olhos pretos como os meus
Trago debaixo do pé ;	Não os cria a natureza :
Todos os olhos são falsos,	Cria outros mais lindos,
Só nos pretos tenho fé.»	Mas não com tanta firmeza.»
«Olhos pretos, sonhadores,	«Eu amei dois olhos pretos,
Por que não vos confessais	Sairam-me dois traidores ;
Dos delitos que fazeis,	Quem diz que o preto é firme
Dos corações que roubais ?»	Não aparta nada de cores.»

Os olhos verdes não são considerados bonitos, pois lembram os dos gatos e são falsos como o próprio gato ⁽¹⁾ :

«olhos verdes, olhos traidores» ;

«Olhos verdes, olhos verdes,
Olhos verdes são gaiatos ;
Se eu quisesse uns olhos verdes,
Tinha lá os dos meus gatos.»

(1) Sobre a questão da realidade dos olhos verdes, frequentes nos portugueses, como pretendia D. Carolina Michaëlis, ou da sua origem literária, pela confusão que se deu em francês entre *vair* (< *varius*) e *vert* (< *viride*-), veja-se Harri Meier «*Os olhos verdes na literatura*» em *Ensaio de Filologia Românica* (Lisboa, 1948), p. 191-207. D. Carolina, a p. 414 do volume II do *Cancioneiro da Ajuda*, diz-nos ter sido Guilhade o primeiro poeta português a celebrar os olhos verdes contra a sabedoria tradicional que decreta «Olhos verdes, olhos de traidores».

O adágio avisa :

«olhos verdes em poucas caras os vedes e, onde os verdes, fugi deles»,

confirmado pelas quadras :

«Olhos verdes não os quero,	«Os teus olhos verdes, verdes,
Pois são sinais de traição...	São duas grandes mentiras ;
Dizem esp'ranças à vista,	O verde é cor de esperança,
Tristezas ao coração.»	E tu a esperança me tiras.»

Assim como a mulher loira é preferida por muitos, também os olhos azuis o são, apesar de o adágio avisar :

«olho azul em raça portuguesa é velhaco com certeza» ;

«Os olhos pretos são falsos,	«Os olhos pretos são falsos,
Os castanhos matadores ;	Os azuis são esquisitos ;
Os olhos da cor do céu	Os olhos do meu amor
São esses os meus amores.»	São azuis e bem bonitos.»

Além dos olhos, encontramos outras partes significativas para a apreciação do carácter. O nariz relaciona-se com o mau génio : *ter ventas ; nariz arrebitado ; mau nariz para óculos*. O comprimento e o aspecto dizem alguma coisa :

«mulher de nariz arrebitado é levada do Diabo» ;
«homem narigudo, poucas vezes é cornudo».

Os autoritários são «senhores do seu nariz» e os palermas não «sabem onde têm o nariz».

As orelhas grandes são sinónimo de estupidez e teimosia, por relação com as dos burros : *ter orelhas de burro ; ser orelhudo* :

«grande pé e grande orelha, sinal é de grande besta».

A *língua comprida* exprime indiscrição e a *língua afiada* maledicência, porque corta nas vidas alheias.

O *peito largo* alia-se à ideia de valentia, designando-se assim, no Brasil, o valentão que serve de guarda-costas a um senhor. O homem efeminado recebe a designação injuriosa de *tetas*, por estas glândulas serem características das fêmeas.

«Ter as costas largas» aplica-se à pessoa a quem todos inculpam.

Os braços são considerados os instrumentos de trabalho :

«língua longa, braço curto».

A mão associa-se a vários conceitos; é instrumento de trabalho:

«a língua longa é sinal de mão curta»;

de generosidade: *mãos largas, mãos rotas, mãos atadas* (sovina); do roubo: *mãos de águia*. São também o símbolo da honradez: *mãos limpas*, homem honrado.

As unhas são tidas como meio de praticar roubos: *ter as unhas compridas* é o mesmo que ser larápio.

O pé pesado, seguro no andar, como o *pé de boi*, serve para exprimir a prudência.

A Constituição Fisiológica e o Carácter

As relações entre o fisiológico e o psicológico, entre o funcionamento dos órgãos e o comportamento, têm chamado desde os tempos antigos a atenção dos que se dedicam ao estudo do homem e, a partir de Hipócrates e Galeno, se tem procurado constituir grupos tipológicos baseados em tais relações. Hoje encontramos na linguagem popular reminiscências da velha teoria dos humores, por exemplo, ao traduzir-se a boa ou má disposição do espírito (*estar de bom ou mau humor*). Da mesma maneira, quando se diz que uma pessoa pouco emotiva é *fria*, pois, segundo Galeno, os humores frios são a linfa e a bilis negra; portanto, *frios* serão os linfáticos e nervosos. Por outro lado, *ter o sangue quente* significa irritar-se facilmente, como é próprio dos sanguíneos e coléricos, que têm humor quente, a quem «ferve o sangue». São vulgares os adágios:

«trio de mãos, quente de coração»;

«mãos frias, coração quente (amor para sempre)»;

«mãos quentes, coração frio, amor vadio».

talvez por que as pessoas de sangue frio, na classificação de Galeno, são menos emotivas, mas mais constantes nas suas afeições, ao contrário dos sanguíneos e coléricos. Também dizemos *seco* na acepção de pouco afectivo, desabrido; são os biliosos, caracterizados pela violência de ânimo (coléricos) e pela reduzida expansividade (nervosos) que têm humores secos. Aqueles em que predomina a bilis amarela ou negra, devido ao seu génio agressivo nuns casos, triste noutros, têm, por isso, *maus figados, figados de pantera* ou *figados de lobo*, estão *cheios de fel* ou *cóm os seus azeites*, derramando a sua *bilis* nas explosões de violência; são aqueles que não perdoam,

capazes de odiar com *ódio figadal*. O sangue já na classificação de Galeno tinha grande importância; a pessoa em quem ele predomina é activa, isto é, *tem sangue na gueltra*, enquanto o linfático é indolente *não tem sangue nas veias, tem sangue de barata ou sangue de peixe*; o primeiro é expansivo e franco:

«bom sangue não mente»;

«melhor é rosto vermelho que coração negro»;

o segundo é metido consigo e dissimulado

«de amigo sem sangue, guarda-te não te engane».

Na sua tipologia, Sigaud atende ao aparelho digestivo e respiratório. Também o povo sabe que o bom ou mau funcionamento do estômago e dos bofes traz consequências temperamentais e caracterológicas. Assim, as pessoas *de bom estômago* são pacientes e de bom génio, sofrendo as ofensas sem irritação, ao contrário das *de mau estômago* ou *de estômago danado*. *Isto dos bofes* diz-se daquele que se mostra esquivo, desamorável e desabrido, usando-se para o malvado a expressão *ter maus bofes* ou *bofes de cão*. Pelo contrário, o homem *de bons bofes* é bondoso e o *de bofes lavados* bonacheirão e franco: «fala de coração e bofes lavados» e «mostra os bofes».

Sendo o coração o órgão propulsor do sangue, é nele que se reflectem as alterações cardiovasculares, traduzindo nas palpitações as variações no aceleramento da circulação, devido a emoções, mais ou menos intensas. Não admira, pois, que fosse tomado ele próprio como sede da affectividade e do sentimento amoroso:

«O amor quando se encontra,
Causa pena e dá gosto:
Sobressalta o coração,
Sobem as cores ao rosto.»

«A silva nasce da silva,
A silva nasce do chão;
O querer bem nasce da alma,
Da raiz do coração.»

«Abre-te peito e fala,
Coração salta cá fora;
Anda ver o teu amor
Que chegou aqui agora.»

Para exprimirmos grande desejo ou amor, dizemos: *de todo o coração*, e quando a nossa vida affectiva é demasiado intensa temos *o coração a transbordar*. Se pretendermos comover alguém, excitar

a sua affectividade «falamos-lhe ao coração» ou «vamos direitos ao coração».

Extinguir-se a affectividade equivale a «morrer o coração no peito»:

«Põe os olhos em meu peito
Verás meu coração morto,
Olha as tuas saudades
Em que estado me têm posto.»

O coração foi tomado como símbolo do amor que a arte, a poesia e os simples namorados aproveitam (1). Na linguagem amorosa, *coração* e *coraçõzinho* são epítetos dados ao ser amado. O amante como que recolhe dentro do próprio coração o ser amado, pelo que duas pessoas amigas são «dois corações num só» e cativar alguém é «metê-lo no coração»:

«Meu coração abre e fecha
Sem ser arca nem baú:
Está fechado p'ra todos,
Aberto só para um.»

«Eu quero-te um bem tamanho,
Que não sei onde te meta:
Dentro do meu coração,
Que é verdadeira gaveta.»

«Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes:
Olha que andas dentro dele,
Se o matas, também morres.»

«Já te amei, já te não amo,
Já te perdi afeição,
Já te varri à vassoura
Fora do meu coração.»

Como bom registador das emoções, o coração revela a vida affectiva de cada um, tornando-se, portanto, o órgão da franqueza e da lealdade:

«não há coisa mais leal do que o coração».

As pessoas francas têm o *coração na boca*, como se fosse ele mesmo a falar:

«Coração perto da boca
Faz um peito que regala;
Em certas ocasiões,
Arrebenta, se não fala.»

(1) Costumam estes desenhar um coração nas suas cartas de amor ou dobrá-las com essa forma; os «lencinhos», prendas de namorados, também frequentemente levam um coração bordado. Este é ainda motivo ornamental muito usado no traje feminino, jóias, forma da algibeira das mulheres do povo, etc. Cf. Leite de Vasconcelles *Excursão Alentejana*, 1914, principalmente no apêndice: «O Coração na Arte e Poesia Popular».

Portanto, quem mostra o coração, mostra-se sinceramente tal como é, «fala com o coração nas mãos». E, para conhecer alguém, basta meter a mão no coração ou ler no coração:

«Menina se sabe ler
Leia no meu coração,
Que dentro dele há-de achar
Se lhe quero bem ou não.»

O coração é, por natureza, bom; a maldade que nele possa haver é como que uma sujidade, pelo que *coração lavado* significa «leal».

Avaliando a afectividade, o coração caracteriza o homem sob esse aspecto. Conforme revela bons ou maus sentimentos, uma maior ou menor sensibilidade, assim *tem coração, bom coração, grande coração, coração de oiro, coração de pomba* ou *não tem coração, mau coração, coração duro, coração de bronze, coração de pedra...*:

«L'assei pela tua porta
Pus a mão na fechadura,
Não me vieste falar,
Coração de pedra dura.»

Ter pêlos no coração diz-se das pessoas duras e cruéis⁽¹⁾.

Segundo o povo, que crê nos pressentimentos, é o coração que adivinha e dá o rebate por meio das palpações: «diz-me o coração que...», «ter um palpito», «dar um baque o coração», «dar uma pancada o coração». Os amantes ouvem gostosamente essa voz:

«O meu coração palpita
E um segredo me diz:
Eu contigo tarde ou cedo,
Hei-de vir a ser feliz.»

(1) Na *Revista Lusitana* v. XVII, p. 74, vem a explicação do facto: Supunham os antigos que as pessoas más tinham realmente pêlos no coração, havendo anatomistas que tal facto declaram ter observado nas suas necropsias. D. Martín Martínez, na sua «*Anatomia Completa del Hombre*» (Madrid, 1745), declara terem-se observado casos de corações cobertos de pêlos, o que é indicio de fortaleza e ousadia, e cita alguns exemplos históricos. A ciência confirma em parte este aspecto «peludo» do coração, coma tratando-se de um caso patológico, pericardite de copioso exudato fibrinoso, ainda hoje conhecido por «cor villosum». O povo, aliando aos pêlos a ciência e a fortaleza, supôs que as pessoas fortes ou cruéis os possuíam no órgão dos sentimentos, pelo que seriam ruins.

E podemos confiar nele, pois :

«coração pressago nunca mente» (1).

O coração não fica indiferente ao medo; se a respiração e outras funções orgânicas se alteram sob a acção deste estado emocional, foi o coração que ficou como sede da «coragem», palavra derivada do latim «cor». Perder a coragem corresponde a *perder o ou ir sem coração, ficar descorçoado*. Procurar retomá-la é *cobrar coração*, e *fazer das tripas coração* diz-se quando alguém se esforça por aparentá-la, quando ela na verdade falta.

Finalmente, o coração era já, entre os Romanos, considerado a sede da memória, donde, possivelmente, a expressão *saber de cor* (2).

Os Gestos e a Linguagem como Expressão do Carácter

Certas expressões fisionómicas são muito significativas para a apreciação do carácter, como, por exemplo, a maneira de olhar. Assim, *olhar de frente* exprime sinceridade, franqueza, lealdade, visto que os olhos falam e se pode ler neles; expõe-se à observação de outrem, para que se veja o interior que neles transparece às claras. E, como quem olha direito conserva a cara direita, chama-se *cara direita* à pessoa que, moralmente, possui direitura, rectidão, lealdade (3):

(1) Cláudio Basto, em *Revista Lusitana*, v. XXI, p. 216, alude à crença, já entre os Antigos, de ser o coração o órgão do adivinhar, citando uma passagem de António Ferreira na *Luz Verdadeira e recopilado exame de toda a Cirurgia* (4.^a ed., Lisboa, 1705), p. 22: «Foi ordenado pela natureza (o baço) não só para..., senão, como dizem os Antigos, para ser assento do rir, como o coração do adivinhar e saber, os bofes do falar, o fel da ira, o figado do amar, donde vêm aqueles versos :

«COR SAPIT ; ET PULMO LOQUITUR ; FEL CONTINET IRAS ;
SPLEN RIDERE FACIT ; COGIT AMARE JECUR.»

(2) Cf. Antenor Nascentes *Dic. Etim.* v. g. *cor*; *R. E. W.*, 2217: na Idade Média a palavra significava estômago e considerava-se lugar da memória e do juízo. L. Spitzer (*R. F. H.*, v. VI, p. 176) dá uma engenhosa explicação inversa à geralmente proposta para *decorar*; considera *de cor* de verbal de *decorar* e faz a história cultural do conceito de *decorar* na Idade Média.

(3) Cf. Cláudio Basto *A linguagem dos gestos em Portugal* em *Revista Lusitana*, v. XXXVI, p. 5 a 72.

«Olha para mim direito,
Não olhes atravessado,
Que o olhar sem ser direito
Faz-me estar desconfiado.»

Ao olhar direito opõe-se o *olhar atravessado*, *olhar de esquelha*, *de través*, *de revés*, *torto*, ou *vesgo*, que traduzem geralmente dissimulação, manha, maldade, traição, amuo, etc. Daí, possivelmente, o ter-se em má conta os estrábicos, «vesgos» e «tortos» ⁽¹⁾; *Piscar o olho* indica, muitas vezes, pouca seriedade, pois é um sinal dirigido dissimuladamente:

«Ai menina, não se namore
Do rapaz que pisca o olho.
Por cima se ceifa o pão
Por baixo fica o restolho.»

O *baixar os olhos* pode indicar dissimulação, necessidade de esconder o íntimo:

«quem fala com os olhos fechados quer ver os outros enganados»;
«não fies nem um tostão de quem põe os olhos no chão».

Olhar por cima do ombro significa soberba (Cláudio Basto), porque o individuo se julga em plano superior e olha de alto e, para de mais alto olhar, levanta a cabeça e recua-a um pouco.

O desdém, a zanga, o desprezo fazem *voltar as costas* ou *voltar a cara*, para não se ver o que não agrada e a vaidade faz *olhar para a sombra* que serve à falta de melhor espelho.

Torcer o nariz exprime aborrecimento, despeito ou zanga ⁽²⁾, e as pessoas que facilmente se aborrecem ou zangam são «umas ventas torcidas».

Mostrar os dentes pode significar atitude irada de quem se prepara para atacar mordendo:

«arreganha o dente quem é valente»,

mas nem sempre, pois:

«saber os dentes ranger, não é saber morder».

(1) *Torto* tem sentido pejorativo, applicando-se a pessoas de maus sentimentos, velhacas; diz-se dos vesgos que «olham contra o Governo».

(2) *Zangar-se* é *ficar com nariz de palmo e meio*.

Na maior parte das vezes, porém, é o riso que faz *andar com os dentes de fora* ou a *mostrar a pinhoada*, como dizem em Nisa (*Rev. Lusit.*, v. XXXVI, p. 290). A pessoa que ri muito facilmente ou é trocista ou parva:

«homem que zomba tem mau coração» ou «é pateta» ;
 «muito riso, pouco siso» ;
 «é frequente o riso na boca de quem não tem siso» ;
 «é sempre alegre o tolo, por não conhecer as razões da pena» ;
 «risinho pronto, miolo chocho» ;
 «no riso é o doido conhecido» ;
 «tanto ri o insensato como chora o timorato» ;
 «melhor é chorar com os sábios, que rir com os néscios».

A pessoa ajuizada, honesta, sincera e leal, ri menos, não zomba, por isso é «séria», trata com «seriedade».

O choro, por seu lado, é bem visto, revelador de sensibilidade e bom coração:

«homem rezador e que chora, o Deus nele mora» ;
 «olhos que não choram não sabem ver» ;
 «fugir do homem orgulhoso que se envergonha de verter lágrimas».

Mas também é considerado vergonhoso, no homem, não dominar os excessos de emotividade reduzida a lágrimas ; pode ser tido coma sinal de fraqueza. Além disso, há a distinguir o choro hipócrita, as «lágrimas de crocodilo», os que «choram por um olho azeite e por outro vinagre» :

«não os olhos que choram, senão as mãos que trabalham» ;
 «mulher que sempre ri, homem que sempre chora e mancebo cortês,
 merda para todos três» ;
 «lágrimas nos olhos, risos no coração» ;
 «lágrimas de herdeiros, risos sorrateiros».

«De cima do muro	«Alfaiates não são homens
Se apanha a azeitona ;	Nem se lhes pode chamar ;
Quando o homem chora	Quando perdem uma agulha,
Tem pouca vergonha.»	Põe-se logo a chorar.»

As mulheres são mestras em se servir das lágrimas para conseguirem os seus fins. Mais emotivas por natureza, choram com maior facilidade:

«em manqueiras de cão e lágrimas de mulher, não há que crer» ;
 «lágrimas de mulher valem muito e custam-lhes pouco» ;
 «a mulher ri quando pode e chora quando quer» ;

«não cries galinha onde a raposa mora nem creias em mulher que chora» ;
 «as lágrimas são o forte das mulheres» ;
 «as mulheres parece que trazem as lágrimas numa bilha» ;
 «lágrimas de mulher é tempero de malícia».

A maneira de falar, uma vez que a linguagem é a expressão do pensamento, não podia ficar de parte :

«as palavras mostram o que cada um é» ;
 «os homens conhecem-se pelas palavras e os bois pelos cornos» ;
 «a panela em soar e o homem em falar» ;
 «a língua não mente o que o coração sente» ;
 «diz a boca o que o coração sente» ;
 «não diz mais a língua que o que sente o coração».

Mas o homem ardiloso sabe enganar por meio das palavras, dizendo o contrário do que sente ou pensa :

«as palavras boas são, assim fora o coração» ;
 «palavras de santo, unhas de gato» ;
 «falas de mel, coração de fel» ;
 «boca de mel, coração de fel» ;
 «mel nos beijos, fel no coração» ;
 «debaixo de boa palavra aí está o engano».

«Ninguém se fie nos homens,
 Nem no seu doce falar :
 Eles têm falas de açúcar,
 Coração de rosalgar.»

Certas maneiras de falar, pela sua anormalidade, são consideradas reveladoras de mau carácter, tais como a gaguez e a voz efeminada :

«Falas-me a gaguejar, estás-me a enganar» ;
 «antes boca de pragas que boca de favas» ;
 «fugi do gago na sua braveza, dos que andam sempre a rir
 e dos que assinalou a natureza» ;
 «homem que fala como mulher, livre-me Deus dele» ;
 «homem com fala de mulher nem o Diabo o quer».

Falar sozinho é falar com o Diabo :

«quem consigo só anda falando, o Diabo o está enganando».

Geralmente, prefere-se o silêncio ao palavriado dos maldizentes e dos néscios, que não sabem o que dizem :

«o pouco falar é oiro e o muito é lodo» ;
 «a asneira é sempre faladora» ;
 «quanto menos se pensa mais se fala» ;
 «muito falar, pouco pensar» ;
 «muito falar, pouco acertar» ;
 «cântaro vazio sea muito» ;
 «tão duro é ao doido calar, como ao discreto falar» ;
 «é de louco falar muito e não falar pouco».

Às vezes o ficar calado não passa de ignorância ; mas o parvo que sabe calar já revela alguma sabedoria :

«calar é a sabedoria dos tolos» ;
 «parvo calado pouco dista do avisado» ;
 «burro calado se torna sábio» ;
 «néscio calado por sábio é contado» ;
 «tolo calado passa por avisado» ;
 «o parvo, se é calado, por sábio é reputado» ;
 «passa por atilado um tolo calado».

Revelado o carácter pelas palavras, o homem pode calar-se para não dar a conhecer o seu intimo. São os dissimulados, os que têm intenções reservadas :

«guarda-te do cão que não ladra e do homem que não fala» ;
 «da pessoa calada afasta a tua morada».

Nas mulheres, consideradas por natureza faladoras, o pouco falar é tido por virtude :

«a mulher e o melão, o calado é o melhor» ;
 «a mulher de bondade, outrem fale e ela cale» ;
 «a mulher e a cachorra, a que mais cala é a mais boa» ;
 «a mulher e a pega, a que cala é boa».

Este desvio à regra geral do sexo suscita desconfiança nalguns :

«não te fies em mulher que não fala e cão que não ladra».

Por tudo isto :

«devemos procurar as mulheres antes com os ouvidos que com os olhos».

A arte está em saber falar e calar a propósito:

«moço bem criado, nem de seu fala, nem, perguntado, cala»;
«moço malcriado, do seu muito fala e, perguntado, cala».

Para terminar, podíamos citar ainda certas funções, como o arrotar, o bocejar, o urinar, etc., que servem para exprimir estados de alma:

«arrotar a postas de pescada»; «arrota pelintra e faz-te lord»⁽¹⁾;
«fala-me claro e mija-me direito»; «ser mija mansinho» (o que dissimula ingenuidade para conseguir os seus fins); «bocejo longo, fome, sono ou ruindade do dono»; *babar-se*, envaidecer-se; *baboso*, *babão*, pateta apaixonado.

Quanto às atitudes do corpo que traduzem estados de alma remetemos para o citado artigo de Cláudio Basto «*A Linguagem dos Gestos em Portugal*», muito rico, principalmente em abonações de autores portugueses.

DELMIRA MAÇÃS

⁽¹⁾ No Brasil, *arrotos* significa «basólicas». Cf. Manuel Viotti *Dicionário da Gíria Brasileira*, S. Paulo, 1945.

Um capítulo de fonética dialectal: a inicial em Cachopo (Algarve)

Apesar de se articularem sem grande energia, as *vogais acentuadas* são relativamente resistentes no nosso dialecto. Conservando-se em geral, por causa da sua posição privilegiada, elas são largamente diferenciadas pelos sons vizinhos. As vogais não acentuadas, pelo contrário, estão sujeitas a uma redução maior, que chega a miúde a sua queda completa⁽¹⁾. O português dialectal apresenta uma marcada tendência para a *desvocalização*. O carácter consonântico acentua-se, evidentemente, muito mais na linguagem corrente e coerente do que na articulação de palavras isoladas. Por isso, prestámos especial atenção aos fenómenos de fonética sintáctica. Mas, ainda assim, as observações mantêm-se dentro de limites bastante estreitos, visto que a linguagem viva apresenta infinitas combinações e sofre importantes influências do temperamento individual, da disposição momentânea do tema da conversa, que são difíceis de avaliar e fixar com exactidão.

(1) Cf. J. J. NUNES, *Sorte das vogais átonas, pretónicas, ou postónicas, R(evista) Lu(sitana)* 7,41. O presente artigo é um capítulo da nossa dissertação *Beschreibende Phonetik der Mundart von Cachopo (Oestliches Algarve)*, Zurich (dactilografada), da qual uma parte foi publicada, com o título citado, em Winterthur, 1938. Resumimos aqui as indicações sobre a transcrição fonética empregada, remetendo, para mais indicações, à parte publicada:

i, e, o, u	vogais médias	i̯, u̯ (i ^u)	elemento ditongal ou semivocálico
ɛ, ɔ	vogais fechadas	ɸ	tricat. bilab. surda
ɛ̃, ɔ̃	extremamente fechadas	ʃ	africada predorsal surda
ā, ē etc.	vogais longas	ʒ	" " sonora
ā, ē etc.	vogais de acento principal	ɲ, ɳ	palatais
ä	palatal (variante ü)	ɳ	nasal pospalatal
ä	entre e e a, com grande energia articulatória	j	fric. prepal. semicons.
ā, ē	átonos (cp. o texto)	y	fric. prepalatal
α	medio palatal (= a descharacterizado)	i̯, e̯, o̯, u̯	vogais abertas

As *vogais átonas* são muito mais pobres em variantes que as de acento principal, tendo geralmente um timbre pouco individualizado e levemente flutuante (2). Faltam na sua gama:

a " a a i u
" " " " " "

O *a* e o *e* são reduzidos para *α* e *ə*. Em contacto com bilabiais, *a* pode passar para *ã*, som intermédio entre *a* e *o*.

Entre as não acentuadas, as *vogais da sílaba inicial* são as mais resistentes, comparadas com as pretónicas, postónicas e finais, que mostram menor firmeza própria. Damos a seguir uma descrição das condições e das formas em que se apresenta, na fala algarvia de Cachopo, a vogal inicial *a* que corresponde a letra *a* na língua escrita.

Geralmente, nota-se uma maior resistência na inicial nasal do que na oral; a nasal só desaparece em raros casos e sofre uma influência relativamente fraca das consoantes vizinhas. (O mesmo vale para as outras átonas: pretónicas, postónicas, finais.) A inicial absoluta (por ex.: *alvião*) é mais firme que a inicial depois de consoante, não absoluta (por ex.: *calção*). Apresenta-se amiúde a prótese (3). Não é de importância primordial a posição da vogal inicial em sílaba livre ou entravada. A inicial não absoluta, a menos resistente, está a passar por uma reorganização interior para se salvar da queda completa. Este processo pode atingir todas as vogais iniciais. Elas juntam-se, por assim dizer, sacri-

<i>ε, ɔ</i>	extremamente abertas	<i>â</i>	entre <i>a</i> e <i>o</i>
<i>ã, ɛ̃, ĩ, õ, ỹ</i>	vogais nasais	<i>r</i>	vibrante (= uma vibração)
<i>ɛ̃, ɛ̃, etc.</i>	vogais breves	<i>ɾ, ɾ̃,</i>	vibrante (2-4 ou 4-7 vibr.)
<i>à, ê, etc.</i>	vogais de acento secundário	<i>ɾ ɶ</i>	articulação surda
<i>a</i>	velar	<i>l</i>	fric. lateral alveolar
<i>a</i>	muito velar	<i>h</i>	aspiração laringea
<i>α</i>	extremamente velar	<i>x</i>	fricat. surda pospalatal
<i>ə</i>	mediopatal (= <i>e</i> descaracterizado)		

d, g, r atravessados por um traço designam fricativas sonoras; *l* com traço oblíquo = *l* gutural; *l* com traço horizontal: entre o *l* alveolar e o gutural.

Os números em parêntese que precedem as transcrições indicam as pessoas interrogadas.

(2) Com excepção do tipo *ê*; cp. o texto.

(3) C. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Lições*, 62.

ficando cada uma a sua individualidade enfraquecida, para sobreviver como parte duma unidade que as representa a todas em comum. Esta unidade é formada por uma espécie de vogais largas articuladas com a parte posterior da língua.

Na sua articulação, a língua toma uma posição desconhecida nos outros sons portugueses. A sua parte posterior aproxima-se do véu do paladar e deixa em toda a sua largura apenas uma passagem livre de 2 a 3 milímetros. Ela fica, portanto, fortemente abobadada e adapta-se, tanto quanto possível, à forma arqueada do véu. Imediatamente adiante desta passagem estreita, a parte média e anterior da língua toma a forma côncava duma colher; as margens da língua tocam ao mesmo tempo os molares superiores; o ápice mantém-se uns 2 milímetros atrás dos alvéolos superiores. Os cantos da boca são levemente repuxados para os lados; a abertura dos lábios alonga-se; a distância maxilar entre os incisivos oscila entre 2 e 5 milímetros. A maxila inferior é muitas vezes levemente projectada para diante, durante a articulação, com os músculos tensos. Os músculos da língua, das faces e dos lábios mantêm-se tensos, com energia. Em princípio, o som apresenta sempre esta articulação que na nossa transcrição fonética se representa por um semicírculo sobre a vogal indicada, com a abertura para baixo.

Ainda que a vogal originária tenha perdido muito da sua individualidade, ela pode provocar às vezes, no novo tipo, uma certa diferenciação e conservar assim um resto de distinção: na articulação de iniciais provindas de *a*, *e*, *i*, segundo a abertura maior ou menor destas, a caixa côncava de ressonância entre a língua e o paladar pode tornar-se maior ou menor (elevando-se a maxila inferior, diminuindo a concavidade da parte anterior da língua, elevando-se a parte média e posterior da língua); *o* e *u* confundem-se completamente no novo tipo descrito.

Acusticamente, o som tem qualquer coisa de duro e fechado. Dada a pequenez da caixa de ressonância, por causa do levantamento da parte anterior e posterior da língua, o timbre tem um carácter escuro e velado. A sonoridade é muito pequena. Como único som comparável poderia lembrar-se o *u* russo. Mas, fisiologicamente, a posição diferente da ponta da língua origina diferenças importantes. São essencialmente diferentes também fisiologicamente, as vogais *ă* e *i* do romeno com a sua articulação médio-palatal ⁽⁴⁾.

(4) A. ROSETTI, *Contributions à l'analyse physiologique et l'histoire des voyelles roumaines ä et i*. Bull. Ling. 3, 1935, 85.

Na transcrição, damos ao novo tipo o sinal $\hat{e}$; neste caso, $\hat{e}$ designa, portanto, qualquer vogal da série $a - e - i$ (poderíamos ter escolhido igualmente a ou i como sinal do tipo), e distingue-se, sob vários aspectos, da vogal palatal larga e noutra posição. Sendo $\hat{e}$ o tipo básico das vogais átonas (neste caso: iniciais), $\hat{a}$, $\hat{e}$, $\hat{i}$ apenas representam as suas leves diferenciações acústicas.

O tipo $\hat{e}$ ocorre: 1.º quase sem excepção, quando consoantes de energia articulatória e de sonoridade especiais (como rr) exigem uma vogal inicial; 2.º com certa regularidade depois de oclusivas (especialmente k); 3.º sem influência das consoantes vizinhas, na articulação enfática, destinada a realçar certas palavras.

$\hat{e}$ é sempre uma vogal breve, mas costuma ter um acento secundário bastante forte; às vezes, este equivale ao acento principal ou até o supera. Depois do tipo $\hat{e}$, por causa do seu timbre duro, as oclusivas sonoras nunca passam para fricativas.

Consoante + a (ortográfico) inicial

Entre as vogais iniciais, a é a mais resistente.

a) O desaparecimento completo só se dá antes de r , quando desta maneira se forma um dos grupos consonânticos populares com cons. + r .

1. (2) caranço > krēs^u 5); carançado > kr^jēsua^u ; 1.
carvalho > kr^αvāl^u 6); carvalha > kravāl^α 'pequenâ erva
 dos campos' 6); carvalheira > kraval^jēr^α 'espécie de
 erva' 6); em barbio > ēmbri^j 'em pousio'; para fazer a
parede > p^{rα}fazélaparē^ā , p^{rα}... 7).

(5) Alent. o *caranço*, 'ternura, carançado'; GOMES FRADINHO, *RLu.* 30,299.

(6) O fenómeno primário é a queda da vogal inicial e a formação do grupo preferido *-cr-*, e secundária a nova formação dum elemento vocálico para evitar o grupo triconsonântico. Cp. alg. *crvalho*; NUNES. *RLu.* 7,117.

(7) Sem qualquer vibração das cordas vocais, por influência das consoantes surdas vizinhas.

b) O *a* inicial antes de *l* gutural conserva geralmente o seu carácter gutural, mas pode ser reduzido de sonoridade, apesar disto.

2. (2) calção > kalsã⁸ 'calção de montar'; galgueira > galgêr^α; galrito > galrīt⁸; salgar o queijo > salgárũkêž^u; balcão (de um estabelecimento) > baikã⁸; (12) caldeira > k^aldêr^α.

c) Junto de bilabiais, o *a* toma facilmente uma articulação com os lábios arredondados, que pode avançar até *ã*, intermédio entre *a* e *o*.

3. (2) marrã > mãrã 'porca de 5 a 6 meses'; marrar > mãrãrⁱ; matar > mâtãrⁱ; mais barato > maⁱb^ãrãt^u ⁹⁾; (8) martelinho pequeno > m^ãrtlinpkên⁸. (2) bardar > b^ãrdãrⁱ ¹⁰⁾; barranha > b^ãrã-rã 'enfusa sem asas, pequena, para mel, azeite, etc.' ¹¹⁾; tenho a barriga inchada > tẽpãb^ãrĩgĩfãã^ã; baptizar > bãtĩzãrⁱ ¹²⁾; o baptizo > ũbãtĩz^u ¹²⁾; badana > bããrãã ¹³⁾.

(8. Com o mesmo significado que o transmont. 'saca de coar o vinho'; PEREIRA, *RLu.* 14, 86.

(9) O *s* final (= *š*), na sintaxe fonética assimila-se facilmente a uma dental (ou outra consoante) seguinte, cp. *mais nada*.

(10) Com o mesmo significado que em Trás-os-Montes: 'deitar barda encima das paredes por causa do gado'; PEREIRA, *RLu.* 15, 347.

(11) Alent. *barranhão* 'selha para água' (Ourique), 'pequeno alguidar ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar mas mais pequeno, donde comem os ganhões, ou a malta dos montes e até os animais' (v. *barrenhão*) (Moura-Serpa); 'vaso de barro de feitio característico onde os sapateiros amolecem a sola; é também no *barranhão* que eles solidificam o cerol' (Portel); A. P. JÚNIOR, *RLu.* 26, 74.

(12) Alg. *bãtizo*, *bãtezado*; LEITE, *RLu.* 4, 334.

(13) 'Saliência na parte inferior do pescoço das vacas'; F. BRAGA BARREIROS, *Vocab. Barrosão*, *RLu.* 20, 142. Em Cachopo, na mesma acepção, mas só para animais vivos (para animais mortos: *lentrisca*).

bacalhau com batatas > b^āka^hh^ākōmb^ātāt^ā ; bacorinho > b^ōk^ūrīn 'porco pequeno,¹⁴⁾ ; bacoreira > bāk^ūrēr^ā ¹⁵⁾ ;
é um palito > āumpālīt ; parágrafo > p^ārāgr^āf^ū e
p^ārāgr^āf ¹⁶⁾ ; palrada > palrā^ā ; o paraíso > up^ār^āiz^ū ;
palácio > p^ālās^ū ; palheiro > p^ālēr^ū ; passadouro > p^āe^ā-
ēōrt^ī ¹⁷⁾ ; padrasto > p^āārāšt ; pachorrento > pās^ūrēnt^ū ;
papão > p^āpā^ā ; papalvos > p^āpālv^ā 'homem que se deixa
comer dos outros, parvo,¹⁸⁾ ; o passeio > up^āsē^ā ; o pa-
trão > up^ātrā^ā ; passadico > p^āsā^āis ; patriarca >
p^ātrjār^ū ; p^āstip^ā 'flocos de neve'; batedouro >
b^āt^āēōrt^ī ¹⁷⁾ ; (10) palanca > pāl^āh^āk^ā 'pau comprido para
levantar a mó do moinho'; palanquinha > pāl^āh^āk^āp^ā ¹⁹⁾
(dim. de palanca) 'pequena cunha de madeira, espessa,
que, como a palanca, se mete debaixo da mó para a le-
vantar'; up^ālūr^ū 'longa estaca de madeira, que se in-
troduz no olho da mó, ao levantar esta; (14) balaustro
> bāl^āūstr^ū ²⁰⁾.

(14) 'Casta de figo pequeno e temporão' (Figueiredo). Dim. de *bacora* = *albacora* (cp. Dozy-ENGELMANN 61; Dozy, I 106a; MARÇAIS, *Tanger* 234); cp. também malt. *bkar* 'emissione dei primi frutti dell'anno, primizie, primogenito' (CARUANA 76 b). Cp. M. L. WAGNER, *Biblos* XVII, 1941, 609-612. Tratar-se-á da mesma palavra que o nome de peixe *albacora*?

(15) Mesma acepção que no Alent.: 'mulher gorda e suja'; PIRES, *RLu.* 8, 288.

(16) Cf. *paráfago*; CORNU, 996.

(17) Com troca de sufixo *-ouro* > *-or*; no caso de *batedouro*, também pode tratar-se de confusão com *batedor*; cp. esp. *batidero*: *batidor*.

(18) 'Indivíduo simplório, lorpa, pateta' (Figueiredo).

(19) Dissimilação de *a* pretónico para *e*.

(20) Com deslocção do assente *e*, como consequência redução do *a*.

d) O *a* nasal nunca desaparece, nem sofre geralmente redução, mas não é rara a sua deformação para *ã* ou *ã̃*.

O *a* é nasal nas seguintes condições:

1.º — quando seguido de consoante nasal e em sílaba enterrada;

4. Fon. ã, 'ã'. am + oclusiva bilabial: (2) zam- 4.

bujeiro > zãmbzêr^u 21); lampeão > lãmpjã^õ; lamparina > lãmp^ã rĩnã; gamboa > gãmbõã; gambéria > gãmbêr^ã 'mal-dade, travessura' 22); campinho > kãmpĩũ 'campo pequeno'; (14) trambelho > trãmbêl^ũ.

an + oclusiva dental: (2) grandotas > grãndõt^ã; mandão > mãndã^õ; mandrião > mãndrjã^õ; mantulhar (derivado de mantulho) > mãntulã^r; mantulho > mãntul^ũ; mandadas > mãndã^ã 'espécie de baile em que um dos bailadores vai indicando os movimentos a executar'; pan-dorga > pãndõrgã^a; sãnder^ũ 'doido' 23); fantasma > fãntãzm^ã; fantasma > fãntãzm^ã; fantasia > fãntãziã^ã 24); candeia > kãndẽã^ã 25); plãntã fêrmã^ã 'coisa que não vale nada, tontice'; (7) candieiro > kãndjêr^ũ.

(21) Fases de evolução: *zambujeiro* > *jambujeiro* (assimilação) > *jambuzeiro* (dissimilação), ou simples metátese; cp. NUNES, 94.

(22) Alent. 'travessura'; GOMES FRADINHO, *RLu.* 15, 299.

(23) De *sãnde*, com assimilação ao sufixo *-eiro*; cp. esp. arc. *galea* > *galera*? Mais provavelmente de *sẽdeiro*, 'asno'.

(24) Cf. CORNU 947: *fantasia*; «Assimilation an die Vokale».

(25) CORNU 970: *cãdeia*; «wie heute noch im Alentejo und in Brasilien».

an + oclusiva velar: (2) zangada > zāṅgā^aⁱ; caiu
uma caída de mangoal > kāimākoiaⁱmdāngwāⁱ^l 'deu uma
 grande queda; sangradoiro > sāṅrāⁱoⁱr^u; sanguessugas >
sāmpsūg^a^s 26); cangrena > kāṅgrā^aⁿ; tanganho > tāṅgā^aⁿ
 'lenha seca'²⁷⁾; cangorça > kāṅgō^ars^a 'coisa mal acabada,
 que não tem força'.

an + fricativa: (2) dancar > dāsārⁱ; transgres-
sor > trāsksōⁱrⁱ 'subornador'; lanchar > lāsārⁱ; cansar >
kāsārⁱ; (6) tanchão > tāšā^o; lançadeira > lās^adā^aer^a.

an + l (secundário): (2) paneleiro > pānlēr^u
 'estúpido'²⁸⁾.

Fon. ā. am + oclusiva bilabial: (2) zambujo >
zāmbūz^u 29).

Fon. ã. am + oclusiva bilabial: (2) pampilho >
pāmpil^u_y.

an + oclusiva velar: (2) pangaio > pāṅgāy^u 'ca-
 sinhoto sobre a açoteia', seguidamente: 'suporte suspen-
 so do tecto, composto de duas tabuinhas de madeira pre-

(26) Trasmont. *semessugas*; PEREIRA, *RLu.* 12, 124; cfr. CORNU 989 *sanguixuga*: «Vergrößerung des Zischlautes kommt jedoch vor i und u in einigen Beispielen vor.»; CORNU 962; «Sehr auffällig auf portug. Gebieten ist das in der Schriftsprache veraltete, aber im alent., wo es *xambizuga* lautet, und sonst noch vorhandene *sambixuga*, welches auf *sanguisuga*, mit hörbarem u zurückgeht.»; *semesuga*, *se-me-suga*; LEITE, *Opúsculos* 345.

(27) Alg. 'lenha seca'; LEITE, *RLu.* 4, 336.

(28) 'Fabricante ou vendedor de painelas de barro' (FIGUEIREDO).

(29) Cf. nota 21.

gadas em ângulo recto, sobre o qual se coloca o can-
dieiro, cf. 4'.³⁰⁾

Fon. $\tilde{a}$. an + oclusiva dental: (2) casa de jan-
tar > $k\tilde{a}z^{\alpha}g^{\tilde{a}}nt\tilde{a}r^i$.

2.º — frequentemente, quando seguido de consoante nasal,
mas em sílaba livre.

5. a + m + vogal: (2) $\lceil m\tilde{a}m\tilde{a}d\tilde{e}r\tilde{s}^{\tilde{a}} \rceil$ 'espécie de erva';
mamadeira > $m\tilde{a}m\tilde{a}d\tilde{e}r^a$; mamá > $m\tilde{a}m^a$; mamão > $m\tilde{a}m\tilde{a}^{\tilde{o}}$ 'vitelo
de um ano'; $\lceil \tilde{s}kl\tilde{a}m\tilde{o}r \rceil$; caminhos > $k\tilde{a}m\tilde{i}n\tilde{s}$ ³¹⁾ ; roda mas-
siça > $\tilde{r}\tilde{o}d\tilde{a}m\tilde{a}s\tilde{i}s^{\alpha}$; tamarés > $t\tilde{a}m\tilde{a}r\tilde{e}s$ 'espécie de uva,
branca e encarnada'³²⁾ ; namoriscar > $n\tilde{a}m\tilde{o}r\tilde{s}k\tilde{a}r^i$ ³³⁾ ; na-
morar > $n\tilde{a}m\tilde{o}r\tilde{a}r^i$.

a + n + vogal: (2) em panarí z > $\tilde{e}p\tilde{a}n\tilde{a}r\tilde{i}s$; a ca-
nela (da perna) > $k\tilde{a}n\tilde{e}l^a$; canal > $k\tilde{a}n\tilde{a}l$ 'goteira'; ca-
napé > $k\tilde{a}n\tilde{n}\tilde{a}p\tilde{e}^{\tilde{a}}$ ³⁴⁾ ; faneco > $f\tilde{a}n\tilde{e}k^u$ ³⁵⁾ ; a planeta >

(³⁰⁾ Alg. 'diz-se por exemplo do alpendre onde trabalha o ferrador. Na língua comum *pingaço* há outro sentido'; LEITE, *RLu.* 4, 336; para a etimologia, cp. HOBSON-JOBSON 668 a.

(³¹⁾ A difícil pronúncia de *l* e *n* palatais antes de consoante pode fazer com que o elemento palatal se separe das consoantes formando ditongo com a vogal precedente: *olho de lebre* > *oildelebrí*.

(³²⁾ Derivado do arabismo *tâmara*.

(³³⁾ Trasmont. *namorichar*; PEREIRA, *RLu.* 12, 112.

(³⁴⁾ Com geminação inexplicada de *n*; cp. alent. *camapé*, *ganapé*; PIRES *RLu.* 9, 167; cp. R. DE SÁ NEGUEIRA, *Subsídios para o estudo das consequências da analogia em Português*, *Portugalia* 3, 40: «camapé... por influência analógica de *cama*».

(³⁵⁾ Com o mesmo significado como no Alentejo: 'pedaço de pão'. «Como adj. *faneco* -a tem a significação de 'fraco'»; GOMES FRADINHO, *RLu.* 30, 299.

α plânê^at^a e α prânê^at^a 36); planície > plânís; fanhoso > fânôz^u; (10) panal > pânái 'cortina sobre a abertura por onde sai a farinha'.

3.º — quando é nasalado por influência duma vogal nasal da sílaba anterior ou seguinte.

6. (2) um capataz > ũkápátās 37); castanhas > kástân^ãs 6.

Seguem alguns exemplos com α > $\tilde{\epsilon}$, por influência de r-.

7. (2) rançosa, rançoso > rēsôz^a, rēsôz^u; ranger > 7.
rēžír; rancor > rēñkōr; seguidamente em franzir >
frēžírⁱ 38).

e) Depois de r-, dá-se, regra geral, o tipo ϵ . Há casos de supressão completa de α .

8. (2) rabeira > rābēr^a 'impurezas do cereal que o 8.
vento arrastou da eira' 39); ratoeiras > rātwer^as; rama-
lhete > rām^alēt 'nome de carinho dado aos bois'; rasgar >
rāsār 40); rasga > rāsā^a; rabanete > rābānētⁱ; rabejar
> rābžārⁱ 'tosquiar as ovelhas junto das tetas' 41);

(36) Com troca de género, por causa da terminação da palavra; cp. SÁ NOGUEIRA, 82: «praneta, donde pernetas»; LEITE, Lições 591, Opúsculos 555; CORNU 1009: praneta, m.; «das Volk sagt auch a planeta (G. Viana)».

(37) A mesma significação que em Trás-os-Montes: 'homem que vigia os trabalhadores (ordinariamente galegos) empregados na ceifa ou na cava'; PEREIRA, RLu. 11, 301; também esp. capataz.

(38) Pop. frangir, franzir; NUNES 110, 134.

(39) Trasmont. 'remoalho que fica misturado com o centeio na ocasião das malhadas'; cf. PEREIRA, RLu. 11, 306.

(40) Pop. resgar; LEITE, Opúsculos 342; CORNU 949.

(41) Alent. 'cortar, no tempo próprio, os rabos das ovelhas'; PIRES, RLu. 10, 293.

rapazinho > râpæziŋ ; rabiscar > ræpʃkãrtⁱ 42); ração > rɛã^{ɔ̃} 43); juncaram as igrejas com rasmono (rosmaninho) > ʒũŋkãr^{ɔ̃} zʰgrɛʒkõrʒmõn ; (10) rasteiro > rãstêr^u ; ra-soira > rêzõⁱ r^α .

f) Antes de -r- (em sílaba livre ou entravada) e -rr-, ora se conserva, ora se reduz a α. É raro aparecer o tipo *e* ou a queda completa.

9. (2) carãonea > kãrõnea⁷ e carantonha > kãrãntõn^ã 'cara feia'; 9. carranca > kãrẽnk^ã 44); charrete > ʃãrɛtⁱ 'carro ligeiro' 45); saragoça > saragõs^α ; sarar-se > sarãrsⁱ ; daroeira > darwêr^α 'mato'; caralho > kãrãl^u 'órgão sexual masculino'; varanda > vãrãnd^ã ; (5) uma tarracha > mtãrãs^ã .

(2) de barriga > dbřĩg^α 46); o carrasco > ukãrãšk ; carrinha > kãřĩn^ã 'carro pequeno e mau, de duas rodas, puxado por uma só besta, em regra para transporte de pessoas' 47); carripana > kãřĩmpãn^ã 'antigo carro pequeno' 48); carbunco > kãřbũšk^ũ (der. de carbúnculo); ca-

(42) «Diz-se frequentemente *ir ao rabisco* [na Estremadura, Alentejo, Algarve], falando do que fica depois da colheita das uvas, figos, azeitonas, feijões, etc.»; LEITE, *Opúsculos* 418.

(43) Alent. *reção*; NUNES, *RLu.* 7, 86.

(44) Alent. *carronha*, 'carantonha, cara feia'; o mesmo que *carazono*; A. P. JÚNIOR, *RLu.* 13, 118.

(45) Galicismo.

(46) Na expressão *cair de barriga*.

(47) Alent. 'pequena carroça alentejana e algarvia para transporte de pessoas'; A. P. JÚNIOR, *RLu.* 13, 118.

(48) Nasalação de *i* pretónico pelo *ã* tónico; alent. 'carro pequeno e ordinário para transporte de passageiros'; A. P. JÚNIOR, *RLu.* 13, 118.

rolo de pão > karōĩtpā^ā 49); cardina > karāin^ā 50);
carinhas > karĩn^ā; carqueja > karkež^ā; barra de cara-
pinha > bārātkarapĩn^ā 'presilha de pano para apertar o
 casaco'; a cabeça da charrua > k^αbēs^αē^αsarū^a; o jardim
 > užarēĩ; jardineiro > žarēĩner^u; laranjeira > larēžer^α.

(2) pôr nos carrapitos da lua > pōrn^{ūs} k^αr^α-
pĩctolū^α 51); um carrapicho > uñk^αr^αpĩš^u 'madeixa de ca-
 belo levantado no alto da cabeça' 52); caranguejo >
k^αrāngēž^u; garrafinhas > g^αr^αfĩn^ā; sarampo > s^αrāmp;
o sargente > us^αržēnt 53).

(2) variante > v^αrjānt^a 'pequena vara'; nariz de
rato > n^ārĩžerāt^u 'flor dos campos'; (6) varilha > v^αrĩl^a;
 (10) vareta > v^αrē-t^a.

(2) o carvão deita-se > uk^αrvāndēt^αs; claridade >
kl^αriēāⁱ; varões > v^αrō^ā; maroto > m^αrōt^u 54); marinhar
 > m^ārĩnār 'trepar às árvores'; maravalha > m^ār^avāl^a.

(49) Como em Trás-os-Montes: 'bocado de pão'; em Loives, perto de Vi-
 dago, dizem *carôlo*; PEREIRA, *RLu.* 15, 337.

(50) Na frase *Tem uma cardina metida no corpo*; cp. F. BRAGA BARBEIROS,
Vocab. Barrosão, *RLu.* 30, 220, sob *bebedeira*.

(51) É frequente *pôr nos cornos da lua*, cp. esp. *poner en los cuernos de la luna*.

(52) Alent. 'piriquilho'; PIRES, *RLu.* 10, 252.

(53) *Sargente*, *sergente*; NUNES 60 e 151; cp. franc. *ser-*, ital. *ser-*.

(54) Cp. também *mārōtu!*, para chamar os bois.

A maior parte dos exemplos seguintes com o tipo *e* explica-se por articulação enfática.

10. (2) garganeiro > gārgānēr^u 'comilão',⁵⁵⁾; garoto > gārōt^u 'rapaz de 3 a 5 anos'; gargarejar > gārg^ulžārⁱ 56); caricioso > kārsjōz^u, cariciosa > kārsjōz^a 'satisfeito',⁵⁷⁾; cagarreta > kāgrētⁱ 'homem pequeno',⁵⁸⁾; malefício > mālāfīs^u; maravilhoso, maravilhosa > mārāvīlōz^u, mārāvīlōz^a; marradoiro > mērdāōⁱr^u 'a acção de se darem cabeçadas os carneiros'; tarimba > tārīmb^a 'cama velha e feia',⁵⁹⁾; margarita > māgrxīt^α; (9) cartola > kārtōl^a.

g) O artigo proclítico muitas vezes faz perder ao *a* o seu carácter de vogal inicial, dando-lhe carácter de vogal pretónica e causando assim a sua queda.

11. (2) os gravaços > žgrvāⁱs^š; um varredoiro > ūrdōⁱr^u; o marmelo > ūrmél^u 60); a varinha > xvrīn^ā; um varrasco > ūbrā^šk^u; a fazenda > αfzēnd^ā; a varre-

(55) Alent. 'glutão, sófrego'; GOMES FRADINHO, *RLu.* 30, 299.

(56) Cf. CORNU 977: *gargalejar, gorgolejar*; «r wird zu l, wenn die vorausgehende oder nachfolgende Silbe r enthält oder enthielt (Dissimilation)».

(57) Alg. *gazetêro*, 'caricioso, que gosta de fazer festas ao dono'; NUNES, *RLu.* 125.

(58) Alent. 'homem de baixa estatura'; PIRES, *RLu.* 9, 167; cp. também astur. ocid. *cagarroso* 'jovencito que quiere hombrear' (ACEVEDO, 44).

(59) De *tarima*, com evolução de *m* > *mb*.

(60) Cp. NUNES, 163: *marmelo*, com epêntese, fenómeno raro na nossa região. A tendência para a desvocalização provoca antes a síncope, frequente na linguagem popular, e não a epêntese.

dura > αbreúr^α; a salada > αslã^a 61); em farrapos > εfrãps^α 'roto'; (8) serra braçal > se^αbrsãl.

h) Os restantes casos mostram:

1.º — influência assimilatória dentro do tipo vocálico;

12. Fon. a : (2) talões > talõ^{εs}; tapisso > tãpis; 12
uma catana > um^αkatã^a; uma ganchorra > m^αgašõr^α 'ancinho com 4 ou 6 dentes'; sacarrolhas > sakarõl^{αs}; fadário > fašã^αr^u 62).

fon. ã : (2) gamarra > gãmã^ar^a 'burro velho'.

fon. α : (2) cacheirinha > kαšerĩ^α 'vasilha de loiça para meio litro ou menos' 63); cajão > kαžã^õ; canhoto, canhota > kãñõt^u, kãñõt^α 'que tem um só braço, canhoto' 64); agulhas das cadeiras > ag^ulžã^αško^αer^{αs}; chaleiras > šxalēr^{αs} 'vasilha para ordenhar as vacas'; fagulha > fαgũl^α 'farinha levada do tremalhado pelo vento'; fazer malhada > fαzẽrmołã^a; traquina > tr^αkĩn^a 'estúpido' 65); um caniço > umk^αnĩs^u 'esteira suspensa

(61) Pop. *selada*; SÁ NOGUEIRA 41.

(62) *Fadário* > *fadairo*; NUNES 45, -ário > -airo; LEITE, *Esquisse* 83.

(63) Alent. 'decilitro de vinho'; A. P. JÚNIOR, *RLu*, 33, 97.

(64) Transmont. 'pessoa sem um braço'; PEREIRA, *RLu*, 14, 86, trasmont. adj. 'falto dum braço, que é esquerdo ou trabalha com a mão esquerda adiante da direita'; PEREIRA, *RLu*, 15, 336; transmont. 'mão esquerda; pau comprido para mexer o lume'; PEREIRA, *RLu*, 15, 343.

(65) 'Inquieto, turbulento' (FIGUEIREDO).

do tecto, onde se guardam alimentos para os livrar dos ratos' ; caseiro > k^αzer^u (de uma propriedade agrícola);

vaca castiça > vãk^αk^αštis^α 'vaca que tem cria todos os anos,⁶⁶⁾; calão > k^αla^õ ⁶⁷⁾; gavela > g^αvê^α 'molho pequeno,⁶⁸⁾; (3) cafeteira > kãftêr^a; (10) cachorro > k^αšor^u.

2.º — passagem, por assimilação, para outra vogal.

13. (2) 「chacotar」 (por chapotar) > šoktãrⁱ 'quitar 13.
ramas supérfluas,⁶⁹⁾; lambisgóia > lẽmbžgõ^a; sazão >
sãzã^õ; sazeirão > sãzerã^õ (aument. de sazeiro); lava-
tório > l^õã^αtóⁱr^jõ; (3) taboleiro > t^õblêr^u; chamane >
šim^ãnê^e ⁷⁰⁾; o sarilho > userf^u; (15) lanterna > lẽn-
têrn^ã ⁷¹⁾.

(2) cabramar > akãbrãmãrⁱ 'atar a cabeça às patas dos animais, para que não comam as folhas das árvores ;

(⁶⁶⁾ *Castiça* (vaca) 'que cobre cedo'; F. BRAGA BARREIROS, *Vocab. Barrosão*, RLu. 20, 151.

(⁶⁷⁾ Na expressão *tens um calão* 'tens uma ideia extravagante', e para 'rebentos de cebola'; cp. F. BRAGA BARREIROS, *ob. cit.* 147, *mandrião*.

(⁶⁸⁾ Trasmont. 'molho ou feixe de centeio de palha ou de cavacos etc., gavelitas, pequeno feixe ou molho que se pode levar debaixo do braço'; PEREIRA, RLu. 12, 101.

(⁶⁹⁾ O o muito aberto talvez reflecta ainda a vogal arredondada gutural desaparecida da sílaba seguinte.

(⁷⁰⁾ Influência da fricativa prepalatal. Cp. franc. *cheminée* > esp. *chimenea*.

(⁷¹⁾ *Lenterna* e *alenterna*; NUNES 63; *alinterna*; LEITE, *Esquisse* 121.

cachopo > kāšóp^u 'rapazito' ⁽⁷²⁾; cavaquear > kāvēkjar^t ;
gabão > gābā^õ ; bananastra > bānāštr^α ; faladora > fālādōr^a ;
taberneiro > tēbrēr^u ; caliz > kālīš 'veio de cal' ⁽⁷³⁾ ;
mavioso > mēvjōz^u ⁽⁷⁴⁾ ; madrão > mādrās ; matuto > mātūt ;
sacerdote > sās^αrdōt^t ; sua jaqueta está suja > sūāžē-
kēct^αsūž^α ; (5) um machúco > ūmāšúk^u 'bocados de cera im-
 pura dos favos espremidos' ; (7) a tapadoira > ātāpādōⁱr^α
 'torrão de terra, com que o lavrador tapa a entrada da
 leira já regada, para impedir que entre mais água ;
maçaroca > mēs^arōk^a ; (8) cabresto > kābrēšt ; cabido >
kēbiā^u ; berrel > bērelēr^α 'pedra quadrangular, que faz fun-
 cionar a presa de água'.

(Desaparecimento total): (2) o vento castelhano >
uvēntkštljān^u 'vento leste' ⁽⁷⁵⁾ ; patuscar > pčkārⁱ
 'comer' ; pastor > pštōrⁱ ; pratinho > přtīn ; todos têm
bastante > točtēmpštānt ; pedir as janeiras > pedír-
αžner^{αš} ⁽⁷⁶⁾ ; (5) de manhã em jejum > dm^αnē^αžū ⁽⁷⁷⁾.

(72) Trasmont. 'rapaz, toco de árvore, tortulho ou frade antes de desabro-
 char'; PEREIRA, *RLu.* 11, 298.

(73) 'Fragmentos de argamassa, cal, etc.' (FIGUEIREDO).

(74) *Amavioso*, SÁ NOGUEIRA, 40.

(75) Depois de consoantes, também o *n* palatal se pode separar nos dois
 elementos *n* e *j*; cp. *senhora* > *snjōra*.

(76) Sobre a significação, cp. *RLu.* 20, 175.

(77) Função silábica do *ž*.

α inicial absoluto

É mais uniforme, no seu comportamento, do que o α inicial precedido de consoante. A queda completa só raras vezes se dá; é frequente, por outro lado, a sua deformação e redução para um α sem qualquer sonoridade. Como tal, conserva-se geralmente e reforça a tendência consonântica da pronúncia, acima mencionada, contribuindo para a formação de grupos de várias consoantes no interior das palavras. Neste caso, α desempenha o papel dum som de apoio para grupos consonânticos que dele precisam.

a) O α inicial absoluto conserva-se intacto:

1.º — como vogal nasal;

14. (2) anunciando > ãnuŋjãnd; andar de luto > ãndár- 14.

dlút^u; andilhas > ãndi^αš 'andas' ⁷⁸⁾; andar > ãndár ⁷⁹⁾;
andamoso > ãndã-môz^u ⁸⁰⁾; anular (dedo) > ãnarⁱ.

Exemplo raro de passagem de ã para ẽ: (2) am-
pola > ẽmpôⁱlã ⁷⁹⁾.

2.º — com o valor de α , quando seguido de l gutural;

15. (2) alcoviteira > alkviⁱtēr^a ⁸¹⁾; almude > almũ^ã 15.

'20 litros'; trinta almudes > trĩntalmũc; alvoroço >
alvrõs; alcatrão > alkⁱtrã^õ ⁸²⁾; algibeira > alzber^α ⁸³⁾;

(78) BRAGA BARBEIROS 139: 'cadeiras em que se assentam as mulheres quando vão a cavalo'.

(79) LEITE, *Esquise* 98: *endar*, *empola*. No algarve, ã inicial tem a tendência para passar para ẽ. Em todo o Sul do País há exemplos de ã > ẽ ou l Cp. também em baixo, sobre troca de sufixo.

(80) Alent. 'um caminho é bem ou mal andamoso'; GOMES FRADINHO, *RLu.* 30, 290. A forma *andaimoso* é analógica com *andaimo*.

(81) Cp. *alcoveto*, *alcofa*, *alcoviteiro*, ao lado de *alcaiote*; STEIGER, *Hispano-Árabe* 329.

(82) Cp. port. *alcatrão*, esp. arc. *alcatrán*, esp. *alquitrán*, cat. *alquitrà*; STEIGER, 212.

(83) É frequente a troca dialectal entre z e $\tilde{z}$, mesmo sem causa assimilatória ou dissimilatória; cp. nota 21.

os alvarás > zalıv^aráš⁸⁴⁾; a altura > āltūr^α; alcachofra > alkašōfr^α 'flor do cardo'; alfavaca de cobra (em oposição a alfavaca do campo) > alfavāk^atkōerⁱ; (5) alvião > Ualıvıā^ā; alferce > alıper^s⁸⁵⁾; (10) alvado > alıvā^u 'represa da azenha'; (14) aldraba + gato⁸⁶⁾ 'pequeno trinco de madeira para fechar o postigo'.

3.º — com o valor de *a*, quando seguido de oclusiva gutural surda ou sonora;

16. (2) acompanhar > akōmpāñārⁱ⁸⁷⁾; agoirar > agwēⁱ 16.
rārⁱ 'resmungar'; aguaceiro > agwasēr^u; aguardente > agw^āreñt.

4.º — com o valor de *a*, quando seguido de -rr-, contanto que este seja seguido duma vogal resistente (do tipo *e*, ou nasal). Neste caso, a inicial é reforçada assimilatoriamente pela vogal resistente da sílaba seguinte;

17. (2) arregacar > arēg^αsārⁱ; arreganhar o tacho > 17
arēg^ānārutāⁱš 'rir'⁸⁸⁾; arrender > arēndār; arrepender > arpendērⁱ⁸⁹⁾; (3) arrancar um dente > arēñkārundēntⁱ.

(84) Cp. STEIGER, 312.

(85) Port. arc. *alfeço*, *alfece*, *alferce*; STEIGER, 113, mesma acepção que no Alentejo: 'espécie de saxola estreita, com uns dois palmos de comprido e curva. É para fazer a planca'; LEITE, *RLu.* 2, 42.

(86) Composto de *aldraba* + *gato*; cp. *gato* 'espécie de fivela, dentro da qual se ergue e se baixa o braço ou tranqueta da aldrava' (FIGUEIREDO).

(87) Alg. *encompanhar*; NUNES, *RLu.* 7, 119.

(88) Transmot. *arreganhar a tacha* (os dentes); PEREIRA, *RLu.* 10, 255.

(89) CORNU 951: *arripender*; «Trotz Vorliebe für u haben die Lippenlaute keine Abneigung gegen i».

5.º — com o valor de α , por assimilação com um a acentuado da sílaba seguinte;

18. (2) armário > armär^{jü}; arraia > aráy^a; armar > armärⁱ; acção > asá^ü. 18.

6.º — frequentemente, com o valor de α , em palavras de três ou mais sílabas, das quais uma ou mais pretónicas.

Dois casos se podem dar:

α — com a vogal pretónica conservada, a inicial absoluto apresenta um certo acento secundário que lhe dá maior firmeza;

19. (2) abalroar > abalrwarⁱ 90); apagar o fogo > apa- 19.
gäru^üö^ü; ap^areñkärⁱ 7, 'levantar com uma palanca'; ad-
mascados > adamaškac 'multicor'; avarento > av^aränt^ü;
assovacado > as^üva^aca^ü; mortificar > am^ürtfⁱkär; astro-
nomia > aštrul^ümi^a 91); arrasar > ar^azär.

β — com perda da vogal pretónica, a inicial absoluta mantém-se às vezes como vogal de apoio.

20. (2) apertava-me a garganta > a^aperta^ömagrät^a; 20.
abraçar > äpsärⁱ 92); abdicou > äbögó^ü; (8) apertar >
a^apertär.

7.º — com valor de α , quando fundido com o artigo feminino, definido ou indefinido. Junto com o artigo definido, a vogal é prolongada.

(90) Alent. *abarroar*; PIRES, *RLu.* 8, 93.

(91) Com influência de *astrólogo*, *astrologia*; ep. pop. *astrologia*; SÁ NOGUEIRA, 97.

(92) Alent. *abarçar* (mas *abraço*); NUNES, *RLu.* 8, 93.

21. (2) a adiafa > āⁱāⁱfā^a ⁹³); a azelha > āⁱzēⁱlā^a ; 21.
a azinheira > āⁱzⁱnēr^α ; a apupada > ā^up^apā^a ; a aguilhada
 > āⁱgīlā^a ; a areia > ārē^α ; é a (a)malhada > ēāmⁱolā^a
 'pequeno telheiro na pocilga, formado por traves coloca-
 das de traves sobre um ângulo das paredes, trapos, lenha
 miúda, etc.'; a amizade > āmⁱzāⁱāⁱ ; a massadeira > ām^a-
s^αēr^α ; (15) uma amarra > m^amār^a ; (16) a (a)maúça >
ām^uus^a 'parte superior da rosca do fuso'.

b) Nos restantes casos, o α inicial absoluto é reduzido a α na maior parte dos exemplos.

22. (2) avareza > āⁱvārē^a ; averiguar > āⁱvriguārⁱ ; 22.
açoifeira > āⁱsuⁱfēr^α ⁹⁴); adversário > āⁱvrsārⁱ ; apanhar
flores > āⁱpāⁱārflōⁱs ; aparicção > āⁱp^αrisāⁱ ; assoprar >
āⁱsuprārⁱ ; aconselhar > āⁱkōsljārⁱ ⁹⁵); atormentar > āⁱtrē-
mēntār e āⁱtrēmēntār ; amontoar > āmōntwārⁱ 'fazer mon-
 tijos'; amarrar o tamoeiro > āmārārūtⁱmwēr^u ; o bico abi-
lhado > ūbīk^αūlīā^o ⁹⁶); abocar > ā^uēkārⁱ ; assadura >
ās^uēūr^α 'assado' ⁹⁷); ajudadoiro > āⁱzūā^αēōⁱ ⁹⁸); abismo >

(93) NUNES, *RLu.* 7, 105: 'Espécie de bode aos trabalhadores no final da obra; cp. esp. *adiafa*, port. *diafa*; STREGER, 117.

(94) *Queres açoifeiras* 'não sabes o que queres'.

(95) Alent. *conselhar*; cp. PIRES, *RLu.* 29, 219; cp. nota 75.

(96) O -u- de *abilhado* pode explicar-se por assimilação ou dissimilação.

(97) Trasmont. 'lombo de porco'; *asadura* em galego tem um sentido semelhante; PEREIRA, *RLu.* 11, 293.

(98) Troca de sufixo: -oiro > -or.

arizim⁹⁹; arreiro > arner¹⁰⁰ 'joeira rectangular para limpar os cereais'; artife > artíf¹⁰¹ vulg. 'pão'; assustar > asstär¹⁰²; apear > apjär¹⁰³; assar > asär¹⁰⁴; amolo > amóiz¹⁰⁵ 'teta'; acorda > asōra¹⁰⁶ 'sopa de alho, sal, cebola, salsa e pimenta'; animal > ānimái; anis > āniš; agrião > agrjā¹⁰⁷; azinha > azijā¹⁰⁸; agreiro > agōir¹⁰⁹ 'resmungão'; adega > adēg¹¹⁰; arrátel > arāt¹¹¹; cavar > kavār; arder > ardēr¹¹²; arredor > ardōr¹¹³; assoar > aswār¹¹⁴; assoalhar > aswalār; asneira > azner¹¹⁵; (1) adubio > adēbi¹¹⁶.

Seguem-se alguns casos especiais, em que o *a* inicial absoluto se mantém firme.

23. Alguns casos isolados de conservação perfeita do

23.

(⁹⁹) No Alentejo: 'erivo de zinco, com que na eira limpam o trigo das maiores impurezas; porção de *cilarcas* que nascem juntas (ou próximas) do mesmo arregoão; diz-se da peça de roupa cheia de buracos'; A. P. JÉNIOR, *RLu.* 25, 70. Trata-se dum derivado de *farinarium* (GARCIA DE DIEGO, *Dicc. hispánico* n.º 244) > esp. *harnero*; a queda do *f-* mostra a proveniência espanhola.

(¹⁰⁰) BRAGA BARRINHO, *RLu.* 20, 141: 'pão', gíria dos pobres do forno.

(¹⁰¹) *Apiar*; NUNES 51.

(¹⁰²) 'Entumescimento produzido pelo leite nos peitos da mulher e nas tetas dos animais' (FIGUEIREDO).

(¹⁰³) V. STEIGER, *Hispano-Árabe* 122.

(¹⁰⁴) Para *aginha*, *azinha*, cf. também nota 83.

(¹⁰⁵) Cf. LEITE, *Esquise* 90: *adēga*, em certas regiões da Beira, *adēga* no Sul; alg. *adēga*; LEITE, *RLu.* 4, 54; *trasmont. adēga*; PEREIRA, *RLu.* 15, 346.

(¹⁰⁶) Alent. *ajñera*; PIRES, *RLu.* 15, 103.

(¹⁰⁷) NUNES, *RLu.* 7, 105: 'Estrume; o que serve para adubar as terras'.

a inicial: (2) activo > atívu^u; absolver > abs^oáverⁱ¹⁰⁸; anoitecer > anoⁱserⁱ; à noitinha > anoⁱtin^ã; aborto > ab^õre^u¹⁰⁹; arrabalde > ar^baldⁱ; (7) argola > argol^a; (15) argolão > argl^ã.

c) O *a* inicial absoluto cai:

1.º — esporadicamente, quando seguido de *-rr-*, em circunstâncias em que este absorveu, com a sua grande sonoridade, a vogal seguinte, sem que se formasse um grupo consonântico necessitado de vogal de apoio;

24. (2) arraçoar > rswärⁱ; arroteia-se > rtē^αs; arranca-se > rānk^αs; arrotar > r^utārⁱ; rabona > r^bōnā.

2.º — junto do artigo indefinido masculino, ou outra vogal nasal precedente (sintacticamente);

25. (2) um arquejado¹¹⁰ > urkzā^u 'mirrado, magro, débil'; faz um arrojo > fazūrōⁱz^u 'regio de água formado pelo temporal'; são assim > sāsī; não tem acção para nada > nāntēsōprānā^a 'não tem gosto, disposição para nada'; um alegrete > urgrētⁱ 'canteirinho de flores junto da casa'.

3.º — junto do artigo definido masculino. Mas a evolução normal é uma assimilação incompleta (*o + a* > *uo*, *wo*, etc).

26. (2) o arroio > ōroy^u 'espécie de erva'; o abru-

(108) *Aussolver*; SÁ NOGUEIRA 133; *assolver*; NUNES 131, 133.

(109) Com *d* fricativo, por analogia com *abordo*.

(110) De *arco*; cp. FIGUEIREDO, *arquejado*.

nheiro > uērūnēr^u ; o atador > uōtadōr ; o aprisco > u^oprišk^u 'grande rede para prender as ovelhas a ordenhar'; o armazém cá > u^ormāzēnka ; o arroto > u^orōt^u ; o arroz > u^orōš ; o aroma > w^orōm^a ; (1) o atilho > w^otīl^u.
 (2) o atafal > u^at^αfāl¹¹¹ ; o artigo > u^artīg^u ;
o amieiro > u^amjēr^u ; a acidez > w^asⁱdēs ; (7) o arrasto da charrua > u^arāšt^αšarū^a .

4.º — sem compensação, apenas diante de *s* + consoante ;

27. (2) u^astrōlⁱk^u 'astrónomo'. 27.

5.º — sem razões fonéticas. A aférese é fenómeno frequente na língua popular.

28. (2) aleijão > lāā^o e lēzā^o ¹¹²) ; alerta > lért^h ; afoito > φōⁱt¹¹³ ; assassino > s^asīn^u ; aparecer > pārsēr¹¹⁴ . 28.

d) Frequentemente, a sílaba inicial é substituída por outra mais popular, especialmente pelo prefixo *em-* ⁽¹¹⁵⁾.

(111) Significado como em Trás-os-Montes: 'pano de cobrir cavalos'; PEREIRA, *RLu.* 14, 85.

(112) Cp. CORNU, *Portugale* 11, 77 ; GONÇALVES VIANA, *Etudes de Gram. port.* Pode tratar-se da queda do *a-*, ou de evolução directa de *laesione*.

(113) Alent. *fōito* ; PIRES, *RLu.* 10, 89.

(114) Alg. *parecer* ; LEITE, *RLu.* 4, 336 ; *parcer* : «Die Verstummung der vortonigen Vokale schreitet im heutigen Portugal weiter fort» ; CORNU, 956.

(115) O fenómeno encontra-se também no esp. pop. ; LAMANO BENEITE : *adies-trar, endiestrar* ; *afición, enfiación* (este já no esp. clássico : LOPE DE VEGA, *Las Batuecas*) ; cp. esp. *aderezar* — *enderezar*.

29. (2) adelgaçar > əndalɣˢsär̥t̪ⁱ ; apanhar > əmpānär̥ ; 29.
abandar > əmbānär̥t̪ⁱ 116) ; ajoelhar > əʒwɛlär̥t̪ⁱ ; ajoujado >
əʒ˥˥zäa˥˥^u 'pessoa fraca' 117) ; aspirina > əntp̥äɾin̥ˢ^a 118) ;
ambição > əmbt̪sā˥^ā 119) ; amparar > əmp̥äɾär̥t̪ⁱ 120) ; antiga >
əntiɣˢ^α ; anginas > əʒɪn̥äʒ^ā 'amígdalas' ; adoceeste >
ənwɪct̪t̪ⁱ 121) .

Nos casos seguintes, a sílaba inicial foi substituída por outra que não *em-*.

30. (2) antipatia > ɪntp̥ˢtiˢ^α ; aleive > əlɛv̥ⁱ ; ar- 30.
gueiro > er̥t̪g̥ɛr̥t̪^u 122) .

KURT ROHNER

(116) Cf. *abandar uma árvore*, 'sacudir, abalar, agitar'; F. BRAGA BARREIROS, *Vocab. Barrosão*, RLu. 20, 137.

(117) Cf. 'adoentado'; F. BRAGA BARREIROS, *Vocab. Barrosão*, RLu. 20, 138; *trasmont.* 'cansado ou vergado com qualquer peso'; PEREIRA, RLu. 11, 238.

(118) É típica a substituição da sílaba inicial por outra mais corrente no nome bem conhecido, mas pouco empregado, do produto farmacêutico.

(119) *Embição*; LEITE, *Esquisse* 98.

(120) Alg. *emparar*; LEITE, *Esquisse* 98; RLu. 4, 335.

(121) Forma verbal dialectal, 2.ª pess. sing. do pret. perf.

(122) Com um interessante *i* epentético; cp. alent. *arguêro*, *àlguero*; PIRES, RLu. 8, 95.

Índice de palavras

(Os números remetem aos números das gravuras)

- | | | | |
|-------------------|--------------------|------------------|----------------------|
| abalroar 19 | aleive 30 | aparição 22 | aspirina 29 |
| abanar 29 | alerta 28 | apear 22 | assadura 22 |
| abdicou 20 | alfavaca de co- | apertar 20 | assar 22 |
| abismo 22 | bra 15 | apertava-me a | assassino 28 |
| abocar 22 | alferce 15 | garganta 20 | assoalhar 22 |
| aborto 23 | algibeira 15 | aprisco 26 | assoar 22 |
| abraçar 20 | almude 15 | apupada 21 | assoprar 22 |
| abrunheiro 26 | altura 15 | arder 22 | assovacado 19 |
| absolver 23 | alvado 15 | areia 21 | assustar 22 |
| acção 18 | alvarás 15 | argola 23 | (astróico) 27 |
| acidez 26 | alvião 15 | argolão 23 | astronomia 19 |
| açofeira 22 | alvoroço 15 | argueiro 30 | atador 26 |
| acompanhar 16 | amarra 21 | armar 18 | atafal 26 |
| aconselhar 22 | amarrar o ta- | armário 18 | atilho 26 |
| açorda 22 | moeiro 22 | armazém cá 26 | atormentar 22 |
| activo 23 | amassadeira 21 | arneiro 22 | avarento 19 |
| adamascados 19 | (a a maunça) 21 | aroma 26 | avareza 22 |
| adega 22 | ambição 29 | arquejado 25 | averiguar 22 |
| adelgaçar 29 | amieiro 26 | arrabalde 23 | azelha 21 |
| adiafa 21 | amizade 21 | arraçoar 24 | azinha 22 |
| adoeeste 29 | amojo 22 | arraia 18 | azinha 21 |
| adubio 22 | amontoar 22 | arrancar um den- | bacalhau com bata- |
| adversário 22 | amparar 29 | te 17 | tas 3 |
| afoito 28 | ampola 16 | arranca-se 24 | bacoreira 3 |
| aginha 22 | andamoso 14 | arrasar 19 | bacorinho 3 |
| agoirar 16 | andar 13 | arrasto da char- | badana 3 |
| agoiro 22 | andar de luto 14 | rua 26 | balaustro 3 |
| agrião 22 | andilhas 14 | arrátel 22 | balcão 2 |
| aguaceiro 16 | anginas 29 | arredor 22 | (balurco, balurdo) 3 |
| aguardente 16 | animal 22 | arregaçar 17 | banastra 13 |
| aguilhada 21 | anis 22 | arreganhar o ta- | baptizar 3 |
| agulha das cadei- | anoitecer 23 | cho 17 | baptizo 3 |
| ras 12 | à noite 23 | arrender 17 | bardar 3 |
| ajoelhar 29 | antiga 29 | arrender 17 | barra de carapi- |
| ajoujado 29 | antipatia 30 | arroio 26 | nha 9 |
| ajudadoiro 22 | anular (subst.) 14 | arrotar 24 | barranha 3 |
| alcachofra 15 | anunciando 14 | arrota-se 24 | batedouro 3 |
| alcatrão 15 | apagar o fogo 19 | arroto 26 | (berceira?) 13 |
| alcoviteira 15 | (apalancar) 19 | arroz 26 | bico abilhado 22 |
| (aldrabagato) 15 | apanhar 29 | artife 22 | bravio 1 |
| alegrete 25 | apanhar flores 22 | artigo 26 | cabeça da char- |
| aleijão 28 | aparecer 28 | asneira 22 | rua 9 |

cabido 13	carvão deita-se 9	jardim 9	padrasto 3
cabramar 13	casa de jantar 4	jardineiro 9	palácio 3
cabresto 13	caseiro 12	juncaram as igre-	palanca 3
cacheirinha 12	castanhas 5	jas com rasmo-	palanquinha 3
cachopo 13	catana 12	no 8	palheiro 3
cachorro 12	cavaquear 13	lambisgóia 13	palrada 3
cafeteira 12	cavar 22	lamparina 4	pampilho 4
cagarreta 10	(chacotar) 13	lampeão 4	panal 5
caiu uma caída de	chaleiras 12	lançadeira 4	pandorga 4
mangoal 4	chaminé 13	lanchar 4	paneiro 4
cajão 12	(charrete) 9	lanterna 13	pangaio 4
calão 12	claridade 9	laranjeira 9	papalvos 3
calção 2	dançar 4	lavatório 13	papão 3
caldeira 2	daroeira 9	maçaroca 13	para fazer a pa-
caliz 13	de barriga 9	machuco 13	rede 1
caminhos 5	de manhã em je-	madrão 13	parágrafo 3
campinho 4	jum 13	mais barato 3	paraíso 3
canal 5	é a(a)malhada 21	malefício 10	passadiço 3
canapé 5	em bravio 1	mamã 5	passadouro 3
candeeiro 4	em farrapos 11	mamão 5	passeio 3
candeia 4	em panariz 5	mamadeira 5	(pastinhas) 3
canela 5	(erveira) 7	(mamaursa?) 5	pastor 13
(cangorça) 4	(esclamor) 5	mandadas 4	patrão 3
cangrena 4	é um palito 3	mandão 4	patriarca 3
canhota (o) 12	fadário 12	mandrião 4	patuscar 13
caniço 12	fagulha 12	(mantulhar) 4	pedir as janei-
cansar 4	faladora 13	mantulho 4	ras 13
capataz 5	faneco 5	maravilha 9	planeta 5
(caralho) 9	fanhoso 5	maravilhoso (a) 10	planície 5
caranço 1	fantasia 4	margarita 10	(planta ferma) 4
carançudo 1	fantasma 4	marinhar 9	pôr nos carrapi-
caranguejo 9	fazenda 11	marmelo 11	tos da lua 9
carantonha 9	fazer malhada 12	(maroto) 9	pratinho 13
carbunco 9	faz um arrojo 25	marradoiro 10	rabanete 8
cardina 9	franzir 7	marrã 3	rabeira 8
caricioso (a) 10	gabão 13	marrar 3	rabejar 8
carinhas 9	galgueira 2	martelinho pe-	rabiscar 8
carolo de pão 9	galrito 2	queno 3	rabona 24
carqueja 9	(gamarra) 12	matar 3	ração 8
carranca 9	gambérria 4	matuto 13	(ramallete) 3
carrapicho 9	gamboa 4	mavioso 13	rancor 7
carrasco 9	(ganchorra) 12	mortificar 19	rancoso (a) 7
carrinha 9	garganeiro 10	namorar 5	ranger 7
carripa 9	gargarejar 10	namoriscar 5	rapazinho 8
(caronha) 9	garoto 10	não tem acção	rasga 8
cartola 8	garrafinhas 9	para nada 25	rasgar 8
carvalha 1	gaveta 12	nariz de rato 9	rasoira 8
carvalheira 1	grandotas 4	olho de lebre 6	rasteiro 8
carvalho 1	gravanços 11	pachorrento 3	ratoeiras 8

roda massiça 5	sarilho 13	tapadoira 13	varanda 9
sacarrolhas 12	sazão 13	tapisso 12	vareta 9
sacerdote 13	(sazeirão) 13	tarimba 10	variante 9
salada 11	senhora 10	tarracha 9	varilha 9
salgar o queijo 2	serra braçal 11	tenho a barriga	varinha 11
(sandeiro) 4	sua jaqueta está	inchada 3	varões 9
sangradoiro 4	suja 13	todos têm bas-	varrasco 11
sanguessugas 4	taberneiro 13	tante 13	varredoiro 11
são assim 25	taboleiro 13	trambelho 4	varredura 11
saragoça 9	talões 12	transgressor 4	vento castelhano 13
sarar-se 9	tamarês 5	traquina 12	zambujeiro 4
sarampo 9	tanchão 4	trinta almudes 15	zambujo 4
sargente 9	tanganho 4	vaca castiça 12	zangado 5

Miscelânea

Um manuscrito desconhecido de «O Livro da Virtuosa Bemfeitoria»

A Bodleian Library de Oxford recebem, há tempos, um legado de manuscritos que os seus técnicos consideram o mais importante dos últimos cem anos. Mr. J. P. Lyell, um advogado de Londres que vivia ultimamente em Abingdon, pequena cidade nas vizinhanças de Oxford, deixou à famosa biblioteca a escolha de cem, entre os seus duzentos e cinquenta manuscritos medievais.

Lyell ficara impressionado, ao saber um dia que a perda irremediável de muitos manuscritos deixara enormes lacunas no conhecimento da história da Teologia medieval em Inglaterra. Convencido de que a falta desses manuscritos no seu país datava da época da dissolução dos conventos, dedicou todo o tempo livre ao trabalho de procura de códices manuscritos medievais em Inglaterra e em vários países do continente, a Espanha entre eles, e obteve muitas espécies valiosas.

Os jornais deram merecido relevo ao valioso legado recebido pela Bodleiana, e citaram, como línguas representadas na colecção, Latim, Grego, Hebraico, Persa, Francês e Inglês. E os manuscritos começaram imediatamente a ser utilizados por investigadores, logo após a sua entrada na Bodleiana. Alguns, de entre aqueles que ninguém pedia, foram preencher o espaço livre nas vitrinas de exposição do edificio novo da biblioteca, conhecido pela New Bodleian. Foi aí que, ao visitar uma exposição de desenhos hindus, encontrei um manuscrito protegido por admirável encadernação antiga de couro lavrado, e escrito em letra muito legível sobre

excelente papel. A língua era Português, mas o título na lombada podia deixar dúvidas; «De la Virtuosa Benefactoria».

Um exame preliminar do ms. revelou-me que o último capítulo estava incompleto (na realidade, faltam os três capítulos finais do livro vi), e que a dedicatória ao futuro Rei D. Duarte, prefácio usual da obra, não figura no códice. Talvez por isso mesmo, sobre a folha de guarda, em letra antiga e em espanhol, alguém escreveu: «Son estos vj libros de Vtuosa benfaytoria en Portugues y no se sabe el autor». A leitura detalhada do volume revelou-me mais lacunas, embora de menor importância, do que as verificadas logo ao primeiro contacto.

O códice, porém, é de excepcional valor. Com efeito:

a) Assinala uma lacuna, pelo menos, no texto tal como o conhecemos das três edições já publicadas.

b) Confirma as lições do ms. de Viseu (o melhor dos anteriormente conhecidos) na medida em que este corrige o texto das edições de 1910 e 1940.

c) Corrige o texto de Viseu em pontos nos quais este é deficiente.

d) Graças à boa caligrafia do copista, permite corrigir muitos erros que até hoje passaram despercebidos.

e) O códice é de consulta necessária para a elaboração de futura edição crítica do «Livro da Virtuosa Bemfeitoria». De facto, nenhuma das edições até hoje publicadas pode, com rigor, ser chamada «edição crítica».

Darei agora alguns exemplos, de entre muitos, colhidos na leitura dos dois primeiros livros da «Virtuosa Bemfeitoria».

1. No final do cap. vii do livro i (pgs. 38, linha 19) da edição de 1946, publicada por Joaquim Costa, à qual sempre me referirei em todos os exemplos dados, o texto é:

«E desto nos *conçentimos*, quanto aa defynçom de benefiçio, pera cuja mayor declaraçom ueiamos algũa duuidas em os seguintes capitullos».

O ms. agora na Bodleiana tem *contentemos* que proporciona muito melhor sentido, e cuja fácil confusão com a palavra *conçentimos* não demanda, para ser explicada, largos conhecimentos paleográficos.

2. Perto do fim do cap. ii do livro II, o texto de 1946, assim como o da edição de 1940, tem:

«E as possiões duram *som* em mayor segurança. E os q as teem *som* mais honrrados e de mayor fama».

O ms. da Bodleiana omite o primeiro *som* que entrou naturalmente no texto por distração do copista, influenciada pelo segundo *som*. Com esta omissão fica a frase perfeitamente legível: «E as possisões duram em mayor segurança».

3. A menos de metade do cap. iv do livro II (pgs. 73, linha 7 e segs.) diz o texto de Joaquim Costa:

«E por nom entendermos q nos mandaua fazer esto tam soamente aos *antigos*, declarousse em o v capitulo de sam matheu.

Onde diz fazee bem aaquelles que nos querem mal».

O ms. de Oxford tem *amigos* em vez de *antigos*, que é com certeza aquilo que o autor do «Liuro da Virtuosa Bemfeitoria» pretendeu dizer.

4. Quando, a pouco mais do meio do cap. vi do livro II (pgs. 79, linha 32 e segs.) se conta o acto de generosidade (ou de hábil política) de Cipião, libertando a noiva, sua prisioneira, «filha de huñ grande homem da spanha», sem aceitar resgate, o texto da edição referida traz:

«E os parentes enuyarom dizer a scipiom que lhe desse a donzella e que elles daryam por ella grande auer. E elle respondeo que lhe prazia com condiçom que lhe uehessem fazer as uodas em sua casa, do que elles foram contentes. E scipiom deu em casamento a *bendiçom* que *thes* seus padres auyam de pagar etc.».

No ms. da Bodleiana a última frase é: «E çipiom deu en casamento a *rendiçom* que *lhe* seus padres aviam de pagar...». As variantes *rendiçom* resgate, por *bendiçom*, e *lhe* em vez de *thes*, melhoram definitivamente o texto.

5. Logo ao principio do cap. xvii do livro II (pgs. 113, linha 4 e segs.) escreve-se na edição de 1946:

«E em fallando desta ygualleza, nom se entende o stado dos Rex, nem outro semelhante em o quall o filho mayor he dos outros *senhores*».

O códice de Oxford, que apresenta sempre a forma *Reis* e nunca *Rex*, traz *Senhor*, no final da frase, em vez de *senhores*. O sentido (que não existe nas edições até hoje publicadas) fica: «no qual o filbo maior (ou, mais velho) é senhor dos outros».

6. A pgs. 145 da referida edição (livro II, cap. xxv) lê-se na linha 16 e seguintes :

«E uestindo o corpo em preçiosos panos, mandou fazer hũa grande fugueyra en que o lançou. E logo *chamando* per seus meesmos peytos a spada...»

O ms. oxoniense traz *chantando* em vez de *chamando*, lição muito melhor para quem conheça um pouco de Português medieval.

7. A correcção *outorgada*, introduzida conjecturalmente na edição de 1946, contra a lição dos ms. do Porto e de Viseu que trazem *outorga*, é confirmada pelo códice agora descoberto :

«E muytas vezes a cousa pequena, outorga(da) per aquesta maneyra, he tanto prezada do mesteyroso, como se fosse muyto mayor» (cap. xxxi do liv. II, pgs. 173, linha 15 sg.).

Poderia multiplicar os exemplos, e não deixarei de fazê-lo em estudo mais circunstanciado. Ai tratarei de casos em que a pontuação, por exemplo, pode ser melhorada, à base do próprio manuscrito, de forma a obter-se um sentido mais aceitável. As dificuldades do texto, tal como ele se encontra publicado, não estão todas resolvidas, e possivelmente muitas nunca o serão por completo. A qualidade dos manuscritos de que o investigador dispõe, é naturalmente factor principal no resultado da obra.

Outra correcção importante, e num passo que até hoje não levantou suspeitas, pelo menos que eu saiba, tem lugar a páginas 45 da edição de 1946 (cap. xi do livro I). Conta-se uma pequena anedota filosófica :

«E por mostrar quanto a entençom he neçessaria ao benefício poen *deantes* este exenplo. Eu mandey dous moços aa academia que me buscassem a chamassem plato. E huũ delles andou buscando as scolas, e correo todos os logares em q̃ maginaua q̃ o poderia achar. E em fim nom soamente cansado, mais aynda com uaaao trabalho se tornou pera casa. E o outro moço achou huũ iogral en a praça, e asseentousse a par delle muyto sem cuidado do que lhe mandarem fazer. E uyo passar plato, e achou por aconteçimento quem nom buscava com uerdadeyro cuydado. Diz *deantes* q̃ louuaremos aquelle moço q̃ fez quanto pode por comprir aquello que lhe mandarom. E castigaremos o outro q̃ percalçou uentura gaançando a cousa por q̃ nom tomou trabalho».

Quando pela primeira vez li este trecho, não consegui compreender as expressões 'poen *deantes* este exenplo' e 'Diz *deantes*'. Com efeito, que quer dizer *deantes*, se é que esta palavra é um advérbio ?

Admitamos, entretanto, que tal palavra existe, e que é de facto um advérbio :

Se interpretamos *deantes* como 'adiante, em seguida', tal sentido convirá à expressão 'poen deantes este exenplo', mas não convirá a 'Diz deantes', porque de facto a história acaba aqui e nada mais se diz adiante.

A outra forma de interpretar *deantes* seria considerar a palavra como valendo 'acima, atrás'. Todavia, ainda que tal sentido fosse possível em Português, essa interpretação não conduz neste caso a qualquer saída. Acresce que, uma vez resolvido o problema do sentido do advérbio, nem por isso estaria achada solução para um outro enigma : qual é o sujeito das duas formas verbais, nas frases 'poen deantes este exenplo' e 'Diz deantes' ?

Ora no manuscrito de Oxford, como pode ver-se na linha 22 da fotocópia que acompanha este artigo, o sinal alfabético que inicia a palavra não é idêntico ao das palavras começadas por *d-* que na mesma página se encontram (1). Para quem tenha no ouvido algum vocabulário grego, não é difícil identificar o nome do filósofo *cleantes*, escrito com minúscula, como os restantes nomes próprios do manuscrito, entre eles Platão (*plato*) que figura também no trecho citado. O texto correcto é : 'poen cleantes este exenplo' e 'Diz cleantes que...'.

Investigações posteriores confirmaram plenamente esta hipótese : O nome de Cleantes (2) aparece três vezes no tratado 'De Beneficiis' de Séneca, do qual, como se sabe, 'O Livro da Virtuosa Bemfeitoria' é uma versão livre e acrescentada. E um desses passos

(1) Cheguei a esta conclusão, ao ler o ms. em microfilme, já depois de ter publicado a primeira notícia sobre a sua existência no semanário *Letras e Artes* de 6 de Novembro de 1949. Ai admitira a possibilidade da confusão entre a letra *d* e o grupo *cl*, quando o *c* está agarrado ao *l*.

(2) CLEANTES (331-232 a. C.) foi discípulo de Zenão de Cício e seu sucessor na direcção da escola estoica. Os passos do 'De Beneficiis' em que o seu nome aparece, são : V, 14, 1 ; VI, 11 — 12,2. Em 'A Latin Dictionary' por Lewis and Short, vem a indicação de mais três passos de Séneca, e de dez passos de Cícero, nos quais se encontra o nome de Cleantes.

Extraio do artigo respectivo in *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford, 1949, a seguinte indicação da sua obra hoje conhecida : A. C. PEARSON, *The fragments of Zenon and Cleanthes* (1891) ; H. VON ARMIN, *Stoicorum Veterum Fragmenta* (1903-), I. 103-39 ; J. U. POWELL, *Coll. Alex.* (1925), 227-31 ; DIOG. LAERT. 7. 168-76 ; A. PAULY, G. WISSOWA, W. KROLL, *Real-Encyclopädie d. klassischen Altertumswissenschaft* (1893-), XI. 558.

(liv. VI, 11, 1-2) é exactamente a anedota que o Infante D. Pedro traduziu, e aqui transcrevemos :

«XI. 1 Cleanthes exemplo eiusmodi utitur : 'Ad quaerendum' inquit et accersendum ex Academia Platonem duos pueros misi ; alter totam porticum perscrutatus est, alia quoque loca, in quibus illum inveniri posse sperabat, percucurrit et domum non minus lassus quam inritus rediit ; 2 alter aput proximum circulatorum resedit et, dum uagus atque erro uernaculis congregatur et ludit, transeuntem Platonem, quem non quaesierat, inuenit. Illum, inquit, laudabimus puerum, qui, quantum in se erat, quod iussus est, fecit ; hunc feliciter inertem castigabimus».

Este erro de *deantes* por *cleantes* vem nas três edições até hoje publicadas (1910, 1940, 1946).

É de esperar que a presente correcção e muitas outras igualmente necessárias venham a dar entrada em futura edição crítica de 'O Livro da Virtuosa Bemfeitoria'.

Enquanto isso não acontece, aqui fica deixada a informação de que há, no manuscrito da Bodleiana, mais um elemento de estudo para melhor conhecimento da Obra, valiosa sob mais de um ponto de vista, com que o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, enriqueceu o património cultural do seu país.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Port. *morrer*

No ms. alcobacense do «Orto do Esposo», Bertil Maler (*Studia Neophilologica* XIX, 1946/47, 167-168) encontrou três abonações para o infinitivo *morre*, reconstruído outrora por Cornu como fase intermédia da sua derivação *morrer* < **morre* < **morēre* (cp. REW 5681). Embora estes exemplos, até agora isolados, «ne paraissent pas totalement dignes de foi», visto que o ms. tem geralmente *morrer*, o facto de se encontrarem numa espécie de «locution consacrée» *auer de morre* é digno de nota e parece excluir a hipótese de simples erros de grafia.

Nesta base, Maler aceita a explicação de Cornu e rejeita a derivação de *morrer*, com os seus dois -*rr-*, do fut. arc. port. *morrei* (cp. A. Nascentes, *Dic. Etim.*, 534): «Le futur *morrei* ... doit être considéré comme une provenance de *morre*, non comme sa source». Teríamos, portanto, a formação, dentro do português, dum infinito etimologicamente com duas desinências (-*re* de *morere*, -(*e*)*r* dos verbos da 2.^a conjugação), semelhante ao caso de *sanare* > *sāar*, *saar* > + -*ar* = *sasar*. Mas esta conclusão e comparação não são aceitáveis por três razões: *morrei* é um fut. absolutamente normal no port. arcaico (como *salrei*, *valrei*, *querrei*, *ferrei* 'ferirei', *guarrei* 'guarirei', etc.) que devia ter-se formado de qualquer dos infinitos possíveis (MORIRE, MORERE ou *morre*); o arc. *sāar*, *saar*, dissilábicos, são formas de infinito da 1.^a conjugação completamente normais na língua, ao passo que *morre* constituiria, salvo erro, o único exemplo dum infinito da 3.^a conjugação latina conservado no esp. e no port., onde, como se sabe, esta conjugação não sobrevive; e finalmente, o estudo histórico-geográfico comparativo proíbe procurar dentro do português a explicação dos -*rr-* nos derivados de MORI, MORIOR etc.

O facto de *morrer* existir no espanhol arcaico e ser a forma corrente dos dialectos ocidentais da Espanha (REW 5681; cp. Menéndez Pidal, *Dial. leonés*, § 18, 3; Rato Hevia 85-86: *morrer*, *murrir*; RFE Anejo XXXI, 272; XLIV, 72) prova a sua antiguidade. Seria extravagante não a ligar com a forma *mórrere* que nos apresenta uma zona compacta do Sul da Sardenha (AIS I, 75), da qual as formas hispânicas apenas se distinguem

pela passagem geral dos verbos da 3.^a conjugação latina para a 2.^a. Houve, portanto, no «latim vulgar», não só duas formas, MORERE e MORIRE (cp. Ernout-Meillet; sobre continuações da primeira no Norte da Itália e em França cp. AIS 75 e ALF 882), mas ainda outra, regional, MORRERE, da qual as hispânicas e sardas mencionadas provêm. A explicação desta forma está por fazer, mas em todo caso deve ser procurada no latim falado das regiões em questão, não dentro do português. Limitamo-nos aqui a indicar algumas possibilidades além das já aventadas (do fut. MORIRE -ERE + HABEO; de *morre* < MORERE): 1.^o podiam ser interessantes paradigmas flutuantes entre -r- e -rr- da Itália do Sul: 1.^a pess. pres. indic. *morra* (influência do i ?), 2.^a *múresa*, 3.^a *murada*, 4.^a *murima*, 5.^a *murilasa*, 6.^a *múrena* (cp. Rohlfs, *Dizionario Dialettale delle Tre Calabrie* II, 54; AIS VIII, 1696, P. 745); 2.^o podia haver analogia com outros verbos (cp. lat. FERRO-FERRE, v. REW 3258 e 6043; VOLO-VELLE, v. campid. *bólliri*, REW 9180, napol. *vóllere*, Rohlfs, em *Donum natalicium Jaberg*, 58; (AB)MORREO, -ESCERE, lat. vulg. *-IRE, REW 23 e 4185) (1); 3.^o dentro da explicação a partir do fut. e condicional, pode ter influído a flutuação sintáctica entre o condicional e o imperfeito (*morria* etc. 'morreria' > 'morria') e entre o futuro e o presente (*morremos* 'morreremos' > 'morremos'); 4.^o pode dever-se a uma tendência para a geminação do -r- (e -l- ?) em verbos esdrúxulos, visto que port. *estarrarrecer*, *estarrincar* parecem ligar-se antes com EXTERERE do que com EXTERRERE (REW 3090a: EXTERRERE [?]), *atterrecer* com ATTERERE, tendência que talvez pudesse explicar também os -rr- problemáticos do cat. *aixarrehit* (REW 7845) e, por analogia, a passagem de NARRARE com os seus dois -rr- para a 2.^a/3.^a conjugação no sardo *nárrere*, *nárre* (Wagner, *Hist. Lautl.*, 20-21; *It. Dial.* 14, 138-139; Rohlfs, *Donum*, 58). Só um estudo comparativo pormenorizado pode decidir sobre a importância destes e talvez de outros motivos. Ele teria que pronunciar-se também sobre o papel que desempenhou, na incorporação do verbo na 2.^a/3.^a conjugação latina, a analogia com o antónimo VIVERE (cp. Meier, *Ensaio de Filologia Românica*, 40-41; Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Rev. Lus.* XXIII, 57: «contranome de *river*»), ou uma tendência morfológica geral do latim vulgar regional (cp. Rohlfs, *Donum*, 58), e para a predomi-

(1) Sobre sinónimos, cp. L. MORANDI, *In quanti modi si possa morire in Italia, o i sinonimi del verbo «morire»*, Torino 1882²; J. DA SILVA CORREIA, *Arg. da Univ. de Lisboa* XII, 1927, 557-562.

nância de *-rr-* a intenção de fugir a homonímias desagradáveis (Meier, 44-45; sobre homonímias no século XVI, C. Michaelis, l. c.).

O problema é semelhante, mas a fixação cronológica torna-se mais incerta para o infinito *morre*. As três abonações encontradas por Maler não chegam para ligá-las historicamente com o *mórre*, *mórri* do sardo, que tem também *querre* (Wagner, oo. cc.), além do mencionado *narre* e de *offerre* (continuação directa do lat. OFFERRE, ou forma sincopada de *offerrere*?). Visto que só aparece no sintagma *auer de morre*, também poderia ter sido formado no português pela correspondência entre as diferentes formas do fut. com HABERE: *venderei*—*hei (de) vender*, *morrei*—*hei (de) morre*. É de esperar que a edição crítica do «Orto do Esposo» anunciada por Maler nos dê mais esclarecimentos sobre o caso.

HARRI MEIER

Dezassete, diecisiete, dix-sept

Na morfologia dos numerais, tão sumariamente tratada nas *Gramáticas* de Diez e de Meyer-Lübke, o problema da ligação de dezenas e unidades é particularmente obscura. Para o português, R. de Sá Nogueira acaba de reproduzir a discussão etimológica sobre o *a* de *dezasseis*, *dezassete*, *dezanove* ⁽¹⁾:

- I. *DECEM AD SEX: Diez > Leite de Vasconcelos, [Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Krit. Jahresber.* IV¹, 333], Epitânio da Silva Dias, J. J. Nunes;
- II. DECEM ET SEX: [Meyer-Lübke, *Gramm.* II, § 560], Cândido de Figueiredo («pronúncia incorrecta»), Cortesão, Sá Nogueira («dissimilação»);
- III. **deza* + *seis* (por analogia com *trinta*, *quarenta*, etc.): teoria a que Leite de Vasconcelos depois renunciou;
- IV. *DECEM AC SEX: [cp. REW³ 57]; Bourciez 237 [4.^a ed., 726, 732]; A. Magne

Se alguns dos autores citados lembram a «coincidência» do português e do italiano, nenhum deles faz uma descrição mais pormenorizada da extensão geográfica do fenómeno, que poderia fornecer-nos indícios sobre a sua cronologia. Comuns ao português e galego, arcaicos e modernos (ao lado de *dezesseis*, etc.), as formas com *-a-* parecem ser muito raras ou inexistentes no domínio dos dialectos asturo-leoneses ⁽²⁾; mas elas encontram-se outra vez no

(1) *Crítica Etimológica* I, Lisboa 1949, 251-264; damos entre colchetes acrescentos bibliográficos.

(2) Cp. nota 5.

nordeste da Península, em dialectos catalães: o ALC regista uma série de formas com *-a-* para 'dezassete' (mapa 650) e 'dezanove' (mapa 640), e outras do catalão oriental com *-e-* podem possivelmente integrar-se nesta área, visto que os dialectos em questão deixam passar o *a* átono para *e*. Para o provençal (cp. ALF, mapas 415 *dix-sept*, 414 *dix-neuf*), Ronjat resume: «Les deux nombres ('17', '19') sont réunis par *et*... (*dès-e-sèt, dès-e-nou*), mais on trouve aussi un peu partout un type *dezassè(t)*» (Gram. ist. III, 1937, 134). Na Itália, o AIS (mapa 295 *diciassette*, 297 *diciannove*) apresenta formas com *-a-* em pequenas áreas do Piemonte (ponto 161), do Veneto (p. 338, 359; 378: α para 'dezassete') e Trentino (p. 305: α); depois, numa zona compacta da Toscana com a Ilha de Elba, e outra vez em pequenas áreas isoladas das Marcas, da Umbria (ponto 565 vacila entre *a* e *i* para 'dezanove'), dos Abruzos e Molissa (ponto 615 tem *a* para 'dezassete', *i* para 'dezanove'), do Lácio (640 vacila entre *a* e *i* para 'dezanove'; 624 e 633 apresentam *-a-* só para 'dezanove'), da Campânia, Calábria (745 e 783 têm *e*, α para 'dezanove'), Basilicata, Sicília e Sardenha...

O resultado deste breve panorama é que as formas com *-a-* se encontram (fora do romeno, que segue outro princípio de composição) na maior parte da România, sempre em concorrência com resultados de ET (*e, i, ə*), concorrência que as línguas literárias italiana e portuguesa decidiram afinal a favor das formas com *-a-*. Qualquer tentativa etimológica tem que partir deste quadro geográfico e esgotar as possibilidades duma explicação comum, antes de recorrer a interpretações isoladas, individuais para cada região. Tal explicação comum remeteria a origem das formas com *-a-* para o latim ou 'latim vulgar' da própria época imperial, dispensando-nos de procurar evoluções próprias do port., prov., it., etc. A anterioridade com que as formas com *-e-* possivelmente aparecem nos textos portugueses medievais (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* IV, 1115; Carolina Michaelis, l. c.: «Zu *dezasseis* will ich bemerken, dass die Bildungen mit *a* von Alters her neben denen mit *e* einhergehen»), não quer dizer que as literariamente posteriores não tenham existido antes «in the spoken language» (Williams 133), devendo-se pensar em diferenças regionais e sociais. A hesitação entre o ponto de vista cronológico e o comparativo levou Williams a considerar possível ora a derivação de AC, ora a «substitution of the conjunction *e* by the preposition *a*».

Entre as etimologias propostas, a IV^a merece, de longe, a pre-

ferência. Em latim, *ATQUE*, *AC* servia, ao lado de *ET*, para ligar dois números (*Thesaurus Linguae Latinae* II, 1068). A sobrevivência românica de *AC*, postulada pela primeira vez por Ascoli para sintagmas como *va a ddormi* 'vá e dorme' = 'vá dormir' (*Arch. Glott. It.* 14, 453-468; cp. Meyer-Lübke *ZRPh.* 23, 478 e *Gramm.* 3, § 548), já há 50 anos que Schuchardt a julgou possível ou provável «auch in Frankreich, Spanien und Portugal» (*ZRPh.* 23, 1899, 344) em construções como esp. *ambos a dos*, em *coma* 'como' de várias regiões românicas⁽⁴⁾, etc. Estas datas confirmam a indicação de Bourciez (91; cp. Grandgent, § 379): o latim falado preferia *dece et septe*, *dece et nove* e *dece ac septe*, *dece ac nove* a *septendecim*, *undeviginti*; mas a adição com *AC* não prevaleceu apenas «à l'Ouest de l'Ibérie et en Italie» (237, 726; na Itália, aliás, *ET* predomina em extensão geográfica), mas também noutros regiões da Ibero- e da Galo-România.

Exige uma observação especial o número 'dezoito'. No latim, como se sabe, *AC* emprega-se antes de consoante. Não admira, por isso, que o quadro geográfico para *-a-* divirja fundamentalmente para 'dezasais, dezanove' dum lado, e para 'dezoito' do outro. Na Itália, predomina o tipo *diciotto*, geralmente explicado por *DECE ET OCTO*, com passagem de *-t-* > *-d-*, por assimilação ao *-d-* ou dissimilação com o *-tt-* (Salvioni, *ZRPh.* 23, 1899, 519), tipo que se estende a dialectos provençais (ALF, mapa 414). A zona compacta para *-a-* em '17', '19', a Toscana, e outras regiões apresentam *diciotto*. As formas com *-a-*, que faltam na Sardenha, são muito mais raras também, em comparação com as de '17', '19', nos outros dialectos, e separados em dois grupos: *dizavót*, *dizavottu* (pontos 338, 359; 772) por um lado, *diciadottu* e formas semelhantes por outro (pontos 752, 780, 783, 791, 794, 818, 846; *ricarott*

(4) REW 57; H. MEIER, *Ens. Filol. Rom.* 134; *Bol. de Filol.* 8, 1947, 244, 248; C. FAHLIN, *Mél. Melander*, 1943, 235-246; FEW 2, 1544. Não tomando em conta estas e as publicações acima citadas, SÁ NOGUEIRA julga «forçada» e «inverossímil» a derivação de *AC*, porque «não se encontram exemplos de *ac* na nossa língua» (259-260). São possíveis reflexos de *AC* o *a* de *aquele* (< *ATQUE ILLE*?, MEYER-LÜBKE, *Gramm.* 2, § 564; REW 57; < **AC ECCU ILLE*?, cp. STOLZ-SCHMALZ³, 658), o *de* *assim* (< *AC SIC*?), e a construção *a mais a criada* 'e a criada', pop. 'mais a criada', lembrada por LEITE DE VASCONCELOS, mas em favor de *AD*. Merecia um estudo aparte a origem das locuções adverbiais, mencionadas por D. Carolina, do tipo *passo a passo*, *pouco a pouco*, *um a um*, ao lado de (*a*) *passo e passo*, (*a*) *pouco e pouco*, (*a*) *um e um*, que vieram substituir o lat. *guttatim*, *paulatim*, *gradatim*, *minutatim*, etc.

etc. 722, 723, 896). Estas últimas formas, não directamente deriváveis da composição com AC, podem ser analógicas com os dois números vizinhos (*diciadotto* + *diciassette*, *diciannove* = *diciadotto*), que têm a forma com -a- nos referidos falares. Em todo caso, *diciadottu* etc. também não fala em favor da composição com AD ou da origem fonética de -a-, que não explicariam a diferente difusão de -a- em '18' e em '17', '19'. — O português continua uma forma arcaica com -a-: *dezoito* (com *ó* aberto, oposto ao *o* fechado de *bito*) < *dezaioito* (Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.*, II, 26; IV, 41; *Opúsculos* IV, 957; V. Garcia de Diego, *Elem. de gram. hist. gallega*, 96). Fica por precisar a relação entre *dezaioito* do galego-português e as formas italo- e galo-românicas com -a-; é provável que se trate dum *DECE AC OCTO antigo, rejeitado em grande parte por ambientes linguísticos que admitiam DECE AC SEPTÉ e DECE AC NOVE, e menos provável que haja analogia independente nas diferentes regiões, como no DECE ET (AC) SEX da Ibero-România. Se excluirmos a explicação por assimilação do -a- de *dezasseis*, *dezassete*, *dezoito*, *dezanove*, esta dá-se em sentido oposto nas formas galegas *dazasseis*, *dazaoito* (< *dezasseis*, *dezaioito*), etc.

As formas com -a- estendem-se às composições com 'vinte' só nos dialectos: o AIS (mapas 298 *ventuno*, 299 *ventidue*) traz *vinciaun* (ponto 359), ou *vintadu*, *vinciadoi* e formas semelhantes (cp. pontos 140, 160, 170, 315, 760, 836); no provençal (cp. ALF, mapas 1399 e 1400), Ronjat encontra-as «un peu partout», e propõe para elas a explicação III^a: «par analogie de *trenta*, *quaranta*, etc.; si l'analogie suit ici une marche peut-être exceptionnelle, c'est que 'vingt' est seul, contre sept autres nombres de 30 à 90, à ne pas avoir de voyelle posttonique. Je pense qu'il faut expliquer de même des formes pour '17, 18, 19'... Je ne crois pas qu'il faille i voir une composition *dix à sept*, etc., et les grafies littéraires *dès-à-sèt*, etc. doivent procéder d'une étymologie populaire: quand on joint une dizaine et une unité par une préposition, on met en général l'unité la première, cf. roumain *șapte-spre-zece*, etc., et le même tipe dans les langues slaves» (ob. cit., 136). Esta critica da I^a explicação é certa, mas a do Autor também não é mais aceitável: no próprio número 'vinte', não aparece a vogal analógica, de modo que ela deve representar, nos numerais compostos, não uma desinência analógica da dezena, mas o elemento sintáctico de ligação. Trata-se outra vez dum fenómeno disperso por vastas regiões. Para Portugal, Leite de Vasconcelos lembra as formas *vintaum*, *vintadois* etc. «nos dialectos do Sul» e na literatura quinhentista

(cp. Carolina Michaelis, l. c. : «Auch kann ich *vintaum*, *vintatrês*, *vintacuatro*, *vintaseis*, *vintatantos*, *centaum*, *centacincoenta* mit Stellen aus Gil Vicente, Azenheiro, Goes, Albuquerque belegen») ⁽⁴⁾. Foi a incongruência entre *vintadois* e *trinta e dois* que fez desistir Leite de Vasconcelos da hipótese III. Embora as circunstâncias sejam outras para o provençal, que, como o francês, não liga geralmente por conjunção (ET, AC) as dezenas e as unidades, não se há-de separar sem necessidade a interpretação dos representantes do tipo regional *vintadois* português, provençal e italiano.

Na ligação de dezenas e unidades, as línguas românicas seguem caminhos muito diferentes :

- 1.º) Tipo estavo *NOVE SUPER DECE, no romeno ;
- 2.º) Composição com ET (de '16' a '99'), no espanhol ⁽⁵⁾ ;
- 3.º) Alternância entre a composição com AC nas dezenas (ou numerais superiores) que não terminam em -a (*dez*, *vinte*, *cento*), e a composição com ET nas dezenas em -a, como no português ;
- 4.º) Alternância entre a composição com ET (franc. *vingt-et-un*, *trente-et-un*, etc.) ou AC (it. *diciassette*, dial. *vintadu*) e a composição sem conjunção (franc. *dix-sept*, *vingt-trois*, it. *diciotto*, *quarantatre*) na Italo- e Galo-România.

Para o tipo predominante do galo-românico (e no italiano literário), que parece ser inexplicado, Nyrop (II, § 487) cita uma hipótese extravagante de Darmesteter : «l'usage de lire les nombres tels qu'on les écrivait et un besoin de rapidité amenèrent graduellement la supression de *et*» ⁽⁶⁾. A forma bearnesa *bint-u* '21' pode derivar, segundo Ronjat, de *bint* + *u*, de *binte* + *u*, ou de *binte* e *u*, mas desde '31', «les dizaines (en provençal) se joignent purement

(4) Deve explicar-se da mesma maneira *duas ô meia* 'duas e meia', *metro ô meio* 'metro e meio' em Seixas; cp. ABEL VIANA, *Linguagem popular do Alto-Minho*, Viana do Castelo 1932, 33.

(5) As formas do esp. mod. *dieciseis* (= *diez y seis*), *diecisiete*, *dieciocho*, *diecinueve* parecem ser refeitas sobre formas com um único acento sobre o último elemento, e, portanto, sem ditongação de DECE; cp. asturo-leonês *deciseis*, *decisiete*, etc. (RATO Y HEVIA, 45; R. MENÉNDEZ PIDAL, *Dialecto leonés*, 296; V. GARCÍA REY, *Voc. del Bierzo*, 1934, 31, 77; RFE Anjo XXXI, 23; XLIV, 38), arag. *dezesiet* (HANSEN, *Gram. hist.* 88). Mas as formas monotongadas de *diez* em ant. esp. *dizesiete*, etc. (R. MENÉNDEZ PIDAL, *Manual*, § 89, 2; HANSEN) mostram a antiguidade da ditongação de DECE.

(6) Sobre a vacilação do franc. ant. entre a justaposição e a composição com *e(t)*, cp. GODEFROY IX, 389-390; X, 859; TOBLER-LOMMATZSCH II, 1952, 1955.

et simplement aux unités: *trento-un, trento-dous*, etc.», como no italiano a partir de '21', e no francês a partir de '22' (menos em '31, 41, 51, 61, 71'). Estas formas sem conjunção devem continuar um terceiro tipo regional do latim falado, ao lado da composição com ET ou AC: «nos *quindecim et decem et quinque*, *Liuius tamen frequenter etiam sine coniunctione septem decem et decem septem*» (Priscianus; cp. J. Svernung, *Untersuchungen zu Palladius*, 1935, 289-290). É a maneira de contar corrente no latim literário para os numerais superiores: *centum viginti tres; mille octingenti octoginta novem*.

Assim, o nosso breve esquema apresenta uma série de traços característicos para a evolução do latim e das línguas românicas: abandono do tipo subtractivo (*duodeviginti, undeviginti*) e da ordem unidade-dezena (*septendecim, unus et viginti...*) nos números superiores a '15' ou '16', a não ser que ela se continue indirectamente no tipo preposicional do romeno, imposto pelo superstrato eslavo; generalização, no latim falado, da justaposição ou da ligação com ET, com a ordem dezena-unidade, e incremento da composição com AC, quando o primeiro elemento não acaba em -a, especialmente com DECE. Ao passo que as evoluções negativas que acabamos de mencionar se estendem a toda a România, as positivas estão sujeitas a uma considerável diferenciação regional do 'latim vulgar', que deixa distinguir uma zona com mais vasto uso de ET, outra com emprego de AC, e ainda outra que conhece a justaposição simples. Em oposição à maior parte das línguas românicas, que conservam processos vários de formação, só o espanhol e o romeno, entre os idiomas literários modernos, uniformizaram a ligação de dezenas e unidades, quer por impulso próprio, quer por influência estranha.

HARRI MEIER

Agrião

Para *agrião* propuseram-se dois étimos principais ⁽¹⁾: o grego *ágrion* (forma neutra de *ἄγριος*) e o lat. *acer* ou port. *agre* (neste caso com um sufixo, evidentemente).

O último, dado por Adolfo Coelho no seu *Dic. Man. Etym.*, é o que tem os favores dos modernos etimologistas, designadamente de Meyer-Lübke (*REW*, 92) e de A. Nascentes (*Dic. Etim.*).

Somos, porém, de parecer que tal étimo não apresenta suficientes condições de evidência.

1.º Dada esta origem, seria de esperar a forma *agrão*, com sufixo *-ão* (< *-ōnem*), em vez da forma geral *agrião*, visto que não temos o sufixo *-ião* (v. J. Allen, *Port. Word. Form.*, e cp. *alvão*, *clarão*, *chorão*, *negrão*, *valentão*; *arrudão*, *endrão*, *urtigão*, etc.). Encontra-se, é certo, a forma *agrão*, mas trata-se dum provincianismo bastante raro. Além disso, compreende-se mais facilmente o desaparecimento dum *i* nestas circunstâncias (por evolução espontânea, por analogia ou até por etimologia popular [a mesma que os eruditos pretendem validar]) do que a sua epêntese...

2.º Tratando-se duma formação românica, portuguesa, era natural que a palavra tivesse um significado aumentativo. Ora, o *agrião* que, como se sabe, é comido em salada, não apresenta um sabor tão *agre* ou *acre* que justificasse uma formação desta natureza. Pode-se dizer até que nem é nada *acre* ou *picante*. E, quanto a acidez, a salada dos tenros raminhos folhosos, para se tornar saborosa, precisa mesmo, como é sabido, de ser acidulada com algum vinagre.

A estes respeito, o *agrião* nem sequer pode ser comparado com a *nabiça*, o *rabanete*, o *mastruço*, etc. e muito menos com as *azedas*, as uvas verdes (*agraz*) e outros frutos ácidos (limão, variedades de maçãs, etc.).

O primeiro étimo acima indicado (o gr. *ágrion*), aceite por C. Figueiredo, Silva Bastos, etc., parece-nos mais razoável, conforme passamos a mostrar.

(1) Um terceiro, «o céltico *ai greenn*», não parece digno de consideração.

O *agrião*, planta comestível e medicinal, é conhecido e estudado desde antigos tempos. Os autores gregos (Teofrasto, Dioscórides, etc.) descrevem-no com certo cuidado, sendo seguidos pelos latinos e pelos médicos ou botânicos ulteriores, alguns deles seus tradutores e comentadores. Simplesmente o verdadeiro *agrião*, o *agrião* das fontes ou dos regatos e que se come em salada, não corresponde ao gr. *κάρδαμον* e ao lat. *nasturtium*, como hoje geralmente se julga ⁽¹⁾, mas a nome diferente.

Segundo as descrições, por exemplo, de Dioscórides, o *agrião* corresponde verdadeiramente ao *σισυμβέριον*, também chamado *ἑρπύλλον ἄγριον* (Liv. II, cap. 155), sendo descrito por Plínio, concordantemente, com o nome de *sisymbrium silvestre* (*Hist. Nat.* XX, 22). A expressão *herpyllon agrion* foi também usada depois por médicos ou botânicos, como se vê, por exemplo, nas traduções (ou nos comentários) de Laguna e que Simonet (*glos. de Voc. Ib. y Lat.*) menciona na palavra *acriólex* (*acrión, acriónex*).

Foi certamente deste *agrion* (< gr. *ἄγριον*, neutro de *ἄγριος*), tornado substantivo (cp. *ameixa*, *maçã*, *pêssego*, *romã*, *manjaricão*, etc.) e transmitido ao povo por físicos e herbanários ou boticários, que a plantazinha tirou o seu nome aqui no Ocidente da Península Ibérica. A substantivação do *agrion*, neste caso, era tanto mais de esperar quanto é certo que *herpyllon* (ou *herpyllus*) isolado designava planta inteiramente diversa.

E não faltam, em português, nomes de plantas em *-ão* tirados de neutros em *-on*, como será o caso de *agrião*. Ocorrem-nos, por exemplo, *arão* (< *aron*, jarro), *hipericão* (< *hypericon*), *manjaricão* (< *basilikon*) e *satirião* (< *satyrion*), além de *basilicão*, *cronicão*, *diarrodão*, *emбриão*, *equião*, etc. ⁽²⁾

Nota A. Nascentes que o gr. *ágrion*, além de significar *rábão selvagem*, «é historicamente inaceitável»; mas, como se acaba de ver, são palavras sem verdadeiro sentido.

(1) Os modernos botânicos incluíram realmente o *agrião* no género *Nasturtium*; mas o gr. *κάρδαμον* e o lat. *nasturtium* correspondem propriamente ao *mastruço*, que, embora da mesma família, é planta bastante diferente (incluída actualmente no género *lepidio*), com frutos arredondados (silículas), cordiformes (de onde talvez o nome grego), ao contrário do *agrião*, que tem frutos alondos (siliquas). Neste ponto os nomes vulgares são mais fiéis aos nomes clássicos do que as designações botânicas actuais. Como se sabe, *mastruço* vem mesmo do lat. *nasturtium*.

(2) Lembra-nos ainda *almeirão* (< gr. *ἄμυρον*, neutro de *ἄμυρος*, mas por intermédio do ár. *amīrūn* ou *amāirūn*).

Quanto ao significado, *ágrion*, como neutro do adj. ἄγριος, que significa rústico, do campo, silvestre, bravo, selvagem, tinha muitas ocasiões de ser usado (cp. lat. *silvester*...) e substantivado (conforme deve ter sido), mesmo independentemente da citada substantivação grega, posto que esta designe uma planta da mesma família.

Portanto, AGRILÃO (< *agrion* [por *hérpyllon ágrion*], neutro de ἄγριος).

Cânfora

O registo etimológico de A. Nascentes (*Dic. Etim.*) relativo à palavra *cânfora* é, sem dúvida, insuficiente. Apresenta ele apenas :

«CÂNFORA — Do sânser. *karpūra*, já assimilado no prácrito *kappūra*, donde o ár. *kāfūr* por falta de *p*. Existe a forma *alcanfor* também.»

Nem mais palavra. Ora, é fácil reconhecer que nenhuma das formas apresentadas serve para explicar naturalmente a palavra normal portuguesa. Reportando-nos especialmente à forma árabe (como é costume fazer-se), esta não pode explicar a prosódia esdrúxula de *cânfora*, a nasalação do *a* da primeira sílaba e a terminação *a* feminina (1)... E a palavra portuguesa não representa uma forma isolada. Está em perfeita correspondência com o cat. e o prov. ant. *cāmfora*, com o it. *cánfora*, com o fr. *camphre* (fr. ant. *camphore*), com o ingl. *camphor*, com o alem. *Kampfer*, com o gr. mod. *καμφορα*, etc., que também não podem ser explicados directamente pelas formas acima indicadas.

Na verdade, o ár. *kāfūr* não pode ser a origem directa da nossa palavra, pois daria **cafor* ou **alcafor* (-*fór*), em português, à semelhança de *albafor* (< ár. *albahūr*) e de *tambor* (< ár. *tanbūr*), mas nunca a forma *cânfora*. O próprio esp. *alcanfor*, embora mais directamente relacionado com esta origem (ár. *al-kāfūr*), parece revelar também influência doutra forma diferente...

Os principais dicionários estrangeiros (de Bloch-Warburg, Hatzfeld-Damesteter, E. Gamillscheg, Skeat, Webster, etc.) já há

(1) Na forma *alcanfor*, Nascentes diz : «Do art. ár. *al* e do sânscrito *karpūra* através do ár. *alkāfūr* (sic), com epêntese da nasal». Mas este artigo, além de descuidado na redacção, parece-nos simplesmente arbitrário na afirmação final.

muito que explicam as formas correspondentes à nossa *cânfora* por um lat. mediev. *camphora*, o mesmo se verificando em trabalhos modernos (*FEW*, de W. Wartburg, *Los Arabismos del Español*, de E. K. Neuvonen, etc.).

Este recurso falta, porém (cremos que indevidamente), em *REW*, 4656, de onde certamente a insuficiência do registo de A. Nascentes (4).

Já agora acrescentemos que nos quer parecer que o próprio lat. med. (*camphōra*) da linguagem botânica e médico-farmacêutica, ao contrário do que geralmente se diz, ainda não entronca directamente no ár. *kāfūr*, mas na forma greco-latina *καρυφά-*caphūra**. A forma grega parece ter sido usada pela primeira vez no séc. VI por Aécio (Ἀέτιος, *Aetius*), de Amida (Mesopotâmia), que estudou em Alexandria e foi médico em Constantinopla. Desde esta data é natural que se tenha difundido pelo mundo romano, tanto do Oriente como do Ocidente, com uma latinização *caphūra* (5). O antigo italiano *cafura* deve ter esta origem (3).

Foi certamente deste lat. *caphūra*, talvez por intermédio duma pronúncia **capphūra*, que se originou a forma *camphōra* da Idade Média, base das palavras modernas acima mencionadas (4).

Bloch e Wartburg dão a forma *camphore* como documentada no séc. XIV e *camphre* no séc. XV (5), mas as palavras românicas correspondentes devem ser anteriores. O esp. *alcáfor*, documentado no séc. XIII, segundo E. H. Neuvonen (ob. cit.), embora de origem árabe, parece revelar, conforme já notámos, influência da forma *cânfora*, que, portanto, lhe seria anterior.

As antigas formas portuguesas *alcáfor* e *alcânfora*, por seu turno, devem representar a palavra *cânfora* influenciada pelo árabe.

(1) Em *REW* falta também a forma normal portuguesa, *cânfora*.

(2) A *Encicl. Italiana* indica especialmente o séc. X.

(3) O lat. *caphūra* é registado por Jerónimo Cardoso (*Dict. Latino-Lusitano*, Coimbra, 1570 — vimos as edições de 1601 e 1694) e Bento Pereira (*Prosodia in Vocabularium*, Évora, 1634). Este também inclui a forma *camphōra*, pelo menos desde a 7.ª edição (1697), a qual se encontra igualmente em G. Freund (*Grande Dict. Lat.*), etc.

(4) Cp. **rendere* < *reddere* e *tappa* < *tappa*...

(5) O ant. fr. *cafour* (séc. XIII), directamente de origem árabe, não vingou na língua.

Em conclusão, o port. CÂNFORA (como as formas correspondentes das outras linguas modernas) deve apresentar a seguinte cadeia etimológica: < lat. med. *camphōra* < *caphūra* < ár. *kāfūr*...

Quanto à origem remota também será bom saber-se o que diz W. Skeat, que deve estar bem informado (além disso, concorda com as *notas* botânicas do Conde de Ficalho à edição dos *Colóquios* de Garcia de Orta). Depois de citar o b. lat. *camphora*, a forma sânsc. *karpūra-m* e o ár. *kāfūr*, acrescenta:

«All from Malay *kāpūr*, lit. chalk; the full form being *Barūs kāpūr*, i. e. chalk of Barous»...

Tala

O artigo do *Dicionário Etimológico* de A. Nascentes relativo a esta palavra também se não apresenta suficientemente explícito, nem mesmo rigoroso.

Eis as suas palavras:

«**TALA** — A. Coelho tirou do lat. *talea*. Cortesão tira do lat. *tabula*, tábua, através das formas *tabla*, *talla*, e compara com *taleira* de *tabularia*. A Academia Espanhola deriva o esp. *tala* de *talar*. Silva Bastos tira de um gr. *taleia*».

Como se vê: não há aqui um parecer pessoal que sirva de orientação aos consulentes, designadamente aos lexicógrafos (deverá preferir-se a primeira? Será melhor a última?); cita, sem comentários, algumas palavras que não podem explicar normalmente a forma portuguesa (precisamente a primeira e a última); e, finalmente, tratando-se, sem dúvida, de *tala*, subst. concreto (v. *Nov. Dic.*), refere-se ao esp. *tala* (< *talar*) que, etimologicamente, nada deve ter com a nossa palavra.

O artigo de Nascentes parece registar os possíveis étimos apenas por ordem cronológica (não preferencial), mas os Dicionários modernos parecem dar preferência ao primeiro indicado (v. *Dic. Compl.* e *Grande e Novis. Dic.*).

É fácil, no entanto, reconhecer-se que o lat. *talea*, regularmente, só poderia dar *talha*, homónimo das outras *talhas* já registadas (de **tinacula* < lat. *tina*, e de *talhar* < lat. *taliare*)... O gr. «*taleia*» (aliás *thaleia*) de Silva Bastos ainda menos se justifica.

Por outro lado, o espanhol correspondente a este port. *tala* é propriamente *tabla* ou *tablilla* (cfr. *entablar* e *entablillar*) — não *tala* < *talar*.

Esta verdadeira correspondência já nos pode deixar ver que, no presente caso, A. Cortesão deve ter inteira razão. Com efeito, o port. *tala* deve provir do «lat. *tabula*, tábua, através das formas *tabla*, *talla*», como o citado *taleira* proveio de *tabularia* ou o portuguêsíssimo e frequentíssimo *falar* de *fabulāre* (*fabulāri*). A evolução de *tabula* > *tabla* > **talla* > *tala* pode considerar-se mesmo mais regular do que a que originou o divergente *tábua* (1).

Cândido de Figueiredo, que, na 1.ª edição do *Novo Dic.*, aceitou o *talea* de A. Coelho, nas edições seguintes passou a averbar o étimo de Cortesão, embora com dúvida.

A palavra port. *tala* falta em *REW* (no n.º 8514 ou noutro).

De *tala* se formaram várias outras palavras portuguesas: *talada* (s. f., fenda; grande fenda na rocha ou entre penedos); *talisca*, *talisga* (fenda; pequena talada; estilha) > *talisquento* (2); *entalar*, *desentalar*, *entaliscar*, *entaladela*, etc.

JOSÉ INÊS LOURO

(1) Naturalmente só depois de um primitivo *tabula* ter dado *tabla* ou mesmo **talla* e de ter especializado o sentido é que *tabula* entrou novamente na língua, dando a forma *tábua* por simples queda do *l* intervocálico.

(2) *Taloca* parece-nos ter resultado do cruzamento de *talada* (palavra ainda não registada nos léxicos) com *toca*.

TOMO IX - FASCICULO 4

1948

Sobre o «Sumário de Crónicas até ao ano de 1368» da Biblioteca Real de Madrid

A D. Ramón Menéndez Pidal,
no seu 80.º aniversário

No seu catálogo das Crónicas Gerais de Espanha existentes na Biblioteca do Palácio Real de Madrid, deu Menéndez Pidal a conhecer, entre vários Sumários de História Geral, certo texto (parte de ant. 2-J-5, mod. 1313) transcrito em letra do século xv mas cujo conteúdo revela claramente que foi redigido durante o reinado de Henrique II de Castela pouco depois de 1368 (v. *Crónicas Generales de España*³, Madrid, 1918, pg. 197-198). Para o seu descobridor, o principal interesse deste *Sumário* residia em ser o mais antigo texto castelhano que se teria inspirado na *Crónica de 1344* (4) e em ser a base de um compêndio posterior, o do Dispenseiro da rainha D. Leonor, mulher de D. João I.

No presente artigo pretendo descrever este texto mais pormenorizadamente do que o fez o grande romanista, apontando as suas fontes principais e transcrevendo certos trechos que me parecem merecer atenção especial. Apresentarei também os motivos que, no que respeita às relações entre o *Sumário* e a *Crónica de 1344*, me levam a afastar-me da opinião por ele expressa e acima mencionada.

História da antiguidade

Começa o *Sumário* por um trecho rimado que imita o início da *Vida de S. Domingo de Silos* de Gonzalo de Berceo :

«En el nonbre del Padre que fizo toda cosa del que quiso nascer de la Virgen gloriosa e del Spiritu Santo que es iglesia dellos prosa (à margem :

(4) *Crónicas Generales*³, pg. 46 e 198. Com efeito, Menéndez Pidal, como texto anteriormente influenciado pela *Crónica de 1344*, refere-se unicamente ao *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro. O carácter tardio do manuscrito em que o Nobiliário nos foi transmitido e as refundições que revela a análise do seu conteúdo fazem-no além disso emitir certas reservas. Trato das relações entre a *Crónica* e o *Livro do Conde* no estudo que acompanhará a edição do texto português da *Crónica* que preparei e em breve será publicada.

da la cronica) de los Reyes e enperadores (*riscado*: godos) quiero fablar vna breue cosa» (fol. 1r) (2).

O texto propriamente dito inicia-se com o seguinte parágrafo:

«primeramente

De que murio el rrey Nabucodonosor e rregno su fijo Baltasar e por el pecado que fizo que beuio con sus mugeres con los vasos que su padre aduxera de la santidad del templo de Iherusalem en esta noche le mataron los persianos e los de Media que eran sus enemigos e estonce prophetizaua Daniel en Caldeo» (fol. 1r).

Segue-se, neste mesmo estilo, um esquema da história da Assíria-Caldeia, da Pérsia, da Grécia (a partir de Alexandre), do Egipto e da Síria (sob os Ptolomeus e Antioco e seus descendentes) e de Roma, esquema que precede a história dos Godos em Espanha de que adiante me ocuparei.

É fácil determinar a fonte principal deste resumo de história antiga. Trata-se do *Liber Regum* ou *Chronicon Villarense*, texto navarro-aragonês de inícios do século XIII (3). Fez-se deste *Chronicon* uma versão castelhana ampliada uns vinte anos depois da redacção original (4). Como esta versão só se afasta do texto primitivo na parte final, pelo menos em pormenores importantes, e como o *Sumário* que estudamos não segue esta fonte na parte correspondente, não nos é possível determinar se o texto aqui utilizado foi o original ou a versão, o que aliás pouco importa.

(2) Nas transcrições do texto do *Sumário* limito-me: a usar maiúsculas iniciais para os nomes próprios; a desdobrar o *R* inicial em *rr*, já que as duas grafias alternam geralmente em textos do século XIV e XV, o que demonstra o seu idêntico valor; a usar *i* por *j* quando este fonema tem valor vocálico. Transcrevo o *s* de traço superior recto por *z*; acrescento entre [] ou suprimo entre () algumas letras quando se trata de emendas de necessidade evidente.

(3) Publicado por M. Serrano-Sanz no *Boletín de la Real Academia Española*, VI (1919), pg. 192 e sgs. O editor utiliza o mais antigo manuscrito conhecido desta fonte (letra do século XIII) incluído no códice *Villarense*, assim chamado porque pertenceu no século XVI a Miguel Martínez del Villar, jurisculto aragonês.

(4) Parcialmente publicado por Florez, *Memorias de las Reynas Catholicas*, t. I, 1761, pg. 481 e sgs.

Basta comparar a seguinte frase do *Liber Regum* (texto navarro-aragonês) com a frase acima citada do *Sumário* para se observar a perfeita correspondência dos dois textos:

«Murie Nabuchodonosor e rregno so fillo Balthasar en so logar, e por l auleza que fizo que biuie con sos mulleres en los basos que so padre aduxo de la santidad del templum Domini e lo mataron exe nueit los medos e los de Persia. Estonz prophetizaua Daniel en Caldea» (RAE, VI, 203) ⁽⁵⁾.

Esta frase encontra-se no *Chronicon Villarense* depois de todo o compêndio de história hebreia, seguido de um brevíssimo resumo de história mesopotâmica e grega (repetido e bastante ampliado na parte seguinte) que ocupa as suas primeiras folhas (v. RAE, VI, pg. 194-201). Não se compreende claramente o motivo que teria levado o autor do *Sumário* a iniciar só neste ponto a sua transcrição ⁽⁶⁾.

É curioso e até certo ponto estranho verificar a aceitação que em assuntos de história universal ainda podia alcançar em Castela, na segunda metade do século XIV, isto é, um século depois da redacção da *General Estoria*, uma fonte de tão rudimentar e imperfeita informação. O seu carácter esquemático e por isso mesmo claro contrabalançava sem dúvida qualquer outro inconveniente. A monumental obra de Afonso X era difícil de consultar e sobretudo de resumir e aqueles mesmos que recorriam (assim o veremos) à sua Crónica de Espanha e a compendiam não ousavam manejar a História Geral.

A utilização do *Liber Regum* neste *Sumário* é, por outro lado, mais uma prova da divulgação que teve nos fins do século XIII e durante todo o século XIV este antigo compêndio. Além da tradução

⁽⁵⁾ Note-se que, conforme adiante digo, este trecho se repete duas vezes, quase pelas mesmas palavras no texto publicado por Serrano-Sanz (pg. 201 e 203). Aquilo que se segue no *Sumário* é o que no *Liber Regum* se segue ao segundo destes passos e é por isso este último que transcrevo. É, além disso, dele que mais se aproxima o início do *Sumário*, a não ser no facto de se ler «Templo de Iherusalem», texto idêntico ao do primeiro passo, onde no segundo se lê «templum Domini». Isto pode ser simplesmente casual ou demonstrar que o autor do *Sumário*, apesar de não utilizar a parte anterior do *Liber Regum*, dispunha de um exemplar completo da sua fonte.

⁽⁶⁾ Poderíamos pensar num puro acaso: num manuscrito incompleto, por exemplo. O que disse na nota anterior faz-me contudo hesitar em dar esta explicação.

castelhana do tempo de Fernando III, já mencionada, lembremos o seu conhecimento, pelos redactores da *Primeira Crónica Geral* (cerca de 1289) (7), a tradução galego-portuguesa interpolada que de parte dela se conserva em certas folhas do ms. 8817 da Biblioteca Nacional de Madrid (letra de inícios do século XIV), a larga transcrição e refundição que dele se lê no *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos e a inclusão na *Crónica Geral de 1344* da mesma refundição que se encontra no *Livro das Linhagens* (8).

A coincidência entre o *Liber Regum* e o texto do *Sumário* não é sempre tão perfeita como no parágrafo transcrito. O autor do *Sumário* sentiu nalguns pontos as deficiências da sua fonte e tentou remediá-las na medida das suas possibilidades. Também o fizeram, como noutra ocasião apontarei, o autor galego-português da tradução mencionada e o redactor ou redactores do *Livro das Linhagens*. O que oferecem de particular as interpolações do *Sumário* está em que dizem respeito não só, como as daqueles, à história gótica e espanhola em geral mas também à história antiga ou, mais concretamente, à romana.

As divergências entre o *Sumário* e a sua fonte anteriores à parte correspondente à história de Roma (idênticas a várias outras que se encontram na parte posterior e a que nem sequer farei referência) devem-se atribuir, quando não são claros erros, à imperfeição do texto conservado no códice Villarense ou a alterações e ampliações introduzidas arbitrariamente pelo autor do *Sumário* sem se apoiar directamente em outra fonte histórica. Recorre quando muito a qualquer tradição muito espalhada. Darei apenas alguns exemplos:

1) *Liber Regum*

«e rregno en so logar el rei As-
triages» (BAE, VI, 203).

Sumário

«regno su fiço Alcriages e eston-
çes Abacut el propheta en Caldeo»
(fol. 12v).

(7) Menéndez Pidal. *La España del Cid*⁴ (Madrid, 1947), II, pg. 691-692 e I, pg. 159.

(8) No que se refere a estas últimas derivações v. o meu artigo: *O Liber Regum e outras fontes do Livro das Linhagens do Conde D. Pedro*, a aparecer no tomo XI deste Boletim (*Miscelânea de Filologia, Literata e História Cultural* à memória de F. Adolfo Coelho, II), onde publico a tradução galego-portuguesa mencionada, estudo a utilização desta fonte no *Livro das Linhagens* e me refiro de passagem ao seu aproveitamento na *Crónica de 1344*, assunto que estudo mais detidamente na minha já mencionada edição da *Crónica*.

A frase aparentemente interpolada é semelhante a muitas do *Liber Regum* e devia estar num texto deste melhor que o Villarense.

2) *Liber Regum*

«Apres la muert del rei Alexandre regnaron sos uassallos en la tierra. Tholomeo fo rei de Egipto, Antyochous poblo Repleta» (BAE, VI, 204).

Sumário

«de que vio que era de muerte partio todas sus tierras a sus criados ante que muriese e de que murio regnaron sus criados en todo el mundo e Tolomesos fue señor de Egipto e de Antiocha e ansi todos los otros cada vno en su rregno» (fol. 3v).

Se não se trata de um caso semelhante ao anterior, o autor do *Sumário* limitou-se a ampliar o seu texto com uma tradição certamente muito divulgada e que esse mesmo texto lembrava.

3) *Liber Regum*

«El tercer rei de Egipto, de los Tholomeus, solto todos los iudios qui eran catiuos en Egipto e [...] e dielos ad Eleazar el sacerdote» (BAE, VI, 204).

Sumário

«E de que murio el rrey Tholomeus rregno su fijo Aleasar que desi dixeron Tolomeus el segundo rrey de Egipto e solto todos los judios [...] e dielos a Eleasar el sacerdote» (fol. 3v.)

O *Aleasar*, filho de Ptolomeu e depois chamado Ptolomeu segundo, não deve ser senão uma antecipação do nome Eleasar que se lhe seguia poucas linhas depois, dissimulada como ao copista, senão ao próprio autor, pareceu melhor.

* * *

O *Liber Regum*, começava a falar de personagens romanos no parágrafo dedicado a «*Tholomeo Uergetes*». Antes de transcrever esse passo, o autor do *Sumário* fecha a parte precedente com uma batalha entre Ptolomeu e Antioco que não é senão a repetição de certo parágrafo anterior e com uma fórmula semelhante a outras frases do *Liber Regum*. Abre então capítulo novo:

«e este Tholomeus lidio otra vegada con Antioco e fue Antioco otra vegada vençido e tornose de cabo desonrado e desbaratado para Antiocha. FaSta aqui fablamos de los rreyes paganos que fueron señores de Iherusalem e de Baulionia e de Persia e de todas las [o]tras tierras. E agora diremos de los consules e de los enperadores de Roma.

Esta es la linea de los consules e de los enperadores de Roma faSta que vinieron los Godos a conquistar a España» (fol. 3v - 4r).

O que se segue tem para nós interesse particular porque precisamente aqui começam as interpolações a que me referia.

«E en la coronica rromana latina dize que Romulus e Romus pusiero[n] la primera piedra en Roma en el primero año(s) de Aças, rrey de Judea ao (sic) xv dias por andar del mes de Mayo.

[E] en el tiempo de Tolomeus el segundo rrey de Egipto fiziero[n] los rromanos a Marçel consul de Roma e tomo Sezilla e otra tierra mucha e fue muy buen omne e derechero e de gran justiça e muy esforçado en armas...» (fol. 4r).

À parte o elogio a Marcelo que deve provir exclusivamente do autor, o segundo parágrafo baseia-se no seguinte do *Liber Regum* :

«L otro Tholomeo Uergetes regno XVII annos. En aquel tiempo fo Ihesu fili Sirach e escriuiue so libro Et en aquel tiempo fo Marcel el consul de Roma e priso Sezilia» (BAE, VI, 204).

Tudo o que continha o *Liber Regum*, exceptuando a menção de Marcelo, reduziu-se aqui ao mínimo. Nos parágrafos seguintes omite-se completamente tudo quanto não diz respeito à história romana.

Mas qual é a «*coronica romana latina*» a que se refere o autor no parágrafo interpolado? Trata-se indubitavelmente da *Historia Romanorum* de Rodrigo de Toledo: «Primo igitur anno Achaz regis Iudae XI Kalend. Maii Remus et Romulus Romae urbis primum posuerunt» diz o texto do arcebispo⁽⁹⁾. Deve ser este um dos poucos vestígios da utilização directa desta fonte em textos medievais. Mas a expressa indicação de que se trata de uma *Crónica latina* une-se para nos tirar qualquer dúvida ao facto deste parágrafo do Toledano não aparecer textualmente traduzido como tantas outras vezes na *Primeira Crónica Geral*. Não voltamos porém a encontrar rastros do conhecimento da *Historia Romanorum* pelo autor do *Sumário*. A interpolação que aparece um pouco mais adiante não pode provir desta fonte onde não têm qualquer correspondência as notícias de carácter cronológico que nela se dão. Diz o texto :

«E dize la coronica que despues de la muerte de Ponpeo alçaron a Iulius Çesar por enperador en Roma que fue en la era de dciiij anos de la poblacion de Roma que fue en la era de Mclij anos que Adan e el mundo fue criado e biuo enperador quatro años e ocho meses rrey de todo el mundo

(9) *Hispaniae Illustratae*, II, Francofurti, 1603, pg. 190.

e en su vida fue lviij años e fue muerto por traición e non ouo fijo eredero e eredolo su sobrino el enperador Otauiano en el año de d e c x años de la población de Roma.

E de que murio Julio Çesar fue Çesar Agustus enperador...» (fol. 5r-5v).

A última frase, que repete o que se disse anteriormente sem parecer notá-lo, provém do *Liber Regum* (v. BAE, VI, pg. 205, l. 14). A própria repetição nos revela a duplicidade de fontes.

Neste caso a «*Crónica*» citada é seguramente a *Primeira Crónica Geral*. Nela se lê:

«Despues que Julio Cesar ouo muerto a Ponpeyo et uencidos sus enemigos et conquistas las gentes et las tierras et fechas todas estas cosas que auedes oydas dessuso, alçaronlo los romanos por emperador ... et esto fue a cinco mil et ciento et cinquenta et dos annos que el mundo et Adam fueron fechos ... et a setecientos et quatro que Roma fuera poblada ... E [...] regno en Roma e en Espanna et en todas las mas tierras del mundo, sennero et sin otro compannero ninguno cinco annos menos tres meses... (recg, ed. Menéndez Pidal. Madrid, 1906, pg. 92 a, b).

Pues que Julio Cesar fue muerto assi cuemo auedes oydo por que non dexo fijo ninguno que heredasse el sennorio depos et, alçaron los romanos en so logar por sennor de Roma et de todas las tierras quel obedecien a Octauiano que era so sobrino, fijo de su hermana e començo a regnar andados setecientos et diez annos de quando Roma fuera poblada» (recg, pg. 97b).

Transcrevi estes passos da fonte porque eles têm interesse especial para a defesa do meu ponto de vista no que respeita à relação deste *Sumário* com as *Crónicas Gerais*: na *Crónica de 1344* (e isto é verdade para qualquer das suas versões) não se reproduzem estes trechos assim como quase tudo aquilo que na *Crónica de Afonso X* diz respeito aos imperadores romanos. Mas adiante voltarei a tratar deste ponto.

* * *

Algumas outras pequenas indicações de carácter cronológico também se explicam pela *Primeira Crónica*. Este texto não explica contudo as referências bastante extensas a Nero e a Tito. De Nero diz nos o *Sumário*:

«E de que murio Claudius fue Nero enperador de Roma e rregno xxxvij años que mal siglo aya que fue muy mal ereje e este mato a su madre e la fue abrir que viesse como yazia en su vientre e fazie abrir las mugeres pre-

nadas que sopiesse como yazian la[s] criaturas en los vientres de sus madres e quiso saber commo conçibian las mugeres e commo parien e fazie afogar los omnes en cubas e en sacos que viesse por do salia el alma e por saber (por do salia el alma e por saber) que cosa era alma e en tiempo deste fue en Roma Simon mago el encantador» (fol. 7r).

O *Liber Regum* dizia unicamente:

«Après de Claudius regno en Roma Nero el falso, el qui mato so madre e la fizo aprir. En so tiempo era Simon Magus l encantador en Roma. Est Nero fizo meter en cruz a Sant Per e fizo degollar a Sant Paul e fizo matar a Senecha so maestro, qui era mui sage. Regno Nero XIII annos e murie. Et adonc murie Luchan» (BAE, VI, 205).

A indicação do motivo que levou Nero a mandar abrir o ventre de sua mãe, lenda muito espalhada na Idade Média, pode-a o autor do *Sumário* ter colhido na *Primeira Crónica Geral* (pg. 125a: «e desi fizola abrir por ueer el logar en que el yoguiera») ⁽¹⁰⁾. Mas não é fácil determinar uma fonte escrita para tudo quanto se segue ⁽¹¹⁾. Poderemos pensar na tradição oral? A referência a mulheres grávidas que Nero mandava abrir é uma natural ampliação da lenda referente a Agripina. Mas o que é particularmente interessante no texto do *Sumário* é a frase que nos apresenta o imperador arrastado ao crime pelo desejo de saber «que cosa era alma». Sem deixar de ser odiosa, como em todos os textos da Idade Média cristã, a figura de Nero adquire nesta versão reflexos de uma inesperada grandeza.

⁽¹⁰⁾ V. A. Graf, *Roma nella Memoria e nelle Immaginazioni del Medio Evo*, I, Torino, 1872, pg. 334 (não me foi possível consultar a segunda edição desta obra). Graf menciona alguns exemplos da expansão da lenda e supõe que ela se tenha formado em torno da cruel cena narrada por Tácito, Suetónio e Dião Cássio e recolhida por Boécio: o imperador perante o corpo nu de sua mãe que ele próprio mandou assassinar «cataual todos los mienbros et los unos loaua por fermosos. los otros denostaua por que eran fees», como diz a *Crónica de Afonso, o Sábio*, seguindo certamente neste ponto a Suetónio (v. Menéndez Pidal, *La Crónica General de España*, in *Estudios Literarios*, Buenos Aires, 1944, pg. 160). A frase citada no texto: «e desi fizola abrir...» é precisamente o final do episódio na *Crónica*, o que parece favorecer a hipótese de Graf.

⁽¹¹⁾ A. Graf não conhece qualquer versão da lenda semelhante a esta. Não pude verificar no livro de C. Pascal: *Nerone nella storia aneddotica e nella leggenda*, Milano, 1923, que não me foi possível encontrar, se este autor se refere a alguma versão idêntica à do *Sumário*.

Acerca de Tito aparece-nos uma nova interpolação importante. Onde o *Liber Regum* dizia secamente

«Murie Uespesianus el rei de Roma e rregno Titus so fillo, en so logar» (BAE, VI, 206)

diz o *Sumário*:

«E de que murio Vaspasiano fue Tirus enperador de Roma e se torno gafo de muy mala gafedat e non fallaua quien lo pudiese guareçer e oyo dezir como los judios mataron Ihesu Christo en Iherusalem e de los miraglos que fizo en su vida enbio a Iherusalem si fallasen del algunas cosas de sus señales que gelas truxesen luego e fallaron hi el sudario con que alimpio Ihesu Cristo su cara quando lo leuauan a crucificar que le dio vna buena muger e finco la señal de su cara en el clara así commo si su cara mesma fuese e tenielo elle muy bien guar~~da~~do e leuarongelo al enperador e quando la vio el enperador fue luego tan sano como si nunca ouiese auido tal mal e tornose luego cristiano el e otros muchos de Roma con el e desi fue muy santo omne e des ende aca es aquella Veronica en Roma e murio Titus el enperador e non dexo fijo ninguno» (fol. 8r).

A lenda da cura do imperador leproso pela visão do rosto de Cristo milagrosamente impresso no sudário teve larguíssima difusão na Idade Média ⁽¹²⁾. Chega a estranhar-nos a sua ausência na *Primeira Crónica Geral* em que não se deixa contudo de mencionar a existência da Verónica e se consigna que ela se conservava em Roma ⁽¹³⁾.

Uma versão desta lenda forma um dos episódios principais da primeira parte do *Graal*, o *José de Arimatia*, e poderíamos pensar que através dele a conhecesse o autor do *Sumário*. Mas há uma significativa divergência entre os dois textos que afasta esta hipótese. Trata-se do imperador que figura como personagem central. Sabe-se que, segundo as mais antigas versões, era Tibério o imperador miraculado (*Cura Sanitatis Tiberii*). Mais tarde Tito e Vespasiano aparecem implicados na lenda; Tito também se cura milagrosa-

⁽¹²⁾ V. A. Graf, *op. cit.*, I, 362 e sgs., e particularmente 379 e sgs.

⁽¹³⁾ «...la mugier quel diera la otra toca con que alimpiasse la cara quando el prendien, quel uino suor tan affincado que cayen del gotas de sangre en tierra; et tal fue el suor et de tal uirtud que finco pora siempre la figura de la su cara en aquella toca; e este es el panno que tienen em Roma a que llaman la Veronica» (PCG, 114 a). Observe-se que tanto neste passo da Crónica como no trecho transcrito do *Sumário* não se afirma que Verónica seja o nome da mulher que enxugou o rosto a Cristo. Só se dá esse nome ao Sudário conservado em Roma.

mente de certa doença grave mas não por intervenção da Verónica : é ainda Tibério que ao contemplar a imagem de Cristo se sente súbitamente curado (*Vindicta Salvatoris*). Só mais tarde Tibério desaparece, substituído umas vezes por Tito outras por Vespasiano ⁽¹⁴⁾. No *José de Arimatia* é Vespasiano o miraculado ⁽¹⁵⁾. No nosso texto é, como vimos, Tito. A interpolação do *Sumário* tem portanto o interesse de nos dar a conhecer a divulgação em Espanha de uma variante da lenda diversa da que difundiu o ciclo do *Graal*.

* * *

Até ao fim do esquema de história romana não se voltam a registar interpolações de interesse.

História dos Godos

Nos fols. 11 v-12 r do *Sumário* lemos :

«e esa ora començaron los godos a pasar la mar e vinieron de allende del rrio de Dannio e esa ora se mouio Mahomat de Meca e començo a pedricar su ley.

E en el tienpo que los godos passaron la mar estonçe se mouio...»,

passos que se repetem com ligeira variação de palavras a fol. 12 v depois do título :

«Esta es la linea de los rreyes godos que pasaron de allende la mar. E como conquirieron a España.

Los godos de linaje de Got de linaje de Jafech el fijo de Noe fueron todos buenos cavalleros e vinieron de parte de oriente de allende del rrio de Danuio e quando Mahomat començo a pedricar su ley esa ora pasaron los godos la mar...»

Estas frases têm correspondência perfeita em certo trecho da *Crónica de 1344* (na sua versão mais antiga, representada pelo manuscrito M: 2-I-2 da Biblioteca do Palácio Real de Madrid).

(14) Para tudo quanto fica dito v. A. Graf, *op. cit.*

(15) *Vaspasiano*, filho de *Titus*, diz o texto espanhol publicado por K. Pietsch, *Spanish Graal Fragments*, I, Chicago, 1924, pg. 7-8, e o texto português inédito (ms. da Livraria 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), fol. 10 v-11 r.

Mas não precisamos de recorrer a ela para explicar o seu aparecimento aqui. O *Sumário* continua a transcrever o *Liber Regum* onde essas frases servem de introdução à história dos Godos (BAE, VI, 207). A coincidência com a *Crónica* deve-se ao facto de esta última seguir neste ponto a mesma fonte. A independência das duas derivações manifesta-se claramente no parágrafo que imediatamente se segue. O texto do *Liber Regum* não conhecia nenhum rei godo anterior a Recesvindo a quem chama Cindus e entre os sucessores deste esquecia a Ervigio. Tanto o texto da *Crónica* como o do *Sumário* suprem estas graves deficiências por meio de interpolações. Baseiam-nas contudo em fontes completamente diversas. A lista dos reis godos no primitivo texto da *Crónica de 1344* é um esquema quase puramente genealógico baseado em fontes latinas⁽¹⁶⁾. A lista do *Sumário* acrescenta ao nome dos reis e anos de reinado um breve resumo dos seus principais feitos que em tudo concorda com o que deles nos narra a *Primeira Crónica Geral*. Vimos atrás que o autor do *Sumário* utilizou esta fonte na parte referente aos imperadores romanos. Vemos agora que é a ela que recorre novamente para a história dos reis godos. A nova e extensa interpolação inicia-se deste modo :

«leuantaron rrey de su linaje a vn cavallero que auia nonbre Atanasigo e este fue en la era de cccclxxxj años e rregno treze años e este fue el primero rrey de los godos e murio sin fijos e finco la tierra sin rrey xxix años» (fol. 12v).

Dizia a *Crónica de 1344* (ms. *M*):

«e fizieron rrei de su linage. El primo rrei de los godos ovo nonbre Atauarigo e quando vino de su tierra ovo su guerra con los rromanos e fizoles mucho mal e despues tornose a España con grandes gentes que traya e tomola e alçaronlo los godos por rrei, mucho a pesar de los d España e rreino quarenta e dos años».

Não é fácil neste caso concreto ver como foi o autor do compêndio colher os seus dados na *Primeira Crónica*. Não conheço

⁽¹⁶⁾ No artigo *O Liber Regum e outras fontes...* já mencionado, estudo as fontes da lista dos reis godos do *Livro das Linhagens de D. Pedro*, fundamentalmente idêntica à que aparece na primeira redacção da *Crónica*. No texto daquela a que chamo segunda redacção da *Crónica* (v. Menéndez Pidal, *Crónicas Generales*², pg. 79 e sgs.) esta sumária lista foi substituída por uma derivação directa da *Primeira Crónica*.

contudo texto algum que explique mais satisfatoriamente esses dados:

«era de cccclxxxi años»: o texto publicado da Crónica diz «era de quatrocientos et nueue annos» (227 a 31) e não dá qualquer variante. Pode ter havido simples erro de transmissão frequentíssimo em questão de números. Acrescentemos que é raro o número para cuja explicação não teríamos de invocar o mesmo motivo. Neste caso, porém, é possível supor que o sumarista manejava um texto em que, além da era de César, se desse a era da Encarnação (v. PCG, 229 b, nota à l. 23) e transcrevesse esta e não aquela: 409 da era de César = 371 da era de Cristo. O erro seria então de facilísima explicação: cccclxxxi por cccclxxi.

«treze años»: o texto da Crónica não menciona expressamente esta cifra, mas a era do início do reinado: 409, e a do fim: 422. A diferença é precisamente 13.

«xxix años»: a Crónica diz «ueynt et quatro annos». O erro de transmissão é também fácil de explicar: xxiv > xxix.

A dificuldade aparente provém do aproveitamento da PCG se reduzir neste caso a números. Muito mais clara resulta a derivação no que se refere a qualquer outro género de informações.

Deste modo se explica todo o texto do *Sumário* que vai de fol. 12 a fol. 21 r. A referência a Vitiza que se lê neste último fólio pode estranhar-nos à primeira vista dado o seu carácter totalmente elogioso:

«En la era de dclxxi años rregno Vitiza xv años e fue muy buen rrey e muy derecho e de gran justiça e muy largo de sus aueres» (fol. 21 r).

A aparente anomalia justifica-se todavia facilmente. O autor do *Sumário* limita-se a resumir a parte inicial das referências da Crónica Geral a Vitiza e, como se sabe, essas referências são-lhe de início plenamente favoráveis (v. PCG, pg. 303 b 46 e sgs).

Só ao falar de Rodrigo se afasta o *Sumário* da Crónica de Afonso x, dando-nos da destruição de Espanha uma versão muito diversa daquela que esta Crónica deve ao *De Rebus Hispaniae* de Rodrigo de Toledo. O interesse deste trecho do *Sumário* aumenta para nós quando observamos que também diverge e em

pontos essenciais do relato da lenda que nos transmite a *Crónica de 1344* baseado na *Crónica do Mouro Rasis* (v. *Crónicas Generales*³, pg. 55-75). É a seguinte a versão do *Sumário*:

«En la era de dcdclxxxvi años murio Vituza e rregno su fijo el rrey Rodrigo el postrimero rrey de los godos e rregnaron en España e rregno vij anos e medio e no mas e por la maldat que fizo al conde don Julian que yogo con su fija mientras que le enbio por las parias allen la mar e el conde don Illan fablo con los moros que les daria la tierra e vino e fablo con el rrey e le dixo que auia paz con los moros para sienpre e que mandase desfazer las armas e que las fiziesen rrejas e açadas e açadones e que labrasen todos por pan e que seria la tierra rrica e el rrey mando ansi fazer e per consejo del conde don Illan que mal siglo aya vino Taric fijo de rrey Miramolin de Maruecos e con los grandes poderes que trayan aribo en Tarifa e lidio con el rrey Rodrigo en el campo de Sangonara e fueron los cristianos vençidos e fue y perdido el rrey Rodrigo.

Ende el rrey don Rodrigo postrimero rrey de los godos fue perdido en la batalla que ouo con los moros en el campo de Sangonara e los (*sic*) fueron desbaratados e vencidos estonçes entro Taric el fijo del Miramomelin rrey de Marruecos con el poder de los moros en España e conquirio toda la tierra fasta los puertos de Aspa e fasta Castilla Vieja e fasta Galizia e fasta las Esturias do se acogeron las gentes que escaparon de los cristianos e toda la otra tierra finco en poder de los moros que mal pecado oy en dia non es acabada de ganar» (fol. 22^r e v).

Intentemos localizar esta versão servindo-nos do abundante material reunido e ordenado por Menéndez Pidal em *El rey Rodrigo en la literatura* (Madrid, 1925).

Começamos por notar que em nenhum dos textos ali citados se encontra narrada a lenda exactamente do mesmo modo que aqui. Há contudo um grupo de entre eles de que se conclui uma versão que coincide com esta em vários pontos essenciais: ida de Julião a África para receber párias; conselho traíçoeiro do conde ofendido; batalha decisiva no campo de Sangoneira. Trata-se da versão, espalhada entre os séculos XIII e XV, a que Menéndez Pidal chama de «Rodrigo e a Condessa» (v. *El rey Rodrigo*, pg. 45 e sgs.). Com a simples menção deste título salta-nos contudo à vista uma divergência essencial: no *Sumário* fala-se da filha de Julião e não da Condessa como em todos os representantes desta versão. Menéndez Pidal cita porém um exemplo (e que tem para nós o interesse especial de ser contemporâneo do *Sumário*) de um texto relacionado com este grupo em que se fala também da filha e não da mulher do conde, seguramente por influência do relato das Cróni-

cas: refiro-me à *Crónica del rey don Pedro*, do chanceler Ayala (1332-1407) ⁽¹⁷⁾.

Creio, portanto que o nosso texto se pode ligar a este grupo de versões. Juntamente com o de Ayala, ele forma dentro dele um sub-grupo em que a variante da desonra feita à mulher de Julião, variante devida à influência de outras narrativas europeias, foi abandonada sob o forte impulso da tradição, voltando a ocupar o lugar de protagonista a filha do célebre conde, sem que contudo se alterasse quanto aos outros pormenores característicos a forma então tomada pela lenda.

Astúrias, Leão e Castela

O início da história dos reis das Astúrias que figura no *Sumário* é principalmente derivado do texto correspondente do *Liber Regum*, como o demonstrará um breve confronto:

Liber Regum

«e fizieron rei por election al rei don Pelaio qui estaua en una cueua en Asseua. Est rei don Pelaio fo muit buen rei e leial. E todos los xianos qui eran en las montannas acullieron se todos ad el e guerreiron a moros e fizieron muitas batallas e uencieronlas» (BAE, VI, 208).

Sumário

«En la era de dcccij años fizieron rrey por elecçion a don Pelayo fijo del duque don Fauilla que estaua escondido en vna cueua en Aseua e era del linaje de los rreyes godos e e este fue el primero rrey de Leon e rregno xiiij años e fue muy buen rrey e los cristianos que estauan escondidos por las montañas acogieronse todos a el e guerreio con los moros e vençio muchas batallas e gano la çibdat de Leon e otra mucha tierra e la tierra gano solamente en las Esturias e Uiscaya e Alua de Gipucoha» (fol. 22 v, 23 r).

Nota-se evidentemente no *Sumário* uma série de interpolações. Todas são explicáveis pela utilização do texto da *Primeira Crónica Geral*. O mesmo poderemos dizer de todas aquelas que aparecem no texto até à morte de Vermudo III. Vão crescendo gradualmente de importância e, como o *Liber Regum* esquecia os reinados de Aurélio, Silo, Mauregato e Vermudo I e saltava de Afonso o Casto

⁽¹⁷⁾ V. *El rey Rodrigo*, pg. 50. O texto de Ayala pode ler-se no vol. LXVI da Biblioteca de Autores Españoles, pg. 420-421.

para a linhagem dos condes de Castela, o texto do *Sumário* acaba por derivar unicamente da *Crónica Geral*.

Em toda esta parte, nada há para cuja explicação seja necessário invocar a utilização da *Crónica de 1344*. Há pelo contrário trechos que de forma alguma poderiam derivar desta fonte. Sabe-se com efeito que alguns reinados de soberanos de Astúrias e Leão só aparecem sob a forma de esquema genealógico na *Crónica de 1344*: na versão representada pelo manuscrito *M*, são os de todos os antecessores de Ramiro I; na versão posterior, representada pelos outros manuscritos, refundiram-se com o auxílio da *Primeira Crónica* os reinados de Pelaio, Favila e Afonso I, mas não se teve o cuidado de prosseguir a refundição na parte respeitante aos reinados de Fruela I, Aurélio, Silo, Mauregato, Vermudo I e Afonso o Casto. Estes reinados figuram portanto em forma esquemática e não derivada da *Primeira Crónica* em todas as versões da crónica em questão. É por isso que, para mencionar um trecho característico, não aparece na *Crónica de 1344* a lenda de Mainete incluída no reinado de Fruela I da *Crónica* de Afonso X.

Os referidos reinados aparecem compendiados no *Sumário* e o que deles se diz concorda com a narração da *Primeira Crónica*. De Fruela I, e voltamos ao mesmo exemplo, não se diz em nenhuma versão da *Crónica de 1344* senão o seguinte:

«Depois que el rrei dom Afonso, o Catholico, morreo, alçaron por rrey dō Fruella seu filho. E esto foy enna era de setecentos e saseenta e tres annos. E reinou este seu filho dom Fruella quatorze annos e foy homẽ muyto leve de siso e matou hũu seu irmão. E por as suas maas obras o matarõ suas gentes ca a muitos jouvera cõ as molheres» (ms. *L* da Academia das Ciências de Lisboa, fol. 94 c).

A informação do *Sumário* é muito mais completa:

«En la era de dccxci años murio el rrey don Alfonso el catolico e rregno en Leon su fijo don Fruela xiiij años e este mat» a su hermano Gimaraçio e este poble a Oviedo e fizo y obispo e vençio en campo al rrey Omar de los moros e gano mucha tierra dellos e murio sin fijos e otrosi vençio a Iuçaif rrey de Cordoua e morieron liiij M moros e metio so su señorio a Galizia e a Nauara e Gascueña que de ante non le quisieron obedecer otrosi este rrey mando que non sacasen (*sic*) los clerigos por quanto el rrey Vetiza rrey de los godos fasta este rrey solian casar otrosi en tienpo deste rrey fue en Françia el rrey Pepino padre de Carlos Maynete e el caso con doña Galiana fija del Galafre rrey de Toledo el qual mato a Bramante en tienpo deste rrey fizieron los moros a Cordoua cabeça del rreyno e desobedeçieron al Miramamolín de Africa» (fol. 24r).

É um resumo do que se lê na *Primeira Crónica* (337 b-343 a), sem que falte sequer, como se vê, uma breve referência à lenda de Carlos Mainete.

Verificada deste modo até aqui a utilização da *Crónica* de Afonso o Sábio como suficiente e necessária explicação do texto do compêndio, estranha-nos ler na parte correspondente a Fernando I:

«Este rrey don Fernando heredo mas lo que le gano de los moros del rregno de (Nauara *riscado*) Portugal otrosi fue en su tiempo Rodrigo de Buar que ouo despues nonbre garci (*sic*: *abreviado* g^a i) Rui Dias otrosi a este rrey don Fernando con ajuda del garci (*idem*) Rui Dias fueron a lidar con el enperador en manera que sacaron a Castilla de tributo del inperio e el padre santo e el enperador gelo otorgaron el egenamiento para sienpre jamas dello.

Este rrey don Fernando gano a Seuilla e a Uiseo e a Lamego...» (fol. 35 v - 36 r).

A *Primeira Crónica Geral* não fala da lendária expedição de Fernando o Magno, acompanhado pelo Cid, um dos temas que se cantavam no poema dedicado às «mocidades» do herói. Já o mesmo não acontece com a *Crónica de 1344* que inclui um trecho extenso em que se trata deste episódio. Foi precisamente esta referência do *Sumário* que levou Menéndez Pidal a supor que o seu autor conheceu esta última crónica (v. *Crónicas Generales*³ pg. 198).

E, com efeito, é possível supor que, além da *Primeira Crónica Geral*, o cronista contemporâneo de Henrique II conhecesse o texto da de 1344 e explicar deste modo o aparecimento do trecho que acabamos de transcrever. Não deixa porém de ser estranho não haver o mais pequeno vestígio da utilização desta segunda crónica na parte anterior. Para um leitor do século XIV, era seguramente atractiva a forma em que a lenda dos Infantes de Lara ou a de Rodrigo apareciam na *Crónica de 1344*. E contudo, para a primeira, o sumarista teria preferido compendiar o relato da *Crónica* de Afonso X e, para a segunda, teria recorrido a outra versão da lenda sem que o conhecimento da completíssima narração da *Crónica do Mouro Rasis* nele influísse num único pormenor. Teria ele manejado só um exemplar incompleto, um exemplar da parte final da *Crónica de 1344*?

Dispensa-nos de recorrer a uma solução tão complicada a existência de, pelo menos, dois textos cuja utilização explicaria satisfatoriamente só por si o aparecimento no *Sumário*, tanto dos trechos que parecem derivar da *Primeira Crónica Geral* como do que parece provir da de 1344: um deles é a *Crónica Geral* publicada por

Ocampo, designada por Menéndez Pidal como *Terceira Crónica Geral*; outro, o original castelhano (de que temos um representante tardio no ms. 1347 da Biblioteca Nacional de Madrid), de que deriva a tradução galego-portuguesa (conservada no ms. 8817 da mesma biblioteca) de um texto constituído inicialmente por uma transcrição da *Primeira Crónica* e a partir de Fernando I pela chamada *Crónica de Castela* (v. *Cr. Generales*, pg. 149 e sgs.). Ambos estes textos, que seguem de início com mais ou menos fidelidade a *Crónica* de Afonso o Sábio, afastam-se dela precisamente no ponto em que o *Sumário* também se afasta, isto é, depois da morte de Vermudo III, e ambos incluem as «*Mocidades*» do Cid e portanto a expedição contra o Imperador. Parece mais natural recorrer a qualquer deles para explicar o nosso texto do que à utilização simultânea de duas *Crónicas Gerais*, uma das quais num manuscrito incompleto.

Mas qual dos dois textos deveremos preferir? O facto de um deles ser uma *Crónica Geral*, abrangendo portanto a parte romana e goda da *Primeira Crónica* que vimos ser utilizadas no *Sumário*, ao passo que nenhum dos manuscritos do outro atinge sequer a parte goda (o ms. 1347 começa em Fruela II e o ms. 8817, assim como o 1310 da Biblioteca Real, em que se conserva a mesma tradução portuguesa, em Ramiro I) parece dever inclinar-nos para a *Terceira Crónica Geral*. Mas nada nos assegura que o texto original de que deriva a tradução galego-portuguesa não contivesse a parte inicial ou uma derivação da parte inicial da *Primeira Crónica*. Por outro lado, a *Terceira Crónica Geral* é um texto tardio, possivelmente posterior ao próprio *Sumário*. Menéndez Pidal supõe-na escrita por volta de 1390⁽¹⁸⁾, e atendendo ao estado de adiantada evolução em que nos transmite certas lendas⁽¹⁹⁾, ao espírito com que são feitas certas interpolações⁽²⁰⁾ e a certos arranjos na composição⁽²¹⁾ não vejo motivos para antecipar esta data.

Não é fácil dizer em pormenor como se formou a parte da *Terceira Crónica* posterior à morte de Vermudo III⁽²²⁾, mas há

(18) *Poesía juglaresca y juglares*, Madrid, 1924, pg. 403.

(19) Penso por exemplo no episódio de Huete (v. *Crónicas Generales*³, pg. 128).

(20) V. por exemplo o que diz Menéndez Pidal, *La Leyenda de los Infantes de Lara*², Madrid, 1934, pg. 69-70.

(21) V. na edição de Zamora (1541) a advertência de fol. 382.

(22) Tentarei estudar este ponto e vários outros com ele relacionados num próximo trabalho.

nela provas evidentes de que o seu autor (ou autores) manejava pelo menos duas fontes diversas ⁽²³⁾. Ora, se uma delas era a parte correspondente do texto da *Primeira Crónica*, outra era seguramente o texto da *Crónica de Castela* ou seja da parte final da versão da *Crónica Geral* de que provém o mencionado texto galego-português.

Sobre esta versão da *Crónica Geral*, ampliada a partir de Fernando I, muito anterior à *Terceira Crónica* (note-se que o ms. 8817 que contém uma sua *tradução* é de inícios do século XIV), recai portanto, na minha opinião, o maior número de probabilidades de ser a fonte utilizada pelo *Sumário* do tempo de Henrique II.

Tudo quanto se lê na parte posterior do *Sumário* até à morte de Fernando III, excepto os curiosos trechos que vamos transcrever, se poderia explicar sem dificuldade pela utilização da *Primeira Crónica Geral*. Pode contudo também derivar da mencionada versão ampliada.

O primeiro dos trechos a que me refiro é o que trata da maneira como Fernando I ocupou os tronos de Leão e Castela. Depois de narrar a morte do infante Garcia e de Vermudo III e a subida ao trono de Fernando I de acordo com todas as crónicas conhecidas, o texto do *Sumário* volta atrás, o que parece indicar mudança de fonte, e recomeça deste modo a narração:

«El infant don Garcia fijo del conde don Sancho niño de doze años heredo el condado e desposaronle los castellanos con la infanta doña Sancha fija del rrey don Bermudo de Leon hermana del infant don Fernando e el infante don Garcia fue a uer al rrey su suegro e murio hi e los castellanos en que se sintieron sin señor fueron a caça (*sic*) con el infante don Fernando fijo del rrey de Leon e de la (in *riscado*) rreyna doña Eluira hermana del infante don Garcia que fueron fijos del infante don Sancho e tomaronlo e fueronse con el para Castilla e alçaron por rrey de Castilla.

En la era de Mliij años el ynfant don Fernando fijo del rrey don Bermudo de (*sic*) tomaronlo los castellanos despues de la muerte del infante don Garcia que murio en Leon e fueronse con el luego a Castilla e alçaron por rrey de Castilla e non quisieron por rrey a don Sancho rrey de Nauarra que era casado con doña Eluira fija del conde don Sancho e hermana del infante don Garcia e el rrey don Bermudo de Leon quando sopo que los castellanos le auien lleuado su fijo allego muy grandes huestes para yr sobre los castellanos e quando sopo que los castellanos auien a su fijo fecho rrey de Castilla plogole mucho e tornose para Leon e despues que murio el rrey

(23) V. a advertência, já citada, de fol. 382 da edição de Zamora que introduz uma clara interpolação.

don Bermudo heredo el rregno de Leon e este fue el primero rrey de Castilla e de Leon e estudieron en conquista donde se llamaria primero rrey e que armas ternie Leon o Castilla e acordaron todos los altos omnes de Castilla e de Leon por que rregno primero en Castilla que se llamase rrey de Castilla e de Leon e que troxese las armas castillos e leones e a este dixeron don Fernando el magno e fue muy buen rrey e muy bien auenturado en armas e mantouo muy bien su tierra e rregno xli años e non dexo fijos ninguno e heredo el rregno su hermana doña Sancha e el de Castilla doña Eluira muger del rrey don Sancho de Nauara.

El conde don Sancho de Castilla padre del infante don Garcia el que murio en Leon ovo vna fija quel dixeron doña Eluira e caso con ella el rrey don Sancho de Nauarra el mayor e fue señor de Nauara e de Aragon e de que murio el rrey don Fernando de Castilla sin fijos el fijo que fue de don Bermudo rrey de Leon los castellanos tomaron por rreyna a doña Eluira muger de don Sancho de Nauara e ansi fue el rrey don Sancho señor de Nauara e de Aragon e de Castilla e este rrey don Sancho ouo dos fijos en su muger doña Eluira a don Fernando e a don Garcia e ouo otro de baragana quel dixeron don Ramiro e murio el rrey don Sancho e don Fernando heredo a Castilla e don Garcia a Nauara e don Ramiro heredo a Aragon que era aras de su madrastra fasta que ge lo dio por que lidio por ella por el falso testimonio que le leuantaron su fijo mesmo por vn cauallo e don Fernando que eredo a Castilla caso con doña Sancha fija del rrey don Bermudo de Leon hermana del rrey don Fernando (*sobre*: Ferniado) que tomaron los castellanos por rrey e este rrey don Fernando fue rrey de Castilla e de Leon e lidio con su hermano el rrey don Garcia de Nauara en Acapuerta e matolo e fue señor de Castilla e de Leon e de Nauara e ouo tres fijos e dos fijas a don Sancho e a don Garcia e a don Alfonso e a doña Huraca Fernando e a doña Eluira (fol. 36 v a 38 v).

Não conheço outro texto em que se verifique esta extraordinária duplicação da personalidade de Fernando I.

* * *

O segundo destes trechos é a versão pouco comum da subida ao trono de Fernando III que nos transmite o *Sumário*:

«tomaron a ella (*doña Berenguela*) por señora e juraron de tomar al infante don Fernando por rrey e obedieendo a el por rrey tornose la rreyna para el rrey de Leon su marido e el rrey dixole que pues a ella auien tomado por señora quel que era su marido obedieido por rrey e por señor (*sic*) e ella tornose para Castilla e fablo com ellos que pues ella eredaua el rregno que a su marido deuieran de tomar por rrey e ellos dixeron que bien conosçien que ella era su señora e pues auie fijo heredero que a el querian e non a otro ninguno e quando el rrey sopo desta rrespuesta mandola tornar para Castilla e que viuiese en lo suyo e ella fizolo ansi...» (fol. 42 v).

Na parte posterior à morte de Fernando III, utilizam-se as crónicas particulares dos vários descendentes deste rei; alguma vez as cita o próprio autor (v. *Crónicas Generales*, pg. 198).

Afonso X aparece-nos visto sob uma luz favorável, o que contrasta com o que acontece na *Crónica de 1344*:

«... fue muy buen rrey e muy letrado e muy auenturado en armas [...] e por la bondad de la nobleza que auie en el eliyeronlo los de Alemania por enperador e ouieralo asi si non por fuerça quel fizo fazer la iglesia...» (fol. 43 r e v).

Mas é sobre Afonso XI que recaem os maiores elogios do cronista:

«E tantos e tan grandes e tan buenos fechos fizo ansi en el rregimiento de los sus rregnos como en sta conquista grande que por saluacion de la cristiandad con los enemigos de la fe tomo quel su propio nonbre era llamado defensor de la fe e fijo e escudo de la madre santa yglesia» (fol. 45 v-46 r).

Finalmente sobre Pedro I caem todas as suas maldições:

«En la año (sic) de la era de M e cccclxxxviii años del inperio de Çesar a xxviii dias de Abril este mal auenturado rrey don Pedro començo a rregnar por sus pecados...» (fol. 46 v).

Segue-se uma lista de todos os seus crimes que termina com a batalha de Montiel e uma elogiosa referência a Henrique II que não havia certamente muito que ocupara o trono de Castela:

«e acabo este su peligr[oso] poder e su fin del fue en batalla de Montiel que a el e a los moros de aquen la mar el alto e venturoso rrey don Enrrique de Castilla fijo del dicho muy noble rrey don Alfonso rregnante en Cordoua en esleyçion natural de los grandes rricos omnes e prelados e pueblo general de todos los dichos rregnos el qual fue vida e saluacion del pueblo el qual rregno a xxi dias del mes de março en la era de Mccccvi años del inperio de Çesar» (fol. 47 v).

Influência no Sumário do Dispenseiro de D. Leonor

Resta-nos dar algumas indicações sobre o modo como o *Sumário* que acabamos de estudar foi aproveitado pelo Dispenseiro da mulher de D. João I de Castela para a redacção do seu compêndio (v. edição de E. Llaguno na colecção de Crónicas impressas por Sancha, Madrid, 1781).

Neste segundo *Sumário* começou por suprimir-se tudo quanto no primeiro dizia respeito à história antiga e à história gótica, só se iniciando portanto a narração com Pelaio. É mais um dos vários exemplos que se podem citar da progressiva redução do horizonte histórico que caracteriza a evolução da historiografia peninsular posterior a Afonso X (v. Menéndez Pidal, *La Crónica General de España que mandó componer Alfonso el Sabio*, in *Estudios Literarios*, Buenos Aires, 1944, pg. 163).

Alguns dos reinados dos reis de Astúrias, Leão e Castela foram transcritos sem alteração do *Sumário* anterior. Citemos, como exemplo, os de Aurélio, Silo e mais adiante o de Afonso V. Quase todos foram porém ampliados. Conservam-se frases do *Sumário do tempo de Henrique II* entrelaçadas com outras que provêm de outra fonte. Também aqui não creio que se utilizasse a *Crónica de 1344*. Registam-se ampliações nos reinados de Fruela I a Afonso o Casto (ver o que atrás digo destes reinados) e, ao passo que não se encontram derivações dos trechos que distinguem o texto de 1344 de todos os outros derivados da *Primeira Crónica Geral*, narra-se uma lenda que aparece unicamente em outro de entre eles: a *Terceira Crónica Geral*. Trata-se da escolha feita pelos embaixadores do rei de França entre as filhas de Afonso VIII: Branca será rainha de França e não Urraca porque o nome desta é pouco eufónico para ouvidos franceses (v. *Crónica General*, ed. Ocampo, 1541, fol. 390).

Atendendo à data do *Sumário do Dispenseiro* (escrito em tempo de Henrique III: 1390-1406), é possível que tenha sido esta a fonte por ele utilizada para completar os escassos dados do *Sumário* anterior. E, como nada se encontra neste texto, na parte anterior à morte de Fernando III, que a utilização da *Terceira Crónica* não seja suficiente para explicar, parece-me que não há motivos para hesitar no estabelecimento desta relação.

Conclusões

Em resumo, o *Sumário* de história geral até ao tempo de Henrique II:

- a) dá-nos mais um testemunho da difusão alcançada pelo *Liber Regum* durante o século XIV;
- b) dá-nos a conhecer versões interessantes das lendas medievais de Nero e da Verónica;

- c) liga-se a um texto de Ayala para nos revelar a existência, dentro de certa versão da lenda de Rodrigo (*Rodrigo e a Condessa*), de uma variante segundo a qual a mulher de Julião, que viera ocupar dentro da narração o lugar primitivamente ocupado por sua filha, foi desterrada pela tradição para novamente dar lugar àquela;
- d) faz-nos remontar a certa variante da *Primeira Crônica Gerat* em que os reinados anteriores à morte de Vermudo III se mantinham mais ou menos inalterados, ao passo que, a partir da subida de Fernando I, o Magno, ao trono de Leão e Castela, se introduziam numerosas e importantes ampliações.

LUÍS FILIPE LINDLEY CINTRA

Crítica Etimológica

(Continuação da página 228)

51 — **Muñeira**. — «Baile popular de Galicia. | 2. Son con que se baila».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 11.^a ed. Na 12.^a e nas seguintes diz: (Del gall. *muñeira*, *molinera*)».

Em português há a forma *moinheira*, «*Ant.* O mesmo que *moinho*;...» e *munheiro*, «*T. de Rio-Frio*. Moleiro. Cf. Gonç. Viana, in *Rev., Lusit.*, 1,24».

O significado de baile popular da Galiza indica que a palavra da Galiza deve ter passado para o castelhano. Contudo, seria conveniente explicar a razão por que, em vez de se conservar em castelhano a forma íntegra *muñeira*, se passou a dizer *muñeira*, com a perda do *i* do radical.

52 — **Ñame**. — «Planta herbácea de la familia de las dioscóreas, ..., y raíz grande, tuberculosa, de corteza casi negra y carne parecida a la de la batata, que cocida o asada es comestible muy usual en los países intertropicales. | 2 ...».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 13.^a ed. (1889), onde diz: «(Voz del Congo)», opinião que mantém nas edições seguintes.

Em português há *inhame*. Sobre esta forma faz Antenor Nascentes uma larga dissertação. Garcia de Orta, nos *Colóquios* (1563) já fala dos *ynhames* (p. 280, vol. I da ed. de 1891). Bluteau cita uma referência de Barros.

Tratando-se de uma palavra de provável origem africana e muito antiga na lingua portuguesa, não é de crer que ela tivesse passado desta para a castelhana?

A Ac. Espanhola só no fim do século passado a resgista. Contudo, no *Diário* de Colombo, pelo menos, ela aparece várias vezes e sob duas formas: *niames* (ps. 77, 78, 89, 101, 104, 107, 113), *mames* (ps. 55, 57, 77, 78).

O francês tem *igname*, sobre o qual diz Bloch: «*Igname*, sorte de plante tropicale, 1575. — Empruté de l'espagnol *ñame*, aujourd'hui *ñame*, qui passe pour être lui-même empruté d'une langue africaine».

Nas fontes, que tenho à mão, não consegui encontrar nenhuma referência de que tivesse havido no castelhano antigo ou moderno a forma *ñame* indicada por Bloch.

Darmesteter professa opinião semelhante: «Etym. Empruté de l'anc. espagn. *ñame* (auj. *ñame*), m. s. qui est lui-même empruté de langue des Caraïbes, ...».

Litré fala de outro modo: «Etym. Esp. *ñame*; angl. *yam*; du portug. *inhame*. Ce sont les Portugais qui ont vu les premiers l'*igname* comme object de culture, d'abord à la côte d'Afrique, puis dans l'Inde et la Malaise, et qui lui ont donné son nom; mais on ne sait à quelle langue ce nom a été pris. L'*igname* n'existait pas en Amérique et y a été importée».

Webster diz: «Pg. *inhame*, fr. Senegal (Guinea) *nyami* to eat». — Note-se que num dos crioulos de Cabo-Verde há o verbo *nhemê*, que significa *comer*. Provirá esse verbo da forma da Guiné *nyami*, *comer*, citada?

Skeat é mais explicito: «*Yam*, a large esculent tuber, resembling the potato. (Port.-W. African) Mentioned in Cook's Voyages (Todd); ed. 1777, i. 146; and by H. Pitman in 1689, in Arber's Eng. Garner, vii. 367. — Port. *inhame*, a *yam*; not given in Vieyra, but noted in Webster and in Littré. Littré gives the F. form as *igname*, which he says is borrowed from the Port. *inhame*; and adds: «it was the Portuguese who first found the *yam* used as an object of culture, first on the coast of Africa, afterwards in India and Malacca, and gave its name; but the language whence it was taken is unknown.» It is really W. African; see Hakluyt's Voyages (1599), v. ii. pt. 2. p. 129; where the African name is given as *inamia*, in Benin; under the date 1588. Called *names* in Minshew's Span. Dict (1623). See notes on E. Etym. p. 323. «The country (Benin) abounds with *yams*; Voyages, 1745; ii. 707. The Malay name is *ūbī*; Marsden, Malay Dict. p. 21.»

Kluge, *Etymol. Wört. der deut. Sprache*, diz: «*Yam* N. Die Yamswurzel haben die Portugiesen wohl in Amerika kennen

gelernt. Über England gelangt das Work im 19. Jh. nach Deutschland: Littmann 1924 Morgenl. Wörter 146. 149».

53 — **Nevazón.** — «*Argent., Chile y Ecuad. Nevada, nevazo*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 16.^a ed., mas não lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

54 — **Ollado.** — «*Mar. Ollao*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. começa a registá-lo na 14.^a ed. dizendo: «(Del port. *ollhado*, que tiene ojos)».

A Ac. Espanhola deve ter caído num grande equivoco, cuja análise tem muito interesse para o foneticista e, portanto, para o etimologista. Vejamos:

Em *ollao* diz: «*Mar. Cualquiera de los ojetes que se abren en las velas, toldos, fundas, etc., y que, reforzados como los ojales de la ropa, sirven para que por ellos pasen cabos*».

Esta definição de *ollao* é, segundo a Academia, aplicável a *ollado*; *ollao*, segundo a Academia, provém de *ollado*, não diz porquê, mas para quem conhece um pouco a fonética castelhana é fácil de supor que foi pela queda do -d- intervocálico, corrente na pronúncia normal castelhana nas palavras terminadas em -ado, particularmente nas formas dos participios pretéritos: *llegao, dejao, empleao*, etc., respectivamente por *llegado, dejado, empleado*; e *ganao, soldao, tinglao*, etc., respectivamente por *ganado, soldado, tinglado*.

Creio que a Academia inverteu a ordem dos factos: não é *ollao* que vem de *ollado*, mas *ollado* que vem de *ollao*.

Por outro lado a forma castelhana *ollao* não deve ter saído da port. *ollhado*, mas sim da port. *olhal*, que corresponde morfológica e semânticamente ao cast. *ojal*.

A forma *ollhado* não tem nem nunca teve, que eu saiba, o significado, que a Academia dá do termo *ollao*, ou seja de *olhal*, de *ojal*, *ojete*. *Olhado* em português significa: «Feitiço ou quebranto que,

segundo a superstição popular, é produzido pelo olhar de alguém (Cândido de Figueiredo, *Dic.*).

A passagem da forma port. *olhal* para a cast. *ollao* poderá parecer estranha, mas ela é plenamente aceitável à luz da fonética portuguesa, interpretada pelo ouvido vulgar de um castelhano. Vejamos:

A pronúncia normal da terminação *-al* tónica em português, pela natureza fortemente velar do *a* em sílaba com *l* seguinte (Cf. os meus *Elementos*, § 71), ao ouvido dos estrangeiros pode soar como se fosse *au* ou *ao*.

Sendo assim, não é impossível que a história etimológica das formas castelhanas *ollado* e *ollao* se tenha de fazer de um modo diferente do exposto pela Academia Espanhola.

Assim, em vez de: *olhado* > *ollado* > *ollao* (pela queda do *-d-* intervocálico), teríamos: *olhal* > *ollao* > *ollado* (por regressão por etimologia popular).

Quer dizer: — esta forma *ollado* teria surgido por regressão, isto é, por recomposição falsamente erudita, por etimologia popular, por analogia com as formas em *-ado*, que passaram a *-ao*.

Ajuda a corroborar esta hipótese o facto de a Academia só registar a forma *ollao* até à 13.^a ed. (1889), e só começar a registar a forma *ollado* na 14.^a (1914). Isto pode significar que a forma *ollao* de facto precedeu o *ollado*, e, se assim foi de facto, a não admitir a hipótese de *olhal*, teríamos de admitir que *ollao* proviria do port. *olhado*, e não do cast. *ollado*.

55 — Ollao. — «*Mar.* Cualquiera de los ojetes ... (Veja-se o parágrafo anterior).

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também não o regista.

c) — A Ac. Esp. não o regista na 2.^a nem na 3.^a eds. Não tenho presente a 4.^a. Da 5.^a em diante regista-o. Da 5.^a à 13.^a só regista a forma *ollao*. Da 14.^a em diante regista também a forma *ollado*. Na 13.^a diz da forma *ollao*: «(Del port. *olho*, *ojo*)», mas da 14.^a em diante diz: «(De *ollado*)».

Todos os comentários, que poderia fazer a respeito da forma cast. *ollao*, fi-los já no § anterior a respeito da forma *ollado*.

56 — Orvallo. — «En algunas partes, *llvizna*».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 12.^a ed. onde diz: «(Del port. *orvalho*)». — Desde a 2.^a ed., porém, regista a forma *orbayo*, até à 11.^a Nas primeiras diz que é termo da Galiza e das Astúrias, mas nas seguintes limita-se a dizer que é da província.

Antenor Nascentes dá-nos: «*Orvalho* — Segundo Cornu, *Port. Spr.*, §§ 144 e 261, e Leite de Vasconcelos, *RL*, II, 364, do lat. **roraliu*, derivado *ros*, orvalho, através da série: **roraliu* — **rolaliu* — **roalho* — *rovalho* (ainda usado em Óbidos) — *orvalho*. A. Coelho, *Suplemento*, aceita com dúvidas o étimo e M. Lübke, *REW*, 7373, acha foneticamente difícil.

As palavras de Meyer-Lübke na 3.^a ed. são: «**rōrālia* «Tau». Montbél. *orval'u* pg. *orvalho*, alav. *urbejo* Michaëlis, *RL*, 2, 364. (Lautlich schwierig)».

Eu também não vejo claro: salvo melhor juízo, para mim a origem da forma portuguesa *orvalho* está ainda por esclarecer.

57 — **Pancada**. — «Contrato, muy usado em Indias, de vender las mercaderias por junto y en montón, especialmente las menudas. | 2. *Gal*. Golpe brusco».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a ed. diz: «(Del port. *pancada*)». Na 13.^a altera um pouco a fórmula; «(Del port. *pancada*, golpe)». Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del port. *pancada*, golpe, y éste del m. or. que *palanca*)».

Antenor Nascentes diz: «De *panca* e suf. *ada*. Cornu, *Port. Spr.*, § 227, dá um ant. *paancada*».

Cf. também Cornu, *Romania*, IX, p. 34. — Com esta palavra também se relaciona o port. *alavanca*.

58 — **Pangelin**. — «Árbol del Brasil, de la familia de las leguminosas, que crece hasta doce o catorce metros...».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 6.^a ed. Na 12.^a e seguintes diz: «(Del port. *angelim*)».

Não compreendo como teria sido possível, dentro da fonética castelhana, passar de *angelim* para *pangelin*. Em português, que eu saiba, não existe a forma *pangelim*.

59 — **Papelucho**. — «Despect. Papel o escrito despreciable».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. já o regista a partir da 9.^a ed. Não tenho presente a 8.^a, e na 7.^a ainda o não regista. Em nenhuma explica a formação da palavra.

Creio que em castelhano não existe o suf. *-ucho*, mas em português ele é vulgar, como se pode ver dos seguintes exemplos: — *animalucho*, *baratucho*, *gatucho*, *gorducho*, *pequerrucho*, *verducho*, *vermelhucho*, etc., e *papelucho*.

50 — **Pegullo**. — «Ar. Rebaño».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 16.^a ed., mas não lhe indica a origem.

Antenor Nascentes não regista o termo. Cândido de Figueiredo diz: «*Pegulho*, 1 m. O mesmo que *peculio*». «*Pegulho*, 2 m. *Des*. O mesmo que *peguilha* (isto é «*Pop*. Começo de alteração. Provocação. Ditos picantes e provocadores. Pegadilha. (De *pega*, acto de pegar)».

Nenhum dos significados apontados por Cândido de Figueiredo condiz com o da forma castelhana. Não obstante isso, Santa Rosa de Viterbo dá-nos *Pegulhal*, que define assim: «Hoje damos este nome a um rebanho, recua, ou multidão grande de alguma coisa. Não era assim antigamente, quando propriamente significava o Pastor, ou pegureiro, que guardava ovelhas. ...».

A forma *pegulho*, que deve ter existido, embora os dicionários a não registem, pelo menos que eu saiba, pode representar regularmente o lat. *peculiu-*. Em castelhano, de *peculiu-* devia haver *pegujo*, como lá *pegujal* correspondente do port. *pegulhal*.

É verdade que a Academia dá *pegullo* como termo de Aragão, e a respeito da sorte de *ly* diz-nos Menéndez Pidal, *Gram. Hist.*, § 53, 6): «LY se palataliza en la *j* prepalatal antigua...; en aragonés y leonés antiguo prevalece lo dorsal prepalatal de la *y* y lo lateral de la *l*, resultando la dorsal prepalatal lateral *ll*; ...».

Não obstante isto, deixo aqui ficar o termo para uma futura revisão de conjunto em confronto com as áreas dialectais da Península.

61 — **Peje**. — «Pez, 1.^{er} art. (isto é, Animal acuático, vertebrado, de respiración branquial. ...).».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del lat. *piscis*)».

A forma castelhana corrente, correspondente à portuguesa *peixe*, é *pez* do lat. *piscis* (Cf. lat. *fuscis* > feixe, port. <> *faz*, *haz*, cast.). Não será a forma *peje* uma simples adaptação fonética ao castelhano da forma portuguesa *peixe*?

Note-se em primeiro lugar a correspondência do *x* port. e do *j* cast., como em *puxar*, *pujar*; *Quirote*, *Quijote*; *deixar*, *dejar*; etc.

Note-se em segundo lugar nos compostos *pejegallos*, *pejepalo*, *pejerrey*, *pejesapo*, e particularmente *pejemuller*, os quais, se não estou em erro, são outros tantos portuguesismos, assim como a forma *pijota*, «pescadilla». Vejam-se os parágrafos seguintes.

62 — **Pejegallos**. — «m. *Chile*. Pez de unos 80 centímetros de largo, de cuerpo redondeado, sin escama y con pellejo azulado. Tiene una especie de cresta carnosa que la baja hasta la boca, y de ahí su nombre».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed.

O primeiro elemento de *pejegallos*, creio que isso ficou esclarecido no § anterior, não é castelhano: creio com toda a convicção que se trata da forma portuguesa castelhanizada. O segundo elemento *gallo* pode ser castelhano, como pode muito bem ser português. Creio que originariamente ele é português, porque vejo na forma composta *pejegallos* muito simplesmente a adaptação, melhor ou pior, ao castelhano do português *peixe-galo* (escrito antigamente *peixe-gallo*).

É curioso que de tais formas compostas a última edição do *Dic.* da Academia Espanhola só dá as cinco apontadas no § anterior.

Em edições mais antigas também aparece a forma *pejearaña*. O *Dic. de Cândido de Figueiredo* dá-nos em português uma série de 60 formas compostas, entre as quais existem todas as indicadas pela *Ac. Espanhola*: *peixe-aranha*, *peixe-galo*, *peixe-pau*, *peixe-rei*, *peixe-sapo*.

Por outro lado é curioso que a Academia muito poucas formas compostas de *pez* nos dá: *pez espada*, *pez mujer*, *pez sierra*, etc.

Acho que não vale a pena ir mais longe. Do pouco que fica dito creio que podemos concluir que são de origem portuguesa quantas formas compostas com o elemento *peje* tem o castelhano.

63 — **Pejemuller.** — «Pez mujer».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A *Ac. Esp.* ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(De *peje* y *muller*, mujer)».

As outras formas compostas de *peje*, indicadas no § 61, ainda poderiam suscitar-nos alguma dúvida quanto à sua origem portuguesa, visto os seus segundos elementos tanto podem ser portugueses adaptados ao castelhano, como podem ser puras formas castelhanas. Com a forma *pejemuller*, porém, é que me parece que não pode haver dúvida.

O que ficou dito no § 62 dispensa mais comentários aqui.

64 — **Pejepalo.** — «Abadejo sin aplastar y curado al humo».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A *Ac. Esp.* ainda o não regista na 7.^a ed. Não tenho presente a 8.^a Na 9.^a já o regista. Da 14.^a em diante diz: «(De *peje* y *palo*)».

O que ficou dito no § 62 dispensa mais comentários aqui.

65 — **Pejerrey.** — «Pez marino del orden de los acantopterigios, que no pasa de siete centímetros de largo...».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Acad. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Na 5.^a já o regista. Da 14.^a em diante diz: «(De *peje* y *rey*)».

O que ficou dito no § 62 dispensa mais comentários aqui.

66 — **Pejesapo.** — «Pez marino del orden de los acantopterigios, que llega a un metro de longitud. . . ».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Na 5.^a já o regista. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(De *peje* y *sapo*)».

O que ficou dito no § 62 dispensa mais comentários aqui.

67 — **Picazón.** — «Desazón y molestia que causa una cosa que pica en alguna parte del cuerpo. | 2. fig. Enojo, desabrimiento o disgusto».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

68 — **Pijota.** — «Pescadilla».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 13.^a e nas seguintes diz: «(Del b. lat. *pisciota*, y éste del lat. *piscis*, *pez*)».

Já Ranta Rosa de Viterbo regista no seu *Elucidário* a forma *peixotas* com o significado de pescadas. O termo é corrente em português, particularmente sob a forma popular *pezota* e também *pixota*. Além de designar a pescadinha, significa correntemente uma ideia obscena.

No *Diário* da primeira viagem de Colombo aparece já a forma *pijota*, p. 103 da edição.

69 — **Pleamar.** — «Mar. Fin o término de la creciente del mar. | 2. Tiempo que ésta dura».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
 b) — Nebrissa também o não regista.
 c) — A Ac. Esp. não o regista até à 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Na 12.^a e nas seguintes diz: «(De *ple-namar*)».

É sabido que o *-n-* intervocálico nunca cai em castelhano, ao passo que em português isso é de regra em determinados casos, como o presente. É assim que, enquanto em castelhano o lat. *plenus* se encontra representado por *lleno*, em português está por *cheio* e por *preia* ou *prea* (Cf. *alienu-*, *centenu-*, *frenu-*, que deram em castelhano *ajeno*, *centeno*, *fieno*, e em português *alheio*, *centeio*, *freio*).

A forma *preia* só se conservou no composto *preiamar*, de formação absolutamente regular dentro do português.

Pergunto: não será a forma castelhana *pleamar* uma adaptação da port. *preiamar* ou *preamar* (ort. antiga)? — É bem conhecido o facto geral de onde tem o português *pr-*, tem o castelhano *pl-*, como, por ex.: *prata*, *plata*; *prazo*, *plazo*; *prazer*, *placer*; *praça*, *p'aza*; *prumo*, *plomo*; *pregar*, *plegar*; etc.

A propósito, convém dizer que o povo em Portugal transformou, por etimologia popular, *preiamar* em *praiamar*.

70 — **Plumazón.** — «Plumajería. | 2. Plumaje, 1.^a acep. (isto é, Conjunto de plumas que adornan y visten al ave)».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
 b) — Nebrissa também o não regista.
 c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(De *pluma*)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

71 — **Pobrar.** — «ant. *Poblar*».

- a) — Covarrubias não regista o termo.
 b) — Nebrissa também o não regista.
 c) — A Ac. Esp. ainda não o regista na 3.^a ed. Na 5.^a já o regista. Em nenhuma lhe indica a origem.

Santa Rosa de Viterbo dá-nos: «Pobrar, pobrado, desprobrar, despobrado. Povoar, povoado, despovoar, despovoado. Doc. de Moncorvo de 1370».

A passagem de *bl* a *br* é normal em português: *duplu- > dôbro > dobro*; *nob(i)le- > nobre*; *obligare > obrigar*, etc., o que não acontece no castelhano. Creio, por isso, que a forma cast. *pobrar* outra coisa não é que a portuguesa.

72 — **Porcallón.** — «fam. aum. de puerco. Ú. t. c. adj.».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 10.^a ed. (1862). Naquelas em que o regista limita-se a dizer que é aumentativo de *puerco*, sem explicar a formação de tal aumentativo.

Em português é corrente o termo *porcalhão*, cuja formação é regular e paralela à de: *brincalhão*, *brutalhão*, *espadalhão*, *espertalhão*, *facalhão*, *fortalhão*, *fracalhão*, *fradalhão*, *grandalhão*, *negralhão*, *padralhão*, *parvalhão*, *pretalhão*, *sortalhão*, *vagalhão*.

73 — **Propao.** — «*Mar.* Pieza gruesa de madera, atravesada por várias cabillas y empernada horizontalmente a los guindastes, que sirve para amarrar algunos cabos de maniobra y para sujeción de los retornos por donde aquéllos laborean».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Na 12.^a e na 13.^a diz: «(De *pro*, delante, y *palo*)». Da 14.^a em diante abstém-se de indicar a origem.

Cândido de Figueiredo regista *prepau*, dizendo: «*Naut.* Peça de madeira junto ao mastro do navio, para nela se amarrarem as escoteiras da gávea: «... e encostado a cabeça no *prepau* do chapitéu...» F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, fol. 205, v.º (De *pre...* + *pau*)».

É natural que a forma castelhana seja a adaptação da portuguesa, visto que o que seria de esperar em castelhano seria *propato*.

74 — **Pulla.** — «Palabra o dicho obsceno. | 2. Dicho con que indirecta o embozadamente se zahiere o reconviene a una persina. | 3. Expresión aguda y picante dicha con prontitud».

a) — Covarrubias regista o termo, dizendo: «Es un dicho gracioso, aunque algo obsceno, de que comúnmente usan los caminantes quando topan a los villanos que están labrando los campos, espe-

cialmente en tiempo de siega o vindimias. Y llamóse pulla de la Apulla, tierra de Nápoles, donde se empezó a usar y de allí se ha estendido a todo el mundo. Horacio, lib. I, *Sermonum*, sátira 7: ...».

b) — Nebrissa também o regista, dizendo: «*Pullas*. Convitia, Dicteria, Scommata ridicula, aut obscoena mulionum in alios jactata. *Echar pullas*, Foeda dicteria in aliquem figere, jácere, mittere».

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed. pelo menos. Na 13.^a diz: «(Del lat. *ampulla*, ampolla)». Na 14.^a modifica a opinião, dizendo: «(En port. *pulha*; em fr. *pouille*), opinião que mantém na 15.^a Na 16.^a e 17.^a muda novamente de opinião, dizendo: «(Del port. *pulha*; em fr. *pouille*)».

Antenor Nascentes dá-nos este resumo: «A. Coelho tirou do esp. *pulla*. Leoni, *Genio da lingua portuguesa*, I, 48, tirou do lat. *pipulo*. Cortesão tirou do esp. *pulla* ou do lat. *puzula*, *pus'la*. A Academia Espanhola lembra o fr. *pouille*, censura injuriosa, de origem desconhecida (Larousse)».

A propósito da citada forma francesa diz Bloch: «*Pouilles*, dans *chanter pouilles*, XVII^e siècle; antérieurement *dire des pouilles*, 1580 (Montaigne). Etymologie inconnue».

A origem da forma portuguesa não está ainda determinada. Por isso não podemos falar com segurança sobre a relação que há entre ela e a forma castelhana.

75 — **Quemazón.** — «Quema, 1.^a acep. (isto é, Acción y efecto de quemar o requemarse). | 2. Calor excesivo. | 3. fig. y fam. Comezón. | 4...».

a) — Covarrubias no corpo do artigo *quemar* diz: «... *Quemazón*, el disgusto que uno recibe de palabras que le dicen fuera de su gusto...».

b) — Nebrissa também regista o termo.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del lat. *crematio*, -onis)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

76 — **Ratiño.** — «Nombre o apodo que por desprecio se daba en el siglo XVII al habitante del Bierzo. Usáb. t. c. adj.»

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 15.^a ed., onde diz, como nas seguintes: «Del port. *ratinho*, ratón).

Este caso é tão evidente, que dispensa qualquer comentário, tanto mais que a própria Academia Espanhola o reconhece.

77 — **Reis.** — «Moneda imaginaria por la que cuentan los portugueses, equivalente a la par a seis décimas de céntimo de peseta».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 14.^a ed., onde diz, como nas seguintes: «(Del port. *reis*, pl. de *real*, real, 2.^o art.)».

Este caso também dispensa qualquer comentário, tão evidente é ele. Além disso, não há sobre ele opinião discordante.

78 — **Reventazón.** — «Acción y efecto de reventar, 1.^a e 2.^a aceps. (isto é, Abrirse una cosa por impulso interior. Ú. t. c. r. | 2. Deshacerse en espuma las olas del mar por la fuerza del viento o por el choque contra los peñascos o playas). | 3. *Argení*. Estribo, contrafuert de una sierra».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. ainda o não regista na 3.^a ed. Na 5.^a já o regista. Em nenhuma delas lhe indica a origem.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*. § 7.

79 — **Rozagante.** — «Aplicase a la vestidura vistosa y muy larga. | 2. Fig. Vistoso, ufano».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a e na 13.^a diz: «(Del it. *rossicante*, rojizo)». Na 14.^a e nas seguintes diz: «(Del port. *roçagante*; de *roçar*, y éste de *roçar*, rozar)».

Antenor Nascentes dá-nos: «*Roçar* — De *roçar* (Figueiredo); Cortesão tirou do lat. **ruplicare* e entretanto tira *roçagante* do esp. *rozagante* (do it. *rossicante*)».

80 — **Sarao.** — «Reunião nocturna de personas de distinción para divertir-se com baile e música».

a) — Covarrubias não regista a forma *sarao*, mas sim *serao*, sobre a qual diz: «La junta de damas y galanes en fiesta principal y acordada, particularmente en los palacios de los reyes y grandes señores, adonde en una sala muy adornada y grande se ponen los asientos necesarios para la tal fiesta; y porque se dança al son de muchos instrumentos músicos, y tambien suele aver música de cantores, entiendo venir ese nombre de la palabra hebrea... *sir*, *cantus*, o de *sir*, que lo mesmo que señor, se dixo sirao, que valdrá tanto como fiesta real. Sin embargo de lo dicho, sospecho deve ser nombre alemán».

b) — Nebrissa regista a forma *sarao*, que define: «Nobilium chorea, saltatio, nis».

c) — A Ac. Esp. em nenhuma das suas edições regista a forma *serao*, mas sempre *sarao*. Na 12.^a ed. diz: «(Del fr. *soirée*)». Nas seguintes diz: «(Del port. *sarao*, y éste del lat. *seranum*, de *serum*, la tarde)».

d) — Menéndez Pidal, *Gram. Hist.*, § 4, 6), inclui-o na lista dos termos de origem galego-portuguesa, remetendo-nos em nota para: «C. Michaëlis de Vasconcelos, en la *Miscellanea Caix Canello*, pág. 152, y Gonçalves Viana, *Revue Hispanique*, X, 610».

Antenor Nascentes dá-nos: «A. Coelho, que no *Dicionário* derivou do fr. *soirée*, no *Suplemento* considerou antes uma forma de *serão*. É alteração de uma forma galega *serao*, onde *e* passou a *a* por influência de *r*. Em galego, conforme os dialectos, alternam as formas nasaladas e desnasaladas, cfr. *mans* e *maos*, mãos (G. Viana, *Apost.*, II, 416-7). Cortesão tirou do esp. *sarao*. O gal. *serao* vem do lat. *sera*, tarde (Cfr. it. *sera*, fr. *soir*). M. Lübke, *Gram.*, II, 15, entende que as formas plurais do lat. *anos* eram desnasaladas, contaminando-se depois com a nasal do singular (*ão*), salvo casos em que o plural contamina o singular como este (*seraos*, *serao* em vez do regular *serão*)».

As palavras de Gonçalves Viana são estas: «*serao*, *sarau*, *serão*, *seroar*, *sercado*. — A forma antiga é *serao*, como a lemos em Rui de Pina: — (Crónica de El-Rei Dom Afonso V, cap. CXI) —. Por influência do *r* o *e* passou a *a*, como em *para* < *pera* < *per ad*. A forma *serao* não é portuguesa, mas galega, pois é nesta língua que, conforme os dialectos, alternam por exemplo *mans* e *maos*,

«mãos». A verdadeira forma portuguesa é *serão* < *seranum* < *sera*, «Noutinha».

«Do tema *serō* (plural *serōes*) por *serā*, proveio o verbo *seroar*, e deste o substantivo *seroadas*».

Não me parece concludente o argumento de que se serve G. Viana para considerar que *serao* é originariamente forma galega. Faltam-me neste momento elementos para formar um juízo sobre o problema. Contudo, vou aventar uma hipótese:

Não será a forma *sarau* (ou *sarao*) portuguesa a que veio do castelhano *sarao*, e não o contrário, como dizem a Ac. Espanhola e outros? O castelhano teria ouvido a portuguesa *sarão*, e, como ele normalmente não é capaz de pronunciar o ditongo nasal *ão*, transformou-o em *ao*. Ainda hoje este fenómeno é corrente em Espanha.

Deste modo teríamos: lat. *seranu* > port. *serão* > port. *sarão* > cast. *sarao* > port. *sarau* (ou *sarao*).

81 — Sollado. — «Uno de los pisos o cubiertas inferiores del buque, en la cual se suelen instalar alojamientos y pañoles».

a) Covarrubias não regista o termo.

b) Nebrissa também o não regista.

c) A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos. A partir da 13.^a já lhe atribui origem portuguesa. Na 17.^a diz: «(Del port. *solhado*, pavimento de tablas; de *solhar*, solar, 3.^{er} artigo (isto é, echar suelas al calzado))».

Antenor Nascentes não regista *solhado*, mas regista *solho*, dizendo: «Do esp. *sollo* (M. Lübke, REW, 8436). A. Coelho deriva de *solha*».

A. Nascentes não define a palavra, mas, pela citação de A. Coelho, se verifica que se refere à acepção de certo peixe. Da citação de M. Lübke também se pode tirar a mesma conclusão.

Para designar o entabulado do chão das casas, isto é, o *sobrado*, emprega o povo em regra a forma *solho*, enquanto os cultos preferem a forma *soalho*. Porquê? Que relação há entre as duas?

Em *soalho* diz A. Nascentes: «1 — (pavimento): A. Coelho manda ver *solho*, do lat. *solui*, assento. O esp. tem *sollado*, de *sollar*, do lat. *solu*, segundo a Ac. Espanhola. O fr. tem *seuil*, soleira, do lat. *solui*, *soleu* (Clédat, Brachet, Larousse, Stappers). M. Lübke, REW, 8079, prende ao lat. *soluo*».

Por mais que procurasse, não consegui saber donde tirou A. Nascentes a indicação de que a Ac. Espanhola derivou *sollado* de *sollar*, e este do lat. *solu*. Em todas as edições em que atribui um étimo à palavra, isto é, da 13.^a à 17.^a, diz que ela provém do português.

Quanto às formas portuguesas *solho* e *soalho*, não creio que tenha acertado Meyer-Lübke: — no que se refere a *solho* (= *soalho*), porque o não regista; no que se refere a *soalho*, porque o considera muito simplesmente um derivado do lat. *solum*, o que se não conforma de modo algum com as regras da Fonética Histórica Portuguesa.

Ao tratar deste assunto, surgem-nos logo de entrada as seguintes perguntas: provirá *solho* de *soalho*? provirá *soalho* de *solho*? ter-se-iam formado as duas palavras independentemente uma da outra, embora provenientes da mesma base?

82 — **Tablazón.** — «Agregado de tablas. | 2. Conjunto o compuesto de tablas con que se hacen las cubiertas de las embarcaciones y se cubre su costado y demás obras que llevan forro».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

a) — A Ac. Esp. regista-o desde a 2.^a ed., pelo menos, mas em nenhuma delas lhe atribui qualquer étimo.

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

83 — **Tamo.** — «Pelusa que se desprende del lino, algodón e lana. | 2. Polvo o paja muy menuda de varias semillas trilladas; como trigo, lino, etc. | 3. Pelusilla que se cria de bajo de las camas y otros muebles por falta de aseo».

a) — Covarrubias não regista o termo na devida ordem alfabética, mas refere-se a ele no corpo da palavra *flueco*, dizendo: «Comúnmente a los fluecos de la ropa llamamos pelillos, quando é más menudo y espeso se llama tamo».

b) — Nebrissa na sua ed. de 1754 diz: «*Tamo* del paño quando le cardan. Panni tomentum, sordes, purgamenta».

c) — A Ac. Esp. regista o termo desde a 2.^a ed., pelo menos. Na 12.^a atribui-le por étimo: «(Del lat. *stamen*, hilo o lino)», opinião que mantém na 13.^a Da 14.^a em diante abstém-se de dar qualquer étimo.

Na definição acima transcrita, a Ac. Espanhola indica em último lugar a acepção, que provavelmente foi a primitiva.

Não será o cast. *tamo* pura e simplesmente o port. arc. *tamo*, *thalamus*, cama? Como é sabido, a queda do -l- intervocálico é normal em português, ao passo que em castelhano ela é desconhecida.

Cândido de Figueiredo diz: «*Tamo*. Ant. O mesmo que *tambo*». — Em *tambo* diz: «Des. O mesmo que *tálamo*. Boda de casamento. Mesa baixa em que os frades, por castigo, comiam, dentro do refeitório. (Corr. de *tálamo*).

Santa Rosa de Viterbo dá-nos:

«*Tamo*. Celebridade, festa, e regozijo, que os noivos fazem no dia das suas bodas. Vem de *Thalamus*, o leito nupcial. De todas as bodas, que algum dia se celebravam em Lamego, em todo o seu Julgado no mês de Fevereiro (se nelas se tangia adufe) tinha o Mordomo de El-Rei a melhor *Fogaça que vinha ao Tamo*; se tangião sem o mandado do Mordomo, e nom se arindo ante com ell. E se lhi nom quizer dar a melhor *Fogaça*, o Mordomo por si o pinhorará pera Direito perante o Juiz: E o noivo, e a noiva jurarão qual foi a melhor *Fogaça*, que hi veo ao *Tamo*, e essa lhe darão. Tombo do Aro de Lamego de 1346 a f. 7. v. Em quanto ao tocar o adufe. V. *Achacar*. Mas que razão haveria, para só neste mês ser prohibido o tocar adufe? (pergunta Viterbo)».

Além de *tamo*, regista Viterbo as formas *tameira*, *tambo* e *tambeira*. Bluteau dá-nos *tambo* ou *tatambo* e *tambeira*, baseando-se em Bento Pereira, *Prosódia*. Jerónimo Cardoso regista *tambo*.

84 — **Tanque.** — «Automóvil de guerra blindado y artillado, que, moviendose sobre una llanta flexible o cadena giratoria, puede andar por terrenos muy escabrosos. | 2. Depósito de agua transportable en un carro. | 3. *Mar*, Aljibe, 5ª y 6ª aceps. (isto é, cada una de las cajas de chapa de hierro en que se tiene el agua a bordo). | 4. *Guip.*, *Rioja*, *Sant.* y *Vize*. Vasiija pequena, por lo general cilíndrica, con una asa para sacar un líquido contenido en otra vasiija mayor. Se usa también en lugar de vaso para beber. | 5. *Sal*. Sapo grande. | 6. *Amér.*, *Can.* y *Gal*. Estanque, depósito de agua».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. só começa a registá-lo na 13.ª ed. (1899). Nas últimas diz: «(Del ingl. *tank*)».

Antenor Nascentes dá-nos: «A. Coelho deriva de *estancar*, q. v.; Figueiredo, talvez do marata *tānkī*. Lokotsch dá um guzarate *tānkī*, caixa de água. Como carro de assalto vem do ingl. *tank*. Não se sabe bem se os portugueses levaram o termo para a Índia, como parece mais provável, ou se o receberam do guzarate-marata (Dalgado)».

Bloch diz: «*Tank*, au sens de *char d'assaut*, 1916. — Emprunté de l'anglais *tank*, proprement sorte de *réservoir*, *citerne* (emprunté aussi en ce sens depuis 1857). mot anglo-indien (le portugais a aussi *tanque*, *réservoir*, dont le rapport avec le mot anglais est discuté; aujourd'hui l'arabe a aussi *tanka*, *tinka*, *recipient en fer-blanc*), que a été adopté par les inventeurs de ce nouvel engin de guerre».

Webster diz: «*Tank*... Pg. *tanque*, for *estanque*, fr. L. *stagnum*.»

Skeat disserta assim: «*Tank*, a large cistern. (Port.-L.). In Sir T. Herbert, *Travels*, ed. 1665, p. 66; and at p. 43 in another edition (Todd). Also in Dryden, *Don Sebastian*, ii. 2. The same word as *Stank*, q. v. The form *tank* is Portuguese, which is the only Romance language that drops the initial *s*. — Port. *tanque*, a tank, pond; the same word as Span. *estanque*, OF. *estanc*, Prov. *estanc*, *stanc*, a pond, dam of water, from Port. and Span. *estancar*, to stanch, stop. — Late L. *stancāre*, to stanch. Ultimately from L. *stagnum*, a pool; see *Stank*, *Stanch*, *Stagnant*. See *Tank* in Yule».

A Academia Espanhola, pelo que se vê, atribui origem inglesa à forma *tanque* em todos os sentidos do vocábulo. Esse critério é manifestamente insustentável: do ingl. vem *tanque* só no sentido de «automóvel de guerra»; do português deve ter vindo o *tanque* na acepção de cisterna.

85 — **Trabazón.** — «Juntura o enlace de dos o más cosas que se unem entre sí.—...».

a) — Covarrubias regista *travazón*.

b) — Nebrissa regista *travazón*.

c) — A Ac. Esp. regista *trabazón* desde a 2.^a ed., pelo menos. Da 12.^a em diante diz: «(De *trabar*)».

Cf. o que ficou dito em *amargazón*, § 7.

86 — **Vigia.** — «Atalaya, 1.^a acep. (isto é, Torre hecha comúnmente en lugar alto, para registrar desde ella el campo o el mar

y dar aviso de lo que se descubre). | 2 Persona destinada a vigiar o atalayar el mar o la campiña. Ú.m.c.s.m. | 3. Acción de vigiar, o cuidado de descubrir a larga distancia um objeto. | 4. *Mar*. Escollo que sobresale algo sobre la superficie del mar».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. não o regista na 2.^a nem na 3.^a eds. Não tenho presente a 4.^a. Na 5.^a já o regista. Na 12.^a diz: «(Del lat. *vigilia*, acción de velar)», opinião que mantém na 13.^a Na 14.^a e nas seguintes opina de outro modo: «(Del port. *vigia*, de *vigiar*, vigiar)».

d) — Menendez Pidal, *Gram, Hist.*, § 4, 6, inclui-o na lista das palavras de origem galego-portuguesa.

A forma portuguesa também passou para o francês. Olçamos Bloch: «*Vigie*, 1722 (P. Labat). — Emprunté du portugais *vigia*, tiré du verbe *vigiar* «veiller». L'italien *veglià*, de même sens, ne rend pas compte de la forme du français. Il est en outre à noter que le premier texte est d'un voyageur qui a été en contact avec les Portugais dans la région des Antilles».

87 — **Virazón.** — «Viento que en las costas sopla de la parte del mar durante el día, alternando con el terral, que sopla de noche, y sucediéndose ambos con bastante regularidad en todo el curso del año, mientras no hay temporal. | 2. *Sant*. Cambio repentino del viento, y especialmente cuando al del Sur huracanado sucede el Noroeste».

a) — Covarrubias não regista o termo.

b) — Nebrissa também o não regista.

c) — A Ac. Esp. não o regista ainda na 3.^a ed. Não tenho presente a 4.^a Na 5.^a já o regista. Nas últimas diz simplesmente que vem de *virar*.

Of. o que ficou dito em *amargazón*, § 7. No *Diário* da primeira viagem de Colombo aparece uma vez a palavra *virazón*, p. 18.

RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA

Miscelânea

Bueiro, bueira

Segundo o dicionário de Cândido de Figueiredo: *bueiro* «canal ou buraco, feito numa embarcação, numa parede, etc., para dar esgoto a águas; agulheiro»; *bueira*, termo náutico, «buraco inferior de uma embarcação, para a esgotar quando içada», é, como provincianismo trasmontano, «abertura no telhado de casa pobre, por onde sai o fumo da cozinha». Com esta mesma significação em La Baña, prov. de Leão (Krüger, *Die Gegenstandskultur Sanebrías und seiner Nachbargebiete*, pág. 78). Krüger regista ainda *beir. bueiro* «abertura feita nas paredes das propriedades agrícolas para dar saída às águas» (LR II, 246) e barrosão *bueiro* «anus» (RL XX, 145). Finalmente em Atalaia, conc. de Pinhel, *bueiro* «aberturas nas paredes das propriedades que dão entrada às águas das enxurradas» (RL XI, 150). Em Coimbra, designa *bueiro* as aberturas praticadas ao lado das ruas, junto do passeio, para dar escoadouro às águas das chuvas. No galego finalmente *bueiro* «caño o tubo para salida de aguas» (Carré Alvarellos, *Diccionario galego-castelán* que remete ainda para *caneiro*, ignoramos para qual das acepções — todas? entre elas encontra-se «agujero en un muro o pared para dar paso a las aguas»).

Figueiredo (no que é seguido pela terceira edição do *Dicionário contemporâneo*) liga este termo a *bua*, palavra da linguagem infantil que significa 'água'. A explicação, reproduzida sem comentários por A. Nascentes, é evidentemente absurda e é-o igualmente a que propõe Macedo Soares — *boi(ar) + eiro* (também em Nascentes). Krüger, l. c., considera a palavra uma formação onomatopaica.

A sua origem porém é muito simplesmente o lat. *AQUARIUS*, *AQUARIA*, representado também em português por *agüeiro* 'rego'; «vala em que se juntam as águas das estradas; cano em que se reúnem as águas do telhado»; e até, como *bueiro*, com a significa-

ção de 'abertura': «orificio, nos muros das propriedades rústicas, pelo qual entram as águas aproveitáveis nas culturas»; *agüeira* ⁽¹⁾, provincianismo beirão, «o mesmo que *goteira*». Em galego *agüeiro* «especie de tronera que se deja en muros y paredes, para la salida, ó entrada de las aguas» (Valladares Nuñez). Igualmente em espanhol *agüera* «zanja hecha para encaminar el agua llovediza a las heredades». Nos dialectos encontro trasm. *augeira*, significando provavelmente 'agüeiro, rego' (Mogadouro e Lagoaça, RL V, 91, s. v. *galgueira*); Baião *agoeiro*, *augeiro* «nascente de água pequena que sai de uma rocha» (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* II, 474); no leonês: S. Ciprián de Sanabria *agüeira* «canalillos que cruzan los prados» (Krüger, *El dialecto de San Ciprián de Sanabria*), *agüeira* em Calabor, *güeiras* etc. (Krüger, *Gegenstandskultur* 171, com outras formas hispánicas). Veja-se ainda o FEW, artigo respectivo: Blaise (Haute-Marne) *èvre* «petite tranchée faite dans un champ, pour faciliter l'écoulement des eaux d'hiver», prov. moderno *eiguero* «rigole d'une rue; ouverture faite à la chaussée d'un champ pour faire passer l'eau», etc., etc. — e a referência aí ao uso de SULCUS AQUARIUS em Paulo Festo, Columela, etc. com a significação de 'rego de água' (na agricultura). Também REW 576.

A forma *bueiro*, *bueira* explica-se sem dificuldade de maior a partir de *agueiro*, *agueira*, pela perda da vogal inicial (fenómeno para o qual é desnecessário aduzir outros exemplos!), seguida pela transformação do grupo *gu-* em *bü-*, em que se deu simultaneamente uma dissimilação da consoante inicial (do elemento velar da semivogal) e uma assimilação (ao seu elemento bilabial).

O mesmo fenómeno se observa em Semide *buano* (*Boletim de Filologia* III, 246), no alent. (Figueiredo) *buano*, alg. (*a*)*buano* 'adubo químico' ⁽²⁾, forma que está evidentemente por *guano*. De igual

(1) Seja-me desculpado o emprego do trema.

(2) V. por exemplo Estanco Louro, *livro de Alportel*, pág. 212 e 229. O termo é porém corrente pelo menos no Algarve ocidental. O Senhor Dr. Harri Meier chama a minha atenção para o facto de que a forma primitiva da palavra em espanhol foi (*h*)*uano*, de acordo com a sua origem americana, citando Friederici, *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur* 58, 1934, p. 137-138 e, do mesmo, *Amerikanistisches Wörterbuch*, Hamburgo 1947, p. 276. Se esta forma entrou em português antes da forma moderna *guano*, pode *buano*, cuja extensão geográfica é bastante grande (conforme verifiquei nos materiais do Inquérito Linguístico por Correspondência do Senhor Dr. Paiva Boléo), representar uma transformação da primeira e não da segunda. Não conheço todavia abonações de *uano* ou *huano* em português e os dicionários são tardos mesmo em admitir *guano*, que encontro pela primeira vez na 6.ª ed. do Dic. de Moraes, em 1868 portanto.

modo encontro no asturiano *buya* e *buyero* ao lado de *aguya*, *aguyero* 'agulha, agulheiro' (Rato y Hevia, *Vocabulário de las palabras y frases bables* 26). O oposto se dá mais frequentemente no espanhol vulgar. no desenvolvimento de *bu-* para *gu-*: *bueno* > *güeno*, do qual se encontram abundantes exemplos ainda no vocabulário de Rato: *güelu* ao lado de *buelu* 'avó' (pág. 68 e 25), *güe* 'boi', *güenu*, *güelta* 'bueno, vuelta', (68). (Cp. ainda o desenvolvimento da oclusiva velar *g* antes de *u* inicial: *güevo* por *huevo*; em Rato: *güesu*, *güeyu* 'osso, olho').

Finalmente, uma pequena rectificação a fazer a F. Krüger, no seu artigo *Die nordwestiberische Volkskultur (Wörter und Sachen* X, 1927), pág. 78: Regista ele aí uma palavra galega *boeiro* (Coruña), *buëira* (Santiago) «ein auf dem Deichsel des Wagens aufgesetztes geweihartiges Gestell, das der Ladung vorn Halt gibt»; e explica: «möglicherweise aus der Vorstellung 'Schlund, Oeffnung, durch die man die Ladung ablädt' entstanden». (Vid. ainda Krüger, *Gegenstandskultur* 202-203).

Contra o que pensa Krüger, *bueiro*, *bueira* não deve neste caso identificar-se com a palavra de que tratamos, mas sim com *fueiro*, *fueira* (*FUNARIUS), representando o *b* uma sonorização e oclusão duma fricativa bilabial surda. Conferir, sob as diferentes formas dessa armação e sobre o nome, justamente *fueira*: V. Risco em *Terra de Melide*, pág. 398).

JOSÉ GONÇALO CHORÃO DE CARVALHO

Aroeira, daroeira, daro

Designam estas três formas do mesmo nome uma planta da família das anacardiáceas, conhecida igualmente pelos nomes de *almecegueira* e de *lentisco*: *Pistacia lentiscus* L. De origem provavelmente oriental ⁽¹⁾, encontra-se presentemente em toda a bacia do Mediterrâneo, onde forma, com o medronheiro, as ericáceas, as cistáceas e outras plantas arbustivas, o revestimento habitual dos terrenos baldios. No Próximo Oriente produz em abundância uma resina aromática, a almécega ⁽²⁾, outrora altamente apreciada pelas suas aplicações farmacêuticas ⁽³⁾, sendo afamada especialmente a que era importada de Chios. Nesses países usam ainda mastigá-la, como na Índia fazem com o betel, para aromatizar a boca e a conservar saudável. Produz também este arbusto umas bagas negras, comestíveis, de que se extrai um óleo, igualmente aplicado na medicina. Na Europa todavia não produz a planta aquela resina e o óleo extraído das bagas, embora comestíveis, serve, quando muito, para iluminação (Hehn 408).

CORREU, *Grammatik der port. Sprache*, §§ 247 e 255, referindo-se apenas à segunda das formas indicadas em título, *daroeira*, dá-lhe como étimo o lat. **DRACONARIA*, supondo uma série **daroeira*, (com um *a* epentético) > **daaroeira* > *dAroeira* (*A* = *a* aberto). Esta etimologia, que não dá conta da dificuldade do desaparecimento total do -c-, baseia-se numa identificação falsa de *daroeira*

(1) Ver sobre as pistácias V. Hehn, *Kulturpflanzen und Haustiere*, págs. 405-415 e sobre as duas espécies *P. lentiscus* e *P. terebinthus*, especialmente 408-411.

(2) Sobre o étimo árabe desta palavra v. Steiger, *Contribución a la fonética del hispano-árabe*, pág. 141. — *Almecegueira* (e não *almessigueira*, como traz a *Flora portuguesa*² de Gonçalo Sampaio, pág. 190) é portanto 'árvore que produz almécega'. Colmeiro, *Enumeración y revisión de las plantas II*, pág. 21, regista ainda o nome português *almestigueiro*, *almestigueira*, que suporia uma forma **alméstiga*, semelhante ao esp. *almástiga*.

De origem igualmente árabe é o nome da *Pistacia vera* L., o célebre pistacheiro, produtor dos saborosos pistachos, que na Península Ibérica só aparece como planta cultivada: em português *alfôstigo*, *alfóstico*, *fístico* (esta última forma, no pl., por exemplo no *Dioscorides* do Doutor Laguna, 2.^a ed. pág. 113); em esp. *alfoncigo*, etc. V. Steiger, o. c., 114.

(3) V. o mesmo Laguna, 54-56.

com *dragoeiro*, nome de uma, ou melhor, de várias plantas liliáceas, dos países tropicais, do género *Dracoena*, que recebem em espanhol a designação de *dragonal* ou *drago* e que produzem também uma resina aromática muito apreciada, denominada *sangue* ou (em esp.) *sangre de drago*.

Desta identificação não é Cornu o responsável, mas sim António de Morais Silva, que na segunda edição do seu dicionário (1813; na primeira, continuando a tradição de Bluteau, desconhece ainda a palavra) explica *daroeira* do seguinte modo: «Dragoeira, árvore. *Ined.* II, 511. alias *dragoeiro*.» Da segunda passou a explicação para as edições subseqüentes do dicionário, daí para os de Eduardo de Faria e de Lacerda, e para a *Grammatik* de Cornu. Quando era tão fácil ir à fonte, que Morais providencialmente não se esqueceu de nos indicar, para verificar que a identificação só pertence à fantasia do dicionarista e é despida de qualquer fundamento!

O exemplo apontado por Morais (na *Colecção de livros inéditos da história portuguesa*, vol. II; 1792) lá se encontra efectivamente num passo da *Crónica de D. Pedro de Menezes* de Zuzara (l. II, cap. IX) que reza assim: «... Gonçalo Velho... recebeu huma ferida por ácerca do olho... e foi derribado com hum penedo sobre humas *daroeiras*, onde fez grande proveito da defensom de seu escudo, ... nom sendo menos ajudado da bastura dos ramos da arvore, que o susteve, que nom cayo a fundo, como quer que com a quéda quebrasse tres ramos açaz grosso, e fortes...» Mais nenhuma menção da árvore nem das suas características que permitissem, à fé deste único passo, identificá-la com qualquer planta conhecida, e muito menos, fora a semelhança fonética, com o exótico *dragoeiro* (a cena passa-se no então Reino de Granada).

Antes de Morais, nem os tratados de botânica (como os de Amato Lusitano, Laguna, Brotero), nem os dicionaristas, desde Cardoso, registam *daroeira*, apesar de todos conhecerem *aroeira*. Em 1844 encontro o primeiro registo lexical independente do de Morais no *Dicionário universal da lingua portuguesa* (por uma sociedade de literatos), desta vez com a identificação certa — '*aroeira*, lentisco'. Em seguida aparece a forma no dicionário de Domingos Vieira que, baseando-se talvez naquele, faz a mesma identificação. Nas primeiras edições do *Novo dicionário* de Cândido de Figueiredo e do *Contemporâneo* de Aulete, *daroeira* desaparece novamente, para reaparecer com a quinta edição do primeiro (acompanhada de um passo de Manuel Ribeiro), seguida pela terceira edição do segundo e pela *Enciclopédia portuguesa e bra-*

sileira, que repetem a citação. A identificação também aqui é exacta.

O *Dicionário Universal* de 1844, acima citado, fornece, a par de *daroeira*, uma terceira forma, *daró* e, s. v. *aroeira*, diz: «No Algarve, o lentisco se chama *Daroeira*, ou *Daro*». *Daro* aparece de novo na *Flora de Portugal* de Pereira Coutinho e Teles Palhinha, apenas no índice.

Esta forma, de cuja existência real cheguei a duvidar, é todavia empregada duas vezes por Estanco Louro (*O Livro do Alportel*, págs. 358 e 441), que a não explica nem inclui no vocabulário, mas compreende-se que se refere a um arbusto ou árvore da Serra.

Para Cachopo cita Rohner (em artigo publicado neste volume) a forma *dàruêra* (reduzindo à ortografia corrente a sua transcrição), com a significação de 'mato' (no original 'Buschholz'). Embora não fosse de repugnar uma tal generalização de significado ⁽¹⁾, creio que efectivamente ela se não deu: segundo as informações que possuo, *daroeira*, designa aí um arbusto em especial ('lentisco?') e não 'mato' em geral.

E. Louro regista igualmente *dàroeira* entre os arbustos do conc. do Alportel (pág. 21), sem que porém se consiga compreender a que espécie botânica se refere, tanto mais que na mesma lista menciona ainda *lentisco*. Na lista das classificações botânicas *dàroeira* cabe entre o *Myrtus communis* L. (murta) e o *Cistus ladaniferus* (esteva), não sendo porém nem um nem outro. V. ainda pág. 422.

O étimo desta palavra encontra-se no árabe *ḌARU* (*Ḍ*), palavra que significa 'lentisco' (Lane, pág. 1790: *Ḍar*) ou 'semente de lentisco' (Biberstein Kazimirski) e que se acha bem representado no árabe hispânico. Assim o encontramos no tratado de botânica do anónimo hispano-árabe dos sécs. XI-XII, de que Asín Palacios extraiu um precioso glosário de termos romances ⁽²⁾: *Ḍar* (*ḏaru*) (n.ºs 3, 327, 570); *لنتسكه هو الـḌار* «*Lentisco es al-ḏaru*» (n.º 301);

⁽¹⁾ Comparar os nomes espanhóis da mesma planta: *mata* e *charneca*, que revelam o mesmo processo realizado em sentido contrário. Em port. significa a última palavra «terreno inculto coberto de estevas, giestas, fetos, etc.», designando ao mesmo tempo o *Capsicum annuum* L., isto é, o pimentão (?) (Aulete). Porque há-de a palavra portuguesa ter a sua origem no espanhol (Figueiredo e Aulete)?!

⁽²⁾ Miguel Asín Palacios, *Glosario de voces romances registradas por un botánico anónimo hispano-musulmán* (siglos XI-XII). Madrid—Granada, 1943.

no *Vocabulista in arabico* do séc. XIII (publicado por Schiapparelli, Florença, 1871): *لنتيسك*, *لنتيسك* ou *لنتيسك*, *Lentiscus* (pág. 455; também Dozy, *Supplément* II, 9); e na obra semelhante de Pedro de Alcalá: *darā* «lantiscu» (in Steiger, *Contribución* 91; também Dozy, *ibid.*).

Aroeira com a perda do *d*-, está para o seu étimo na mesma relação que o português *ameixa* para com DAMASCENA. O *a* aberto de *dâroeira*, já indicado por Cornu (que cita ainda a forma *adâroeira* colhida em João de Deus, um algarvio!) registado por Rohner para Cachopo e por E. Louro para o Alportel e verificado por mim quanto aos topónimos dessa região (sobre os quais v. infra), podia explicar-se a partir de *aroeira*, *da aroeira*, com a contracção do artigo com o *a* inicial da palavra, sendo nesse caso o *d*-, não o original do étimo, mas o da preposição aglutinada. É porém muito mais provável que se trate nesse *a* átono aberto da conservação no derivado da qualidade da vogal tónica do simples *daro* (quanto à formação desse derivado cf. também em E. Louro 21 *freixoeiro* 'freixo').

Na toponímia encontramos esta palavra bem representada, estendendo-se *aroeira* tanto ao Norte como os concelhos de Pombal e Leiria. Eis a sua distribuição por distritos ⁽¹⁾:

Leiria — Aroeira (Leiria); Casal da Aroeira, três vezes (Alcobaça, Óbidos e Bombarral); Aroeiras, duas vezes (Pombal).

Lisboa — Aroeira (Maфра); Casal da Aroeira (Vila Franca de Xira).

Santarém — Casal da Aroeira, duas vezes (Torres Novas e Santarém); Casais da Aroeira, duas vezes (Santarém); Casal das Aroeiras (Azambuja).

Setúbal — Aroeira (S. Tiago do Cacém); Casal da Aroeira (Palmela); Monte da Aroeira, três vezes (2 em Santiago de Cacém; 1 em Grândola).

Portalegre — Monte da Aroeira (Avis).

Évora — Monte da Aroeira de Cima e Monte da Aroeira de Baixo (Redondo).

Beja — Horta da Aroeira (Vidigueira); Monte da Aroeira (Ourique); Monte d'Aroeiras (Odemira).

Faro — Quinta e Monte da Aroeira (Castro Marim).

Talvez ainda aqui pertençam: Horta da Aroenha (freg. e conc. de Monforte, dist. de Portalegre) e Aroil de Baixo e de Cima (Almargem do Bispo, Sintra).

(1) Ponho entre parêntesis o concelho em que se encontram esses topónimos, que designam sempre lugares, nunca freguesias. Utilizei o *Dicionário corográfico e postal* de Américo Costa, conferindo-o com o de Silva Lopes.

Os topónimos com *d-* têm muito menor extensão, encontrando-se sobretudo no distrito de Faro ⁽¹⁾: *Daroeira* encontra-se duas vezes no distrito de Setúbal, nos concelhos de Grândola e de S. Tiago do Cacém; duas no de Faro, nos concelhos de Silves (freg. de S. Bartolomeu de Messines) e de Tavira (Conceição — na parte montanhosa da freguesia).

Com o sufixo *-al* (de valor colectivo, como também provavelmente *-eira*), Daroal três vezes em Faro: concelhos de Loulé, Albufeira e Tavira. O plural Daroais duas vezes no conc. de Lagos, Faro; e Casal dos Daroais no distrito de Beja, freg. de S.^{ta} Maria dessa cidade.

Estes topónimos, que devem corresponder «magis minus» à extensão do arabismo, correspondem também aproximadamente à distribuição geográfica da planta: da Beira ao Algarve, segundo a *Flora portuguesa* de Gonçalo Sampaio; Centro e Sul, segundo a *Flora de Portugal* de Pereira Coutinho e Teles Palhinha. Dos topónimos baseados no nome latino, só dois avançam mais para o Norte: Lentisqueira na freg. e conc. de Mira (Coimbra); Lentiscais, na freg. de Nossa Senhora da Assunção de Castelo Branco.

Addenda: O Senhor Dr. Max Leopold Wagner, a quem dei a ler o manuscrito do presente artigo, teve a gentileza, que muito sinceramente agradeço, de me fornecer mais alguns valiosos elementos sobre o assunto:

1. Sobre o nome latino da planta em questão, *lentiscus*, leia-se na revista *Glotta* XXV (1936), pp. 265-267, o artigo do Prof. Wagner, que vê na palavra um derivado do adj. *lentus*, não na sua significação de 'viscoso, pegajoso', aplicado à almécega, mas na de 'flexível', que se applicaria aos ramos dobradiços e flexíveis do lentisco. Simultâneamente informa-nos sobre a produção da almécega no Mediterrâneo Oriental, onde ela é usada, não apenas como produto farmacêutico, mas sobretudo para a fabricação de

(1) Há neste caso a contar com a possibilidade de que no nome *Daroeira* o *d-* seja tomado pela preposição *de* e vice-versa. Assim o *Dicionário corográfico* de A. Costa dá com o nome de *Daroeira* os dois lugares das freguesias de Abela e Alvalade do conc. de S. Tiago do Cacém e a quinta da freg. de Castro Marim, e com o de *Daroeiras* o lugar do conc. de Odemira que antes indicara com os nomes respectivamente de *Aroeira* e *Aroeiras*. Quanto ao monte na freg. e conc. de Castro Marim (de que a quinta toma o nome) e o outro da freg. da Conceição de Tavira, é *Daroeira* (ler *daruêra*) sem Monte e creio que com artigo que se chamam na região.

uma aguardente muito apreciada. No Mediterrâneo Ocidental falamos o Prof. Wagner da produção do óleo de iluminação extraído das bagas e do emprego dos ramos do arbusto na indústria de cestos. Segundo as informações que possuo, nem uma nem outra destas aplicações do lentisco é conhecida em Portugal.

2. Sobre o étimo árabe de *aroeira* indica-me o Senhor Dr. Wagner que a forma *ar* parece viver sobretudo no Maghreb, apontando-me ainda *ar* pl. em -at, y *dru* o *daru* no *Vocabulário español-arábiga del dialecto de Marruecos* (Tânger 1892) s. v. *lentisco*. Acrescenta finalmente: «es ist bezeichnend, dass der Name auch in Malta fortlebt; *deru* «lentisco o lentischio, arbusto del genere del pistacchio» (Antonio Emanuele Caruana, *Vocabolario della lingua maltese*, Malta 1903, p. 143).»

3. Quanto à palavra portuguesa fornece-me o Senhor Dr. Wagner uma abonação alentejana de *dãroeira* extraída do *Vocabulário alentejano* de Pombinho Júnior, RL. XXXVII (1937), 276 ss.: *dãroeira* «o mesmo que *aroeira* (lentisco?)», com uma citação de Brito Camacho, *Gente Rústica*, p. 45: «Duma vez puseram um coelho morto dentro duma *dãroeira*, e deram-lhe um lugar na linha, de modo que fosse ter com ele» (1), ao que Pombinho Júnior acrescenta: «Em Portel por *dãroeira* é conhecida uma árvore (brava) semelhante à ginjeira. Tem a raiz muito custosa de arrancar e o *coração da madeira* encarnado».

Guiando-nos pelas características «raiz muito custosa de arrancar» e «*coração da madeira* encarnado», somos levados a crer que se trata efectivamente do lentisco. S. v. *aroeira* (lentisco) informamos a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: «No tipo de *aroeira* dominante na Estremadura e Alentejo litoral a raiz da planta é fortemente lenhosa, sendo por isso o seu arranque trabalhoso a quando das arroteias (...). Sobre a cor da madeira encontramos a seguinte indicação no *Diccionario de la Real Academia Española*, s. v. *lentisco*: «La maderá es rojiza, dura, aromática, y útil para ciertas obras de ebanistería».

JOSÉ GONÇALO CHORÃO DE CARVALHO

(1) Nos *Retalhos de um vocabulário*, publicados no mesmo volume da *Revista Lusitana*, Pombinho Júnior, que não menciona a forma de Portel, escreve ainda *dãroeira* sem acento.

A propósito do judeo-espanhol *ermoyo*

Hermollo (*ermoyo*) é, com o verbo *hermollecer*, um vocábulo do ladino, que se encontra nos textos religiosos dos judeus de Oriente (na Bíblia de Ferrara e noutros textos) e significa «rebento, pimpolho». É empregado na forma de *ermolho* e *ermolhecer*, por Samuel Usque na sua «Consolação às Tribulações de Israel». Bertil Maler, que publicou um artigo sobre «Las palabras *ermolho* y *ermolhecer*, en la Consolación de Samuel Usque» na «Miscelânea Coelho», Lisboa 1949, págs. 344-352, julga que Samuel Usque «no hizo sino disfrazar de portugueses dos vocablos (pág. 352). Esta era já a opinião de D. S. Blondheim, *Les parlars judéo-romans et la Vetus Latina*, Paris 1925, pág. 50. Este autor regista as formas derivadas de *germinare* e usadas pelos judeus no seu «romance», sem preocupar-se da explicação rigorosa das formas mesmas.

O Sr. Maler, em compensação, depois de ter rejeitado várias tentativas de explicação anteriores pouco convincentes, opina que «el verbo italiano (*germogliare*) se deriva del latín vulgar **germiniare*. La disimilación entre las consonantes nasales causó el paso de la *n* a *l*», e que «tanto los derivados italianos como los españoles muestran manifestamente que hubo después labialización de la primera *i*, pasando **germiliare* a **germolliare*» pág. 350), e, naturalmente, é-lhe fácil aduzir (na nota) outros exemplos de labialização, mas o que chama a nossa atenção é o facto de, nestes exemplos (*domani*, *domando*, *romita*, *somiglia*; aragon. *romanir*) a vogal labializada preceder a consoante labial *m*; o caso de *germoglio*, *-are*, portanto, é diverso.

Meyer-Lübke, REW 3745a cita o italiano *germogliare* sob **germiniare*, e fala de «Suffixwechsel», sem explicar qual o sufixo que teria dado *-ogliare*; *germoglio* seria, segundo ele, um derivado do verbo, por conseguinte, uma formação pós-verbal. No artigo n.º 3744: *germen* cita-se o galego *germolo* como derivado deste e influenciado, na terminação, por *pimpolho* (*pimpolo* em galego). Isto pode valer muito bem para a forma galega, mas não explica a homófona forma italiana. A explicação fonética que Maler apresenta para explicar a forma italiana e, ao mesmo tempo, a forma espanhola, não é satisfatória por ser demasiado complicada

e nada regular, e não existe nem um sufixo latino *-oliare*, nem *-uliare*. Não acredito nestes malabarismos fonéticos.

Sempre se pode observar que termos semânticamente aparentados se influenciam mutuamente. Acho que Meyer-Lübke explicou com muito acerto o galego *germolo* por cruzamento com *pimpolo*; e o mesmo pode-se dizer do jud.-esp. *hermollo* com respeito a *pimpollo*. Enquanto a este último, apresentou observações muito sagazes Jos. M. Piel no seu artigo sobre *pôlo*, etc. na «Miscelânea Coelho»⁽¹⁾, págs. 323-329 (sobretudo pág. 325). A etimologia **pini-pullus*, proposta por D. Carolina Michaelis, estriba-se no significado «rebento de pinheiro» que *pimpolo* tem num antigo foral (1188-1230), e pode ser que *pimpolo* (com *-l-* simples) seja, como supõe Piel, a forma originária em português e que a forma com *-lh-* se deva à influência de *olho*, como também sugere o mesmo autor. Em todo o caso temos que fazer com um derivado de *pūllus*, e oportunamente observa Piel que «a forma simples *pollo* se usava em Espanha ainda no séc. xvi, na acepção de rebento de uma árvore»; de resto, o italiano *pollone* e o sardo *puddone* têm a mesma significação.

Parece-me a mim que há outras formas espanholas que têm sofrido a influência de *pollo*, *pimpollo*, como *serpollo* «broto o ramo nuevo que nace al pie de un árbol e en la podadura», derivado de *serpa* «sarmiento delgado y estéril que echan las vides junto al tronco» (havemos de falar desta palavra no artigo seguinte), e *rampollo* «rama que se corta de un árbol para plantarla». É evidente que tanto o espanhol *rampollo* como a palavra italiana *rampollo* de idêntico significado, são resultados dum composto **rami-pullus*, ou, mais provavelmente, de outros cruzamentos ideológicos.

A semelhança entre o espanhol *hermollo* (galego *germolo*) e o italiano *germoglio* pode ser mais casual que efectiva. *Germogliare* formou-se talvez segundo o modelo de *fogliare*, e o *o* fechado do substantivo *germoglio* ressentia-se eventualmente da influência de *rampollo* (com *o* fechado, como derivado de *pūllus*).

Maler que, como deixamos assente, parte de um **germoliare*, para nós muito problemático, não deixa de observar que esta pretensa forma básica devia ser **hermojar* em espanhol. Mas como tal forma não vem testemunhada, ele deve supor «que haya existido en la península ibérica un verbo **hermollar*, es decir una

(1) Publicada antes deste fasc., embora com data posterior (1949) — N. R.

forma híbrida, en donde la *j* inicial ante *e* inacentuado pasó a *h* según las leyes fonéticas que rigen el desarrollo del castellano, mientras que *ll* no continuó a *j* sino que se quedó como en el aragonés» (pág. 350). E na nota compara outras formas híbridas que, todavia, estão limitadas às zonas raianas entre o castelhano e os outros dialectos (aragonês, asturiano, galego). Agora, se tais formas híbridas existem nas zonas intermédias na Península Ibérica como em toda a parte, nada prova que *hermollo* seja uma tal forma.

De resto, o galego *germolo* e a palavra judeo-espanhola não são as únicas formas conhecidas. No «Vocabulario del Bable de Occidente» de Acevedo-Fernández, Madrid 132, pág. 226 encontramos *ġarmolo* «brote de las patatas» e (pág. 225) *ġaramollo*, *ġaramoyo* «espécie de raiz que echan las patatas viejas cuando se les conserva mucho tiempo amontonadas».

MAX L. WAGNER

Sarpullido, etc.

Sarpullido ou *salpullido* designa em espanhol 1) uma «erupción cutánea y pasajera», 2) a «roncha leve que deja la picadura de la pulga»; em Mérida diz-se: *zarpullio* (*ġarpuġio*) segundo Alonso Zamora Vicente, El habla de Mérida y sus cercanías, Madrid 1943, pág. 147. Para o asturiano occidental o vocabulário de Acevedo-Fernández, pág. 200 dá a forma *sarapuyada* «sarpullido» (Coaña e El Franco); e para Cabranes (Asturias) María Josefa Canellada, El Bable de Cabranes, Madrid 1944, pág. 332: *sarapullu* «id.», com os derivados *sarapullosu* e *sarapulludu* «lo que resulta torpe al tacto, y no liso, como si tuviera sarpullido». Em Portugal corresponde a estas formas e significados *sarabulho* (pop.) 1) «bostela»; 2) «aspereza na superfície da loiça»; *sarabulhento* «que tem sarabulhos», «que tem bostelas» (Figueiredo); no Algarve (Alportel) *sarabulhar* «pôr em contacto, esfregar, sobre uma coisa, em regra imunda», também «assar mal o peixe, a carne, envolvendo-os com cinza»; *sarabulhento* (= -ento) «grosseiro, tosco, com sarabulhos» (M. F. do Estanco Louro, O Livro de Alportel, Lisboa 1929, pág. 261), e há outrossim formas com *p*: *sarapulhento* (ant.) e *sarapulhada*, *sarapulhagem* (prov.), «erupção da pele» (Figueiredo) as últimas duas formas encontram-se

também em Alberto Saavedra, *A linguagem médica popular*, Porto 1919, pág. 128 (*sarapullhagem* no sentido de «*borbulhagem*» no Concelho de Santo Tirso e Famalicão).

O REW não contém estas palavras, e o «Dicionário etimológico da língua portuguesa» de Antenor Nascentes tão-pouco.

O catalão tem *serpic*, *serpigina* «herpes» (*Hautflechte*: Vogel), e ao lado destes *serpullit*, que Vogel traduz em alemão com «Schwärenchen» (abcesso, apostema) e que, naturalmente, é idêntico aos termos espanhóis e portugueses. O REW 7858 deriva o italiano *serpigne* e o provençal *serpige* de uma forma latina suposta **serpigo*, -ine, e compara as formas do antigo napolitano: *serpentigine*, *serpentagine*, *selpentagine*. Os dicionários latinos conhecem *serpūdo*, fem. (Isid., Orig. 4, 8, 5), que o dicionário de Georges define, não sei se com razão, «Rotlauf» (erisipela). Como quer que seja, resulta daí que todas as palavras citadas, significando «impigem, herpes», são derivadas de *serpes*, do mesmo modo em que o grego ἑρπης «adarte» vem de ἑρπω «serpejar, arrastar-se» (e há derivados como ἑρπίς que designa um réptil qualquer). O herpes estende-se serpejando, e pode-se comparar o nome grego do herpes e do lichen: λαιχή que se interpreta como «lambedor» (E. Boisacq, Dict. étymol. de la langue grecque, 3. ed., pág. 576).

A derivação mencionada é tanto mais clara quanto no asturiano de Cabranes *sierpe* e o derivado *sirpiadura* significam «herpes» (Canellada, pág. 337-338;) no dicionário asturiano de Rato y Hévia, pág. 112: «herpe ligera»; de um **serpens* deriva García de Diego, Contrib., no. 543, o andaluz *serpia* «horrura y vicio del tronco de la cepa» (já na língua antiga: «*las serpias salen de las raices e del tronco de la vid al de las acodaduras*»: Castigos 32); a mesma palavra é *chirpia* «planta de árboles en semillero, antes de sufrir la primera trasplantación o retoño, de roble o encina, que brota espontáneamente en los montes» em Álava (Federico Baráibar y Zumárraga, Vocabulario de palabras usadas en Álava, Madrid 1903, pág. 96).

Não é raro o caso de as doenças ou excrescências das árvores terem o mesmo nome que as doenças cutâneas dos homens e dos animais; recordamos as significações que *lupus* e os seus derivados têm nas línguas românicas e que se referem tanto à doenças intumescentes do homem como a inchações das plantas (veja-se o artigo do autor em «*Sache, Ort und Wort*» (Festschrift Jud),

1943, págs. 549 seg.). O grego *λεχών*, como vimos, aplica-se também às doenças cutâneas humanas (herpes) e às doenças da superfície do tronco das árvores (lichen). E em Portugal (Barroso) *mulas* significa «exerescências parasitas no caule duma árvore (mais geralmente no talo das conves)»: F. Braga Barreiros, Vocabulário Barrosão, em RL XXXV (1937), pág. 262. ao passo que, na língua geral, *mula* é a expressão popular para designar a «adenite inguinal».

Convém notar que o espanhol possui também derivados de *serpes*, que designam os rebentos das árvores e os mergulhões das plantas, sobretudo das videiras. Assim temos: *serpa*, *jerpa* «sarmiento delgado y estéril, que echan las vides por la parte de abajo y junto al tronco», e *serpollo* «cada una de las ramas que brotan al pie de un árbol o en la parte por donde se ha podado; renuevo, retoño de un árbol». Meyer-Lübke. REW 7857 menciona estas palavras como derivados de *serpēre*, remetendo ao artigo de Baist, ZRPh V, 238, mas acrescenta: «A falta de ditongo em esp. *serpa* é estranha». Esta objecção é eliminada, se considerarmos *serpa* como uma formação regressiva de *serpollo*.

Que os rebentos e propagens das plantas tirem a sua origem de palavras significando «serpente», não pode estranhar, se pensarmos na sua forma enroscada e serpeante; mas julgo que os termos que se referem as doenças das árvores e das vides são mais aparentadas com *sierpe* no sentido de «herpes» do que com as outras palavras que designam os rebentos.

Para voltar a *sarpullido*, *sarapullu*, *sarabulho*, etc., não se pode duvidar da sua conexão etimológica com o catalão *serpigine*, *serpic* e com as outras formas românicas aduzidas no REW 7858, e, finalmente com o latim *serpes*, mas é evidente também que nalguns casos, se trata de intervenções doutras palavras. Há em espanhol um verbo *salpullir* «levantar salpullido, llenarse de salpullido», e em murciano *zarpullir* «hacer movimientos bruscos» (Alb. Sevilla, Vocabulario Murciano, Murcia 1919, pág. 191), em que se manifesta a influência de *bullir* «hervir, moverse, agitarse con viveza excessiva», e esta interferência percebe-se bem, quando se tem presente que as doenças cutâneas produzem comichão e fazem levantar bolhas. De uma maneira semelhante o catalão *serpic* revela influência de *picar*, e isto torna-se ainda mais evidente se pensarmos em certas denominações do sarampo. Os nomes ibero-românicos e provençais desta doença são derivados, como provou Schuchardt (Literaturblatt XXXIX, 41), da pala-

vra douda grega *ξηραμπέλιος* (*xerampelinus*) «de cor de púrpura» (cf. REW 9579a). Na Península Ibérica a forma do asturiano ocidental *xarampin* (Acevedo-Fernández, pág. 225) é a que se aproxima mais à forma básica; mas por via de regra, temos formas ampliadas com sufixos, como o espanhol geral *sarampión*, o português *sarampo* e *sarampêlo*, na Beira também *sarampe-lho* (D. M. Gomes dos Santos, RL 38 (1943), pág. 306 (com *sarampão* «ataque de sarampo»). Mas ao lado destas há muitas outras em que se sente a influência de *pícar*: Mérida: *salampique* (Zamora Vicente, pág. 134); astur. *sarapicu*, *zarapicu* (Rato y Hévía, Vocabulario de palabras y frases bables, Madrid 1891, págs. 110 e 125; Canellada, pág. 371; Acevedo-Fernández, págs. 200: *sarapico*). Formas semelhantes se encontram também além dos Pirinéus: gasc. *char(r)ampic* (G. Rohlf, Le Gascon, § 215) ao lado doutras que parecem também deformadas por interferências diversas.

Não é de excluir que haja conexões fonéticas entre *sarampión*, etc. e *sarapulho*, etc. (com *sara-* em lugar do originário *serp-*, *sarp-*), tanto menos quanto, nos dois casos se trata de doenças cutâneas que vão alastrando e que causam comichão ⁽¹⁾.

O facto de o povo, falando de doenças cutâneas, pensar na ideia da serpente que se arrasta e come, é confirmado pela denominação *còbrão* ou *cobrelo* «empigem que às vezes aparece pelo

(1) Nas suas «Digressões Lexicológicas», Lisboa 1928, págs. 142 segs. ocupa-se J. J. Nunes das metáforas tiradas de nomes de animais, e fala, nesta ocasião, do port. *sarapantar*, *assarapantar* «causar susto» e de *sarapintar* «cobrir de manchas» (em Figueiredo «pintar de várias cores, mosquear»). Ele vê nestas formas derivações de *serpente* (a língua conhece: *serpentar*, *serpentejar*, ao lado de *serpear*, *serpejar* «andar, arrastando-se pelo chão, como a serpente; mover-se sinuosamente, ondular»; «ser tortuoso»), e, por isto, interpreta Nunes *sarapantar* como «causar susto, igual ao que se experimenta ao ver o «ofídio». Creio eu também que este verbo está em relação com *serpente*; mas, evidentemente, interfere a ideia de *pintar*, e a dilatação («anaptyxis») que se manifesta em *sarp-* > *sarap-* é muito parecida à de *sarpullido* > *sarapulho*, e, de resto, não é um fenómeno insólito, sobretudo no Norte da Península. Para mais *assarapantar*, que os dicionários definem como Nunes, isto é «espantar, assustar», parece empregar-se também no sentido de *sarapintar*; assim leio no Prefácio de Ramalho Ortigão à novela «Amor de Perdição» de Camilo Castelo Branco, pág. V: «Os ingleses, comerciantes de vinho, que apareciam na praça de chapéu branco e calças de xadrez ... constituíam salpicos assarapantados, de uma garridice exótica e herética, sobre a grande massa ortodoxa e sombria da população grave».

corpo», registada por F. Santos Serra Frazão, RL XXXVI, pág. 102 para a Serra de Albardos⁽²⁾ e indicada também por Alberto Saavedra, Linguagem Médica, Porto 1919, pág. 62 e traduzido por ele com «zona». Na América está muito difundido *culebrilla*, aplicado a uma espécie de dermatose tropical. Cumpre dizer, porém, que, neste caso, a denominação pode referir-se à forma especial da doença, porque os termos portugueses vêm explicados por Alberto Saavedra como denominação da «zona» (herpes zoster; em alemão: *Gürtelflechte*), e Lisandro Alvarado, Glosario del bajo español en Venezuela, Caracas 1929, pág. 149, dá para *culebrilla* igualmente a definição «herpes zoster», e para *culebra*: W. E. Retana, Diccionario de Filipinismos, em Revue Hispanique LI (1921), pág. 82: «afección herpética, zona», em quanto outros dicionários se limitam à definição «herpes», como Estéban Pichardo, Diccionario provincial cuasi razonado de voces cubanas, 3. a ed., Habana 1862, pág. 78. Augusto Malaret, Vocabulario de Puerto Rico, San Juan, Puerto Rico, 1937, pág. 142, traz: *culebrilla* «enfermedad que dá a los gallos en los ojos», e neste caso, provavelmente, temos que ver também com uma imagem.

Aditamento à pág. 352: a propósito de *sarapulhagem* e *borbulhagem*: Alb. Saavedra, pág. 120, também regista a forma *porpilhão* «equimose» para a Beira Alta, em que se encontram as duas formas *sarapulhagem* e *borbulhagem* com outro sufixo (o de *sarampão*, etc.). A palavra falta nos dicionários de Figueiredo e de Caldas-Aulete.

MAX L. WAGNER

(2) O autor diz, é verdade, que o povo chama assim a doença, porque atribuem esta empigem «a peçonha de qualquer bicho que passeou a roupa que se vestiu» e indica vários remédios populares para matar a peçonha, assim, p. ex., um deles consiste em escrever a palavra *côbrão* três vezes sobre a erupção de pele que se quer curar. Mas evidentemente trata-se de interpretações que têm o seu ponto de partida na denominação mesma da doença.

200 8 0

A Gíria dos Estudantes de Coimbra

Amilecar Ferreira de Castro, no seu interessante estudo sobre *A Gíria dos Estudantes de Coimbra* ⁽¹⁾, cita uma vasta bibliografia relativa à gíria (p. 4 a 9), na qual inclui até trabalhos de mínimo interesse para o assunto tratado, como ele mesmo nota. Escapou-lhe, porém, o vocabulário publicado por Gil Moreno no jornal *A Época* ⁽²⁾, sob o título *A Linguagem Popular Inédita*, precisamente muito rica em palavras pertencentes à gíria dos estudantes da Universidade de Coimbra, que, conforme declaração do próprio Gil Moreno, «foram recolhidas na Universidade de Coimbra, o que não quer dizer que algumas não sejam de uso corrente nas restantes escolas do país» ⁽³⁾.

Confrontando este vocabulário com as listas apresentadas por Ferreira de Castro, verifica-se que nelas faltam muitas dessas palavras. Parece-nos, pois, de interesse completá-las, tanto mais que o trabalho de Gil Moreno tem sido geralmente esquecido. Além disso, cita A. Ferreira de Castro vários termos que nos parecem demasiado correntes noutras regiões e sectores sociais que não o académico; formaremos uma lista com eles, alguns dos quais trazem no trabalho de Ferreira de Castro a indicação de citados por Morais, Cândido de Figueiredo ou Bessa e outros encontrámos registados no vocabulário de Gil Moreno com a indicação de populares ou noutras colecções de gíria e linguagem popular relativas a Lisboa, aos ladrões, etc. ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Suplemento de *Biblos*, Coimbra, 1947.

⁽²⁾ Lisboa. Os artigos iniciam-se a 4 de Janeiro de 1908 (p. 2) e prolongam-se por todo esse ano e o de 1909.

⁽³⁾ Veja-se *A Época*, 4 de Janeiro de 1908, p. 2.

⁽⁴⁾ Nomeadamente em *Termos de Calão e Gíria Popular* de A. A. Lopes, que Ferreira de Castro cita (n.º 5 a 35 da rev. *Polícia Portuguesa*) mas não aproveita e em *Locuções e Modos de Dizer Usados na Província da Beira-Alta. Apresentados sob a forma de diálogo* por José da Fonseca Lebre (Separata do *Boletim da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 1924), não citado por Ferreira de Castro.

Num outro artigo a aparecer na *Revista de Portugal, Série A: Língua Portuguesa* (v. XV, 1950), tentaremos ordenar os elementos colhidos para exemplificarmos o processo de formação da gíria académica.

Damos em primeiro lugar, alfabeticamente, as expressões reunidas por Gil Moreno com a indicação de terem sido colhidas na Universidade de Coimbra, e que A. Ferreira de Castro não cita ou não regista com esse sentido ⁽¹⁾:

- Aborto*, s. m. — Gazeta, falta à aula.
Acessório, s. m. — Qualquer peça de roupa branca.
Acepipe, s. m. — Passeio; digressão.
Adágio, s. m. — Piada, chiste, dito de espirito.
 * *Angónia*, s. f. — Falta de dinheiro: «Duas chetas? Não posso. Uma *angónia* completa!». Ouve-se ainda sem deslocação do acento.
 * *Alteza*, s. m. — Importância, proa, impostura.
Andar à festeira — Usar vestuário que não seja capa ou batina ou farda.
Anfibio, s. m. — Marido enganado pela esposa infiel ⁽²⁾.
Antípoda, s. m. — Sapateiro.
Apara, s. f. — Ponta de charuto.
Aparato, s. m. — Compra.
 * *Aparelho*, s. m. — Preservativo.
 * *Apêndice*, s. m. — Calote, dívida.
Aquário, s. m. — Livraria, grémio ou qualquer outra casa onde habitualmente se reúnem alguns lentes.
Aranha, s. f. — Troca.
Arcabuz, s. m. — Argumento seguro que o estudante dispara na aula contra qualquer opinião do lente.
Armazém, s. m. — Pessoa que tem muitos namoros.
 * *Arpejo*, s. m. — Arroto.
Arrais, s. m. — Chefe de um rancho ou grupo.
Arreata, s. f. — Auxílio disfarçado prestado pelo lente na lição ou no acto.
Arreio, s. m. — Mofa feita a futricas.
 * *Arrotar*, v. t. — Aparentar.
Arrufada, s. f. — Pé grosseiro da mulher.
Artigo primeiro — Cacete, moca.
 * *Asa*, s. f. — Estudante com que outro assiduamente acompanha e ainda o que nos bancos da aula fica à esquerda ou à direita do condiscípulo.
Atilho, s. m. — Lição mal estudada.
 * *Atirar baixo* — Diz-se do lente que obriga o estudante a estender-se no acto.

(1) Fazemos preceder de * os termos ainda actualmente ou há alguns anos usados, segundo informação do Dr. Francisco Barrigas de Carvalho, que há 21 anos frequenta a Universidade de Coimbra, e do Dr. Carlos Maças Nogueiro, formado em Medicina.

Usamos as abreviaturas *C. de F.* e *A. A. Lopes* para Cândido de Figueiredo e Alfredo Augusto Lopes, respectivamente, referindo-nos às obras destes autores citadas por Ferreira de Castro; quando citamos qualquer autor sem indicação da obra referimo-nos à que vem citada em Ferreira de Castro.

(2) Na linguagem vulgar significa «pederasta» (Gil Moreno).

- Auferir*, v. t. — Sugerir ⁽¹⁾.
- Auto de esperança* — Queima das fitas, distintivo das faculdades cursadas.
- Azulejo*, s. m. — Pacote de tabaco.
- Babão*, s. m. — Engraxador.
- Bacalhau*, s. m. — Coisa desconexa, sem pés nem cabeça.
- Badalada*, s. f. — Copo de vinho.
- * *Balandrau*, s. m. — Capa de estudante.
- Bambinela*, s. f. — Cunha, empenho, pedido.
- Bananeira*, s. f. — Patacuada, patetice, asneira.
- Barbatana*, s. f. — Pasta de quintanista.
- * *Basôfia*, s. m. — Mentira.
- * *Batata*, s. f. — Zero, na classificação da lição dada ⁽²⁾.
- Beldroega*, s. f. — Azar.
- Beliscar o melro* — Usar de artimanhas a fim de averiguar qualquer coisa.
- Berimbau*, s. m. — Alfaiate.
- Biombo*, s. m. — Pessoa que entre dois contendores procura acalmá-los e desfazer a questão.
- Biscoito*, s. m. — Barbeiro.
- Bisnaga*, s. f. — Acto do terceiro ano de qualquer faculdade.
- * *Bocado*, s. m. — Mulher nova e bela.
- * *Bolada*, s. f. — Chamada à bola, das aulas em que o lente chama de tal maneira os respectivos alunos.
- * *Borbulha*, s. m. — Tanso, parvo, idiota ⁽³⁾.
- Bordão*, s. m. — Casa de batota.
- Brasa*, s. f. — Sorte: «tenho uma brasa extraordinária com estas coisas».
- Bruxa*, s. f. — Guitarra.
- Búzio*, s. m. — Atestado médico.
- Cabide*, s. m. — O cábula da Universidade.
- * *Cabritar*, v. t. — Vomitar por excesso de embriaguês ⁽⁴⁾.
- * *Caixa de minerva* — Cabeça.
- Calendário*, s. m. — Crónica.
- Caravela*, s. f. — Cama.
- Cardeal*, s. m. — Marco postal.
- * *Carregar a pistola* — picaresco — Encher de vinho uma garrafa.
- Castelos*, s. m. — Retrete.
- Cavalito*, s. f. (*sic*) — Extenuação produzida por excesso de estudo.
- Cego*, s. m. — Estudante que sendo chamado de surpresa à lição e não a tendo estudado responde sacramentalmente: «Peço desculpa a V. Ex.ª mas não vi... não pude ver».

(1) A. Ferreira de Castro dá com o sentido de «obter».

(2) Cândido de Figueiredo regista.

(3) Cândido de Figueiredo cita como «mania», «bolha».

(4) Ferreira de Castro não dá a particularidade «por excesso de embriaguês».

- Damasco*, s. m. — Vintém.
- Dança*, s. f. — Lição dada por estudante distinto.
- * *Defluxo*, s. m. — Blenorragia ⁽¹⁾.
- * *Defunto*, s. m. — Ano perdido.
- Depola*, s. f. — Pena imposta pelo foro académico.
- * *Deitar a rede* — Iludir com palavreado ⁽²⁾.
- Demolir*, v. t. — Dizer coisas extraordinárias, veementes, enérgicas em qualquer reunião académica.
- Depilatório*, s. m. — Última troca feita ao novato.
- Derramar*, v. t. ⁽³⁾ — Partir para férias.
- Desabrochar*, v. t. — Chegar de férias.
- Diarreia*, s. f. — Último dia de aulas antes de férias.
- Direito romano* — Bilhar.
- Ditongo*, s. m. — Pão pequeno.
- Dobrada*, s. f. — Desculpa pedida ao lente por se ter chegado tarde à aula.
- * *Dois rr* — Reprovação em exame.
- Doutor espera* — Classificação dada ao estudante repetente em muitas cadeiras e que passa o limite da idade regular para as cursar ⁽⁴⁾.
- * *Doutor tropa* — Estudante militar.
- Dureza*, s. f. — Vinho tinto.
- Eclesiástico*, s. m. — Revólver.
- Edifício*, s. m. — Cadeia civil.
- Editos de todos os dias* — As refeições de almoço e jantar.
- Embaluarta a sebenta* — Colocar a sebenta entre as páginas do compêndio e dizer por ela a lição.
- Enfiar de grosso* — Gastar à larga.
- * *Enterrar o ano* — Festejar com ceia ou jantar a aprovação em acto.
- Entrar de gorra com alguém* — Implicar, replicar, questionar.
- Escala*, s. f. — Rol da despesa mensal.
- Escama* — Mortalha de cigarro.
- * *Escarrar a lição* — Dizer a lição sem a menor dificuldade, rapidamente, com todo o desembaraço.
- Escudo*, s. m. — Qualquer quantia extraordinária.
- Esguicho*, s. f. — Acto do segundo ano de qualquer faculdade.
- Espevitir*, v. t. — Tomar por empréstimo.
- Espirro*, s. m. — Archeiro.
- * *Esportular-se*, v. i. — Puxar pelos cordões à bolsa ⁽⁵⁾.
- Estaleiro*, s. m. — Esquadra policial.

⁽¹⁾ «Catarro» na linguagem corrente (C. de F.).

⁽²⁾ Principalmente: «enganar ou perseguir as raparigas com palavras».

⁽³⁾ Alguns verbos que Gil Moreno dá como transitivos parecem-nos, nestas acepções, intransitivos.

⁽⁴⁾ Ferreira de Castro não alude ao facto de «passar o limite da idade».

⁽⁵⁾ Cândido de Figueiredo: «gastar, fazer grandes despesas, ser generoso».

- * *Estampilhar*, v. t. — Esbofetear ⁽¹⁾.
Estendência, s. f. — Raia (de estender).
 * *Estiquete*, s. m. — Começo de «raia», remediado a tempo ⁽²⁾.
 * *Evacuar*, v. t. — Pôr fora de casa qualquer importuno.
Fachina, s. f. — Tourada que o curso do quarto ano de direito fazia no último dia de aulas pela queima das fitas.
Faisca, s. f. — Propina universitária.
Fandango, s. m. — Partida académica que consiste em juntar-se um certo número de estudantes no quarto de qualquer condiscípulo ou amigo que tenha frasqueira, entrando um a um com largos intervalos, e fingindo todos eles não estarem combinados.
Farináceo, s. m. — Carteiro.
Fazer abóbora — Não estudar.
 * *Fazer a mala* — Agonizar.
Fecundar para a frente — Copular.
Feição, s. f. — Moda.
 * *Finado*, s. m. — Cigarro ou charuto que se está fumando.
 * *Firmamento*, s. f. — Capa académica velha e esburacada.
Fivela, s. f. — Grupo de Estudantes.
Flamengo, s. m. — Bilhete postal.
Flautista, s. m. — Cadáver para estudo no museu anatómico.
 * *Foguete*, s. m. — Pergunta inesperada que o lente formula da cátedra a qualquer aluno.
 * *Correr o foguete* — Repetição de uma pergunta a outro ou outros alunos até cabal resposta.
 * *Estoírar o foguete* — Diz-se quando a pergunta referida encontra resposta adequada.
Gato preto — Chapéu alto.
Gaveta, s. f. — Pubis.
 * *Gasómetro*, s. m. — Barriga.
Geleia, s. f. — Boa frequência nas aulas.
Gemada, s. f. — Prémio universitário que se confere aos estudantes distintos.
Geometria, s. f. — Bebedeira.
 * *Geral*, s. m. — Chamada que o lente faz a todo o curso.
Ginjinha, s. f. — Mancebia.
Granito, s. m. — Motim académico.
Grão, s. m. — Estudante de medicina.
Hábito, s. m. — Sorte.
Harpa, s. f. — Carta de namoro.
Havano, s. m. — Estudante natural das colónias africanas.
Hemisferio, s. m. — Aviso académico afixado à porta férrea.
Hemerróida, s. m. — Estudante literato.
Herança, s. f. — Subsídio da Filantropica.
Hernia, s. f. — Estudante do curso de farmácia.

(1) De *estampilha*, registado por Cândido de Figueiredo.

(2) Ferreira de Castro dá simplesmente o sentido de «má lição».

- Hiato*, s. f. — Contemporâneo.
- Hino*, s. m. — Discurso.
- Hipnose*, s. f. — Pagode, pândega de um dia.
- Hipopótamo*, s. m. — Ponto difícil tirado para acto.
- Homem*, s. m. — Casa de penhores.
- Horário*, s. m. — Pândega, rapioca.
- Horizonte*, s. m. — Sarau académico.
- Hortaliça*, s. f. — Lição.
- Hóstia*, s. f. — Asneira proferida ou escrita pelo lente.
- Iconoclasta*, s. m. — Disfrutador, trocista.
- * *Ilha dos amores* — Arruamento das toleradas. E *quinta dos amores* o prostíbulo.
- Índice*, s. m. — O guarda-mor da Universidade.
- Ingua*, s. f. — Relógio de algibeira.
- Invertida*, s. f. — Troca.
- * *Ir-se abaixo* — Ficar reprovado em acto.
- * *Isca*, s. f. — O mesmo que chumbo, raposa, dois RR.
- * *Iscado*, adj. — Reprovado.
- Isqueiro*, s. m. — Lente rigoroso, terror dos cábulas (o que atrai as *iscas* com a terrível inflexibilidade de um Júpiter irado).
- Jacaré*, s. m. — Bedel.
- Jacobino*, s. m. — Estudante que faz parte da tuna académica.
- Jacto*, s. m. — A tuna académica.
- Janízaro*, s. m. — Soldado ⁽¹⁾.
- Japona*, s. f. — Pasta académica não sendo de quintanista.
- Jaula*, s. f. — Gabinete reservado para conquistas amorosas (por conter leões).
- Javardo*, s. m. — Polícia.
- Juro*, s. m. — Desforço pessoal.
- Laboratório*, s. m. — Tasca. Venda de vinho e petisco.
- Lagarto*, s. m. — Cada uma das três cadeiras do curso geral de direito.
- Lagóia*, s. m. — Pessoa de má catadura.
- Lagosta*, s. f. — Mulher gentil, donairosa, que desperta apetites sensuais.
- Lamparina*, s. f. — Pessoa pouco atilada.
- Lanterna*, s. f. — Cabeleira de estudante ⁽²⁾.
- Lasca*, s. f. — Proveito.
- Latrina*, s. f. — Lugar de geral no teatro-circo de Coimbra.
- Lastro*, s. m. — Excremento.
- Laxante*, s. m. — Dissertação.
- Lazarista*, s. m. — Estudante riscado da Universidade.
- Léguas*, s. m. — Récita do 5.º ano.
- Lêndea*, s. f. — Embuçado que se encontra de noite pelas ruas.
- Pôr-se de lêndea* — Embuçar-se na capa.

(1) «Tropas que agredem violentamente o povo» (Cândido de Figueiredo); «polícia» (A. A. Lopes).

(2) Cândido de Figueiredo regista como *cabeça humana*, termo pop. da «Ilha das Flores».

- Leopardo*, s. m. — Comissário de polícia, sendo militar.
- Lesão*, s. f. — Troça aos novatos.
- Libelo*, s. m. — Credor.
- Limão*, s. m. — Reprimenda do lente.
- Limpar o risco* — Impedir os desígnios de alguém.
- Lingueta*, s. m. — Dinheiro.
- Litro*, s. m. — Bacia de cama.
- Lombriga*, s. f. — Batina de veterano velha e rota.
- Lulas*, s. f. pl. — Bancadas públicas na sala dos actos.
- Luneta*, s. m. — Professor de instrução primária.
- Macaco*, s. m. — Caixeiro.
- Maçaneta*, s. m. — Quadra poética feita durante a lição.
- Maçarico*, s. m. — Bilhete que, na aula, passa de mão em mão para chegar ao destinatário, às ocultas do lente.
- Magnésia*, s. f. — Entalação, arriosca.
- Malagueta*, s. f. — Bordoada.
- Maihar na vazante* — Ter má frequência nas aulas.
- Mandioca*, s. m. — Indivíduo indiferente, sem préstimo.
- Mangueira*, s. f. — Carta de recomendação.
- Manjedoura da ciência* — Biblioteca da Universidade.
- Manobra*, s. f. — Entrevista amorosa em sítio apazado (1).
- Maquia*, s. f. — Appetite, fome.
- Máquina*, s. f. — Lente refractário a concessões de feriado.
- Membrana*, s. f. — Senhora que namora estudante.
- Mergulhar*, v. i. — Morrer.
- Meter bomba* — Dizer coisa que o lente não espera.
- * *Metralha*, s. f. — Colecção de expositores que o estudante consulta para o estudo da lição ou ponto, ou para a feitura de qualquer dissertação.
- Migalha*, s. f. — *Borla*. Entrada gratuita em qualquer diversão.
- Moela*, s. f. — Futrica que acompanha estudantes.
- * *Moer a pinha* — Enfastiar, quisilar, arrelhar, torturar o cérebro.
- Morugo*, s. m. — Dissertação curta, escrita em grandes letras para parecer mais extensa.
- Mosca*, s. f. — Trem, tipóia.
- Muleta*, s. f. — Objecto de pequena valia que se pretende empenhar.
- Oásis*, s. m. — O periodo das férias.
- Obreia*, s. f. — Passadão.
- Ocaso*, s. m. — Morte de lente.
- Óculo*, s. m. — Moço de fretes.
- Omissão*, s. f. — Palmanço, furto.
- Onça*, s. f. — Comissário de polícia, sendo de classe civil.
- Orago*, s. m. — Compêndio escolar.
- Orchata*, s. f. — Azar ao jogo.
- Orelha*, s. f. — Negação ou má vontade ao estudo.

(1) E a expressão *andar em manobras*, isto é, a perseguir ou namorar rapariga, segundo o Dr. Carlos M. Nogueiro.

- * *Organista*, s. m. — Femeheiro, conquistador.
- * *Ornato*, s. m. — Patriotismo (seios de mulher).
- Ornear*, v. i. — Dormir.
- Osso*, s. m. — Estudante pobre.
- * *Ostra*, s. f. — Prostituta.
- Ouriço*, s. m. — Caixão funerário.
- Ovas*, s. f. pl. — Luvas.
- Paí de todos* — O estudante mais idoso do curso.
- * *Pangaio* ⁽¹⁾ — Jornal de estudantes. Prostituta.
- Papagaio*, s. m. — Qualquer pessoa que assiste à lição de um curso na varanda de uma aula, à exceção do reitor.
- Papoilas*, s. f. pl. — Hemoptises.
- Parafuso*, s. m. — Rol de roupa suja.
- * *Pardal*, s. m. — Súcio.
- Pastilha*, s. f. — Cadeia da Universidade.
- * *Pastirano*, s. m. — Estudante duas vezes reprovado no mesmo ano do curso ⁽²⁾.
- Pátio*, s. m. — Liceu de Coimbra.
- Penacho*, s. m. — O melhor estudante de uma aula, sem pretensões a curso.
- Penicada*, s. f. — Troça do grau aplicada ao caloiro.
- Peniquinho*, s. m. — Borla doutoral.
- Pepino*, s. m. — Estudante de preparatórios médicos.
- Pestana*, s. f. — Condiscípulo.
- Petisco*, s. m. — Namoro.
- Piolho*, s. m. — Domingo.
- Pirolito*, s. m. — Pessoa que se dá ao desfruto.
- * *Pistola*, s. f. — Garrafa de vinho ⁽³⁾.
- Pontada*, s. f. — Chamada inesperada à lição.
- * *Prejuízo*, s. m. — Despesa.
- Preto*, s. m. — Charuto.
- Quadril*, s. m. — Quinta-feira — O feriado desse dia.
- Quadro*, s. m. — Café, botequim, bilhar.
- Qualidade*, adj. — Ótimo.
- Quarentena*, s. f. — O prazo de tempo que um estudante é riscado da Universidade.
- Quaresma*, s. f. — Reboliço, banzé.
- Quartilho*, s. m. — Discussão entre dois ou mais académicos.
- Quebranto*, s. m. — Monóculo.
- Queijada*, s. f. — Mala, baú.
- Querela*, s. f. — Aborrecimento, pasmaceira.
- Quermesse*, s. f. — Agrupamento, reunião de senhoras.

(1) Usa-se com o segundo significado.

(2) A. Ferreira de Castro: «o que pode usar pasta».

(3) A. Ferreira de Castro cita *pátio dos lichos*.

(4) Também registada por A. A. Lopes.

Quilate, s. m. — Mesada.

Quilha, s. f. — Manteiga.

Quilo, s. m. — O reitor da Universidade.

Quilómetro, s. m. — Arruaceiro.

Quinau, s. m. — Soalheira; sol.

Quinhão, s. m. — Achado.

Quinquilharia, s. f. — Amor platónico.

Quinta, s. f. — Baile campestre.

Quiosque, s. m. — Repartição dos archeiros de serviço no pátio da Universidade.

Quisto, s. m. — Lente, mestre, qualquer professor da Universidade.

Quociente, s. m. — Riqueza; fortuna.

Quota, s. f. — Esmola.

* *Realejo (dar ao)* — Dizer a lição com pouca firmeza.

Rebentar o tomate — Cortar as relações com alguém ou desfazer-se de um hábito.

Relâmpago, s. m. — Fósforo.

Relatório, s. m. — Rol da despesa.

Reliquia, s. f. — Praxe académica.

Repique, s. m. — Ordem de saída de Coimbra a toda a academia, por motivo de força maior, resultando daí encerrar-se a Universidade extraordinariamente.

Repolho, s. m. — Lição muito extensa.

Repuxo, s. m. — Acto do quinto ano de qualquer faculdade.

Requeijão, s. m. — Estudante de Teologia.

Restaurar, v. p. — Almoçar ou jantar.

Retorta, s. f. — Contrabando.

Revanca, s. f. — Foro académico.

Reumatismo, s. m. — Casamento.

Sacar quilate — Arranjar dinheiro.

Sainete, s. m. — Copo de água.

Savagoça, s. m. — Agiota.

Savilho, s. f. — Baile de *ursos*.

Saveiro, s. m. — Praxista.

Secar a ameixa — Não ir a férias.

Selório, s. m. — Champanhe.

Semana solteira — Semana sem dias feriados ⁽¹⁾.

Semente, s. f. — Costureira.

Semicúpio, s. m. — Banco e mesa onde, na sala dos actos grandes, toma lugar o respectivo examinando.

Sentinela, s. f. — Esqueleto.

Sereia, s. f. — Vizinha.

Seringa, s. f. — Acto do quarto ano de qualquer faculdade.

Serviço, s. m. — Mulher fácil.

Sifão, s. m. — Capelo.

Sinalifa, s. f. — Mulher casada.

(1) Cândido de Figueiredo dá como bras.; A. A. Lopes regista.

- * *Sinapismo*, s. m. — Bofetada.
Sinaiefa, s. f. — Mulher casada ⁽¹⁾
Sinfonia, s. f. — Véspera de feriado.
Tarifa, s. f. — Pauta da aula.
 * *Teso*, adj. — Ótimo.
Testículo, s. m. — Tostão.
Tivar o dente — Formar-se em qualquer faculdade.
Tomate, s. m. — Estudante de Direito.
Torneira, s. f. — Acto do primeiro ano de qualquer faculdade.
Trabuco, s. m. — Criado de estudantes.
Trinchar sem garfo — Dissecar.
Trombeta, s. f. — Criada, sopeira.
Trovoada, s. f. — Muitos RR nos actos.
Turibio, s. m. — Cabeça de motim.
Umbela, s. f. — Protecção.
Umbigo, s. m. — Talento.
Unhada, s. f. — Enterro.
Untura, s. f. — Carga de água.
Upa, s. f. — Feriado.
Uretra, s. f. — Matrícula geral da Universidade.
Urinol, s. m. — Matrícula especial.
Urrar à porca — Iludir o lente.
Urso ⁽²⁾.
Úrtiga, s. f. — Bengala.
Utensílio, s. m. — Candieiro de três bicos, de metal amarelo, que é o tradicional candieiro do estudante de Coimbra.
Uva, s. f. — Carta de bacharel.
Vacina, s. f. — Rapanhado ⁽³⁾ no primeiro ano de qualquer faculdade.
Valete, s. m. — Certidão de exame.
Vareta, s. f. — fato à futrica.
Veneras, s. f. — Cartas de jogar.
Ventarola, s. f. — Servente.
Ventilar, v. t. — Arreliar, encordoar, dar cavaco ⁽⁴⁾.
Vesícula, s. f. — A charamela da Universidade.
Vigário, s. m. — Estudante rico.

(1) Cf. *Sinalifa*. Na lista de Gil Moreno vem a seguir a *sopapo*; trata-se de erro de alfabetação ou de erro ortográfico?

(2) Citado por A. Ferreira de Castro. Achamos curiosa a quadra citada por Gil Moreno:

« — Um *urso*, o que é um *urso*?
 Pergunta certo matuto.
 São as asneiras dum curso
 Cristalizadas num bruto! »

(3) Deve ser erro tipográfico por «reprovado».

(4) Cândido de Figueiredo: «debater», «discutir».

Virar o escudo -- Não oferecer. Negar-se a pagar qualquer bebida ou petisco a outro.

Virgula, s. f. -- Anedota... só para homens.

Vitualha, s. f. -- Membro, pedaço, qualquer parte de um cadáver.

Vômito, s. m. -- Dificuldade com que se diz a lição, por ignorância. Atrapalhação.

Xá porta -- Nem pio! Silêncio! Bico Calado!

Xácara, s. f. -- Léria.

Xacoco, s. f. -- Rapto.

Xadrez, s. m. -- Doença sifilitica.

Xadrezar, v. t. -- Iludir, engrampar, embarrilar.

Xaguão, s. m. -- Sabujo.

Xaírel, s. m. -- Desistência de ir a acto.

Xaquear de rabo -- Ficar a ver navios.

Xareta, s. m. -- Aluno repetente de qualquer faculdade.

Xaropada, s. f. -- Feriado extraordinário.

Xeráfins, s. m. pl. -- Botas, sapatos, qualquer espécie de calçado.

Zaguncho, s. m. -- Piada indirecta que o lente profere da cátedra.

Zaranza, s. m. -- Lente jubilado.

Zenite, s. m. -- Ponto capital da questão.

Zero, s. m. -- Mulher de má nota.

Zimbório, s. m. -- Chapéu de Senhora.

Zinco, s. m. -- Batota.

Zodiaco, s. m. -- Aula.

Zona, s. f. -- Estômago.

Zuavo, s. m. -- merceeiro.

Zunido, s. m. -- Assobio que solta o chefe de um grupo, prevenindo os parceiros da aproximação de um caloíro ou novato.

Zunir de papo -- O mesmo que *dizer cobras e lagartos*.

Zupar na bisca -- Sair habilmente de qualquer embaraço.

* *Zurrapa*, s. f. -- Bodega (1).

As expressões dadas simultaneamente por Ferreira de Castro e Gil Moreno são: *andar à corda, barca, Briosá, cabra, cabrão, cabreiro, formigão, japonês, jogar de porta, logaritmo, rolié, sebesteiro, sebestaria, semana macha, tasco, verbo*. Comparando as listas de Gil Moreno e de Ferreira de Castro, temos ocasião de ver como, a menos de 40 anos de distância, grande número de expressões caíram em desuso e outras foram criadas; é notável o pequeníssimo número que ambas apresentam em comum. E, dos termos apresentados por Ferreira de Castro, muitos são desusados, conforme este autor indica.

Dos termos recolhidos por Gil Moreno, achamos que podem ser considerados da linguagem vulgar: *janizaro* (C. de F.: «tropas

(1) Cândido de Figueiredo: «Vinho mau ou estragado; água-pé».

que agridem violentamente o povo»; A. A. Lopes: «Polícia»); *pistola* (A. A. Lopes); *semana solteira* (A. A. Lopes). As expressões citadas por Ferreira de Castro que nos parecem demasiado vulgares para serem incluídas na «gíria dos estudantes de Coimbra» são ⁽¹⁾:

agraviado «atrapalhado» (Bessa, C. de F.); *andar com a sela na barriga* (Fonseca Lebre, 120); *bexiga* (C. de F., Bessa, Queiroz Veloso); *borboleta* (C. de F.); *cagalismo* (C. de F.); *cagança* « vaidade » (C. de F. e Ary dos Santos); *cagalizado* «espantado» (C. de F.); *cagão* « vaidoso » (C. de F., Morais, Bessa); *calvo* «evidente» (Morais, C. de F.); *coisas* (C. de F. regista o singular, mas também se usa no plural); *comover-se* «deixar-se convencer» (temos ouvido na linguagem corrente); *cozer a carraspana* (cf. *carraspana* em Morais, C. de F. e A. A. Lopes); *cozinhar* «ordenar» (C. de F.); *cravar e cravanco* (C. de F. e A. A. Lopes); *dar bota* (A. A. Lopes); *dar um tiro* «pedir dinheiro emprestado» (A. A. Lopes); *empáfia* (C. de F.: também *embófia*); *enaipar* «acamaradar» (C. de F.); *encher a malvaia* (A. A. Lopes); *encher a mula* (id.); *engatar* «arranjar» (id.); *espada* (muito usado em qualquer parte, no sentido de «automóvel elegante»); *esta lebre está corrida* (Fonseca Lebre, 46); *estar com os azeites* «estar zangado» (muito vulgar); *fanchona* (C. de F.: «mulher robusta»; A. A. Lopes: *fanchosa* «mulher bonita»); *fanfuriar* (C. de F.: também *fanfurrices*; usa-se ainda *fanfurri-lhas*, que C. de F. não cita); *ferro* «raiva, decepção» (Morais, C. de F., Bessa, A. A. Lopes); *furioso* (C. de F., Afonso do Paço); *gaiúlo* «gaiato» (C. de F. e A. A. Lopes); *ir para o major* «morrer» (A. A. Lopes e Gil Moreno, que diz vir da gíria dos carpinteiros, onde se aplica a peças inutilizadas); *lagosta* «escarro» (A. A. Lopes); *lançar a escada* (A. A. Lopes: *deitar a escada* «procurar possuir o que pertence a outrem. Comer à custa de outro. Procurar conseguir»); *lasca* «mulher formosa» (A. A. Lopes); *limfo* «sem dinheiro» (C. de F. e A. A. Lopes); *liso* «sem dinheiro» (Viotti); *manjedoura* «mesa onde se come» (A. A. Lopes: «mesa onde come a visita exploradora»); *metido a sebo* (Viotti); *mocho* «triste, taciturno» (C. de F.); *mula* «reservado» (C. de F., Bessa); *ópio* «intrujice» (Morais); *pacote* «nêdegas» (A. A. Lopes); *pãozinho* (C. de F. e A. A. Lopes dão o sentido de ridículo, mas em Lisboa temos ouvido significando «janota, pretensioso»: *todo pãozinho*); *paquete* «garoto que faz recados» (C. de F.); *parede* (A. A. Lopes); *patana* (Morais, C. de F.); *pecúnia* «dinheiro» (A. A. Lopes); *pé-de-vento* «desordem» (A. A. Lopes); *pega* «mulher feia» (C. de F.); *penante* «chapéu» (A. A. Lopes); *peso* «soco» (A. A. Lopes); *pescar* «perceber» (Morais, C. de F.); *pingão* (C. de F.); *pintor* «mentiroso» (A. A. Lopes); *pirisca* «ponta de cigarro» (Bessa e Queiroz Veloso); *pôr com dono* (Gil Moreno); *pote* «pessoa atarracada» (C. de F. e A. A. Lopes, que cita *pote de graíxa*. Nós conhecemos, como alcunha de mulher gorda, *pote de manteiga*); *resina* «bebedeira» (Queiroz Veloso); *roçar o pente* «dançar» (A. A. Lopes; *esfre-*

(1) Damos entre parênteses os nomes dos autores em que o termo vem citado, alguns já indicados em Ferreira de Castro, outros não.

gar o pente); *ser de gancho* «ser mau» (muito vulgar); *salteiro* «barulho» (Viotti); *sarrafaçal* (C. de F.); *seringa* «guarda-chuva» (A. A. Lopes); *simonte* «tabaco em pó» (Morais, C. de F.); (*ir para a*) *sociedade dos pés juntos* (muito vulgar na linguagem popular; Viotti cita *cidade-de-pés juntos* «a única onde se entra sem chapéu — o cemitério»); *sorna* «mandrião» (Morais, C. de F.; na gíria: sono; o que dorme nos bancos públicos); *spiculondrífico* (muito vulgar e citado por C. de F., ao contrário do que afirma Ferreira de Castro; sòmente vem ortografado *espiculondrífico*; A. A. Lopes traz *espicolondrífico* «palavra pronunciada dificilmente»); *tabaquear* «fumar» (C. de F.); *tolina* (Morais e C. de F.); *trunfa* «cabeleira» (Morais e C. de F.); *vaca* «mulher gorda e feia» (C. de F.); *vacão* «habitante dos arredores de Coimbra» (Gil Moreno dá como termo próprio de Coimbra, mas não da gíria dos estudantes); *varelas* «pernas magras» (Viotti).

É possível que mais algumas expressões se pudessem pôr do lado, mas não as conhecemos da linguagem corrente nem as encontramos nos vocabulários consultados. Algumas das que encontramos simultâneamente na linguagem corrente e na gíria dos estudantes teriam sido emprestadas por esta? Deve ser o caso, pelo menos de: *em branco* (Bessa considera académico); *estenderete* (Morais, C. de F., A. A. Lopes); *estender-se* (Morais, C. de F., A. A. Lopes); *jogar de porta* (segundo Gil Moreno, da linguagem dos estudantes é que passou à outra); *presença de rabo* (A. A. Lopes cita); *queimar as pestanas* (A. A. Lopes).

DELMIRA MAÇÃS

Dāntu ābrūn > dentebrum

Só agora tivemos ocasião de ver o «Glosario de Voces Romances registradas por un botánico anónimo hispano-musulmán (siglos XI-XII)», organizado por M. Asín Palacios⁽¹⁾ com excertos dum volumoso manuscrito árabe (o n.º XI da Colecção Galyangos, conservado na Biblioteca da Real Academia de la Historia de Madrid).

Segundo o editor deste *Glosario*, o extenso manuscrito, que contém um dicionário de plantas medicinais, é de grande interesse não só botânico, folclórico e geográfico, mas também linguístico, pois procura definir rigorosamente as palavras, dá correspondências em grego, moçárabe, etc., cita sinónimos e até inclui muitas explicações etimológicas. A este respeito, além dos diversos casos já abrangidos pelos excertos, é realmente digno de nota o exemplo apresentado por Asín Palacios na pág. XXXVII⁽¹⁾. Acresce ainda que o texto se encontra em grande parte cuidadosamente vocalizado, o que esclarece a pronúncia árabe e torna possível a rigorosa transcrição. Por tudo isso, o manuscrito era bem digno duma publicação integral.

O presente *Glossário*, elaborado apenas com as palavras romances e os passos respeitantes, é já bastante útil e parece-nos organizado com feliz critério.

Com as palavras moçárabes dispostas por ordem alfabética da sua transcrição em caracteres latinos (em parte segundo as correspondências já adoptadas por Simonet), cada artigo (ou número) apresenta um ou mais passos árabes do manuscrito referidos à palavra correspondente, seguidos da tradução castelhana (pela mesma ordem dos passos), e termina por alguns comentários linguísticos (explicação das palavras e possível identificação das plantas).

(1) Madrid — Granada, 1943.

(2) A propósito lembramos que as formas «pentatos» e «pentacatos» do exemplo, não identificadas pelo editor, dado o sentido etimológico de «dividido em cinco partes» e «dotado de cinco asas», talvez sejam alterações respectivamente de πεντάτομος e πενταπτερίς, que são, na verdade, sinónimos botânicos de πεντάφυλλον ou πενταδάκτυλον e implicam aqueles significados literais.

As traduções estão feitas de tal modo que até os não especializados em árabe (como é o nosso caso) as podem acompanhar com certa facilidade.

Não pretendemos, porém, fazer uma apreciação geral do trabalho. O nosso intuito é tratarmos especialmente duma expressão árabe que o editor não conseguiu explicar (por se tratar dum curioso *hípa*, quer considerada em conjunto, quer em cada um dos dois elementos constituintes) e que parece ter deixado representação, pelo menos, em português e em galego.

No n.º 441 do *Glosario*, relativo a *paumella*, vem o seguinte excerto árabe (o 4.º)

ذانت أبرون هو البومالة بالعجمية

com a correspondente tradução: «*Dantu abrūn* [indeterminado]: es la *paumella* en «*ajamigga*.» É a esta expressão árabe *dantū ābrūn*, e que em aljamia ou moçárabe significava *paumella* (**palmella* < *palma*), que nos queremos referir. A expressão não se encontra nos dicionários da língua ou noutra obra conhecida, nem mesmo qualquer das duas palavras que a constituem. Daí o «indeterminado» da tradução. Nos seus comentários linguísticos, Asín Palacios põe-na mesmo em dúvida, escrevendo: «Quizá [...] pudiera leerse *Datān Abirón*, es decir, los dos nombres bíblicos tan usados para maldecir en los documentos latinos medievales y que aquí se aplicasen a la *paumella* por su ardor»...

No entanto, a expressão deve ter realidade e estar mesmo certa, pois que até parece constituir a base do português *dentebrum* e do galego *dentabrú*...

Foneticamente, como se vê, não há qualquer dificuldade em relacionar *dāntu abrūn* com essas palavras.

Pelo lado semântico as relações também não deixarão de ser inteiramente compreensíveis, principalmente depois de se corrigir a tradução do 5.º excerto árabe transcrito no n.º 441 do *glosario*.

O português *dentebrum* é identificado pelos botânicos⁽¹⁾ com o *feto-macho* (*Dryopteris Filix-mas* Schott. ou, segundo Sampaio, *Nephrodium Filix-mas* Rich.), que é um *feto* de grandes folhas compostas, largamente lanceoladas, bipinatissectas, com pecíolos relativamente curtos, cobertos de escamas acastanhadas, e de

(1) Félix A. Brotero (*Flora Lusit.*), Pereira Coutinho (*Fl. de Port.*) e Gonçalo Sampaio (*Fl. Port.*), que, no entanto, escrevem *dentebrura*.

rizoma medicinal, pertencente à família das *polipodiáceas*. O galego *dentabrú* também designa um *feto*, segundo Carré Alvarellos (*Dic. Gal.-Cast.*), o *helecho real* (neste caso planta semelhante, mas da família das *osmundáceas*).

Por seu turno «*paumella*» (a palavra correspondente ao ár. *dāntu ābrūn*), embora à letra signifique palmeirinha, palmeira pequena (como se diz no 1.º excerto do n.º 411 do *Glosario*), apresentava outros empregos efectivos. Corresponhia ao ár. andaluz *nujayla*, «por la semejanza de su raíz com el tronco de la palmera [*al-najl*]»; designava o «palmito de Abisinia [*dawn al-habaša*]» — 1.º e 3.º excertos —; e, o que mais interessa ao nosso caso, tinha em árabe os nomes de *raq'a jadafiyya*, *r. jidafiyya* e «*al-raq'a al-sanaubariyya*» (5.º excerto). Asíñ Palacios não conseguiu, porém, traduzir estas designações adequadamente. Invocando P. de Alcalá, atribuiu às duas primeiras o significado de *muérdago palmitero* (*muérdago* = port. *visco*) e à última o de *muérdago cónico*. Ora, *raq'a* significa propriamente *feto* (cf. n.ºs 18, 228, 234, etc.), não *muérdago* — e ali não podia ter outro significado (1). Na verdade, seria impossível conciliar a ideia de *muérdago* (*visco*) com a do provável significado de *paumella*, ao passo que *paumella* e *feto* (um *feto* especial) podem representar conceitos inteiramente afins... Além disso, no 2.º excerto diz-se que a folha da *paumella* é chamada, em árabe, *asa de avestruz*, designação que encontra paralelo em *asa de abutre* (ou de *águia*) referida ao *feto montês* (n.º 234).

Por tudo isto se conclui que o moçárabe *paumella* designava principalmente uma espécie de *feto*, um *pteridófito*. Já no 1.º excerto, como se vê acima, se compara a sua «raiz» (neste caso *rizoma*) com o tronco (caule, estípite) da palmeira, mas sem se confundirem, evidentemente.

Note-se ainda, a este respeito, que o manuscrito árabe, tão cuidadoso no registo dos significados e dos sinónimos, em nenhum ponto confunde a *paumella* com a *palmeira* comum (em aljamia *palmaš*, *paumas*, n.º 410) ou mesmo com o «palmito» vulgar, *palmeira and* ou *palmeira das rassouras* (moçárabe *paumesš*, n.º 412).

É, pois, fora de dúvidas que o moçárabe *paumella* (e, por intermédio dele, o árabe *dāntu ābrūn*) designava uma espécie de *feto*,

(1) Compare-se com *raq'a jabaliyya* (*feto montês* ou *feto do monte*), *raq'a sarriyya* (*feto das xaras*), etc.

se não o próprio *feto-macho* ou *dentebrum* das *floras* portuguesas (tanto mais que se trata duma planta medicinal) ao menos uma espécie próxima ou semelhante.

Os restritivos específicos de *raq'a*, relacionados com palma ou palmeira, etc., além de se referirem a qualquer particularidade da planta (1), serviam naturalmente para a distinguir do *feto montês* (*raq'a jhabaliyya*) e doutras espécies (*raq'a ša'riyya*, etc.).

Dentebrum, s. m. é palavra registada por grande número de léxicos portugueses. Morais Silva averba-a, no seu *Dicionário*, desde a primeira edição, bem como Cândido de Figueiredo, Augusto Moreno, Gonçalves Viana (*Vocab. Ort. Rem.*), Francisco Torrinha, etc. (2).

Mais recentemente, porém, aparece outra forma em que a terminação *-um*, masc., foi substituída pelo sufixo *-ura*, fem. (> *dentebrura*). Como esta forma parece surgir pela primeira vez em Brotero (ob. cit.), a substituição tanto pode ter sido um fenómeno vulgar, espontâneo, como uma modificação mecânica do próprio Brotero, à semelhança do que se verifica noutras palavras (3). Neste caso foi directamente daqui que as modernas *Floras* de Pereira Coutinho e de Gonçalo Sampaio a tiraram, e não da linguagem vulgar, como seria de supor.

O *Dicionário* de Morais só inclui *dentebrura* nas edições póstumas (da 6.ª ed. em diante), baseada precisamente em Brotero, dando-se facto semelhante com o *Noro. Dic.*, de Cândido de Fig. que só começa a registá-la na 5.ª ed. (exactamente a 1.ª ed. póstuma). Aparece, porém, logo nas primeiras edições dalguns léxicos, como *Dic. Cont.*, de Caldas Aulete, *Enc. Portuguesa*, de Maximiano Lemos, *Enc. Port. e Bras.*, *Vocab. da Acad.* (1940), etc.

Como já notámos, a *Grande Enc. Port. e Bras.* não regista *dentebrum*, mas apresenta a forma *dentabrum* com a curiosa defini-

(1) No primeiro excerto, como vimos acima, a aproximação de *paimella* com *palmeira* justifica-se com a semelhança entre o *rizoma* («raiz») duma e o caule (estípite) da outra; no entanto também se pode compreender uma aproximação entre as grandes folhas do *feto* que designa e as conhecidas palmas (seriam quais «pequenas palmas»). Podia-se pensar ainda num *feto* arbóreo, embora os passos transcritos não pareçam apontar para esses lados.

(2) Esta forma falta, por exemplo, na *Enc. Portug.*, na 1.ª ed. do *Dic. Contempor.*, na *Enc. Port. e Bras.*, etc., que registam, em seu lugar, *dentebrura*, a forma de que falamos a seguir.

(3) Sobre alguns derivados mecânicos, artificiais, de F. A. Brotero, ver J. I. Louro, *Ling. Bot., Rev. de Portugal*, XIII, 69, pág. 300 (1948).

ção (referida a Alijó): «Diz-se da pessoa com dentes muito grandes e salientes.» Isto parece indicar (não conseguimos averiguar o caso) que a palavra é usada na região em sentido próprio (cp. forma galega) e que passou para a gíria local por uma espécie de etimologia popular (1).

A confirmar o étimo atrás indicado está ainda a designação madeirense de *feto-abrum* (*Enc. Port. e Bras.*, s. v. *feto*), espécie de feto arbóreo da família das ciataceas que também aparece no continente, cujo termo específico é, sem dúvida, o mesmo da expressão árabe.

Temos, portanto, em resumo:

dāntu ābrūn > *dentabrum* (?), *dentebrum* (> *dentebrura*); gal. *dentabrū*; e, talvez por meia tradução, *feto-abrum* (Mad.).

Aproveitamos a ocasião de acrescentar algumas ligeiras observações ao *Glosário* com vista a futuras edições.

A transcrição das palavras árabes é geralmente perfeita (dentro do sistema adoptado), mas não admira que, em assunto tão miúdo, apareça um ou outro lapso. Por exemplo, nos vários excertos do n.º 578 (pág. 313-314) aparece sempre a escrita *nafl*, quando a vocalização da palavra no 6.º passo pedia *nafal*, que é precisamente a forma que explica o port. *anafa* (v. M. L. Wagner, *Biblos* XVII, 2, pág. 605). No mesmo número (4.º excerto) encontra-se também «*tarāfulūn*», que está por *tarāfulun*. Nos n.ºs 215, 216 e 217 aparece sempre a transcrição «*ēsparrag*» por *ēspārag* ou *āsparag*... (cp. gr. *ἄσπαραγος*, lat. *asparagus*). Escreve-se repetidamente *fulūn* (no n.º 242) em vez de *fulūn*; no n.º 467 *lirōn* está sempre por *lairūn* ou *lairōn*; etc.

Na parte final dos comentários linguísticos ao n.º 182 (referido a «*Chento Cabto*»...) não há razão para se recorrer ao lat. *cappa*, contra a própria explicação do texto árabe. A vocalização «*cabota*» (*qābuta*) deve representar simples influência gráfica da de «*cabos*», estando, portanto, naturalmente por *capita*, *cabita*.

A palavra moçárabe «*macarcha*», cast. *magarza*... (n.º 311) não se podia explicar por uma forma **macaritia* (como se propõe),

(1) Os dicionários não indicam qualquer étimo, certo ou errado (falta também em A. Nasc., *Dic. Etim.*), mas o *Dicionário* de Domingos Vieira define *dentebrum* como planta «de folhas denteadas», aproximando-o talvez de dente. As folhas (ou as suas divisões) não são, porém, verdadeiramente dentadas, pois que os recortes, embora mais ou menos profundos, são sempre rombos, míticos

nem mesmo foneticamente, porquanto daria *magareza (ou *magariza). O étimo talvez esteja em *amaricacea (< amaricus < amarus) — cp. port. *margça*, *magarça*, *magaça*. Neste caso, dada a deglutição do *a* inicial, tomado certamente por artigo feminino, a palavra será de prévia evolução galaico-lusitana ⁽¹⁾, como grande parte das formas moçárabes.

O moçárabe *aurato* (n.º 318 e 641) provém simplesmente do lat. *aura* (gr. *αὔρα*) — cp. port. *oira* ou *oura* («Perturbação de cabeça»...), *oirar* ou *ourar* («ter tonturas de cabeça»), *oirado* ou *ourado*, etc., que têm essa mesma origem. Na verdade, à vista do expresso significado de *louco*, *tonto*, a palavra nada pode ter com *aurare* (< *aurum*), *orare* ou **hura*. O próprio Meyer-Lübke (*REW* 6081) nos parece equivocado e até incoerente (cp. *REW* 788).

O moçárabe «ochaina», pela sua forma e pelo seu significado implícito («que echa un olor hediondo») parece corresponder inteiramente ao gr. *ὄζωζ*. Simplesmente não conhecemos esta palavra com emprego botânico (como termo médico: port. *ozena*, cast. *ocena*).

A citação da forma **salicum*, de *salix*, hipotética como se vê, não interessa nada ao n.º 500, visto não aparecer ali qualquer palavra com fonema correspondente à gutural e naquelas condições.

Tártago não se podia tirar directamente de *tartaricus* ou de *tartareus*, como se indica no final do n.º 552. Além doutras dificuldades, notar a posição da sílaba tónica.

A propósito de «*yerba colochnaira*», *corazoncillo* ... (n.º 646), cita-se **coraticum*, fr. *courage*, prov. *coratje*, que já estão fora da explicação da palavra em estudo. Estas explicam, sim, o port. *coragem* e o cast. *coraje* — não *corazón*, *coração* ...

«*Corrion*» (n.º 707), aliás *crión* (*grīūn*) — segundo o texto árabe —, talvez esteja por *acrión*, port. *agrião*.

«*Chicaltel*» (n.º 709), aliás *chical* ou *chicel*, parece tratar-se dum derivado de *ciclo* (círculo), bem justificado até pelo sentido de *hera*, planta que sobe enrolando-se em hélice.

Finalmente «*auquina*» (n.º 726) ou *auquina* deve provir do próprio *abūqīnos* do texto (equivalente ao gr. *apókynon*).

JOSÉ INÊS LOURO

(1) Ao contrário do que julgou A. Cortesão, e A. Nascentes transcreveu.

Recensões Críticas

OSCAR BLOCH et W. VON WARTBURG, **Dictionnaire Etymologique de la Langue Française**. Préface d'A. Meillet. Deuxième édition refondue par W. von Wartburg. Presses Universitaires de France, Paris, 1950.

O grande interesse desta segunda edição do Dicionário de Bloch-Wartburg reside, como se indica logo na portada, na refundição realizada pelo autor do *FEW*, apoiado nos materiais reunidos para a redacção do seu magnífico *tesouro* do Galo-Romano. Dada a forçosa lentidão na publicação do *FEW*, o aparecimento da 2.ª edição deste Dicionário permite-nos conhecer alguns resultados da investigação de Wartburg muitos anos antes do que aconteceria de outro modo. Assim o diz o próprio refundidor no seu prefácio à segunda edição (pg. XXVIII). Revela-nos Wartburg que já de início este Dicionário fora concebido como uma abreviação da parte já publicada do *FEW* e uma antecipação da parte inédita; como tal lhe foi encomendado pelas P. U. F. Motivos vários o impediram de satisfazer este encargo. O. Bloch, inicialmente como colaborador, depois como único redactor, preparou então a obra que Wartburg se limitou a rever.

Os materiais reunidos nos dezoitos anos que separam a segunda da primeira edição levam Wartburg umas vezes a discordar, outras a duvidar das soluções propostas por Bloch. No primeiro dos casos, substitui a hipótese de Bloch pela que lhe parece segura. No segundo, justapõe o seu próprio ponto de vista ao do primeiro redactor. Os novos materiais também muitas vezes permitem estabelecer com maior precisão a data do primeiro aparecimento de uma palavra em textos franceses. Wartburg não esconde os perigos que envolve a indicação desta data. Como exemplo, apresenta o caso de *petit-fils* que aparecia na primeira edição do Dicionário atestado, segundo uma indicação de Littré, no século XIII, no *Roman de Renart*. Localizada a palavra no texto, viu-se que *petit fils* tinha no *Renart* simplesmente o sentido de «filho pequeno». O sentido de «neto» só aparece abonado pelos dicionários do século XVI. Também se refere Wartburg às precauções com que devem ser utilizadas as edições quinhentistas de textos medievais. O confronto com manuscritos anteriores revela geralmente actualizações de vocabulário.

Um confronto rápido de algumas páginas da nova edição do Dicionário com as páginas correspondentes da de 1932 pode fornecer-nos algumas indicações sobre a extensão e importância das inovações introduzidas. Como era de esperar, o grau de intensidade das modificações varia conforme a

parte da obra em que atentarmos. Na parte correspondente aos fascículos do *FEW* publicados anteriormente à primeira edição do Dicionário, as inovações são relativamente pouco numerosas, o que não quer dizer que as não haja e por vezes de grande importância. Assim, observando as três primeiras páginas (*A-Abstide*), verificámos que: a data da primeira abonação conhecida de uma palavra foi rectificada ou precisada em 5 casos (*abaca*, *abhorrir*, *abject*, *abracadabrant*, *abréviateur*); a palavra *abandon*, que Bloch fazia derivar do germânico ocidental *banda* «étendard, troupe réunie sous un étendard, d'où, autorité», foi ligada a *ban*, do frâncico *ban* (de acordo com *FEW*, I, 231: *ban*, «Befehl unter Strafandrohung»); no artigo *abhorrer* indicou-se que a forma *avourrir*, *avorir*, do séc. XIII, que, segundo Bloch, tinha tido pouca vitalidade, se conserva ainda no Lyonnais (v. *FEW*, I, 6); acrescentou-se o sentido primitivo de *abolition*, «remise, grâce» e uma pequena observação sobre o sentido de *abracadabra* na Idade Média; aproveitou-se a conhecida monografia de Hassebrot para em poucas palavras se fazer a história completa da palavra *abricot*, apenas esboçada na 1.ª edição.

Se destas páginas passarmos para a letra *G*, isto é, para a parte do Dicionário correspondente a fascículos do *FEW* publicados posteriormente a 1932 vemos que as modificações crescem em importância e número. Observemos por exemplo a pág. 288 (*goutte* — *graisse*): quase não há artigo que não tenha sido refundido. Rectificaram-se as datas da primeira abonação de *égoutier*, *gouvernante* (no sentido de pessoa a quem se entrega a educação de uma criança), *gouvernemental*, *gouverneur*, *ingouvernable*, *goyave*, *grabat*, *grabataire*, *grâce*, *graciable*, *gracieuseté*, *malgracieux*, *gradation*, *grade*, *gradin*, etc. (todos os termos citados pertencem à primeira coluna). *Goutter* é considerado como derivado de *goutte* dentro do francês e não como proveniente do latim *guttare*, conforme dizia a primeira edição. Precisa-se a indicação da origem do esp. *guyaba*. No artigo *graillement* descreve-se o cruzamento de *grailier* «crier comme une corneille» do lat. *gracula* com *grailier* «sonner du cor pour rappeler les chiens», de a. fr. *graile* «espèce de trompette», do lat. *gracilis*, cruzamento favorecido pela natureza do som emitido por essa trombeta. *Graillon* «mucosité qu'on expectore en toussant», ligado na 1.ª edição ao artigo anterior e separada de *grailion*, «odeur de graisse», é agora unido a este termo porque Wartburg encontrou a palavra atestada em 1642 no sentido de «restes d'un repas», o que explica a evolução semântica. Enfim a respeito de *graine* indica-se que o sentido de «écarlate», não é só frequente no antigo francês, como se dizia na 1.ª edição, mas que se encontra até ao século XVIII.

Para a parte final do Dicionário, a recolha e sobretudo a classificação do material para o *FEW* está certamente, como é natural, ainda por completar. Por isso o número de retoques diminui sensivelmente. Há-os contudo de grande interesse. Analisando a pg. 377 (*masser* — *materialiser*) encontramos, além da rectificação de duas datas (*masticage*, *mastroquet*), as importantes alterações introduzidas no artigo *mat*, «abattu, affligé» séc. XII-XVI, «flétri» séc. XII, «sans éclat, sombre» 1424, «terne» 1621 em diante, de que deriva *mater*, *matir*, «abattre» séc. XII, «rendre mat» 1789, etc. Na primeira edição do Dicionário fazia-se derivar *mat* do persa *māt* «morto», termo do jogo de xadrez, introduzida através do árabe e do espanhol (o que estava de acordo com a opinião de Meyer-Lübke, *REW*, 5401).

Wartburg opõe-se a esta hipótese e considera a palavra derivada de *mattus*, atestado em Petrónio «pour désigner quelqu'un qui a le vin triste» e em S. Isidoro: *mattus* «humectus, emollitus, subactus». Do mesmo étimo proviriam o italiano *matto* «tonto, louco», nos dialectos do noroeste, «rapaz», e consequentemente os outros vocábulos aduzidos por Meyer-Lübke que só ligava a *mattus* a palavra romena *amefi* «atordoar, amortecer» (*REW* 5428).

Na opinião de Wartburg, do ar. *mūt* só teria derivado em francês o termo *mat* empregado no jogo do xadrez. A hipótese, do ponto de vista semântico, é evidentemente mais satisfatória do que a do *REW*. Mas Wartburg também liga a *mattus* o verbo ibero-românico *matar* e supõe neste domínio e só nele um cruzamento semântico com o termo árabe. Sabe-se que Carolina Michaëlis, Meyer-Lübke e outros autores viam neste último termo a origem única do usual verbo peninsular. As duas explicações propostas não podem deixar de despertar dúvidas ao encontrarmos em latim exemplos do emprego do verbo *mactare* precisamente no sentido de *matar* (v. *Thesaurus Linguae Latinae*, VIII, cols. 22 e 23: por ex. Sen. *fratrem, Meleagre, matris mactas*; Tert.: *ego mihi gallinaceum macto*). A dificuldade fonética criada pela irregular evolução do grupo *-ct-* fez hesitar Cornu e os que na sua esteira apresentaram esta explicação (v. Antenor Nascentes, s. v.). Cf. contudo *tractare* > *tratar* (a par de *trautar*) em que vemos uma evolução paralela.

Limitar-me-ei a acrescentar algumas observações isoladas e puramente casuais. É interessante ver como Wartburg introduz no Dicionário termos recém-entrados no francês, por ex. *jamborée*, cuja primeira abonação é de 1931 (pg. 333). Mas porque teria omitido nesta edição o termo *jansénisme* que se lê a pg. 396 da primeira? É estranho ler no artigo *rue*: «Rare au sens de *rue* en dehors du fr, cf. anc. it. *ruga*». E o português *rua*? e o esp. *rua*, hoje (mas desde quando?) dialectalismo (cf. *Calle de la Rua* em Salamanca e *Dicionário da Academia Espanhola*, s. v.). *Fregate* é explicado como importação do it. *fregata*, nap. *fragate*, provavelmente derivados do grego *áphrakton*, «non couvert (d'un bateau)», espalhado a partir da Itália meridional por todo o Mediterrâneo. É curioso ver o port. *fragata* já relacionado com o grego *áphrakton* em Duarte Nunes de Leão, *Origem da lingua port.*: «*Fragata, forte, ab aphrata*» (pg. 60 da ed. de 1606).

LUÍS FILIPE LINDLEY CINTRA

MARÍA CONCEPCIÓN CASADO LOBATO, *En habla de la Cabrera Alta*. Contribución al estudio del dialecto leonés. (Revista de Filología Española. Anejo XLIV). Madrid 1948.

Prosseguindo na louvável iniciativa de tornar conhecidos monograficamente os dialectos e falares regionais de Espanha, a escola filológica do país vizinho brindou-nos com mais este estudo, apresentado como tese de doutoramento na Universidade de Madrid. A região aqui estudada é uma pequena parcela da província de Leão, cujo interesse linguístico provém da sua situação geográfica, definida de um lado pelo seu isolamento, do outro

pela vizinhança do Bierzo, da Maragatería e de Sanábria, e pela proximidade do domínio galego, do qual se encontra separada apenas pela Cabreira Baixa. Não nos era ela já completamente desconhecida, ao menos no ponto de vista lexicológico, visto ter sido incluída na esfera de interesse do estudo de Krüger sobre Sanábria e regiões colindantes ⁽¹⁾, em que quase em cada página Quintanilla de Yuso e Truchas aparecem citadas, menos frequentemente outros lugares como Valdavido e Iruelas. O facto não faz diminuir todavia o mérito do trabalho em questão, duma maneira geral seguro e abundante de informações. Permitimo-nos todavia fazer, ao correr da pena, algumas observações.

As primeiras de carácter geral: Diz-nos a A. na Introdução: «La preparación realizada con anterioridad a estos viajes no es siempre tan eficaz como pudiera esperarse. Al choque con la realidad — esto ocurre con mucha frecuencia — deben desechar-se los cuestionarios *ante la imposibilidad de encontrar un solo sujeto que se preste al interrogatorio*. [O itálico é nosso]. Es menester en estas circunstancias variar el método: escuchar las conversaciones en la era, asistir a los seranos en las cocinas..., etc. Concluí seguidamente: «Este sistema ofrece, sin duda, mayor rigurosidad y es más fiel y exacto porque los habitantes se producen con absoluta espontaneidad y el investigador se encuentra en condiciones de profundizar el habla viva de los lugareños, porque esta no ofrece las expresiones extrañas, propias de las regiones vecinas, que suelen usar ante el forastero en su deseo de mostrarse más refinados» (pp. XVII-XVIII) ⁽²⁾.

Não queremos reavivar aqui a discussão sobre as vantagens e desvantagens que cabem aos métodos activo e passivo (com ou sem questionário) nos inquéritos dialectais ⁽³⁾. Um defeito queremos porém aqui apontar ao segundo, ao que parece seguido de preferência pela A. do trabalho de que nos ocupamos: na impossibilidade, com que quase sempre se depara, de prolongar indefinidamente a estadia na localidade ou na região que é objecto de estudo, como ser completo? Afigura-se-me impossível que todas as formas, vocábulos, construções, que caracterizam o falar local, surjam ao acaso da conversa ou, não sendo provocados, não passem frequentes vezes despercebidos ao inquiridor. Não sabemos de quanto tempo foi a permanência da A. na região que estudou. Em todo o caso, que a A. caiu no perigo acima apontado prova-o sobretudo o capítulo da morfologia, em que se esquece, por exemplo, de registar os pretéritos de *estar*, *tener*; do conjuntivo só trata o presente; nos pronomes átonos se refere unicamente ao dativo da terceira pessoa singular (e nem ao menos sistematiza os materiais que apresenta), etc. Fazem igualmente falta um capítulo sobre a sintaxe (como sempre, esquecida!) e, ao menos, dois ou três textos *em prosa*, que nos dessem uma ideia do dialecto vivo — e não esfacelado em formas isoladas e repartidas por escaninhos etiquetados.

Das 13 localidades que compreende a Cabreira Alta, também a A. não nos informa a qual ou quais delas em especial se referem as formas que

(1) Ver F. Krüger, *Die Gegenstands'ultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete*. Hamburgo 1925, pp. 3, 14 e 16.

(2) Ver também p. 44.

(3) Veja-se o que disse o Prof. Paiva Boléo em *Revista Portuguesa de Filologia* I, 540-541.

aponta e nem ao menos para qual cu quais delas voltou em especial a sua atenção. É verdade que nos avisou (p. XVIII nota): «Cuando las formas son de uso general en toda la Cabrera Alta no hacemos indicación especial; en los casos en que el empleo de cualquiera de ellas está circunscrito a una o varias localidades, expresamos puntualmente cuales son éstas» (1). Mas (perguntamo-nos) se a A. não usou questionário ou depressa o pôs de parte, como pôde verificar todas essas formas para cada uma das localidades referidas? E não encontrou sequer diferenças fonéticas? É verdade que estamos numa pequena região relativamente compacta linguística e etnograficamente mas em que todavia não deixa de haver diferenças. Se em Valdavidó, por exemplo, se chama *cumbre* à cumieira da casa, em Quintanilla de Yuso dá-se-lhe o nome de *cumbral* (Krüger, o. c. 68) (2); *cantiagos*, nome dos caibros, que deveria ser comum a toda a região descrita (p. 93 do trabalho de Casado Lobato), aparece em Truchas sob a forma *cantiaos* (Krüger 69).

Algumas observações de pormenor, que não multiplicamos por brevidade:

p. 41: *cheidor* 'hedor' não é um derivado directo de *FLAGRARE*, mas um cruzamento deste (ou já de *cheirar*) com *FOETOREM*.

p. 68: Todos os adjectivos em *-al* apresentam formas femininas em *-ala*? ou representa *servicial*, *-ala*, juntamente com *cual*, *cuala*, um caso esporádico?

p. 71: O que a A. nos diz sobre o artigo (definido) é muito incompleto e pouco claro. Existirá a forma *lla. llo*, com inicial palatalizada? A A. parece dá-lo a entender, mas o que é certo é que no § 24, para onde remete, não se refere a tal, e nos exemplos do artigo fornecidos por esse e por outros §§ só encontro formas sem palatal: p. 53 *la llastra*, 56 *los chanicos*, etc. Esqueceu-se além disso de nos apontar que o *-l* do artigo masculino se assimila ao *l* palatal da palavra seguinte: *un yie dell llugar* (p. 53), *ell llumbre* (p. 56); e que *el* feminino se reduz a *l*: *l azúcar* fem. (p. 51 e 67; também *la zucre*), *l aguiyada* (p. 61).

Apesar deste e de outros senões, o estudo de Maria Concepción Casado Lobato sobre a fala da Cabreira Alta vem prestar bons serviços aos dialectólogos e é justo pois que o agradeçamos à sua autora. O índice das etimologias (nem sempre muito seguras) e o das palavras facilitam muito a sua consulta, contribuindo não pouco para o valorizar.

JOSÉ GONÇALO CHORÃO DE CARVALHO

(1) Não tendo podido percorrer todas as formas, não posso dizer se a A. alguma vez cumpriu esta promessa.

(2) Estas e outras formas fornecidas por Krüger procuram-se em vão no estudo de que tratamos.

SEVER POP, *Grammaire roumaine*. (Bibliotheca Romanica. Edendam curat W. v. Wartburg. Series Prima. Manualia et Commentationes. IV). Berna, Éditions A. Francke, 1948. Págs. X-457.

Por um conjunto de circunstâncias histórico-linguísticas que já foram individualizadas principalmente por Matteo Bartoli, o território da antiga Trácia difere do resto da Europa novilatina mais frequente e profundamente do que diferem entre si as três grandes zonas pirenaico-alpinas-apaninicas, pois mostra ter sentido a influência da língua literária latina em medida bastante menor do que os outros países modelados pela linguagem de Roma, é particularmente rico em preciosas relíquias latinas que uma Idade Média multissecular manteve com vida, e ao mesmo tempo é aberto às mais arrojadas inovações fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicais. Estruturalmente latino e ocidental, apesar de 40% do seu vocabulário ser de origem eslava ⁽¹⁾, e não obstante a população romena ter vivido durante muitos séculos *cu fata intorsi spre Orient*, esta língua causa uma fascinação irresistível no romanista e no balcanólogo, apresenta curiosas relações com a eslavística, entrelaça os seus problemas com os da linguística albanesa húngara grega, estabelece contactos com o turco, põe delicados problemas de estratigrafia, e principalmente de substrato traco-frígio e ilírico: certamente nenhuma outra língua românica apresenta tão grande multiplicidade de aspectos, uma tão misteriosa «symphonia discors» de elementos espirituais traduzidos sonora ou gráficamente, que demonstram quão grande devia ser a energia vital e modeladora do Latim, ainda que oprimido por formidáveis pressões étnicas e históricas no decorrer de muitos séculos. E o facto delas não terem conseguido quebrar a unidade fundamental dos Romanos, em todo um território que talvez seja historicamente o mais nevrálgico de quantos existem na Europa, não é somente uma prova de íntima vitalidade devida ao bom sangue romano, mas é ainda um antibiótico espiritual, uma garantia de vitoriosa resistência a quaisquer possíveis infecções provocadas pelo contacto com formas de vida das quais o Ocidente não tem nada que aprender.

Uma tal riqueza e originalidade de aspectos induz a acolher com justificado interesse qualquer nova tentativa de exposição sistematizada do romeno, quer histórica, quer descritiva: entre elas toma agora lugar honroso, embora careça desde já duma segunda edição mais perfeita, este livro em que Sever Pop tem procurado condensar a sua madura experiência linguística e dialectológica. Se bem que o Autor escreva (p. 17) «Vu le but pratique de notre exposé...», não se trata — é claro — de um simples «método» para o estudo da língua romena, porque o rigor descritivo e a ânsia filológica aqui e acolá infiltrada de casos de gramática histórica tornam o livro mais apropriado a quem já conhece os rudimentos da língua e, em qualquer caso, aos leitores que já possuem um bom nível cultural. Esta simples conside-

(1) A. ROSETTI, *Geschichte der rumänischen Sprache*. Allgemeine Begriffe. Bukarest, 1943. p. 58.

ração teria aconselhado melhor ao Autor a oportunidade de suprimir, como supérfluas, as definições com as quais abrem os parágrafos que sucessivamente tratam das várias partes do discurso, não só porque se limitam a relembrar no leitor, de forma um tanto apodictica, noções de gramática geral que ele já deve conhecer por outras vias, mas ainda porque são por si próprias matéria controversa em não poucos casos. Vistas as coisas de tal ângulo, não se compreende, por exemplo, até que ponto se possa distinguir (págs. 401) de um lado um *presente histórico ou narrativo*, e de outro um *presente dramático*, quando é certo que já Otto Jespersen achou lógico — e com muita razão — fundir na denominação única de «presente dramático» a distinção dicotómica própria da retórica tradicional: a intensidade afectiva daquelas duas formas do presente poderá variar, mas estas ficam sempre caracterizadas por um único tipo de intenção estilística, a de traduzir uma certa vibração do espírito ou exaltação emotiva que a recordação de coisas passadas desperta na alma.

Esta preocupação de definir previamente cada uma das categorias gramaticais dá-nos a entender qual o *tom* de toda a obra, o carácter rigorosamente taxinómico com que, cingindo-se à ordem tradicional das partes do discurso, a exposição se desenrola por sucessivas classificações dos factos gramaticais, quase esmiuçando progressivamente cada fenómeno. Excepto no capítulo sobre a Fonética — onde encontramos a segurança e a precisão dum especialista a quem deve muitíssimo a dialectologia romena — o Autor furta-se de propósito a toda a discussão («... j'ai renoncé à toute discussion sur les divers problèmes...», págs. VII), e não gosta de tomar posição definida mesmo quando bastariam poucas palavras apenas para indicar mais concretamente os termos dum problema ou uma possível solução; assim, a págs. 10 podia-se sem mais afirmar que o substrato pré-romano do romeno era com certeza ário-europeu, por sinal um substrato que mais do que outros (por exemplo, mais do que o ibérico) se aproximava da estrutura do Latim que o havia de suplantar.

Esta espécie de observação objectiva dos aspectos da linguagem acaba por afastar o Autor da avaliação dos meios de expressão considerados como resultado das condições afectivas do espírito, isto é, do poderoso impulso psicológico que determina as mais curiosas modificações em todos os sectores da língua e explica muitos desvios do paradigma corrente ou das formas que os literatos têm a ilusão de poder fixar; desta maneira, quando na fala popular oíço uma expressão como *oiu pleca* (que Pop menciona «sic et simpliciter» a págs. 257 sem a menor tentativa duma explicação interna) em vez de *voiu pleca*, eu sinto naquela primeira forma de futuro uma sensação de dúvida ou outra cambiante psicológica análoga à que o português exprime, em diferente área modal, com o seu futuro do conjuntivo.

Uma redacção mais atenta teria evitado certas incongruências formais (vide, por exemplo, a cacofónica expressão que se lê na pág. 1: «*durent soutenir des durs combats*»), e deslizes ou esquecimentos substanciais. Pergunta-se qual a razão porque numa gramática descritiva de tal vulto falta completamente um capítulo sobre a formação das palavras, quando é certo que o romeno apresenta problemas lexicais do mas alto interesse: mesmo sob o ponto de vista prático é extremamente elucidativo, para quem estuda, saber de que maneira esta língua enriqueceu o seu fundo primitivo, absorveu

elementos estranhos, moldou incansavelmente o seu património lexical com uma dúzia de prefixos e uns 160 sufixos de vária proveniência e pujança semântica; mas Pop a este respeito nada nos diz, como também nos deixa ignorar as formas típicas do vocabulário afectivo (sufixos diminutivos, aumentativos, pejorativos, de carícia). Pela mesma razão lamentamos a falta (e é mesmo falta, porque as seis linhas que se lêem a pág. 129 não dizem absolutamente nada) duma página respeitante àqueles substantivos que possuem diversas formas de plural com significados diferentes, do tipo *ochiu* / *ochi* / *ochiuri*, ou *brat* / *brate* / *brațuri*. Também debalde se procurará notícia de formas especiais de topónimos, como o genitivo Orăzii < Oradea. Estamos certos de que somente a falta de espaço adequado tem impedido a Sever Pop de ser mais completo ou mais explícito em muitos pontos: assim se compreende o facto de ele, embora tenha elaborado este livro colocando-se mentalmente no lugar dum francês que estude romeno, não ter pensado no embaraço em que este venha a encontrar-se ao tentar verter em romeno uma expressão como «j'allais commencer» (isto é, um futuro próximo no âmbito do passado) sem recorrer a uma perífrase de ordem sinonímica, só porque o livro não lhe lembra uma fórmula composta como «eram sa incep». Nada encontramos, pela mesma razão, acerca da substituição das formas do Condicional na apódoze dum período hipotético pelo Pretérito imperfeito do indicativo, o que pode ser motivado também pela simples conveniência de não cair na monotonia, como se verifica, por exemplo, nesta frase que recordamos ter encontrado em C. Petrescu «dacă ti-¹as fi stiut adresa, iti scriam». E um exemplo de doutrina bastante confusa, absolutamente inaceitável numa gramática descritivo-normativa, é a expandida nas págs. 123-124 (§ 3.^o) a propósito duma certa desinência *-uri* para o plural de substantivos femininos em *-a*.

Não seria difícil multiplicar estas observações ao longo das 450 páginas (pouco bonitas quanto à arrumação tipográfica, e fatigantes também por falta dum bom índice remissivo) que Sever Pop consagrou à descrição da sua língua pátria com a experiência dum estudioso e com a terna saudade que tantos corações acalenta, hoje, com o sorriso melancólico de um bem que se não pode usufruir. Da melhor vontade reconhecemos quanto de bom e de original pôde focar neste livro, mas auguramos-lhe que possa dentro em breve, numa nova edição, expungir certas descabidas ou imprecisas contaminações com a gramática histórica, esclarecer ou completar o enunciado de certas regras, acrescentar as partes agora omissas, e sobretudo modificar o tom da obra (onde o Autor contempla a matéria um pouco à distância, sem se empenhar de forma decidida na interpretação do facto linguístico) abrindo as portas — tanto quanto possível — à estética e à estilística da língua, considerando-a como organismo vivo e como instrumento de seres sensíveis, mais do que como uma máquina perfeitíssima que se queira desmontar nas suas peças delicadas para as expor numa montra, cuidadosamente individualizadas e classificadas. Julgamos que — para além das eventuais deficiências ou imprecisões — o maior defeito do livro reside precisamente nisto, embora não sejam muitas as línguas modernas que possam gabar-se, neste campo, duma obra como a de Iorgu Iordan (*Stilistica limbii române*: București, 1944) que em 400 páginas rasgou largos caminhos

à investigação estética do romeno. Naturalmente reconhecemos que, o querer considerar o facto linguístico em função de variável psicológica mais do que na de constante gramatical, pode ser método perigoso ou arbitrário, e não isento de possíveis discordâncias (recordamos, por exemplo, a má cara com que certos gramáticos têm recebido a «Estilística da língua portuguesa» de Rodrigues Lapa, conquanto se trate duma obra que não é para desprezar); mas estamos convencidos de que um razoável equilíbrio dos dois princípios eliminaria de qualquer gramática aquele mecanicismo estrutural que do exterior examina fonemas, morfemas, sintagmas, parecendo ignorar os íntimos impulsos que modelam a linguagem.

A *Grammaire roumaine* de Sever Pop abre com uma modesta bibliografia que haveria toda a conveniência em alargar, sem com isto menoscarab quanto de pessoal o Autor deu ao seu livro; a não ser que ele queira subentender que ultteriores informações bibliográficas o leitor possa extrai-las das seis revistas mencionadas. Mas, em tanta pobreza de bibliotecas, «*melius erat abundare quam deficere*»: visto que a obra foi elaborada para estrangeiros, podia-se ao menos indicar os melhores dicionários bilingues, e, consideradas as suas intenções científicas, valia a pena apontar ao estudioso menos experiente alguma história da língua romena.

GIACINTO MANUPPELLA

CARLTON COSMO RICE, **Romance Etymologies and other Studies**, compilação e arranjo de Urban F. Holmes, Jr., University of North Carolina, Chapel Hill, 1946.

Este trabalho, como se vê, é a edição póstuma, em volume, de vários estudos do Prof. Rice (falecido em 1945), publicados em diversas revistas (1) ou ainda inéditos à data da morte do autor. A obra bem merecia esta publicação pois que os estudos, aceitem-se ou não as suas conclusões, são apresentados sempre com bastante senso, clareza e objectividade, o que torna a leitura agradável e mais ou menos proveitosa.

O volume abre com o estudo da palavra espanhola «*consagrar*», de sentido especial ('estabelecer relações de parentesco por casamento', 'aparentar'), aparecida duas vezes no «*Poema del Cid*». Tomada (pelos editores) geralmente por «*consograr*», Rice estranha, com razão, que a palavra apareça assim escrita duas vezes e conclui que ela deve estar antes por *consangrar* (de **consanguinare* ou de *con* + *sangre* + *ar*).

Segue-se um desenvolvido estudo sobre a origem do italiano *greggio* ou *grezzo*, que procurar tirar de **gredius* por *gerdus* (< gr. γῆδος), étimo aceite por Meyer-Lübke (*REW*³ 3857a).

A determinação dos étimos de várias palavras relacionadas com *andar* (verbo) constitui o terceiro estudo do volume (reedidato de *PMLA* XIX,

(1) *Publications of the Modern Language Association (PMLA)*, *Modern Language Notes (MLA)*, *Modern Philology (MPh)*, *Hispanic Review (HR)*, *Modern Language Forum (MLF)* e *Language*.

1904), acentuando-se a mesma opinião no quarto e no quinto (este último publicado agora pela primeira vez): «The etymology *anar* - *andare* - *aller* < *adnare* - **annitare* - **annulare* should therefore be recognized as correct». Na verdade, principalmente se se aceitar que o prov. *anar* vem de *adnare* (como parece natural), a opinião de Rice não apresenta dificuldades superiores às que tiram *andar* de **ambitare* e *aller* de *ambulare* e tem a vantagem de reunir na mesma família palavras românicas realmente afins.

Os estudos etimológicos seguintes são geralmente muito mais breves. Embora compreendam palavras ou formas de várias línguas românicas, nós (sem falar nos outros estudos), por brevidade (e como exemplificação), vamos referir-nos apenas às portuguesas.

São expressamente consideradas da nossa língua, além de *andar*, as palavras *afagar*, *atanar*, *azo*, *bastar*, *cisco*, *deitar*, *deixar* (e *leixar*), *despachar*, *empachar*, *esbroar* ou *esboroar*, *espirrar*, *estropear*, *fechar*, *lascar* (*lasca*), *louco*, *paspalho*, *vilhar*, *rosnar* e *solho*. A estas podemos acrescentar outras expressamente referidas apenas ao espanhol, como *alarido*, *baço*, *cansar*, *cincho*, *estragar*, *moço* (esp. *mozo*), *nesga*, *queixar* (esp. *quejar*), *regaçar* (esp. *regazar*), *rematar*, *rosca*, *sossegar* (esp. *sosegar*), etc.

Propõem-se ou defendem-se étimos aceitáveis, por exemplo, para: *afagar* (< ár. *ḥāluka*, 'tratar alguém com afabilidade', contra *halaka*, etc.); *cansar* (< *campzare* < gr. *kámptein*); *cinchar* (< **cinctulare*, em vez de **cingular*)⁽²⁾, conquanto nos pareça melhor tirar o português do concreto *cincho* (< **cinctulu* - < *cinctus*); *deitar* (< **dejectare*, contra o simples *jactare*); *despachar* (< **de-ex-patt-iare* por intermédio do italiano); *empachar* (< it. *impacciare* < **impattiare* < **patta*); *esb(o)oar* (< port. *boroa*, *broa* < gót. *braupf*); *estragar* (< **stragare* < *strages*); *estropear* (< **exturpidiare*, relacionado com *turpare*); *louco* (< ár. *lauk*, loucura); *queixar* (< **coaxare* por *coactare*); *rematar* (< *re* + *matar*) e *solho* (< *sūcilus*, em vez de *suillus*).

Os étimos das palavras seguintes oferecem dificuldades ou merecem alguns reparos. *Alarido* < basco *alarao* (grito, algazarra), embora semânticamente aceitável, não apresenta derivação muito clara - note-se que os outros étimos até agora propostos também apresentam dificuldades fonéticas ou semânticas (v. A. Nasc., *Dic. Etim.*, e P. Machado, *Comentários*), dando-se até o caso de REW lhe atribuir dois étimos diferentes (n.º 647 e 4974). *Atanar*, *atanado* < ár. *atana* (macerar), parece não satisfazer à antiguidade e distribuição da palavra nas várias línguas (cfr. b. lat. *tanare* ou *tannare*, fr. *tanner*, ingl. *to tan*, etc.), além de que seria mais natural a prótese do *a* em português do que a aférese nos outros idiomas. *Azo*, *azar* < **adatiare*... merece alguma atenção, apesar dos favores de *adjacens*. *Baço* < **bathus* (< gr. *βάθος*); *bastar* < ár. *bastu*, *ciscar* < **phýsicare* ou **císicare* (< **císus* por *caesus*), *fechar* < *fixare* e *nesga* < *nexicare* (< *nexus*) parecem-nos de rejeitar inteiramente. *Deixar* < **dejectiare* ou **dejexare* também não tem razão

(2) Mas -*g'i*- não dá apenas -*ñ*-, -*nh*-, como se indica no texto. Em português (antigo e moderno) dá -*nh*-, -*nh*-, -*ih*-, etc. (*senhos*, *esponha*, *unha*, *senhos*, *cilha*, *sendos*).

de ser. A alternância *leixar-deixar* deve corresponder a simples alternância *laxare-daxare*, pois que *l* alterna algumas vezes com *d* (*lautia-dautia*, *lintel-dintel*, δάκρυα-lacryma, medicina-melecina, cicãda-cicala, etc.). *Espirrar* < *expirare* não seria impossível (o reforço de -r- encontra-se algumas vezes, conforme indicamos na nota 1 da pág. 165), mas era necessário explicar também a forma *espilrar* (v. A. Nasc., *Dic.*, e Sá Nogueira, neste *Boletim*, pg. 43). Em *lascar* (ou *lasca*) < **laxicare* (< *laxus*), *rosca* < *rosicare* (< *rosus*) e mesmo em *ciscar*, além do mais, convinha justificar a manutenção da surda *c*. *Moço* (esp. *mozo*) < **muceus* (< **mucous* por *mūcus*) estaria de acordo com a uniformidade fonética da palavra (quanto ao *ç*, *z*), mas *musculus* parece de melhor fundamento semântico. Rice limita-se a relacionar o port. *paspalho* com o galego «*paspallas*» (codorniz), considerando este de filiação etimológica obscura. Afinal, nada mais claro. Basta ter ouvido cantar alguma vez a codorniz para se reconhecer que *paspallás* (como port. *paspalhão*, *paspalhaz*, *parpalhaz*, *parpalhó*, etc.) tem origem onomatopeica directa. E *paspalho* será um simples derivado regressivo de *paspalhão*, como já Júlio Moreira mostrou (*Est. de Ling. Port.* II) (1).

Regaçar (esp. *regarzar*) < **recaptiare* parece explicação intuitiva, mas talvez provenha antes de **recalceare* (cfr. *remangar* e REW³ 7135 a), como tencionamos mostrar em nova oportunidade. *Rilhar* < **rictulare* (< *rictus*) não seria foneticamente bem regular, pois que *r'i* (equivalente a *c'i*) em posição forte dá *ch* e não *lh* (cfr. *acha* < *astula* e *cincho* < **cinctulu-*). A forma **ringulare* (REW 7326), lembrada por Leo Spitzer, é foneticamente melhor (cp. *cilha* < *cingula*). *Rosnar* < **rosinare* (< *r-sus*) não seria de evolução tipicamente portuguesa (mesmo que se admitisse a forma original essa daria antes **rosear* — cp. *rodizio*, *semear*, etc.). Portanto, só relacionada também com o esp. *roznar*. *Sossegar* < **insulscicare* não parece ter qualquer fundamento. Além disso, talvez não seja razoável separar a forma actual da antiga *sessegar*.

JOSÉ INÊS LOURO

EMIL ERMATINGER, **Deutsche Dichter 1700 — 1900**. Eine Geistesgeschichte in Lebensbildern. Erster Band. Vom Beginn der Aufklärung bis zu Goethes Tod. Verlag Huber & Co. Frauenfeld, 1949. 432 S.

Com uma produtividade espantosa apresenta-nos Emil Ermatinger, ilustre historiador da literatura alemã, o primeiro de dois volumes que se dedicam aos poetas que viviam entre 1700 e 1900. Não é uma história da literatura que o autor nos quer dar; ele próprio traça, na introdução, com toda a nitidez as fronteiras que separam o «mundo real» em que se passou a vida dos poetas do fictício em que vivem as obras deles. É só do primeiro que se quer ocupar na sua obra. Fá-lo, contudo, na convicção de que, muitas vezes, as vivências pessoais representam a matéria prima de que foram feitas,

(1) Sobre *Os Nomes Populares da Codorniz* publicou muito recentemente um estudo o Prof. J. M. Piel (*Rev. de Port.* XIV, 1949).

depois, as obras artísticas. Isto é o caso, segundo o Autor, com um tipo de poetas a que ele chama «*Erlebnisdichter*» (poetas da vivência própria) e cujo contraste são os «*Überlieferungsdichter*» (poetas da tradição). O primeiro tipo, original, verdadeiro, profundo, seria o predominante neste prazo de 1700 até 1900.

Encontramos no livro as biografias dos poetas mais importantes. O autor reúne-os em pequenos grupos, prometendo até dar, através das biografias, uma «história do espírito». Confessamos, porém, que as tentativas de relacionar os decursos da vida com o espírito da época, nem sempre nos parecem bem sucedidas. Assim aparece o espírito dos primeiros decénios do séc. XVIII ora optimista, alegre, sensual (i. é quando se fala dos poetas do anacreontismo), ora grave, meditativo, até angustioso (quando se fala de Klopstock e do Pietismo, pág. 103). Tão pouco podemos familiarizar-nos com o que o autor — ultrapassando nisto as suas próprias intensões — nos apresenta como conteúdo ideológico de algumas obras. Apontamos sobretudo a interpretação demasiadamente simples dos «*Wahlverwandschaften*», mas também de outras obras particularmente de Goethe.

O que admiramos, e muito admiramos, é o dom de representação, a capacidade de descrever plásticamente a curva duma vida, o jeito para contar ... O autor não esconde nisto as suas simpatias e antipatias. Nos casos de Lenz ou de Heinse, por exemplo, os seus quadros dão-nos a impressão de serem um pouco injustos. Ermatinger não fala das relações entre Hölderlin e Heinse, e já elas nos fazem duvidar se a paleta do autor, neste caso, não seja um pouco escura de mais. Por outro lado não se compreende porque Grimmelshausen, cuja vida não revela nada de extraordinário ou de genial, nos é apresentado como «primeiro homem moderno das letras alemãs», como «personalidade magnífica e genial, formada pela natureza» (pág. 29). Mas estas pequenas deformações não têm peso num livro escrito por um temperamento narrativo tão pronunciado. O livro de Ermatinger, além de ser muito útil para quem se interessar pelos poetas de língua alemã, tem, ele próprio, um encanto literário. E finalmente, as biografias traçadas com tanta mestria não deixam de nos prender como documentos humanos.

WOLFGANG KAYSER

SVEND JOHANSEN, *Le Symbolisme. Étude sur le style des symbolistes français*. Copenhague, Einar Munksgaard, 1945. 377 pags.

Desde há algum tempo, o chamado Simbolismo se tornou um centro que atrai a investigação sob os mais variados aspectos. Contribuem para isto vários motivos, entre outros a distância que nos separa daquela corrente e nos permite contemplá-la como um conjunto tendo começo, decurso e fim; ou o facto de se terem publicadas, dos principais simbolistas, todas as obras e ainda deles e dos que tinham contacto com eles, as cartas, conversas e outro material. Contribuíram, finalmente, algumas obras suficientemente unilaterais para poderem actuar como estímulo para a investigação. Estamos

ainda longe de uma visão total do Simbolismo, seja como fase de uma literatura nacional, seja como um movimento europeu.

O livro de Johansen não nos dá esta síntese, e nem dentro dos limites que indica o subtítulo. Pois o autor restringe o campo das suas investigações mais do que se podia esperar e mais do que nos parece lícito: ele nega a Verlaine, Henri de Régnier e outros poetas o direito de serem considerados como simbolistas. Será difícil conformarmo-nos com os critérios que o autor escolhe para tal procedimento; a introdução em que nos é dada a definição do «simbolista» (pág. 18), parece-nos a parte mais fraca do livro; «Un symboliste est idéaliste métaphysique, qui veut aussi idéaliser son instrument pratique d'investigation». Ocupam o centro do estudo estilístico as obras de Baudelaire, Mallarmé, Valéry et Rimbaud. Como um verdadeiro simbolista, no entender do autor, cria em plena consciência o seu estilo, ficam incluídas na análise, todas as observações dos quatro poetas (e de outros ainda) sobre os problemas investigados.

Embora sendo a introdução e o conceito do simbolismo muito discutíveis, os próprios capítulos interpretativos do livro proporcionam à investigação uma base sólida: não hesitamos em chamar o livro de Johansen um dos mais importantes entre quantos se têm publicado sobre o estilo do Simbolismo francês. São sobretudo cinco fenómenos que o autor pesquisa, em diferentes capítulos: a sinestesia, o símbolo, a imagem, a magia («incantation») e a ausência, tratando este último capítulo dum traço pouco observado até agora, ou seja do papel das negações significativas. Nos restantes capítulos do livro analisam-se algumas poesias de Rimbaud e Mallarmé (*Bateau ivre*; *Après-midi...*; *Un Coup de Dés...*).

Cada um dos capítulos enriquece os nossos conhecimentos e aprofunda a nossa compreensão. Aproveitando-se prudentemente dos estudos já existentes, o autor sempre consegue dar vários passos para a frente. E o que ainda aumenta o valor: todas as observações feitas a respeito dos simbolistas franceses chamam quase para serem adoptadas para simbolistas das outras literaturas. Assim, relativo às afirmações por negações, o leitor lembra-se dos *Não*, *Ninguém*, *Nada* tão típicos das poesias de Fernando Pessoa ou daquele epitáfio de Rilke que diz da rosa: «... desejo de ser, sob tantas pálpabras, o sono de Ninguém». Parece-nos igualmente rico de boas observações o capítulo sobre l'Incantation, revelando, contudo, ao mesmo tempo as fronteiras duma pura investigação de estilo: o problema em questão só se pode resolver definitivamente, quando se liga ao aspecto estilístico o do género literário.

O valor deste estudo tão útil é ainda aumentado por uma bibliografia cuidada e um índice das poesias interpretadas.

WOLFGANG KAYSER

IN MEMORIAM KR. SANDFELD. Copenhagen, Gyldendalske Boghandel, 1943. 259 págs.

Junto com Kr. Nyrop, Kr. Sandfeld representa uma fase notável da Filologia românica em Dinamarca. A sua *Linguistique balkanique* (1930) e os três

vols. da sua *Syntaxe du français contemporain* (1928-1943) são instrumentos indispensáveis de trabalho e belos monumentos da nossa disciplina. Elas assinalam ao mesmo tempo o vasto campo de actividade do Mestre.

Kr. Sandfeld, morto em 1942, já não viu a Homenagem que os alunos e colegas escandinavos lhe prepararam para o seu 70.º aniversário, em 17 de Janeiro de 1943. Assim, o volume chegou a ser um *in memoriam*, uma coroa de saudade para o antigo professor e ao mesmo tempo um testemunho duma acção pedagógica fecunda.

A maior parte das 25 contribuições, todas escritas em dinamarquês ou em sueco, trata de problemas românicos e especialmente, seguindo o exemplo do homenageado, de syntaxe francesa e romena. Devemos limitar-nos aqui a mostrar o interesse científico da publicação aludindo a alguns dos artigos.

Hedwig Olsen, colaboradora de Kr. Sandfeld na *Syntaxe roumaine* I (1936), trata as formas da afirmação e da negação em romeno — excepto os advérbios 'sim' e 'não' —, tema tão importante para o português (cp. L. Spitzer, *Bol. de Fil.* 5, 1937 38, 165-169, 374-376) que apresenta grandes semelhanças sob este aspecto com a língua balcano-românica. J. K. Larsen traz uma contribuição interessante sobre o emprego dos pretéritos simples e composto em provençal, sublinhando as relações com o português e o espanhol (cp. ultimamente E. Alarcos Llorach, *Rev. de Fil. Esp.* 31, 1947, 108-139; M. Criado de Val, *Sintaxis del verbo español moderno*, Madrid, 1948, 93-120). H. Sten, autor de *Les particularités de la langue portugaise* (1944) dedica desta vez a sua atenção à repetição vocabular do tipo it. *pian piano*, focando sobretudo o seu carácter semântico, reforçativo (para a função sintáctica, adverbializante, cp. os nossos *Ensaio de Fil. Rom.*, 1948, 92). A posição particular que tem a perífrase francesa *c'est* que quando dependente dum verbo que exige o conjuntivo («Comment croire que *c'est* sérieusement que *tu dis* cela?», «... que *ce soit* sérieusement que *tu dis* cela?») é exemplificada por O. Olesen.

Para a lexicografia, salientamos o estudo de Rosally Brændal sobre os prefixos franceses; a tentativa de P. Høybye para localizar melhor os «italianismos» no francês e noutras linguas, distinguindo os que provêm dos dialectos da Itália setentrional daqueles providos do toscano, da língua literária; a continuação que Karin Ringenson dá aos seus estudos sobre expressões temporais do francês (*à ce moment — en ce moment; le troisième jour — au troisième jour*); e as notas etimológicas de G. Tilander (fr. arc. *escort(r)ement* < **excôrrecta mente*; *lîcher* < **lassicare*) e de E. Walberg (fr. *bruman*).

Ainda figuram entre os colaboradores deste volume, digno, pelo seu conteúdo e pela sua apresentação, do Mestre a cuja memória é consagrado, representantes da admirável geração de Kr. Sandfeld, falecidos, como ele, na década passada: Viggo Brændal, Otto Jespersen, J. Melander.

HARRI MEIER

AMADO ALONSO, *Examen de las noticias de Nebrija sobre antigua pronunciación española*. Nueva Rev. de Filología Hispánica 3, México 1949, págs. 1-82.

É um estudo realizado com um duplo intuito que, uma vez claramente separados, se ajudam e fundamentam mutuamente: 1.º qual a perspectiva sob a qual Nebrija vê a pronúncia espanhola da sua época e o que nos diz esta perspectiva sobre a atitude espiritual do grande filólogo, viva no seu trabalho mesmo quando se trata de problemas muito especializados; 2.º dada esta perspectiva particular, como e até que ponto se podem aproveitar as suas indicações para a reconstrução da antiga pronúncia castelhana? Como primeiro filólogo moderno que retoma a tradição da fonética greco-latina, Nebrija é o «fundador de una disciplina luego floreciente en todo el siglo XVI, resucitada en el siglo XIX y mantenida hasta hoy sobre los mismos carriles que él echó: la de la reconstrucción de la pronunciación del griego y del latín». Nesta reconstrução concentram-se os seus esforços: descreve os sons clássicos como matéria de plena dignidade de estudo; os sons dos idiomas modernos que diferem deles ou são «próprios», e então têm que ser localizados em relação aos latinos, ou são prestados de povos alheios, árabes ou hebreus, «por suziedad cogidos». Claramente se exprimem nesta hierarquia genealógica das «letras» as ideias da Espanha renascentista e reconquistadora da época dos Reis Católicos. Na descrição fonética, Nebrija acrescenta à distinção clássica de consoantes mudas (oclusivas) e semivogais (contínuas) a sua divisão segundo o ponto de articulação, estabelecendo a separação em labiais, dentais, dentopalatais e velares que continua a ser a da fonética moderna. Mas ainda mantém uma indiferença completa quanto à distinção entre sonoras e surdas e quanto ao modo de articulação (oclusivas, fricativas, africadas, etc.): «Si para la *ç* y para la *z*, por exemplo, o para *g*, *j*, forzamos a sus textos a que nos digan si son fricativas o africadas, no haremos más que falsearlos». O A. exemplifica e concretiza esta interpretação geral pela descrição dos dados que se colhem em Nebrija sobre o *ç*, *z*, *s*, *r*, *h*, *v*, *ch*, *ñ*, *ll*, *j*, *ge*, *x*, *y* do castelhano do século XV, sempre com um conhecimento sólido da fonética anterior e posterior a Nebrija, e com a sensibilidade que se lhe conhece para as ideias gerais que se ligam com qualquer problema filológico quando bem entendido.

HARRI MEIER

HEINRICH SCHMID, *Zur Formenbildung von dare und stare im Romanischen*. (Romania Helvetica. 31). Berna, A. Francke A. G. Verlag, 1949. 170 págs.

Este trabalho, dedicado a uma parte da morfologia dos verbos derivados de *dare* e *stare* na România (exclui as formas do perfeito *dedi*, *steti* e os tempos dele derivados), tem as qualidades habituais nas dissertações da escola de Jakob Jud: uma documentação quase exaustiva, uma ampla visão comparada e uma técnica filológica segura. Mas distingue-o ainda uma cons-

ciência metodológica e uma finura de interpretação especiais. A primeira já se faz notar na divisão do estudo, feita segundo as tendências principais que achem, desde o latim vulgar, na transformação das formas clássicas destes dois verbos «patológicos»: o isolamento dum radical *da-*, *sta-* (em vez de *do*, *sto*: *da-o*, *sta-o* > port. *dou*, *estou* (1), no conjuntivo *de-*, *ste-* **dea*, **estea* > port. dial *deya*, *esteya* 47, dial. e arc. *dia*, *estia* 48), a analogia 'interior' (que eu/eu *dê*, em lugar do arc. *dê*, por influência da 2.ª pess. *dês*), a influência das formas de *esse*, *habere*, *tenere* (*esteja* etc., por analogia com *seja* 66; gal. *deña*, *esteña*, por analogia com *teña* 114), noutras línguas a formação dum radical *est-* (analogia com os outros verbos em *-are*: *âm-o*) ou *dau-*, *estau-* (a partir da 1.ª pess. *dao*, *stao*; cp. o port. *sarar* < *sar* = *sannare* + *-ar*) ou *ded-*, *stet-*; *dat-* *stat-*; *detu-*, *stetu-* (influências de *dedi*, *steti*; *datus*, *status*; **stetui*, etc.).

Para as formas portuguesas citadas, o estudo fornece-nos um material comparativo útil e que servirá para futuras interpretações históricas quando o autor não tira ainda conclusões, difíceis naturalmente de tirar a partir dum fenómeno isolado como o é a morfologia de dois verbos. Além desta reunião e ordenação do material para toda a România, inclui numerosas observações, discussões e problemas de princípio que fazem dele uma leitura proveitosa para qualquer investigação de morfologia verbal; por exemplo: a imunidade da morfologia contra influências de substrato; as relações entre defectividade morfológica e substituição lexical (fr. *donner* < *donare*); a sobrevivência indirecta do verbo substituído em formas do verbo substituído; a tendência do imperativo para formas curtas e para a conservação delas; o tratamento fonético especial de formas de *stare* quando empregado como verbo auxiliar e proclítico (*estou a ...*); a geografia linguística de fenómenos morfológicos, etc.

O carácter conservador do Ocidente da Península Ibérica, também neste caso (160-161), faz com que sejam pouco numerosos os problemas tratados que digam respeito ao português que «continua as formas latinas com relativamente escassas modificações». Mas em obras não aproveitadas (Leite, *Lições*; Sá Nogueira, *Analogia*; Huber, *Altport. Elementarb.*; Williams, *From Latin to Port.*; Piel, *Flexão Verbal*, etc.), o autor teria encontrado ainda vários fenómenos de interesse para o seu tema. Só lembramos aqui o caso de *dou* 'deu' < *davit* (extensão do radical do pres. ao perfeito; cp. *Rev. Lus.* XXIII, 24; Schmid 2 ss., índice 164), o de *dom*, *estom* 'dou', 'estou', *estomos* 'estamos' (influência de *som* 'sou', *somos*; cp. os nossos *Ensaio de Fil. Rom.*, 1948, 42; *Demanda do Santo Graal*, ed. Magne, 111, 155, 198), o de *estemos* 'estamos' (analogia com *semos* 'somos'), etc.

Quanto às interpretações que se ligam às formas portuguesas e afins, limitamo-nos a umas poucas observações: sobre a relevância fonológica de port. *da*! (*ele*) *dá* (não: *dá*! p. 9 nota 1), cp. *Bol. de Fil.* 8, 173; sobre *dêem* (p. 49 n. 1) em lugar de *dem*, cp. Magne 157 (é de *de-* + *-em*: cp. *vendo* -*em*, e *vêem* 'ils voient', *vêm* 'ils viennent'); as formas espanholas *doy*, *estoy* (p. 57; cp. Piel § 34) devem explicar-se a partir de (port.-gal.-leonês) *dou*,

(1) O A. não discute a tentativa de explicar **dao* como continuação do fut. *dabo*; cp. L. Spitzer, *Rev. de Fil. Hisp.* 2, 1940, 392.

estou, sendo port. *sou*, esp. *soy* analógico com *estou*, *estoy* (e não a partir de *do*, *esto*), pela dissimilação dos dois elementos do ditongo (cp. *coiro* > esp. *cuero*, *foi* > esp. *fué*), que nestas formas levou a outro ditongo decrescente (cp. port. *ouro-oiro*); não se devem excluir da evolução quase geral no lat. vulgar de *dao*, *stao* (*dau*, *estau*), em lugar de *do*, *sto*, as formas sardas (45-46), por causa das formas medievais derivadas de *do*, *sto* (deve tratar-se de duas camadas antigas diferentes); a convivência de *estado* e *sido* do esp. e port. (fr., it. apenas *stato*, *été* < *statu*) exclui precisamente a penetração de *stare* na área semântica de *esse* (133), nestas regiões (e em dialectos italianos) que têm conservado uma diferenciação de sentido.

HARRI MEIER

PAUL AEBISCHER, *Contribution à la protohistoire des articles ille et ipse dans les langues romanes*. Cultura Neolatina 8, 1948, 181-203.

Qual a base medieval e latino-vulgar da dupla origem do artigo nas línguas românicas? A existência de *ipse* em dialectos provençais e documentos latinos de Itália não aproveitada ainda na *Gramática* de Meyer-Lübke, levou W. von Wartburg, há 30 anos, a atribuir o artigo derivado de *ipse* a todo o litoral da bacia ocidental do Mediterrâneo (*Arch. Rom.* 4, 1920, 421) e a considerar como posterior a penetração de *ille* na maior parte destas regiões, com a excepção do maiorquino e dos dialectos catalães que conservam *ipse* até hoje. Aebischer reduz esta teoria a proporções mais limitadas: não se confirma a existência de *ipse* artigo no latim da África, nem em documentos medievais da costa toscana. Ficam para a România do século VIII e seguintes, duas áreas com *ipse*, uma de Catalunha e Gasconha até aos Alpes marítimos, a outra que abrange a Sardenha e a parte meridional da Itália. Numa das suas análises já clássicas de «estratigrafia linguística», o A. apresenta-nos a luta entre *ille* e *ipse* observada nos documentos dos séculos IX a XII no Sul da França onde, pela influência vinda do norte, a zona de *ipse* chega a reduzir-se a duas enclaves separadas (Languedoc e provençal), e no Sul da Itália, onde *ipse* se encontra ricamente documentado nas Marcas, Abruzzos, Campânia, Apúlia, e parece ter cedido o seu lugar, primeiro pela influência de Roma, depois pela de Nápoles e dos outros centros citadinos. Em toda esta região, a separação de artigo e pronome demonstrativo é ainda menos avançada que noutras partes da România, representando *ipse* uma espécie de «articulóide» que paira entre as duas categorias gramaticais, facto que se encontra no esp. arcaico e que é importante também para a evolução de *ipse* para pronome demonstrativo no espanhol e português.

Estes resultados obtidos para os séculos VIII-XII divergem duma maneira desconcertante dos que nos oferece a literatura latino-cristã dos séculos IV a VII com predomínio de *ipse* articulóide ou artigo em autores ou documentos de regiões que não pertencem às duas áreas descritas, discordância que leva o A. às seguintes conclusões: uma tendência popular, geral em toda a

România, para empregar *ipse* (barbarismo duplo por ter tido que percorrer as etapas 'mesmo' > 'este' > 'o') foi contra-atacada por outra mais culta em favor de *ille*; só as regiões romanizadas primeira e intensamente, «où l'on croyait pouvoir parler latin en se laissant aller, sans avoir besoin ni d'écoles ni de maîtres, conservam *ipse* (Itália meridional, Província Narbonense), ao passo que as outras adoptam e propagam *ille*; as duas áreas medievais (e modernas) de *ipse* artigo nunca tiveram contacto entre si. Por justificada e importante que seja a distinção de duas camadas sociais e estilísticas da baixa latinidade, não nos parecem definitivas estas conclusões gerais. O contacto entre a Província Narbonense e Taraconense por um lado e a Sardenha e Itália do Sul por outro lado não precisava de fazer-se exclusivamente através da Itália setentrional; há muitos outros traços linguísticos que unem estas regiões, separadas por terra, e fazem provável um conexo histórico em tempos latinos, quer dizer relações genealógicas entre o *ipse* das duas áreas. Quanto ao processo cronológico, receamos que a projecção para a linguagem falada das flutuações observadas nas fontes literárias falseie um tanto a perspectiva e dramatize demais a luta entre as duas formas nos falares locais. Se os documentos regionais dos séculos ix a xii merecem ser aproveitados como testemunhas da língua viva (como o A. prova muito bem contra Rajna e tem provado em muitos dos seus admiráveis estudos), poderá dizer-se o mesmo dos autores cristãos dos séculos anteriores? Neles, as influências literárias e as questões estilísticas (1) têm uma importância bem diferente. É certo que hoje há ofensivas separadas em favor de *ille* na Provença, na Itália e no domínio do catalão, por causa da influência das línguas literárias, e que tudo nos leva a crer que este conflito tem sido constante desde os dias da romanização, com aspectos naturalmente diferentes. Mas é longo o caminho destas alterações de fronteira plausíveis, para uma reviravolta fundamental, pelos séculos vii a viii, em grandes zonas heterogêneas e separadas do mundo latino.

HARRI MEIER

DAG NORBERG, **Faire faire quelque chose à quelqu'un.** Recherches sur l'origine latine de la construction romane. Språkvetenskapliga Sällskapet i Uppsala Förhandlingar 1943-1945.

HANS NILSSON-EHLE, **Observations sur la soudure syntaxique du groupe 'faire + infinitif'.** Studia Linguistica 2, 1948, 93-118.

ALF LOMBARD, **Les expressions roumaines employées pour traduire l'idée de 'faire + infinitif'.** Studia Neophilologica 21, 1948/49, 47-58.

Três estudos paralelos. Para o problema das origens, Norberg aproxima-se outra vez da explicação analógica (cp. Meyer-Lübke III, §§ 374, 391) relacionando os verbos de acusativo pessoal latino (*facere, laxare, iubere,*

(1) Cp. L. Spitzer, in *Comparative Literature* 1, 1949, 227-233.

sinere) com os de dativo pessoal do mesmo sector semântico (*mandare, imperare, permittere*)¹). Baseado em sessenta abonações do Dicionário da Academia Romana, Lombard preenche uma lacuna para os estudos comparativos: nos exemplos romenos, o complemento pessoal aparece sempre no acusativo, e com uma colocação bastante livre no sintagma. O contrário vale para a forma normal do francês e do italiano modernos (*je lui fais faire qch.*; *je fais faire qch. à qn.*). Mas Nilsson-Ehle aumenta e justifica estilisticamente os casos contrários em autores franceses modernos (... *qui faisaient Maurras écrire son petit livre*), já mencionados por Johansson, Blinkenberg, Gougenheim, Sandfeld, Damourette-Pichon. Vestígios duma liberdade arcaica ou criações novas? N. - E. pronuncia-se em favor da segunda resposta. E cedo ainda para tirar conclusões antes de se fazerem estudos especiais para o italiano, o espanhol e o português. Em espanhol, o problema complica-se com o do acusativo preposicional (cp. Meyer-Lübke, o. c.), em português, com o da colocação dos pronomes pessoais átonos. Em todo caso, são demasiado generalizadas estas observações: «L'usage roumain ne ressemble donc à aucun autre usage roman» (cp. port. *mandei o criado trazer a lista*: *mandei-o (mandei-lhe) escrever a lição*); «à part le portugais et le roumain, les langues romanes étudiées montrent un développement à peu près identique dans ses grands traits» (cp. esp. *haciéndola traer la lista*). Quanto à existência do tipo *je fis apporter la liste au garçon*, na maior parte das linguas românicas, há três explicações possíveis: herança comum (ao lado de outras formas) do latim vulgar; influência duma língua sobre as outras; evolução independente duma 'tendência' comum. N. - E. parece inclinar-se para a última; as semelhanças do romeno, português (e espanhol) por um lado, do francês e italiano por outro falam antes em favor da primeira.

HARRI MEIER

POUL HØYBYE, *L'accord en français contemporain*. Copenhague, Andr. Fred. Høst & Søn's Forlag, 1944. 328 págs.

Os problemas da concordância constituem um tema predilecto dos gramáticos porque é aqui que se observa melhor a interpretação e o conflito entre categorias lógicas, psicológicas e linguísticas. É verdade que grande parte destes esforços gramaticais costuma ser gasta no estabelecimento de regras normativas, «lógicas», sem ter em devida conta as complexas condições sob as quais a fala realiza a sua missão de comunicação e expressividade. Para evitar pontos de vista demasiado estreitos e antiquados, a leitura do presente livro é sumamente instrutiva. O seu valor consiste em primeiro lugar na riqueza de exemplos reunidos numa vasta recolha, em segundo, na tentativa duma classificação linguística do material: às questões que se levantam na concordância das categorias morfológicas do número, género

(1) Recentemente, R. L. Politzer (*Word* 5, 1949, 258-261) fez uma tentativa bastante forçada de salvar a explicação de H. F. Muller que quis ver a origem do sintagma na confusão, no latim vulgar, dos infinitos da voz passiva em *-ri* com os da voz activa em *-re*.

e da pessoa gramaticais, seguem-se as que dizem respeito à ligação de partes da oração (junção, predicação, aposição), e de orações entre si (coordenação, subordinação). É verdade que esta divisão inusitada, que tenciona integrar a concordância no sistema sintáctico, tem a desvantagem exterior de separar fenómenos que costumamos encontrar juntos nos estudos tradicionais e de dificultar assim a consulta com fins práticos, desvantagem que o índice de palavras só remedeia em parte (cp. *gentille*, págs. 34 e 43).

Qual o feminino de *maitre*? Como em tantos outros casos, o fr. serve-se do masc. para designar uma pessoa do sexo feminino: *elle est devenue le maitre du maitre* (Rousseau; 31, 123). Mas o mesmo substantivo originariamente masc. pode ser tratado como fem.; eis aqui as oscilações que se encontram na correspondência de Flaubert com George Sand: *Chère bon maitre adoré, Mon chère maitre, Ma chère maitre* (41). A explicação destas divergências que se encontra em parte na diferenciação semântica entre *maitre* e *maîtresse* (*Pour bien des jeunes gens ... c'est leur maîtresse qui est leur vrai maitre*, 32), em parte na particularidade estilística do estilo epistolar-familiar, já transcende os limites que o A. se impõe. Para *mannequin*, geralmente masc. quando aplicado a pessoas do sexo feminino (cp. W. Strehli, *Die Femininbildung von Personenbezeichnungen in neuesten Französisch*, Berna 1949, 81, 124), H. dá o emprego com o atributo no fem.: *On demande un mannequin, grande, taille 44*; é aqui o estilo abreviador dos anúncios de jornal que entra em conta. Algumas vezes é um simples fenómeno morfológico que leva a formas não admitidas na lingua literária: *gentille* masc., em lugar de *gentil* (*elle est d'un gentille dont tu ne peux te faire une idée*, 34; *comme il est gentille*, 43), mostra a uniformização do antigo fem. para os dois géneros desta palavra, na linguagem popular e familiar, provavelmente por se tratar dum adjectivo mais aplicado a seres femininos. Para o raro emprego de *médecin* f. (*une seule médecin auxiliaire*), cp. agora a explicação de Strehli, 113. A tendência um pouco exagerada para a esquematização gramatical, a custo dos problemas estilísticos, morfológicos, semânticos, pode exemplificar-se com o capítulo sobre a «Interversion des genres»: o gosto conhecido da linguagem hipocorística de empregar o masc. para pessoas femininas (*mon petit, mon chéri*) foi interpretado geralmente como emprego neutro, assexuado do masc. (al. *mein Kleines, mein Liebes*); H. recusa esta explicação pelo facto de existir também o fenómeno oposto, «un peu plus rare», um *ma vieille, ma belle* aplicado a um homem (já vimos que *il est gentille* não se deveria incluir aqui). Mas o âmbito estilístico e o valor semântico deste uso é tão diferente do primeiro que não justifica afastar-se para *mon petit* 'ma petite' da explicação tradicional.

É simpática a atitude largamente descritiva, aberta a todas as aparentes contradições da linguagem, que o A. mantém. Mesmo num caso tão problemático como *De chaque côté de la fenêtre, deux bibliothèques égales et pavillones* (24, há só duas, uma de cada lado da janela), ele se abstém de falar em pleonismo ou de propor formas mais «lógicas». São raras as suas observações normativas: em *La duchesse de Teck et lady Roberts se sont embarquées pour aller rejoindre leur mari*, H. acha «leur mari très bien dit, préférable à leurs maris, qui serait pour celui qui est à l'affût d'amphibologies, aussi équivoque, et à leurs maris respectifs ou chacune son mari, expressions qui sembleraient pédantesques par leur précision superflue». De acordo; mas para

quem procura equívocos, encontrá-los-á também em *leurs maris*, e numa situação que pode dar lugar a equívocos, a forma «pedantesca» tem a sua razão de ser (cp. a tradução perifrástica que dá Marcel Prévost, deixando escrever uma senhora ao marido *Je suis, de nous deux, l'être les plus fort*, onde os modelos dinamarquês e alemão empregam respectivamente o masc. 'sou o mais forte' ou o fem.).

A consulta do livro de Høybye, do qual estas notas dão uma ideia muito imperfeita, será indispensável não só para os problemas da concordância em francês, mas para estudos paralelos em qualquer outra língua.

HARRI MEIER

HANS NILSSON-EHLE, Il leva la tête — il appuya sa tête contre le mur. Moderna Språk 37, Malmö 1943, 7-22.

Descreve as fronteiras entre o adjectivo possessivo e o simples artigo definido com função possessiva (cp. *Bol. de Fil.* 9, 55 ss.) no francês moderno, quando referido a partes do corpo. Uma rica lista de exemplos, separados segundo as designações anatómicas (*aisselle, bouche, bras...*), serve de base à interpretação, que modifica em alguns pontos as ponderadas indicações de Sandfeld (*Syntaxe du français contemporain* 1, 1928, 214 ss.): tomam o simples artigo as expressões correntes para movimentos ou atitudes habituais (*ouvrir la bouche, lever le bras, tendre la main, hausser les épaules...*), parece-nos para não concretizar demais a acção e não separar o impulso motor do indivíduo e o movimento resultante; muitas vezes estes sintagmas-cliché têm um sentido figurado (*montrer les dents* 'tomar uma atitude ameaçadora'; *jeter les yeux sur qch.*; *perdre la tête*), ao passo que o sentido concreto é expresso pelo adjectivo possessivo (*montrer ses dents* 'descobrir os dentes'; *jeter son bras autour de qn.*; *appuyer sa tête sur la table*). Por outra parte, aparece o adj. poss. quando o verbo indica uma «action plus spéciale» (*il dégagea son bras*; *il frappait sa poitrine*; *elle prend sa tête à deux mains*); neste caso, o emprego do simples artigo independizaria excessivamente, em nossa opinião, o membro ou órgão do seu portador. Há uma margem de liberdade aproveitável estilisticamente: *il enfonce ses mains dans ses poches* e *il plonge la main dans la poche* são duas visões diferentes duma acção semelhante. Quando se trata de duas pessoas, o adj. poss. tem uma clara nota distintiva, disjuntiva: «Il s'approche du roi et frotta son nez contre le sien»; «Gisèle me reprit sa main» (— 'retira sa main', enquanto «me reprit la main» pode ser 'retomou a minha mão'). O A. verifica ainda uma preferência de certos substantivos (*figure, corps, poitrine, moustache...*) para o adj. poss.; em alguns casos, a impressão pode ser devida à escassez de exemplos, noutros perguntar-nos-emos se não influi o sentido heterogêneo destes nomes (caso de *figure*), dando o emprego do simples artigo lugar a malentendidos. Nos casos de dat. do pronome pessoal + artigo com função de possessivo (cp. *Bol. de Fil.* 9, 59-61) teria sido útil separar o pronome reflexo («je me lave les mains») do dativo simpatético («je lui lave les mains»); no primeiro caso, aparece exclusivamente o artigo (16

exemplos de Nilsson-Ehle); no segundo, apresenta-se o artigo quando o complemento se refere à pessoa expressa pelo dat. do pron. pess., mas o adj. poss., quando é referido ao sujeito da frase («*Elle lui tend son front*»).

E há outra circunstância sintáctica que convém salientar e que se liga intimamente com o ponto de vista semântico-lexical mencionado: nos exemplos dados, o simples artigo aparece mais facilmente quando o verbo não vai acompanhado de advérbios ou complementos adverbiais, o adjectivo possessivo quando há tal especificação da ideia verbal. Eis uma pequena estatística comparativa:

	sem complemento adverbial		com complemento adverbial	
	artigo	adj. poss.	artigo	adj. poss.
<i>bouche</i>	2	—	—	1
<i>bras</i>	6	1	1	1
<i>main</i>	6	3	8	9
<i>tête</i>	11	—	2	5
<i>Total</i> . . .	25	4	11	16

HARRE MEIER

ANTÓNIO DE MORAIS SILVA, **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10.^a ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada... por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Vol. I (*A — armadas*), 1120 págs. Vol. II, tomos XI-XVI (*Arma de alcance — cabeça-de-cavalo*), 672 págs. Lisboa, Editorial Confluência, 1948-1949.

A lexicografia portuguesa dos últimos anos caracteriza-se por um cultivo intensivo do tipo tradicional de dicionários (alfabético e descritivo). Ao lado e depois do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire e J. L. de Campos (5 vols., Rio de Janeiro, 1938-1944), estão actualmente em publicação, só em Lisboa, seis dicionários grandes: novas edições do Cândido de Figueiredo (6.^a ed. 1940?; 10.^a ed. 1949-50) e do Caldas Aulete (3.^a ed. 1944 ss.); primeiras edições de C. A. Corrêa, *Dic. Geral da L. P.* (1933 ss., até vol. II: *A*), de A. Bivar, *Dic. Geral e Analógico da L. P.* (1948 — : na letra *A*), da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1941 ss.; hoje até à letra *P*); sem contar os dicionários pequenos destinados ao uso escolar ou geral (Torrinha, Moreno, Pinheiro, Pequeno Cândido de Figueiredo, etc.).

De todos eles, o novo «Morais» — o aproveitamento do nome do grande lexicógrafo luso-brasileiro deve-se mais a fins editoriais e comerciais do que a uma verdadeira continuação do *Morais* — deve chegar a ser o mais extenso, podendo-se contar com uns 8 a 10 vols. grandes quando completo. Infelizmente, não corresponde a este aumento quantitativo um progresso

qualitativo igual. Por todos os lados, salta à vista a precipitação, a superficialidade, a falta dum critério filológico seguro nesta obra de compilação. Limitamo-nos a mostrar estes tristes factos no exemplo duma coluna (II, 295 b). Em meia página, cinco gralhas fatais: deriva *baba*³ 'pai de santonas macumbas' do «iomba *babá*» (quer dizer do *iorubá*); modifica duas vezes o brasileirismo *bababi* 'sova' (Cândido de Figueiredo; Viotti; Enciclopédia) para *babali*; traz *babaca*² e *babaca*³ sem trazer um *babaca*¹; diz-nos que *babaca* «também se diz *babafa* [...] e *mabafa*». Na mesma coluna, um lapso desagradável (tipo de lapso frequente, aliás, no novo «Morais»): sob *baba*¹ 'saliva...', vem como última acepção «o mesmo que *bambão*»; depois aparece outra palavra homónima, *baba*³, brasileirismo da Baía, que significa «o mesmo que *bambão*».

A apresentação do material é altamente problemática. Em lugar de três artigos *baba* razoavelmente separados na *Enciclopédia*, aparecem aqui seis: porque separar *baba*¹ 'saliva' e *baba*⁵ 'bambão', ou *baba*⁴ 'patriarca...' de *baba*⁶ 'mestiço chim, em Timor', sem falar em *baba*² 'homem baboso', que vem com a indicação «de *baba*¹»? Porque separar *babá*¹ 'ama...', *babá*² 'tratamento dado aos rapazes, na Índia Portuguesa' e *babá*³ (bras.) 'pai de santonas macumbas', se não se esclarece a sua origem diferente? Ou *babaca*² 'palmeira oleaginosa' de *babaca*³ (bras., mas fam. ou da gíria) 'partes pudendas da mulher'?

Uma parte dos erros da redacção deriva da fraqueza das indicações etimológicas da obra. Na coluna que estamos a examinar, aparecem seis, já publicadas anteriormente. Se em princípio é louvável acrescentar a uma etimologia duvidosa um ponto de interrogação, aqui aparecem 4 das 5 ou 6 com esta reserva. Uma reprodução em tal forma não se justifica num dicionário deste formato, quando certas etimologias se podem confirmar facilmente, e outras não resistem ao mais leve exame crítico. Para *baba* 'saliva' repete-se a extravagante derivação árabe de Cortesão — (Cândido de Figueiredo — Laudelino Freire), apesar de Antenor Nascentes e Enciclopédia, para *baba* 'patriarca' a igualmente exquisita «do lat. *papa*, pelo árabe» de Laudelino Freire.

As poucas observações aqui feitas sobre o método seguido e sobre a confiança que merece a nova obra, são confirmadas na leitura de qualquer outra página ou fascículo.

HARRI MEIER

STITH THOMPSON, *The Folktale*. New York, The Dryden Press 1946. 510 págs.

AURÉLIO M. ESPINOSA, *Cuentos populares españoles*. (Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto «Antonio de Nebrija», de Filología). 3 vols. Madrid 1947. 631, 511, 473 págs.

Desde as colecções de Adolfo Coelho (1879), Teófilo Braga (1883), Ataíde Oliveira (1900-05), Consiglieri Pedroso (1910?), Tomás Pires (1919),

a recolha de contos populares está quase parada em Portugal. Naqueles tempos, predominava ainda a apresentação mais ou menos literarizada do material, segundo o grande exemplo dos irmãos Grimm; faltam assim, na bibliografia portuguesa, colecções de textos populares duma autenticidade comparável, na forma narrativa e na expressão linguística, aos de Espinosa ou dos coleccionadores regionais espanhóis de 1920 para cá. Faltam sobretudo estudos comparativos que integrem o tesouro português de contos populares no acervo europeu e universal, esclarecendo as suas relações com os contos de outras terras, e os seus traços individuais. Espinosa confessa a sua primeira impressão ao empreender esta tarefa para os contos de Espanha e Hispano-América: «descubrimos lo poco que se sabe en el mundo folklórico de la tradición hispánica y la ignorancia y hasta el desdén con que se juzga de los valores de la tradición y cultura hispánicas» (II, 13). Mas um tal estado de coisas só pode modificar-se por uma colaboração activa da ciência peninsular e ibero-românica com a de outros países.

No seu prólogo à obra de Espinosa, Angel González Palencia circunscreve numa frase a posição metodológica do autor: «Es el sabio folklorista norteamericano partidario de la moderna escuela de folklore llamada finlandesa y alemana, y sigue, en general, los métodos folklóricos de Antti Aarne, Karl Krohn y Bolte-Polivka». Quer dizer, cultiva o método tipológico e comparativo, que tão importantes resultados tem dado nos últimos decénios passados. Quase nada estava feito neste campo, até há poucos anos, para o português, e ainda são poucos e modestos os ensaios realizados recentemente a este respeito⁽¹⁾. Hoje, estes estudos são imensamente facilitados graças às duas obras fundamentais de que estamos a tratar.

1. Ninguém estava mais indicado do que Stith Thompson, refundidor dos *Tipos de Contos Populares* de Aarne (1928) e autor do *Motif Index of Folk-Literature* (6 vols., 1932/36), para dar uma introdução geral sobre os *Märchen* e resumir os problemas suscitados pela nova investigação relativa a este género da literatura popular. Depois duma delimitação do *Märchen* (é a designação alemã que o A. prefere às menos precisas *fairy tale*, *household tale*, *conte populaire*, etc.) e de esboçar brevemente a sua difusão geográfica «from Ireland to India», a parte central do livro (p. 21-271) dá uma análise dos diferentes motivos básicos do conto complexo e simples: o adversário sobrenatural, o protector sobrenatural, magia e milagres, tarefas e pedidos, conto de animais, etc. Numerosas referências às listas tipológicas conhecidas facilitam ao leitor o acesso a um vasto material comparativo. Dois breves capítulos ampliam o horizonte no tempo e no espaço, para além do mundo ocidental moderno, tratando o conto popular na literatura da antiguidade oriental e clássica, e a sua expansão para as culturas exóticas da Oceânia, da África e da América indiana.

Aproveitando os seus estudos sobre os contos europeus entre os indianos da América do Norte, Th. dedica outra parte do seu livro (297-363) aos aspectos interessantes que apresenta a adaptação e transformação do conto

(1) Cp. os breves comentários aos contos portugueses e brasileiros incluídos nos nossos *Espanische und portugiesische Märchen* (Märchen der Weltliteratur), Jena 1940, e as duas colecções recentes de L. da Câmara Cascudo, *Os Melhores Contos Populares do Portugal* (Colecção Clássicos e Contemporâneos), Rio de Janeiro 1944, e *Contos Tradicionais do Brasil* (Colecção «Joaquim Nabuco»), Rio 1946.

asiático-europeu num ambiente estranho e a compenetração das influências ocidentais com o fundo da mitologia e literatura popular autóctones. Uma última parte (367-461) trata do estudo científico dos contos populares e dos seus problemas principais: origem, sentido, migração, estudo das variantes, relação com outras formas da narrativa popular, as escolas científicas e os seus representantes e trabalhos mais salientes, as instituições, revistas, bibliografias notáveis consagradas ao assunto.

2. Quando da publicação dos três vols. de *Cuentos populares españoles recogidos de la tradición oral* (1923-26), Espinosa anunciou um quarto vol. de notas, que tardou em aparecer. É-nos oferecido agora, numa extensão muito maior do que a prevista, na brilhante publicação do CSIC que incorpora definitivamente os materiais hispânicos dos *Märchen* na investigação internacional. O primeiro vol. reúne em 2.ª edição os três vols. de textos publicados há 25 anos, fonte rica não só para o estudo de motivos, mas também para a estilística da narrativa popular e para a linguística. Os dois outros vols. trazem o estudo comparativo dos contos da colecção; para ele, o Autor pôde agora aproveitar, além duma enorme bibliografia internacional, colecções de vários países hispano-americanos sugeridas por ele e realizadas nos últimos 15 anos. A cada conto ou grupo de contos afins, dedica-se uma média de 5 págs., encabeçadas por referências bibliográficas especiais (numa riqueza, aliás, desconhecida até agora), com a análise tipológica dos motivos e elementos significativos que entram na arquitectura do conto estudado. Em alguns casos, estas interpretações alargam-se para verdadeiras monografias histórico-comparativas: em *El cuento del Muñeco de Brea* (n.º 35; II, 163-227), o Autor refaz os seus estudos anteriores, baseando-se num número de versões cada vez maior e solidificando a sua tese da origem índia deste conto. O mapa acrescentado indica *la historia probable de su transmisión* para o Extremo Oriente e a Oceânia dum lado, para a Europa oriental, central e ocidental por outro lado, e mostra também o papel que neste processo coube à Península Ibérica: dela partem as variantes que se encontram semelhantemente na África ocidental e nas Américas, e ainda se podem distinguir outras chegadas ao Brasil indirectamente, por mediação africana. Uma árvore genealógica das versões permite reconstruir a forma primitiva e as etapas de transformação do tema.

As duas obras de Thompson (463-479) e Espinosa (II, 17-38) trazem utilíssimas bibliografias gerais das colecções de contos populares e dos estudos sobre eles feitos. Entre as obras já mais antigas, estranhámos os nomes de Huet, Jolles (*Einfache Formen*), de Ventosa, Amades e outros para o catalão, de Saco y Arce e Tomás Pires para a Galiza e Portugal. Grande parte das publicações europeias pouco anteriores a 1946 não chegaram ao conhecimento dos dois autores norte-americanos por causa da Guerra, assim por ex. o artigo de F. Ranke na *Deutsche Volkskunde* de Spamer; e estudos especiais sobre *Märchen und Gnosis* (Huth), *Verzauberung und Erlösung im deutschen Volksmärchen* (Anacker), *Märchen, Seele und Kosmos* (Schliephacke), *Von der Weisheit unserer Märchen* (Viergutz), *Die Weisheit der schweizer Märchen* (Rud. Meyer), *Le symbolisme des contes de fées* (Leia). Fiquem aqui mencionados, bem como uma publicação posterior às duas obras em questão: *Das europäische Volksmärchen* (Lüthi).

JOAQUIM FIGANIER, Fr. João de Sousa — Mestre e Intérprete de Língua Árábica, Ed. do Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos — Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1949.

O Prof. Joaquim Figanier é um arabista de reputação sólidamente estabelecida. Discípulo do saudoso Prof. David Lopes, depois de continuar os seus estudos em Bordeus e Rabat, foi seu sucessor na Cadeira de Árabe, na Faculdade de Letras de Lisboa, até que uma providência legislativa, se bem na intenção de lhes dar eficiência, transferindo a cadeira para a Escola Colonial, suspendeu praticamente os estudos árabes em Portugal.

Talqualmente o seu antecessor e mestre, o Prof. Figanier cultivava o árabe como subsídio indispensável ao estudo da história de Portugal, e isso se patenteia no volume publicado pela Agência Geral das Colónias — *A História de Santa Cruz do Cabo de Gué*, 1945. O volume que temos presente, sendo essencialmente a biografia dum arabista — Fr. João de Sousa —, é ainda uma notável contribuição para a história das relações luso-marroquinas, desde os tempos de D. João V, até os de D. Maria I.

Sob tal aspecto, o livro dá-nos muito mais do que o seu título promete. Fr. João de Sousa, natural de Damasco e filho de pais católicos, foi educado por barbadinhos franceses, primeiro naquela capital, depois em Beirute, para onde a família teve de fugir à perseguição contra os católicos. Continuou nesta cidade, ainda em colégio de barbadinhos, os seus estudos, até que um negociante francês o trouxe para a Europa. Ebulhado de todos os seus cabedais por um corsário inglês, o viajante desistiu de prosseguir viagem para a sua pátria, e, desembarcando em Lisboa, por aqui ficou. Passou depois o rapazito para a companhia dum libanês, que andava pelas cortes da Europa a angariar meios de defesa para as povoações cristãs do Líbano; mas, obrigado a desistir, depois de muito insucesso, encontraram acolhimento carinhoso, ele e o companheiro damasceno, em casa de Aires Saldanha. Em 1758 um membro da família, Gaspar Saldanha, nomeado reitor da Universidade, leva para Coimbra o jovem sírio, nesse tempo entre os vinte e três e vinte e oito anos. Como o novo reitor ia encarregado de estudar as bases da reforma projectada pelo Conde de Oeiras, é provável que a sua escolha como secretário não fosse alheia à intenção de estabelecer na *Universidade Restaurada* uma cadeira de Árabe.

E aqui se inicia a parte da biografia de Fr. João de Sousa ligada à cultura portuguesa. Tendo professado no Convento de Jesus, sob o provincialato de Fr. Manuel do Cenáculo, para sempre ficou ligado ao futuro prelado de Beja e Évora por uma amizade fidelíssima, que soube resistir à animadversão dos seus superiores e irmãos de religião, quando, na *viradeira*, era pecado a afeição pelo colaborador de Pombal na revolução pedagógica que este tentou e em parte levou a cabo. Cenáculo, afastado de Lisboa, continuou no seu apostolado cultural, transferindo para a sua diocese alentejana os estudos que na sua Ordem tinham sido abandonados, logo após a queda de Pombal...

Fr. João de Sousa, que com o cultíssimo prelado comungava nos mesmos entusiasmos, que as decepções não amorteciam, carteia-se com

ele, e essa correspondência projecta muita luz sobre a história da cultura portuguesa, no momento em que, pela queda de Pombal, ela sofreu os embates dos inimigos do primeiro ministro, incapazes de fazer a destrinça entre o que na sua obra se inspirava no ódio e o muito que tinha de fecundo.

Mas Fr. João de Sousa não foi apenas o correspondente do Cenáculo. Desempenhou funções de intérprete oficial, além de professor de Árabe na casa da sua Ordem — o Convento de Jesus, em Lisboa. E eis, nos diários que foi redigindo nas embaixadas ou missões, em que, naquela qualidade, tomou parte, outra preciosa fonte de informações para outro aspecto da história do tempo — as nossas relações com Marroquinos e Argelinos.

O Prof. Figanier segue os passos do frade com a minúcia de quem, na Biblioteca da Academia das Ciências, no Arquivo Histórico Colonial e na Biblioteca Pública de Évora, na qual se encontra depositada toda a correspondência do grande prelado — hoje catalogada pelo Dr. Armando de Gusmão, seu zelosíssimo director —, colheu mil informes para isso necessários. A quem lê o livro, sucede assim o que é provável tenha sucedido ao seu Autor: sem um momento perder de vista o correspondente de Cenáculo ou o intérprete junto de soberanos árabes, a cada passo nos surpreendemos muito mais interessados pela informação, utilíssima, do que pelo informador, homem de talentos modestos. Ele próprio, aliás, diz-nos muito menos de si do que das pessoas com quem trata ou dos acontecimentos em que anda envolvido.

Este livro, como a *História de Santa Cruz do Cabo de Gué*, constitui uma prova da vantagem de manter entre nós o órgão que estimula ao estudo duma língua indispensável ao conhecimento dum largo sector da história de Portugal. Foi necessária, no tempo de Fr. João de Sousa, para entender os homens; é hoje insubstituível para ler os documentos por que eles se exprimiram. O livro insere perto de 100 páginas de documentação, em apêndice, que se não folheia sem muito proveito.

HERNANI CIDADE